

um Compromisso
Quase
Nobre

LIVRO 3
SÉRIE REAL

MÍDDIAN MEIRELES



um
Compromisso
Quase
Nobre

LIVRO 3
SÉRIE REAL

MÍDDIAN MEIRELES

1ª Edição

2017

Copyright © 2017 MÍDDIAN MEIRELES

Todos os direitos reservados à autora. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização da Autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Equipe Editorial:

Capa: Denis Lenzi

Revisão: Sara Rodrigues

Diagramação Digital: Míddian Meireles

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Essa obra foi escrita e revisada de acordo com a Nova Ortografia da Língua Portuguesa. O autor e o revisor entendem que a obra deve estar na norma culta, mas o

estilo de escrita coloquial foi mantido para aproximar o leitor dos tempos atuais.

Aviso antes da leitura:

Eu sei o quanto vocês estavam ansiosas para esse momento e eu estou ainda mais ansiosa para saber o que vocês irão achar dessa história, mas antes de começar, quero dar alguns avisos para vocês, para não deixar ninguém na dúvida.

Para quem leu UCQR, ou UAR, vamos voltar um pouco no tempo, começaremos em uma volta ao passado, mais precisamente no dia em que Bella e Igor se conheceram e posteriormente para o dia do baile da

Steph, porque é quando acontece o “ponta pé” inicial da história dos dois.

Depois, iremos avançar um pouco no tempo, e vamos para quando a Bella decide ir para Londres e desde lá realmente acontecerá à história dos dois. Então vez ou outra veremos coisas que aconteceram nos outros dois livros, mas não repetiremos "cenas", apenas um comentário ou outro, porque não podemos deixar passar em branco, pois em certos momentos acontecem coisas importante para a história deles.

Em UCQN, conheceremos muito mais a família Caravaggio e principalmente a Carrara. Teremos respostas que não tivemos nos outros livros e até mesmo descobriremos coisas que passaram despercebidas por muitos ou por todos, mas que tem uma grande importância não apenas para esse livro, como para a história da nobreza Campaviana e a série Real.

Mistérios? Sim. Raiva dos personagens e da autora? Sim e sim. Mas também teremos lágrimas, muito romance, cenas quentes e claro, muitas risadas. =D

Como eu sempre digo, apenas confiem nessa

pessoa que vos fala! kkkkkkk

Obrigada por todas que ansiavam por esse momento. Mandaram mensagens (muitas), me ameaçarem (demais)... rs Enfim... Espero que vocês mais uma vez embarquem comigo em mais essa história. <3

sinopse

Anabella é a filha mais nova da nobre família Caravaggio. Única filha mulher, foi criada em berço de ouro, sendo considerada o exemplo de filha perfeita. Apesar da relutância do Pai, ela consegue seguir seu sonho de fazer a faculdade de enfermagem que tanto queria. Sua paixão pela arte de cuidar, só não é maior do que o amor que ela mantém em segredo desde criança.

Igor Carrara é o autentico *bad boy* que se veste de

branco. A Medicina foi o único sonho que ele sempre teve na vida. Muitos acreditam que ele tem a honra de carregar o título da nobreza, mas o que não sabem é que o Barão de Niápolis carrega muito mais do que isso. Ele só não esperava que a menina que ele viu crescer, fosse se tornar tudo que ele nunca quis, mas simplesmente não consegue resistir.

Ela é a irmã do seu melhor amigo. Ele é o genro que a família nunca quis para sua filha perfeita.

Uma paixão incontrolável. Um acontecimento Inesperado. Um Compromisso Inevitável.

*“Bem, eu
encontrei uma
garota, linda e
doce*

*Eu nunca soube
que você era
quem estava*

*esperando por
mim*

*Porque éramos
apenas crianças
quando nos
apaixonamos*

*Não sabendo o
que era*

*Eu não vou
desistir de você
dessa vez*

*Mas, querida,
apenas me beije
devagar*

*Seu coração é
tudo o que eu
tenho*

*E, em seus olhos,
você está
segurando o
meu...”*

Perfect – Ed



PRÓlogo

Mesmo criança, chega uma época de nossas vidas em que a brincadeira de bonecas começa a dar espaço para a brincadeira de idealizar o futuro, mesmo que ele esteja bem distante de acontecer. Eu lembro muito bem quando isso aconteceu comigo. Lembro com detalhes vívidos o momento em que o vi pela primeira vez e foi ali que tudo mudou.

Era uma tarde de primavera, lembro-me bem disso porque as flores do jardim estavam lindas e eu adorava olhá-las, cheirá-las. Para mim não existia perfume mais gostoso do que das flores. Até aquele dia.

Eu tinha seis anos quando isso aconteceu. Meu irmão, Théo, havia acabado de voltar da escola e trouxe consigo um novo colega para fazer os trabalhos da escola em casa. Eu não os tinha visto no momento em que chegaram e como eu era uma pessoa naturalmente muito curiosa, enquanto eles faziam seus trabalhos, eu tentava vê-los pelo buraco da fechadura do quarto de Théo. Mas foi em vão e por isso acabei me cansando e desisti. Só que isso mudou na hora do jantar.

Mamãe me disse que eles jantariam conosco aquela noite, porque o colega do meu irmão havia se transferido recentemente de outro país para a escola, e tinha alguns trabalhos pendentes e Théo como melhor aluno da classe estava ajudando-o. Fiquei feliz, porque eu tinha certeza que poderia conhecê-lo e não sei por que, mas pensando nisso decidi escolher meu vestido preferido para esse encontro. Não sabia explicar, mas de alguma

forma eu queria que ele me achasse bonita.

Quando mamãe me chamou, desci ansiosa, mas no momento em que ocupei minha cadeira, ele ainda não ocupava a mesa de jantar. Quis perguntar para minha mãe onde eles estavam, mas achei melhor que não fizesse, pois havia passado o dia em busca de informações do novo amigo do meu irmão. Meu outro irmão, Taddeo, sentou-se ao meu lado e achei que era hora de perguntar novamente. E assim fiz.

— Eles já devem estar descendo, Bella. — Mamãe respondeu e sorriu, como se soubesse exatamente o motivo da minha agonia.

Senti meu rosto queimar de vergonha. E brinquei com o guardanapo em meu colo, em uma tentativa de distrair minha ansiedade, enquanto meu pai e Taddeo conversavam qualquer coisa sobre o campeonato europeu de futebol. E foi esse momento que eles escolheram para entrar.

Como já estava acostumado a fazer todos os dias, Théo sentou-se na cadeira ao lado de nosso pai e ele se sentou ao seu lado, de frente para mim à mesa. Desde que

ele havia entrado ali, eu simplesmente não pude tirar meus olhos dele. Não tenho dúvidas de que devo ter parecido uma boba, olhando-o boquiaberta, mas ninguém naquele momento disse alguma coisa que me fizesse perceber isso. Muito menos ele.

Apesar da minha inocência, o achei lindo de uma forma que eu não soube explicar. Ele era pura e simplesmente lindo. Eu sempre achei que meus irmãos eram os meninos mais bonitos que eu já vira. Ao contrário de mim que era loira como nossa mãe, ambos tinham os cabelos castanhos e olhos azuis como nossos pais e também os meus. Os dois eram a descrição exata dos príncipes encantados que eu lia nos meus livros de contos de fadas. Eram verdadeiros Príncipes. E eu era a Princesinha deles.

Era o que eu achava, mas então naquele momento, quando eu era apenas uma menina ainda, com apenas um olhar para mim, um moreno de olhos castanhos tomou meu coração para si e tudo mudou ali.

Olhando para ele, podia ver claramente os príncipes encantados tomando uma nova forma. Ele para

mim era o Príncipe. Não importava que ele fosse sete anos mais velho. Nem que fosse o novo amigo do meu irmão. Principalmente depois que ele deve ter percebido que eu ainda o encarava e piscou para mim. Lembro-me que quando ele fez isso, senti cócegas e um friozinho bom na barriga, que me fez desviar os olhos dos seus pela primeira vez desde que ele entrou naquela sala de jantar. Tímida e envergonhada, abaixei minha cabeça e comecei a comer a comida que já começara a ficar fria.

Enquanto a conversa rolava solta à mesa, fiz esforço para não olhar para ele, enquanto tentava memorizar cada palavra que ele dizia durante o jantar. Toda vez que ele abria a boca para falar, gesticulava, ou até mesmo levava a comida à boca, eu aproveitava para guardar comigo cada detalhe, cada gesto seu.

Depois da sobremesa, nos reunimos na sala de estar. Enquanto meus pais bebericavam um café e ouviam o que os meninos falavam, Taddeo estava com sua cara tipicamente emburrada e parecia prestar atenção no jornal noturno, mesmo que eu soubesse que isso não era verdade. Às vezes eu achava Taddeo estranho, pois apesar dele ser

sempre carinhoso comigo, ele brigava muito com Théo e sem motivo. No entanto Théo não parecia se importar com a atitude sisuda do nosso irmão, pois juntamente com Igor conversavam sobre tudo, enquanto meus pais prestavam atenção e riam na hora certa enquanto falavam.

Ele parecia bem ali. Como se fizesse parte do nosso ambiente e não tivesse acabado de aparecer. Mas eu percebi que ainda que ele parecesse ser um menino extrovertido, podia ver lá no fundo que havia algo mais. Só não sabia explicar o que era, mas esperava poder descobrir em breve.

Passei o restante da noite observando-o, e ele não pareceu se importar com isso. Na verdade acredito que ele até gostava, porque vez ou outra podia ver um sorriso torto direcionado a mim quando ele olhava em minha direção. Acho que mamãe também percebeu, porque um pouco mais tarde ela disse-me que eu precisava ir para cama porque estava na hora de dormir, apesar de faltar cerca de “meia pizza” para o relógio marcar nove horas, horário em que costumava me deitar.

Mesmo que contrariada, segui para o meu quarto,

me sentindo ainda mais criança do que eu já era. Nem mesmo o “Boa Noite” que ele deu me animou, porque a felicidade em ouvi-lo falar comigo pela primeira vez desde que chegara, foi menor que a humilhação que senti por ter estampado o fato de que ao contrário dele e dos meus irmãos, eu era muito mais nova do que ele e tinha hora para dormir. Por esse motivo nem respondi.

Coloquei o primeiro pijama que encontrei e ainda com vontade de chorar, pus-me debaixo do edredom. Estava preparada para desligar meu abajur, quando a porta do meu quarto se abriu. Por um momento achei que estava sonhando, porém ele veio andando em direção a minha cama com sua mochila nas costas e pegou minha mão, onde colocou algo macio ali. Ainda sem piscar, continuei olhando para ele, sentindo meu coração fortemente disparado. Degustando do seu perfume que havia tomado conta do meu ambiente e naquele momento havia se tornado meu preferido do mundo todo.

— Para você ter uma boa noite de sono, Bella. — disse, antes de se aproximar ainda mais e dar um beijo em minha testa.

Fechei os olhos e aproveitei para inspirar ainda mais seu perfume e degustar do toque dos seus lábios em minha pele. Eu queria que aquele momento parasse. Que ele não saísse dali. Que ele nunca mais precisasse sair de perto de mim. Mas tão rápido quanto chegou, ele se afastou.

— Um dia ainda vou casar com você, meu anjo.
— sussurrou baixinho, mais uma vez encostou seus lábios em minha testa e se afastou, antes de dar mais uma piscada daquelas que eu havia percebido que ele adorava fazer e sem dizer mais uma palavra saiu dali.

Ainda estava paralisada, olhando pela porta que ele havia saído, desejando que voltasse, quando me lembrei do que ele havia me dado. Abri minha mão e vi o que parecia ser um boneco de anjo pequeno feito de tecido. Ele parecia um pouco velho, mas não me importei, porque ele havia me dado. Isso para mim era o suficiente. Especialmente porque ainda estava com seu cheiro e novamente pude me deliciar com ele. O que eu logo fiz.

Deitei a cabeça no travesseiro e fechei os olhos lembrando-me de suas palavras. Desejando que esse

sonho logo se tornasse real. Não sei como, não sabia explicar o porquê, mas eu sabia que ele estava certo. Algo me dizia que eu havia encontrado o homem com quem um dia eu iria me casar.



capítulo 1

O ÍNICIO...

Igor

Festas chatas. Reuniões com figurões do mundo. Falsos sorrisos. Excessos de formalidades. Bajulações sem limites de terceiros interesseiros. Esse era o tipo de coisa que eu odiava, mas infelizmente era o tipo de coisa que eu não poderia fugir devido ao título que eu infelizmente havia herdado.

Eu só queria acordar e não ter que conviver com o peso de tantos segredos pelo qual minha família se

desintegrou. Queria ser apenas o Igor Carrara, um jovem de vinte e cinco anos, médico, diretor do Hospital Geral da Campavia e solteiro convicto. Seria tão mais fácil se fosse apenas isso, mas não era. Infelizmente eu não escolhi ser o Barão de Niápolis.

As pessoas acreditam que é fácil carregar um título de nobreza. Mas garanto que não é. Eu vejo esse maldito título como um carma, sabe? Porque ninguém sabe o que realmente está por trás da pessoa que o carrega. E acredite, há muito mais por trás desse brasão.

As pessoas são interesseiras e não se importam verdadeiramente com você e sim com “quem” você é. Eu queria ter fugido disso tudo e por um momento, aos meus dezoito anos, eu realmente achei que tinha conseguido. Mas então tudo aconteceu e fui chamado a minha responsabilidade e infelizmente eu não tinha muita escolha, não poderia dizer “não” a ela. Resumindo, era foda o peso da hereditariedade.

Sorri mais uma vez para um idiota qualquer que me contava histórias sobre seu vinhedo, em uma tentativa desesperada de que isso me convencesse a vender o da

minha família. O que jamais aconteceria. Será que as pessoas não desistem de tentar fazer com que eu venda tudo que meus ancestrais construíram, desde que a Campavia foi fundada? Isso está fora da minha ossada. Mas ninguém precisa saber disso, só que ainda assim, isso não me impede de achar toda essa conversa irritante.

— Você conheceu minha filha, Igor? Catherina?
— voltei minha atenção ao rapaz e olhei para onde ele olhava.

Sim, eu conhecia Catherina. Bem até demais para o meu gosto!

Tão bem, que tive que bloquear o número do seu telefone para que ela parasse de me ligar depois de uma noite de foda quente. E ela não me deixou em paz depois disso.

Era isso que as mulheres não entendiam. Era só uma noite. Uma foda apenas. Cadê o feminismo delas, que não a deixavam aproveitar e curtir o homem por uma noite só? Óbvio que não existia. Era tudo hipocrisia. Nenhuma estava realmente disposta a “dar” sem receber nada além de um orgasmo em troca. Era uma troca simples e justa.

Ninguém saía perdendo. Para que complicar o que não tinha necessidade de complicar?

— Além de ser uma bela moça, está voltando agora da sua graduação de Oxford como a melhor da turma em Administração. Tenho certeza de que será uma excelente esposa. Não acha? — perguntou, voltando-se para mim, com um sorriso enorme em seu rosto de cavalo.

Ele estava falando sério?

Pois é. Eu também odiava essas festas por causa disso. As mulheres chicletes não eram as únicas que faziam com que eu me arrependesse de vir a essas comemorações. Por um lado eu as entendo, afinal, não é fácil querer partir para outro sujeito que não lhes dá tudo que eu lhes proporciono. Sim, eu sou bem gostoso mesmo e a culpa da minha modéstia é delas que fazem questão de gritar isso para mim todas as vezes que eu as fodo até perderem os sentidos.

Mas enfim, para mim o pior que as mulheres são os pais delas, que parecem quererem vender suas filhas, como se estivessem vendendo carne no açougue. Onde está o amor paternal pelas suas filhinhas tão perfeitas?

Não existe, porque se realmente existisse não me ofereceriam suas filhas em uma bandeja.

Tudo bem que o amor não enche barriga, mas a verdade é que o sonho de todos os pais é que suas filhas casem com alguém com dinheiro, posses e uma boa posição social. Mas cadê o livre arbítrio? Cadê a parte em que eles apenas se importam com a felicidade delas? Que se casem com o homem que amam? Triste dizer, mas nesse mundo que odeio, o que importa é um bom casamento.

E viva a demagogia!

— Tenho certeza de que ela encontrará um bom partido. — terminei a minha bebida. — Se você me der licença, preciso procurar uma pessoa. — falei, saindo dali rapidamente, não dando margens a mais conversa.

Passei meu olhar pelo salão e não vi Théo pelos poucos convidados que ali ainda estavam. Não precisa ser um gênio para saber aonde ele havia ido. Bem, pelo menos alguém estará se dando bem hoje. E ineditamente esse alguém não seria eu. Mas eu estava aliviado por isso,

pois não aguentava mais o estresse acumulado do meu melhor amigo por não comer a “*boceta Real*”.

Na verdade, eu estava mesmo era adorando ver meu amigo de quatro por alguém tão “peculiar” como Stephanie. Não que eu não tenha gostado dela, porque eu realmente a adorei. Steph é definitivamente uma mulher que foge do convencional, principalmente quando se trata de alguém na posição que ela tem. Mas acho que isso é o que a faz ainda mais especial e como eu disse a ele, “peculiar”. Se tratando de muitas coisas, acho que somos mais parecidos do que posso dizer.

Saí do salão de festas do Castelo de Belline rindo e comecei a andar em direção a saída. Chegando a frente do castelo, a cena que me incomodou mais cedo estava se repetindo, mas agora a situação me deixou ainda mais balançado: Anabella conversava animadamente com um Principezinho de merda, que tinha uma mão em seu joelho.

Anabella era uma menina linda, que com o passar dos anos havia se tornado a mulher linda que é hoje. Doce. Educada. Tímida. Estudiosa. E o principal de tudo: Pura.

*Era a porra do pacote completo, literalmente!
Ela sim era o sonho de qualquer homem que procurava a
esposa perfeita!*

Mas para azar desse Zé Mané, eu conhecia a fama dele e sabia que Bella era exatamente o tipo de mulher que ele procurava se divertir. Mas eu não ia deixar isso acontecer com ela. Jamais. Exatamente por isso fui andando até eles e quando vi, já estava próximo.

— Interrompo algo? — Perguntei, não me importando realmente se estava.

Na verdade eu queria realmente incomodar!

— Hm... Oi... I- Igor... É... Não... — Anabella respondeu, gaguejando.

Acontecia isso de vez em quando. Só que eu achava linda a maneira que ela gaguejava e corava quando falava comigo. É como se ela ficasse afetada com a minha presença. Como se ela não fosse imune a mim. E eu gostava disso. Não sei por que, mas gostava. O que é completamente insano da minha parte, pois eu a tenho como uma irmã mais nova.

— Que bom! — complementei e sorri. — Bella,

Théo pediu para que eu a levasse. Ele teve que ir resolver umas coisas. — Menti, sem desviar os olhos do almofadinha.

O que de certa forma não era de toda mentira, porque Théo realmente foi resolver umas “coisas”, mas inocente do jeito que Bella é, não precisa saber que os problemas são sexuais com a Princesa.

— Eu posso levá-la. — o idiota respondeu, com seu sotaque inglês carregado.

Nem fodendo!

— Acho que não. — sorri, mas na verdade eu queria furar seus olhos e quebrar a sua cara engomada.

— Er... Tu-tudo bem... — Bella gaguejou, olhando para mim e voltou a olhar para o idiota. — Um prazer conhecê-lo, Otávio. Obrigada pela companhia essa noite. — disse, lhe dando a mão para que ele beijasse.

Pela maneira que o idiota olhava em seus olhos enquanto beijava sua mão, como se tivesse beijando outro lugar, minha vontade era de furar seus olhos e ainda quebrar-lhe o pescoço. Ele não a respeitava? Não via o quão pura ela era para ele? Ele não tinha nem vergonha de

fazer isso na minha frente?

Era um bastardo filho da puta! Morte sob tortura era sua única salvação.

— Ficarei na Campavia por mais um dia. Posso ter seu telefone, minha querida? — perguntou e Bella mais uma vez corou.

Sim! O maldito não tinha vergonha na cara mesmo!

— Acho melhor não. O namorado dela não vai gostar de saber disso. — Menti, como quem não quer nada.

— Namorado? — perguntou e Bella me olhou sem entender.

— Sim. O namorado dela é um campeão de UFC. Você já deve ter visto ou ouvido falar dele: O Demolidor. — continuei a mentira e tive que me segurar para não rir quando ele arregalou os olhos.

— Não... Er... Acho que- que.... Não... — agora ele quem gaguejou e rapidamente soltou a mão que ainda mantinha na dela, como se tivessem pego fogo.

— Igor... — Anabella começou e eu a cortei:

— Bella, não acredito que você não disse a ele que o Demolidor era ciumento! A essa hora seus seguranças já devem tê-lo avisado que você teve companhia durante a noite e ele deve estar chegando! — comentei com falsa repreensão e Anabella fica estupefata.

— Hm... Bem... Foi realmente um prazer lhe conhecer, Anabella, mas eu realmente preciso ir. Boa noite. — o idiota disse, rapidamente deu as costas para nós e simplesmente sumiu.

Vai tarde, imbecil!

Quando o idiota estava longe o bastante, não consegui mais segurar e gargalhei com vontade. Eu ri tanto que me faltou ar. Quando finalmente recuperei-me para meu estado normal, olhei para cima e encontrei uma loirinha vermelha, com o olhar fervendo de raiva.

— Você pode me explicar o que foi isso, Igor Carrara? — perguntou firme, sem gaguejar.

Oh caralho! E agora? Como eu me explico?

E antes que eu pudesse pensar ou me conter, fiz a única coisa que eu não poderia fazer: eu a beijei.

Anabela

Toda mulher, por mais que negue, sonha com seu príncipe encantado. Ele não precisa ser perfeito, nem ter um cavalo branco. Para nós o que realmente importa é que ele durma e acorde pensando na gente. Que ele pense em nos fazer feliz, não apenas agora, ou hoje, mas também no futuro ou até mesmo no tão almejado “para sempre”.

Porque não importa se não somos românticas, que não idealizamos um príncipe, um homem perfeito, todas nós mulheres só queremos uma coisa: sermos amadas.

Às vezes idealizamos, sonhamos, queremos o mundo. Não somos exigentes, apenas desejamos ter aquilo, é algo natural da mulher. Mas se não podemos ser o mundo de alguém que desejamos, nos contentamos com uma pequena e única parte deles: seu coração.

Seu príncipe com certeza não é exatamente o herói que você viu nos contos de fadas, que salva sua princesa. Embora o meu realmente trabalhe salvando vidas. Mas enfim... Ele também não é aquele que procura sua “Cinderela” com apenas um sapato por todo o reino. Nem também lutou por você, como o príncipe da Bela Adormecida. Seu príncipe é alguém real. Alguém com defeitos, alguém que te faz sentir mais do que qualquer outro.

Ele é aquele que faz você perder a fala. É aquele que faz seu coração bater forte e acelerado. É aquele que faz com que você sinta aquelas borboletas em seu estômago, apenas com a menção do seu nome. Aquele que

com um olhar é capaz de te fazer estremecer. Aquele que tem um toque, que por mais inocente que seja, faz com que você se arrepie por completo. E seu sorriso? Ahhhh! Seu sorriso lhe faz derreter em uma poça diante dele.

E eu estava agora diante do meu príncipe. Diante daquele que por anos esperei que me enxergasse. Que visse em mim mais do que ele via nas inúmeras mulheres que passaram em sua vida, ou melhor, em sua cama. Que visse e quisesse mais de mim. Que quisesse que eu fosse dele, porque embora nunca tenha sido tocada, eu era inevitavelmente dele.

Só que depois da cena lamentável que ele acabou de protagonizar, talvez eu tenha mesmo que acordar das minhas fantasias e finalmente perceber que vivemos no mundo real. Um mundo real onde ele é o melhor amigo do meu irmão e que com certeza continua a me enxergar como uma pirralha. E principalmente: Vivemos em um mundo onde ele é um cachorro vadio, que traça todas as mulheres que cruzam seu caminho. Com exceção de mim, é claro.

Mas por que ele simplesmente afugentara o pobre rapaz?

No fundo, eu sabia o porquê. Por mais que me doesse a cada vez que ele tinha uma postura parecida, eu sabia. Igor me via como uma menina indefesa que precisava de proteção. Uma menina que não poderia se envolver com qualquer um, porque o sujeito poderia partir seu coração.

Só que eu não era essa pessoa que precisava de proteção. Até porque ele não poderia me proteger dele mesmo. Eu não era mais uma menina, embora as pessoas ao meu redor insistissem em me tratar como tal. Tratavam-me como uma boneca de porcelana. Eu estava cansada disso.

Agora eu olhava para o homem que eu era apaixonada a minha vida toda à procura de uma explicação e nada saía da sua boquinha perfeita, que era sempre tão esperta. Descontando todas as minhas frustrações, me vi explodindo:

— Você pode me explicar o que foi isso, Igor Carrara?

Ele empalideceu diante minha pergunta. O cara cheio de si que eu conheci, pareceu perder o compasso

diante a minha reação.

Eu esperava que ele viesse com alguma desculpa qualquer, mas definitivamente não o que ele fez a seguir: Igor me beijou!

Jesus! Igor estava me beijando!

Eu não poderia acreditar que isso estava acontecendo. Naquele momento esqueci tudo, todos e até mesmo onde estávamos. Só existíamos nós dois. Ele me apertou em seus braços enquanto sua boca invadia a minha. Seus lábios se mexiam com maestria, sua língua dançando contra a minha de forma deliciosa. Estar em seus braços, beijando-o, parecia um sonho. Um sonho que eu não queria que acabasse.

Estava mais que disposta a não deixar esse momento se perder. Como se soubesse exatamente o que estava fazendo, puxei sua nuca de forma que nossas bocas não se descolassem e corri a outra mão pelos músculos das suas costas. Igor me prendia com o próprio corpo, enquanto me apertava contra si, como se precisasse se fundir a mim.

Por mais inexperiente que eu fosse e esse fosse

definitivamente meu primeiro beijo, naquele momento eu desejei mais do que tudo que isso acontecesse. Que ele tomasse tudo de mim. Minha boca. Meu corpo. Minha alma. Eu estava entregue. Eu era completamente dele. Seria dele para sempre se assim ele quisesse.

Mas o problema dos sonhos está justamente no fato de que é um sonho. E quando o final dele chega, a magia infelizmente se acaba.

Igor se afastou bruscamente de mim, como se eu desse choque e seu olhar de arrependido fez com que eu me doesse por não representar o mesmo para ele, mas nada me preparou para o baque que veio a seguir:

— Isso foi um erro. Isso nunca mais poderá voltar a acontecer.

Quando ele terminou de falar, meu corpo foi tomando por um forte tremor. Eu sempre havia temido ouvir aquelas palavras. Eu quase podia sentir meu coração se esstraçalhando em mil pedacinhos e lutei contra minhas lágrimas, pois eu precisava lutar e mostrar o mínimo de dignidade.

Não pensei em mais nada, apenas corri e saí

deixando-o ali, sozinho, chamando meu nome, mas eu apenas não podia voltar atrás, porque eu sabia que não seria forte o bastante para não desmoronar diante dele.



Algumas semanas se passaram depois do bendito baile da Steph. Mesmo que eu propositalmente tenha tentado evitar Igor desde então, eu não tenho sido muito bem sucedida, porque até mesmo no dia que achei que poderia ter uma noite com amigas como nunca havia tido antes, acabei encontrando-o, porque na verdade ele era a nossa carona da noite e eu não fazia ideia disso.

Naquela noite, mesmo que ele tenha passado quase todo tempo sem conseguir tirar os olhos de mim, ele ainda assim saíra com uma vadia qualquer enrolada em seus braços. Eu não vou mentir dizendo que isso não me magoou profundamente, porque com certeza estaria mentindo. Mas por outro lado, comecei a notar que de alguma forma, mesmo que parecesse loucura em meio a suas analogias, o que Stephanie me disse fazia sentido. Comecei a achar que ela realmente tinha razão quando

disse que eu mexia com ele de alguma forma.

Eu ainda não sabia como ele realmente se sentia. Só que depois do nosso primeiro beijo, eu estava decidida não apenas a descobrir, como também a mostrar-lhe que eu era a pessoa certa para ele.

Eu conhecia sua fama. Não apenas por ouvir falar, mas porque já tinha visto com meus próprios olhos o quanto ele era um vadio. Sabia que me envolver com alguém assim era perigoso. Era um jogo arriscado, eu sei. Só que eu estava entrando ciente do que poderia acontecer. E mais do que isso: Eu iria lhe conquistar, nem que para isso eu me magoasse no processo.

Lourdes e Stephanie têm se mostrado boas amigas e não apenas me aconselham, como também me ajudaram a abrir os olhos para tudo ao meu redor. Sempre fui uma pessoa tímida, reservada, muitas vezes até retraída. Era uma coisa minha, um receio de me relacionar com as pessoas ao meu redor, por isso era alguém com tão poucos amigos.

Só que a cada dia que convivia com as duas via em seus trejeitos, gestos e a forma como as pessoas ao

meu redor falavam, comecei realmente a notar o quanto meu jeito de ser me atrapalhava quando o assunto era me relacionar com as pessoas. Não importa o quão bonita dissessem que eu fosse, ninguém vê interesse em uma pessoa que se acha desinteressante ou que tenha síndrome da leseira, como eu. Porque sim, era basicamente assim que eu sentia que me portava na maioria das vezes.

Então o que eu fiz?

Basicamente comecei a me soltar por mim mesma. Comecei a descobrir alguém que estava sob a casca da Anabella tímida. No início fiquei temerosa, mas depois percebi que não tinha porque ter receio de mudar. Não quando uma mudança de atitude só me traria benefícios.

Uma coisa que Steph me disse fez todo sentido e certamente me impulsionou:

— Existem duas coisas importantes que você precisa saber antes de sair com um cara lindo: A primeira é que as mulheres são umas vadias. Não se importam que ele esteja acompanhado, se jogam mesmo. Elas não têm limites. Às vezes até mesmo esfregam seus seios na cara dele para que a notem. E a segunda, é que tem que estar

impecável, roupa, maquiagem e cabelo.

— Esse seu discurso está me desanimando. —
entortei a boca.

— Não sei por quê.

— Talvez porque eu não seja assim. Não sei ser
uma pessoa, digamos, interessante. — apontei o óbvio e
ela negou com a cabeça.

— Não é porque você não quer ser. Não temos
que ter vergonha de quem somos. De quem queremos ser.
Ou até mesmo de buscar pelo que a gente quer. Vergonha
temos de ter de não nos darmos a chance de ser feliz.
Temos que nos amar, nos adorar. Nos achar lindas,
gostosas. Porque enquanto não nos dermos nosso devido
valor, ninguém nos dará.

— Mas isso não é egocentrismo? — perguntei,
enquanto olhávamos as araras de roupas de uma loja.

— Não. — negou, antes de continuar: —
Egocentrismo é quando a pessoa acha que o mundo gira
em torno de si. Ou seja, quando ela acredita que o mundo
gira ao redor do seu pau ou da sua periquita.

— Steph! — murmurei chocada, porque eu

definitivamente não estava acostumada ainda ao seu modo de falar.

— O que? Estou falando sério. Quando uma pessoa se relaciona com outra, elas buscam a mesma coisa. Mesmo que seja um relacionamento ou até mesmo que seja apenas sexo, as duas pessoas buscam algo do outro, mas também dão algo em troca. E essa equação dá certo. Amor por Amor. Sexo por sexo. Orgasmo por orgasmo. Chifre por chifre. É uma conta simples. Quase uma Lei de Talião. Mas quando um deles quer algo diferente, a equação não funciona.

Ela pareceu um pouco introspectiva e eu sabia que o motivo era porque ela e Théo têm se estranhado nos últimos dias.

— Então para que alguém possa te dar o que você quer. — continuou. — Seja para que alguém te ame, ou até mesmo para que te ache gostosa, você tem que saber seu valor. Uma mulher que sabe seu valor, é o tipo de mulher que os homens valorizam. Sabe por quê?

— Não.

— Porque você demonstra isso em cada gesto, ato

e atitude. Não existe nada mais sexy do que uma mulher assim. E isso, minha querida, não há homem que resista. — Ela virou-se para a vendedora da loja e perguntou: — Você tem essa peça tamanho 36?

— Sim, princesa. — respondeu prestativa.

— Então você pega para mim? Minha amiga vai experimentar. — Falou, já me empurrando em direção ao provador e eu nem contestei.

Enquanto a vendedora ia buscar o bendito vestido, comecei a pensar no que Stephanne havia dito e concluí que ela era louca, mas definitivamente tinha razão. Não que eu leve todos seus conselhos ao pé da letra, porque senão já teria me tornado alcoólatra e de certo não seria mais virgem. Mas embora eu não imaginasse passar por uma transformação total, comecei a reparar não apenas ao meu redor, mas principalmente em mim mesma. E isso tem funcionado.

Pequenas mudanças foram feitas e vez ou outra comecei a ver os olhares furtivos dos homens direcionados a mim. Coisa que até então eu tinha vergonha de prestar atenção. Mas confesso que agora eu achava

bom para cacete ser o motivo das suas atenções.

Tenho um corpo bonito e com curvas nos lugares certos, devidamente distribuídas na minha pouca altura. Seios pequenos, mas bonitos. Pernas torneadas, mas não grossas demais. Cabelos loiros e olhos azuis. O que mais eu poderia fazer? Me amar e mostrar para todos, mas principalmente para mim mesma que sou digna de admiração.

Por mais que tentasse negar, a cada novo encontro, tenho visto um brilho diferente nos olhos de Igor. Seus olhares que antes eram tão discretos e sutis, têm se tornado cada vez mais ousados e indiscretos. Isso obviamente tem me feito um bem danado e provado para mim mesmo que ele não é imune a mim. Que talvez, apenas talvez, ele esteja perdendo a batalha interna que insiste em manter.

Só que por mais ousada que esteja a forma como Igor me olha, as coisas não têm evoluído como eu gostaria realmente. A impressão que tenho, é que ele parecia estar fugindo de mim como diabo foge da cruz. Parecia até que ele não quer ficar sozinho em um mesmo ambiente que eu.

Só que agora, mesmo que ele quisesse fazer isso, não podíamos fugir, porque quem havia feito isso foram Théo e Steph e havíamos nos dividido para procurá-los. Estávamos todos na festa de comemoração Viagem da rota do descobrimento, que era uma comemoração exclusiva para os descendentes dos nobres que desbravaram e descobriram nossa terra no passado, só que ao aportarmos na Ilha Spartus, os dois tinham simplesmente sumido da embarcação sem deixar rastros.

— Eles não estão aqui. Acho melhor voltarmos e nos juntarmos aos outros. — Igor disse e eu assenti.

— Tudo bem.

Havíamos caminhado até a quarta praia da Ilha atrás dos dois e o trajeto até lá havia sido um pouco cansativo após andarmos por cerca de meia hora. Igor certamente não estava cansado porque ele costumava praticar bastante exercício físico. Mas eu estava quase colocando meus bofes para fora, mas não tinha coragem de lhe confessar isso.

Começamos a refazer o caminho que tínhamos feito até ali e como eu havia feito durante toda ida, foi

impossível não olhá-lo descaradamente. Principalmente quando ele havia tirado sua camisa e vestia apenas uma bermuda na cor preta e definitivamente havia me deixado babando.

Lindo demais!

Igor é bem alto, chega até mesmo a ser mais alto que meus irmãos em seus aproximadamente um metro e noventa de altura. Musculoso de uma forma tentadora. Seu corpo moreno e atlético nos mostrava exatamente como ele vivia. Seus cabelos são castanhos, sempre bem cortados. Um rosto marcante, delineado com traços fortes, olhos cor de chocolate e uma cara de safado, que apenas nos dá a certeza de que ele tem todos os pré-requisitos para enlouquecer qualquer mulher.

Era fácil me perder em cada detalhe dele, até mesmo nas suas tatuagens. Que eu saiba ele tinha três. Uma águia sobre seu peitoral. Uma frase em latim que eu desconhecia seu significado, que ficava na parte interna do seu antebraço. Mas a que mais me hipnotizava, sem dúvidas, eram os numerais que mais pareciam ser coordenadas geográficas, que foram tatuados no lado

direito da sua pélvis.

Me vi não apenas babando, mas principalmente desejando poder contornar os números tatuados em sua pele com meus dedos. E inevitavelmente me veio o pensamento de fazer isso com minha língua.

Senhor! Acho que estou andando demais com Stephanie!

Eu acho que estava começando a ficar fora de controle. Malmente havia dado meu primeiro beijo e já estava pensando em fazer tal coisa. Eu definitivamente estava precisando de um pouco de juízo que eu perdi em algum momento entre nosso beijo e agora.

Não percebi que ele havia parado e que agora me olhava de uma forma como jamais fizera antes.

— Não faça isso, Anjo. — disse, com a voz mais rouca que o normal e eu engoli em seco pelas promessas subentendidas em seu olhar.

— O que? — consegui perguntar.

Igor se aproximou de mim de forma quase perigosa, trazendo seu rosto e seu corpo próximo ao meu. Sua respiração quente contra minha pele, tão acelerada

quanto a minha, fez com que cada parte de mim se arrepiasse e entrasse em expectativa pelo que viria a seguir.

— Não me olhe desse jeito. Não quando estou tentando ser um cara legal. Mas isso fica difícil quando você me olha assim. — Falou, sua boca agora quase colada a minha.

Oh meu Deus! Ele disse isso mesmo que eu ouvi?

— Talvez eu não queira que você seja um cara legal. — arranjei coragem para dizer.

— Você não sabe o que está dizendo. — sua voz agora era um sussurro quase hesitante.

— Sim. Eu sei.

— Eu não sou um cara legal, Anabella. Eu não sou um cara para você.

— Você não sabe disso. — retorqui.

— Oh, anjo, se você soubesse a verdade não diria isso. — ele disse.

Igor então se moveu e por um momento achei que ele me beijaria de novo, mas ele não fez. Roçou seu nariz em minha pele e um pequeno gemido saiu dos meus lábios

por causa do frisson que me causou. Depois disso ele apenas se afastou e de costas para mim continuou:

— Eu não posso ir até lá, Bella. Não posso fazer isso. Não quando sei que posso quebrar seu coração em pedacinhos. Eu não me perdoaria se fizesse isso. O melhor que você pode fazer é se manter longe de mim. — falou, antes de continuar a refazer nosso caminho.

Só que o que ele não sabia era que ele havia acabado de fazer exatamente isso.



capítulo 2

DESABROCHAR...

Anabela

Estudar era algo que eu fazia com prazer. Amava aprender um pouco mais a cada dia. Eu amava me dedicar ao meu curso. Enfermagem não era algo que minha família esperava que eu fizesse, mas dedicar minha vida cuidando dos outros, era algo que sempre me vi fazendo. E quando decidi acabar com a tradição dos Caravaggio, não me importei de impor a minha vontade e mais do que isso, provar que a minha escolha era a certa.

Entrei no curso de enfermagem quando ainda tinha dezessete anos e tenho orgulho de dizer que tenho me destacado desde então. Notas máximas são minha rotina. Meus professores me adoram. E pela primeira vez em minha vida, ao contrário da escola que para mim parecia um tanto intimidadora, na faculdade fiz amigos.

Até chegar a faculdade, eu era ainda mais tímida do que já sou, talvez até mesmo reprimida e mais do que isso: eu me sentia intimidada com meu sobrenome. Não era fácil fazer parte da minha família. Eu os amava, tinha orgulho de quem eram, mas carregar esse meu sobrenome às vezes me fazia sentir um peso e uma responsabilidade enorme. As pessoas sempre esperavam mais de um Caravaggio justamente por sermos quem erámos e isso era realmente intimidador.

Por isso que de certa forma eu me vi mais à vontade na faculdade. Era como se eu fosse apenas Anabella e o que importava era quem eu era e não meu sobrenome ou de quem eu era filha. Odiava que me reconhecessem pelo simples fato de ser a filha do Primeiro-Ministro ou como a imprensa gostava de me

chamar "a primeira-filha". Rótulos parecem nos definir como uma mercadoria qualquer e isso apenas elevam as expectativas das pessoas.

Há alguns meses decidi que talvez fosse o melhor sair de perto de tudo que me fazia viver de estereótipos. Não queria ser a primeira-filha. Nem a irmã de Theodore Caravaggio, noivo da Princesa Stephanie e futuro Príncipe da Campavia. E o pior de todos os estereótipos: *A irmãzinha do meu melhor amigo. Aquela que vi crescer.*

Existe algo pior do que ouvir isso antes de um “não posso ficar com você?” Não existia. E se existisse, eu preferia não saber, porque a dor da rejeição já me era o bastante. Mas para Igor Carrara parecia que não. Parecia que ele não se importava em esmagar meu coração em pedacinhos, porque vez ou outra ele fazia questão de esfregar suas vadias na minha cara.

Eu não dava o gostinho dele ver o quanto isso me quebrava. O quanto me dilacerava por dentro. Mas tem uma hora que cansamos de bancar a mocinha sofredora e precisamos tomar as rédeas de nossas vidas, então o certo

era bater asas e voar, se afastar de tudo que nos faz mal. Esse momento para mim tinha chegado.

Escrevi-me no intercâmbio da faculdade sem ter muita esperança, porque mesmo que eu tivesse as melhores notas, eu ainda era praticamente uma caloura no curso de enfermagem, mas para minha surpresa fui aprovada. E agora havia chegado a hora de ir.

Só que por mais feliz que estivesse em estar me realizando profissionalmente, havia sempre o “mas” que me fazia infeliz. Era esse “mas” que me deixava arrasada em partir.

— Você tem certeza disso, filha? — minha mãe perguntou pela milésima vez, desde o momento em que lhe contei sobre meu estágio em Londres.

— Sim, mãe. Eu tenho. — Disse mais para mim do que para ela mesma.

Respirei fundo e olhei para a mulher que me amava acima de tudo e me apoiava acima de todas as coisas. Como da vez em que decidi por enfermagem ao invés de administração, que apenas ela e Théo me apoiaram. E agora quando falei que ia para Londres, foi

como se tivesse jogado uma bomba dentro da mansão dos Caravaggio. Dessa vez até Théo discordou, apesar dele e Taddeo, meu irmão mais velho, terem feito faculdade em Londres. Mas isso para eles não era o bastante para que eu me afastasse, pois mesmo que fosse um estágio de apenas alguns meses, era como se eu estivesse partindo para guerra para nunca mais voltar. Meu pai então nem se fala, fez voto de silêncio e desde então não fala comigo.

Essa era uma das coisas que eu mais odiava em minha vida. Odiava que me tratassem como uma menininha. Como um tesouro precioso, a bonequinha de porcelana, a menina perfeita, que jamais poderia sair da linha. Eram nessas horas que eu entendia Stephanne, porque apesar da minha cunhada ter ido ao extremo quando foi morar longe, era cansativo demais ser certinha o tempo todo.

Tinha horas que ainda que eu não fosse adepta ao uso de palavrões, a minha vontade era de dar um “foda-se” para tudo e todos. Mas eu ficava apenas na vontade, não conseguia ser tão destemida ou direta assim. Só que esperava que um dia conseguisse ser, caso as pessoas ao

meu redor não parassem de me tratar como algo frágil.

— Eu acho que ele não vem, Bella. — minha mãe disse, quando me viu procurando por alguém ao meu redor.

— De quem você está falando, mãe? — me fiz de desentendida, mas ainda assim eu estava surpresa.

— Você acha mesmo que me engana, amor? — ela sorriu com aquele seu jeito de mãe que sabe tudo, que me deixou envergonhada.

Lógico que ela saberia! Como eu poderia sequer achar que esconderia isso de alguém?

— Mãe...

— Filha, eu sei, ok? Só dê um tempo para você se encontrar. Para você ser você, sem a sombra da sua família. Nós te amamos, mas eu sei o quanto pode ser intimidador ser uma Caravaggio. Principalmente quando se é a única filha mulher. E eu sei que talvez esse tempo com vocês dois afastados, seja bom para que ele finalmente se dê conta de que você cresceu, meu bem.

Quando ela terminou de falar, não consegui controlar minhas lágrimas e minha mãe me puxou para um

abraço. Isso realmente me doía tanto.

— Oh, meu amorzinho, não fica assim.

— Um dia vai passar, mãe? — perguntei, entre lágrimas.

— Vai, filha. Nossas dores só chegam para nos fazer mais fortes. Para nos fazerem crescer. — ela disse e mais uma vez chamaram meu voo.

— Eu preciso ir. — limpei minhas lágrimas.

Eu não conseguia dizer mais nada. Sabia que se eu dissesse qualquer coisa iria chorar. Mesmo que eu batesse no peito dizendo que havia crescido, agora me sentia novamente uma menina que precisa do colo da mãe. Só que dar o braço a torcer agora, era apenas confessar a mim mesma que eu não havia crescido realmente. Eu apenas precisava seguir e deixar a dor ir.

— Vá, minha menina. Qualquer coisa você liga, que estarei lá em um minuto. — voltou a me abraçar e novamente sufoquei a vontade de pedir para que ela fosse comigo.

— Vou ficar bem, mãe. — Garanti para nós duas, porque eu precisava me dizer isso e depois de nos

despedirmos mais uma vez, segui em direção ao portão de embarque.

Precisei olhar mais uma vez para trás, apenas para ter a certeza de que ele não estava ali. Para ter certeza que ele não se importava realmente que eu fosse. Que ele não se importava comigo. Mas eu já deveria saber que seria assim. Ele realmente não se importava em nada. Isso doía mais do que podia colocar em palavras.

Eu não queria mais ser a menina boba apaixonada pelo melhor amigo do seu irmão. Aquele que não se importa em ferir meus sentimentos, esfregando todas as vagabundas na minha cara.

Eu quero ser como Stephanie, forte e destemida. Que não tem medo de admitir o que é ou o que quer. Quero que os homens me desejem pelo que sou e não por causa do meu sobrenome. Quero que as pessoas me respeitem, que parem de achar que eu ainda sou uma menina. Quero que me vejam como mulher.

E foi com a lembrança do nosso último e único beijo que eu decidi que deixaria a Anabella bobinha para trás. Era hora de realmente crescer e mostrar isso para

todos.

Igor

Eu ainda não sabia por que eu havia ido até o aeroporto. Mas também não fui capaz de ir até ela. Simplesmente não sabia por que não havia ido me

despedir. Dar um último “adeus” antes de vê-la partir. Eu queria isso. Queria lhe dar um abraço apertado e com ele dizer as palavras que eu jamais poderia dizer, mas não pude. Algo me impediu. Algo me fez recuar. Algo me dizia que era estupidez alimentar isso que Anabella me causava. Eu apenas não podia. Apenas não podia fazer isso com ela, com nós dois.

Ela era Anabella, a linda irmã mais nova do meu melhor amigo. Sua família havia me acolhido, amaram-me como jamais fui amado e acolhido pelos meus, fizeram com que eu me sentisse parte deles. Fizeram-me sentir parte de uma família verdadeira. E era desejando-a assim que eu retribuiria?

Eu havia visto essa menina crescer. Anabella era a loirinha que me olhava com devoção, mas que havia se tornado a garota que havia alimentado uma paixão a qual eu não poderia jamais corresponder. Ela merecia mais. Merecia o melhor e isso eu não poderia lhe dar. Jamais.

Eu tinha uma vida fodida. Minha família era fodida. Trazê-la para minha vida, era apenas dar a certeza de que ela teria uma vida infeliz. Porque era apenas esse

sentimento que as pessoas ao meu redor experimentavam.

Odiava me sentir fraco. Sentir-me deprimido. Por isso toda vez que me sentia assim, eu ia visitar a *Ala das Crianças* no hospital. Era lá que eu encontrava forças para seguir como deve ser. Aqueles pequenos batalhadores me mostravam a cada dia que nós somos pequenos diante os problemas que julgamos ter.

Eu ia até lá, brincava com eles. Cuidava dos pequenos como precisavam. E apenas isso normalmente era capaz de recarregar-me no dia a dia. Mas hoje isso não foi o suficiente.

Eu sabia que o motivo disso tinha nome e ele combinava com ela, pois ela era tão bela e doce como seu nome. Só que eu não podia deixar que sua partida continuasse a mexer comigo mais do que deveria.

Fazer isso, era permitir que Anabella Caravaggio mexesse com o controle tão milimetricamente bem calculado que eu mantinha desde que tudo aconteceu. E isso não poderia acontecer. Jamais.

Depois de sair do hospital hoje à tarde, segui para a academia, onde treinei pesado. Socando e chutando o

saco de areia mais forte do que eu podia. Levando meu treino ao limite do insuportável, apenas para tentar não lembrar. Mas ainda assim não adiantou. Então depois de sair de lá, eu só poderia ir a um lugar.

Era mórbido ter um jazido no quintal da sua casa. Mas nós erámos os Carrara, nós erámos historicamente mórbidos. Só que por mais que eu odiasse saber que ali onde eu morava havia um cemitério com gerações e mais gerações da minha família, alguns deles que não valiam o chão que haviam sido enterrados, ir até lá de alguma forma me confortava. Afinal, eu era um Carrara e embora eu não me orgulhasse de carregar esse sobrenome, não podia negar minha parcela de morbidez.

O terreno onde ficava o cemitério era enorme, assim como toda a propriedade de Niápolis. Ali estavam enterrados desde o primeiro Carrara, que juntamente com outros nobres, descobrira a Campavia anos atrás. E aparentemente ele se achava muito especial para ser enterrado junto com as outras pessoas, porque exigiu que morresse e fosse enterrado ali. Mas pelo visto ele não era o único que se achava especial, pois essa arrogância e

soberba eram definitivamente genéticas. E não sou eu quem estou dizendo isso, a história apenas mostra que essas “qualidades” vêm sendo ministradas a gerações.

Só que toda a regra havia uma exceção e eu costumava me orgulhar de fazer parte dela. Também por conhecer outras pessoas merecedoras dessa exceção, que eu havia escolhido uma parte especial desse lugar para elas. A melhor parte.

Tudo sempre por elas... Sempre!

Sentei no banquinho que eu havia ajudado a construir ali, porque como eu as visitava com frequência, gostava de passar um tempo ali e admirar a vista. O lugar era realmente lindo. Uma vista de tirar o fôlego do mar azul e calmo que banhava a Campavia.

— Ela foi embora hoje. — comecei a falar, antes de suspirar. — Eu fui até o aeroporto, mas não consegui me despedir. Não fui capaz. E ver o seu olhar triste olhando ao redor, como se procurasse por algo, me quebrou.

Eu nunca fui uma pessoa realmente religiosa. Sabia que existia um Deus, acreditava Nele, mas não era

um cristão seguidor dos seus ensinamentos. Quando eu era mais novo, meu pai obrigava toda nossa família a estar presente nas missas de domingo. Era como se isso pudesse de alguma forma ocultar nossas transgressões. Era uma tradição que tínhamos que seguir, não importava se não quiséssemos. Não tínhamos voz. Na verdade nunca tivemos realmente. E mesmo contrariados, a família Carrara estava presente na igreja, fizesse Sol ou não.

Lembro que quando tinha nove anos, fui mandado para estudar no colégio interno da Suíça, como todos os membros do sexo masculino da família haviam feito. Apenas voltei para casa algum tempo depois, porque peguei sarampo e óbvio que não poderia ficar lá doente. Ainda assim, com o rosto todo pintado, fui obrigado a ir à missa de domingo, usando uma camisa de botões na cor branca e uma gravata vermelha, que combinava com as pintas vermelhas que estavam espalhadas por toda minha pele.

Nessas missas, por diversas vezes ouvi falar sobre a morte e o que acontecia depois dela. Mas por mais que não pudesse mudar o destino e muito menos

trazê-las de volta, gostava de pensar que de alguma maneira elas estavam ali me ouvindo desabafar como sempre fazia quando precisava. Gostava de pensar que de alguma forma elas estavam por mim como sempre estiveram. Ou quase sempre.

Eu não sabia se isso era realmente possível, mas eu apenas estava feliz com esse meu arranjo desde que elas se foram há sete anos. Embora eu tivesse vergonha de admiti-lo para qualquer pessoa.

— Sei que ela não foi embora realmente. Que vez ou outra ela virá visitar sua família e quando isso acontecer, eu a verei. Também sei que em breve ela deve estar de volta, mas eu apenas senti que era a coisa certa a se fazer: deixá-la ir. — continuei.

Eu não esperei que me respondessem. Sabia que a resposta não viria. Estava apenas tentando colocar para fora o que pensava, o que sentia, porque talvez, as coisas pudessem melhorar dessa maneira. Talvez eu apenas consiga me convencer que não fui idiota em não me despedir. Pois eu tinha plena consciência que eu havia sido idiota com ela mais vezes do que posso contar. Mas

eu queria fazer o melhor, não para mim, mas para ela.

Eu não esperei que me respondessem. Sabia que a resposta não viria. Estava apenas tentando colocar para fora o que pensava, o que sentia, porque talvez, as coisas pudessem melhorar dessa maneira. Talvez eu apenas conseguisse me convencer que não fui idiota em não me despedir. Pois eu tinha plena consciência que eu havia sido idiota com ela mais vezes do que posso contar. Mas eu queria fazer o melhor, não para mim, mas para ela.

Só que as coisas não foram tão fáceis como supus que pudessem ser depois de experimentar da sua doce boca. Anabella parecia ter criado garras. Garras estas que me fizeram refém e por diversas vezes cheguei a ponto de fraquejar, mas eu apenas me lembrava de tudo como era e não me permitia seguir até onde queria.

Eu queria Anabella. Queria seu gosto em minha boca. Queria saber se sua doce boceta era tão doce quanto seus lábios eram. Queria poder me enterrar naquele corpo pequeno e delicado. Queria ela como jamais quis qualquer outra, mas ela também era a única proibida para mim.

Com tudo isso em mente, era apenas mais fácil bancar o idiota e fazer o que eu mais sabia fazer bem, que é pegar mulher. Buscava em cada uma o que eu não poderia ter.

Sou do tipo homem safado e não tenho vergonha de admitir. Adoro foder. Fodo até os miolos da mulher se assim ela desejar e me manter disposto até que eu o faça. Não tenho um tipo preferido. Meu tipo preferido é mulher. Homem que é homem não tem preferencia por um tipo específico. Afinal, boceta é boceta. Cu é cu. E meu pau nasceu para rasgar todos os orifícios e fazê-las gritar e gemer meu nome, implorando por mais, até que desmaiem de tanto gozar. Eu não me surpreenderia se me dissessem que meu segundo nome é satisfação.

Dormi com quase todas as mulheres solteiras e até mesmo não solteiras da Campavia e adjacências. Nenhuma delas têm nada a reclamar sobre isso. Muito pelo contrário. Quem experimenta quer mais. E eu, tão benevolente como sou, lhes dou isso.

Nunca prometi nada além de prazer a elas. Sempre faço questão de deixar claro que entre nós não

haverá mais do que isso. Então todas que passam por minha cama sabem que eu não tenho mais do que meu pau e muito prazer para lhes oferecer. Essa equação é ótima para todos os envolvidos. Ninguém sai ferido. Assada e sem conseguir andar, com certeza, mas infeliz, jamais. Porém não posso dizer que ninguém chora, porque meu pau definitivamente faz a mulherada chorar de felicidade.

Pensando sobre tudo isso, eu sabia exatamente o que deveria fazer. Respirei fundo e disquei o número de Théo.

— E aí, *brother*? — ele atendeu com uma voz de quem havia acabado de correr uma maratona.

— Você estava transado ou é impressão minha, seu babaca? — perguntei rindo.

— Claro que estava! E babaca é você por não estar fazendo exatamente isso. — ele resmungou me fazendo rir e eu pude ouvir a risada de Steph ao seu lado.

A minha vontade foi de dizer que eu queria fazer isso com a sua irmã. Mas eu tinha amor a minha vida e certamente estava muito novo para morrer.

— Se você disser isso a ele, o pau dele vai cair

por excesso de uso. — a voz de Steph me chamou de volta a realidade.

— Você ouviu o que ela disse. — Théo disse, também rindo e eu acabei rindo também.

Stephanne e Théo eram o casal mais oposto que eu conhecia. Enquanto Théo é todo certinho, centrado, pragmático, Stephanne era completamente louca, sem prumo, sem freios, sem papas na língua. Só que curiosamente os dois se completavam de um jeito único. E eu não poderia pensar em um casal mais perfeito do que os dois.

Os dois haviam tido um rolo na infância, mas acabaram se separando quando Stephanne foi enviada para o colégio interno e eles deixaram de se ver. Nesse meio tempo, Théo namorou com Eva, minha prima, mas eles definitivamente não combinam e ele não era nem de perto apaixonado por ela.

Eles terminaram na época em que fomos estudar em Londres. Na verdade, Théo quem terminou e até hoje não consegui esquecer a cena de novela mexicana que minha prima protagonizou. Foi bem patético.

Em Londres, curtimos muito o início da faculdade. Mas foi por pouco tempo, pois depois da perda deles tive que voltar para Bellini. Quando retornei, forçosamente me vi obrigado a crescer e praticamente perdi minha juventude no processo. Mas felizmente nossa amizade se manteve intacta e somos melhores amigos desde meus doze anos.

Enfim, o tempo passou e quando a Princesa Stephanie teve que voltar para Campavia para assumir sua coroa, ela e Théo inevitavelmente se reencontraram e toda aquela faísca entre eles reacendeu. Mas ela era teimosa. Fez meu amigo sofrer até finalmente dar o braço a torcer e os dois ficarem juntos. Agora eles estavam noivos, moravam juntos e se casarão em poucos meses, no que todos esperam ser o casamento do século. E eu não poderia estar mais feliz por vê-los felizes.

— Que tal uma saída hoje para dançar? — perguntei.

— O que você acha, amor? — ouvi-o perguntar.

Eu não me importava que ele chamasse Stephanie para ir conosco. Até porque eu duvidava que ela deixasse

que Théo saísse sozinho, ciumenta do jeito que aquela doida era. E vice e versa. Théo era tão ciumento e territorial, senão mais, quanto ela. Eram dois loucos. Loucos um pelo outro mesmo.

Na verdade, eu me divertia demais com os dois. Não tinha quem não se divertisse. Stephanne, apesar de ser uma loira de parar o trânsito, era como um dos caras para mim. Eu tinha uma ligação especial com ela e não sabia explicar por quê. Ela não era como as outras mulheres que eu conhecia. Ela não tinha frescura, não tinha papas na língua e era a pessoa mais sincera que eu já conheci na vida. Qualidade rara hoje em dia, eu devo ressaltar.

— Sim. Acho ótimo. Estou precisando mesmo remexer ao som da batida da música. — A loira respondeu.

— Amor, mas você estava agora a pouco fazendo isso em cima do meu pau. — Théo disse, me fazendo rir.

Sim. Era isso que eu tinha que aguentar. Eles eram realmente perfeitos um para o outro!

— Ok. Ok. Precisamos desligar. Tenho uma coisa

para fazer com seu amigo agora. Nos vemos no Copa às 21h. — Stephanie disse rindo e antes do telefone ficar mudo, ainda ouvi Théo dizer:

— Vem cá remexer novamente, princesa.

Balancei a cabeça e gargalhei. Esses dois não tinham jeito. Mas eram os melhores amigos que eu poderia ter. E também eram aquilo que eu não poderia ser um dia. Esperava que eles fossem capazes de me fazer esquecer uma certinha loirinha com cara de anjo e que havia balançado meu mundo mesmo sem querer.



Cheguei à boate *Copacabana* antes do horário combinado. Eu odiava ficar em casa. Odiava a sensação de claustrofobia que ficar ali me fazia sentir. E exatamente por isso eu ficava o mínimo de tempo possível lá, praticamente tomava banho e dormia apenas. Então não seria diferente agora, pois depois que desliguei o telefone, fui direto para o banheiro tomar um banho, dispensei o jantar e os empregados e logo saí.

O Copa pertencia a um grande amigo nosso,

Victor e seu irmão. Os dois eram brasileiros, mas há algum tempo havia se mudado para Campavia e abriram um restaurante de comida brasileira e agora decidiram diversificar e expandir os negócios e abriram a boate.

Desde que passei pela porta, podia sentir os olhares das pessoas sobre mim, mas como sempre acontecia, eu não me preocupava com isso, estava acostumado. Cumprimentei Vagner e perguntei por Victor e como imaginei, ele disse que seu irmão ainda estava no restaurante. Victor era assim, apaixonado pelo *Panela's* e normalmente ficava até fechar. Era definitivamente a “menina dos seus olhos”, porque ele amava participar de cada detalhe, desde a cozinha à administração. E meu estômago amava também, pois eu costumava fazer quase todas as minhas refeições lá. Apenas lembrar-me sobre suas delícias fez meu estômago revirar e quase me arrepender de não ter passado lá antes de vim.

Cumprimentei mais algumas pessoas que falaram comigo e sentei-me à mesa da ala VIP que era reservada para nós. Depois de pedir um petisco para não permanecer de barriga vazia e um chope, fiquei

observando a pista de dança, que apesar de ainda ser cedo, já estava movimentada.

A Campavia era definitivamente um país de mulheres lindas. Haviam todos os tipos de mulheres por ali. Ou seja, todas eram meu tipo. Mas nem isso hoje estava me deixando animado. Nem mesmo a bebida fez seu efeito. Esperava que ao menos a chegada de Théo e Steph mudasse isso.

Não muito tempo depois, os vi se aproximando. Théo com toda sua pose de macho alfa segurava a cintura de Steph, fazendo questão de fuzilar os homens que a olhavam. Já Steph parecia alheia a todos, vinha andando animada, se remexendo no ritmo da música. Sem se importar com o que achariam dela.

Sim, ela era assim!

Pelo tamanho da cara do meu amigo, ele certamente havia perdido mais uma batalha para a loira, pois ela vestia um vestido justo, curto e provocante, que ele costumava brigar com ela a cada vez que Steph até mesmo pensava em usar. Só que o que Théo ainda não havia entendido, era que ele apenas perdia seu tempo.

Não existia um ser vivo que conseguisse fazer com que a Princesa Stephanie deixasse de fazer o que queria. Theodore apenas controlava a tempestade, mas a verdade era que era impossível segurá-la.

— Oie. — Ela me cumprimentou animada e como eu sempre fazia, abracei-a apertado, apenas para ouvir Théo enciumado dizer para meu deleite:

— Ok, idiota. Está bom.

Eu e Stephanie ríamos da atitude dele, porque não importava que ela fosse loucamente apaixonada por ele, Théo sempre seria esse Ogro enciumado quando se tratava dela. E a recíproca era mais do que verdadeira.

Logo voltamos a nos sentar e pedimos mais bebidas. Chope para mim e Théo e drinks coloridos para Steph. Durante as próximas horas conversamos sobre tudo e eu quase me esqueci do que havia me atormentado tanto nos últimos dias, especialmente hoje. Quase.

Até que o celular de Théo começou a tocar.

— É a Anabella. — ele disse, com um sorriso gigante em seu rosto, antes de atendê-la: — Olá, meu doce!

Meu coração disparou enquanto ele a ouvia falar alguma coisa. Fiquei tentado a pedir que me passasse o telefone para que eu pudesse falar com ela. Para quem sabe dizer que eu sentia muito por não ter me despedido. Mas eu travei. Não consegui reagir. Depois de um tempo parecendo um bobo olhando-o, esperando não sei que porra, achei que era hora de voltar a reagir e me limitei a beber mais um gole da minha bebida que desceu amarga.

— Espera aí que eu não estou conseguindo te ouvir direito. Estou no Copa. Vou até o escritório do Vagner e de lá consigo falar direito com você. Espera aí só um minuto. — ele disse, antes de se virar para mim e dizer: — Olhe ela para mim. — concordei, enquanto Steph revirou os olhos ao seu lado.

Ela resmungou mais alguma coisa também, mas eu não ouvi. Eu não queria que Théo fosse, pois eu queria ouvir o que eles diziam ao telefone, apesar de saber que seria praticamente impossível que isso acontecesse com a altura da música que tocava. E no escritório do Vagner eles com certeza poderiam fazer isso, por causa do isolamento acústico que lá tinha.

Amaldiçoei-me por cogitar segui-lo. Eu estava ficando louco. Não me reconhecia mais. Eu não poderia ficar agindo como um maldito perseguidor.

— Você está bem? — Steph perguntou, me tirando dos meus devaneios.

— Sim. — respondi apenas, embora soubesse que fosse mentira.

— Você está mentindo. Nós dois sabemos disso. — Ela afirmou, antes de tomar mais um gole da sua bebida colorida e continuar: — Nas últimas semanas você tem agido estranho. Estranho até mesmo para você. Sabemos que você tem mantido uma mulher ao seu lado em cada oportunidade, no entanto hoje você não fez isso e eu sei o por quê.

Eu não disse nada porque ela estava certa. Estive com mulheres a cada dia, desfilando uma felicidade inexistente, tentando me enganar a respeito de quem eu realmente queria ao meu lado. Confesso que também havia feito isso para que Bella visse, que entendesse que eu não era o cara certo para ela. Mas embora isso possa parecer insano, eu não queria magoá-la, apesar de saber que fiz

exatamente isso.

Eu não sei o que eu queria realmente. Talvez que ela viesse até mim e me batesse por agir como um idiota. Mas a última coisa que eu queria era que minhas atitudes fizessem com que ela resolvesse ir embora para Londres. Que ela fosse para longe de mim não apenas geograficamente.

— Não sei o que você está falando, Stephanie. — foi o que consegui responder e ela bufou.

— Ok, Igor. Vai me dizer que essa sua cara de dor de barriga não tem a ver com o fato de Anabella ter ido embora hoje? — perguntou e eu abri a boca uma e outra vez para responder, mas não consegui encontrar palavras nem para negar.

A Princesa Stephanie não era de rodeios. Sutileza é uma qualidade que ela não compartilhava. Nós eramos parecidos em diversos aspectos, mas enquanto eu era um pouco mais contido, ela era mais do que direta. Se ela tinha alguma coisa a dizer, ela com certeza diria sem nem pensar duas vezes. Isso era tanto encantador, quanto aterrorizante, porque nem sempre gostamos de ouvir

verdades ou até mesmo não estamos preparados para elas.

— Olha, Igor, reza muito para que não apareça ninguém que mexa com a Bella enquanto você fica brincando de não saber o que quer. — minha boca abriu em choque. — Eu só vou te dizer mais uma coisa: Eu espero de todo o coração, que você não se arrependa por estar fazendo isso agora. Sabe por quê? Porque amanhã pode ser tarde demais para vocês.

Eu pensei em uma resposta para lhe dar, mas eu não tinha. Não sabia realmente o que responder. Mais uma vez ela estava certa, só que eu apenas não poderia confirmar para ela o que eu não queria e nem podia admitir para mim mesmo.

Por isso dei graças a Deus quando Taddeo, irmão de Théo e Bella, chegou nos fazendo mudar de assunto. E depois de um tempo eu dei uma desculpa para sair dali, pois estar com eles me fazia lembrar dela e lembrar dela não estava me fazendo bem.

Eu iria arranjar uma mulher para foder e tentar esquecer a garota inocente que eu apenas não poderia ter. Era mais fácil ser o cara safado que pega todas, do que

ser um homem corajoso que corre em busca do que realmente quer.

Talvez fosse mais fácil se eu fosse outra pessoa, que não tivesse a minha vida, mas eu não sou. Ou então que ela fosse outra pessoa, alguém que não tem a capacidade de me fazer sentir, de fazer despertar as mais loucas e incríveis sensações. Alguém que não me faça desejá-la, como eu jamais fui capaz de desejar qualquer outra. Alguém que não fizesse com que eu me sentisse perdido e ao mesmo tempo como se estivesse em casa, como me senti quando a tive em meus braços, mesmo que por tão pouco tempo. Alguém que eu poderia facilmente descartar como as centenas de mulheres que passaram em minha cama antes dela. Mas ela não é.

Ela é mais. Anabella Caravaggio sempre foi mais. Estou atraído por ela como nunca fui atraído por uma mulher antes. Completamente cativado e preso por ela como nunca estive antes. Mas, infelizmente, com o meu passado, eu vou ter que encontrar uma maneira de deixá-la ir.

Então ela nunca poderá ser minha.



capítulo 3

DEPOIS DO SEGREDO, MAIS UM SEGREDO...

Anabela

Sempre fui uma pessoa fechada e na minha. O verbo “sair” era um verbo que eu dificilmente conjugava. Não sei se também era por morar em um país pequeno como a Campavia e por ser filha de quem era, ou simplesmente porque eu era assim. Mas isso definitivamente havia mudado desde que fui morar em Londres.

Londres era definitivamente lindo de viver. Depois de cumprir minhas atividades, sempre saía andando pela cidade. Admirava as imagens clássicas da arquitetura dos lugares. Admirava o vai e vêm dos turistas, os ônibus vermelhos de dois andares, os estilosos taxis pretos. Admirava tudo.

Adorava vê-los indo para os museus maravilhosos, seus Pubs sempre movimentados. Vendo-os ir ao obrigatório roteiro real, para ver a *Abadia de Westminster* e conferir a troca de guarda de *Buckingham*.

Londres era definitivamente uma divertida mistura de tradição e maluquices. Era engraçado ver as pessoas acertando seus relógios ouvindo o badalar do *Big Ben*. Ou que faziam filas para irem ao *London Eye*, aquela enorme roda-gigante com cabines envidraçadas, que nos dava uma visão espetacular da cidade, do Parlamento e do Rio Tâmisa.

Mas assim como a viagem do *London Eye* tinha tempo para acabar, meu período de turista em Londres também acabou. Mas de alguma forma eu já conseguia me sentir um pouco parte dali. E eu meio que gostava disso.

Era fácil pensar assim na maior parte das vezes. Mas no restante do tempo eu sentia falta da Campavia. Sentia falta de cada um. Sentia falta da minha linda e louca família. Sentia falta *dele*. E às vezes eu me odiava por me sentir assim.

Não era como se eu não o tivesse visto mais. Na verdade mesmo quando eu tentava evitá-lo, eu acabava encontrando-o. Só que por mais difícil que ainda fosse vê-lo, de alguma maneira eu me sentia mais forte quando isso acontecia.

Eu não sei dizer se o que eu sinto por ele mudou ou se eu mudei. Talvez os dois. Mas agora eu apenas consigo agir em torno dele diferente de como eu agia antes, como uma tola apaixonada, embora eu ainda seja uma. E talvez isso esteja fazendo com que ele me olhe de uma maneira, digamos, diferente.

Só que definitivamente eu não havia sido a única que mudou nesses meses. Muita coisa aconteceu. Na verdade, parece que depois do casamento de Théo a “caixa de pandora” havia se aberto. Primeiro foi a notícia maravilhosa de saber que seria tia. E depois descobri uma

tia que eu não conhecia, Alisson. Ela morava em Londres também e durante anos esteve internada em uma clínica psiquiátrica por motivos desconhecidos. Até que uma bomba finalmente estourou dentro de nossas famílias.

Tia Alisson não era apenas tia Alisson, ela também era mãe biológica de Théo e foi quando eu descobri isso que muitas outras verdades que nossas famílias escondiam vieram à tona.

Agora havia uma enorme rachadura entre nós, porque Théo, Steph, Taddeo, Lourdes e até mesmo eu, que fui excluída injustamente da conversa, discordávamos de todas as mentiras que nos foram ditas. Se eu me sentia magoada com eles, não podia nem imaginar como Théo e Steph se sentiam, sendo eles aqueles que foram diretamente afetados por causa de todas as mentiras.

Era por isso que estava de volta à Campavia. De alguma forma ou de outra eu havia ficado abalada. Por isso havia tirado duas semanas de folga depois dos últimos acontecimentos e há três dias estava na mansão dos Valentino, nova moradia de Théo e Steph.

Hoje em especial havia sido um dia

particularmente difícil. Steph e Théo haviam convidado Igor até ali. E como se isso não fosse difícil o suficiente, eles haviam decidido que contariam a história para Igor, já que ele na verdade fazia parte da história, pois era primo de Stephanie.

Embora Igor tenha tomado um choque com o que ouviu, porque a história era definitivamente tensa, ele abraçou Steph para família como eu esperava que ele fizesse. Ele inclusive cogitou fazer uma nova repartição dos bens da família Carrara, juntamente com o tio deles, Evan, o que Steph rapidamente negou. E eu tive que rir com sua resposta quando ele ameaçou insistir:

— Igor Carrara, você pode até ser meu primo, mas com exceção de aceitar que eu seja sua prima, eu não quero mais nada dessa família. E se você insistir nessa ideia, juro que eu jogo ping pong com suas bolas e depois as dou para o cachorro comer.

— Ok, ok. Não está mais aqui quem falou. — ele disse amedrontado, porque não tem como não levar a sério as ameaças da Princesa Steph. Principalmente agora

com os hormônios da gravidez.

Só que por mais receptivo que Igor tenha se mostrado para com Steph e eu sabia que era sincero, também senti que de alguma forma toda essa história mais do que sórdida da sua família havia mexido com ele. E não de uma maneira boa. Pois quando ele saiu após o jantar, eu inevitavelmente me vi com o coração apertadinho.

Igor era uma pessoa sozinha. Há anos havia perdido sua família. E ainda assim a minha sempre foi mais a família dele do que a própria. Por isso eu sabia que ele não tinha ninguém para desabafar depois do que ele ouviu. Não com exceção das pessoas que estava no mesmo teto que eu. Por isso que me vi mais preocupada a cada minuto que passava.

— Vamos, amor. Você precisa descansar. — Théo falou para a mulher, depois de um tempo assistindo TV na sala de cinema.

— Não estou cansada. — minha cunhada resmungou.

— Ok. Vamos então tirar apenas um cochilo. —

Théo insistiu e Steph bufou.

— Cochilo? Desde que descobri que estou grávida, meu corpo parece não saber discernir entre cochilo e coma profundo. — fez beicinho, me fazendo rir.

— Se eu fizer uma massagem em seus pés, você muda de ideia?

— Se você acha que vai me fazer mudar de ideia por causa das suas mãos mágicas, você está completamente certo. — levantou do sofá e piscou para ele. — Te espero nua na cama, amor. — avisou, antes de sair correndo.

— Não corra, sua louca! — Théo repreendeu Steph, que apenas o ignorou.

— Ela não vai perder os bebês, Théo. — o lembrei. — Pare de ser tão super protetor.

— Impossível. — passou as mãos nos cabelos. — Jesus! Por que eu fui me casar com a mulher mais louca da face da Terra? — perguntou para si mesmo.

— Porque você a ama. — aponteí o óbvio e ele balançou a cabeça, antes de rir.

— E amo mesmo. Mesmo quando ela é louca.

Mesmo quando me acorda todas as noites para dizer que está com desejo de comer alguma coisa estranha no meu... — parou de falar o que diria e foi a minha vez de revirar os olhos, porque eu entendi muito bem o que ele diria.

Êca! Mas talvez preferisse não entender...

— Tudo bem, eu não estou nem um pouco interessada no que Steph faz ou deixa de fazer no pau do meu irmão, mas...

— Sem “mas”, nem “mais” e principalmente sem palavras que envolvam o órgão de qualquer pessoa para você. Esse não é o tipo de coisa que eu quero que a minha irmãzinha ouça ou muito menos fale. — me cortou.

Era sempre assim. Eu deveria ter me acostumado com isso, mas não conseguia. Não tinha nem mais vontade de discutir com ele ou Taddeo quando o assunto era essa super proteção exagerada dos dois. Ou essa mania irritante de me tratarem como uma criança. Eles deveriam ter se tocado que eu cresci.

— Você parece querer que eu me torne uma freira. — resmunguei e ele sorriu, como se eu tivesse dito a coisa certa.

— Exatamente isso, meu doce. Por que você não se torna uma noviça? O hábito realçaria seus belos olhos.

— bufei.

Nem me dei ao trabalho de responder, apenas lhe dei meu melhor olhar irritado e voltei a leitura do livro que estava lendo desde a noite passada. Se ele soubesse o tipo de livro que eu estava lendo, certamente surtaria e jogaria na lareira.

— Você não vai subir para dormir? — perguntou, quando continuei a ignorá-lo.

— Não agora. Vou ler um pouco e depois subo. — respondi, sem tirar os olhos do livro. Estava chegando em uma cena absolutamente interessante.

— Tudo bem. Boa noite, meu doce. — ele beijou minha testa e acrescentou: — Eu já vou, porque você a conhece. Steph com certeza está a minha espera, exatamente como prometeu. — se virou para sair e continuou a falar baixinho, achando que eu não ouviria: — Que Deus me ajude! *Alexandre*, meu filho, força aí! Nada de “invasões” para você!

Foi a minha vez de rir baixinho, tentando

controlar a gargalhada que ameaçava sair da minha boca por ouvir meu irmão conversando com o próprio pau. Um pau que ele ainda por cima havia colocado um nome.

Podia ser mais louco?

Podia sim. Podia quando ele aparentemente também havia colocado nome na “coisa” da esposa. Eu realmente não gostaria de saber esse tipo de informação, mas Stephanne é uma pessoa absolutamente sem filtros. Ela normalmente não tem freio, principalmente quando o assunto era sexo. Ela definitivamente não segura a própria língua e fala tudo sem vergonha alguma.

Esqueci completamente o que estava lendo e comecei a gargalhar por causa dos meus pensamentos. Foi inevitável não me pegar escolhendo um nome para a “minha”. Como não conseguia pensar em nada que não me fizesse ter vontade de me mijar de tanto rir, comecei a procurar no *Google* por nomes para ela e descobri que os meus nomes eram fichinha diante as gargalhadas e lágrimas que dei lendo-os.

A dois dedos do cu. Abridor de caralho. Aconchego de piroca. A do ponto G. Aeroporto. Aguenta

toco. Anel de veludo. Área VIP. Bagdá, toda hora entra um míssil. Barraca do amor. Chechereca.

Esses eram os nomes mais sutis que eu encontrei. E olha que eu só cheguei à letra C, porque aparentemente tem nomes com todas as letras do alfabeto. Mas nada se comparou a um determinado apelido para mim.

— Aqui senhoras e senhores, temos um pau. Agora, *Abracadabra*, não temos mais! — brinquei, antes de cair na gargalhada sozinha.

Fiquei mais um tempo rindo dessas besteiras, antes de finalmente voltar para o meu livro. Depois que Lourdes me apresentou *Cinquenta tons de Cinza*, eu havia ficado viciada em livros eróticos. Já que eu não tinha alguém para realizar minhas fantasias e torná-las reais, inclusive no que depender dos meus irmãos, pois por eles eu jamais teria, então me restava sonhar com meus *boys* literários.



Não sei em que momento peguei no sono. Só sei que em uma hora estava lendo o livro de um CEO e no

instante seguinte esse CEO havia se transformado em Igor e eu na mocinha da história.

“Só um momento, Eva”, Cross disse suavemente, puxando-me de volta pelo cotovelo. “Daqui a pouco ela desce”, ele informou para Mark quando a porta do elevador se fechou diante de seu rosto atônito.

Cross – Ou Igor, não disse nada enquanto o elevador ainda estava por perto; depois acionou novamente o botão e em seguida perguntou: “Você está dormindo com alguém?”.

A pergunta foi feita de maneira tão casual que eu demorei um pouco para registrar o que ele havia dito.

Inspirei profundamente. “Por que está me perguntando isso?”

Vi no seu olhar a mesma coisa que havia notado da primeira vez em que nos encontramos — uma energia absurda e um controle absoluto sobre mim. O que me fez dar um passo para trás involuntariamente. De novo. Pelo menos dessa vez eu não caí; já era alguma coisa.

“Porque eu quero comer você, Eva. Então preciso saber se existe alguém atrapalhando meus

planos.”

— Mas que droga! — resmunguei, despertando do meu sonho a contra gosto. — Onde você se meteu? — perguntei alto para o telefone que insistia em tocar.

Eu estava frustrada por ter tido meu sonho interrompido. Pois pelo menos em meu sonho Igor estava perto de realizar minhas fantasias. Sonho esse que foi devidamente frustrado por esse telefone idiota que continuava tocando insistentemente.

Depois de um tempo eu finalmente descobri que o aparelho estava embaixo da minha bunda. Peguei-o na mão e o aparelho vibrou, antes de retornar a tocar.

— Como eu não o senti embaixo de mim? — perguntei olhando para ele.

O aparelho era de Théo. Eu olhei para tela e vi um número desconhecido chamando. O relógio já marcava mais de três da manhã e pensando ser alguma coisa importante, resolvi atender. — Alô?

— Théo? — a voz confusa e enrolada do outro lado da linha perguntou.

— Igor? — perguntei ainda achando que poderia ser uma pegadinha do meu sonho.

— Anabella? — sua voz agora saiu ainda mais embotada. — É ela! Ela está ao telefone comigo! Acho que liguei para ela por engano. — ele disse para alguém e riu.

— Igor? Sou eu! Com quem você está falando? — perguntei ficando preocupada.

— Ela está preocupada comigo. Talvez até com ciúmes. — Ele falou com a pessoa que estava do seu lado e riu novamente, antes de me responder: — Estou com um amigo. Como é mesmo seu nome? — voltou a perguntar.

— Joseph. — a pessoa falou.

— Sim. Joseph. O nome dele é Joseph. Nós somos grandes amigos. Grandes amigos. — diz, sua voz enrolando mais a cada sílaba dita.

— Igor, quem diabos é Joseph? Onde você está? — me vi perguntando, porque essa conversa estava me deixando cada vez mais preocupada.

— Onde nós estamos? Ela está brava! Ela fica ainda mais linda brava! — ele disse rindo ainda mais.

Eu com certeza teria adorado ouvir isso em outro momento, mas não agora que eu estava tão preocupada com a sua bebedeira.

— Me deixa falar com ela. — uma voz ao fundo falou, e Igor pareceu passar o aparelho. — Boa noite, desculpe incomodar, senhora. Mas eu precisava ajudar o Doutor. — explicou.

— Não se preocupe com isso. — Eu agradei. — Você poderia dizer-me onde estão? — perguntei.

— Sim, senhora. — Concordou e enquanto ele dizia as coordenadas de onde encontrá-los, eu anotava o endereço em um pedaço de jornal em que Théo estava fazendo as palavras cruzadas após o jantar.

— Anotei. Estou indo aí. O senhor poderia, por favor, segurá-lo para mim até que eu chegue? Prometo que não demoro a chegar. — pedi.

— Tudo bem, senhora. O doutor está seguro comigo. — garantiu.

Apenas depois de desligar o telefone que eu me dei conta que não sabia como poderia ir buscá-lo. Eu daria um jeito. Não poderia deixá-lo desse jeito. Não me

perdoaria se eu fizesse isso.

Só não esperava que na manhã seguinte me arrependesse.



Não foi uma tarefa muito fácil sair da mansão dos Valentino em plena madrugada. Meu irmão havia ficado um pouco obcecado com segurança depois de tudo que descobriu e eu meio que tive que sair fugida com seu carro, depois de comprar o silêncio de um dos seguranças.

Apesar de ter carteira desde os dezesseis, eu não costumava dirigir muito, acabava sempre usando o motorista da família para me levar aos poucos lugares onde eu queria ir. Em Londres, o campus ficava próximo do meu apartamento, por isso ia andando, mas quando eu ia um pouco mais longe, era adepta ao metrô. Então era definitivamente estranho para mim dirigir um V8, que aparentemente valia mais do que eu tinha em minha conta bancária e que meu irmão tratava como um filho.

Sim. Eu acho que eu estaria um pouco

encrencada se ele soubesse que peguei o seu “bebê”!

Colocar o endereço que o tal Joseph me deu no GPS, foi mais fácil do que me encontrar no mundaréu de botões que aquele carro tinha.

— Meu Deus! Por que tantos botões assim? — perguntei em voz alta, antes de finalmente conseguir fazer o carro funcionar.

Como era madrugada, não demorei muito a chegar ao meu destino. O lugar ficava no subúrbio de Bellini, próximo ao antigo porto da cidade. O bar estava cheio de pessoas, que aparentemente haviam me notado no momento em que passei pela porta. Tentei não me intimidar com os olhares e segui adiante, procurando por Igor ao meu redor, mas eu não o encontrava em lugar algum. Confirmei no GPS do meu celular se estava no lugar certo e estava. Mas nada dele ali.

— Olha, é a pequena Bella. Acho que meu anjo veio me salvar.

Toda minha pele se arrepiou quando ouvi sua voz e seu hálito quente contra a minha orelha. Sua voz embriagada não diminuiu em nada o efeito que ele me

causava. Muito pelo contrário. Foi difícil não me recordar do sonho que ele mesmo interrompera quando me ligou mais cedo.

Às vezes eu me odiava por ser tão sensível quando o assunto era ele. Só eu sabia o quanto ele havia me magoado nos últimos meses. O quanto ele propositalmente tem esfregado as mulheres na minha cara, como uma forma tosca de me provar que ele não se importa comigo. Mas isso não parecia capaz de me fazer parar.

Eu tinha que me lembrar que eu havia ido embora por causa de Igor Carrara. Tinha que me lembrar que não poderia deixar que ele me atingisse mais do que já fazia. Tinha que me lembrar que ele insistia em dizer que não era homem para mim.

Igor parece ter achado divertida minha reação a ele, porque riu baixinho e acariciou minhas costas, me deixando ainda mais ciente da sua presença e ainda mais mole por ele do que já me vi. Por isso me afastei. Eu precisava me manter longe para não sucumbir aos meus desejos por ele.

— Fugindo de mim, anjo? — o tom de malícia de sua voz não passou despercebido por mim.

— Não. Vim apenas tirar seu rabo bêbado daqui. — falei, tentando me manter firme.

Juntando todo meu autocontrole, me virei para encará-lo. Um Igor muito bêbado estava sorrindo para mim. Seu sorriso malicioso já fazia parte de quem ele era, mas agora parecia estar ainda mais intenso.

Merda! Isso seria difícil!

Tinha apenas que continuar firme em me manter forte e lembrar que ele não me vê como nada mais do que a irmãzinha inocente de seu melhor amigo. Pensando nisso, me vi como naqueles velhos clichês dos livros de romance que eu havia ficado viciada em ler, em que a irmã mais nova se apaixona pelo melhor amigo safado do seu irmão. Aquele velho clichê que definitivamente não fazia diferença para ele, porque não mudaria em nada sua posição diante nossa situação. O que me restava era não ser tão ridícula como eu era quando se tratava dele.

— Eu vim te levar para casa. — reiterei, tentando soar firme.

Igor levou sua caneca de chope aos seus lábios e tomou um gole, mantendo seus olhos ardentes sobre mim.

— Estava com saudades?

Eu estava? Não, eu estava apenas preocupada com ele. Ok. Isso era mentira. Ele sabia que sim, que eu estava. Mas eu não precisava inflamar seu ego já inflamado. Eu não precisava que ele continuasse a se divertir com minha paixão por ele. Por isso me afastei ainda mais e cruzei meus braços, mostrando que eu não estava muito para brincadeira. Talvez isso o fizesse entender que ele não era dono do mundo.

Sempre fui tímida. Até mesmo gaguejava quando tinha que falar com ele. E as únicas vezes em que decidi ser direta, ele apenas me disse que seria um erro se nos envolvêssemos. Mas por mais forte que eu tenha decidido ser em torno dele, isso não me impedia de me sentir temerosa em deixá-lo perceber que eu ainda fechava os olhos à noite e relembrava do nosso único beijo. Ou pior, que eu sonhava com ele fazendo muitas coisas pervertidas comigo, assim como os homens dos meus livros faziam com suas mocinhas.

— Merda, Bella! Por que toda vez que eu vejo você, parece ser mais difícil manter meu controle? — Ele perguntou em uma voz baixa e enrolada, que ainda assim não me passou despercebido a rouquidão ainda maior nela.

Seus olhos se fixaram em meus seios e ele parece ter encontrado algo realmente interessante ali, porque pude ver claramente ele lambe seus lábios. Eu usava uma blusa branca decotada e como eu não tinha seios grandes, havia aderido ao uso do sutiã com bojo depois que Steph me comprou meia dúzia deles e me ameaçou para que eu os usasse. Ela disse que meus seios eram lindos e mereciam ser valorizados.

Agora vendo-o parecer estar babando por eles, eu devo concordar que talvez ela tenha razão quanto a isso também.

— Por que seus seios parecem maiores? — ele perguntou, como se não estivesse perguntando nada demais.

O que? Ele perguntou mesmo isso?

Não sei se eu gostava desse novo Igor falante e

direto. Era uma coisa importante saber que ele estava realmente olhando para mim. Ou para eles, mas como meus seios eram uma parte de mim, então ele estava de alguma maneira olhando para mim. Mas ainda assim era estranho e novo para mim.

— Desculpe, foi você com quem falei ao telefone? — uma pessoa interrompeu nossa pequena interação e eu agradeci por isso.

— Sim. Joseph, não? — me vi forçada a olhar para ele e sorri para o senhor simpático e humilde na casa dos cinquenta.

— Sim. Eu mesmo. Você deve ser a senhorita Anabella. Ouvi muito falar de você. — ele sorriu.

Eu fiquei curiosa para saber o que ele havia ouvido falar sobre mim, principalmente porque obviamente quem havia falado sobre mim havia sido Igor. Mas eu apenas me limitei a dizer:

— Obrigada por cuidar dele.

— Ele é meu amigo. — Igor falou, abraçando-o.

— Sim. Sei. — decidi não discutir. — O senhor me ajudaria a colocá-lo no carro? — perguntei para ele.

— Claro. Vamos lá, amigo. — ele disse para Igor que bebeu o restante da sua caneca de chope antes de se deixar ser conduzido.

— Que Deus me ajude! — murmurei para mim mesma.



Eu tinha ido poucas vezes até ali, mas a cada vez que eu ia, achava a mansão de Niápolis realmente intimidadora. Mas nessa madrugada em especial, ela parecia ainda mais intimidadora do que era sob a luz do luar. Era uma propriedade enorme, que chegava até mesmo a ser maior que a mansão da minha família, mas o lado obscuro que ela parecia ter definitivamente combinava com a história mórbida que aquela família carregava.

Parecia até mesmo aquelas mansões mal assombradas que vemos nos filmes. Sério. Não sei como Igor conseguia morar em um local como esse. Ainda mais sozinho. Eu acho que eu teria pesadelos toda noite em seu lugar.

— Vamos lá dentro. — eu falei, ajudando-o a sair do carro.

Igor se abaixou e colocou a cabeça em meu ombro, o que provavelmente lhe causará uma dor de coluna tremenda no dia seguinte por causa da minha altura. Eu podia sentir seu hálito quente em meu cangote, enquanto ele cantarolava uma canção que eu definitivamente não sabia identificar qual era.

Depois de um esforço tremendo, que eu não sei como conseguimos fazer sem cair, subimos a escada e ele me indicou onde ficava seu quarto. Ele ainda cantarolava a mesma canção enquanto eu entrava em seu quarto e o colocava deitado na enorme cama dele. Só que ele era tão grande e pesado, que acabou me levando junto com ele.

— Talvez eu tenha desejado que isso acontecesse e pela força do meu pensamento aconteceu. — ele disse e riu, fazendo-me ciente de cada parte do seu corpo embaixo do meu.

Eu sabia que deveria me levantar. Que já havia feito tudo que eu podia fazer para garantir que ele estivesse bem e chegasse em segurança em casa. Que

apenas deveria ir embora. Mas eu simplesmente não consegui.

— Você é linda. — ele sussurrou com uma intensidade forte no olhar.

— Obrigada. — eu respondi com a voz tentando soar normal, que foi traída pelo fato de que eu estava respirando um pouco mais rápido agora.

Igor aproximou ainda mais seu rosto do meu, diminuindo ainda mais a distância que nos separava. Seus olhos escuros estavam presos nos meus e como sempre eu me via hipnotizada quando se tratava dele.

— Talvez você ficar sozinha e especialmente em uma posição como essa, não seja muito inteligente, anjo. — Sua voz profunda me fez estremecer. — Ah merda, Bella, não faça isso. Não me deixe ficar assim com você.

Seu polegar roçou meus lábios, enquanto sua outra mão infiltrava-se dentro da minha blusa, fazendo-me tremer pelo seu toque.

— Eu bebi desde que saí da casa de Théo, anjo. E por mais bêbado que eu provavelmente esteja, não consigo pensar em mais nada do que ter você. Então você

precisa me fazer parar, porque eu com certeza não posso me parar quando é só isso que eu tenho pensado em fazer há meses. Não consigo deixar de pensar em ter você para mim.

Oh meu Deus! Ele está falando sério? Ele realmente me queria?

Soltei um pequeno gemido quando sua mão apertou-me contra ele e eu pude claramente sentir sua dureza pressionar-se contra mim. Igor continuou com seus olhos presos nos meus e eu não pude me conter, toquei em seu rosto bonito como eu quis fazer tantas vezes. Ele fechou os olhos e fez um pequeno som satisfeito com sua garganta. Como se ele estivesse ansiando pelo meu toque, como eu ansiava em fazê-lo.

— Bella, você é linda, anjo. Um anjo puro. Porra, e eu não sou o tipo de cara que você deveria deixar chegar tão perto. Eu não posso permitir que você se envolva com alguém que não merece você. Porque eu não mereço. — Sua voz era quase um sussurro agora.

Eu não entendia o que ele queria dizer sobre isso. Mas eu sabia que ele poderia estar falando isso apenas

por causa do álcool, pois eu podia ver em seu olhar vidrado, que ele tinha bebido muito. Que ele poderia não estar fazendo muito sentido agora.

— Eu cresci, Igor. Entenda isso de uma vez por todas. Eu posso decidir o que eu quero e quem eu quero. — eu respondi, movendo-me automaticamente contra ele, como se eu soubesse o que deveria fazer. E meu ato o fez fechar os olhos e gemer.

— Hmmm... Não faça isso, anjo. — uma mão parou meus movimentos ao puxar meu cabelo da nuca e foi a minha vez de gemer. — Meninas doces, com corpos pequenos, lindos, deliciosos e intocados como o seu, não devem atentar caras fodidos, que só podem dar uma foda quente a elas. Você merece mais do que isso, Anabella. Muito mais. Você merece ser adorada, amada.

Eu não me reconhecia nesse momento. Ouvir Igor Carrara dizendo aquilo com aqueles lábios carnudos, despertou um desejo forte nunca experimentado por mim outrora. Não era amor, nem paixão que eu sabia sentir por ele. Eu sabia que o nome disso era apenas um: tesão.

Um tesão descontrolado, daquele que deixava de

lado qualquer sensatez. Daquele que não se importava com mais nada além do agora. Eu apenas queria isso e amava saber que ele queria também, apesar de estar tentando ser nobre comigo por mais bêbado que estivesse.

Igor era um cara incrivelmente lindo. Ele sempre foi. Olhos castanhos escuros, cílios longos, uma boca carnuda com aquele sinal no canto dela, que o deixava com uma cara ainda mais safada. Tudo isso em um rosto esculpido e, ainda por cima, em um corpo incrivelmente espetacular, fazia com que ele se tornasse um pacote totalmente letal para qualquer pessoa.

E ele era definitivamente letal contra mim. Eu tinha ciência disso. Mas eu não me importava com isso agora. Eu deixava para pensar nisso depois.

— Talvez eu não me importe e queira exatamente isso. — eu disse, mesmo sabendo que estava mentindo.

Naquele momento eu não me importava com mais nada. Eu o conhecia. Sabia que ele era um cachorro. Um safado da pior categoria, que pega qualquer vadia e a tinha por uma noite. Nada mais. Mas hoje eu queria ser

essa garota. Queria que ele me visse como mulher, nem que para isso eu tivesse que ser como as vadias que ele pegava.

Igor mordeu levemente minha orelha, o que ocasionou um frisson em uma parte que estava incrivelmente úmida e que já latejava por ele.

— Você está dizendo que quer ser minha essa noite? — ele perguntou, com a voz afetada.

Essa e todas as outras!

— S-sim. — eu respondi, tentando não gaguejar e não estragar esse momento.

— Então eu vou lhe dar o que você quer e você jamais esquecerá essa noite. — ele disse, enquanto seus dentes gentilmente puxavam minha orelha.

Eu sabia que sim. Não. Eu tinha mais do que certeza que sim. Essa noite seria inesquecível para mim!

— Ok. — foi o que consegui dizer.

Eu não tive medo, nem dúvidas, eu queria que isso acontecesse. Todo esse tempo idealizando como seria estar com Igor Carrara, ficaria para trás. Todos os livros que li, me colocando no lugar da mocinha e tendo ele

como o mocinho, seria passado. Eu queria o homem real e eu o teria agora.

Ele trocou de posição comigo e eu levei um susto quando ele fez. Talvez não esperasse que alguém com o alto nível alcoólico dele tivesse reflexos tão rápidos. E eu acho que ele notou isso, porque seu sorriso malicioso morreu em seu rosto, quando um pingo de sensatez o atingiu quando ele perguntou:

— Você não está pensando em desistir agora, está? Porque se antes eu já estava louco para me enterrar em você, anjo, agora então não posso nem dizer a que nível cheguei.

Ele não esperou que eu respondesse, suas mãos apertaram minha cintura e ele logo as deslizou, antes de cobrir meus seios com elas, apertando-os. Em seguida, puxando minha blusa e meu sutiã para baixo, contemplou meus seios expostos.

— Caralho! Eles são ainda mais lindos do que eu imaginava. — ele murmurou, parecendo ainda mais embriagado enquanto os olhava e logo sua boca cobriu um mamilo, fazendo-me gemer.

Eu não estava respirando muito bem. Respirar parecia cada vez mais difícil a cada vez que Igor chupava meus seios e com as mãos tocava e apertava o outro. Eu queria que ele tocasse mais, queria que ele me desse mais. Que me desse tudo.

— Porra, anjo! — Igor rosnou, quando ele empurrou ainda mais seus quadris contra os meus.

Eu queria pedir alguma coisa, mas não sabia o que era. Igor então abaixou novamente, puxando um dos meus mamilos em sua boca e os chupou fortemente, antes de brincar com ele com sua língua. Ninguém além de mim havia me tocado ali. E agora ele apenas me deixou insana, fazendo com que uma umidade saísse da minha calcinha, enquanto eu chorava o seu nome de uma forma não tão voluntária.

— Puta que pariu! Eu preciso tirar suas roupas e enterrar logo meu pau na sua pequena boceta apertada. Preciso ter meu pau dentro de você, como se precisasse disso para viver. Você não pode fazer isso comigo, Bella. Não pode esperar que um cara se controle, quando se tem alguém tão doce como você em sua cama. Eu não sou forte

assim, anjo. Eu preciso foder você.

Ele ia me foder. Não era exatamente como eu havia idealizado por tanto tempo e muito menos era como eu queria que ele se referisse a isso quando finalmente acontecesse, mas Igor não era um cara que faria desse momento algo romântico. Eu sabia disso. Eu não podia criar expectativas quanto a isso. Mas eu apenas queria que isso acontecesse. Queria que isso fosse com ele.

Então não queria pensar no peso que suas palavras teriam. Ele só queria sentir prazer. Eu já havia entendido que com ele talvez não pudesse ter mais do que isso.

Igor então se levantou e como seu quarto estava todo escuro, eu mal podia vê-lo, mas eu sabia pela sombra de seus movimentos que ele estava tirando suas roupas. Primeiro se foi a camisa. Eu poderia não ver agora, mas eu sabia que ali embaixo havia um dos mais esplêndidos tanquinhos que a humanidade já viu.

Depois de tirar sua calça, ele retornou para mim, suas mãos logo me alcançaram e começaram a deslizar até o interior das coxas, e eu parei de me importar com

qualquer coisa que não fosse seu toque.

— Abra as pernas para mim, anjo.

A forma como sua voz rouca falou isso, apenas me atçou e eu logo me vi obedecendo. Rapidamente ele se desfez da minha saia e logo sua mão deslizou até a borda da minha calcinha, brincando comigo, provocando-me. Com um dedo, ele correu para o centro do meu calor, me fazendo gemer de necessidade.

— Você está tão molhada, anjo.

Sua voz rouca de aprovação e desejo aliviou qualquer dúvida ou constrangimento e timidez que eu poderia sentir nesse momento. Com uma agilidade impressionante, ele puxou minha calcinha para baixo antes de tirá-la por completo. Quando fez isso, pegou o pequeno pedaço de pano e cheirou-o

— Doce como você. Isso agora é meu.

Eu não tive tempo de questionar, pois logo seu corpo veio sobre o meu. A boca de Igor abaixou em direção a minha e ele beijou-me de uma forma faminta, que me fez esquecer do que estava prestes a acontecer. Eu não tive muito tempo para me preparar antes de ele

pressionar seu membro contra a minha entrada.

— Meu Deus! Você é tão quente e tão apertada, anjo. — Igor sussurrou, e seu corpo tremia em cima de mim, parecendo estar fazer uma tremenda força, ao mesmo tempo em que eu sentia uma dor aguda entre as minhas pernas. — Eu não vou poder me segurar por muito tempo, Bella. Foda-se... Eu não vou suportar muito.

Eu sabia que a dor nesse momento era inevitável. Não apenas os livros diziam isso, todas as minhas amigas me confirmaram também. Então eu não esperava que esse momento fosse memorável. Eu sabia que a dor viria e foi forte. Apertei forte em seu braço, precisando me segurar em alguma coisa, ela pareceu atingir todo meu corpo, fazendo-me gritar e me contrair debaixo dele.

Mas apesar disso, ainda assim não me impediu de prestar atenção em cada gesto seu. Igor estava xingando, enquanto deslizava seu membro dentro e fora de mim com cuidado. Seu rosto lindo repleto de prazer, ajudou com que a dor começasse a diminuir lentamente e não demorou para que eu sentisse meu primeiro tremor de prazer.

Eu não esperava sentir prazer na minha primeira

vez, achei que isso só aconteceria mais para frente. Mas pelo visto eu estava enganada. Logo meu corpo acompanhou seu ritmo e nos movimentávamos de uma forma que me fez gemer.

Eu era apenas o prazer. Apenas a sensação gostosa que ele me proporcionava. Algo grande e forte parecia estar sendo construído dentro de mim, enquanto o sentia ir e vir contra mim. E quando eu dei por mim, tudo parecia estar explodindo ao meu redor e eu sabia que estava tendo o primeiro orgasmo da minha vida.

— Oh meu Deus! — ofeguei, sem acreditar nas sensações que ainda me acometiam.

— Ahhh! Caralho! Puta merda! — Igor gritou, e seu corpo estremeceu em cima de mim, antes de seus lábios tomarem os meus em um beijo intenso.

Depois desse momento tão intenso que compartilhamos, eu esperava que seu beijo fosse exigente. Que fosse puramente carnal. Mas ao contrário disso, Igor me beijou com tanta ternura, que eu tive vontade de chorar. Era como se ele estivesse me saboreando. Como se ele estivesse me amando. Esse meu pensamento foi

ridículo, mas eu não pude evitar.

Enquanto sua língua entrava em minha boca e se enroscava com a minha, eu desejei com todas as minhas forças que fosse verdade. Que ele se sentisse um pouco como eu me sentia. Eu não queria perder isso. Queria mais. Então o beijei de volta tão descontroladamente e livremente quanto eu poderia. Tudo o que eu sentia por ele se intensificando ainda mais naquela cama.

Eu não tinha certeza exatamente o que tinha acontecido, apenas podia dizer que com certeza esse momento havia sido mágico para mim. Mas pela forma como ele havia gemido e como ainda reagia a mim, eu sabia que ele havia gostado.

Seus lábios desceram por minha pele, beijavam meu pescoço e vagorosamente seu membro deslizou para fora de mim. Gemi quando isso aconteceu, sentindo-me um pouco dolorida ali, mas não me importei. Eu faria tudo novamente e recomeçaria se ele quisesse. Estava pronta para ele.

Quando ele não se mexeu mais, ouvi um suspiro profundo de contentamento e ele logo começou a rressonar

baixinho, por isso eu soube que ele estava dormindo.

— Tão gostoso, anjo. — murmurou em seu sonho e eu me vi sorrindo.

Eu não queria me mexer para que ele não acordasse. Por isso embora ele pesasse uma tonelada, fiquei quietinha ali, não querendo acabar com esse momento. Sem conseguir acreditar que isso realmente havia acontecido com nós dois. Mas em algum momento ele saiu de cima de mim e me abraçou, só que quando isso aconteceu eu já estava sonhando. No sonho estávamos nós dois, balançando uma criança que eu não podia ver o rosto.



Um telefone começou a tocar, me despertando de um doce sonho. Abri os olhos e antes de olhar ao meu redor, me dei conta do peso que me prendia. Era Igor. Lembrei-me de tudo que fizemos horas atrás e automaticamente um sorriso brotou em meus lábios ao pensar no quanto era bom acordar assim com ele.

Embora eu não estivesse esperando um pedido de

casamento depois do que fizemos, eu sabia que algo havia acontecido entre nós. Ele não podia mais negar. Nós precisaríamos conversar quando ele acordasse. E faríamos isso, por isso me desvencilhei dele, levantei da cama e alcancei um roupão antes de pegar o telefone para não acordá-lo.

— Alô? — atendi, com a voz rouca de sono.

— Alô, Anabella?

— Sim. — segui até a porta que eu imaginava ser o banheiro, para falar sem que o despertasse e acertei, entrando em um banheiro descomunal de tão grande. — Quem fala? — perguntei.

— Bella, aqui é a Amelie, assistente do seu pai.

— Ah! Oi, Amelie. Está tudo bem? — perguntei preocupada, enquanto jogava uma água em meu rosto.

Eram raras as vezes que meu pai pedia que ela me ligasse. Normalmente ele fazia questão de fazer isso.

— Tudo sim. Desculpe incomodá-la a essa hora. Mas seu pai soube que você está aqui na Campavia e pediu que eu combinasse um café da manhã com ele. Será que você poderia vir até sua casa? — ela perguntou e eu

entreabri a porta do quarto, onde olhei para Igor que ainda dormia um sono tranquilo.

Eu amava meu pai. Ele sempre foi meu super-herói, aquele homem que eu amava e admirava acima de tudo. E embora eu estivesse chateada com as decisões que ele e o Rei Edward haviam tomado em relação a Théo e Steph, ele não havia deixado de ser meu pai por isso.

Como meus irmãos, meu pai ainda me tratava como a sua bonequinha. Havia sido uma facada para ele quando eu escolhi não seguir a carreira da família. Quando decidi ir embora então, ele havia sido contra, mas eu sabia que ele era ainda mais relutante contra isso, porque eu iria para longe dele. Ele definitivamente não me queria longe. Eu o entendia quanto a isso, mas eu também entendia que eu tinha que crescer.

Apesar disso, nós nunca havíamos ficado tanto tempo sem nos falar. E desde a bendita noite em que eles haviam contado toda a verdade para Théo e Steph que eu não falava mais com ele. Uma vez ou outra eu atendia a ligação de minha mãe e a vi rapidamente no dia que cheguei, mas eu havia recusado todas as ligações do meu

pai. Isso certamente o estava magoando.

Respirei fundo, sabendo que eu não poderia continuar fugindo dele para sempre. Que uma hora ou outra eu teria que encontrá-lo, afinal era meu pai. E sendo sincera comigo mesma, eu estava morrendo de saudades dele.

— Amelie, diga a meu pai que estarei aí em alguns minutos. — falei.

— Tudo bem, Senhorita. Obrigada e até daqui a pouco. — ela disse, com seu jeito pomposo de ser e eu revirei os olhos antes de desligar.

Olhando para Igor eu me perguntei novamente se era uma boa ideia sair antes que ele acordasse. Não queria que ele tivesse a impressão errada quando isso acontecesse, mas também sabia que provavelmente iria demorar para que ele despertasse depois de toda sua bebedeira.

Entrei rapidamente embaixo do chuveiro e tomei um banho quente, só agora me fazendo ciente das minhas partes doloridas por causa do que houve na noite passada. Ainda assim isso não me impediu de sorrir enquanto me

lembrava da noite incrível de ontem com Igor. Das suas mãos passeando em meu corpo, me apertando, só de lembrar um arrepio gostoso percorreu em meu corpo, me deixando pronta para outra, por mais dolorida que estivesse.

Minha primeira vez definitivamente havia sido diferente do que eu imaginava que seria. Mas nada disso importava, porque o que realmente era importante para mim, é que havia sido com Igor e eu o amava.

Depois de vestir novamente minha roupa usada, segui até a cama e deixei um beijo em seus lábios. Igor soltou um pequeno gemido que quase me fez voltar para cama. Mas ainda sorrindo, achei que fosse melhor ir logo para voltar o quanto antes para seus braços.



capítulo 4

MAIS DO QUE UMA RESSACA...

Igor

Acordei tonto. Tudo em mim doía e parecia latejar. Não me lembro de uma ressaca assim acho que nunca. Cada terminação nervosa do meu corpo parecia doer. E uma queimação forte em meu estômago me deixou enjoado. Acho que eu estava prestes a vomitar.

Tentei me sentar e depois de um esforço hercúleo, consegui fazer. Colocando a mão na cabeça em uma tentativa de que ela parasse de rodar, olhei ao meu redor

para deparar-me com a decoração escura e meio mórbida do meu quarto. Esforcei-me para tentar me lembrar o que havia acontecido para que eu me sentisse assim, mas simplesmente nada me veio à cabeça.

A última coisa que me lembrei, foi de ter saído da mansão dos Valentino, que era a nova moradia de Théo e Steph e depois disso seguir para um bar localizado no porto da cidade. Achei que estava reagindo bem com a notícia que eles jogaram sobre mim, mas além da vergonha e o nojo que senti ao ouvir tudo, acordar dessa maneira só provava que eu não havia reagido tão bem quanto imaginava.

Se eu já não soubesse do histórico familiar dos Carrara e como cruel eles poderiam ser, eu poderia duvidar do que ouvi. Só que eu já tinha tido provas suficientes em minha vida do que eles eram capazes, mas em nada diminuiu o horror de ouvir que existem pessoas capazes de fazerem o que fizeram e o pior, saber que em minhas veias corria esse mesmo sangue, de nada me confortava.

Não era só a vergonha. Era tudo. Não importava o

quanto eu tentasse apagar o estigma que era ser um Carrara, o carma de carregar esse sobrenome sempre seria maior do que qualquer um pode aguentar. Era um infortúnio que eu não desejava nem para meu pior inimigo.

Meio cambaleante, segui para o banheiro do meu quarto. Na pia, lavei meu rosto e quando novamente me vi prestes a vomitar, vasculhei o armário a procura de algo que pudesse tomar para aliviar essa ressaca, mas não encontrei nada.

— Você está uma merda, Igor Carrara. — afirmei, vendo meu reflexo pálido e até mesmo um pouco verde no espelho.

Enfiei-me embaixo do chuveiro e durante alguns minutos fiquei ali, tentando lavar para fora a ressaca descomunal que me assolava. Continuei a me esforçar para tentar recordar novamente do que houve e a única coisa que consegui me lembrar foi do local onde eu estava, de cervejas e depois de um corpo de mulher.

Deveria ter sido mais uma noite como outra qualquer. Mais uma noite normal, com uma mulher em

minha cama e nada mais. Não havia nada demais nisso, certo? Eu só havia bebido um pouco demais. Era isso que eu repetia para mim mesmo.

Fiquei debruçado com a cabeça embaixo d'água mais tempo do que o necessário e só saí dali quando senti meus dedos se enrugarem. Peguei meu roupão e vesti, minha cabeça estava tão confusa procurando respostas da noite passada, que jurava que havia até mesmo ter sentido o perfume doce de Anabella. O que de certo era impossível.

Olhei para minha cama bagunçada e os flashes de um corpo de mulher voltaram a pipocar em minha mente. Eu quase podia ouvir os gemidos de prazer, mas sacudi a cabeça e tentei esquecer aquilo, porque estava muito fraco para me esforçar mais do que me manter de pé respirando. Acho que se eu fizesse isso minha cabeça explodiria.

O telefone do meu quarto tocou e mesmo sem querer me esforcei a caminhar até lá e atendê-lo.

— Alô?

— Alô? Doutor Igor? — a voz feminina perguntou do outro lado da linha.

— Sim. — novamente senti o cheiro de Bella e eu estava começando a achar que estava um pouco fora de mim.

É certo que eu devo ter pego uma loira para tentar não apenas esquecer o que ouvi, mas também para compensar a que eu queria e não podia ter.

— Aqui é do hospital. O médico plantonista cardíaco teve um problema em casa e como o Dr. deixou claro que cobriria quem precisasse, estou ligando para perguntar se o senhor poderia fazer essa cirurgia em seu lugar.

Droga! Cirurgia agora?

— Cirurgia de que? — perguntei, apertando a ponte do meu nariz, meu lado médico falando mais alto do que o meu ressaqueado.

— De ponte de safena, Doutor.

Putz! Mexer com o coração de ressaca?

— Ok. — suspirei. — Quanto tempo tenho?

— Duas horas. Estamos fazendo mais alguns exames enquanto isso.

É, acho que consigo me recuperar até lá!

— Tudo bem. Estarei aí dentro do horário. Deixe tudo arrumado para mim. — falei antes de me despedir e desligar.

Eu amava minha profissão. Amava ser médico. E apesar de hoje também ser diretor do hospital, eu fazia questão de continuar atuando e não me limitava a ficar atrás de uma mesa, como costumavam fazer por puro comodismo.

Era certo que muitos achavam que eu era novo para estar à frente de um hospital e de fato era mesmo. Mas eu tinha ciência de que não haviam sido minhas generosas doações para o hospital que me colocaram nessa posição, era pelo meu trabalho e comprometimento com ele.

Comecei a frequentar o hospital muito cedo. Desde muito pequeno, eu não sabia muitas coisas, mas sabia que queria ser médico. Queria poder cuidar e ajudar as pessoas. Eu conhecia a vida ali. Via entre as idas e vindas dos médicos a experiência que eu precisava para seguir com o meu sonho de seguir essa profissão. E hoje tenho plena ciência de que meu conhecimento era maior

do que muitos.

Claro que eu também estudei muito para isso. Estava prestes a completar dezoito anos quando ganhei uma bolsa de Medicina em Cambridge. Lutei contra tudo e contra todos para poder ir e seguir com meu sonho, mas fui. Como eu não tinha apoio no início, trabalhei como barman à noite em um pub inglês, para poder ter minha renda e me sustentar lá. Era difícil conseguir dar conta, mas eu conseguia.

Quando Théo foi para Londres, eu fui morar com ele e por saber por alto da minha situação, ele não me deixava ajudá-lo com o aluguel. Como eu não estava em posição de ser orgulhoso, aceitei e acabei saindo do trabalho. Sempre fui um cara inteligente e eu tinha uma bolsa que comprovava isso. Na universidade, os alunos mais talentosos têm ainda a opção de intercalar os estudos clínicos com um projeto de pesquisa, o que levava à obtenção simultânea dos graus de *Bachelor of Surgery*, *Bachelor of Medicine* e PhD.

Só que infelizmente meu sonho de independência durou pouco e eu fui obrigado a voltar para casa antes de

concluir meus estudos lá. Segui meus estudos na Universidade da Campavia, que era tão boa quanto Cambridge. Cursei uma pós-graduação e uma especialização em conjunto com a graduação, onde eu pegava o máximo de matérias que podia para adiantar minha formação. E ainda consegui conciliar meus estudos com o estágio clínico no hospital. Então sim, eu era mais do que capaz e me garantia no que fazia.

Vesti-me como de costume e enquanto descia as escadas com um pouco mais de ânimo, comecei a planejar minha passada para fazer meu desjejum no *Buon Cafee*, uma cafeteria tradicional da Campavia e que tinha os donuts e bombas de chocolate mais gostosos que já provei. Acho que eu deveria considerar não apenas comer uma tonelada de glicose e tomar uma dose extraforte de café meio amargo, mas também tomar um pouco de café na veia para me curar dessa ressaca filha da puta.

A campainha tocou e eu estranhei a chegada de uma visita a essa hora da manhã, porque com exceção do meu tio Evan, que vinha pedir dinheiro uma vez ou outra, eu não costumava receber muitas visitas. Na verdade eu

preferia que fosse exatamente assim.

— Pode deixar que eu atendo. — tratei de gritar, porque os empregados dali pareciam surgir antes mesmo de você pensar em querer alguma coisa.

Abri a porta e minha boca abriu junto com ela, pois fui surpreendido com a presença de Anabella. *Ali, na minha casa.* Ela estava como sempre linda. Mas hoje algo parecia diferente nela, algo completamente novo e que me pegou de surpresa, pois fui atingido ainda mais forte pela sua presença.

Seus cabelos dourados pareciam refletir a luz do Sol. Seu corpo pequeno parecia ter se moldado ao seu vestido bonito e elegante que vestia, dando um ar ainda mais de mulher a ela. Eu sempre a achei linda, isso era indiscutível, mas desde que ela realmente cresceu e eu a notei como mulher, que não apenas sua beleza, mas algo em seus olhos e sorriso mexiam comigo sobremaneira.

E ela sorriu. E pronto, eu estava fodido!

Aquele seu sorriso tímido, meigo, charmoso, que balançava comigo em mais de um lugar. Se eu já me sentia fraco pela ressaca, agora ela parecia ser capaz de me pôr

de joelhos apenas sorrindo assim para mim.

— Oi. — ela rompeu o silêncio, suas bochechas rapidamente adquirindo um tom ainda mais rosado em sua pele branca.

— Oi. — foi o que consegui responder, porque definitivamente eu havia sido arrebatado por aquela visita.

— Er... Tro-trouxe café. — ela disse gaguejando, sua voz demonstrando sua insegurança por estar ali. Mas ainda assim ela estendeu um copo de café, que até então eu não havia reparado que ela segurava.

Como reparar com ela em minha frente? E como ela sabia que eu precisava?

— Co-como...

Que ótimo! Agora era eu quem gaguejava!

— Barão? — a voz da minha governanta interrompeu a pergunta que eu faria e ainda sem saber como reagir com a visita, me virei para encará-la.

— Sim, Donna? — perguntei impaciente, pois não importava quantas vezes eu a repreendesse por me chamar pelo meu título, ela insistia em me chamar assim e eu

odiava isso.

— Desculpe interromper, barão. — ela se virou para Bella. — Desculpe. Bom vê-la novamente, senhorita Caravaggio. — a cumprimentou e Bella apenas acenou, antes dela voltar sua atenção para mim. — Ligaram do hospital, me falaram que haviam falado com o senhor, mas houve uma complicação com o paciente e precisam que o Barão chegue o quanto antes para começar a cirurgia.

Merda!

Eu queria falar com Anabella. Não sei o que, mas eu queria. Queria saber o que havia acontecido para que ela fosse até ali, coisa que ela nunca havia feito antes. Queria poder ficar um pouco mais com ela. Talvez tomar um café, conversar bobagem, coisa que nunca tivemos oportunidade de fazer outrora. E olhando para ela, eu sabia que o desejo era mútuo, que ela queria estar comigo também.

Só que por mais que eu soubesse que isso era errado, que dar mais abertura para que ela entrasse em minha vida pudesse ser letal, eu tinha meu dever de médico a cumprir.

— Tudo bem, Donna. Estou indo. Pode ir. — me virei para Anabella e ela parecia estar engolindo em seco quando fiz. — Está tudo bem, Bella? Aconteceu alguma coisa para você vir até aqui? Aconteceu algo com Théo e Steph? Os bebês estão bem? — a atropelei com perguntas, porque fiquei realmente preocupado com sua reação.

— Não. — ela demorou a responder, mas parecia hesitante quando fez. — Er... Eu preciso ir. E-eu... Também tenho que ir, Igor.

Ela virou as costas e começou a andar rapidamente em direção ao carro de Théo, quase como se estivesse fugindo.

Eu estava perdendo alguma coisa?

— Bella? — chamei seu nome antes que fosse tarde demais.

Ela pareceu surpresa e até mesmo ansiosa quando eu fiz isso. Pensei em tantas coisas para dizer, mas eu sabia que também existiam coisas demais que me impediam de fazer isso.

— Obrigado pelo café. — foi o que pude dizer.

— Não precisa agradecer. Adeus, Igor. — ela

respondeu com um sorriso triste e eu juro tê-la visto limpar uma lágrima enquanto se afastava.

Novamente quis ir até ela. Mas não podia. Gostaria que as coisas fossem mais simples. Que eu pudesse dar a ela o que ela merece. Mas eu não podia. Isso me doía. Vê-la de se afastar, por mais que seja por pouco tempo, era doloroso. Eu tinha apenas que me acostumar com o que a vida teria de ser.

Só que hoje algo parecia ainda mais intenso em relação a ela. Algo parecia diferente entre nós dois e eu não saberia explicar o por quê.

Cacete! Por que estava sentindo meu coração doer tanto? Por que isso soou como uma despedida para mim?

Anabela

Arrasada. Com o coração despedaçado. Era exatamente assim que eu me sentia enquanto tentava me manter de pé e caminhar até o carro. Eu não quis olhar para trás. Não podia me trair. Pois se eu fizesse, eu desmoronaria na sua frente e eu não queria fazer isso. Não queria mais continuar a agir como uma tola apaixonada.

Onde eu estava com a cabeça quando achei que

ele agiria diferente por ter dormido comigo? Por que eu cheguei a cogitar que isso faria alguma diferença para nós dois, quando claramente eu não significava nada para ele?

Essas eram as perguntas que minha mente não parava de fazer enquanto as lágrimas molhavam meu rosto e tentava me segurar o máximo que podia e assim que entrei no carro, me permiti chorar e eu o fiz desesperadamente. Nada havia me feito chorar desse jeito. Nada tinha doído tanto quanto a dor que eu sentia por ele não se importar com o que houve.

Eu deveria saber que isso aconteceria. Não importava que ele estivesse bêbado e tivesse dito tudo aquilo que ele não tinha coragem de dizer sóbrio. Não importava. E saber que o que tivemos não significou para ele o que significou para mim, estava me matando.

Eu sabia que isso era porque eu o amava de verdade, sempre amei. Eu sabia que continuar a me sentir dessa maneira era irracional e absurdo, mas eu simplesmente não conseguia evitar, era assim que me sentia.

Controlei-me o suficiente para dirigir, pois não

queria ficar parada ali e lhe dar motivos para vir atrás de mim. Passei o caminho todo me dizendo que estava bem. Que nada disso poderia me abalar. Mas algo dentro de mim me dizia que não importava quanto tempo passasse, eu nunca esqueceria esse momento.

Não sei como consegui ver através das lágrimas, mas eu o fiz. Ainda era cedo. A mansão que meu irmão e minha cunhada moravam estava silenciosa. E eu sabia que apesar disso provavelmente Théo já estava acordado, mas com o problema de Stephanne, ele ficava com ela o máximo de tempo possível. Então segui para o quarto que estava dormindo, agradecendo por não ter ninguém ali para ver como eu estava.

Fechei a porta e me sentei na cama. Apertei meus joelhos e gritei o mais alto que pude, tentando aliviar a pressão crescente da dor que sentia em meu peito. A dor era realmente insuportável.

Eu estava devastada. Completamente destruída. Sentindo-me como uma idiota, pois eu conhecia muito bem Igor. Sabia o tipo de homem que ele era. Sabia como ele agia em torno das mulheres.

Como pude me deixar levar por ele? Como pude achar que isso mudaria?

Sentia-me uma bosta. Um verdadeiro nada. Eu deveria saber que não conseguiria levar adiante o fato de nada mudar entre nós. Deveria saber que não conseguiria separar as coisas entre nós. Eu havia me entregado a ele por completo, corpo, alma e coração. Nada disso havia significado para ele. Eu era apenas mais uma em sua cama. Havia sido apenas mais uma de muitas.

— Bella, você está aí? Está tudo bem? — Steph perguntou, batendo na porta com insistência.

Droga! Se eu lhe dissesse o que houve, eu a conhecia muito bem para saber que ela faria horrores com Igor!

— E-estou. — respondi com a voz trêmula e embargada.

— Você sabe que não tem que mentir para mim. Por favor, abra a porta! Me deixa conversar um pouco com você. — pediu.

Eu sabia que não podia negar seu pedido. Steph poderia ter muitos defeitos, mas uma coisa eu não poderia

negar: ela era uma amiga leal. Por isso respirei fundo, limpei meu rosto, levantei-me de onde estava sentada e abri a porta, antes de voltar rapidamente para cama. Assim que viu meu estado, Steph olhou-me com carinho e não disse nada, antes de abrir seus braços e me abraçar. Isso foi o suficiente para me fazer desabar novamente. Sem pensar duas vezes a abracei e continuei a chorar.

Ela acariciava com cuidado meu cabelo e não precisou dizer nada para me consolar. Na hora eu pensei em contar tudo, em dizer como eu me sentia pelo que houve, mas achei que era melhor não. Steph tinha perdido muito. Théo também. Igor era seu melhor amigo e primo dela. Eles não mereciam. Nem mesmo Igor merecia pagar por algo que foi uma escolha apenas minha.

Não sabia calcular quanto tempo ficamos ali abraçadas, só que assim que consegui me acalmar, me afastei e ela segurou meu rosto.

— O que houve, Bella? — perguntou obviamente preocupada.

— Nada, Steph. — menti.

— Nada? — me olhou com a sobrancelha erguida.

— Acho que está me escondendo alguma coisa. — acusou desconfiada.

— Não, Steph. É que eu estive com meu pai hoje. Foi um tanto complicado. — tentei melhorar a mentira com uma meia verdade, mas ela ainda me olhava com desconfiança.

— Vou fingir que acredito em você. Mas não importa o motivo, ninguém merece suas lágrimas. Se lembre disso. De qualquer maneira, você sabe que estou aqui se precisar, né? — concordei e me obriguei a sorrir, o que parecia quase impossível por causa de como eu me sentia. — Théo saiu. Mas disse que não vai demorar. — ela disse, mudando de assunto.

— Eu sei. Ele me ligou meio louco por eu ter pegado seu carro. — falei e agora eu tive que rir ao me lembrar de como ele surtou ao telefone comigo mais cedo.

— Você trouxe o “bebê” dele inteiro, né? Ele meio que tem trauma de outras pessoas dirigindo seu carro e confesso, sou a única culpada por isso. — disse rindo e eu revirei os olhos, porque lembro perfeitamente bem de quando ela achou que seria interessante bater com o carro

de Théo em um carvalho de mais de cem anos de idade.

— Não. Ele está inteiro. Sou uma menina responsável. — brinquei e ela riu.

— Responsável até demais. É bom perder a linha um pouco. — Piscou para mim e eu sabia que a alfinetada foi proposital. — Por que não toma um banho? Vai ajudar a relaxar. Meu Deus! Tenho que ir! Estou desejando desesperadamente uma rodela de abacaxi com leite em pó! — disse e eu ri.

— Acho que é isso que vou fazer. — respondi sem muito ânimo.

— Vou te esperar na mesa de café. Acho que Théo já deve estar chegando. Ele ligou a pouco dizendo que estava terminando de resolver algumas coisas e ia chamar Igor para vir tomar café. — sua afirmação me deixou sem saber o que fazer.

Igor? Não mesmo.

Eu definitivamente não estava pronta para encará-lo. Não sabia nem se conseguiria realmente encarar meu irmão, quanto mais Igor. Por isso apenas balancei a cabeça negativamente.

— Não estou com fome, depois do banho acho que vou dormir um pouco. Não dormi muito bem na noite passada.

Ou quase nada.

— Posso pedir para trazerem um café para você aqui. — ofereceu e eu neguei novamente.

— Não. Obrigada. Estou mesmo sem fome — insisti.

— Tudo bem — concordou. — Vai dormir um pouco. Vou aproveitar para resolver algumas coisas com Théo sobre nossa agenda. Seu irmão quer que a gente organize tudo para logo, para estarmos completamente livres no final da gravidez. Se precisar me chama. — fechei os olhos brevemente e assenti.

Assim que Steph saiu do quarto, tranquei a porta e segui direto para o banheiro. Tirei a roupa e entrei debaixo da ducha, fazendo questão de deixá-la bem quente. Ali embaixo daquela água, disse para mim mesma que estava lavando toda a minha tristeza.

Peguei uma esponja e derramei sabonete líquido em cima dela. Enquanto me lembrava do que houve na

noite passada, esfregava violentamente meu corpo com o intuito de tirar qualquer rastro dele que ainda poderia estar em mim. Tentando de alguma forma apagar o que havia acontecido, mas eu sabia não ser possível.

Fiquei quase uma hora no chuveiro e quando vi minha pele enrugada achei que era o suficiente, então depois de me enxugar, enrolei-me em um roupão e me joguei na cama.

Eu estava cansada, mas não conseguia pregar os olhos. Sabia que a noite passada havia sido um erro. Mas eu não podia culpá-lo por algo que foi da minha escolha. Depois de algum tempo embaixo da água eu achei que era seguro sair, mas fui burra ao pensar que toda dor ou ao menos parte dela tinha ido embora. Isso não tinha acontecido, a dor estava ali, ainda era latente e eu parecia não conseguir ser capaz de respirar sem senti-la.

Conforme achei que aconteceria, as lágrimas voltaram. Eu sabia que não deveria me sentir assim. Depositei minha cabeça no travesseiro, e ao invés das lágrimas diminuírem, elas só aumentavam. Eu queria parar, mas não conseguia. Sentia-me de mãos atadas. Cada

solução parecia uma faca afiada rasgando meu corpo, dilacerando meu coração. Fazendo-me chorar e sofrer de uma forma que eu achei que não fosse capaz.

Quando Igor propôs que ficássemos juntos, eu pensei em tantas coisas. Eu dizia saber onde estava me metendo, que sabia quem ele era e que estava feliz pelo que podia me dar. Mas isso não era verdade. Eu queria mais. Sempre quis mais.

Eu fui tão idiota em achar que isso mudaria as coisas entre nós dois e que no fundo ele realmente sentia algo por mim. Eu fui apenas burra e não podia culpá-lo por isso. Mais uma vez, essa foi apenas minha escolha. Ele não fez nada que eu não queria que ele fizesse. Eu quem fantasiei coisas que não existiam.

Como iria encará-lo depois disso?

Hoje de manhã eu já havia me humilhado o suficiente indo até lá. Precisava racionalizar a situação. Precisava deixar um pouco meu coração de lado. Precisava me blindar e não permitir ser magoada ainda mais.

Levantei-me e andei novamente até o banheiro,

onde lavei meu rosto e encarei meu rosto vermelho e abatido no espelho.

— Você não vai continuar assim, Anabella! Você é uma Caravaggio! Você é mais forte do que pensa! Vai enfrentar essa situação com a cabeça erguida. Que Igor Carrara vá para o inferno! Dessa vez é de verdade, não vou mais deixá-lo me magoar! Não vou! Acabou! A partir de hoje ele não existe mais para mim. — falei resoluta. — Acabou! — repeti mais uma vez e limpei as últimas lágrimas que eu jurei que derramaria por ele.

Saí do banheiro e voltei a me deitar. Queria dormir, mas não conseguia. Toda vez que as imagens da noite passada tentavam invadir minha mente, eu automaticamente pensava em outra coisa. Eu não quebraria minha promessa de ser fiel a mim mesma. Queria poder ter a escolha de arrancá-lo da minha mente e principalmente do meu coração, mas eu sabia que infelizmente isso seria impossível. Mas eu viveria minha vida e deixaria ele para trás.



Dormi um pouco mais do que esperava. Quando acordei, o relógio já marcava quase meio dia e sabia que tinha que sair dali. Foi difícil levantar. Mesmo assim me forcei a me colocar de pé. Segui até o banheiro e achei que outro banho poderia ser o que precisava.

Quando saí do chuveiro, me fitei no espelho e definitivamente não gostava do que via ali. Meu rosto estava mais pálido que o normal e ainda tinha uma olheira horrível. Eu não era muito de me maquiar, gostava do meu rosto ao natural, mas agora era realmente necessário e por isso peguei minha bolsinha de maquiagem. Terminei de me maquiar e vi que agora eu não parecia mais tão ruim. Depois de vestir minha roupa, desci.

Procurei por um ruído que indicasse onde eles estavam e ouvi alguma coisa vindo da sala de jantar e segui para lá. Respirei fundo antes de entrar no cômodo. Eu sabia que precisava me manter forte diante deles e por isso coloquei o sorriso mais falso do mundo e me fiz presente.

Théo e Steph estavam como sempre trocando carinhos. Eles eram uma coisa juntos e eu os adorava.

Sentia um pouco de inveja de como as coisas pareciam fáceis para eles como casal. Do quanto eles pareciam se encaixar bem juntos, apesar de serem tão diferentes entre si.

— Bom dia! — cumprimentei com uma alegria inexistente.

— Bom dia, meu doce. — meu irmão sorriu para mim.

— Vejo que acordou bem melhor — Stephanie disse notando meu “bom humor”.

— Nada como umas horinhas de sono para nos recompor. — respondi me sentando na cadeira perto de Théo.

Durante o almoço, eu consegui me manter constante e não me deixei levar pela dor que ainda me assolava. Na hora da sobremesa eu achei que era o melhor momento para falar sobre o que havia decidido um pouco antes de dormir

— Er... Então, eu vou voltar para Londres.

Theodore e Stephanie pararam imediatamente o que estavam fazendo e um silêncio sepulcral se seguiu

enquanto eles me olhavam chocados.

— Por quê? — Théo perguntou ao colocar o talher sobre a mesa, nitidamente tentando aparentar uma calma que ele estava longe de sentir.

— O que houve? Você não está sendo bem tratada aqui? Sua cama não é macia o suficiente? — Steph como sempre exagerada perguntou e eu juro que eu quase podia ver lágrimas em seus olhos.

Oi?

— Não! Não! Não é isso! — me apressei em dizer.

— Então por que você está indo embora? Que eu saiba você havia tirado duas semanas de folga. — Théo disse sem entender.

Droga! O que eu diria?

— E-Eu... Eu fui chamada para ficar no lugar de uma estagiária.

Essa foi a mentira que eu consegui pensar na hora. Mas eu provavelmente faria isso mesmo, voltaria para Londres e iria mergulhar de cabeça em cada trabalho que pudesse conseguir para tentar não pensar em tudo.

— Quando você vai? — Théo perguntou, após suspirar profundamente.

— Amanhã cedo. — tentei manter a naturalidade e voltei a minha sobremesa, porque Steph mantinha seu olhar fixo sobre mim.

— Mas já? — ele voltou a perguntar e eu me sentia cada vez mais envergonhada pela minha mentira.

— Er... Eu tenho algumas coisas para resolver na Universidade antes de começar o estágio.

— Tudo bem. Te levo ao aeroporto amanhã. Você precisa de alguma coisa? — Perguntou solícito e eu sorri aliviada por pelo menos ele estar aceitando o que eu disse, pois a loira continuava a me olhar com determinação e até mesmo desconfiança.

— Não. Está tudo bem.

— Você tem planos para essa tarde? — Agora foi a vez dela perguntar.

— Vou arrumar minhas coisas.

— Não. Você agora tem planos comigo. Vou ligar para Lourdes. Vamos ficar um tempo na piscina e depois faremos compras. — disse simplesmente.

Ela e Lourdes? Oh Não! Isso me cheirava a papo de mulher e interrogatório!

E eu definitivamente não estava preparada para isso agora.

— Acho melhor não, estou cansada e...

— Sem desculpas, Anabella Caravaggio! Você já está indo antes do tempo. Então tem de compensar isso com sua cunhada grávida. E de gêmeos. — apontou e pude ver Théo revirar os olhos. — Você pode estar cansada, mas nada melhor do que um tempo na piscina e depois uma tarde de compras. Traga o biquíni e sua autoestima. Prometo a você que nosso dia será maravilhoso.

Eu sabia que não adiantava ir de contra Stephanne di Montalcino Caravaggio, não apenas porque ela era uma princesa, mas porque ela sabia ser assustadora quando queria. E isso ela já era antes da gravidez, agora então seus hormônios estavam deixando-a um pouco mais louca do que o normal. Um pouco não, muito mesmo. Afinal não existe meios termos quando se trata dela. Tudo sempre é elevado à décima potencia quando o assunto era Steph. Por isso eu sabia também que eu deveria ter cuidado nas

próximas horas.

Concordei e pedi licença da mesa, antes de subir porque já que não tinha muita escolha, tinha de me arrumar. Quando saí do meu quarto e voltei a descer, Lourdes já nos aguardava na sala com sua barriga enorme na sala.

Que Deus me ajude a passar as próximas horas com elas!



Não foi fácil me esquivar da quantidade opressora de hormônios de Steph e Lourdes. Na verdade estar com as duas era como estar na *Faixa de Gaza*. E eu quase, quase me abri para elas, mas simplesmente não pude. Se eu fizesse isso com certeza ocasionaria um drama desnecessário e para mim já era suficiente a humilhação que eu mesma havia me feito passar.

A tarde na piscina ajudou a me distrair e as compras ainda mais. Decidi ser ainda mais ousada e comprei todas as roupas que as duas insistiram que eu comprasse e antes negava. No primeiro momento eu as

achava exageradas, mas com um segundo olhar eu podia ver diante de mim uma Anabella confiante e sexy. E bem, eu meio que gostava dela.

Eu sabia que já havia prometido para mim mesma antes que faria as coisas diferentes, que seria diferente, mas bastou que ele me desse um pingão de atenção para que eu mudasse e esquecesse qualquer promessa que eu havia feito. Mas agora seria diferente. Agora eu seria uma nova Anabella Caravaggio.

Igor

Uma coisa que eu não posso dizer com toda certeza, é que a rotina dentro de um hospital é tediosa. Porque está definitivamente longe disso. E não digo isso como diretor do hospital, digo isso especialmente por ser um médico extremamente ativo ali, estando sempre em busca de algo para fazer, pessoas para ajudar a melhorar.

E de certa forma, procurando motivos para postergar e até mesmo estender minha permanência dentro do ambiente hospitalar e o mais longe possível da minha vida.

Só que hoje havia sido um dia atípico. Eu havia passado quase o dia todo me vendo louco para ir para casa. Na verdade, eu havia passado o tempo todo pensando em uma certa loirinha com cara de anjo, sentindo uma necessidade de ir até ela e tentar entender o que estava sentindo e mais do que isso: entender o aperto que vinha sentindo em meu coração desde que ela saíra da minha casa.

Mas as coisas foram mais complicadas do que eu esperava hoje. A cirurgia do paciente foi mais complexa do que o previsto e ainda houve complicações durante ela. Quando finalmente saí algumas horas depois, fui logo chamado para atender outro paciente e não pude recusar. Resultado: Acabei passando todo o dia entre uma emergência e outra. Parecia que todo mundo havia tirado o dia para precisar de atendimento médico. E quando dei por mim, já eram nove da noite e finalmente dei meu dia por encerrado.

Eu estava exausto. Todo quebrado de cansaço e com dores no corpo causadas pela ressaca que parecia ter se instalado em meu ser, sem pressa para sair. Os litros de café que tomei de nada adiantaram, eu ainda me sentia uma merda. Segui direto para casa, precisava desesperadamente de um banho.

Durante todo o caminho fui pensando sobre Anabella e comecei a pensar que talvez ela estivesse ali por algum motivo. Talvez ela quisesse me dizer alguma coisa e acabei não dando abertura para que ela fizesse isso. Não podia esquecer a maneira que ela reagiu essa manhã. Como ela desviou o olhar do meu e abaixou a cabeça, fazendo com que o cabelo comprido e loiro caísse sobre seus ombros, antes dela caminhar rapidamente em direção ao carro, para longe de mim.

Eu não estava bem pela manhã e talvez não tenha tido tempo de reparar certas coisas, mas agora apesar do cansaço pude ver com mais clareza e estranhei quando vi uma mancha de sangue na minha pélvis.

Desliguei o chuveiro na hora e forcei minha vista para ver se havia me cortado, mas após esfregar o local

com água e sabão, percebi que minha pele não tinha nenhum machucado. Forcei minha mente, tentando novamente me lembrar de alguma coisa da noite passada, talvez de algum momento que tenha me machucado, mas nada me veio à mente.

Na verdade as cenas comigo na cama com outra mulher novamente me vieram à cabeça. Sem rosto. Apenas corpo, gemidos e mais nada.

— Eu devo estar ficando realmente louco! — voltei a ligar o chuveiro, me jogando em baixo da água propositalmente fria e esfreguei meu corpo sentindo-me meio débil por ter me sujeitado a tanta bebedeira.

Passei tempo demais pensando, tentando me esquecer disso e inevitavelmente voltei a pensar sobre Bella e novamente me assustei quando saí do chuveiro e vi que as horas haviam passado. Eram mais de dez da noite. Eu havia pensado em ir até ela e talvez conversar, mas simplesmente não poderia chegar a essa hora na casa de alguém, mesmo que esse alguém fosse meu melhor amigo.

Lamentei por isso. Pela primeira vez na vida

estava realmente pensando em ir até ela. Eu sabia que já havia prometido me afastar dela inúmeras vezes, que ela merecia mais de um homem do que um como eu que não poderia se dar por inteiro, mas as últimas descobertas sobre minha família me fizeram mais fraco, ao invés de me dar mais motivos para justificar meu afastamento dela.

Não sei por que motivo eu iria até ela, não sei na verdade o que eu faria quando isso acontecesse, apenas queria tentar entender o que estava acontecendo comigo. O que estava acontecendo com nós dois.

Há muito tempo eu tentava não ver Anabella com outros olhos, mas era difícil. Nos últimos meses eu tenho pensado em muitas formas que eu poderia fazê-la minha, mesmo sabendo que isso talvez seja impossível. E não adiantou de nada que ela tenha ido para Londres, ou que eu foda as mulheres pensando ser ela. Na verdade, as coisas só têm piorado porque visita após visita, Anabella parece estar mais diferente, mais mulher.

Não adianta, quando sentimos algo forte por alguém, podemos beijar quem for, levar qualquer uma para cama, fazer o que for para tentar esquecer esse

alguém. Mas quando deitamos para dormir é justamente em quem queremos esquecer que pensamos.

Venho sendo mais idiota que o normal, tentando de alguma maneira não apenas afastá-la de mim, como também tentar me afastar dela. Só que é difícil quando eu a vejo tão linda, sorrindo daquele modo angelical, mas ao mesmo tempo tão sexy.

Eu era um belo e estúpido idiota. Eu sabia. Mas ainda assim nada me impedia de ser ainda mais ao esfregar em sua cara o quanto eu não prestava. Eu fazia, dizia besteiras e não precisava e nem queria olhar para seus olhos para poder ver que eu a magoava ao fazer isso.

Eu tinha feito isso uma e outra vez. Tudo o que eu tinha que fazer para tentar nos manter longe eu fazia, era apenas melhor que eu ferisse seus sentimentos agora do que estragá-la para o resto da vida.

Eu me odiava a cada vez que eu fazia isso. Odiava-me a cada palavra cruel que dizia para ela, a cada mulher que eu insistia em esfregar em sua cara, mas eu fazia isso porque eu precisava que ela ficasse longe de mim. Ela não tinha ideia de quem eu realmente era.

Ninguém tinha.

A pessoa que eu mostrava ser, não existia. Eu era muitas coisas diferentes para muitas pessoas diferentes. Às vezes nem mesmo sabia mais quem eu era, o que eu sabia era da minha capacidade de magoar as pessoas, de feri-las. De trazer desgraça para vida das pessoas. A minha própria família, se é que posso realmente chamar assim, era a prova viva disso.

Eu precisava fazer assim. Precisava porque era o melhor para ela. Não importava o que eu sentia realmente. Bastava passar o dia fingindo que minha vida era de um perfeito garanhão e que nada mais importava para mim.

Só que pela primeira vez na vida eu não queria ser essa pessoa. Pela primeira vez na vida eu não me importava com isso. Agora eu não podia. Não conseguia. Agora o que eu sentia por ela e não sabia explicar o que era, apenas parecia ser mais forte do que minha razão que insistia em agir por mim sempre.

Decidi que no dia seguinte iria até ela. Não sabia o que diria quando a encontrasse, mas sabia que na hora que isso acontecesse saberia o que fazer. Só que minha

decisão de encontrá-la não ajudou em nada para que eu me acalmasse quando coloquei minha cabeça no travesseiro macio da minha cama. Muito pelo contrário.

Eu não podia ficar aqui. Eu precisava fazer alguma coisa para tentar limpar a minha mente, que me ajudasse a não pensar muito durante as próximas horas. Eu precisava bater em alguma coisa. De preferência com muita força antes que eu me perdesse.



Por mais cansado que eu estivesse do dia, da ressaca e do treino pesado que me forcei a ter até altas horas da madrugada, eu não havia conseguido pregar os olhos durante o restante da noite. Meu corpo estava exausto, mas meu cérebro simplesmente não desligava. E não ajudou em nada sentir meu peito cada vez mais apertado a medida que as horas passavam.

Os poucos minutos de sono que consegui ter, tive um sonho muito vívido com Anabella. As cenas com a mulher sem rosto que me lembrava, ganharam o rosto dela. Acordei suado e ofegante, sentindo cada parte de

mim a ponto de explodir e bem, eu meio que explodi mesmo. E mesmo após acordar, era apenas fechar os olhos para poder senti-la, sentir como era o gosto dela. Parecia quase real.

Como já havia acordado mesmo tomei um banho e como o Sol ainda não havia nascido segui até a academia que tinha em casa para mais uma sessão de treino, para tentar fazer o tempo passar mais rápido. Quando o dia realmente amanheceu, tomei outro banho e resolvi passar na cafeteria para comprar uns donuts, que eu sabia que a Bella amava.

Toquei a campainha da mansão de Théo antes das 7 da manhã. Eu sabia que provavelmente meu melhor amigo estava acordado, então teria que arranjar um motivo para justificar minha presença cedo ali. Fui recebido pela governanta, que abriu a porta para que eu entrasse.

— Barão, vossa alteza deu uma saída há pouco. Ele não deve demorar. — ela foi falando e eu ri, porque definitivamente não me acostumava com o novo tratamento que meu amigo, agora Príncipe, havia

recebido. — Fique à vontade. Vou chamar a Princesa para recebê-lo.

Ai merda!

Ok. Ver Stephanie a essa hora da manhã definitivamente não era algo que eu estava preparado para fazer. Na verdade, eu estava contando que ela estivesse dormindo, porque se antes ela já não era fã de acordar cedo, agora então com os hormônios da gravidez ela vivia reclamando por estar sempre com sono.

— Igor? — a voz de Stephanie não demorou a chegar. — Está tudo bem? — sua voz era de surpresa, porque apesar de frequentar os cafés da manhã na casa deles desde que eles ainda moravam no apartamento de Théo, eu certamente nunca havia vindo tão cedo antes.

— Oi, Steph. Como você está? E os bebês? — indaguei, voltando minha pergunta para ela.

— Tudo bem. — ela me cumprimentou com dois beijos e um abraço apertado, após colocar um prato com donuts na mesa lateral do sofá. — Tentei falar com você ontem. Te liguei, mandei mensagem e você não me retornou. — falou, parecendo não apenas preocupada, mas

também chateada.

— É. Me desculpe, mas perdi meu celular. E ontem o dia amanheceu com uma emergência no hospital. Passei o dia entre uma emergência e outra. — me senti culpado, porque depois que pedi que providenciassem um novo aparelho de telefone para mim, vi as notificações em meu celular e acabei deixando para responder depois, o que certamente não fiz.

— Entendo. Mas não faça mais isso. Estava a ponto de pedir a Théo para que mandasse o exército Campaviano atrás de você. — ela disse e eu sabia que ela realmente faria isso.

Steph então me olhou de forma profunda, como se me analisasse e eu acho que até mesmo corei.

— Tem certeza que está tudo bem? — insistiu.

— Sim. — me limitei a responder.

— Venha tomar café comigo, estou faminta. — saiu me puxando em direção a sala de jantar, durante todo o caminho fui olhando ao meu redor, procurando algum sinal dela ali, mas nada dela.

A mesa enorme já estava posta com várias

guloseimas para o desjejum, achei que talvez encontrasse quem eu queria ali, mas novamente Anabella não parecia estar em lugar algum da mansão.

— Você quer alguma bebida especial? —
Stephanne perguntou, quando nos sentamos.

— Não. Café está bom. — servi a xícara que estava em minha frente. — Onde Théo foi? — resolvi fazer uma pergunta segura.

— Foi levar a Bella ao aeroporto. — disse simplesmente e voltou a comer o que comia quando chegou à sala.

O que? Como assim?

— Como assim aeroporto? — minha voz saiu um pouco mais alta pela surpresa.

— Bella foi embora para Londres. — disse simplesmente.

— Ma-mas ela não ia ficar por mais alguns dias? — Perguntei, meu coração parecendo que ia saltar pela boca e ela deu de ombros.

— Foi alguma coisa sobre o estágio. — seu olhar desconfiado voltou, mas foi desviado pela caixa que eu

tinha na mão. — O que é isso com chocolate que você trouxe da cafeteria?

— Donuts de chocolate. — respondi.

— Meu nariz de grávida está apuradíssimo. Sinto as coisas de longe. — seu sorriso me disse que ela não estava falando apenas sobre o doce. — É o preferido da Bella, não é?

— Er... Er... É? Eu não sabia. Na verdade eu trouxe para você. — inventei, já passando a caixa para ela, que a abriu de bom grado.

— Hm... Amo os donuts de lá. — lambeu os lábios e logo começou a comê-lo. — Posso te fazer uma pergunta? — perguntou entre uma mordida e outra, eu apenas me limitei em concordar com a cabeça, sabia que contrariá-la poderia ser a última coisa que eu faria na minha vida. Mas isso não fez com que eu me sentisse menos ansioso e temeroso pelo que ela perguntaria: — Onde você foi depois que saiu daqui após o jantar?

Eu sabia que Stephanie estava me estudando. Era como se ela soubesse até mais do que eu. Só que eu também não sabia muito. Por isso achei que a verdade

seria a minha melhor opção.

— Não sei bem. Fui até um bar no Porto. Descobri isso porque uma das pessoas que trabalha para mim foi até o local pegar o carro que deixei lá. Mas a verdade é que não me lembro de muita coisa. Bebi demais. — admiti e Stephanie parou de comer.

— Você não lembra o que fez? — concordei. — Meu Deus! Você acha que foi drogado? — perguntou exagerada e eu neguei, tendo que rir.

— Não acho que isso tenha acontecido. Passei apenas do ponto. Devo ter levado alguma garota para casa, porque lembro de algo do tipo e o barman disse que saí acompanhado de lá, mas ela não estava lá quando acordei. O que eu agradeço, porque seria estranho acordar com alguém que eu não lembro nem mesmo de ter dormido. — confessei, mas eu não estava confortável com essa conversa.

Stephanne pareceu um pouco pensativa quando eu disse isso e quando eu ia perguntar a ela o que foi, ela apenas voltou a tomar seu café.

— Acho que você precisa de um cinto de

castidade. — repetiu o que sempre me dizia e eu ri, apesar de por dentro não me sentir nada bem.

— Talvez precise. — disse de mau humor.

— Meu Deus! Isso é tão bom! — ela disse, se referindo ao donuts. — Eu não sei o que seria da minha vida sem o açúcar e o chocolate, já que não posso fazer sexo, pelo menos eu tenho os dois! — disse com um bico irritado e eu me vi rindo com vontade pela primeira vez em dois dias.

Stephanne era assim, um poço de sinceridade. Ela não tinha filtros e falava mesmo o que pensava e o que queria dizer. Não era novidade para ninguém que ela e Théo trepavam que nem coelhos, mas por causa do deslocamento de placenta que ela apresentou há algumas semanas, o médico dela recomendou abstinência, o que certamente tem sido um pesadelo para ambos.

Mas Théo ao menos não expressa tanto o que sentia, já Steph não tinha vergonha de expor suas frustrações. Ela tem deixado meu melhor amigo em cada saia justa, que às vezes tenho até pena dele. Mas só às vezes, porque em 99% do tempo eu me divertia com isso.

— Perdi alguma coisa? — Théo entrou sorrindo e logo tratou de beijar sua esposa.

— Não, apenas sua esposa fazendo suas reclamações costumeiras. — eu disse. — E aí, cara? — cumprimentei meu amigo.

— E, aí? Não sabia que viria. Ia passar na sua casa antes de vim, mas achei melhor passar mais tarde. — se sentou na cabeceira da mesa. — Por que você sumiu ontem? — Perguntou em tom de acusação e novamente me senti culpado por deixá-los preocupados.

— Trabalho. Ontem não parei. Sinto muito. — eu estava sendo sincero.

— E a Bella, estava com uma cara melhor quando saiu? — Stephanie perguntou, me fazendo olhar de volta para ela.

Como assim cara melhor? O que houve com ela?

— Não. — Théo respondeu e bufou. — Aconteceu alguma coisa com ela. Tentei conversar com ela hoje. Achei que talvez nós dois sozinhos fizesse com que ela se sentisse à vontade para se abrir para mim, mas isso não aconteceu. Estou preocupado com ela. Na

verdade, insisti para que ela ficasse, que esquecesse essa história de estágio, mas ela disse apenas que precisa disso. — falou frustrado.

— Também tentei conversar com ela. Lourdes idem. Mas ela não se abriu para gente. Talvez a visita que ela fez a Alano tenha mexido com ela. — Stephanie disse, mas eu não sei se ela acreditava no que dizia.

— Talvez. — Théo disse apenas.

O telefone de Théo tocou e ele abriu um sorriso, antes de dizer:

— É ela. Oi, meu doce. — já atendeu em seguida e eu fiquei olhando para ele, esperando talvez que ela dissesse que havia desistido de ir.

Meu Deus! Eu devo estar ficando meio obcecado!

— Atrasou? Você tem certeza que não quer adiar essa viagem?

Não. Não viaje. Não viaje! Adie!

Eu repetia para mim mesmo. Meu coração batendo disparado, esperando uma resposta positiva.

— Tudo bem. Se você mudar de ideia me avise.

Ligue quando chegar. — E desligou.

Ela não ficou. Ela preferiu ir.

— O voo da Bella atrasou? — Stephanie que parecia tão atenta quanto eu perguntou.

— Sim. Londres está sem teto para pousos e decolagens. Muita neblina essa manhã. Adiaram por pelo menos mais uma hora. — disse carrancudo.

— Eu preciso ir. — me levantei de uma vez. — Lembrei-me agora que tenho uma consulta com um paciente. Obrigado pelo café. Vejo vocês mais tarde.

Não me despedi como deveria. Não tinha tempo para isso. Eu apenas corri. Não queria pensar no que estava fazendo, apenas segui o que achava que deveria fazer agora. Quando cheguei ao carro, liguei o motor e acelerei. Não me importei em estar quebrando algumas leis de trânsito. Não me importei com as consequências que viriam diante minha decisão. Passado, família, nada.

Foda-se! Não me importava com mais nada naquele momento!

Eu apenas sabia que precisava chegar lá. Eu precisava fazer o que eu não havia feito da última vez: Eu

precisava correr atrás dela. Dessa vez não podia deixá-la ir!



capítulo 5

HORA DE SEGUIR, HORA DE VOLTAR...

Anabela

Eu havia decidido que a história que não tivemos havia acabado ali. Eu sabia que não podia mais continuar tentando mudar as coisas entre nós. Não podia fazê-lo me enxergar diferente, nem depois do que houve. Não

importava realmente o que havia acontecido, Igor sempre agiria como se eu fosse a irmãzinha do seu melhor amigo e como se não tivesse tirado minha virgindade. Estava claro para mim, eu definitivamente não era e nunca seria alguém importante para ele.

Continuar em Bellini era estar perto dele e só daria munição para que ele me machucasse mais e mais. Quando entrei no avião acompanhada por Victor, decidi que isso seria passado, que tudo o que houve ficaria para trás. Eu apenas seguiria em frente a partir dali. E é o que venho fazendo desde então.

Terminei meu curso de especialização em urgência e emergência e decidi começar outro, postergando minha permanência em Londres por mais alguns meses. Meus pais não ficaram muito felizes, mas como eu já estava ali não havia muito mais a ser feito a não ser aceitar.

O estágio estava sendo maravilhoso e a cada dia me via ainda mais apaixonada pela profissão que eu havia escolhido e agora também era apaixonada pela minha própria vida.

Quando me mudei para Londres, preferi não morar com vovó Antonella, mãe do meu pai, porque além da sua casa ser mais distante e ela estar acostumada a viver sozinha, eu queria aprender a viver sozinha também. Por isso eu morava em um apartamento enorme próximo ao campus, que pertencia à minha família.

Algum tempo depois que voltei para Londres, a meia-irmã de Lourdes, Charlotte, se mudou para lá para terminar seu curso de moda e morava em um estúdio do tamanho do meu banheiro, em que ainda por cima dividia com mais três pessoas. Nós havíamos nos tornado boas amigas, sempre passávamos nossos tempos livres juntas e eu acabei chamando-a para dividir o apartamento comigo.

No início ela negou, dizendo não ter como pagar, mas eu insisti e como seu dinheiro era apertado, ela moraria bem perto do campus da faculdade e com isso economizaria também a grana que gastava para assistir as aulas, então acabou aceitando.

Nas horas vagas, saía com ela, Victor e outros amigos que havíamos feito em Londres. Como todos nós trabalhávamos durante a semana e Victor tinha um

restaurante, acabávamos fazendo programas mais leves, como um filme em casa, bebidas e aperitivos deliciosos. Mas vez ou outra, quando o corpo permitia, íamos para alguma balada.

Só que hoje definitivamente não era o dia. Como estava na reta final do curso, meu estágio estava exigindo um pouco mais de mim agora e havia passado 12h na correria do hospital hoje. Exatamente por isso que havia negado sair com meus amigos, que essa noite estavam indo para uma festa no campus.

— Tem certeza que não quer ir? — Charlie pergunta pela milionésima vez, balançando seus longos cabelos ondulados e castanhos.

Ela estava usando uma calça de couro justa e uma blusa cropped de frente única também na cor preta. Estava linda. Na verdade, eu a achava linda e os homens também, porque ela definitivamente fazia sucesso com o sexo masculino. Eu adorava seu senso de estilo, sexy e ao mesmo tempo único. Não era a toa que ela fazia faculdade de moda, pois ela realmente arrasava. Tanto que agora ela era responsável pelo guarda roupa real, pois cuidava da

Princesa Steph e da sua irmã, a Rainha Lourdes.

A roupa que ela usava agora destacava bem sua altura e corpo curvilíneo. Sua maquiagem era bem marcante e o gloss molhado apesar de claro, apenas parecia realçar seus lábios grossos, que eu achava lindo. Ela não tinha vergonha de ser quem era. Era apenas ela e eu adorava sua autenticidade. Ao contrário do que achavam quando a viam pela primeira vista, ela era um amor de pessoa, engraçada, muito simpática e carinhosa com todos e principalmente com seus irmãos.

— Absoluta. Estou quebrada. — falei confirmando. — Além do mais, Victor disse que talvez viesse mais tarde após fechar o restaurante.

— Sei. — riu maliciosa.

Charlie havia cismado que Victor estava a fim de mim. Eu negava, dizia que não. Porque não entrava na minha cabeça que um homem lindo como Victor poderia querer com uma mulher como eu. Tudo bem que eu vinha trabalhando minha autoestima nos últimos meses, mas ser solteira não era uma coisa fácil quando se é jovem. Especialmente quando não se tem uma experiência quase

nula como eu.

Às vezes eu me sentia um pouco deslocada em relação aos meus amigos. Até cheguei a pensar em ficar com alguns garotos quando saíamos, mas eu apenas não conseguia. Sabia que não adiantava forçar a barra. Quando finalmente encontrasse alguém que quisesse ficar, eu não hesitaria. Então tentava não ficar tão encanada quanto a isso.

E também não tentava pensar muito sobre Victor, porque acho que se ele realmente quisesse ter alguma coisa comigo, já teria tomado alguma atitude afinal de contas.

— Lá vem você. — revirei os olhos.

— Tá bom, gata. Espere e verá. Se divirta com sua maratona de *House*. Beijos. — disse, já saindo em seguida.

Não dei muita importância, Charlie tinha uma tendência de exagerar às vezes. Então voltei meu olhar para a televisão. Já havia assistido a série umas vinte vezes, mas amava e não me cansava dela. Só que hoje eu observava as cenas sem interesse, quase dormindo no sofá

e foi quando dei um cochilo que a campainha começou a tocar.

— Já vai. — Gritei, me levantando do sofá confortável e me livrando do cobertor de lã que eu estava enrolada, antes de seguir para a porta.

— Oi, desculpa vir tão tarde, mas o último cliente só foi embora agora. — Victor disse, me dando um beijo demorado no rosto.

Quando ele se afastou lhe dei um sorriso tímido. Podia sentir minha pele esquentar e de certo deveria estar com as bochechas vermelhas, pois seus olhos se demoraram demais passeando pelo meu corpo e inevitavelmente me lembrei do que Charlotte havia dito há pouco.

— Trouxe o jantar e uma cocada de sobremesa para recompensar, porque sei que você adora. — mostrou a sacola com algumas vasilhas e meu sorriso cresceu.

Mas para minha completa vergonha, meu estômago resolveu entrar na conversa e roncou alto, fazendo-o rir.

Que vergonha, Bella! Se ele estava a fim de você,

com certeza não irá mais olhar para você com os mesmos olhos depois disso!

— Vejo que alguém está com fome! — disse com um sorriso lindo.

— Tudo bem, entre. Você me ganhou com a parte da comida. — dei passagem para que ele entrasse.

Ele voltou a rir e seguiu direto para minha cozinha, que ele já conhecia tão bem e normalmente era o único a usar. Charlie e eu já havíamos desistido de tentar a sorte no fogão há muito tempo. Nossa melhor “receita”, era torrada com geleia. O que normalmente comíamos quando Victor não trazia o jantar.

Enquanto ele esquentava a comida para nós, me dei a oportunidade de observá-lo. Victor Carvalho era realmente lindo. Aparentava exatamente a idade que tinha, vinte e sete anos. Tinha os cabelos negros, curtos, olhos castanhos, corpo forte, alto e um sorriso deslumbrante.

— Então, Charlie mandou que eu me comportasse essa noite. — brincou depois que nos servimos e sentamos para comer no sofá, me fazendo novamente sentir meu rosto queimar.

Não acredito que ela disse isso! Eu ia matar a dona Charlotte!

— Charlotte não tem jeito e nem juízo. Me desculpa por isso. — Pedi e ele sorriu, dessa vez parecia um pouco desconcertado.

— Se for por ela insinuar que quero mais do que ser seu amigo, não precisa se desculpar. — o encarei confusa.

— Por quê?

— Porque ela tem razão. — revelou me encarando com uma intensidade que me deixou sem ar.

— Oh! — foi o que conseguir dizer.

Meu Deus! Nem acredito que ele apenas disse isso!

Eu não sabia o que pensar, muito menos o que falar. Não estava esperando que ele fosse tão sincero assim. Na verdade não estava esperando que isso fosse verdade de fato. Um silêncio constrangedor se seguiu, ele então desviou os olhos do meu e pigarreou, antes de mudar de assunto.

Resolvi disfarçar e bebi um gole do vinho que ele

havia me servido e que até então estava esquecido na mesa de centro. Nós conversamos como conversávamos sempre, os momentos passados de constrangimentos esquecidos. Perguntei mais sobre o Brasil e ele começou a contar com paixão sobre seu país.

Era engraçado quando ele dizia palavras que eu não entendia e ele tentava me explicar o que significavam. Só que hoje em especial, quando ele começou a falar em português, eu quase me atirei em seus braços.

Ok. Eu acho que estou com algum problema!

Ele definitivamente estava mexendo comigo. Não sabia explicar o que isso significava, mas talvez isso fosse algo bom.

— Ué! Vocês ainda estão aqui? — Charlie perguntou, assim que chegou e nos encontrou na sala. — Vocês deveriam apenas parar de ser lesados. — disse com um sorriso malicioso no rosto.

— Hum? Do que está falando, sua doida? — perguntei e quando me virei para olhar pela janela, vi através das cortinas um pequeno clarão. — Que horas são? — questioneei assustada.

— Mais de cinco da manhã. — disse rindo.

— Cacete! — exclamei assustada e Victor riu.

— A conversa estava tão boa, que nem vimos a hora passar. — Ele disse ao se levantar e esticou os braços, fazendo com que sua camisa subisse, revelando um caminho escuro de pelos, que me deixaram meio hipnotizada.

Ok. Confesso que eu acho que babei também!

— Fecha a boca. — Charlie sussurrou baixinho ao passar por mim e seguiu rindo para o quarto. — Bom dia, crianças!

Ai Deus!

— Boa noite, Char. — Victor gritou para ela, antes de se virar para mim. — Eu acho que é hora de ir. — ele falou e eu sorri timidamente, esperando que ele não tivesse visto minha inspeção descarada.

Por favor, que não tenha visto, Senhor!

— Então, Bella, hoje é meio movimentado no restaurante. Mas o que você acha de ir jantar lá comigo? — perguntou meio sem jeito.

Assenti envergonhada, mas eu tive que sorrir.

— Claro. Afinal, você prometeu a alguns dias que faria aquela lasanha para mim. — me forcei a responder, para tentar não parecer tão boba e ao mesmo tempo tentar demonstrar que eu realmente queria vê-lo mais tarde.

— Você sabe que não dispenso uma oportunidade de cozinhar especialmente para você. — falou de modo sedutor.

Meu coração acelerou. Não como acelerava apenas com a menção de uma certa pessoa, mas ao menos acelerou para alguém que não atendia pelo nome de Igor Carrara.

— Às oito? — perguntou e eu confirmei. — As oito então. Eu vou te esperar. — avisou.

— Estarei lá. — garanti.

Victor sorriu e se aproximou para se despedir, mas ao invés de se despedir como estava acostumado, me surpreendeu me dando um beijo casto nos lábios.

— Tchau, anjo. — ele disse em português.

Eu não gostei de ouvi-lo me chamar como Igor me chamava, mas eu tentei não estragar as coisas e por isso não disse nada, apenas sorri.

— Tchau. — ele acariciou meu rosto de modo terno, antes de me beijar novamente e ir embora.

— Ai meu Deus! — Charlie surgiu vindo do nada e pulando animada.

— Você estava ouvindo escondida? — perguntei chocada.

— Eu não sei. Talvez estivesse. — dá de ombros e eu reviro os olhos para ela. — Apenas me conte todos os detalhes do que houve. — pediu, me puxando para o sofá.

— Jura que você quer fazer isso a essa hora? Não está cansada?

— Juro que não. Não para uma boa fofoca. — fez uma careta ao pensar em algo e tratou de acrescentar: — Ao menos que você queira que eu lave a louça. Porque nesse caso, eu estou na cama e o que você está vendo aqui é apenas uma peça que seu cérebro cansado pregou. — forçou um bocejo e eu tive que rir.

Deus! Eu a adorava. Sentiria sua falta quando fosse embora!

Tentei não pensar sobre isso, porque felizmente ou

infelizmente, isso aconteceria dentro de algum tempo.

— Vamos! Conte tudo. Estou tão animada! Vocês formam um casal lindo! — exclamou dando pulinhos e batendo palmas ainda sentada no sofá.

— Casal? Menos, Charlotte. Bem menos. — adverti, mas era impossível não rir do seu entusiasmo.

— Menos nada, Anabella Caravaggio. Mais, muito mais. Você vai mesmo jantar com ele, não é?

— Eu já não disse que vou? Mas vamos devagar. Quero deixar as coisas acontecerem como se deve. — Falei, tentando pensar direito e ela me olhou parecendo entender o que eu queria dizer com isso.

Charlie era a única pessoa que sabia sobre mim e Igor. Eu não havia contado nem mesmo para Stephanie ou Lourdes, apenas para ela. Não era que eu não confiava nelas, muito pelo contrário. Eu apenas continuava com o mesmo pensamento de não apenas deixá-las preocupadas com meu coração partido, mas também não deixá-las contra ele, quando ir para cama com Igor havia sido uma decisão minha também.

— Vai dar tudo certo. — segurou minha mão,

tentando me dar o apoio que ela sabia que eu precisava. — Eu te disse que ele estava a fim de você há meses. Você não reparava mesmo no modo deslumbrado como o brasileiro olhava para a Primeira-filha? — brincou, sorrindo. — Eu sei que você vai dizer que sou louca por pensar assim, mas lembra quando eu te disse que um dia você encontraria um cara que te faria muito feliz? Talvez possa ser ele. — lembrou.

— Será? — perguntei meio incerta.

Eu não queria soar tão boba como eu parecia, mas depois do que havia passado com Igor, era normal que eu fosse um pouco mais receosa quando diz respeito aos homens, certo?

Eu sempre achei Victor um cara legal e desde que ele veio morar em Londres, eu tenho adorado o fato de termos nos aproximado e adorava ainda mais sua companhia. Só que por mais que agora eu soubesse que ele me via de outra maneira que não como amiga, ainda assim nada me impedia de ainda sentir muito medo de estar errada de novo sobre alguém e me magoar outra vez.

— Tenho certeza! — garantiu. — Eu nunca

entendi porque minha irmã não deu uns pegas reais nele. Sério. Como Lourdes não se aproveitou daquela gostosura? — perguntou retoricamente e eu tive que rir.

Ela tinha razão. Victor realmente era um pedaço de mau caminho. Até eu que sou mais boba teria me aproveitado e muito se estivesse no lugar de Lourdes, quando o usou para fazer ciúmes para o Rei, antes dele finalmente se tocar que a amava.

— Agora vamos dormir, porque estou morta e tenho que trabalhar daqui a pouco! E hoje minha garota tem uma grande noite. — assenti quando ela piscou para mim, tentando não me sentir muito nervosa e seguimos cada uma para seu quarto.

Tomei uma ducha rápida, escovei os dentes e no instante em que deitei na minha cama, o sorriso de Victor e a promessa de mais tarde não me deixou dormir. Porém não foi com ele que sonhei. Sonhei novamente com aquele que eu havia me entregado e tinha me quebrado no processo.



Naquele dia me dei ao luxo de acordar mais tarde. E depois de um macarrão instantâneo de café/almoço, encarei meu armário sem fazer ideia de que roupa usar para o jantar. Eu usaria as dicas de Charlie, mas ela havia acordado bem mais cedo antes de ir para o trabalho e duvido que tenha dormido o suficiente.

Quando voltei da Campavia da última vez, havia voltado com a mala cheia de roupas novas que havia comprado juntamente com Steph e Lourdes. Mas isso já havia acontecido há muito tempo, eu definitivamente já havia usado e abusado das roupas que via ali. Por isso estava incerta e resolvi pedir opinião de uma pessoa imparcial sobre minha escolha.

Selecionei dois modelos e tirei foto do meu celular, antes de enviar por mensagem para em seguida discar seu número. Ela demorou um pouco para atender e quando atendeu, atendeu com uma voz meio ofegante:

— A-alô!

— O que houve, vovó? Por que sua voz está assim?

— U-um segundo. — Ela respirou e expirou, antes

de voltar a falar: — Pode dizer, querida. Acho que agora tomei fôlego.

— O que estava fazendo, vovó?

No momento que eu perguntei, notei que talvez não gostasse da resposta.

— Ai meu Deus, Vó! Não me diga que você estava... Q-que eu atrapalhei...

Eu não conseguia nem completar meu pensamento. Na verdade era muito estranho saber que sua avó que havia passado dos sessenta, tinha uma vida mais ativa que a sua antes dos vinte.

— O que? Não! Não estava na cama com ninguém, menina boba! Nem na parede... Ou na mesa... Ou no banheiro... Enfim... Não agora pelo menos! Você acha mesmo que atenderia a um telefonema se estivesse com alguém? Não mesmo, minha querida. Aprenda uma coisa: Um orgasmo perdido, jamais é recuperado. Nunca poderia deixar um passar. — disse simplesmente.

Jesus!

Essa era minha avó. Dona Antonella Caravaggio era uma espécie de Stephanie na maior idade. Na verdade

eu não sei dizer qual é mais doida das duas. Acho que elas são tão loucas quanto. Se fossem sangue do mesmo sangue de certo não seriam tão parecidas.

— Anabella, você ainda está aí? — perguntou e eu percebi que estava em silêncio.

— Oi, vó. Estou sim.

— Então me conte, o que a fez me ligar para atrapalhar minha aula de *Pole dance*? — perguntou como se não fosse nada.

Como é que é?

— A senhora disse *pole dance*? — perguntei chocada.

— Sim. *Pole dance*. — repetiu.

— Desde quando você faz *pole dance*, vovó? — indaguei boquiaberta.

— Desde que eu descobri que trepar em um outro tipo de pau também era maravilhoso e fortalecia todo o corpo.

Durma com um barulho desses!

Sério. Às vezes eu achava que ficar calada ao lado da minha avó, era a melhor coisa a se fazer para

evitar que eu ficasse mais chocada do que ficava a cada vez que a encontrava. Porque sério, eu ficava boa parte do meu tempo chocada com essa pessoa. Vovó doce, meiga e fofa? Isso é com a Vovó da Chapeuzinho Vermelho, a minha estava mais para Lobo Mal mesmo.

— Tonton? Você vem? — uma voz masculina chamou ao fundo.

Tonton? Quem diabos é Tonton?

— Já vou, ursão. Só estou falando com a minha *sobrinha*. — ela respondeu e abafei uma risada, não apenas porque ela insistia em não a chamarmos de avó na frente dos outros, mas principalmente por causa da péssima escolha de apelidos.

Jesus amado! Ursão e Tonton definitivamente eram os piores apelidos que eu já havia escutado!

— Tonton? Ursão? — perguntei e comecei a rir, porque não aguentei mais me segurar.

— O que? Não me julgue. Na verdade, me julgue se quiser. Não me importo. Você também não se importaria com julgamentos em meu lugar. Ursão tem vinte e três anos e um pau com o mesmo tamanho em

centímetros. Ele pode me chamar do que quiser, até mesmo de Caitlyn Jenner. — disse e agora minha gargalhada foi alta.

Jesus amado!

Minha avó era uma viciada assumida em *Keeping up with the Kardashians*. Mas era tão fã, que ela dizia que o sonho dela era que a Kris a adotasse como filha. Podia com isso? E exatamente por ser fã, que Caitlyn era como uma *persona non grata* para ela. Apesar de vovó ser super cabeça aberta em relação aos gays, lésbicas e trans, de inclusive frequentar boates GLS, ela meio que ficou em luto quando Bruce virou Caitlyn. Justificativa: Ele fez a Kris sofrer.

É. Ninguém merece!

— Ok, Caitlyn. Não quero saber sobre seu “ursão”. Só queria que você me desse uma opinião sobre o que usar hoje em um jantar. Mandeí duas opções por foto.

— Espera. Parei no momento que você disse “usar em um jantar”. Você vai sair para jantar com alguém? — ela perguntou chocada.

Por que ela parecia tão chocada?

— Vou, dona Antonella. Sua opinião, por favor. —
bufeí.

— Tipo, em um encontro? Com um cara? — insistiu.

— Vovó, jura que a senhora está mesmo me fazendo
essa pergunta?

— Desculpa. Só queria ter certeza. Deixa-me abrir a
foto. — Passou um segundo e ela logo voltou a falar: —
Como é o cara?

— Isso é relevante?

— Claro que sim. Certas roupas não se podem
desperdiçar com homens que não combinam com elas.

— Como?

— Entenda. Cada homem combina com um tipo de
roupa. Por exemplo. Seu irmão, apesar de ter casado com
Stephanne, é do estilo que gosta de uma cor mais neutra,
porque ele precisa de algo que passe mais tranquilidade
por ser um bruto. Já Taddeo, é fogo puro, dominador,
então tem de ser vermelho. Entendeu?

— O que?

Minha vó estava ficando doida? Quer dizer, ainda mais doida?

— Você já deu uns amassos nele? Conferiu os documentos?

— Hã?

Ela estava falando sério?

— Claro que não, vovó. Eu não sou assim! — disse indignada.

— Sei que não. — Suspirou. — Isso é tão triste. Porque você não sabe o que está perdendo. — suspirou. — Mas vamos voltar ao assunto: Qual sua intenção para essa noite?

— Jantar? — respondi o óbvio.

— Não. Não. Não se faça de besta. Você pode ser ingênua, mas definitivamente não é besta.

— Não, vó. Na verdade esse é nosso primeiro encontro. — admiti.

— Hm. Tudo bem. E como ele é? Preciso saber para

poder ajudar a escolher a roupa. — completou rapidamente.

Eu sabia que esse interrogatório continuaria, então o melhor mesmo era que eu dissesse logo quem era, antes que ela viesse até aqui para me acompanhar. Na verdade era bem capaz dela fazer isso.

— Você lembra do Victor, amigo de Théo? — perguntei envergonha.

— Aquele moreno delicioso? Aquele que eu perguntei se ele não queria usar o *rolo* dele para me amassar e me abrir todinha? — perguntou chocada.

Sim. Para nosso constrangimento eterno, ela realmente fez isso!

— Sim, vovó. Ele mesmo. Ele me convidou para jantar e eu aceitei. — respondi.

Um silêncio sepulcral se fez do outro lado da linha. O silêncio foi tanto, que eu até tirei o celular da orelha para ter certeza de que a ligação não havia caído, porque definitivamente esse não era o normal da minha avó.

— Vovó? Vovó? Você está aí?

— Estou. — Sua voz estava trêmula.

— Está tudo bem? A senhora está sentindo alguma coisa? — minha preocupação foi lá para cima.

— Emoção, minha filha. Estou emocionada. Não acredito que minha “sobrinha” cresceu e vai pegar aquela delícia.

Meu Deus! Ela estava falando sério!

— Vovó! — falei indignada.

— Tá bem. Tá bem. O preto, sem calcinha.

— Vovó. — repeti, nem acreditando que ela havia me dito isso.

— Tudo bem. Tudo bem. O preto, lingerie vermelha.

Ok. Talvez isso seja o melhor que ela pode fazer. Por que eu liguei para ela mesmo?

— Vó, por favor, não diga nada a ninguém sobre isso. Não queria criar uma cena antes de ter certeza de que vamos ter alguma coisa. — pedi.

— Tudo bem. Você talvez tenha razão. Seus irmãos são caretas demais e seria um desperdício ver aquele

pedaço de homem morto. — lamentou e ela realmente tinha razão. Taddeo e Théo eram ciumentos demais. — Mas só não conto se você me enviar um *nude* dele. — propôs sem vergonha nenhuma.

— Vovó! — dessa vez ela realmente me chocou.

— Ok. Ok. Não se pode condenar uma senhora na casa dos *quarenta* por sonhar. Contento-me com detalhes apenas. — riu e eu tive que rir.

Ela realmente não tinha jeito e eu a amava mesmo assim.

— Pode deixar, vó. Me deseje sorte.

— Sorte? Sorte é uma coisa que mulheres feias precisam, minha querida. E você está bem longe disso. Te desejo orgasmos! Bons orgasmos!!!



Decidi seguir o conselho de minha avó e optei pelo vestido que ela escolhera, um preto bem ajustado ao meu corpo e saltos altos da mesma cor. Mas dispensei a sugestão da lingerie. Como decidi usar uma maquiagem

mais forte e marcada, escolhi de acessórios somente uma pulseira simples dourada e brincos do mesmo conjunto.

Olhei-me no espelho e fiquei satisfeita com o resultado. Eu conseguia ver no espelho alguém diferente do que via meses atrás e eu gostava disso.

O restaurante que Victor inaugurou em Londres, ficava bem próximo ao meu apartamento, mas como a noite estava um pouco fria, coloquei um casaco longo e peguei um táxi em frente ao meu prédio. Não demorei a chegar, pois as ruas estavam tranquilas e agradei por isso.

O restaurante da cidade Londrina seguia a mesma decoração rústica que o da Campavia. O ambiente era simples, mas ao mesmo tempo acolhedor. Não era à toa que o *Panela de Barro* fazia sucesso onde quer que eles se instalassem. Não era apenas a comida, as iguarias, era o todo. O ambiente, o tratamento, tudo ali era da melhor qualidade.

Victor estava ao fundo do local quando adentrei, parecia estar dando algumas instruções para um

funcionário, mas assim que me viu parou o que estava fazendo e sorriu para mim. Não era apenas ele que agora parecia me ver com outros olhos. Eu também parecia ter começado a vê-lo de forma diferente. Seu sorriso agora estava até mesmo me deixando de pernas bambas.

— Boa noite, Anabella. — pegou minha mão e beijou seu dorso como um lorde. — Você está linda. — disse e eu corei diante seu elogio.

— Obrigada. Você também está ótimo.

E era verdade. Victor usava uma camisa azul e calça social, estava simplesmente perfeito.

— Tudo para você. — respondeu de forma sedutora e pude sentir meu rosto esquentar. — Vamos? Mande preparar uma mesa especial e mais reservada para nós. — assenti ainda sem jeito e seguimos de braços dados em direção à mesa, que ficava em uma sala reservada e bem íntima que eu não conhecia.

Ele realmente havia caprichado. O lugar estava bem decorado com flores e até mesmo castiçais com velas haviam ali. O ambiente rústico, havia ganhado um clima

romântico e eu definitivamente havia adorado.

— Achei que uma noite especial deveria ser comemorada de uma maneira especial. — disse, diante minha surpresa.

— Achei que fôssemos comer apenas uma lasanha. — comentei confusa.

— Hoje não. Preciso arranjar motivos ou até mesmo te manter interessada para um segundo encontro. Nem que o motivo para que ele aconteça seja apenas minha lasanha. — Abaixei meus olhos envergonhada e não pude deixar de sorrir.

Se ele está pensando em um segundo encontro, é porque as coisas devem estar indo bem de alguma maneira, certo?

— Já que não será a lasanha, o que comeremos hoje, chef? — perguntei sorrindo, depois que ele puxou a cadeira para que eu me sentasse.

— Pensei em algo um pouco mais refinado. O que você me diz de um carneiro assado ao molho de vinho branco e uma taça do mesmo vinho para acompanhar? —

perguntou, parecendo em expectativa.

— Hum. Adorei. Isso realmente parece delicioso. — ele assentiu sorrindo.

— Tenho certeza que você irá adorar. — garantiu.

Chamou o garçom que já veio trazendo uma garrafa de vinho. Ele certamente havia preparado tudo com antecedência.

— O que você acha de um brinde? — indagou com a taça erguida e com o sorriso que ele tinha em seus lábios era um pouco difícil de negar qualquer coisa que ele pedia.

— Tudo bem. — ergui minha própria taça. — E brindaremos a que?

— A nós dois? Que esse seja o primeiro de muitos encontros.

Foi impossível não sorrir diante suas palavras e até mesmo não sentir meu rosto enrubescer. Eu já era naturalmente tímida, mas apesar da amizade que havíamos construído ao longo dos meses, era impossível não me sentir tímida perto dele diante do que estava acontecendo

conosco agora.

Meus pensamentos inevitavelmente me levaram até Igor. Odiava quando isso acontecia, mas não podia me controlar na maioria das vezes. Foi impossível não pensar no quanto eu desejei que pudéssemos desfrutar de um momento como esse. Do quanto eu me contentaria com muito menos para estar ao seu lado. Mas a recíproca não era verdadeira.

No entanto agora eu estava com um cara lindo, que havia preparado com muito carinho essa noite para mim. Era o que eu merecia, certo? Ser tratada da melhor forma possível e não como uma qualquer.

Decidida a não mais pensar sobre isso, ergui minha taça para brindarmos juntos. Eu realmente desejava que esse encontro fosse o primeiro de muitos.



A noite foi maravilhosa. Eu era obviamente muito mais nova do que ele, mas isso não parecia empecilho para nós dois e muito menos para ele. Já éramos amigos há algum tempo e apesar da diferença de idade, nos

dávamos muito bem. Minha típica timidez não parecia ser algo que o incomodava. Não, ele até mesmo fazia brincadeira quanto a isso e parecia gostar.

Victor era divertido, engraçado, atencioso, carinhoso e um ótimo amigo. Li em algum lugar que para sabermos como um homem será como namorado, é só observamos como ele trata sua mãe e seus amigos. E ele definitivamente estava aprovado nesses quesitos. Eu me sentia cada vez mais à vontade com a sua presença e principalmente com a ideia de talvez termos algo mais.

O jantar foi maravilhoso como sempre e fiquei feliz em saber que ele mesmo havia preparado tudo para nós. Depois do jantar, ele insistiu para me acompanhar até em casa, a princípio neguei, porque eu sabia que ele não gostava de deixar o restaurante até fechar, mas ele garantiu que não tinha o que me preocupar.

— Quer entrar? — Perguntei, sem saber direito o que fazer a seguir e ele apenas negou.

Quando Victor negou, achei que talvez eu tivesse me enganado e que ele não havia gostado da nossa noite como

eu. Que talvez fosse um indício que as coisas não foram tão boas quanto foram para mim.

Será que eu havia feito alguma coisa errada?

— Er... Tudo bem. Boa...

Eu não consegui completar o que diria e toda e qualquer dúvida sobre como havia sido nosso encontro para ele se dissipou assim que ele me beijou.

Nossa mãe! Que delícia de beijo!

Tudo bem que eu havia beijado apenas uma pessoa em minha vida, mas a pegada segura e firme na cintura, a forma como Victor me beijava, definitivamente me mostrava que ele sabia muito bem o que estava fazendo. E eu agradecia por isso.

Victor não parecia satisfeito, ele parecia querer mais. Sua língua provocava a minha com uma perícia deliciosa. De uma forma que me vi desejando mais e mais dele. Só que por mais delicioso que o momento estivesse, senti falta de alguma coisa que eu não sabia dizer o que era. Ou não queria.

Só que acabei não tendo tempo para pensar, porque

ele se afastou, terminando o beijo com pequenos outros beijos. Deixando-me sem saber como agir a seguir.

O que eu faria agora? Deveria chamá-lo para entrar novamente?

— Jantar amanhã? — perguntou, com a boca muito próxima a minha.

— Amanhã eu não posso. Tenho estágio o dia todo. É a avaliação final do estágio supervisionado dessa matéria. Saio apenas às 22h. — falei, lamentando internamente e ele também pareceu não muito feliz com isso.

— Depois de amanhã então? — concordei. — Perfeito. Posso te pegar às oito? — assenti, com um sorriso tímido. — É uma pena, mas eu tenho que ir. — murmurou, acariciando meu rosto com delicadeza.

— Até depois de amanhã.

— Até depois de amanhã. — repetiu, antes de me beijar novamente.

Depois de se despedir, ele se virou e foi embora. Entrei em meu apartamento com um sorriso bobo nos lábios, feliz em saber como a noite do meu primeiro

encontro havia sido especial.



Victor e eu estávamos juntos há cerca de um mês. Meus dias com ele eram ótimos e de bônus tinha direito a comidas deliciosas e beijos mais gostosos ainda. Ainda não havia contado para minha família que estávamos saindo, com exceção de Charlie e nossos amigos Londrinos, Steph e Lourdes eram as únicas pessoas que sabiam sobre nós.

É obvio que eu estava surpresa por saber que Victor estava mesmo interessado em mim, que as coisas entre nós estavam evoluindo de uma maneira que não esperava que acontecesse e eu estava feliz por viver algo diferente. Mas fui ainda mais surpreendida quando no dia que completávamos um mês que estávamos saindo, cheguei para jantar em seu restaurante conforme havíamos combinado e o encontrei fechado para o público e aberto apenas para nós.

Eu obviamente não estava acostumada com gestos românticos, porque nunca tive realmente alguém em minha

vida e realmente não esperava que Victor fizesse o tipo, mas ele era assim. Vivia me enviando flores, cozinhava para nós e definitivamente não existia ninguém que pudesse resistir a isso.

Em um mês juntos, conheci muito mais de Victor Carvalho do que eu já conhecia e esperava. Ele era ainda mais especial do que achei que era. Sua mãe eu havia conhecido em uma das vezes que ela havia ido para Campavia visitar seus filhos e ela era realmente adorável. Ela ainda morava no Brasil e fazia o possível para estar sempre perto dos seus filhos, e disse ter ficado feliz por nós. Já seu pai havia falecido vítima de câncer há muitos anos e fora ele quem ensinou Victor a cozinhar, fazendo com que ele se apaixonasse por essa arte.

Ele já sabia tudo que tinha que saber sobre mim. Até porque não tinha muita coisa para saber a não ser o que todos sabiam. Além claro, sobre Igor, mas entrar em detalhes sobre o que havia tido ou não com Igor Carrara, era algo que eu não queria fazer, apenas esquecer. Além do mais, eles eram amigos. Não tinha motivos para falar sobre isso. Há coisas que o melhor a se fazer é mantê-las

enterradas. E minha “história” com Igor era uma delas.

— Quando você vai para Campavia? — perguntou e dei de ombros.

A verdade é que eu não havia voltado para Campavia há quase três meses, quando houve o que houve. Minha mãe havia vindo me visitar na semana passada, mas passou apenas o dia e retornou no final da tarde. Inclusive me fez a mesma pergunta e eu respondi que iria apenas quando acabasse meu curso, daqui há menos de um mês.

— Não sei. — dei de ombros novamente.

— O que você acha de marcarmos um dia para irmos juntos? — Segurou minha mão ao perguntar e eu o encarei, confusa com sua proposta.

— Irmos juntos?

— Sim. Talvez fosse a hora de falarmos com seus pais e com seus irmãos — disse simplesmente.

— Falar com meus pais e meus irmãos? — estava ficando cada vez mais confusa com essa conversa.

Ele não tinha o telefone deles? Para que ele

precisava de mim para falar com eles?

— Não sei, sei que você é da nobreza campaviana. Então acho que tenho de fazer as coisas conforme manda a etiqueta. — pareceu envergonhado. — Talvez pedir permissão para cortejar a caçula dos Caravaggio. E aí então poder me apresentar oficialmente como seu namorado.

Oi? Como assim? Ele estava falando sério?

— Namorado? — mesmo chocada consegui perguntar.

— Namorado. Se você aceitar meu pedido, claro. — ele segurou meu olhar no seu e com emoção que nunca esperei ver em seus olhos castanhos me perguntou: — Anabella Marin Storn Caravaggio, você aceita este simples plebeu como namorado?



Marcamos de ir para Campavia uma semana depois do seu pedido de namoro, mas acabou que eu não pude ir por conta do estágio e Victor foi sozinho. Insisti que ele esperasse para falar com meus pais sobre nós, temia que

ele não ficasse vivo depois que fizesse isso, mas ele acabou saindo ileso de uma conversa com Théo.

Como Victor conhecia muito bem a natureza bruta dos meus irmãos, ele achou melhor pedir primeiro que me “cortejasse” e que fôssemos contando aos poucos e como já estava prestes a voltar para Campavia, poderíamos então contar-lhe sobre nosso relacionamento e achei que talvez fosse melhor assim.

Não foi fácil que eles aceitassem nosso namoro. Théo e Taddeo poderiam ser uns galinhas, podem ter quebrado alguns corações, mas não viam com os mesmos olhos que eu namorasse com alguém. Houveram alguns gritos, ameaças, mas no final eles também não puderam fazer muita coisa a não ser aceitar mesmo.

Só que por melhor que eu estivesse com a minha vida agora, havia concluído meu curso e estava realmente na hora de ir para casa. Victor ainda ficaria por mais algum tempo em Londres, antes de poder voltar para Campavia. Eu não estava realmente preocupada com a sua permanência em Londres, minha preocupação era outra.

Há alguns dias havia recebido uma ligação da minha professora, que me ofereceu um estágio no hospital da Campavia. Um estágio era algo que conseguiria fácil, eu sei, especialmente com meu atual currículo. Mas o que eu não sabia mesmo, era se estava preparada para a batalha diária que estava por vir.

Igor

Nos últimos meses, mantive minha mente focada no trabalho. Se antes já era ruim para mim, ultimamente ficar em casa havia se tornado insuportável. Lembranças da minha infância nada feliz ali, se misturavam com sonhos irreais. E apesar de saber que essas cenas não haviam acontecido realmente, eu definitivamente não conseguia ver a minha casa e principalmente a minha cama, como os mesmos olhos.

Exatamente por isso passava quase todo meu tempo livre no hospital ou no Instituto. Fazer isso me fazia não apenas me sentir útil e parte de algo, como também me fazia passar o tempo e torná-lo mais fácil à sua maneira. O que resultava em me fazer ir para casa o mínimo possível e na maioria das vezes escolhia ficar no *loft* que eu tinha próximo ao hospital.

Só que nem tudo é como queremos. E às vezes não adianta fugir da realidade, porque ela sempre voltava a bater na sua porta. A minha mesmo havia me “acordado aos gritos”. Tia Sarah havia me ligado essa tarde e me chamado para ir à festa de boas-vindas de Anabella.

Apesar de saber por Théo e Steph que o retorno dela estava próximo, quando recebi sua ligação não sabia se estava realmente preparado para ver isso acontecer.

Confesso, eu estava com Saudades. Mais saudades do que um dia achei que pudesse sentir dela. Há meses eu não a via. E o tempo se encarregou de alastrar, apenas como se quisesse garantir que eu me arrependesse ainda mais das minhas escolhas.

E não importa o quanto eu tenha tentado, tem sido assim para mim. Uma maré de arrependimentos. Saudades de algo que nunca tive e hoje via ser impossível ter. Eu já deveria ter aprendido com a vida que nem tudo pode dar certo. Que às vezes seu destino é apenas se conformar que tudo dê errado. E que nem todo mundo tem a chance ou até mesmo o direito de seu “final feliz”.

Já devia estar acostumado, afinal estava mais do que calejado com tudo que passei. E agora que sabia que Anabella além de não poder ser minha, ainda estava com Victor, me restava apenas aprender a lidar, conviver e seguir com isso. Afinal, vida que segue. Sempre segui sozinho mesmo. Habituei-me com a solidão, havia nascido

para ela e não poderia apenas me dar ao luxo de sucumbir a ela agora.

Peguei a bebida que o barman havia acabado de me servir e tomei um gole antes de olhar ao redor. Estava satisfeito e até mesmo aliviado por estar mais afastado de todos ali, pois este era um daqueles momentos em que precisava ficar comigo mesmo, com meus fantasmas e com minhas doses de álcool recomendadas.

Já estava na minha quarta caneca de chope, quando vi Taddeo se aproximando e se sentando em minha frente sem pedir licença.

Adeus, solidão!

— E aí, cara? Estou tentando te ligar desde cedo. O que houve? — perguntou, parecendo preocupado.

— E aí? Não houve nada. — disse apenas.

— Minha mãe disse que te ligou e você não deu certeza de que iria amanhã para festa da Bella. Está tudo bem mesmo?

— Está sim. Só estou cansado. — me limitei a responder.

— Você está trabalhando demais. Além do que,

tem andado estranho nos últimos meses. — disse sério.

Eu sabia que ele tinha razão e não podia negar.

Nem sempre fui amigo de Taddeo. Antes era apenas Théo e eu, para quem havia sido uma pessoa sem amigos por tanto tempo, estava feliz com esse arranjo. Fora que Théo e ele viviam brigando, então era meio que impossível que eu mantivesse uma amizade com ele, quando seu irmão era meu melhor amigo.

Por muito tempo fomos apenas nós. Théo era o irmão que eu nunca pude ter ou não foi permitido que tivesse. Só que há pouco tempo Taddeo e Théo finalmente colocaram suas diferenças de lado e acabamos nos tornando amigos, como se tivesse sido assim desde sempre.

Só que por mais que eu apreciasse e valorizasse demais sua amizade, eu não poderia simplesmente lhe dizer que meu problema era sua irmã e por causa dela tenho andado estranho e perdendo o sono.

— Nada a ver. — revirei os olhos, mesmo sabendo que eu definitivamente estava estranho.

Taddeo me olhou por algum tempo, antes de

colocar a mão sobre meu ombro.

— Isso tem a ver com a sua família? — perguntou e eu neguei, antes de beber mais um gole da minha bebida. Pois eu com certeza não queria falar sobre isso.

— Acho melhor mudarmos de assunto. — resmunguei, querendo fugir desse assunto desagradável e ele apenas assentiu.

Poderíamos ser amigos há pouco tempo, mas Taddeo já me conhecia o suficiente para saber que esse assunto era tipo um tabu para mim.

— Tudo bem. — disse apenas.

O garçom chegou com a sua bebida e aproveitou a viagem para me trazer outra também. Tenho que me lembrar de caprichar a gorjeta dele.

— Que tal pegarmos umas mulheres? Estou doido para foder com uma ruiva. — afirmou, deixando escapar sem querer esse último detalhe e eu ri.

É. Taddeo e sua fixação por ruivas. Ou melhor: Sua fixação por pegar ruivas, para tentar esquecer uma outra em especial.

Não adiantava nada que ele tentasse negar. Na

verdade tínhamos tipo um “acordo silencioso” para que não falássemos abertamente sobre isso, porque assim como falar sobre minha família era um tabu para mim, minha prima era como uma *persona non grata* para ele. E eu não o julgava por isso, porque por mais que Eva fosse minha prima, ela realmente havia abusado por brincar com ele uma e outra vez. Então o seu ressentimento em relação a ela era mais do que compreensível.

— Pode ir. Não estou a fim hoje. — fiz uma careta e ele me olhou com estranheza.

— Sério. Você definitivamente não está bem.

Eu não poderia negar que não estava mesmo. Mas também não poderia lhe dizer o porquê. Por isso achei que o melhor mesmo era não ficar mais ali.

— Tenho que ir. — Levantei da cadeira, dei um tapa em seu ombro e joguei algumas notas de dinheiro sobre a mesa.

— Mas já? — perguntou com sua sobrancelha erguida.

— Sim. Estou cansado. Peguei cedo no hospital e amanhã tenho que chegar cedo também. — dei uma

desculpa que não era de todo mentira.

— Tudo bem. — concordou, embora ainda parecesse me analisar. — Te vejo amanhã na festa da Bella? — perguntou e eu hesitei um pouco antes de responder:

— Acho que sim. — finalmente lhe dei a resposta que ele queria e que no fundo eu queria também, antes de acenar novamente e virar as costas para seguir rumo ao meu silêncio.



O som do toque do meu celular me despertou em um rompante. Meu “alarme biológico” de médico apenas não me deixava falhar quando o assunto era esse. Não importava o quão cansado eu estivesse, não conseguia continuar dormindo. Acho que até mesmo se meu celular estivesse em modo vibratório eu o ouviria, o que não era o caso, porque como médico eu definitivamente não podia me dar a esse luxo. Théo costumava dizer que tenho “ouvido de elefante” e acho que tinha mesmo.

Lentamente abri os olhos e quando tentei me

mover, percebi que meu braço estava imobilizado por uma loira. Nunca uma ruiva ou uma morena, todas as vezes que eu bebia, eram as loiras que iam parar na minha cama.

Sim. Eu não posso nem mesmo tirar sarro de Taddeo, porque aparentemente meu “eu bêbado” tinha uma fixação doida por loiras!

Enquanto tentava me mover, tentei reconstruir aos poucos os últimos acontecimentos e apesar de não ter bebido tanto na noite anterior, demorei um pouco mais do que alguns segundos para recordar que a moça em questão era minha vizinha de loft.

É. Prevejo que ela pedirá açúcar, ou melhor, meu pau, com frequência de agora em diante!

Puxei o braço debaixo dela e esfreguei o rosto, enquanto procurava ao meu redor pelo meu maldito telefone que ainda tocava. Tudo que eu podia ver eram embalagens e mais embalagens de camisinhas espalhadas pelo chão, mas nada do meu celular.

A música parou de tocar, mas logo recomeçou. Obriguei-me a levantar da cama e depois de muito procurar finalmente achei o aparelho em cima da

geladeira da minúscula cozinha.

— Alô. — Atendi, sem nem olhar para o identificador de chamadas.

— Estou na Mansão de Niápolis com Eva e você não está aqui. — a voz fria e autoritária do outro lado da linha me fez bufar.

Evan. Não havia um “tudo bem? Como vai?”, Evan era sempre Evan. Nem mesmo conseguia chamá-lo de tio, porque ele nunca se comportou como tal. Poderia até ser pecado dizer isso, mas eu não o suportava. Tudo nele me dava asco. Até mesmo a maneira que ele falava, como se portava como se fosse o próprio Rei.

Nosso histórico não era dos melhores. Desde quando eu era mais novo, não nos dávamos bem. Quando minha família morreu, nem mesmo um “sinto muito” eu ouvi da sua parte. Na verdade nem parecia que seu irmão havia morrido.

E quando eu herdei não apenas o título, mas principalmente quase todos os bens da família Carrara, as coisas entre nós que já não eram boas, fizeram apenas piorar. Quando o testamento foi lido, ele apenas colocou

para fora sua reprovação quanto ao que eu tinha herdado, mas apesar de sentir seu descontentamento e raiva de longe, ele nunca mais disse nada sobre o assunto.

Até mesmo a maneira como ele se referia à mansão, pois não a tratava como “minha”, se referia apenas como a Mansão de Niápolis e quando estava lá, se comportava como o dono de tudo. Fazia inclusive comentários negativos sobre a forma como os “criados”, como ele os chamava, cuidavam da casa. E quase sempre falava sobre a casa como se estivesse me fazendo um favor por me deixar morar lá. Não preciso nem dizer que a minha vontade é de mandá-lo enfiar aquela maldita casa no rabo.

— Estou no meu *loft*. — disse apenas.

— Tenho um compromisso em Londres nas próximas horas. Estou te esperando aqui. — disse antes de desligar.

É. Ele era muito cara de pau mesmo!

Pensei em não ir até em casa “atendê-lo”, mas fazer isso só acarretaria em uma dor de cabeça que eu definitivamente suportava menos do que uma ressaca. Fui

até o pequeno closet que tinha ali, tentando fazer o mínimo de barulho possível enquanto pegava uma roupa para vestir e não ter de encarar a vizinha que ainda dormia. Mas definitivamente eu não tinha tanta sorte, porque ela logo despertou.

— Bom dia, gostoso. — me saudou com um sorriso preguiçoso, antes de sentar-se na cama e espreguiçar-se.

— Bom dia... — O nome dela ficou no ar, porque eu definitivamente não me lembrava e nem queria.

— Aonde vai? — perguntou, ajeitando seus cabelos.

Por um segundo eu me permiti observá-la, afinal, ela estava nua e eu era homem. Não era tão imune assim. Ela tinha um corpo levemente bronzeado, seios siliconados e bem pontudos de forma provocante. Em outros tempos eu mandaria um “foda-se” para o resto, mas hoje nem mesmo seu belo corpo nu era o suficiente para me excitar e me fazer voltar para cama. Não quando estava lúcido e sem meu “eu bêbado”, meu corpo sabia que não era ela quem eu queria.

— Tenho que ir. Tenho que encontrar com meu tio.

— falei, antes de terminar de vestir minha calça e em seguida a camisa.

— Tem certeza? — ela se aproximou de mim de modo provocante e meio que sem ter reação, permiti que ela me desse um beijo rápido, mas logo tratei de me afastar.

— Sim. Sinto muito. Mas tenho realmente que ir.

— O que você acha de repetirmos mais tarde? — se ofereceu piscando, com um sorriso provocativo.

Droga!

— Hum... Quem sabe. Tem comida na geladeira. Fique à vontade. Quando sair é só bater a porta. — disse apenas, mas isso parece ter sido o suficiente para ela, que concordou alegremente.

Calcei um sapato e peguei as chaves do meu carro antes de sair do loft. Desci as escadas ao invés de esperar pelo elevador. E comecei a pensar sobre o que havia acontecido.

Depois de ter deixado Taddeo no *Copacabana*, fui para um bar aqui perto e bebi mais algumas. Quando

cheguei ao meu prédio já estava um pouco alto e acabei encontrando com a vizinha no elevador. Eu não era de dispensar oportunidades, então acabei convidando a loira lá para casa com a desculpa de uma taça de vinho, mas nós dois sabíamos que era apenas desculpa para uma noite de sexo.

Como sempre a noite havia sido uma boa distração. Era sempre assim. Bebida, depois mulher e sexo, não era uma equação que poderia dar errado. Não quando essa equação tem dado certo por tanto tempo.

Costumava me orgulhar de como eu era, de como eu vivia. Uma vida que eu acreditava que seria sempre assim. Mas agora tudo parece tão fora de mim, que quando o dia amanhecia me sentia mal, como se estivesse fazendo algo errado, imundo. Era como se eu estivesse cometendo um pecado.

Peguei meu carro na garagem e acelerando deixei o prédio. No caminho para minha casa, fiquei pensando sobre o quanto isso havia mudado para mim e eu sabia que a única culpada pela forma como eu me sentia hoje era Anabella.

Eu definitivamente não estava preparado para vê-la novamente. Não quando eu obviamente não tinha mais o controle das minhas emoções. Pensei em ligar para Tia Sarah e lhe dar uma desculpa por não ir mais tarde, mas sabia que ela ficaria chateada com a minha recusa.

Sarah Caravaggio era uma mulher fenomenal e boa parte da minha vida ela havia sido a figura materna que me faltava em casa. Não que minha mãe não fosse uma boa mãe, porque ela era, de acordo com suas limitações, mas a mãe de Théo havia sido para mim, quando ninguém mais podia ser.

Na maioria das vezes eu não precisava lhe dizer muito, ela apenas me confortava a sua maneira e eu sabia que ela estava ali para mim. Ela ainda não havia mudado seu jeito comigo, mesmo que hoje eu não seja mais adolescente, coisa de mãe mesmo. Estava sempre me ligando para saber como eu estava, apesar de boa parte das vezes eu inventasse qualquer desculpa para fugir de seus interrogatórios.

Os convites para jantar na casa dos Caravaggio, eram quase diários. Eu tentava não fazer muita desfeita,

então quando podia e queria me torturar os ouvindo falar sobre o progresso e as novidades de Bella em Londres, aceitava seu convite. Mas mesmo na casa de Théo, que eu estava quase todos os dias, quando tocavam no nome de Anabella, eu ficava em silêncio e assim que conseguia, mudava de assunto para um território mais seguro.

Mas nem sempre eu conseguia. Obviamente o assunto “Anabella” era um dos preferidos e quando ela assumiu o namoro com Victor então, as coisas ficaram complicadas por alguns dias. O clima ficou bem pesado. Taddeo especialmente não aceitou muito bem que ela namorasse com ele. Queria poder colocar para fora que eu concordava inteiramente com a revolta deles, mas meu resto de bom senso não permitia.

Foi um baque para mim também. Experimentei não apenas o gosto amargo como de uma traição, como parecia sentir como se uma faca houvesse sido cravada em meu peito. Durante algumas semanas passei quase todo meu tempo livre, bebendo e fodendo com quantas mulheres eu podia e meu pau permitia. Noite passada foi a mesma coisa.

Havia sido meio que uma rotina que havia criado para mim. Bebia até não ser capaz de reconhecer a mulher que estava em minha frente e via nelas quem eu realmente queria ver. Via em cada rosto, em cada corpo, alguém que eu não poderia ter. Não nessa vida ao menos.

Quando deixei-a partir, apesar de ter sido uma das coisas mais difíceis que já fiz, achei que talvez com ela em Londres, a distância faria seu trabalho e fizesse com que tudo fosse mais fácil para esquecer. Que talvez com o tempo, eu conseguiria esquecer o que sabia sentir por ela e não admitia nem mesmo para mim.

Mas eu não poderia estar mais errado. Pois quanto mais o tempo passava, mais parecia aumentar o que eu sentia por ela e não sabia explicar o que. Era como se ela estivesse em minha pele, mesmo nunca tendo estado.

Eu estava próximo à cafeteria e pensei que talvez fosse uma boa ideia que eu pegasse um café para mim antes de seguir até a minha casa. Meu tio que ficasse esperando. O sinal fechou um pouco antes de chegar lá e foi nessa hora que um carro preto parou. Pela porta do

carro saiu à última pessoa que poderia ver agora:

— Anabella. — sussurrei para mim mesmo.

Meu coração disparou de forma tão acelerada, como há muito tempo não fazia. Mais precisamente quando eu havia visto ela pela última vez. Respirei fundo tentando me controlar, mas era como se alguém tivesse injetado altas doses de adrenalina em meu corpo e eu não pudesse fazer muito a não ser me deixar dominar pelo efeito que me causava.

Stephanne tinha dito uma e outra vez o quanto Anabella estava diferente. Talvez intencionalmente para me provocar, porque minha prima sabia apertar onde mais doía. Mas ela definitivamente não estava mentindo. Se antes eu já a achava linda, agora Anabella estava absolutamente linda e parecia muito mais mulher enquanto sorria para Taddeo, que saltou do carro logo em seguida e a abraçou.

Foi impossível não olhá-la. Não admirá-la. Eu observava atentamente cada passo, cada gesto seu e conforme os dois andavam em direção ao café, me vi completamente enfeitiçado, impactado pela sua presença

de uma forma irrevogável.

Será que os lábios continuavam tão doces e suculentos?

Será que seu corpo, com o menor toque contra o meu, ainda provocava o maior dos tremores já experimentados por mim?

Quando eles entraram, lamentei, porque eu queria mais. Eu queria ir até lá. Como um viciado precisava do meu objeto de vício, eu precisava dela. Logo fui inundado por momentos nossos. Logo perdi-me nas cenas quentes do sonho que eu havia tido repetidamente desde que ela fora embora. Seu corpo junto ao meu, com nada mais nos separando. Nossas bocas e mãos se tocando, se adorando sem restrições. O cheiro adocicado e a sensação de prazer inexplicável que eu nunca experimentei igual.

Suspirei e tentando controlar a reação que ela havia provocado apenas com a sua visão, encostei a cabeça no volante, antes de fechar meus olhos com força. Sabia que seria tão mais fácil se eu a esquecesse, mas meses haviam se passado e por mais que eu não a tivesse visto, ainda assim isso pareceu cada vez mais difícil. E

agora que ela estava de volta, tudo apenas parecia ter aumentado a níveis estratosféricos.

Por quê? Por que eu provei aquela boca deliciosa? Por que eu a provei?

O carro atrás de mim buzinou e me lembrei que ainda estava na rua e que o sinal já estava aberto. Praguejei-me e passando as mãos pelo cabelo, achei que o melhor era que eu fosse embora e me controlasse. Segui adiante, minha cabeça e meu corpo me traindo.

Por tanto tempo havia lutado com todas as minhas forças contra esse sentimento que agora era impossível de negar até mesmo para mim. Tentei negar para mim mesmo que eu era apaixonado pela garota mais doce que existe, que era apaixonado pela irmã mais nova do meu melhor amigo. Só que por mais forte que eu tenha tentado lutar, confesso que fracassei.

Eu odiava-me por ter me permitido sentir, porque cada vez que eu me permitia sentir, não apenas o que eu sentia por ela vinha em ondas, como também meu Eu do passado que voltava para me atormentar. Lembrando-me de tudo o que queria fugir e não queria afligi-la.

Mas embora tanto do meu passado eu tentava soterrar, era pensando nos meus breves e deliciosos momentos que eu tinha tido com ela antes de estragar tudo com as merdas que eu falava, ou fazia, que era o que parecia prevalecer.

Não foi uma única vez que meu pai me disse que se apaixonar era coisa de gente fraca. Eu odiava até mesmo me lembrar do que ele dizia, mas às vezes era quase impossível. Só que eu me odiava ainda mais por deixar que ele movesse a minha vida mesmo depois de tanto tempo morto. Mas conseguia me odiar ainda mais por ter deixado que ela fosse, não uma, mas duas vezes.

Eu havia sentido tanto sua falta. Sentia tanta saudade de estar com ela. De vê-la sorrir. De ver seu rosto enrubescer ou sua voz gaguejar a cada vez que eu a deixava encabulada. Sentia falta da sua boca. Do seu beijo, que me fez querer mais, de uma forma que nunca quis antes.

Encostei o carro na primeira oportunidade que tive e fechei os olhos com raiva de mim mesmo. Por mais difícil que fosse para mim, eu precisava tomar uma

decisão.

Eu deixaria que o que eu sentia por ela fosse mais forte do que a minha razão? Ou deixaria que ela se fosse para sempre?

Senti meu peito apertar apenas com a realização desse pensamento. Eu sabia que não conseguiria. Por mais que eu tivesse tentado afastá-la, que tivesse sido um idiota, eu não podia negar, não podia. Eu amava Annabella Caravaggio e agora que ela havia voltado não a deixaria ir outra vez.



capítulo 6

AQUI SE FAZ...

Igor

A Mansão de Niápolis ficava fora do centro da cidade e por causa disso acabei demorando mais do que o esperado para chegar até lá. Não foi surpresa abrir a porta e dar de cara com Eva e meu tio e sua cara sempre enfezada.

Aliás, eu não acho que ele tenha uma cara

diferente dessa cara feia!

— Pensei que não vinha mais. — resmungou e eu ergui a sobrancelha, sem me dar ao trabalho de responder.

— Barão, bom dia. O senhor deseja alguma coisa? — minha governanta brotou não sei de onde, mas ainda assim pude ouvir meu tio bufar ao ouvi-la me chamar dessa maneira.

Sim. Nem um pouco invejoso!

— Eu gostaria de um café e algo para comer, Donna. Ainda não fiz meu desjejum. — me virei para os dois por pura educação, embora não merecessem. — Vocês aceitam algo?

— Não, obrigada. — Eva respondeu de forma educada.

— Se eu quisesse algo já teria morrido, porque seus criados não me ofereceram nada desde que cheguei aqui. — o nariz em pé reclamou e eu não disse nada, apenas me virei para Donna.

— Obrigado, Donna. Somente isso mesmo. -

Como sempre, Donna não pareceu amolecer com as palavras de meu tio, apenas assentiu quando lhe disse o

que queria e seguiu para fazer sua mágica.

— Você dá muita ousadia para essa criadagem, Igor. Não é à toa que essa Mansão parece estar prestes a cair em nossas cabeças. — disse e eu revirei os olhos.

Um novo recorde! Não demorou nem dois minutos para que ele falasse sobre a casa!

— Minha casa vai muito bem, obrigado. Não é da sua conta como eu a administro. E dos meus funcionários cuido eu, até porque sou eu quem pago seus salários. Não sei se você sabe, mas eles são pessoas como eu e você, Evan. Não tenho criados, apenas colaboradores. Talvez você tenha se esquecido disso, mas o tempo da escravidão já se foi há séculos. — disse sério, porque era verdade e ele me irritava com essa sua mania de superioridade.

— Não é da minha conta? — perguntou, ficando vermelho como um tomate. — Não posso deixar que o legado da minha família simplesmente se esvaia, apenas por causa de um moleque que se acha o dono da razão. Eu nasci e cresci nessa casa. Gerações da nossa família nasceram e morreram aqui. Seu pai pode tê-la herdado e dado a você em herança, mas eu sei muito bem a quem

isso tudo pertence. — Concluiu, tão irritado que parecia prestes a explodir.

A minha vontade foi de lhe dizer toda verdade, mas se ele soubesse tudo só pioraria as coisas e eu com certeza não queria isso. O legado que a nossa família havia deixado, foi um legado de desgraça, porque é a única coisa que eu consigo ver quando olho para trás.

— Papai, por favor. — Eva tentou acalmá-lo e como sempre se tratava da minha prima, eu tinha pena.

Sei o quanto Eva havia errado e não acho que existem justificativas para nada do que fez. Mas eu também sabia o quanto ela havia sofrido e ainda sofria. Eu havia passado pelo mesmo. Vi isso acontecer com Hector. Mas aceitação não é algo que qualquer Carrara consegue do seu pai. Isso definitivamente é de sangue. Não importa que Evan na verdade seja sobrinho do meu pai e não irmão como meu avô queria que todos acreditassem, ele havia herdado os genes ruins, ele era quem havia feito Eva se tornar o que era.

— Evan, não sou o dono da razão, mas ao contrário do que você gosta de admitir, sou dono disso

tudo aqui. E por isso definitivamente não vou discutir com você. Até porque fazer isso é o mesmo que ficar dando voltas, você nunca se dará por vencido. Você está aqui para pegar seu cheque, e é isso que fará. Mas é a última vez que se dará ao trabalho de vir até aqui para criticar o que não é da sua conta. De agora em diante, no dia marcado uma pessoa da minha confiança irá fazer essa entrega.

— O que você quer dizer com isso? — perguntou irritado.

— Eu quero dizer que na próxima vez que você vir aqui, será por um convite meu e não quando você quiser. E tenho que dizer, se fosse você me sentaria para esperar um convite. — encarei-o firme e decidido, que me olhou com raiva no olhar.

— Como ousa, seu moleque? Quem você acha que é para tentar me impedir de vir à casa da minha família? — Eva segurou-o pelo braço, quando viu que ele reagiria a essa minha nova informação.

— Devo lhe lembrar algo que você mesmo falou há pouco? E como minha, tenho direito de escolher quem

a frequente. — falei, sem desviar os olhos dos seus e ele ri com desdém.

— Eu acho que você me subestima demais, garoto. Desde novo se acha o dono do mundo.

— Esse é você, Evan, que acha que pode tudo por causa da merda de um sobrenome, que não te faz ser nada além de um cara arrogante e falido. — sorri com ironia e eu juro que a veia da sua testa estava prestes a explodir.

— Não estou falido! — rosnou.

— Diga isso para as hipotecas e para os empréstimos que eu sei que você tem. — pelo seu olhar incrédulo, eu sabia que havia pegado ele desprevenido, me sentei no sofá tranquilamente e olhei para ele antes de continuar: — Sim, eu sei. Ou você acha que seu gerente faria qualquer coisa sem me consultar? Sem ter alguém para pagar o que você deve, caso você não possa vir a pagar? Depois ainda vem dizer que sou eu quem está destruindo o “legado” da família. — sacudi a cabeça de um lado ao outro. — Que coisa feia, Evan. Que coisa feia. — completei, deixando Eva chocada olhando para o Pai.

Todo seu sangue parecia ter subido para sua

cabeça. Ele estava tão vermelho e as veias da sua testa estavam tão exaltadas, que eu realmente achei que ele estivesse prestes a explodir. Não posso dizer que eu lamentaria caso isso acontecesse. E não, não me sinto mal por pensar assim. Na verdade, acho que isso seria um favor para humanidade.

— Tenho tudo sobre controle. — disse entre os dentes e eu ergui minha sobrancelha olhando para ele.

— Imagino que sim. E isso definitivamente não é da minha conta. Assim como o que eu tenho é meu e não te interessa o que faço ou deixo de fazer. Mas não acho que viver apenas de “mesada” é uma coisa inteligente para se fazer, quando se quer manter um padrão alto de vida e futilidade como você faz questão. Eu reveria isso se fosse você.

Quando eu terminei de falar isso, me segurei para não rir. Eu não sabia se ele teria um ataque cardíaco ou se me mataria pelo que eu disse. Em todo caso, já estava preparado para ambos.

— Você...

— Eu só disse a verdade. Mas chega dessa

conversa. — cortei-o, antes de dar de ombros e em seguida tirar minha carteira do bolso, pegar meu talão de cheques e começar a preenche-lo. — Aqui está o que você veio pegar. Acho que você já pode ir. — estendi o cheque para ele, que bufando tomou o cheque da minha mão antes de se retirar do ambiente sem dizer mais uma palavra.

Graças ao Pai por isso!

— Igor. — Eva me chamou e eu a encarei, vendo que ela parecia um pouco sem jeito. — Sei que nós não somos os melhores amigos, que eu tomei muitas decisões erradas que fizeram com que muitas pessoas não gostassem de mim, inclusive você. Mas acredite, eu estou tentando mudar. — disse e eu realmente não sabia o que pensar. E por isso demorei alguns segundos para lhe responder:

— Olha, Eva, eu não sou uma pessoa perfeita, estou longe de ser na verdade. Só que uma coisa que eu nunca fiz foi enganar ou tentar passar por cima de alguém para tentar conseguir o que quero. E você fez isso. Ainda por cima fez com pessoas que eu amo, então sim, eu me reservo o direito de ter meus receios contigo. — Declarei

e ela assentiu, apesar de seus olhos marejados me dizerem o quanto aquilo estava mexendo com ela.

— Tudo bem, eu entendo. Sinto muito. — ela disse, antes de correr sem falar mais nada.

Ué. O que foi isso mesmo?



O dia se arrastou e a noite parecia não chegar nunca. Eu já havia decidido desde o momento em que vi Anabella na porta da cafeteria, que iria para sua festa de boas-vindas e talvez por isso que eu estava tão ansioso para que a noite chegasse o quanto antes. Passei meu tempo quase todo na academia e depois de caminhar pela praia, resolvi refrescar-me nas águas do mar campaviano, que ficava em uma área particular ao fundo da propriedade.

Durante o tempo em que fiquei na água, tentei pensar em como agiria em torno de Bella e como faria para que ela deixasse para trás o que havia passado. Eu estava ciente que talvez as coisas não fossem tão fáceis, principalmente porque Bella estava com Victor agora e

que com certeza seus irmãos não aceitariam tão facilmente nosso relacionamento, mas eu esperava que pudéssemos passar por isso sem muitos problemas. Estava confiante.

Cheguei à mansão dos Caravaggio ainda era cedo. Não preciso nem dizer o quanto estava ansioso para que pudesse vê-la. Não haviam mais do que dez carros ali, então a festa era exatamente como Tia Sarah havia dito mais cedo por telefone, uma coisa mais íntima.

Os Caravaggio's era assim, bem discretos. Não apenas porque Alano era Primeiro-Ministro da Campavia, mas porque eles realmente prezavam não apenas pela sua privacidade e espaço, como também eram muito família e normalmente os eventos sociais deles era um ciclo mais fechado.

Eu me orgulhava em fazer parte desse ciclo. Lembro-me que a primeira vez que vim nessa casa, há mais de dez anos. Eu tinha quase treze anos na época e tinha ido até ali porque depois da transferência do colégio interno, Théo havia prometido que me ajudaria com as tarefas e trabalhos atrasados.

Eu não tinha amigos antes disso, era uma pessoa

muito desconfiada e solitária. Por isso obviamente recebi essa oferta um tanto desconfiado e receoso, mas Théo era o cara mais popular da escola, queridinho dos professores, então como realmente precisava de ajuda, resolvi aceitar.

Foi também naquele dia que eu a vi pela primeira vez. Ela era uma criança sim, mas era definitivamente a menina mais linda que eu já tinha visto na minha vida. A loirinha de bochechas rosadas, chuquinhas no cabelo e um vestido impecavelmente branco floral e com os olhos azuis mais lindos e límpidos que já vi. Ela parecia um pequeno anjo. Eu só não sabia que ela seria o meu anjo. Ou talvez soubesse, pois dei para ela a única lembrança que eu tinha da minha irmã.

Eu era claramente mais velho, mas apesar de não olhar para ela de forma maliciosa, alguma coisa me disse que ela seria importante para mim e talvez isso tenha me assustado um pouco, porque mesmo que ao longo dos anos algo sempre me puxasse para ela, eu decidi me afastar.

Talvez esse tenha sido meu pior erro. Era a maldita Lei da Atração. Aquela que diz não apenas que os

opostos se atraem, como também diz que a gente atrai o que o pensamento transmite. Querendo ou não, mesmo que inconscientemente, desejei isso. Desejava-a na mesma intensidade que tentava repeli-la. Não aceitava o fato que pudesse não apenas me envolver com a irmã mais nova do meu melhor amigo, como também envolver alguém em minha vida fodida.

Anabella era diferente, sempre foi. Ela tem mexido comigo há muito tempo. E na primeira vez que nos beijamos, apenas afirmou o que eu já sabia: ela tinha meu coração. Eu não consegui lidar com isso, não sabia lidar com esses sentimentos desconhecidos e eu achava que o melhor para nós dois e principalmente para ela, era ser idiota e afastá-la. É idiota, eu sei, mas eu já perdi tanto. Eu não quero perder alguém como eu já perdi e nunca conseguir me recuperar por isso.

— Que bom que você veio, querido. — Tia Sarah me tirou dos meus pensamentos e eu sorrio. — Estava prestes a te ligar para saber se você viria. Nossa festa só ficaria completa com você conosco. — diz, antes de me abraçar.

Seu abraço é bem-vindo. Eu amo essa mulher pela pessoa incrível que ela é. Pelo cuidado e carinho que sempre me deu. Pela preocupação que sempre demonstra. E pelo amor que dá, não apenas a mim, como a todos que a rodeiam.

— Não poderia perder, tia. — Sorri para ela, que retribui.

— Venha, entre. Théo e Steph já chegaram, estão aqui conversando no sofá com Taddeo e Alisson. — Ela disse, já me puxando em direção aonde ela falou que eles estavam.

Ainda era estranho para mim saber que Sarah não era a mãe biológica de Théo, pois eu vi o quanto ela se dedicou a ele e o amou, como se fosse sua própria mãe. Mas era aquilo, ela era Sarah Caravaggio, aquela que havia recebido de braços abertos aquele menino da família que havia feito mal para tanta gente no passado. E ainda assim nunca houve julgamento. Nunca houve indiferença. Muito pelo contrário, sempre houve apenas amor e amor.

Alisson era uma linda mulher e quem a via

sorrindo agora, não imaginava o quanto havia sofrido. Tantos anos presa em si mesma, tentando se esconder do próprio pesadelo e agora ela felizmente estava aqui. Eu gostaria de ter um pingo da sua determinação e força de vontade, porque foi isso que fez com que ela conseguisse superar dia após dia o que passou.

— Olha quem chegou. — Sarah anunciou, fazendo com que eles olhassem para mim.

— Boa noite. — eu disse, tentando sorrir um pouco e esconder meu nervosismo.

— Boa noite. — disseram em uníssono.

Beijei Steph e Alisson no rosto e dei aquele tapinha tipicamente masculino nos meus amigos.

— Alguma bebida, querido? — Sarah perguntou e eu assenti. — Cerveja, presumo. — ela afirmou com um misto de careta e sorriso de “mãe”.

— Sim. Obrigado.

— Tudo bem. Vou pedir para o garçom vir servir vocês. — falou, antes de se retirar.

— Achei que você não viria. — Taddeo quem falou.

— Também achei que não daria para vim, mas aqui estou. Não fique tão decepcionado. Você sabe que queria que eu viesse. Me ama e não vive sem mim. — provoqueei-o e ele revirou os olhos.

— O que? Depois de ontem, achei que você teria uma boceta de agora em diante. — Taddeo disse em um tom irônico e eu bufei.

— Respeite sua tia, Taddeo. — reclamei, me sentando ao lado dela no sofá, que começou a rir.

— Sério isso? Você se esqueceu de quem ela é filha? — Théo perguntou, cético.

Como poderia esquecer?

Antonella Caravaggio, era, sem dúvidas, uma figura como nenhuma outra. Na verdade eu tenho um pouco de medo dela. Sério. Toda vez que estou perto, ela não apenas me olha como se fosse um pedaço de carne, ou dá indiretas mais do que diretas, como também dá um jeito de me tocar, ou melhor dizendo, me bolinar, na maior cara dura. Sem mentira nenhuma, me sinto constrangido com tamanha descaração dela.

— Nunca vi ninguém mais sem vergonha. —

Taddeo disse com pesar.

— Mais sem vergonha? Falando de mim? — ela perguntou, com um sorriso e eu tive que rir.

— E quem mais seria, Dona Antonella? — Taddeo perguntou divertido.

— Sem vergonhice é comigo mesma. — seu olhar se voltou para mim. — Oh! Ora, ora, se não é o Dr. Delícia. — sorriu maliciosa, enquanto Théo e Taddeo soltaram um som parecido com um lamento e eu tive que me controlar para não fazer o mesmo. — Como vai, Igor? Se levante para me cumprimentar, garoto. — disse e eu não tive como negar, mas me arrependi no momento que seus olhos subiram e desceram pelo meu corpo. — Pelo que vejo, vai muito bem, graças a Deus. Você andou malhando pesado, hein? — respondeu por mim, ao mesmo tempo em que apalpava meus bíceps.

Oh, Senhor!

— Er... Tudo bem, Dona Antonella. E... er.. Bem, eu tenho trabalhado bastante. — respondi, sentindo meu rosto queimar.

— Estou vendo. — Sorriu, maliciosa. — Que

delícia, hein? — suas mãos desceram e eu tive que me afastar no susto.

— Vovó, espere pelo menos o final do jantar para deixar o Igor constrangido. — Théo resmungou, enquanto Steph ria ao seu lado e Alisson escondia o rosto, nitidamente envergonhada pela atitude da mãe.

— Tudo bem. Mais tarde, Dr. — Antonella piscou maliciosa, antes de sair acompanhada da filha e eu fechei os olhos, não querendo fazer uma imagem sobre isso na minha cabeça.

Deus me ajude!

— Er... Hm... — limpei minha garganta. — Cadê Anabella? — tentei não soar tão ansioso com a minha pergunta, mas não acho que tenha sido tão bem sucedido, porque Steph me olhou de rabo de olho.

— Está terminando de se arrumar. — Théo responde e parece pensativo. — Ela está diferente. — completou.

— Diferente como? — Perguntei, curioso.

— Não sei. Apenas diferente. — disse, dando de ombros e Taddeo pareceu concordar.

— Também achei. Ela parece... Não sei... Mais...

— a palavra ficou no ar até Steph completar:

— Mulher? — os irmãos hesitaram um pouco, antes de finalmente concordarem. — Normal. É isso que acontece.

— Acontece quando? — perguntei.

— Quando se começa a namorar. Toda mulher desabrocha. Afinal, todo início de namoro é ótimo. — disse dando de ombros.

— Por quê? — perguntaram em uníssono e Steph sorriu de forma maliciosa para eles antes de responder:

— É aquela coisa mesmo: Tudo são flores. É mão *naquilo*. *Aquilo* na mão. Qualquer desculpa nos leva para cama. — disse simplesmente, enquanto alisava sua enorme barriga de gravidez, nos deixando de boca aberta, olhando para ela.

Não!

Bella e Victor? Juntos? Na cama? Eles...

Não! Não! Não!

Eu não conseguia nem ao menos respirar depois que ela disse isso. Não queria acreditar que ela estivesse

dizendo a verdade e muito menos queria pensar sobre o que isso realmente significava. Théo e Taddeo falavam alguma coisa para ela, ou a xingavam, não sei, parecendo nem um pouco felizes com essa última informação, mas eu não estava prestando atenção. Minha cabeça dava voltas, ao mesmo tempo em que meu coração se apertava de uma forma dolorosa apenas com a realização desse pensamento.

Quando descobri que eles estavam juntos há alguns meses, eu obviamente não tive a melhor das reações. Aquilo me doeu, mesmo que eu não quisesse sentir isso. Mas saber que ele tinha com ela tudo que tentei manter longe de nós, me matou um pouco mais.

— Não vou discutir com os dois babacas que não aceitam que a irmã caçula cresceu, porque ela está descendo. — consegui ouvir Steph dizer, o que fez com que eu me virasse para escada para ver “minha luz no fim do túnel”.

Seus longos cabelos loiros, que ela costumava usá-lo lisos naturalmente, estavam encaracolados, vagamente caídos sobre um ombro nu. Os olhos azuis mais

claros que eu já vi, emoldurados por grossos e longos cílios castanhos e lábios pintados de vermelho e carnudos como se me chamassem para prova-la, completava a obra de arte perfeita que era seu rosto.

Meus olhos desceram lentamente pelo seu corpo, notando que suas curvas antes levemente sutis, agora pareciam ainda mais delineadas com o vestido vermelho colado ao corpo. E tinha suas pernas, pernas pequenas e douradas, que agora pareciam ainda mais definidas com os sapatos de salto que ela calçava.

Eu achava que sim, mas eu definitivamente não estava preparado para vê-la. Achava que estava com saudades, mas isso nem se comparava ao turbilhão de emoções que ela agora desencadeara. Se mais cedo eu já havia achado que Anabella estava linda, agora diante de mim eu não tinha palavras para descrevê-la. Se o breve encontro havia mexido comigo, não tinha palavras para expressar o que tê-la perto de mim novamente me causava.

Era como se tudo ao meu redor tivesse literalmente parado. Como se nada fosse mais importante

do que vê-la descendo degrau por degrau. Como se eu tivesse perdendo todo meu ar e ao mesmo tempo voltasse a respirar. Como se tudo se resumisse apenas a ela. E eu sabia que resumia.

A minha vontade de ir até ela e fazer meu corpo se encontrar com o seu era tão forte, que eu tive que me controlar e me segurar em meus próprios pés para tentar me impedir de fazer isso.

— Eu acho que você precisa fechar a boca e respirar um pouco. — Steph sussurrou em meu ouvido e eu paralisei, antes dela continuar: — Chegou, né? — perguntou em um sussurro.

— O que? — perguntei baixinho e pude claramente ouvi-la abafando a risada e em seguida prosseguir:

— Chegou aquele momento em que você se vê diante do seu erro e é como se olhasse no espelho e visse sua imagem refletida nele. O que sua imagem faz? Ela te dá um tapa na cara e diz: Acorda, meu filho, que você está fazendo merda! E se você não correr atrás agora pode ser tarde demais!

E ela tinha razão.

Anabela

Depois de meses fora, eu finalmente havia voltado. Foi estranho voltar. Foi estranho, mas ainda assim era bom estar em casa outra vez. Estar com meus

país, na minha cama, tudo isso soava o Paraíso para mim. Mas até mesmo o paraíso tem seus lados negros e eu estava bem perto de rever o meu lado negro.

Tentei por tanto tempo me preparar para esse momento, mas há coisas que por mais que a gente tente, nós definitivamente não conseguimos nos preparar para elas. Mas eu creio que, às vezes, precisamos passar por certas provações na vida, para quem sabe, lá na frente tudo isso valer à pena.

Victor era o namorado perfeito. Era tudo o que Igor não era e com certeza nunca seria. Ao menos não para mim. Victor era educado. Ele gostava de estar comigo. Ele me fazia sentir desejada, me fazia sentir mulher. Ele nunca havia me magoado. Nunca havia me usado e fingido que isso nunca aconteceu, embora isso tenha sido em grande parte culpa minha.

Victor tem sido uma companhia maravilhosa, uma pessoa que me fazia querer mais. E mesmo que eu ainda não sentisse nada forte por ele, eu queria. Queria com todas as minhas forças retribuir por ele o que eu sentia agora por outro. Eu sabia que seria mais fácil que isso

acontecesse estando com alguém como ele e esperava que conseguíssemos lidar com a distância.

Então por que eu ainda continuo me sentindo como me sentia por Igor? Por que eu apenas não me livro desse sentimento?

Essa talvez seja uma resposta que eu nunca tenha. Ou talvez seja algo que eu entenda na hora certa. Não sei. Como diz aquela velha frase: “*o coração tem razões que a própria razão desconhece.*” Essa definitivamente é uma reflexão difícil, pois exige profundidade e muito de nós. Significa despojar-nos de toda dor, de tudo que nos impulsiona. Mas chega uma hora em que faz-se necessário a mudança.

Não vou negar, eu ainda amo Igor. Amo demais. Mas amar demais talvez não traga nada de bom. Ao menos não trouxe para mim. Por toda minha vida amei Igor demais e o que ele me fez? Ele me fez sofrer e sofrimento para mim definitivamente não implica amor.

Amar demais exclui, desorienta, nos cega e o pior de tudo, nos aprisiona. Por tanto tempo me senti aprisionada em relação aos meus sentimentos com Igor,

que era como se minha vida toda estivesse presa. Mas agora eu sei que amor não é isso, quem ama, ama, e quem ama, liberta. Amor de verdade nos faz feliz. Então por mais que não seja isso que eu tenha ou que eu sinta hoje com Victor, eu sei que é exatamente isso que busco.

Eu esperava que tivesse aprendido com essa experiência. Buscar o melhor para mim, porque havia passado da hora de deixar de lado essa coisa estúpida de amor não correspondido. Mas era hora de passar pelas provas, de ser forte ou ao menos tentar, para quem sabe colher o melhor amanhã.

— A boa filha a casa volta. — Steph disse, antes de vim me abraçar assim que alcancei o final da escada.

Eu ri, antes de retribuir o abraço da minha cunhada, enormemente grávida, que definitivamente era uma das pessoas que mais me fez falta desde a minha partida. Eu a amava demais mesmo.

— Sua cunhada preferida está de volta. — eu falei ao me afastar, fazendo-a rir e chorar ao mesmo tempo.

Não pude evitar, eu juro que tive que controlar

minhas próprias lágrimas. Eu andava meio sentimental nos últimos dias. Acho que eram as saudades de casa, de todos e a expectativa do que meu coração dizia estar por vir.

— E tenha certeza de que não deixaremos mais você ir, meu doce. — Théo disse, vindo me apertar forte contra seu peito.

Dessa vez eu não me controlei. Minhas lágrimas vieram fortes dessa vez. Era a quarta vez que isso acontecia hoje, a primeira delas havia sido quando Taddeo me pegou no aeroporto e eu me desmanchei em lágrimas ali mesmo no saguão do aeroporto. Chorei tanto que precisei desesperadamente de energia e pedi para Taddeo parar na minha confeitaria, pois estava morrendo para comer um donuts de chocolate de lá.

Mas quando cheguei em casa, o chororô voltou, pois acabei me vendo em lágrimas novamente ao rever meu pai e minha mãe. Parecia que havia ficado séculos sem ver e sem falar com ninguém. Sério. Eu estava mais frágil do que o costume, estava provavelmente entrando no meu período.

Só que eu definitivamente não me preocupei em parecer boba nesse momento. Esse cara aqui era o meu irmão, aquele que sempre esteve comigo, que cuidou de mim e me “soltou” de forma metafórica e literal, quando estava aprendendo a andar de bicicleta. Era meu irmão, independentemente do que a biologia dizia.

— Senti saudades. — confessei com a voz abafada em seu peitoral, sabendo que provavelmente estava sujando sua camisa com meu rímel, mas ele não pareceu se importar.

— Também, meu doce. Você não sabe o quanto você fez falta aqui. — disse contra meu cabelo, me apertando ainda mais contra si.

Assim como aconteceu com Taddeo, eu não queria largá-lo. Senti-me um pouco boba e infantil por isso, mas eu estava realmente morrendo de saudades do meu irmão. Não importa quantos anos temos, ou que nos afastemos. Um irmão é mais do que um amigo, é uma metade sua e eu tinha as minhas metades e não importa o que aconteça, essa conexão entre nós jamais poderá ser destruída.

— Eu acho que você vai sufocá-la, Théo. —

Steph disse rindo, e rindo feito bobos nós finalmente fizemos isso.

— Bem-vinda de volta, Bella.

Era ele. O som da sua voz muito familiar cria em meu corpo o mesmo choque elétrico que antes eu sentia, senão mais. Não me ajuda em nada o fato dele vim me dar um beijo no rosto e me abraçar em seguida, me fazendo sentir sua respiração quente na minha pele enquanto ele faz isso. De sentir o calor do seu corpo. De sentir o toque suave e úmido dos seus lábios contra minha bochecha. De sentir seu cheiro.

Tudo. Tudo nele me fazia fraca. Tudo nele me fazia lembrar.

Não... Não posso!

Respirei fundo, tentando lembrar-me que eu não podia mais me sentir assim. Que não podia mais deixar que ele tivesse efeito sobre mim. Meu corpo retomou o controle aos poucos e em seguida me afastei dele.

— Obrigada. — tentei soar firme e fiz o máximo que podia para não olhar em seus olhos.

— Venha. Precisamos colocar a fofoca em dia. —

Steph me puxou, parecendo saber exatamente o que eu precisava naquele momento.

Quase agradei por ela ter me afastado deles. Mas fazer isso, apenas daria vazão para que ela tocasse no assunto que eu definitivamente não estava preparada para falar. Não quando meu coração ainda batia disparado e meu corpo ainda parecia ciente dele, apenas por saber que ele estava ali, que ele estava perto. Eu apenas precisava deixar ir.

Stephanne já me conhecia bem demais para saber disso. Durante os próximos minutos ela me distraiu com conversa sobre sua gravidez e meus sobrinhos, tagarelou sobre Lourdes, seu filho, seu pai, sobre tudo. Ela pareceu determinada a não me deixar pensar sobre o cara que eu queria esquecer, mas que estava do outro lado da sala dificultando isso, pois eu podia sentir seu olhar queimar sobre mim.

Por que ele estava fazendo isso?

O jantar correu conforme o esperado. Minha mãe era uma anfitriã excelente e recebeu seus poucos convidados com o primor de sempre. Senti-me um pouco

mais relaxada, porque a conversa rolou sobre coisas banais e eu consegui não pensar tanto sobre o motivo de Igor estar reagindo dessa maneira. Apenas ignorei o fato dele não tirar os olhos de mim.

Após o jantar, todos se reuniram no sofá para tomar uma xícara de café e conversar um pouco mais, mas aproveitei para subir até meu quarto para pegar um remédio para dor de cabeça, porque a minha estava explodindo.

E tudo bem, confesso, eu também precisava de um minuto para me recompor e ter fôlego para continuar enfrentando Igor pelo resto da noite!

Eu ainda não havia tido tempo de arrumar minhas coisas. Eu não costumava deixar as coisas para depois, era organizada até demais, mas as malas ainda não haviam sido desfeitas porque havia chegado tão cansada da viagem, que dormi assim que coloquei os pés no meu antigo quarto. E por isso demorei um pouco, mas finalmente encontrei o remédio entre as minhas coisas.

Estava me preparando para sair, quando dei de cara com um paredão de músculos que definitivamente

não deveria estar aqui.

Merda! O que ele está fazendo aqui?

— Se escondendo, anjo? — perguntou, tentando esconder seu sorriso.

— O que? N-Não. — Respondi, em um tom nada firme.

— Preciso falar com você. — ele diz e eu senti meu coração disparar ainda mais.

Forte, Anabella. Apenas forte!

— Não sei o que você poderia querer falar comigo. — disse tentando passar por ele, mas Igor segurou firme em meu braço, me impedindo de ir.

— Preciso de apenas um minuto. — falou, parecendo até um pouco nervoso.

— E eu preciso fazer sala para meus convidados. Se você me der licença...

Novamente sou impedida de passar e dessa vez Igor sai me puxando para dentro do meu quarto e na primeira oportunidade tranca a porta atrás de si.

O que? Ele está ficando louco?

— Qual seu problema?

— Meu problema é que eu preciso falar com você!

Oi?

— Igor...

Eu ia reclamar, mas ele apenas parecia querer me deixar chocada quando disse o que eu não esperava sair da sua boca:

— Senti sua falta. — admitiu, me deixando atordoada ali.

O que era isso?

Eu não entendia o que estava acontecendo. Muito menos porque ele estava dizendo isso. Mas antes mesmo que eu pudesse ter a chance de reagir, Igor se aproximou de mim, roçando de leve seu nariz no meu, para depois descer e roçá-lo na pele do meu pescoço.

Ai meu Deus...

Sua respiração quente em minha pele me arrepiando, deixando-me ciente não apenas dele, mas da sua dominação sobre mim. Foi o suficiente para que eu ficasse ciente que a dominação que Igor ainda tem sobre mim é tão grande, que me sinto ainda menor que já sou.

Quando ele trouxe sua boca novamente perto de mim, como se fosse me beijar, eu esperei e admito até mesmo ansiei por isso, mas ele não fez nada. Parecia querer que eu fizesse. Que desse o próximo passo. E quando ele fez isso, eu apenas o empurrei, afastando-o de mim e respirei fundo, tentando voltar a ter o controle sobre minhas emoções.

— Não sei o que você quer aqui com essa história, Igor, mas também não é da minha conta. Você deixou muito claro para mim que entre nós dois nada podia acontecer. Eu ouvi. Segui em frente e espero que você faça o mesmo. — fui mais firme do que me sentia.

Não esperei que ele dissesse mais nada, apenas saí do meu quarto correndo, chorando de ódio dele e principalmente de mim, por ainda deixar que ele tenha poder sobre mim. Desci pela escada de serviços que fica no final do corredor, e quando cheguei lá embaixo, saí correndo em direção ao jardim, sem querer que ninguém visse meu estado.

Quando finalmente cheguei à estufa que fica um pouco afastada da mansão, me senti mais segura e com

isso me permiti finalmente respirar e terminar de derramar as lágrimas que eu já havia prometido que não derramaria mais por ele.

Quem ele pensa que é para vir atrás de mim?

Quem ele pensa que é para vir como se nada tivesse acontecido entre nós?

Ele era louco. Só podia ser. E eu não quero mais que ele tenha esse poder que ainda sei que tem sobre mim. Eu estou com Victor. Victor me faz bem. Eu não vou jogar isso fora, apenas porque Igor resolveu ter uma crise de carência ou sabe-se lá o que.

Por mais que eu soubesse que ainda sentia alguma coisa por Igor, tinha apenas que me lembrar da promessa que fiz a mim mesma. E mais do que isso, precisava lembrar-me que eu merecia mais do que migalhas.

Era isso. Quando fazemos tudo para que nos amem e não conseguimos, resta-nos apenas um último recurso: não fazer mais nada e pensar apenas em nós.

Não sei quanto tempo fiquei na estufa, mas sei que quando finalmente voltei para mansão, estavam todos à minha procura e Igor não estava mais lá.



capítulo 7

PROVA DE FOGO...

Anabela

Segunda-feira pela manhã, acordei cedo e depois de me arrumar, desci para tomar um rápido café com a minha família para depois seguir direto para a faculdade. Tinha algumas coisas para acertar com minha coordenadora, algumas matérias que poderia compensar devido ao estágio que fiz dos cursos em Londres e também teríamos que conversar sobre o estágio no

hospital.

— Bom dia, família. — Saudei, quando cheguei à mesa e apesar de ser cedo, todos já estavam ali reunidos.

— Bom dia. — Disseram em uníssono.

— Como é bom receber esse “bom dia” pessoalmente. Estava me sentindo desolado e carente. — Meu pai diz com um sorriso enorme no rosto e eu vou até ele lhe dar um beijo.

— Acho que você não deveria se acostumar com isso, filho. Não acho que vá demorar para que a Bella se despeça novamente. — Minha vó diz e todos olhamos para ela sem entender.

Oi?

— Como assim, mamãe? Você não está pensando em fazer outro curso fora, não é, Anabella Caravaggio? — A pergunta do meu pai agora virou para mim.

— Filha! — Até minha mãe parecia chocada.

— Não. — Respondi confusa.

— Não seja bobo, Alano. Anabella está namorando e do jeito que aquela delícia do namorado dela parece estar apaixonado por ela, não duvido que

daqui a pouco teremos mais um casamento na família. — Explica, me deixando sem reação.

Casamento? Minha vó estava louca? Quer dizer, mais louca?

— Não mesmo. Eu já aceitei esse namoro muito a contragosto, mas para que saia um casamento, aquele cozinheiro vai ter de rebolar e muito. — Meu pai diz irritado.

Jesus!

Isso foi o suficiente para que todo o bom humor de meu pai se esvaísse. Tentamos distraí-lo com outros assuntos, mas pelo visto nada parecia fazer com que meu pai perdesse sua carranca. Dona Antonella sabendo que havia tocado no ponto fraco do seu filho mais velho, começou a falar das suas aventuras amorosas na mesa, mas ele permaneceu calado o tempo todo, até mesmo sem repreendê-la, nem isso pareceu ser o suficiente para fazê-lo sair do seu mundinho de pai protetor.

— Bom dia, bom dia. — Taddeo nos saudou quando chegou, logo indo beijar cada uma de nós e nosso pai finalmente pareceu reagir quando ele fez o mesmo com

ele. — Que cara é essa, velho? — Perguntou, desconfiado.

— Nada. — Se limitou a responder, mas não passou despercebido seu olhar ressabiado para o meu lado e um muito irritado para vovó.

— O que foi que a senhora já disse que assustou o papai, Dona Antonella? — Taddeo perguntou, ao sentar-se à mesa conosco.

— O que? Por que você acha que eu falei alguma coisa? — Se fez de vítima.

— Mãe, até parece que ninguém te conhece. — Tia Alisson quem falou.

— Pois é, vovó, conheço muito bem a boa peça que tu és. — Disse, entre uma mordida e outra do seu brioche e nossa vó bufou.

— Não sei qual é o problema. Não disse nada demais para que seu pai ficasse com essa cara de cu. Disse apenas a verdade. — Deu de ombros.

Não. Se ela falar para Taddeo também, vai dar merda!

— Vovó. — Olhei sério para ela, que me ignorou.

— Eu só disse que era para que seu pai não se acostumassem com o retorno da sua irmã por muito tempo, pois não acho que ela demorará para se casar. — Diz apenas.

Nunca vi Taddeo ficar tão branco. Parecia que toda a cor do seu rosto havia sumido. Que todo seu sangue havia sido drenado. Ele nem piscou. Parecia chocado demais para isso. E eu? Deus me perdoe, mas mal havia retornado e já queria matar a minha vó.

— Ah, não! Mais um. — Vóvó revirou os olhos.

— Dá para parar de falar essas merdas, mamãe!
— Meu pai ficou irritado.

— O que? Ela não é mais criança. Deixem de frescura! — Ela diz e eu só queria correr dali.

— Eu acho que passou da hora de acabar com a porra desse namoro, pai. Isso não está certo. — Taddeo finalmente voltou a falar, mas sua voz não parecia mais tão amigável como há pouco.

Como é?

— Ei. Eu estou aqui, ouviu? Não falem de mim como se não pudesse responder pelos meus atos e ter

minhas próprias escolhas. Victor é meu namorado, quer vocês aceitem ou não. — Me levantei da mesa irritada, jogando o guardanapo sobre a mesma. — Parem também de me tratar como uma criança. E se a preocupação de vocês é sobre casamento, não se preocupem, pois ainda não estamos perto disso. E se estivéssemos, não teria ninguém que me impedisse. É realmente bom estar em casa. Bom dia para vocês. — Disse, antes de dar as costas e sair dali, ignorando todas as tentativas de chamado.

Eu estava irritada com tudo isso. Não acreditava que eles continuavam a me tratar como se fosse uma criança. Não sei porquê achei que isso mudaria depois da experiência que tive em Londres. Deveria saber que eles continuariam a me tratar como se fosse aquela menina boba que venho tentando não ser há muito tempo.

Sabia que para que isso mudasse só dependeria de uma pessoa: eu mesma. E eu faria com que eles entendessem de uma vez por todas que por mais que os amasse, não deixaria mais que decidissem por mim.



Dispensei meu motorista e segui até a garagem para pegar meu carro. Queria dirigir. Ter controle sobre alguma coisa, mesmo que isso fosse meu carro, que me levaria para onde e quando eu quisesse. Talvez esse fosse o primeiro passo que eu deveria tomar para minha família acabar com essa superproteção deles, a qual estava me sufocando, me enlouquecendo. Quem sabe daqui a algum tempo eu não tome coragem e resolva também sair de casa.

Ok. Calma, Anabella! Desacelera!

Respirei fundo. Precisava ir devagar. Não seria fazendo tudo de uma vez que eu imporaria minha vontade. Eu sabia que a maior culpada deles serem assim era eu mesma, que por tanto tempo havia permitido que decidissem por mim. Agora eu apenas tinha que provar para eles que podia tomar as rédeas da minha vida.

Liguei meu lindo *New Beatle* branco, presente do meu aniversário de dezoito anos e devagar, tentando me deliciar com a sensação de liberdade por estar fazendo isso sozinha e também por estar de volta para minha linda cidade, segui até a faculdade. Não demorei a chegar, a

cidade era pequena e embora nossa casa ficasse um pouco mais afastada da área comercial, ainda assim não era muito longe.

Eu não tinha muitos amigos lá, mas eles fizeram uma festa quando me viram. Apesar de manter contato com eles, senti-me um pouco mal por não ter lhes dito quando chegaria, mas eles logo me fizeram esquecer qualquer coisa quando me pediram para lhe contar como havia sido minha experiência em Londres.

Acabei me atrasando um pouco mais do que esperava para ir para sala da minha coordenadora e quando cheguei, ela estava atendendo uma pessoa e fiquei na sala de espera esperando a minha vez. Peguei um livro para ler para tentar me distrair, mas não consegui, porque minha cabeça girava em torno dos últimos acontecimentos dessa manhã e inevitavelmente me levaram até sábado.

Eu não havia visto Igor depois que ele saiu da festa. No domingo, Théo disse tê-lo chamado para comer conosco no almoço especial que minha mãe mandou fazer para comemorar minha volta, mas ele disse não poder ir por estar fazendo plantão. No fundo, eu sabia que era

mentira. Igor apesar de realmente trabalhar muito em prol do hospital, não perdia jamais um almoço especial em família.

Não quis pensar sobre isso, porque eu não tinha nada para pensar mesmo. Eu tinha um namorado lindo que me adorava. Eu era feliz com ele. Havíamos seguido nossas vidas e pronto. Só que por mais que tenha repetido isso tantas vezes, definitivamente ainda sentia aquele incômodo em meu peito a cada vez que eu pensava em Igor, mas iria passar, tinha apenas que me acostumar.

Já sentia falta de Victor. Ele tem sido maravilhoso para mim. Mesmo com nosso ritmo de vida sendo corrido em Londres, sempre dávamos um jeito de estarmos juntos e eu havia me acostumado com sua presença constante em minha vida. Ele havia se provado não apenas um ótimo amigo, como ótimo namorado também. Eu apenas tinha sorte em tê-lo.

Então já que não estava conseguindo ler o livro no e-reader, que agora sempre carregava em minha bolsa, resolvi ligar para ele. Disquei seu número e não demorou muito para que ele atendesse a chamada de vídeo e eu o

visse todo lindo.

— Oi, meu bem. — Fala, me fazendo sorrir.

Eu adorava quando ele me chamava assim. Pode soar meio brega para alguns, mas quando ele havia me dito que me chamava assim porque eu fazia bem demais para ele, não podia fazer nada além de adorar.

— Oi. Ocupado? — Pergunto, vendo que ele está na cozinha do seu restaurante.

— Não. Só estava supervisionando tudo aqui. — Ele diz, enquanto parecia deixar o recinto. — E como você está? Já foi à faculdade? Falou com a coordenadora?

— Na verdade estou aqui. Minha coordenadora está atendendo alguém, estou esperando para que ela me receba. — Expliquei.

— Ah! Que bom! Então você vai saber mais sobre o estágio?

— Sim. — Concordei. — Ela ainda não me falou muito sobre o estágio. Disse apenas que vou assumir uma função importante e que ela não confiaria em ninguém mais para isso do que eu.

Eu havia ficado muito feliz quando ela soube que

eu voltaria para Bellini e me ligou para me convidar para fazer esse estágio. E quando ela me disse isso então, fiquei muito orgulhosa de mim mesma. Eu sei que tenho trabalhado bastante desde que comecei a faculdade e até mesmo antes dela, porque estava sempre fazendo os cursos de verão. Mas ouvir isso de alguém tão capacitada quanto ela, era bom demais para alguém que estava apenas começando.

Minha coordenadora era definitivamente o referencial de profissão que eu pretendia seguir. Ela tinha a idade da minha mãe agora, mas havia ganhado uma bolsa de enfermagem na época em que começou o curso e quando iniciou o trabalho no hospital, teve condições de começar a pagar seu curso de Medicina e depois de alguns anos também se formou como médica. E era exatamente isso que eu pretendia fazer, apesar de querer realmente trabalhar em um ambiente de urgência e emergência.

— Sei disso. Fico feliz, meu bem. Tenho certeza que ela não vai se arrepender. — Falou e pelo seu sorriso sei que ele está sendo sincero.

— Estou animada. Definitivamente vai ser bem diferente, porque embora também seja um estágio, não vai ser como fiz aí em Londres. Confesso que também estou assustada. — Admiti e ele sorriu ainda mais.

— Deixa de besteira. Sua coordenadora não confiaria isso a você, se não tivesse certeza da sua capacidade. Sabemos que você vai arrasar. — Garantiu e eu suspirei, suas palavras me dando um pouco da confiança que eu preciso.

— Obrigada. — Tive que agradecer.

— Me agradeça pessoalmente. Chego aí na sexta-feira. — Avisou, com um sorriso maroto e minha boca abriu em choque.

— Sério? — Fiquei animada e ele concordou com a cabeça. — Por que você não disse que viria essa semana?

— Eu não tinha certeza. Então agora que já tenho, resolvi te dizer. Quem sabe isso não te anima um pouco.

— Muitooo. — Sorri.

Fiquei realmente muito animada com isso. Seria ótimo tê-lo aqui. Bom demais. Estar com ele, sentir um

pouco do seu carinho por mim, nos curtirmos, é tudo que eu queria agora. Ter comigo um pouco da normalidade que eu tanto estava gostando de ter.

Ficamos conversando por algum tempo, ele me distraíndo com as notícias dos nossos amigos Londrinos, até que a secretária da coordenadora chamou minha atenção e indicou que eu já poderia entrar.

— Victor, tenho que ir.

— Tudo bem. Boa sorte, meu bem. Me dá notícias quando puder.

Concordei e nós nos despedimos. Levantei de onde estava sentada, peguei minha bolsa e pasta, antes de seguir para mesa da secretária.

— Desculpe, eu estava conversando tão distraída com meu namorado, que não vi que a pessoa que a Dra. Carmem estava atendendo já havia saído. — Tentei me desculpar.

— Não, tudo bem. Na verdade, ele ainda está com ela. Acho que ela quer conversar com você com ele presente por causa do seu estágio. — Segredou e eu me senti ainda mais nervosa.

— Ah... Tudo bem. — Respirei fundo. — Então eu acho melhor ir logo. — Ela concordou e eu engoli em seco, antes de seguir em direção à sua porta.

Bati uma vez e quando ouvi um “entre”, me aprumei toda antes de abrir a porta. Dona Carmem estava rindo em sua cadeira, sua postura sempre tão certa e séria, parecendo ter sido esquecida enquanto conversa com a outra pessoa que estava sentada de frente para ela.

E quando essa pessoa se virou para mim, ela não era ninguém menos do que Igor.

Merda! O que ele estava fazendo aqui?

— Olá, Anabella, é bom tê-la de volta. — Ela disse, enquanto eu permaneci ali, ainda chocada com a presença dele.

— Er... O-oi. O-brigada. — Consegui dizer.

Ah, ótimo! Além de chocada, agora eu voltei a gaguejar também!

— Eu acho que você conhece o Dr. Igor. — Ela disse e eu me limitei a balançar a cabeça, pois não acho que era capaz de mais do que isso. — Isso é bom. Acho que isso ajudará com o trabalho.

Oi? Ela disse mesmo o que ouvi ou estou tentando me negar a entender o que disse?

— Dra. Carmem, desculpe, e-eu... eu acho que não entendi.

Ou não queria entender. Ou acreditar. Não sei. Talvez ambos.

— Pode deixar que eu explico, Carmem. — Igor disse sorrindo para ela, que pareceu se derreter para ele. *Típico.* — Você será minha assistente, Anabella. — Sorriu travesso e naquele momento vi tudo ficar preto.

Eu tive que me escorar na cadeira em minha frente, pois não acho que eu estivesse me sentindo bem. Mas me forcei a ser mais forte do que podia ser e respirei fundo, tentando mostrar para ele que aquela piadinha não me intimidaria.

Eu ao menos esperava que fosse uma piada.

— Isso é verdade? — Perguntei a ela.

Eu não perguntaria a ele. Não, não queria dar a ousadia para que ele percebesse não apenas o quanto aquela informação havia mexido comigo, como principalmente que ele ainda tinha o mesmo efeito sobre

mim depois de tudo.

— Claro. Por que não seria? — Minha coordenadora parecia não entender minha dúvida.

Mas também, como entenderia? Ele era amigo da minha família, todos sabiam, ela certamente achava que estava fazendo um favor para a gente nos colocando para trabalhar juntos.

Ela não podia estar mais errada.

— Er... Nada... — Eu não sabia o que responder, mas aparentemente Igor sabia, porque respondeu por nós, quer dizer, por ele:

— Acredito que Anabella só esteja surpresa, Carmem, eu havia decidido surpreendê-la com a novidade. Tenho certeza de que a experiência será boa para ambos. — Sorriu de forma marota.

O que?

Por que ele havia dito isso olhando para mim de uma forma que deu a entender que suas palavras tinham mais significados do que eu poderia sequer imaginar?

Por que uma parte minha havia se revirado de uma forma nada sutil com apenas essas palavras subentendidas

e esse seu olhar recheado de promessas?

Sério. Foca aqui, Anabella. Você devera querer matá-lo, apenas matá-lo. Só isso!

— Então ótimo. — Ela disse parecendo alheia ao que ele havia dito e ainda por cima feliz consigo mesmo. — Senhorita Caravaggio, aqui está o horário das disciplinas que você fará duas vezes na semana no turno da noite e as instruções de como preencher os relatórios de estágio que devem ser entregues quinzenalmente para mim, depois de devidamente assinados pelo Dr. Igor. Como você deve saber, Dr. Igor não é apenas diretor ou benemérito do hospital e dessa faculdade, ele também trabalha efetivamente como médico no hospital e acredito que isso será maravilhoso para o seu currículo.

Eu olhei para Igor ainda atordoada, mas o sorriso arrogante que ele mantinha em seu rosto só me fez querer chutá-lo. Eu apenas não conseguia raciocinar direito diante disso tudo e apenas assenti, pegando os papéis que a coordenadora me entregava, tentando não parecer mais patética do que eu já aparentava.

— Você já começa amanhã. — Registre suas

últimas palavras e finalmente acordei do transe que parecia estar.

Como? Isso era sério?

— Amanhã? — Ela acenou. — O-ok. — Me limitei a responder, fazendo de tudo para ignorar o moreno que não conseguia esconder o sorriso ao meu lado.

Eu sinceramente não acho que eu vá sobreviver por muito tempo com ele ao meu lado. Mas eu não posso simplesmente dispensar o estágio, até porque, querendo ou não essa é realmente uma oportunidade boa para o meu currículo. Talvez se eu ficasse por um tempo como sua assistente, posso pedir para que seja remanejada para um novo estágio com a desculpa de que gostaria de desenvolver mais experiência em outras áreas.

Sim. Talvez isso dê certo. Eu tinha apenas que não me deixar intimidar pelo Barão de Niápolis, vulgo meu chefe e aguentar por um tempo sua presença irritante. É. Talvez isso não seja tão difícil. Ou não.

Mas vamos lá. Afinal, o que é mais um peido para quem já estava toda cagada?



Depois de me despedir da minha coordenadora, dei um jeito de fugir rapidamente dali, inventando uma desculpa de que precisava resolver algumas coisas com urgência e não dei oportunidade para o idiota do Igor vir até mim ou falar qualquer coisa caso quisesse. Na verdade não sei se permitiria que ele chegasse até mim antes de lhe dizer poucas e boas.

O que ele estava pensando?

Era mais do que óbvio para mim que ele sabia o tempo todo que eu era a estagiária que a faculdade ofereceria como sua assistente e em nenhum momento pareceu achar que seria importante que eu soubesse disso. Se eu não o conhecesse o suficiente, acharia até mesmo que ele havia feito isso tudo de propósito. Mas tudo bem, não permitiria que ele fizesse disso maior do que realmente era. Apenas cumpriria a minha parte e nada mais. Não deixaria mais que ele movesse minha vida e muito menos meus sentimentos.

Já passava das onze da manhã quando estacionei em frente ao Restaurante do meu namorado. Suspirei

sentindo saudades dele. Estava acostumada com sua presença constante. Felizmente poderia matar essas saudades assim que ele chegasse no final de semana e me acostumar com essa distância até que ele voltasse para Bellini. Só esperava que isso fosse o quanto antes.

Entreguei a chave do carro para o manobrista, antes de entrar no estabelecimento tão familiar para mim. Eu havia chegado um pouco mais cedo do que o combinado, mas não fiquei surpresa em ver dois pares de mãos acenaram para mim em uma mesa ao fundo do restaurante. Eram Lourdes e Stephanie, que haviam marcado de almoçarem comigo hoje aqui e eu não poderia estar mais do que aliviada em vê-las já ali.

— Já chegaram? — Perguntei, assim que cheguei à mesa.

— Stephanie estava com desejo de torresmo, acabamos de chegar. — Lourdes falou, vindo me cumprimentar com um abraço apertado, que eu fiquei feliz em retribuir. — É bom tê-la de volta conosco.

Eu não havia encontrado com ela ainda desde que cheguei há dois dias. Andrew II, seu filho, estava um

pouco enjoado nos últimos dias por causa dos dentinhos que estavam nascendo e acabamos marcando de nos ver apenas hoje por isso. Também havia sentido muito sua falta. Ela era tão diferente das suas irmãs, era como se fosse um meio termo de Stephanie e Charlotte.

— É bom estar de volta. — Eu disse, porque apesar dos últimos acontecimentos, eu realmente achava isso.

E a verdade é que elas de certo eram grandes responsáveis não apenas por minha volta ser mais fácil, mas pela minha alegria diária.

— Já disse a ela que não a deixaremos mais ir. — Stephanie disse de boca cheia nos fazendo rir, enquanto mastigava seu torresmo, deixando de lado a etiqueta de princesa que ela costumava esquecer vez ou outra.

— Mas me conte, como está tudo? Sua cara não me parece muito boa. — Lou afirmou com uma careta e eu tive que concordar.

— Não estou muito boa mesmo. — Suspirei. — Meu dia começou uma droga.

— O que foi que aconte... — Steph interrompeu a

pergunta que faria quando o garçom trouxe um prato do que me pareciam ser costelinhas de porco fritas. — Hmmmm. É hoje que me acabo. — Lambeu os lábios, antes de começar a atacar o prato que o garçom malmente havia acabado de colocar em sua frente.

— Meu Deus! Calma, Stephanie! — Lou disse para Steph, que se limitou a lhe responder com o dedo no meio. — Isso tudo porque ela viu o casal da mesa ao lado comer esse prato e quase se sentou com eles para comer, acredita? — Lourdes me disse revirando os olhos.

Não duvidei. Quando se tratava dela, eu não duvidava de nada mesmo.

— Mas claro. Vocês sentiram o cheiro disso? — Gemeu alto demais para nosso constrangimento. — Isso... — Gemeu novamente. — Namore com alguém que te dê a mesma sensação de quando você vê a sua comida chegando no restaurante. — Disse, voltando a gemer, o que tornou impossível não rirmos, principalmente quando ela começava com suas sabedorias “*Stephianas*”.

— Voltando a pergunta nunca feita por Stephanie, o que aconteceu? — Lou perguntou bebericando sua

bebida e eu bufei.

— Acho que hoje as pessoas tiraram o dia para me irritar. Primeiro foi lá em casa. Acredita que meu pai e Taddeo simplesmente surtaram quando Vovó disse para que eles não se acostumassem com a minha volta, porque eu poderia me casar muito em breve? E eles surtaram por isso. — Disse e as duas me olharam meio chocadas.

— Ok. Deixa eu ver se eu entendi: Vocês estão quase lá? — Steph até mesmo largou suas costelinhas para perguntar.

— O que? — Perguntei sem entender o motivo da sua pergunta e olhei para as duas que pareciam não entender nada do que estava acontecendo. — Não. Não estamos “quase lá”. E ainda que estivesse, por que vocês parecem tão chocadas com isso? — Perguntei, agora ficando um pouco irritada.

As duas pareceram soltar o ar que estavam prendendo, nitidamente aliviadas e se entreolharam, antes de voltarem seu olhar para mim. Elas pareciam estar estudando as palavras que diriam e isso só me deixou ainda mais incomodada com a situação, principalmente

porque eu sei muito bem que Stephanne não é uma pessoa que costuma filtrar muito o que diz, ela apenas fala o que pensa, não importa as consequências.

— O que é? — Repeti a pergunta, minha paciência já estando por um fio.

— Tudo bem. Eu não acho que deveria me meter, mas eu tenho andado preocupada com seu namoro. — Foi Steph quem disse.

— E por quê? — eu realmente não estava entendendo nada.

— Olha, eu acho ótimo que você tenha um relacionamento. Que você viva seu momento. Sua vida. Mas eu acho que talvez você tenha que ir mais devagar. — Respondeu simplesmente.

— Não estou entendendo. — Murmurei, olhando para as duas.

— O que Stephanne quer dizer, Bella, é que por mais que você não se abra completamente para nós duas, nós sabemos que você ainda sente algo por alguém e esse alguém não é o seu namorado. — Enguli em seco, não gostando do rumo que essa conversa está tomando. — E é

exatamente aí que está o problema. Nós duas conhecemos Victor e sabemos que ele está muito mais envolvido nessa relação do que você. — Completou.

— Isso não é verdade. Eu também estou envolvida. — Disse um pouco mais alto do que pretendia e Steph sorri, com compaixão.

— Existe uma diferença, Bella. Você pode estar comprometida, cunhada, mas não envolvida. Não como Victor certamente está e se sente. É óbvio o quanto ele está caído por você. É óbvio que ele quer mais. Mas não podemos dizer o mesmo de você. E isso realmente nos deixa preocupadas. Porque muita gente pode sair magoada nessa história. — Steph quem apontou e eu me encolhi com sua afirmação.

Que droga!

Eu poderia negar, mas sabia que no fundo ela está certa. E saber disso fazia com que eu me sentisse a pior das criaturas. Não apenas porque eu não queria magoar ninguém e principalmente Victor, mas o que mais me incomodava em tudo isso, era o fato de não saber como esquecer aquele que tanto me magoava. Eu já havia

prometido tantas vezes para mim que o esqueceria e ainda assim meu coração insistia em mantê-lo ali.

Eu tinha um namorado que me adorava e fazia questão de demonstrar isso todos os dias. Por que eu não podia apenas deixar de lado essa paixão estúpida do meu coração? Por que meu coração apenas insistia em apanhar?

Era a realidade. Às vezes a pessoa que você mais quer, é a pessoa que você está muito melhor sem.

— Eu não quero que você pense demais, Bella. Apenas quero que você tome cuidado com as suas decisões. — Lourdes disse, segurando minhas mãos e eu assenti.

— Está tudo bem. Só estou me readaptando a minha vida. Mas não tenho nenhuma intenção de magoar ninguém. Eu adoro meu namorado e é com ele que quero ficar. — Garanti mais para mim do que para elas e elas não fizeram nada mais do que concordar com a cabeça, embora eu ainda sentisse que elas estavam preocupadas.



— Ter paciência deve ser bom, né? Imagina que louco não sentir vontade de arrastar a cara das putas no asfalto! — Steph disse irritada, nos fazendo rir.

Ela disse isso enquanto olhava para uma mesa próxima a nossa, que haviam duas mulheres que não paravam de olhar para nós e cochichar, e tenho quase certeza que já havia visto-as com Théo e Igor no passado. E pelo visto Steph também, porque ela não parecia com a mínima vontade de perdoar. Se eu que não ligava para esse tipo de coisa já estava ficando irritada, imagine minha cunhada, que de paciente não tinha nem a unha do dedo mindinho.

— Steph e essa língua. Menos, por favor. Daqui a pouco alguém ouve você falando uma coisa dessas e fala mal de você por aí. Não se esqueça que você é uma princesa. — Lourdes a repreendeu.

— Quero mais que falem mesmo! — Falou um pouco mais alto para que elas pudessem ouvir, antes de continuar: — As más línguas falam mal de mim. A boa, querida, passeia pelo meu corpinho delicioso lambuzado de *Nutella* toda noite!

Quem aguenta com essa pessoa?

Fui obrigada a rir, porque eu realmente não podia com essa língua afiada dela. O que era motivo não apenas da minha alegria, como também dos constrangimentos rotineiros.

Felizmente a conversa havia tomado outro rumo depois que pedimos nosso almoço e nós falamos sobre coisas mais amenas, me deixando esquecer por breves momentos a dor de cabeça que eu certamente teria nos próximos dias. O que também havia sido atrapalhado pelas nossas vizinhas de mesa.

Pensar nisso foi o suficiente para trazer à tona minha segunda irritação do dia e que se repetiria por tempo indeterminado. Eu acho que minha cara deve ter me entregado de alguma maneira, pois não demorou pra Stephanie esquecer a animosidade com a outra mesa e perguntar:

— Que cara é essa de quem quer assassinar alguém?

É. Isso não estava realmente longe da realidade.

— Nada. Deixa para lá. — Eu falei, porque não

sabia se realmente queria ou estava preparada para falar sobre Igor agora.

— Batata frita é um negócio que une todas as tribos: vegetarianos, veganos e carnistas, o símbolo da paz deveria ser a batata frita. — Filosofou, antes de virar para mim e me entregar uma exigindo: — Sou da paz. Fala logo. Porque quando uma mulher fica com essa cara estranha de repente, significa que ela precisa desabafar. Caso contrário, é cadeia na certa. — Apontou e eu ri, sem humor algum.

— Não queira saber. — Bufeí, tomando minha limonada inglesa.

— Vamos, Bella. Conte logo. Você sabe que pode contar com a gente. — Lou afirmou, e as duas fazem uma carinha de cachorrinho sem dono, me fazendo ciente de que vou acabar lhes contando tudo. Ou quase.

— Sei que sim.

— Você acabou não contando o que mais a irritou hoje. Por um acaso isso tem a ver com Igor? — ela insistiu.

— Na verdade, tem tudo a ver com ele. —

Respondi mal humorada.

— Opa! Tenho a impressão de que essa conversa será interessante. — Steph murmurou, largando agora a batata frita e voltando a comer o doce de leite que ela havia pedido de sobremesa e já estava na segunda taça.

Respirei fundo e tentei controlar a raiva que sentia apenas em pensar na situação. Eu ainda estava esperando que alguém viesse me dizer que isso tudo era uma brincadeira. Mas já devia estar acostumada a me ferrar no que diz respeito a Igor.

— Vocês sabem que a faculdade me chamou para estagiar no Hospital não sabem? — Elas concordaram em silêncio. — Mas o que vocês não devem imaginar, é que meu estágio é como assistente de ninguém menos do que Dr. Igor Carrara. — Eu disse e as duas voltaram a se entreolhar, antes de caírem na gargalhada.

Oi? Por que elas estão rindo?

— Qual o motivo da graça? — Perguntei, meu bico irritado grande até para mim mesma.

— Desculpa, Bella, mas... — Lourdes limpou uma lágrima que escorreu em seu rosto de tanto rir. — Sei que

não tem nada de engraçado nisso, mas é que um pouco antes de você chegar, Steph me contou como Igor reagiu a sua chegada no jantar e nós meio que apostamos. — Confessou com uma voz culpada.

Como? Elas apostaram? Apostaram sobre mim?

— Não entendi. — Admiti e não sabia se queria entender realmente.

— Deixa que eu explico, Lourdes Maria. — Steph se virou para mim e continuou: — Há meses eu te digo que Igor sente algo por você, apenas não sabe lidar com isso, né? — Perguntou.

— Sim, mas não me interessa...

— Ok. Ok. Deixe-me continuar. Com a minha grande sabedoria, não foi difícil descobrir que a distância e seu namoro com Victor de alguma forma o fizeram finalmente admitir isso para si mesmo. Então Lourdes e eu apostamos quanto tempo ele levaria para tentar correr atrás do prejuízo. Não dei nem um mês. — Terminou, parecendo não ter nenhum remorso, voltando a sua batata frita e melando-a agora com doce de leite.

— Argh. Isso é nojento. — Falei com uma careta

de nojo, antes de continuar: — Não importa o que ele sente. Eu já tenho um namorado e sou feliz com ele. — Completei, mais para mim do que para elas.

— E você já fez o teste? — Lou perguntou despreocupada, quando Steph pareceu querer contestar o que falei.

— Que teste?

— Sabe, aquele em que colocamos no papel os prós e contras. Defeitos. Qualidades. Problemas no relacionamento. Essas coisas. — Deu de ombros.

Não sei por quê motivo isso aconteceu, mas comecei a fazer mentalmente exatamente o que ela disse. Rapidamente descobri que não tinha nada na lista do contra do nosso relacionamento, além da distância atual. Muito menos defeitos ou problemas.

Isso é bom, não é?

— E aí? — Lou perguntou.

— E aí, o que? Não tenho do que me queixar, meu relacionamento com Igor é perfeito. Eu o adoro. — Falo sem me abalar.

— Igor? — Lou pergunta e assim como Steph não

consegue segurar o riso.

Droga! Troquei o nome do meu namorado!

Apesar de estar me xingando mentalmente por isso, fiz cara de quem não estava se preocupando nem um pouco e ia dizer que não era nada demais, mas foi então que Steph continuou:

— Seu namoro é perfeito demais, Bella. Esse é o problema. Se você nunca pensou em matá-lo ou ao menos jogar gasolina em cima dele e tacar fogo, então, minha querida, ele não é o homem da sua vida.

— Não é assim. — Tentei defender o que nós dois tínhamos.

— Não? — Steph me olhou duvidosa. — Vou te dizer uma coisa que eu certamente direi a Igor na primeira oportunidade, porque sou dessas e não deixo passar.

— O que? — Perguntei, mesmo não tendo certeza se queria saber realmente.

— Quem não sabe o que quer, perde o que tem. Então, minha querida cunhada, eu acho melhor você ter cuidado com suas escolhas. — Afirmou sem pesar, deixando-me meio chocada.

Eu sabia que ela tinha razão. Hoje pela manhã eu havia acordado com tanta disposição para recomeçar minha nova vida na Campavia, animada com minha vida profissional, sequer pensava em terminar meu relacionamento com Victor. Muito pelo contrário. Mas em poucas horas, tanta coisa aconteceu e agora estava assim, confusa.

— Não é fácil assim. Mesmo que eu decida terminar com Victor, Igor me magoou demais para que eu apenas lhe dê uma chance como se nada tivesse acontecido.

— Sei que não é fácil. A gente costuma se equilibrar facilmente em um salto fino de 15 centímetros, mas se desequilibra por causa de um idiota com mentalidade de 15 anos. Vai entender. Mas ainda assim, ninguém manda no coração. — Steph diz.

— Sei que não. — Admito.

— Calma, Steph. Não jogue tudo na cara dela de uma vez. A Bella não pode tomar uma decisão precipitada. Ela tem que pensar direito no que ela quer e principalmente no melhor para ela. Se ela quiser e for

para acontecer, tem que ser naturalmente. — Lou apontou.

— Embora você me deva um par de sapatos novos, concordo com você. Sou a favor de deixar as coisas acontecerem naturalmente mesmo, naturalmente do jeito que eu quero. — Diz, antes de se virar para mim e continuar: — Por medo deixei de fazer tanta coisa e por coragem fiz tanta burrice, e quase perdi seu irmão por causa da minha teimosia e orgulho. A gente só consegue superar certas coisas, a partir do momento que passamos a entender que sempre merecemos o melhor. E isso você já entendeu. Mas ainda que você tenha sofrido por ele, que sei que você sofreu muito mais do que confessou, talvez vocês mereçam uma chance de consertar isso. Se você o ama, então lute pelo seu amor. Se imponha. Se valorize. Pois se você quer que ele te valorize como merece, faça-o perceber o quanto ele errou e te magoou em não fazer isso. Se Igor quiser ficar, tudo bem. Se não, amém. Vai tomar no cu também.

— É verdade, Bella. O orgulho protege sim, mas também pode fazer perder. E perder o que se quer é burrice. — Lou complementou.

Enquanto elas falavam, me senti tipo J.K. Rowling com sua viagem de trem inspiradora que criou Harry Potter. Eu terminei esse almoço rindo por fora, com um sorriso no rosto, afinal eu havia aperfeiçoado minha cara de “estou ótima!”, por ter precisado tanto dela ao longo dos anos e principalmente nos últimos meses. E acreditem em mim, estava fazendo bom uso dessa cara bem agora. Mas por dentro estava um turbilhão de emoções, confusa como nunca estive e por mais que tentasse negar, eu sabia que tinha muito que pensar.

E dentre todas as dúvidas tinha uma única certeza: eu achava que estava ficando enjoada com tanta coisa para pensar.



Na manhã seguinte, mesmo não tendo conseguido pregar os olhos direito durante a noite, acordei cedo para dar início ao meu calvário. Quando passei mais tempo do que costumo demorar para me arrumar, briguei comigo mesma e emburrada deixei o batom vermelho que comecei a passar e troquei-o pelo gloss nude, antes de seguir para

tomar café da manhã com minha família.

Por que diabos eu estava passando um batom vermelho ainda era um mistério para mim!

— Bom dia. — Foi o que eu acho que saiu da minha boca quando sentei-me à mesa, que já estava cheia quando me juntei a eles.

— Bom dia. — Disseram em uníssono.

— Você já começa seu estágio hoje, Bella? — Concordei quando minha tia perguntou. — Não teve nem ao menos um descanso, coitada.

Mal sabia ela que descanso definitivamente era a última coisa que eu teria com o cachorro do Igor como chefe!

— Melhor assim, tia. O lado bom de começar logo, é acabar o quanto antes. — Novamente tentei me enganar que era assim que me sentia em tudo.

— E você já sabe em que setor vai trabalhar? — Meu pai perguntou, embora eu desconfiasse que ele ainda estava emburrado por causa da conversa que rolou no café da manhã de ontem.

Droga! Como eu diria isso?

— Er... Na verdade... e-eu vo-vo-voou ser a-assistente de IIII-Igor.

Merda! Quase não sai! Como eu gaguejei tanto?

Era dessa maneira que eu queria mostrar o quanto era madura o suficiente para saber lidar bem com meus problemas sozinha? Desse jeito, sem nem ao menos falar sobre ele sem gaguejar?

Todo mundo me olhou certamente sem entender meu comportamento. Afinal, eu não costumava gaguejar além da presença de Igor. Não sei porquê, mas temi que de alguma forma eles percebessem isso.

— Não sabia que Igor precisava de uma assistente. Ela não comentou nada conosco. — Foi meu pai quem voltou a falar.

— Nem eu. Soube apenas quando o encontrei na sala da minha coordenadora. — Tentei soar indiferente e ao mesmo tempo segura, enquanto começava a comer os ovos que havia me servido.

— Se eu soubesse, teria me candidatado. — Vovó fala, chamando a atenção para si e eu me preparei para mais uma pérola sua, que veio a seguir: — Embora eu

tenha certeza que não saberia lidar com aquela tentação ao meu lado. Aquele homem todo com certeza me traria um problema no coração ou um AVC de tanto gozar. — Falou, sem pudor algum.

Ai meu Deus!

— Mamãe! — Meu pai e tia Alisson a repreenderam ao mesmo tempo.

Jesus! Eu não precisava dessa imagem na minha cabeça. Com certeza não!

— Igor trabalha demais, certamente tem de ter alguém para ajudá-lo. Ele precisa ter alguém de confiança ao seu lado. — Minha mãe tentou justificar, ao mesmo tempo em que me olhava de forma significativa.

A maneira que ela continuou a me olhar enquanto tomávamos café, só me dava certeza que como sempre Dona Sarah achava coisas demais a respeito “disso”. Desviei o olhar do seu, porque a última coisa que eu precisava nesse momento era do julgamento de minha mãe, bastava o meu próprio. Embora eu realmente não soubesse o motivo do seu olhar julgador.

Mas o pior para mim ainda veio quando eu me

despedi da mesa e antes mesmo de alcançar à porta, minha mãe me chamou e disse:

— Minha filha, você sabe que eu te apoio em todas as suas escolhas e também nas batalhas. Mas, por favor, cuidado com o que você faz.

— Não estou entendendo, mãe.

— Filha, nós duas sabemos que o que você sente por Igor não sumiu com um passe de mágica, embora você tenha se esforçado e continua fazendo para que isso aconteça. Então, eu apenas te peço, cuidado. Porque a cada escolha, temos que fazer uma renúncia. E seu coração não é o único que está em jogo nessa história. — Ela disse, antes de me dar um beijo e me desejar sorte ao se despedir.

Deus! Por que as coisas parecem apenas se complicar para mim?



— Bom dia, por favor, o Dr. Igor? Ele deve estar me esperando. — Eu disse, assim que cheguei à recepção no corredor que me foi indicado quando entrei no

hospital.

— Anabella Caravaggio? — A moça da recepção perguntou e eu me limitei a concordar. — O Dr. Carrara está aguardando a Senhorita em sua sala. — Ela disse, antes de me indicar o caminho até lá e eu seguir.

Enquanto caminhava, respirei fundo uma e outra vez, sentindo-me idiota por estar desta maneira apenas pela expectativa de revê-lo. Eu disse para mim mesma que isso era só meu nervosismo sobre meu novo trabalho e tentei enganar-me que era apenas por esse motivo e não outro.

Notei que já estava parada em frente à porta já havia algum tempo, o que era ridículo e as pessoas certamente começariam a notar meu descontrole, então tomei coragem para finalmente bater à porta que me separava do que agora eu começava a considerar o meu maldito carma.

A voz viril e aveludada mandou que eu entrasse e novamente tomei coragem para fazê-lo, tentando lembrar-me de manter a minha respiração constante. A cena que vi quando adentrei ao local certamente não era a que eu

estava esperando, ou sendo sincera comigo mesa, a cena que eu definitivamente não queria ver.

Ela poderia ser considerada inocente para qualquer pessoa, mas não sei se era porque se tratava de Igor, mas ainda assim eu podia sentir a malícia no ar. Igor estava sentado em sua mesa e em pé ao seu lado, havia uma mulher muito bem maquiada, vestida em trajes formais, com exceção do decote em seu busto, que parecia um pouco inadequado demais para o meu gosto. Principalmente pela forma que ela debruçava-se sobre ele, que apesar de Igor estudar atentamente os papéis em sua frente, me parecia que sua intenção era lhe mostrar o decote e não a papelada que estava ali.

O que mais me incomodou, não foi a cena em si, porque ele certamente deveria estar mais do que acostumado com os flertes e muito mais das mulheres. Eu sabia que sim. E do jeito que eu conhecia Igor, não duvidava nada que ele já havia ficado não apenas com ela, mas também com várias outras mulheres ali daquele hospital, afinal ele era um cachorro.

Mas ainda assim não deixou de ser impactante,

fazendo com que sentisse um aperto doloroso em meu peito. E de certo, era o que mais me irritava nisso tudo, porque não apenas mexia comigo, como também me magoava apesar de tudo.

— Desculpem-me... e-eu acho que deveria voltar em o-outra hora. — Falei, tentando com todas as minhas forças não demonstrar o quanto aquilo estava me incomodando sobremaneira.

— Imagina, Anabella. — Igor disse ao tirar os olhos dos papéis em sua frente e sorriu, fazendo-me um pouco mais fraca diante a situação.

Foi impossível não notar seu olhar subindo e descendo pelo meu corpo, fazendo-me ficar sem ar. Meu rosto ficou quente e eu abaixei a cabeça, me sentindo indefesa apenas pela forma como ele me olhava, como um animal olha para sua presa.

— Que bom você chegou. Seja bem-vinda. — Sorriu novamente, aquele sorriso sexy de canto, que apenas evidenciava seu sinal no canto dos lábios, que juro, em conjunto com seu olhar me fez tremer um pouco. Na verdade muito.

Droga! Não era justo com todos os outros homens, que Igor fosse essa espécime perfeita e letal! Principalmente comigo, que estava mais do que claro que não estava forte o suficiente para bater de frente com ele!

— Essa é Elena, diretora administrativa. — Ele continuou. — Elena, essa é Anabella, minha assistente. — Apresentou.

Gente, vamos odiar essa criatura? Sim, claro. Absolutamente. Óbvio!

— Prazer em conhecê-la. — Eu disse, pois a educação e cortesia foram duas coisas que eu cresci sendo ensinada. Minha mãe era uma pessoa eximia com a etiqueta, que basicamente não me deixava respirar sem ser da maneira correta.

— Assistente? Desde quando você tem uma assistente? — Ela tinha um tom incrédulo em sua voz, que era irritante demais para minha pessoa.

Mas não foi apenas o fato de que ela ignorou meu cumprimento que me deixou confusa, mas sim sua pergunta, que fez com que eu olhasse para ele sem

entender.

Oi? Então quer dizer que essa vaga antes não existia?

— Não sei se você lembra, mas eu também sou médico além de Diretor desse hospital, Elena. Por muito tempo fiz as coisas sozinho, mas acho que está mais do que na hora de ter alguém ao meu lado para me ajudar. Não que isso seja da sua conta, claro.

O tom de voz ácido e irônico fez com que Elena abrisse a boca, nitidamente surpresa com seu tratamento. Eu quase senti pena dela. Quase. Mas no fundo eu meio que gostei de vê-la se desequilibrar um pouco do salto. Talvez eu tenha uma veia maléfica até então desconhecida. Ou talvez eu apenas gostei de vê-lo colocando-a em seu lugar, pela maneira que ela estava se jogando sobre ele e também pela forma que ela me olhara com um pouco de desprezo.

— Se você precisava de uma assistente, o RH poderia ter lhe conseguido uma e mais experiente. — Disse, olhando-me dos pés à cabeça.

Como é? O que essa vaca disse?

— Elena, se eu quisesse que o RH me arrumasse uma, eu mesmo teria pedido. Porém, contratei Anabella, porque além de ser da minha inteira confiança, ela também é uma graduanda em Enfermagem, a melhor aluna da faculdade, por sinal, com especializações e mais experiência que muita gente formada há anos. Todo mundo sabe que idade não significa experiência, caso contrário, eu mesmo nunca teria chegado a diretoria desse hospital.

Ai. Outro tapa na cara da vaca! Poderia ter dormido sem essa!

— Se não tem mais nada a dizer, você já pode ir, Elena. E, por favor, na próxima vez que você precisar de algo comigo, fale primeiramente com Anabella, ela responderá por mim e lhe dirá se eu posso ou não atendê-la caso tenha realmente necessidade. — Ele disse dispensando-a, antes de entregar-lhe alguns papéis e voltando a se concentrar nos papéis que ainda ficaram em sua mesa.

A porta bateu e seus olhos voltaram-se para mim, ao mesmo tempo em que ele levantava de sua cadeira e vinha em minha direção. Igor vestia uma camisa social

branca e em conjunto com o jaleco, estava ainda mais tentador do que é possível. Ele parou bem perto de mim e quando fez isso, meu corpo vibrou ao sentir o seu perfume e o cheiro de sua loção pós-barba.

Minha nossa! Minha vó tinha razão. Como serei capaz de resistir a ele durante todos os dias?

Pela forma que ele me olhava, temi o que viria a seguir. E não deu outra, fiquei de boca aberta quando ele cortou o silêncio entre nós dois com um sussurro rouco:

— Eu preciso que você esteja pronta para mim.

Então ele sorriu para mim, lento, sexy e devastador, uma espécie de sorriso de quem sabe das coisas e que ele sabia exatamente o que me provocava. Ele precisava parar de dizer as coisas com duplo sentido e sorrir para mim assim, porque era como se meu cérebro virasse sorvete derretido e eu não conseguisse raciocinar direito.

— Temos uma cirurgia em meia hora. Presumo que você tenha trazido seu jaleco e roupa apropriada, certo? — Continuou, quando eu me limitei a responder com um aceno: — Vou precisar de você.

Oi? Oi? O que ele estava dizendo mesmo?

— Mais uma vez seja bem-vinda. Será um *prazer* trabalhar com você, anjo. — Deu ênfase na palavra *prazer*, sem desviar seu olhar profundo do meu.

Lascada era pouco. Eu estava em apuros!

Eu ainda estava perdida no “pronta para mim”, mas me forcei a assentir. Com a desculpa de me trocar, pedi licença e saí de sua sala. Andei pelo corredor à procura do banheiro dos enfermeiros e depois de uma enfermeira me ensinar como chegar até lá, me agarrei à beirada da pia para tentar recuperar o fôlego.

Eu sabia que trabalhar ao lado dele seria difícil, mas embora eu tivesse prometido a mim mesma que seria forte, não sabia se conseguiria lidar com tudo isso. Eu apenas precisava que o tempo cuidasse de tudo e de mim. Só esperava que meu coração não ficasse partido novamente.



capítulo 8

PERDENDO O CONTROLE...

Igor

Tudo bem. Eu não acho que eu estava jogando totalmente limpo. Na verdade, eu tenho jogado pesado. E ok, talvez eu não tenha pensado tão bem quando tive a ideia de colocar Bella como minha assistente e pedir isso como um favor pessoal para sua coordenadora quando eu soube que ela estava voltando para Campavia. Não que ela não seja uma boa profissional, porque eu já sabia que

ela era e ainda assim ela conseguiu me surpreender positivamente. Mas o problema está justamente no fato que tê-la ao meu lado o tempo todo é meu céu e também meu inferno.

Já fazia mais de um mês que ela está trabalhando comigo e embora minha intenção fosse de alguma forma provocá-la, a maioria das vezes quem sofre com a provocação sou eu. Não que ela me dê ousadia ou abertura para isso, porque ela definitivamente não dá, mas sim porque a danada está cada dia mais linda e é impossível não notar.

Sua mudança foi realmente notável, ela estava muito mais madura e segura de si e isso fazia com que ela se tornasse ainda mais bonita aos meus olhos. E apesar de conseguir ver o quanto eu mexia com ela, ainda assim ela se manteve firme, distante. Ignorando sem dó todas as minhas investidas.

O resultado disso é que eu certamente devo ter o maior caso de bolas roxas da história. Nunca, desde que comecei minha vida sexual aos treze anos, eu havia ficado tanto tempo sem sexo. Nunca mesmo. Mas a verdade é que

desde que Anabella voltou para minha vida que eu tenho me comportado como um maldito celibatário. E estava definitivamente sofrendo por isso.

Sério. As coisas têm sido apenas entre eu e minha mão. Parecia até difícil para mim acreditar, mas eu simplesmente não tinha vontade de ter outra comigo que não fosse Anabella. Apenas tenho ignorado todas as mulheres que passam por mim. E como minha loirinha não tem dado brecha para nada, acabei mantendo-me apenas no *cinco contra um*.

Mas não pensem que meu sofrimento é fácil, não apenas porque sou um cara com a vida sexual ativa, mas sim porque pelo visto Anabella sabia exatamente em que “botões” apertar, pois ela não precisava de muito para me provocar. Ela sabia muito bem como fazer. E olha que ela, linda do jeito que era, não precisava de muito para isso.

Sim. Tinha pena de mim mesmo!

É engraçado como as coisas são. Por anos ela esteve diante de mim, tão perto, tão presente e sua presença antes não era tão impactante para mim como era agora. Eu a vi crescer, desabrochar, tornar-se mulher. Eu

havia sido até mesmo seu par quando ela debutou.

Estive presente em cada momento da sua vida, quando ela formou-se no ensino médio com louvores, quando ela passou no vestibular e teve uma luta contra sua família por não seguir o que queriam para ela e ajudei-a a lutar por isso também. Ela me segurou quando sofri com a perda delas e junto com a sua família, sempre foi aquela família que eu sempre quis, mas nunca pude ter. E ainda assim demorei tanto tempo para perceber que a mulher que me encantou, sempre esteve na minha vida e talvez eu tenha demorado tanto, não apenas porque eu a achava proibida para mim, mas também porque eu tinha medo de envolvê-la em minha vida.

Lembrar-me disso me faz recordar do dia em que sai decidido da casa de Théo para ir atrás dela no aeroporto e quando cheguei lá, vi algo que me fez recuar. Quando tomei a decisão de ir até ela, não sabia o que faria, por mais que eu tivesse tentado pensar sobre isso o caminho todo para o aeroporto. A única coisa que tinha certeza, é de que estava certo de que queria e precisava ir até ela. Tentar de alguma forma consertar as coisas entre

nós.

Eu estava tão decidido ali, que nem mesmo pensei que algo poderia dar errado. Eu sabia que ela sentia algo por mim, então o resto resolveríamos de alguma maneira. Até mesmo havia comprado uma passagem para Londres para tentar alcançá-la no saguão de embarque e caso não desse tempo, iria até o destino se fosse preciso, mas resolveríamos.

A cada passo que eu dava, mil razões para não ir ao seu encontro povoavam a minha cabeça, a fim de tentar me impedir de continuar. Mas isso não era o bastante, pois havia algo mais forte que parecia mover meus pés até lá: eu sentia algo muito, muito forte por ela. Algo estranho, assustador até, mas eu não sabia dizer ou definir o que era, mas hoje eu sabia que o nome disso era Amor.

Só que o que eu ainda não sabia também, era que talvez eu ainda não estivesse maduro ou até mesmo preparado para o que eu sentia por ela. Não ainda. Talvez eu precisasse passar pelo que passei, para que eu finalmente entendesse o que queria para mim. Para nós.

Digo isto com propriedade, porque quando

cheguei ao saguão de embarque, deparei-me com Anabella conversando facilmente com Victor, de uma forma que ela nunca fizera comigo ou eu achava ser possível de se acontecer. Vê-los juntos, fez com que a voz da razão ganhasse vazão, sobrepujando assim o sentimento que eu sabia sentir por ela.

Pela primeira vez na vida, meu coração se quebrou por alguma mulher. Uma escolha minha, eu sei, mas não me quebrei por motivos egoístas. Talvez tenha sido também a primeira vez que eu não fui egoísta quando se tratava de uma mulher, pois ali, eu não pensei em mim. Fiz isso por ela, porque mesmo sentindo a dor de vê-los juntos, tive que admitir que Victor era melhor que eu. Victor poderia dar a ela o que eu não poderia. Ele poderia ser para ela quem ela merecia. Poderia ser quem eu não poderia ser.

Então eu recuei. Virei às costas para um relacionamento que eu sabia que não tardaria a acontecer e voltei pelo caminho que vim. Um pouco mais quebrado, mas vivo. Carregando comigo de volta um pouco mais de dores, arrependimentos e revoltas. Parecia que não

importava o quanto eu tentasse ser uma pessoa melhor, uma pessoa diferente, não adiantava nada quando eu não poderia ser alguém para ela. Eu sempre seria um cara estigmatizado, quebrado, marcado de uma forma irrevogável.

Os meses se passaram, a distância foi algo que eu talvez precisasse para enxergar muita coisa. Fiquei por tanto tempo tentando inutilmente esquecer algo que já havia marcado a minha vida. Então eu desisti de lutar, mas ainda assim não tive coragem de encarar a realidade. Era apenas mais fácil para mim fingir que estava tudo bem como estava. Que era melhor assim.

Passei por várias mulheres. Bebia mais do que estava acostumado a fazer e quando o álcool não fazia o efeito que eu esperava, me enganava dizendo que eu apenas deveria ter bebido mais para suportar tudo isso.

Embora ela nunca tivesse saído realmente, Anabella agora estava de volta em minha vida. Eu não havia deixado de ser quem eu era e nada do que passei se apagou com um passe de mágicas, mas hoje eu também entendia que não adiantava tentar mudar nada disso,

porque eu era quem eu era. O que importava realmente era o que eu sentia por ela e o que estava disposto a fazer por ela, por nós.

E hoje eu poderia dizer, com certeza, que era mais forte do que qualquer cicatriz ou fantasma, e até mesmo que a minha lealdade para com meu melhor amigo, seu irmão.

Traindo-o, era assim que eu me sentia em relação a Théo. Eu deveria me sentir mal e querer afastar-me dela. Só que não é assim que sinto. Cada minuto que passa, cada segundo ao seu lado, eu a queria mais. E era só fechar os olhos, para que pudesse rever as cenas do meu sonho com Anabella em minha cama, fazendo ainda mais difícil me afastar e impossível não desejá-la mais.

Eu ficava tentado em lhe dizer como me sentia. Em lhe contar o que havia acontecido entre nós dois, embora não tivesse muito para contar. Só que por mais ruim que eu me sentisse em relação a minha lealdade com meu melhor amigo, apenas achava que realmente não havia chegado a hora de fazê-lo ainda. Mesmo que isso tudo me incomodasse sobremaneira.

E também tinha Taddeo. Ele tinha virado um grande amigo também, mesmo que tivéssemos pouco tempo de amizade. Depois que Théo ficou com Stephanie e eu tentei esquecer com todas as minhas forças sua irmã, Taddeo e eu acabamos nos aproximando mais, saímos juntos quase todos os dias, pois éramos dois caras solteiros à procura de boceta. Eu também sentia que estava traindo-o, mas ele que me perdoasse, pois eu faria de tudo para ter sua irmã. Mesmo que isso significasse que eu levaria uma boa surra dos irmãos Caravaggio.

Fora que Bella ainda namorava com Victor. Eu sempre o achei um grande cara, mas ultimamente ele era a última pessoa que eu queria ver. Tenho evitado, ou melhor, ignorado-o propositalmente, porque convenhamos, era pedir demais que eu o tratasse como antes, quando eu sabia que era ele quem estava pegando a minha garota.

Mas eu não acho que Taddeo, Théo ou Victor sejam o maior dos meus problemas. Meu maior problema é definitivamente a loirinha com cara de anjo, que estava fazendo os meus dias insones.

Como eu ia dizendo, estava sendo um pouco malvado, embora não me sentisse culpado por isso. Eu normalmente vivia para o trabalho e por puro egoísmo estive propositalmente estado cada vez mais tempo dentro do hospital, apenas para tê-la ao meu lado. Eu tinha noção de que estava exigindo um pouco mais do que deveria, mas que Deus me perdoasse, era impossível resistir. Apenas por egoísmo, para tê-la mais tempo possível comigo e ocupando seu tempo para que ela não tivesse nem sequer um segundo para pensar em seu namorado. E novamente, não me sinto nem um pouco culpado por isso.

Anabella era dura na queda, parecia não se importar. Muito pelo contrário. Na verdade ela parecia ter prazer em estar ali naquele ambiente hospitalar, ajudando-me nos atendimentos, cuidando dos enfermos com amor sem igual, fazendo seu trabalho com maestria. Mas era só isso. Comigo? Nada.

A situação estava difícil para o meu lado. Por mais que eu jogasse diretas, que fizesse charme, nem mesmo um sorriso eu recebia da sua parte. Era simplesmente ignorado como eu nunca fui antes. Parecia

que nada do que eu dizia ou fazia surtia efeito esperado sobre ela. Anabella estava mais difícil para mim do que minha dor nos ovos.

E agora estávamos aqui, eu havia terminado a pouco uma cirurgia e depois de perguntar se ela gostaria de fazer, Bella estava me ajudando com a sutura. Eu não conseguia desviar meus olhos dos dela, na verdade estava tentando arranjar uma brecha para conversarmos, e não me importava que tivessem outras pessoas no centro cirúrgico além de nós dois.

Se fosse em algum outro momento e com outra pessoa, eu não faria isso jamais. Primeiro porque eu não saía com ninguém no trabalho, eu já havia cometido esse erro uma vez com Elena, ainda no início do meu trabalho no hospital e o resultado era que ela nunca mais largou o osso e quase me trouxe problemas com Bella por isso. Não existe conselho mais sábio do que nunca misturar trabalho com prazer.

E segundo, porque eu não gostava de me expor perto de outras pessoas, eu apenas gostava de manter minha privacidade. Mas com Bella eu realmente não tinha

para onde correr, pois como se já não fosse o bastante se fazer de difícil, ela também fazia o possível e o impossível para não ficar sozinha ao meu lado. Nós tínhamos uma agenda bem atribulada, mas mesmo quando isso acontecia, logo surgia uma maldita emergência ou ela arranjava uma desculpa de que precisava fazer algo, sem nem ao menos me dar tempo de impedi-la de fugir de mim.

Mas hoje eu estava disposto a acabar com suas tentativas de fuga. Daria um jeito para que pudesse ter um tempo só nosso. Eu precisava disso. Caso contrário, eu ficaria louco.

— O que você vai fazer hoje? — Perguntei baixinho, apenas alto o suficiente para que ela pudesse ouvir e ela demorou um pouco para finalmente responder:

— Vou para aula. — Disse como se fosse óbvio.

Ela não perdeu a concentração por um segundo enquanto prosseguia pontuando o paciente.

— Não, você não vai para aula. Eu sei que você não tem aula na segunda sexta do mês. — Falei, tentando esconder o sorriso em minha voz.

— Como você sabe? — Perguntou, desviando seu

olhar do seu trabalho, parecendo realmente surpresa que eu soubesse.

— Eu sei tudo sobre você. — Respondi, fazendo com que ela engolisse em seco.

— Por quê? — Insistiu.

— Porque tudo que tem a ver com você me interessa.

Eu não desviei os olhos dos dela enquanto dizia isso. E pela primeira vez desde que ela havia voltado, Anabella sustentou meu olhar no seu. Os olhos azuis arregalados me encaravam de uma forma que há muito ela não fazia: com paixão. Se não estivéssemos ali naquela sala de cirurgia, eu com certeza esqueceria minha tentativa de ser nobre com ela e não ia ser capaz de me controlar. Eu precisava de algo dela. Eu precisava dela. O que eu sentia por ela estava assumindo o controle. Eu estava muito perto de fazer uma besteira ali.

Notei que a forma em que nós dois nos encarávamos a fez se sentir um pouco desconfortável, mas apenas ignorei. Hoje eu não estava nem um pouco a fim de facilitar para o lado dela. Eu havia esperado tempo

demais.

— Hm.hm. — Ela limpou a garganta, enquanto piscava várias vezes, em seguida virou a cabeça, desviando seu olhar do meu. — E-eu já e-estou terminando a-aqui. — Desconversou.

Não. Ela não estava se fazendo de desentendida. Eu não iria recuar!

— Anjo, não faça isso. — Disse, fazendo com que ela voltasse a olhar para mim.

— O-o que-que? — Ela gaguejou nervosamente.

— Não fuja mais de mim. Eu não vou mais deixar. — Falei com convicção.

Mesmo através da máscara cirúrgica, pude ver claramente os lábios grossos rosados abriram-se em um “o” perfeito. Ela pareceu não apenas surpresa, como também atordoada com minhas palavras. Anabella então pareceu apertar os lábios com força e balançou a cabeça negando. Não respondeu, apenas voltou seu rosto para o que estava fazendo, mas dessa vez pude sentir o quanto ela parecia estar se esforçando muito para não acreditar em minhas palavras.

Por um momento eu não soube o que dizer. O que era completamente ridículo, mas estávamos atravessando limites que apesar das minhas provocações, eu até então respeitava.

— Pro-pronto. — Disse, se afastando de mim.

Quando vi que ela estava saindo sem ao menos esperar por mim, coisa que ela normalmente fazia, pensei em segui-la, mas não fiz. Não porque eu achei que ela precisava respirar, mas também porque eu precisava terminar meu trabalho como médico, verificar o estado do paciente e dar as orientações pós-cirúrgicas para a equipe de enfermagem, antes de finalmente dar meu trabalho por encerrado aqui.

Mas ainda assim a segui com o olhar. Seus olhos encontraram os meus quando ela se virou para ir até a porta. Anabella passou a mão touca cirúrgica, demonstrando seu nervosismo, antes de virar as costas e finalmente sair.

Eu estava cansado de ser paciente. Dessa vez não a deixaria correr tão facilmente.



Quando saí do centro cirúrgico, ainda tive que ir até a enfermaria verificar outro paciente e por causa disso, levei mais tempo do que gostaria para ficar livre e ir à procura de Anabella. Fui primeiro em minha sala, ela não estava. Meu consultório, idem. Perguntei para algumas pessoas, até que uma delas me disse que a viu entrando na sala de descanso de enfermagem.

Não contei tempo antes de ir rapidamente até lá. Meu coração batia descontrolado em meu peito. Tão descontrolado que eu temia não estar de pé quando chegasse até lá. A incerteza de como ela reagiria a minha chegada me agoniava e por isso fui rezando mentalmente para não ser descartado.

A sala de enfermagem foi feita para que os enfermeiros descansassem nos intervalos de seus plantões, especialmente os com as cargas horárias maiores. Ela fora decorada com tons neutros e era composta por dois beliches, uma mesa com duas cadeiras e uma poltrona. A música *Let Me Go* de Ron Pope, saía pelos altofalantes de um celular sobre a mesa e eu sabia que era o dela.

Embora fosse minha vontade de fazer isso, eu não poderia apenas invadir o banheiro. Por isso apenas forcei meu próprio controle, sentei sobre a poltrona e enquanto a esperava, comecei a ouvir a música que ali tocava.

*“A maneira como seus sentimentos mudaram,
Me fizeram cair de joelhos
Na tarde que cai
Meus pensamentos são só você
Eu estou aqui, mas você não vê
E eu realmente não estou certo,
Se estarei melhor uma centena de milhas distante
Mas eu nunca poderia ficar,
Para assistir você cair da graça”*

Eu havia treinado milhares de frases de efeito enquanto a esperava, mas quando Anabella notou minha presença, o olhar em seu rosto me fez esquecer qualquer coisa. Anabella estava enrolada em uma toalha, seu cabelo molhado, encharcado na verdade, pingando sobre sua pele clara. Ela nunca esteve mais linda para mim.

Pirei completamente. Minha ereção dolorosa logo se fez presente. Um calor absurdo tomou conta do meu corpo. E enquanto levantava tive que fazer um esforço absurdo para não deixar minhas pernas vacilarem. Ainda totalmente desnortado, senti-me um idiota enquanto levantava e seguia na direção dela, sem saber realmente o que dizer.

— O que-que está fazendo aqui? — Ela perguntou, parecendo ter acordado de um sono hipnótico, assustada, apertou imediatamente a mão sobre a toalha, como se temesse que ela caísse, afastando-se um pouco, dando alguns passos para trás, recuando, parecendo realmente horrorizada com a minha presença.

— Eu disse que você não fugiria mais de mim. — Consegui responder, antes de cobrir sua boca com um beijo.

Seus lábios estavam nos meus, e eu estava certo de que não havia nada suave e doce sobre o beijo. Eu novamente estava sendo marcado por ela. Eu a beijava como se tivesse fome. E por meses era dessa maneira que me sentia, sedento dos seus lábios, seus beijos. Ela não

demorou para me corresponder, eu quase podia sentir que seu coração batia tão rápido quanto o meu.

Estremeci quando seus dedos tocaram em minha pele, e eu acho que eu parei de respirar por um minuto pelo simples prazer do seu toque. Tanto tempo lutando contra o que eu sentia por ela, meses desde que nossos lábios se encontraram pela última vez.

Caralho! Eu juro que era como se eu estivesse recuperando meu fôlego depois de tanto tempo!

Eu a estava saboreando, possuindo-a, bebendo-a completamente. Quando meus braços se enrolaram em seu corpo, eles começaram a tremer quase de imediato. Eu não tinha mais controle sobre mim, minha excitação havia atingido o auge, meu pau estava duro de uma forma que nunca estivera antes.

Levantei-a sem ao menos quebrar o beijo. Meus instintos assumindo, não conseguindo e nem mesmo querendo pensar em mais nada. Bella envolveu suas pernas em volta da minha cintura, ao mesmo tempo em que seus dedos suaves subiram do meu pescoço para meu cabelo.

Novamente meus instintos assumiram e comecei a andar, sem ter ideia para onde realmente irmos, o que importava era ir. Bella não estava ajudando nada o meu lado, pois a forma como nossas línguas se enroscavam em uma dança erótica e a forma que ela mexia seu corpo sobre mim, como se pedisse por mais, estava me fazendo chegar ao ponto de enlouquecer.

Apertei minhas mãos em sua bunda, antes de encontrar o apoio da bancada do banheiro. Mesmo que eu não me importasse de sermos pegos, achei que o melhor a se fazer era trancar a porta, para protegê-la. Ela não disse nada enquanto eu fazia isso, nem eu. No fundo eu tinha medo realmente de estragar tudo.

Com meus olhos presos nos dela, uma corrida alucinante de sensações passou por mim quando meu corpo encontrou o seu novamente. Meus lábios traçaram um caminho de beijos em seu pescoço. Bella gemeu, jogando sua cabeça para trás, dando-me exatamente o acesso que eu queria. E eu tomei isso para mim, beijando o ponto sensível sob seu queixo, para depois mordê-lo em seguida, antes de acariciar seu pescoço.

Meu corpo inteiro doía por ela, querendo, necessitando de muito mais do que eu sabia que ela poderia me dar. Ainda sem tirar minha boca da sua, abri sua toalha, nem ao menos tinha tocado em seu corpo e ainda assim eu começara a tremer quase de imediato. Afastei-me o suficiente para ver o tecido felpudo cair para o lado e foi então que a minha excitação atingiu o auge.

Anabella ainda estava atordoada, chegou até mesmo a corar de vergonha, mas não abriu os olhos. Vê-la corando, sua boca aberta de excitação foi definitivamente a cena mais perfeita que já vi em minha vida. Ela era simplesmente perfeita.

Seu corpo definitivamente era uma obra divina para se apreciar. Seus seios eram pequenos, durinhos, arrebitados, do tamanho perfeito para minha mão... Perfeitos. Eu queria chupá-los. Mordê-los. Devorá-los. Mas respirei fundo, com medo de assustá-la.

Mas meus dedos pareciam ter vida própria, pois logo me vi puxando o biquinho rosado dos seus mamilos. Minha pele se arrepiou e quase gozei em minhas calças

quando Anabella soltou um gemido de prazer. Meus dedos continuaram seu trabalho, com movimentos circulares delicados, depois fui apertando-os o suficiente para lhe proporcionar prazer na medida certa.

Minha boca voltou a sua e enquanto uma mão a mantinha presa a mim, levei a outra mão, a que havia se deliciado com seus seios, até o seu sexo, tocando-o com delicadeza, me deliciando agora com o prazer que era senti-la. Não queria fazer movimentos bruscos e assustá-la então fui com calma. Sua bocetinha estava toda depilada, deixando a pele bem macia e lisinha.

E porra! Ela estava tão excitada!

Estava molhada demais, meu dedos logo se lambuzaram pela sua excitação, e gemi em sua boca, eu estava tão louco para prová-la, que retirei meus dedos de lá e os coloquei na boca, gemendo mais uma vez. Suguei meus dedos com vontade, lambendo de forma faminta, pois havia encontrado uma nova definição para manjar dos deuses. O gosto da Anabella era simplesmente perfeito, e eu sabia que havia me acabado de me viciar e não estava nem um pouco preocupado com isso.

— Você é uma delícia, anjo. — Murmurei, encarando-a.

Meu anjo fechou os olhos e corou com minhas palavras. Tão linda. Tão minha. Meus dedos refizeram o caminho para o seu sexo, logo começando a se movimentar de forma intensa. Bella tremeu diante de mim, empurrando seu quadril na direção dos meus dedos, como se precisasse de mais e eu dei. Acelerei meus movimentos, minha boca voltando a sua enquanto eu bebia seus delírios de prazer.

Encontrei o ponto certo em seu corpo, que fez com que ela soltasse outro gemido em minha boca. O som do seu gemido fez com que minha pele se arrepiasse, todos os meus sentidos trabalhando exclusivamente para ela, me sentindo não apenas na obrigação de lhe proporcionar o melhor dos prazeres, mas também na necessidade de fazê-la minha.

Meus dedos continuavam a trabalhar sem parar para o seu prazer e quando Anabella abriu ainda mais as pernas, sabia exatamente o que fazer para suprir parte da minha necessidade atual. Eu precisava de mais dela.

Agora que havia tido um gostinho do seu sabor, eu apenas necessitava de mais. Assim curvei-me diante suas pernas e caí de boca em sua bocetinha, chupando-a, sugando-a com vontade.

Seu gosto e cheiro invadiram os meus sentidos, eram realmente únicos, definitivamente afrodisíacos, levando-me para um lugar surreal, jamais conhecido antes. Meus dedos continuaram brincando nela, trabalhando de forma rítmica com os movimentos da minha língua.

Não demorou para que Anabella explodisse na minha boca, expelindo doses deliciosas de seu gosto na minha língua, que fiz questão de extrair cada gota, não querendo desperdiçar nada. Era deliciosa demais.

Eu não precisei ver seu rosto para saber que seus desejos estavam aflorados tanto quanto os meus. Sabia que ela queria mais. Mas também sabia que precisava manter a calma. Tínhamos tanto a resolver ainda. Tudo tem o momento certo e não era em um banheiro de hospital.

Apenas quando os tremores dela cederam, que

parei o trabalho que eu poderia ficar o dia todo fazendo. Eu não tive muito tempo para raciocinar, pois Anabella me empurrou, ficando logo de pé, cobrindo-se rapidamente com a toalha que eu havia tirado há pouco. Mas foi sua expressão de horror que parou qualquer tentativa que poderia ter para acalmá-la.

Minha excitação e a necessidade de alívio, eram definitivamente a última coisa que eu estava pensando nesse momento. Não quando podia ver claramente em seu olhar, não apenas a culpa, mas também o arrependimento. Engoli o que eu sentia, porque para mim o que mais importava nesse momento era o que ela estava sentindo.

— Vem cá, meu anjo. — Eu disse, antes de puxá-la pela cintura, trazendo-a para mim.

— Me solta... Por favor, não fala nada, Igor. Apenas vá embora. — Ela disse, com uma voz tão baixa que mais parecia um choramingo.

— Vamos conversar. — Pedi baixinho e ela negou com a cabeça, parecendo ser incapaz de fazer qualquer coisa, além de me afastar dela.

Eu permiti, pois me quebrava vê-la dessa

maneira. Eu não queria que ela chorasse ou sofresse, não seria capaz de suportar sua dor.

— Eu não quero conversar, Igor. Quero que você apenas vá embora.

A voz cortante e decidida me fez sentir o baque. Tive ódio de mim mesmo por fazê-la se sentir dessa maneira. Por ter feito tudo isso, pois eu apenas precisava senti-la. Ódio por ser quem eu era e ter feito tanto para nos afastar antes, que agora que me sentia pronto para tê-la em minha vida apesar de tudo, temia que talvez isso fosse tarde demais.

Eu ainda estava paralisado, era como se apenas o pedido dela para que eu fosse embora, fosse realmente me tirar de sua vida e isso doeu.

Porra e como doeu!

Ainda reuni toda a coragem que eu poderia ter para perguntar:

— Você ao menos me dá a chance de conversarmos? Não hoje. Se quiser, pode ser em outra hora.

— Tudo bem. Em outra hora. Mas não agora. E-eu

preciso pensar.

Ela estava nervosa novamente. Tanto que gaguejou. E nem ao menos teve a coragem de olhar para mim. Eu não queria ver esse olhar de arrependimento em seu rosto, era doloroso até para mim. Ainda assim foi impossível não sentir um pouco de alívio por ao menos ela pensar em me dar uma chance de conversarmos. Eu não ia mais suportar ficarmos separados. Já havia perdido tempo demais sendo idiota, rejeitando-a, não querendo assumir meus sentimentos, quando tudo que eu sempre quis, mas não sabia, era ter um futuro com ela.

— Podemos nos ver mais tarde? — Finalmente respondi, mais inseguro do que já me senti um dia.

— Igor... — Choramingou, e eu sabia que era hora de recuar.

— Tudo bem. Me ligue se mudar de ideia.

Preferi sair logo, antes que quem mudasse de ideia sobre dar espaço para ela fosse eu. Olhei para trás mais uma vez e pude ver que seu lindo rosto ainda carregava uma expressão de preocupação que me incomodava. Decidi que o melhor mesmo era ir, porque o

simples fato de tê-la machucado novamente me fazia mal.



Por quase toda noite esperei sua ligação, mas foi em vão. Uma parte minha sabia que era pouco provável que ela me ligasse, mas ainda assim esperei. Depois do jantar decidi deitar um pouco para descansar, ou ao menos tentar pensar melhor no que fazer diante essa situação. Eu estava cansado, exausto na verdade. A semana no hospital havia sido puxada. E essa situação com Bella estava definitivamente acabando comigo.

Não queria ficar me martirizando. Eu já costumava fazer isso em demasia. Tentei tirar um cochilo, mas não conseguia me desligar. Se antes já era difícil, depois do que aconteceu conosco mais cedo era praticamente impossível tirá-la da minha cabeça. Anabella havia me marcado, de fato. Pelo visto eu continuaria a ter muitas noites insones.

Minha mente girava, me lembrando dos nossos momentos de hoje e também em flashes daquele sonho que tive repetidas vezes, e nele a mulher em minha cama havia

ganhado seu rosto. Estava absorto no sabor daqueles lábios. Anabella havia me marcado de tal maneira, que ainda podia senti-los como se estivessem nos meus.

Precisava beijá-la de novo. Precisava tê-la. Era uma urgência, uma necessidade do meu ser, como se precisasse disso, como se precisasse dela para viver. Eu a queria em minha vida. Queria poder encarar aqueles olhos límpidos. Queria seu cheiro em minha roupa, em minha pele, em minha cama. Queria sentir cada pedaço seu com minhas mãos. Queria poder degustar e me fartar do gosto de seu prazer. Queria vê-la e ouvi-la gozar gritando meu nome. Fazê-la minha. Para sempre.

Esse pensamento me assustou um pouco. Eu nunca havia pensado em ter alguém, em me casar, ter uma família. E a culpa de me sentir assim não era inteiramente minha. Grande parte disso era porque eu sabia o peso que fazer isso traria para mim e jamais quis trazer para mais alguém. Talvez eu ainda não estivesse totalmente preparado para que isso acontecesse, mas no fundo, eu sabia que era exatamente isso que queria para mim.

Achei que talvez fosse melhor dormir um pouco,

talvez, ou com certeza, Anabella não me ligaria. Mas cair no sono se mostrou uma missão impossível, quando tudo que eu queria era entender como ela estava se sentindo agora. Sempre confiei no meu taco, afinal sou um cara ciente dos meus próprios atributos e as mulheres costumavam se jogar para cima de mim. O fato de jamais ter sido dispensado me fazia acreditar que ninguém faria. Especialmente quando eu estava ciente dos seus sentimentos por mim. Ao menos o que ela costumava ter.

Esse pensamento me incomodou. Eu havia tentado ignorar o fato de que ela ainda tinha um namorado e por mais que eu não gostasse de me lembrar disso, eu não poderia esquecer.

Será que ela amava Victor e havia me esquecido realmente? Que sua reação hoje comigo foi porque ela havia traído o namorado e se sentia mal por trair quem amava?

O aperto em meu peito foi mais do que doloroso com a realização desse pensamento. Ele foi excruciante. Afligia-me pensar que ela poderia sentir por outro, o que não sentiria por mim.

Meu telefone tocou e meu coração disparou. Tive que respirar, pois estava sentindo o meu coração bater tão rápido, que chegava a incomodar.

— Alô. — Atendi, ansioso.

— *Alôooooo...* — Anabella falou alto, antes de cair na gargalhada e eu pude ouvir que ela estava em um lugar realmente barulhento.

O que? Ela estava bêbada?

— Anabella? Onde você está? — Perguntei, já me levantando da cama, realmente preocupado, porque isso definitivamente não era do seu feitio.

— Estou me divertiiiiiiiiiiiiiiiiindo. Só liguei para você para dizer que não quero conversar. Não vou conversar. Você não pode chegar assim, gostoso desse jeito, me pegar daquele jeito e esperar que eu esqueça aquela noite. — Disse de uma só vez.

Mas o que?

— Onde você está, Anabella?

— Estou onde estarei, Dr. Igor, longe de você. — Fala, antes de desligar.

Merda!

Quase surtei quando ela fez isso. Tentei ligar novamente, mas o celular caiu direto na caixa postal e quase arranquei meus cabelos por isso. Decidi que não iria ficar parado ali, iria atrás dela.



O primeiro lugar que pensei em ir, foi à casa de Théo. Eu não poderia perguntar diretamente para Théo, porque ele certamente acharia estranho meu interesse, mas achava que Stephanne provavelmente saberia onde Anabella estava. Cheguei rapidamente a sua casa e quando a empregada me acompanhou até a sala, encontrei meu melhor amigo andando de um lado para o outro, enquanto falava ao telefone e Taddeo sentado em uma poltrona, mexendo em seu celular.

— O que houve? — Perguntei, esquecendo por alguns segundos o meu propósito de estar ali.

— O que você imagina? Stephanne enlouquecendo Théo como sempre. — Ele deu uma risadinha maléfica.

— O que ela aprontou agora? — Tive que perguntar.

— Disse que iria sair para jantar com as garotas e foram parar em uma boate. — Disse, antes de cair na gargalhada.

Ele disse garotas?

— Se eu fosse você não acharia tão engraçado assim, afinal, os seguranças de Steph acabaram de me informar que elas não estão apenas em uma boate, como também aparentemente Anabella está um pouco bêbada. — Théo diz irritado.

— Mas o que? — Taddeo perguntou assustado.

É. Então era realmente verdade!

— O que estamos fazendo parados aqui que não vamos atrás dela, Theodore? — Taddeo perguntou, sem nem ao menos esperar por uma resposta, pois já começou a se encaminhar em direção à porta e não poderíamos fazer nada mais além seguirmos ele.



Procuramos elas por todos os lados e não encontramos. Estava começando a achar que elas não estavam mais ali. Foi então que encontramos Stephanie e

Lourdes sentadas, no canto do camarote.

— Que merda de jantar é esse, Stephanne Caravaggio? — Théo perguntou para sua esposa assim que chegamos perto o suficiente para ouvi-lo.

— Não enche, Théo. Sua irmã estava precisando dar uma animada, por isso trouxemos ela para dançar. — Deu de ombros, enquanto Théo e Taddeo a julgavam por ter deixado Bella beber.

Novamente a culpa me assolou, eu era o único culpado por isso. A minha vida não era uma vida que ela poderia compreender. Mesmo com todos os seus defeitos, a família Caravaggio era uma família perfeita. Ela tinha sido muito privilegiada por isso. Eu esperava apenas que ela entendesse minha vida e minhas tentativas de afastá-la antes.

Foi então que caminhando pela multidão, pude avistá-la. E eu tinha mais do que certeza de que ela era, sem dúvidas, a coisa mais linda que já vi. Bella era linda demais mesmo, sua beleza irradiava, parecia até mesmo ter luz própria. Ela vinha em nossa direção, desfilando em cima de altíssimas sandálias de tira vermelha. O vestido

que usava era preto, bem colado ao corpo. Suas madeixas douradas estavam soltas, onduladas, dando um ar ainda mais sexy a ela.

Anabella estava acompanhada de Charlie, irmã de Lourdes, que lhe dizia algo que a fazia sorrir de uma forma impossível de não se fazer notada, chamando atenção de todos por onde ela passava. Alguém chamou por ela e foi então que engoli um gemido quando notei que a parte de trás do seu vestido era aberta, deixando a pele levemente dourada das suas costas completamente expostas.

Merda! Como eu conseguiria manter minhas mãos para mim mesmo assim?

Foi então que ela se virou e nos viu. Bella pareceu surpresa por alguns segundos, perdendo até mesmo um pouco o passo confiante, mas então continuou a andar, vindo em nossa direção, decidida, firme, poderosa. Como se nada no mundo a intimidasse. E o olhar? Puta que pariu, o olhar, ela não desviou um segundo do meu. E o sorriso provocativo terminou de acabar comigo.

De anjo ela não tinha nada! Eu estava bem

lascado!

— Fecha a boca, Igor. Sua baba tá escorrendo. —
Steph murmurou.

Acordei do transe imediatamente. Meu corpo se sentia fraco, meu cérebro parecia ter derretido e meu pau era outra história, estava dolorosamente duro.

Seria definitivamente impossível manter meu pau para mim mesmo essa noite.

.

Anabela

Victor era tudo o que Igor não era. Ele era doce, educado. Ele gostava de estar e conversar comigo. Ele me fazia sentir atraente, desejada, adorada. Ele não havia me magoado como Igor havia feito. Igor era um cachorro vadio, que não podia ver uma mulher sem querer fodê-la e depois virar as costas para ela como se nada tivesse acontecido. Já Victor estava comigo e queria estar. E isso

era tão bom. Eu gostava de me sentir querida, de saber que ele queria realmente ficar comigo.

Então por que eu continuo me sentindo dessa maneira com Igor?

Eu não sabia. Era caso de tratamento, com certeza. Apenas sabia que não adiantava o quanto eu ignorasse ou tentasse fingir que não entendia nada de todas as indiretas que Igor me dava. Ele simplesmente parecia não sair da minha cabeça. Meu coração estúpido continuava a bater descontrolado apenas ao ouvir seu nome. E não me ajudava em nada estar com ele a cada dia. Na verdade estava cada vez mais difícil estar com ele sempre ao meu lado e tentar ignorar meus sentimentos.

As coisas têm andado cada vez mais estranhas com aquele que merecia verdadeiramente minha atenção e amor. Tenho tentado ser uma namorada melhor, me convencer que estou fazendo a coisa certa, mas ultimamente, mesmo tentando, não posso ser quem realmente Victor merece. Não tenho tido tempo nem mesmo para lhe dar o mínimo de atenção e eu não acho justo com ele e muito menos conosco.

Eu não sabia como as coisas haviam chegado a esse ponto, mas haviam e eu não podia apenas ignorá-las. Por isso ao invés de sair para jantar, namorar e aproveitar o meu namorado, estou aqui agora, diante dele e depois de muito pensar e com muito pesar, acabei de lhe dizer que acho melhor terminarmos. E agora não tinha coragem nem mesmo de olhar para ele. Na verdade não acho que eu podia fazer isso, não quando ele veio de surpresa de Londres no meio da semana apenas para me ver e eu apenas acabei de jogar isso em seu colo.

— Bella, olha para mim. — Ele pediu e ainda assim não tenho coragem, por isso ele pega em meu queixo e faz com que eu faça isso. — Eu entendo. Isso é triste, mas eu entendo. Enquanto estávamos em Londres era mais fácil, era mais fácil para que nós dois lidássemos com isso. Eu não queria ter de fazer isso também, mas sinceramente não vejo outra saída, é a melhor coisa para nós. — Sussurrou suavemente, mas eu podia ver em seu olhar o quanto o estava quebrando dizer isso.

Deus! Isso é tão difícil!

— Sinto muito. — Consegui dizer.

— Não sinto. Talvez estejamos em lugares diferentes nesse momento e não estou falando apenas sobre a questão geográfica. — Enguli em seco, enquanto ele enxugava uma lágrima minha que escorria. — Você tem tanta coisa em sua cabeça agora... Faculdade, estágio... — *Igor*. Eu pensei, mas não falei. — No fundo, eu já sabia que isso aconteceria mais dia menos dia. Apenas fui um pouco persistente ou egoísta para não querer enxergar isso antes. Não se sinta culpada por isso.

Foi impossível não me sentir ainda mais horrível quando ele me disse isso. Não consegui mais segurar as lágrimas, apenas as derramei. Não me importei em não esconder como me sentia, porque era triste dizer “adeus” para alguém tão especial como ele era para mim. Especialmente quando esse alguém havia feito tão bem a mim, inclusive fez com que eu sentisse o gostinho do que é ser adorada por alguém. Eu não queria ter de fazer essa escolha, mas era preciso. Principalmente por ele. Era hora de deixar que ele partisse e encontrasse alguém que poderia dar a ele o que eu sabia que não poderia dar.

— Não fica assim, meu bem. — Ele continuou a

me acalantar. — Eu não vou sumir da sua vida. Você vai poder continuar a contar comigo, viu?

Novamente me senti mal. Ele certamente não seria tão bom para mim se eu lhe contasse sobre Igor, que era a verdadeira razão porquê nós estávamos terminando. O amor que eu sentia por Igor sempre esteve lá, mas mesmo depois de ser magoada por ele, quando Víctor surgiu em minha vida, a esperança de que eu pudesse seguir em frente e parar de sofrer por ele trouxe o alívio que eu precisava.

— Eu acho que você precisa ficar sozinha. Mas ainda assim eu não posso ir embora e deixá-la desse jeito. Eu não seria um bom amigo e o melhor ex-namorado que você poderia ter se fizesse isso. — Víctor murmurou brincalhão, me abraçando forte.

Sim. Eu realmente queria ficar sozinha. Não apenas porque eu precisava de ar, mas porque eu estava envergonhada por tudo que não lhe disse. Eu também não podia ser rude com alguém que só me fez tão bem até hoje. Eu sabia que não havia sido a melhor das namoradas. Ele merecia mais de mim. Era hora de engolir

meus sentimentos e passar por cima disso. Era hora de ser, como ele mesmo disse, a melhor amiga e ex-namorada que ele poderia ter.

— Não. Eu estou feliz que você esteja aqui comigo. Afinal, você pode desfrutar de uma sessão de cinema com a melhor pipoca de micro-ondas que você poderia comer na vida. — Brinquei, fazendo-o rir.



Eu não estava esperando encontrar Igor na sala de enfermagem. Nem mesmo depois do que ele me disse em pleno centro cirúrgico. Ele parecia estar sempre por perto, em toda parte. Decidido a não me deixar em paz, e por mais que eu odiasse saber disso, ainda assim eu não conseguiria superar essa coisa que eu sentia por ele se ele apenas não me deixava.

Por que eu estava fazendo isso comigo depois de tudo? Eu realmente merecia o prêmio de estúpida do ano!

Igor me encurralou ali e eu não tive defesas, apenas me rendi e me entreguei. Quando aqueles lindos

olhos castanhos olharam para mim, me vi indefesa. Como poderia apenas dizer “não”, quando tudo que queria era ele? Era impossível negar qualquer coisa que ele me pedisse ali. Novamente me deixei levar pelo que ele me fazia sentir. E embora não tivéssemos feito muito, a sensação de prazer que ele me proporcionou naquele momento foi muito maior do que na primeira vez ou que achei que fosse ser capaz de sentir.

Quando tudo terminou, eu esperei que ele dissesse que estava arrependido. Que aquilo era um erro e por isso me vi horrorizada comigo por me deixar cair novamente em seus braços. Mas não foi isso que aconteceu.

A emoção na voz dele enquanto me pedia para conversarmos realmente me surpreendeu. Ele queria uma chance de conversar comigo, mas eu não sabia o que ele poderia querer falar comigo a não ser dizer tudo que eu definitivamente não queria ouvir novamente de sua boca. Ou ainda pior, que nada que passamos havia sido especial para ele, como eu gostaria que fosse.

Se eu sabia que ele diria isso, então por que eu ainda estava surtando sobre isso e não apenas o deixei

dizer de uma vez o que eu já sabia?

Eu era a única que deveria estar louca. Não ele, que tinha uma expressão perturbada quando me pediu para falar com ele.

Burra! Burra! Burra!

Quando Igor finalmente me deixou sozinha, eu tive que me esforçar para não chorar a caminho de casa. Eu apenas sorri e fingi que tudo estava ótimo enquanto as pessoas passavam por mim. Quando cheguei em casa, ainda podia sentir os tremores pós-orgasmo que Igor havia me proporcionado no hospital. No banho fiquei ainda mais ciente do quanto ele havia me marcado, porque eu poderia senti-lo em cada parte do meu corpo. Eu não queria me sentir assim, vulnerável, porque por mais que insistisse em dizer a mim mesma que estar com Igor era errado, ainda assim, no fundo, eu sentia isso como certo.

Fechando os olhos, respirei fundo e enquanto o chuveiro molhava meus cabelos, tentava de alguma forma acalmar o frenesi que apenas relembrar de nossos momentos estava provocando não apenas em meu coração, mas também em meu corpo.

Eu não sabia como agir agora. A dor em meu peito era algo que antes eu estava ficando acostumada, mas apesar das minhas tentativas de ser feliz, ela era cada vez mais incômoda. Ver outros casais apaixonados e felizes doía demais, porque todo mundo quer isso, embora muitos neguem, também querem isso para si. E eu queria isso. Mas eu não queria isso com qualquer um. Eu queria isso com um cara que não me queria da forma como o queria.

E estar ao redor de pessoas que se amavam, fazia isso ainda mais difícil. Ver a forma como o meu irmão olhava para Steph me fez desejar que alguém me olhasse assim. Ver como o Rei Edward havia batalhado para se livrar dos seus fantasmas e culpa para ficar com Lourdes, era algo lindo de se ver. Ver como meu pai e minha mãe eram companheiros um do outro, fazia com que eu invejasse essa cumplicidade tão fácil dos dois. Mas eu parecia querer isso apenas com um cara que nunca disse que me amava. Que apenas me magoou, me feriu. Mas por mais que eu tentasse negar, eu ainda o queria.

E eu já estava chorando de novo.

Qual era o meu maldito problema?



Charlotte havia chegado a Campavia junto com Victor e ainda não havíamos tido tempo de nos encontrar desde que chegou, apenas nos falamos por telefone. Havíamos marcado com Lourdes e Stephanie uma noite de garotas, pois até mesmo as duas, que moravam perto de mim, estavam sem me ver há alguns dias. Por isso íamos sair para jantar essa noite, para aproveitar para matar as saudades, colocar a conversa em dia.

Por mais cansada e confusa que estivesse, eu não poderia simplesmente deixar de ir. Até porque depois do meu término com Victor ontem e minha pegação no banheiro essa tarde, eu definitivamente precisava desabafar e com certeza elas me matariam se mantivesse isso só para mim.

Por isso eu apenas larguei a preguiça de lado e fui em direção ao closet para escolher uma roupa para essa noite. Eu precisava disso e não queria nada que não fosse perfeito. O escolhido foi um vestido justo de renda na cor preta, que acentuava as curvas que eu nem imaginava que tivesse, mas eu estava com a ligeira impressão que meus

quadris estavam mesmo mais largos ou esse era o efeito “*Kardashiano*” do vestido.

A maquiagem mais carregada, juntamente com o batom na cor vermelha, complementavam o look, acompanhado das sandálias de salto da mesma cor.

— É, Anabella, quem te viu quem te vê. Você está realmente uma gata, mulher! — Eu disse para mim mesma através do espelho.

Dei mais uma rodadinha, invocada com o tamanho da minha bunda e foi quando ouvi baterem na porta do quarto.

— Pode entrar. — Gritei, ainda me olhando no espelho.

Essas são realmente minhas curvas?

— Atrapalho? — Tia Alisson perguntou ao entrar.

— Er... Não, tia. Imagina. — Falei, sem graça.

— Você está linda, querida. — Ela disse, sem tirar o sorriso do rosto e eu sabia que ela estava sendo sincera.

— Obrigada. — Agradei, sentindo meu rosto queimar de vergonha, como se de alguma forma houvesse

sido pega por algo.

— Vai sair com o namorado? — Perguntou, ajeitando a alça do meu vestido.

— Não, tia. Na verdade, nós terminamos na última noite. — Confessei pela primeira vez desde então e ela me olhou bastante surpresa.

— Nossa! Eu sinto muito, querida. — Ela pareceu sem jeito agora. — Você não nos disse nada e nem mesmo Sarah disse qualquer coisa sobre isso. Eu apenas não imaginava. Você está bem, meu amor? — Perguntou, agora realmente preocupada, antes de me abraçar, como se quisesse de alguma forma me confortar.

— Sim. Estou bem, tia. — Suspirei. — Quer dizer, eu gosto bastante de Victor, mas com a distância, estudo e tudo mais, apenas concordamos que é melhor assim. — Eu disse e ela me deu um sorriso triste.

— Eu entendo, nem sempre é para ser. — Diz, apertando minha mão.

Sua voz quebrada fez apenas com que eu me sentisse ainda mais idiota por me lamentar por tanta besteira, quando eu sabia o quanto ela já havia sofrido.

Ela não apenas havia perdido seu grande amor, como também seu filho e a própria vida. Alisson Caravaggio havia sofrido tanto, que eu apenas me sentia uma menina mimada ao seu lado.

Eu invejava sua força, seu sorriso, a forma como ela encarava e enfrentava o mundo com tanta garra apesar de tudo. Não achava que existisse alguém nessa vida mais forte. E também não acho que exista alguém que merece mais ser feliz do que ela.

— Eu apenas não podia. — Confessei, baixando meu olhar para o chão.

— Ei, querida, jamais se esconda. Jamais se envergonhe pelas suas escolhas. Pois se você não tiver coragem de encarar o mundo, então você não quer realmente viver tudo que há para viver. — Ela segura meu queixo, prendendo seus lindos olhos azuis nos meus. — Eu vejo tantas coisas lindas em você, Bellinha. Por dentro e por fora você é uma das mulheres mais lindas que conheço. E eu vejo que aqui dentro — Coloca a mão sobre meu coração. — há muito, mas muito amor. Não importa o que tenha acontecido para que você o guarde, o

amor é a coisa mais linda e poderosa que existe. Ele pode tudo e qualquer coisa. Basta acreditar.

Eu engoli em seco enquanto uma lágrima escorria pelo meu rosto. Minha tia sorriu para mim compreensiva, como se realmente soubesse a confusão que se passava dentro de mim e do jeito que as mulheres dessa família eram, eu não duvidava que soubesse realmente. Enxugando as lágrimas que teimaram em cair, ela me deu um beijo na testa antes de se despedir.

Ela já estava à porta quando se virou para mim sorrindo e falou:

— Bella, por favor, não conte à sua avó nos próximos dias que terminou com seu namorado. Primeiro ela irá se lamentar por dias e depois, tenho quase certeza, que ela irá querer de todas as formas arrumar uma maneira de consolá-lo. — Diz, antes de cair na gargalhada e sair.

Pior que ela estava certa! Era bem capaz de dona Antonella fazer exatamente isso!

Eu ri, mas ainda assim terminei de limpar minhas próprias lágrimas. Como se fosse possível, ela havia me

dado ainda mais o que pensar. Respirei fundo mais uma vez e resolvi que era hora de retocar minha maquiagem. Afinal, eu já havia prometido não chorar mais por aquele idiota e era exatamente isso que estava fazendo.

— Vamos lá, Anabella. Você está linda e precisa mostrar isso para o mundo. — Voltei a falar comigo mesma no espelho.



Já havia tomado como hábito dirigir meu próprio carro. Mesmo que soubesse que não importava para onde fosse, atrás de mim vinha um carro de seguranças me seguindo, ainda assim eu conseguia me sentir um pouco mais dona de mim. Besteira, eu sei, mas era como me sentia.

Um tempo depois que saí de casa, cheguei ao restaurante francês que havia marcado com as meninas. Aparentemente Stephanie estava com uma espécie de desejo de comer *coq au vin*. Não sabia como minha cunhada ainda não havia explodido, porque todos os dias eram desejos novos. Ao menos esse não era um desejo

louco.

Sim. Meu irmão era definitivamente um guerreiro!

— *Mi lady*, boa noite. — O metre me cumprimentou assim que parei ao seu lado.

— Boa noite. Nós temos uma reserva. Eu só não sei se está em nome da Princesa Stephanie ou da Rainha Lourdes. — Falei em dúvida.

— Ah, sim! A mesa da Princesa Stephanie. — Ele sorriu. — Ela já está pronta. A senhorita Charlotte já está à espera de vocês. Me acompanhe, por favor. — Disse, me dando passagem.

— Obrigada. — Agradei sorrindo, antes de segui-lo.

Enquanto andávamos em direção à mesa, não pude deixar de notar as pessoas ao meu redor me olhando. Com admiração, ainda por cima. A Anabella de antes certamente ficaria acanhada, envergonhada com a atenção que estava recebendo. Mas hoje eu me sentia diferente. E sendo sincera comigo mesma, me sentia bem. Não por ser o centro das atenções, mas por estar sendo admirada,

coisa que até pouco tempo atrás eu não achava ser possível. Não dessa maneira pelo menos.

— Oi, Charlie. — Puxei minha amiga para um abraço apertado, assim que encontrei-a sentada a nossa espera.

— Oi, Bellinha. Que saudades. — Ela sussurrou, me apertando ainda mais contra si.

— Eu também estava. Muito. — Olhei para ela sorrindo e fiquei feliz de ver como minha amiga estava bonita. — E você, como está? — Perguntei, enquanto nos sentávamos.

— Vou bem. — Foi sua resposta.

Eu percebi duas coisas quando ela me respondeu: Um, ela não estava sendo sincera. Charlie estava com algum problema. Dois, ela não estava olhando em meus olhos quando disse isso. E isso verdadeiramente me incomodou.

— O que houve, amiga? — Perguntei, segurando sua mão e ela me pareceu ainda mais sem jeito quando fiz essa pergunta.

— Nada. Só estou cansada. — Disse, antes de

tomar um gole da sua água e eu sabia que por algum motivo ela estava querendo fugir da minha pergunta.

Eu não entendi por quê. Charlotte era transparente como água, mas eu já a conhecia o suficiente para saber que ela também gostava de guardar para si o que sentia. Eu a entendia, porque quem tem um pai alcoólatra e viciado em jogos como ela tinha, acabava se tornando expert em esconder seus sentimentos. Seja quando ia buscar seu pai nos becos sujos da cidade, caído de bêbado, ou até mesmo quando ia vê-lo na prisão, em dias de visita. Isso era triste e por isso eu me preocupava ainda mais com ela.

— Olha, elas chegaram. — Charlie disse, mudando nossa atenção para as duas.

Queria ter insistido sobre o assunto, mas não tivemos oportunidade, porque logo o Restaurante “parou” para ver a Rainha Lourdes e a muito grávida Princesa Stephanie entrar no local, ambas rodeadas pelos seus seguranças. Se eu já achava meio desconcertante ter três seguranças ao meu redor, imaginem as duas que andavam com pelo menos seis.

— A diversão chegou. — Steph disse, assim que chegou à mesa, vindo nos abraçar.

— Théo não reclamou do seu vestido, Steph? — Charlie perguntou, se referindo a uma peça que ela própria havia desenhado para Steph, mas que acabou ficando um pouco mais curto por causa do tamanho avantajado da sua barriga.

— Quando ele não reclama? — Perguntou, já se sentando em sua cadeira. — Nunca vou entender a lógica desses homens que brigam com as mulheres por causa de roupa ou porque os outros dão em cima. Já disse a Théo: Amor, bate no peito e fala “É tudo só meu”! — Disse, nos fazendo rir.

— Como se ela não fosse uma ciumenta. — Lou disse e eu tive que concordar.

— Mas claro! Comigo o negócio é mais embaixo. Galinha que invade meu terreno, amanhece na panela! — Respondeu, deixando o pobre do garçom constrangido.

— Boa noite, senhoras. Alteza, Majestade. — Nos cumprimenta, ainda sem jeito.

Eu não sei, mas eu tinha a ligeira impressão que

essa noite seria interessante..



— Então, como vão as coisas? Eu a achei meio estranha ao telefone. — Lourdes perguntou assim que o garçom terminou de nos servir.

— Estou realmente me sentindo estranha. — Confessei, brincando com a salada do meu prato.

— O que houve? — Steph quem perguntou, parecendo realmente preocupada ao notar a seriedade em minha voz.

Suspirei. Seria difícil me abrir. Mesmo que elas fossem as melhores amigas que eu poderia ter, era difícil falar sobre isso. Talvez sempre fosse.

— Posso não ter dito nada, mas nem precisava, vocês devem saber o quanto tenho andado confusa. — Elas concordam e eu continuo: — Desde que cheguei eu tenho tentado... Quer dizer, desde que fui embora tenho tentado veementemente esquecer tudo. Tento fingir que a presença diária dele não me incomoda e eu não sinto nada, mas eu estaria mentindo se negasse tudo isso. —

Confesso envergonhada.

— Nós sabemos. — Lourdes disse compreensiva.

— E como se não bastasse — Continuei — estar me sentindo assim, eu ainda não tenho tido nem mesmo tempo para Victor. Eu sabia que Igor trabalhava bastante, mas não fazia ideia de que era tanto. Sendo assim, não estava dando a atenção que Victor merecia...

— Merecia? No verbo passado? — Stephanie me interrompeu com a pergunta e eu concordei.

— Eu terminei com Victor. Não era justo com ele, nem comigo e nem com ninguém. — Admiti, minha voz se quebrando no final.

— Está tudo bem, Bella. Você não tem que se sentir mal. — Lourdes falou.

— Como não? — Perguntei, magoada e envergonhada de mim mesma.

— Nem sempre tudo acontece como esperamos. — A voz de Steph era suave e baixa, como poucas vezes eu vi a Princesa Stephanie fazer. — Há certas coisas na vida que não conseguimos fugir e isso acontece também com o nosso coração. Eu sei que você fez a escolha certa,

que você precisava sim se amar mais e encontrar a própria felicidade, mesmo que não fosse ao lado dele. Na vida, realmente precisamos passar por certas coisas. Errar para aprender. Tomar na cara, sofrer, para lá na frente fazemos a escolha certa. Isso faz parte da vida, do aprendizado. — Ela acaricia meu rosto com sua mão, enxugando as lágrimas que insistiam em cair. — Não queria que você sofresse. Dói sofrer, mesmo que seja por amor. Sei que há mais alguma coisa que você não nos contou, mas não importa o que tenha sido, você vai passar por cima disso. E eu te amo de verdade, você sabe. A considero como uma irmã e seu sofrimento é meu também. Quero apenas que você se permita viver, mesmo que sua primeira tentativa de fazer isso tenha dado errado. Estando com Igor ou não, te peço que faça isso por você. Permita-se.

— Seria tão mais fácil se ele me amasse mesmo e não tivesse me feito sofrer. Eu não posso esquecer que ele me fez sofrer por ele. — Falei em um sussurro.

— Você não precisa esquecer, só precisa provar para si mesmo que não vale mais a pena ser idiota.

Não precisa provar nada para ele. Acredita em mim, ele te ama, Bella. Sempre te amou, na verdade. Agora ele já sabe disso, só não sabe o que fazer diante desse sentimento. Ele ainda será idiota, vai magoá-la mesmo que não queira, apenas lhe dê um tempo para que ele aprenda a administrar isso. Aprender a amá-la como mulher e não apenas como a menina que ele viu crescer e é irmã do seu melhor amigo. — Disse, sorrindo para mim.

— Stephanie tem razão, Bella. Todos cometemos erros. Principalmente quando se trata de amor. Igor te ama, todas nós sabemos disso. E acho que você também. Não há mais nada que impeça isso. Lhe dê uma chance de mostrar isso. — Lou falou serenamente.

— Eu tenho medo de persistir no erro e me machucar novamente. — Confessei.

— Errar é humano, Bella. Como a Lou disse, todos nós cometemos erros. — Charlie falou pela primeira vez desde que comecei a falar sobre Igor.

— Sim. Errar é humano, mas persistir no erro às vezes é uma delícia! — Stephanie diz com um sorriso safado, o que acaba me fazendo rir entre lágrimas.

Disso eu definitivamente não poderia discordar!

Ele era uma delícia mesmo!

— Obrigada, Steph. Obrigada, meninas. —

Agradei.

— Tem que agradecer mesmo. Afinal, quem tem Steph, tem tudo. — Ela completou com propriedade, nos fazendo cair na gargalhada.



Em algum momento da noite, Stephanie achou que seria uma boa ideia esticarmos nosso jantar para uma baladinha. Ela disse que eu precisava disso e se antes eu não deixaria de atender a um convite da Princesa, não seria agora com 20kg a mais de uma gravidez de gêmeos, explodindo de hormônios, que faria isso.

O lugar já estava cheio quando entramos. Como sempre acontecia quando se tratava da realza campaviana, fomos encaminhados para o melhor camarote dali. Ali os sofás eram confortáveis e não demorou para que os garçons comesçassem a trazer uma bebida atrás da outra. Todas elas escolhidas por Steph, que permanecia

resmungando por não poder beber nada a não ser seu coquetel sem álcool.

— Preciso ir ao banheiro. — Eu disse com uma careta, depois de respirar fundo ao virar mais um *shot* de tequila e sentir minha cabeça girar.

— De novo? Eu acho que é a décima vez que você vai ao banheiro essa noite. Nem eu que estou grávida vou tanto ao banheiro. Eu acho que você tem um grande problema de bexiga, cunhadinha. — Stephanie disse rindo e eu me limitei a responder com uma revirada de olhos.

— Eu vou com você, Bella. — Charlie disse, antes de me seguir.

Enquanto andávamos em direção ao banheiro, tentei não apenas me concentrar no caminho que tinha que fazer, como também em pensar os motivos que fizeram com que Charlotte parecesse tão estranha e introspectiva durante toda a noite.

— Está tudo bem? — Perguntei através do espelho, enquanto lavávamos a mão depois de usar o banheiro e ela se limitou a responder com a cabeça, negando. — O que houve? Você tem estado estranha. É

seu pai? Você sabe que pode contar para mim. — Falei me virando para ela e ela fez o mesmo.

— Eu sei, mas é que... — Ela suspirou, negando com a cabeça, antes de prosseguir: — Só é complicado.

— Complicado? O que?

— Eu não queria ter de lhe dizer. Na verdade estou há alguns dias tentando esquecer isso. Mas eu não pude.

— O que? — Eu estava realmente preocupada.

— Me sinto uma péssima amiga. A pior delas, na verdade. — Charlie começou a falar, andando de um lado ao outro no banheiro feminino e seus movimentos me deixam um pouco tonta, mas eu apenas me segurei para me manter firme.

— Charlie, você pode me dizer. Você não é uma péssima amiga. — Eu disse e queria dizer isso.

— Eu sou sim. Caso contrário eu não teria me apaixonado pelo namorado da minha amiga.

Hã? O que ela disse?

— Estou apaixonada por Victor.

Meus olhos se arregalaram em surpresa. Eu

definitivamente não estava esperando por isso. Afinal, desde que fomos para Londres, eles se tornaram amigos e depois ela ainda nos incentivou tanto, que eu jamais pensei que isso pudesse acontecer. Porém agora a maneira que ela estava se portando a noite toda parecia fazer sentido para mim.

— Mas co-cómo... Você praticamente me infernizou para que eu saísse com Victor. Se você era apaixonada por ele, por que simplesmente não me disse isso? — Perguntei incrédula.

— Não. Não. Eu não o via dessa maneira. — Ela disse com as mãos em rendição. — Eu apoiava vocês. Achava que vocês eram um casal fofo, mas depois que você foi embora... — Sua voz se quebrou.

— Vocês ficaram? — Perguntei, confesso que temendo um pouco sua resposta.

— Não! Não! Eu jamais faria isso com você! — Respondeu assustada e eu respirei, um pouco aliviada. Não por Victor, afinal eu e ele não estávamos juntos agora, mas pela nossa amizade.

— Me conta. — Pedi, me aproximando dela e

segurando sua mão.

— Quando você foi embora, mesmo que Victor não tenha deixado transparecer, ele ficou triste por você não estar lá. — Suspirou. — Acabamos nos encontrando mais vezes, eu não queria que ele se sentisse sozinho sem você, sabe? Eu fui vendo vocês se afastarem e me desculpe, mas isso me deixava puta da vida com você, pois eu sabia que ele não merecia isso. E comecei a sentir coisas diferentes estando com ele... E...

— Tudo bem, não precisa me contar. — Respondi em tom suave, embora eu realmente ainda estivesse surpresa com isso.

— Tentei fingir que nada disso estava acontecendo, que nada havia mudado e nos aproximamos ainda mais. Eu vi o quanto ele estava animado para vir lhe fazer uma surpresa, matar as saudades e isso estava me matando um pouco. Já havia inclusive decidido me afastar quando voltássemos para Londres. Mas então ele me ligou ontem à noite para dizer que vocês haviam terminado e... Não sei o que fazer agora. Porque uma parte minha ficou feliz por isso ter acontecido e me sinto péssima por isso.

Como se eu tivesse traindo nossa amizade. Eu sei que você não o ama como ama Igor, mas ele é seu ex-namorado e não posso fazer nada quanto a isso. Fora que ele não me vê da maneira que eu o vejo, tenho ciência disso. Mas ainda assim, isso não impede que eu me sinta péssima. Não deveria ter acontecido isso... — Diz em um folego só.

— Calma, Char. Respira, tá? — Pedi e ela concordou. — Não vou negar que estou surpresa com isso tudo, mas quero te pedir que você não se sinta dessa maneira. Você não me traiu. Não precisa se preocupar com isso. E convenhamos, quantas vezes falamos sobre não mandarmos no nosso coração, hein? Quantas vezes você me disse que o coração era um órgão burro mesmo? — Sorri para ela.

— Ainda assim, isso não deveria ter acontecido. — Continuou a negar, limpando suas lágrimas.

— Charlotte, para com isso. Sei que se você pudesse escolher, isso não aconteceria. Mas aconteceu e não é pecado. Nós sabemos que embora eu tenha me esforçado para ficar com ele, nós... nós não daríamos

certo de qualquer maneira. — Falei e ainda assim ela não olhou para mim. — Eu posso não estar com minha mente perfeita e estar um pouco ou muito embriagada, mas quero que você saiba que fico feliz de você ter me contado. Adoro você e Victor, eu não sei como ele se sente, mas ainda assim torço para que ele aprenda a gostar de você como você merece. Na verdade eu não conheço duas pessoas que acho que mereçam tanto quanto vocês. Quero que vocês sejam felizes. Sou #Charctor! — Brinquei, fazendo-a rir através das suas lágrimas.

— Obrigada, Bella. Você é a melhor. — Agradeceu, me fazendo sorrir para ela.

— Parafraseando Stephanne, agradeça mesmo, afinal, quem tem a Bellinha aqui, tem a melhor madrinha e cúpida do mundo. — Completei.



A revelação de Charlie havia levado fora boa parte da nuvem alcoólica que eu estava gostando tanto de ter em meu cérebro. As pessoas deveriam espalhar para o mundo o quanto a sensação que o álcool nos dá é boa.

O garçom estava demorando demais e eu resolvi que antes de ir para a pista de dança e dançar como se não houvesse amanhã, que iria tomar alguma coisa bem forte e por isso fui até a fonte. Pedi ao barman que me desse o que ele tivesse de mais forte e ele fez. Senti o álcool queimar minha garganta enquanto descia com dificuldade.

Respirei fundo e empurrei para baixo a vontade repentina de vomitar. Fechei também os olhos e sacudi a cabeça, tentando fazer minha cabeça parar de girar. Mas apesar do meu propósito de beber ser também esquecer, não conseguia tirar aquele maldito da minha cabeça.

Aproveitei esse momento para colocar para fora o que eu estava sentindo e peguei meu celular para falar com ele. Procurei por seu número na agenda e por um momento achei que talvez ele fugiria e não me atenderia, mas não demorou para que ele atendesse.

— *Alô.* — Ouvi aquela voz rouca que eu tanto amava do outro lado da linha.

Ele atendeu! Ele realmente atendeu! O que vou falar agora? Ah, já sei!

— Alôoooo... — Ri sem controle.

— *Anabella? Onde você está?* — Perguntou, parecendo preocupado e eu quase acreditei.

— Estou me divertiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiindo. Só liguei para você para dizer que não quero conversar. Não vou conversar. Você não pode chegar assim, gostoso desse jeito, me pegar daquele jeito e esperar que eu esqueça aquela noite. — Respondi, porque ele precisava saber a verdade.

— *Onde você está, Anabella?* — Repetiu a pergunta, me irritando ainda mais.

— Estou onde estarei, Dr. Igor, longe de você. — Aviso, antes de bater o telefone em sua cara. — Isso mesmo, Dr. Delícia. Você vai saber o que perdeu. — Eu disse, antes de seguir para pista de dança e me jogar no ritmo da música que tocava.



Eu não acho que estava preparada para vê-lo hoje. Nem mesmo com todo álcool que agora dominava minha cabeça. Mas ele estava aqui e eu não iria fugir. Não mesmo. Eu estava voltando da pista de dança com

Charlotte, quando o vi junto com Théo e Taddeo.

É .Eu acho que eu estava um pouco ferrada com eles ali!

Vi que Stephanne tentou falar alguma coisa e certamente ela disse mais uma de suas pérolas para meus irmãos, mas eles não se importaram, pareciam estar com um único propósito essa noite. Que no caso, era acabar com a minha festa.

Droga! Por que eu fui beber mesmo?

Fiquei onde estava. Estava com medo de não conseguir andar em linha reta e ser desclassificada na prova de “direção” dos meus irmãos. Mas não demorou para que os três mosqueteiros viessem andando em minha direção. Quando as mulheres notaram Théo, Taddeo e Igor vindo em nossa direção, elas começaram a se ajeitar como se tivessem em frente ao espelho e começaram a falar tudo ao mesmo tempo. Me senti em um galinheiro com elas cacarejando.

Putá merda! Onde estava a vergonha na cara delas? Eram umas desavergonhadas!

— Olá, irmãos. Igor. — Eu disse sorrindo,

tentando aparentar uma sobriedade que eu estava longe de sentir.

Eles não responderam, Théo apenas apontou em direção à porta de saída.

— Vamos embora. — Ordenou, sua voz irritada nitidamente controlada enquanto apontava para mim com seu dedo nervoso. — Essa é a primeira e última vez que você fará isso, Anabella. Vamos. — Repetiu e eu bufei irritada.

— Não. Eu não irei embora, vou ficar e ficar até a hora que quiser. — Falei com veemência, a coragem obtida pelo álcool até então desconhecida.

— Não. Você vai embora conosco agora... — Ele começa a falar, mas eu o interrompo, indo até ele com as mãos na cintura e o queixo levantado:

— Todo mundo tem o direito de se divertir, por que eu não posso?

Né? Isso era injusto!

— Porque você é nossa irmãzinha, não precisa disso. Você é uma moça. Essas coisas não são para você. — Théo disse me olhando sério.

Moça? Não mais. Mal sabia ele!

— Fora que eu nem sei o que faria com todos os desgraçados que ousarem olhar para você... — Taddeo começa e Théo complementa:

— A palavra que você está procurando é matar. Eu mataria qualquer desgraçado que ousasse tocar em você, Anabella Caravaggio!

Eu acho que vi Igor engolir em seco quando ele disse isso. Imagina se eles soubessem o que ele já havia feito comigo. Seria um desperdício estragar esse corpinho.

Não podia deixar que esse sacrilégio acontecesse!

— Isso é ridículo, Théo! — Externei a minha raiva e Igor ainda parecia atordoado ao seu lado.

— Não. Ridículo é você estar aqui, enchendo a cara desse jeito... Essa não é a minha irmãzinha. — Sua voz se quebrou no final e por mais chateada que eu estivesse com a situação, me senti culpada.

Droga! Por que ele tem de ser tão doce?

— Eu sempre serei sua irmãzinha, seu doce. —

Ele abaixa a cabeça e balança em negação, eu o abraço apertado, antes de falar em seu ouvido: — Estou bem, irmão.

— Você não entende, Bella. Eu não sei em que momento você cresceu e se tornou essa mulher linda. Mas eu acho que não me acostumei com isso ainda. Na verdade, não sei se um dia vou me acostumar. Eu apenas me preocupo com você. Se eu pudesse, te protegeria do mundo, para que nada te magoasse.

Por cima do ombro de Théo, eu olho para o lado e posso ver Igor olhando para mim. E aí foi impossível de controlar o bolo que havia se formado em minha garganta. Sai de seus braços para ir até meu outro irmão bicudo e ciumento.

— Eu também sempre serei sua baixinha. — Ele me apertou forte.

— Sempre. — Confirmou.

Sorri entre minhas lágrimas. Irmãos mais velhos ou mais novos, sempre um problema. E os meus eram ciumentos, loucos, mas me amavam acima de tudo e eu sabia que por mais insanos que fossem, eles se

preocupavam realmente e só queriam o meu bem. Eu os amava demais também.

— Vamos embora. — Me dei por vencida e eles sorriram, nitidamente aliviados com a minha escolha.



Tudo bem, talvez eu tenha abusado um pouco demais do álcool essa noite. Mas quem nunca fez isso? Apenas uma vez, apenas por um dia, eu queria não ter que me preocupar com nada, nem mesmo com meu estúpido coração. Queria que as coisas fossem mais fáceis e eu não tivesse que pensar e muito menos sentir.

Só que nem todo álcool que ingeri durante a noite foi capaz de me fazer esquecer. Muito pelo contrário, parecia até mesmo que ele estava fazendo o trabalho inverso, porque quanto mais eu bebia, mais eu me lembrava. Lembrava-me de como ele me fazia sentir. E pensar nisso, era o suficiente para me pôr louca.

Não me ajudou em nada vê-lo indo ao meu socorro e ainda por cima estar ali, no mesmo teto que eu, apenas algumas portas nos separando. A imagem mental

que minha mente pervertida, até então desconhecida havia criado, estava fazendo meu corpo doer por ele.

E foi pensando no meu próprio alívio que me levantei da cama após tirar um pequeno cochilo. Abri a porta do quarto e espiei o corredor, apenas para ter certeza de que a barra estava limpa e eu poderia seguir para onde eu precisava. E graças a Deus a barra estava limpa.

Sem pensar em mais nada, saí do meu quarto, caminhando devagarzinho. Quando estava prestes a girar a maçaneta, percebi que talvez fosse estupidez fazer isso. Afinal, ir voluntariamente para os braços de Igor provavelmente não era uma das mais inteligentes decisões que eu poderia ter.

Quando estava prestes a me afastar do seu quarto, respirei fundo novamente, pois naquele momento poderia ser o álcool falando, meu desejo ou até mesmo meu estúpido coração, mas não me importei. Eu apenas precisava dele. Por isso girei a maçaneta e abri a porta do quarto. Assim que a porta se abriu, vi que ele estava lá em cima da cama, lindo, com seus cabelos bagunçados,

caindo sobre sua testa.

— Anabella? O que houve? Você está bem? — Perguntou, levantando da cama assustado e engoli em seco, quando o vi usando apenas uma boxer preta.

Ai, meu Jesus! Que pecado!

— E-u n-ão queria te acordar. Não é na-nada, já estou indo... — Minha voz soou hesitante até para mim mesma.

— Deixa de coisa, Annabella. O que aconteceu? — Questionou cruzando os braços sobre o peito e arqueando a sobancelha, antes de me dar um sorriso safado.

Ah! Maldito Sorriso!

Ele parecia saber exatamente o que eu havia ido fazer ali. Tive vontade de socar a cara dele, mas me segurei porque eu tinha um propósito em estar ali. Fora que quem tinha se colocado nessa situação havia sido eu.

— Não conseguia dormir. — Disse e não era de todo mentira.

— Eu também. — Me olhou profundamente, antes de me chamar: — Vem aqui.

Eu queria ir, mas não sabia se era uma boa ideia ir assim tão facilmente, pois tinha certeza que se ficasse com ele agora, tudo apenas se complicaria. Mas naquele momento tudo o que mais queria era estar com Igor, sabendo que ele queria estar comigo, mesmo que amanhã ele fosse se arrepender e fingir que isso não havia acontecido, como foi nossa primeira vez.

Sério que você está falando isso, sua idiota?

Tranquei a porta e mais uma vez larguei a razão de lado e não pensei uma segunda vez antes de ir direto para ele. A luz do abajur era a única luz que estava ligada e iluminava parcialmente o ambiente. Quando sentei ao seu lado, fiquei por um instante observando seu belo rosto. Os lábios carnudos e deliciosos, com a sombra daquela pinta charmosa. Os cílios longos e grossos, o nariz perfeito.

Droga! Por que esse cachorro tinha que ser tão irresistível? Era uma covardia comigo. Eu não tinha nenhuma chance desse jeito!

Sem conseguir mais me segurar, sentei em seu colo e automaticamente suas mãos seguraram meus

quadris, enquanto as minhas infiltraram-se em seu cabelo macio. Igor fechou os olhos e gemeu baixinho, antes de me encarar de uma forma quente e profunda.

— Você não me ligou para conversarmos. Esperei que você fizesse isso. — Murmurou baixinho.

— Eu achei que era melhor não fazer isso. — Olhei para o lado, sem querer olhar para ele, mas ele não parecia querer perder o contato, pois segurou meu queixo me fazendo olhar para ele novamente, quando perguntou:

— Por quê?

Eu não sei de onde veio a coragem, novamente talvez seja o restante de álcool que ainda havia em meu sistema, mas eu apenas admiti o que eu não me veria fazendo em qualquer outro momento:

— Porque eu não quero me magoar novamente.

Quando eu disse isso, Igor me encarou e parecia travar uma espécie de luta interna, pois fechou os olhos e sacudiu a cabeça, como se o que lhe disse havia torturado-o de alguma maneira. Quando voltou a abrir seus olhos, não sabia descrever o que via ali, era tão profundo, algo que nunca tinha visto antes.

Surpreendendo-me, Igor segurou meu rosto, antes de pegar minha mão, colocando-a sobre seu peito, que batia tão forte quanto o meu. Eu malmente conseguia respirar, apenas observava sem entender o que ele queria dizer com isso.

— Eu não vou te magoar novamente. — Afirmou seriamente, fazendo meu coração disparar.

O que isso significava? O que ele queria dizer com isso?

— Promete? — Perguntei desconfiada.

Igor sorriu parecendo um pouco perdido e até mesmo envergonhado, afinal essa situação era estranha para nós dois. Íntima até. Era uma promessa, mais íntima do que qualquer coisa que já havíamos tido antes. Por um momento eu achei que ele recuaria ali, mas ainda assim ele assentiu. Eu não sabia o que dizer agora, como agir, então o clima simplesmente mudou, nossas bocas logo se encontram e a partir desse momento tudo se torna um frenesi louco.

Seus dentes morderam meu lábio inferior, antes dele dar um pequeno puxão. Eu tremi sobre ele e

empurrei-me com mais força contra seu membro duro e excitado, fazendo-nos gemer com a sensação. Sua boca tomou a minha novamente e eu sabia o que ele queria. Eu sabia o que queria desde que decidi ir até ali e o beijo selvagem e faminto só aumentou meu desejo.

Sua boca desceu um caminho pelo meu queixo, lambendo e chupando meu pescoço, até alcançar meus seios. Minha necessidade dele era tão absurda, que se ele demorasse um pouco mais, pediria que fizesse isso, pois meus seios estavam duros, pesados, como se precisassem de alívio. Igor parecia saber exatamente o que eu precisava, pois os lambeu antes de mordê-lo suavemente, me fazendo gemer.

Sua mão macia levantou a camisola de seda que eu usava, viajando em minha pele, até alcançar meu clitóris pulsante. Eu já estava molhada, pronta para ele e por isso abri minhas pernas em um convite e ele atendeu. Traçando minha abertura escorregadia com dois dedos, brincando ali, deixando-me à beira do êxtase. Não aguentando mais esperar, rebolei contra seu dedo, sentindo seu pau esfregar em minha bunda e ambos

gememos.

— Ai, Deus! — Gemi baixinho em sua boca e ele riu, safado.

Seus dedos penetram-me, enquanto sua outra mão beliscou meus mamilos e logo se afastou da minha boca para chupá-los, fazendo-me gemer ainda mais.

— Nunca vi ou ouvi coisa mais linda na minha vida, Bella.

Sua boca sobe até meu pescoço, mordendo meu queixo, antes de correr sua língua até meus seios novamente. Eu estava completamente entregue, meus gemidos e lamúrios de prazer cada vez mais altos. Enquanto seus dedos continuavam seu trabalho dentro de mim, sua outra mão aperta minha cintura, prendendo-me contra ele, e ele mordeu o lóbulo da minha orelha, enquanto ronronou baixinho:

— O que fez comigo, anjo? — Perguntou, me olhando nos olhos com paixão. — Em que momento você se tornou essa mulher que me fez perder o chão? Essa mulher que mesmo com sua doçura, consegue foder com a minha cabeça como ninguém? — Pergunta, fazendo com

que eu me contorça em seu colo.

Meu Deus!

Suas palavras me tocaram de uma forma irrevogável, fazendo não apenas meu coração disparar de emoção, como também meu corpo arder ainda mais por ele.

— Você sempre foi meu anjo, mas agora você é também meu céu e inferno embrulhado em um pacote delicioso. Você é perfeita demais. Tudo sobre você é. Seu sorriso, sua risada, tudo sobre você parece ser capaz de iluminar meu dia e a minha maldita vida. — Seus dedos afundaram-se entre minhas pernas, me fazendo fechar os olhos e morder meus lábios para não gemer alto. — Porra, anjo, não existe nada melhor do que isso. Você é a definição da perfeição.

Não consegui mais suportar antes de gozar em sua mão. Sua outra mão vem em meu cabelo, puxando minha boca de encontro a sua. Seu beijo é frenético, carnal, nossas línguas batalhando em um duelo de pura lascívia.

Os tremores ainda tomavam conta do meu corpo quando finalmente consegui abrir meus olhos para

encontrar aqueles lagos escuros e quentes. Ele tirou seus dedos de dentro de mim, fazendo com que minha abertura vibrasse um pouco mais sobre seu membro rijo, apenas algumas camadas de tecido nos separando do alívio que precisávamos.

— Isso é loucura. Estamos na casa do seu irmão, podem nos pegar... — Ele falou, como se quisesse colocar um pouco de juízo em si, mas ainda assim não conseguia tirar seus olhos dos meus.

Pensar nisso era definitivamente a última coisa que eu gostaria agora. Se antes eu já não queria pensar, agora só queria ter ele e não pensar em nada a não ser prazer. Não importa que amanhã ele acorde arrependido, ou finja ter esquecido o que passamos, o único arrependimento que terei é se ele não me der o que preciso.

Mordi seu lábio inferior e o puxei como ele havia feito a pouco comigo e disse, entre meus dentes e chupando-o em seguida antes de dizer:

— Então pare de perder tempo.

— Não é assim, precisamos conversar...

Ele retribui a mordida, enquanto suas mãos deslizavam pelo meu corpo, fazendo-me gemer, jogando minha cabeça para trás e arqueando minhas costas, oferecendo meus seios como um banquete para ele. Igor não se fez de rogado, cobriu os mamilos pequenos com sua boca, alternando entre um e outro, sugando-os com sofreguidão.

— Não quero conversar agora. — Gemi quando ele mordeu com um pouco de força um mamilo.

Suas mãos apertaram meus quadris, fazendo-me sentir ainda mais seu pau duro contra mim. Corri meus dedos até o cóis da sua cueca, brincando suavemente com a pele sob o elástico.

— O quão bêbada você está? — Ele perguntou, roçando o nariz em um ponto atrás da minha orelha.

— Bêbada o suficiente para pedir e sóbria o suficiente para sair da minha cama e vir até aqui. — Falei em um fôlego só, apertando seu membro com a minha mão.

— Eu não queria que as coisas fossem assim entre nós dois. Mas eu estou necessitando desesperadamente

fazer você minha. — Sua voz é quase um rosnado agora.

Foram meses querendo e ansiando por esse momento, tanto quanto ele. Eu tinha certeza do quanto Igor me queria, mas saber que ele ainda estava tentando ser nobre comigo depois de tudo, me deixou mais louca ainda de desejo por ele. Por isso sorri, encarando o homem que eu havia me apaixonado quando ainda era tão menina e passei a vida toda sonhando e falei:

— Então me faça sua!

Um som alto e grave saiu de sua garganta, antes de Igor me pegar em seus braços e me beijar com força. Logo em seguida ele me jogou na cama, para em depois cobrir meu corpo com o seu.



Ainda era de madrugada quando levantei da cama que Igor dormia e saí com cuidado, sem querer acordá-lo. A mansão estava silenciosa e quando fechei a porta do quarto, comecei a andar nas pontas dos pés para não fazer barulho ou chamar a atenção de ninguém. Só que eu não poderia esperar que tivesse a sorte de encontrar o

corredor vazio pela segunda vez consecutiva, não é mesmo?

Quando estava na porta do quarto que dormia, uma voz me parou:

— Eu acho que os ratos fizeram a festa, não é, senhorita Caravaggio?

— Ai, Stephanne! Que susto! — Sussurrei, com a mão em meu coração que batia acelerado e ela riu baixinho.

— Sua sorte é que sou eu que decidi poupar seu irmão e fui atacar a cozinha sozinha, porque se não eu acho que teríamos um velório muito em breve. E pela sua pele, estou vendo que sua visita foi excelente e muito proveitosa. — Disse, com um sorriso estampado em seu rosto bonito.

— Er... Foi boa. — Respondi, tentando disfarçar minha vergonha e novamente ela sorriu para mim.

— Imagino que tenha sido mesmo. A minha também foi ótima. Mousse de maracujá com Théo, é a melhor mistura. — Ela disse piscando para mim e eu fiz uma careta.

— Menos detalhes, por favor. — Pedi e ela caiu na gargalhada.

— Ah, querida cunhada, sinto muito, mas detalhes foram o que mais tivemos essa noite. — Falou, antes de rir da minha careta.

— E com essa última informação, eu me retiro. — Eu disse, virando as costas para ela, girando a maçaneta na porta, mas parei quando a ouvi me chamar:

— Bella, eu espero que vocês tenham conversado. — Olhei para ela e me senti envergonhada.

— Na verdade não sei ainda se estou preparada para isso. — Admiti, antes de virar para ela e dizer novamente: — Eu não acho que tenha colocado isso dessa maneira, mas ainda assim, preciso te agradecer. Obrigada por sempre me apoiar, mesmo quando posso estar cometendo mais um erro estúpido. — Ela novamente sorriu.

— Pare de me agradecer. Agradeça a Deus pela minha existência. Ele merece os créditos. — Riu, enquanto continuava: — E pare de pensar sobre isso. Não é erro ou estupidez quando se tenta acertar. É apenas um

desvio de percurso. Uma pausa para o que está por vir. Um aprendizado. Bom dia, cunhadinha. Vejo você daqui a pouco. — Ela então piscou para mim, antes de seguir andando para o seu quarto.

Deus me ajude, mas eu esperava que ela tivesse razão!



capítulo 9

PERDENDO O CONTROLE...

Igor

Quando Théo me chamou para dormir em sua casa, depois que resgatamos as meninas na boate na noite passada, eu não poderia imaginar que minha noite pudesse ser tão perfeita. Mas foi. De tão perfeita que havia sido, eu não queria dormir, com medo de acordar e descobrir que era apenas mais um sonho que eu estava tendo. Tentei protelar o máximo que pude, mas depois de um tempo com

Anabella deitada contra o meu peito, não consegui mais me segurar e meu cansaço da semana de trabalho e noites insones cobraram seu preço, fazendo-me finalmente adormecer.

Tive uma grande decepção quando acordei sozinho. Isso havia me deixado um pouco puto. Levantei-me preparado para ir buscar o que era meu. Se Anabella pensava que não tinha mudado as coisas, então ela estava muito errada. Tinha mudado tudo. Na verdade até mesmo antes de tê-la para mim, o que aconteceu agora apenas selou o que tínhamos juntos.

Eu não havia simplesmente esquecido que minha vida era fodida e não havia nada que pudesse fazer para apagar as cicatrizes que ela fez. Mas eu tinha feito uma promessa de não magoá-la e a última coisa que faria era deixar que ela fosse. Não deixaria mesmo.

Fui ao banheiro fazer uma higiene rápida e tomei um banho. Sequei-me, vesti as roupas da noite passada, para então deixar a suíte que havia dormido. Ao abrir a porta do quarto, encontrei mais a frente Anabella acompanhada de Théo, que a abraçava de modo protetor.

Engoli em seco quando os vi ali, especialmente quando vi que ela vestia um vestido curto na cor branca, que me dava uma bela visão das suas pernas levemente douradas.

Foi impossível não me lembrar que na noite passada suas pernas estavam em volta de mim, enquanto estocava em seu canal úmido e apertado, me presenteando com a melhor sensação de prazer que eu já havia experimentado na vida. Inclusive muito melhor do que em meus próprios sonhos. O resultado disso era que eu tive que fechar os olhos com força, pois imagens de nós dois na cama não pareciam querer que eu esquecesse.

Fora que além de ter que me controlar para manter minhas mãos longe de Anabella, eu tinha que me lembrar de que Théo estava ali. Não seria nem um pouco legal ter uma ereção em frente ao meu melhor amigo e ainda por cima seu irmão. Isso certamente resultaria em algo parecido com tortura e um futuro funeral.

Merda! Isso ia ser difícil!

— Bom dia, Igor. — Théo disse, quando seus olhos encontraram os meus.

Quando meu melhor amigo olhou para mim, uma

coisa interessante aconteceu: Eu tinha corado.

Sim, porra! Eu estava envergonhado!

— Bom dia. — Consegui responder.

— Bom dia. — Anabella disse, parecendo menos tímida do que eu.

— Você está bem? — Eu tive que perguntar e embora Théo pudesse pensar que eu estava me referindo à ressaca, eu queria saber realmente se ela estava bem com nós dois.

— Sim. Acho que sim. — Ela respondeu meio hesitante, parecendo entender exatamente o que eu queria saber com a minha pergunta.

— Eu vim pegar Bella para tomar café da manhã, ela precisa repor as energias, não é, meu doce? — Théo disse, a fazendo revirar os olhos.

Sim. Mal sabia ele realmente o quanto ela precisava!



Durante todo o café da manhã, eu lutei duramente para manter meus olhos longe de Anabella. O que era

difícil, quando ela parecia ainda mais radiante e linda hoje. Eu simplesmente me perdia quando nossos olhos se encontravam. Mas infelizmente, como sempre, Anabelle desviava os olhos dos meus. Isso estava definitivamente fodendo com a minha cabeça. Eu precisava arranjar uma desculpa para que ficássemos a sós. Precisávamos conversar. Para minha paz de espírito eu precisava disso.

Ainda não tinha certeza exatamente de como explicar a ela como me sentia. Eu com certeza não poderia lhe dizer tudo sobre mim. Sobre a minha família. Por mais que tivesse o desejo de não ter que esconder nada dela, mas certamente a perderia se dissesse. E depois de ontem à noite, eu sabia que não era uma opção. Eu não podia perder Anabella. Jamais.

E tinha outra coisa que estava me espezinhando, me agoniando: a virgindade de Anabella. Ou no caso, a falta dela. Era ridículo e hipócrita da minha parte que me incomodasse por não ter sido seu primeiro, quando na verdade eu já havia deitado com tantas mulheres diferentes, mas isso acontecia. E me incomodava sobremaneira saber que outro filho da puta a tenha tocado

antes de mim. Sentia o ar me faltar e o chão se abrir sob meus pés apenas com a realização do pensamento.

Como alguém poderia ter ousado tocar um corpo que era meu? A mulher que era minha?

Era insano. Eu sabia. E incomodava a merda fora de mim o fato de que talvez quem tenha sido o único a fazer isso antes de mim tenha sido Victor. Não apenas por ele ser meu amigo, mas porque eu queria ter sido seu primeiro e último a amá-la. Mas no fundo, embora não gostasse, entendia sua decisão. Eu a havia magoado. Victor esteve para ela, como nunca estive antes.

Que chances eu teria contra o Sr. Perfeição?

Doía demais saber que a pessoa que eu amava já havia estado com outro. Que na verdade eu havia sido o único culpado por ela ter estado com ele. Tudo o que mais queria era ter Anabella em meu braços e tomar seus lábios nos meus, amá-la e fazê-la esquecer que esteve com outro um dia. E eu faria isso.

Eu tentei disfarçar como me sentia a cada vez que Théo olhava para mim, mas ele pareceu perceber que algo estava errado comigo, mas não disse nada. Certamente

iria querer falar sobre isso depois. Eu queria conversar com Théo, me abrir para meu melhor amigo e lhe dizer que estava apaixonado pela sua irmã, só que não podia ainda. Precisava fazê-la entender de uma vez por todas que eu estava tentando mudar por ela, caso contrário Anabella não me daria uma nova chance real de fazer nosso relacionamento dar certo e se isso acontecesse, ela jamais me perdoaria mais uma vez.

Então eu apenas precisava reprimir todo meu desejo e agir como um nobre cavalheiro e mostrar a Bella que eu não era o mesmo. Que a respeitava acima de tudo. E que estava disposto a qualquer coisa para vê-la feliz. A cada segundo que passava ao seu lado, a certeza de que precisava tê-la em meus braços e de modo permanente, apenas aumentava. Estava mais do que na hora de conversarmos.



— Preciso pegar meu carro na boate. — Anabella disse após o café e eu pensei que talvez fosse a oportunidade perfeita de ficarmos a sós.

— Posso te dar uma carona. — Ofereci, deixando-a surpresa. — Eu tenho que ir até meu loft pegar algumas coisas e posso te levar lá. — Rapidamente completei.

— Eu ia te levar lá. — Théo disse, um olhar intrigado sobre nós.

— Amor, achei que fôssemos ficar em casa hoje. — Stephanne disse com um biquinho, que certamente lhe davam muitas coisas e fez com que imediatamente meu amigo se derretesse.

— Bem... Já que você insiste. — Ele disse sorrindo, antes de lhe beijar levemente a boca e cochichar algo em seu ouvido que a fez rir.

Argh. Eu não precisava dessa cena do meu melhor amigo e minha prima na cabeça!

— Er... Tudo bem então. — Anabella se deu por vencida, quando viu que o casalzinho estava trocando cochichos e pareciam ter nos esquecido ali e isso me fez sorrir.

— Vamos? — Chamei-a, sorrindo ao me levantar e ela concordou, parecendo meio hesitante.

— Vamos.

— Vocês dois, até mais. — Eu disse e eles disseram um “tchau” desajeito, sem parecer realmente se importar que estávamos nos despedindo.

Olhei uma última vez para os dois e vi que Steph nos olhava sob o ombro de Théo e quando viu que eu a estava olhando, pude ler claramente em seus lábios quando ela me disse: “*Você me deve uma!*” e piscou para mim.

Sim. Nada passava despercebido pela Princesa Stephanie! E eu precisava agradecê-la por isso!

Anabella pegou sua bolsa na sala e dei passagem para que ela fosse a minha frente. Abri as portas do carro e eu não precisei dizer nada, ela sabia que esse seria o momento que nós finalmente conversaríamos. Durante o caminho não soube como começar a conversa e por isso decidi levá-la a uma praia. Lugar aonde eu ia a cada vez que queria tentar esquecê-la quando foi embora. Lembrar-me disso me fazia sentir tão idiota, porque deveria saber que lutar pelo que sentia por Annabella era inútil, pois há muito tempo já estava apaixonado por ela.

Deus! Por que eu tinha de ser tão burro?!

Descemos do carro sem dizer uma palavra e Anabella tirou as sandálias dos seus pés, para então começar a andar pelas areias brancas. Enquanto caminhávamos pela praia, permanecíamos em silêncio, nós dois parecíamos com medo de dizer qualquer coisa e eu estava mesmo. Não me ajudou em nada o fato do local estar relativamente cheio, mesmo para uma praia particular dessa área reservada para Nobreza Campaviana. As pessoas nos reconheceram no momento que colocamos nossos pés para fora do carro e isso me trouxe um certo receio, porque seria um prato cheio para fofoca.

Querendo evitar comentários, fomos andando para uma parte mais afastada. Confesso que estava tão preocupado com o que diriam por nos verem juntos e interessado em ver o modo sexy que Anabella brigava com seu cabelo por causa do vento, que quase esqueci porque estávamos ali de fato.

— Igor? — Ela chamou e eu a olhei um pouco desconcertado.

— Desculpe, estava distraído. — Respondi, fazendo-a franzir o cenho.

— Se distraiu? — Perguntou olhando ao nosso redor, procurando pelo que poderia me distrair, como se pudesse existir outra coisa para me distrair a não ser ela.

— Sim. — Suspirei, antes de tomar coragem e falar: — Pensando no quanto eu era um idiota por vir aqui antes em uma tentativa de esquecê-la, quando na verdade o que eu deveria ter feito era trazê-la aqui. — Confessei, fazendo-a abrir sua boca em choque.

Anabella virou a cabeça, desviando o olhar do meu.

— Eu só não entendo. — Olhei para ela mais atentamente, esperando que ela continuasse, mas ela não fez.

— O que? — Insisti.

— Nada. — Pensei em insistir, mas ela suspirou e eu achei que talvez fosse melhor não apertá-la muito. Ela parecia perdida em lembranças e então esperei que ela prosseguisse e depois de um tempo ela fez: — Posso te fazer uma pergunta? — Perguntou acanhada.

— Claro que sim, anjo. — Sorri incentivando-a a prosseguir.

Anabella novamente me olhou profundamente e respirou fundo, parecendo estar incerta do que perguntar ou tentando arrumar coragem para falar, não sei. Nesse momento, embora quisesse ser sincero com ela, não saberia se podia lhe dar as respostas que precisava e temi por isso. Não queria perdê-la pelo simples fato de não ser quem ela esperava ou precisasse que eu fosse.

— Por que você fugia tanto de mim? — Perguntou e eu respirei fundo. Eu deveria esperar por essa pergunta em algum momento.

— Senta aqui comigo? — Estendi minha mão para ela, convidando-a a sentar na areia.

No primeiro momento, ela pareceu hesitar, mas logo estendeu sua mão para mim. Segurei sua pequena mão macia e sentindo a eletricidade que seu corpo transmitia para o meu, puxei-a para a areia junto comigo. Eu queria que ela sentasse no meu colo, queria sentir o calor do seu corpo, a maciez da sua pele, mas esse era o momento que precisávamos de um certo espaço para

conversarmos. Sendo sincero, duvido que eu conseguiria conversar com Anabella sobre mim. Por isso aceitei que sentar ao lado dela fosse o ideal por ora.

Por um tempo fiquei parado em silêncio, sem ter ideia de como responder a isso. Desviei meus olhos dos seus e por alguns segundos fiquei olhando o mar e pensando por onde poderia começar.

— Eu sempre fui um cara sozinho. Isso desde criança. Embora eu tenha me dado bem com seu irmão desde o início, sempre fui fechado. Receoso. Não estava acostumado a ter alguém comigo, não era normal isso onde eu nasci. — Confessei cabisbaixo, eu não conseguia olhá-la nos olhos e por isso ainda olhava para o mar, mas ainda assim podia sentir Bella me olhando atentamente.

— Você nunca fala sobre seus pais. — Ela apontou e eu concordei, com um sorriso de escárnio em meu rosto.

— Certas coisas ou pessoas, são melhores sendo esquecidas. — Falei de forma seca e bastante amarga antes de suspirar, e não precisei olhá-la para saber que ela estava incomodada ao meu lado e por isso me senti na

obrigação de me desculpar: — Me desculpe por ter soado rude, eu apenas não gosto de falar sobre eles. — Pedi, me virando para ela, que concordou com um aceno hesitante.

— Então foi por causa da sua família que você decidiu me repelir, como me repelia? — Perguntou em um sussurro.

Novamente me vi sem saber o que responder. Eu sabia que não tardaria para que ela me perguntasse isso e também sobre a minha família. Mas não sabia se estava preparado e muito menos se poderia lhe dizer tudo. Em parte sim, era por causa da minha família, mas principalmente por mim, que havia aprendido tanto e também prometido para mim que não acataria um dos últimos desejos de meu pai. Só que eu não poderia lhe dizer isso sem lhe contar tudo. E o tudo englobava tanto, que eu com certeza não seria capaz de falar. Não nesse momento. Na verdade não acho que esteja preparado algum dia para isso.

E teria a coragem de lhe dizer sem lhe explicar que eu fugia, mesmo que eu já fosse apaixonado por ela há tanto tempo, que nem eu conseguia lembrar?

— Eu era um imbecil, anjo. Na verdade ainda sou. Mas antes eu era idiota demais por achar que fugir era o melhor a se fazer para nós dois e principalmente para você. — Respondi sinceramente, olhando em seus olhos.

— Se achava isso, por que ainda assim o fez? — Perguntou intrigada.

— Por que eu achava que estava fazendo o melhor. E ainda tinha Théo. Como poderia ficar com a irmã caçula do meu melhor amigo? A única pessoa do mundo que fez com que eu deixasse de me sentir só? — Confessei e ela engoliu em seco.

— Imaginei. — Suspirou tristemente e me encarou com seus lindos olhos tristes. — E você achou que se afastar de mim seria o melhor a se fazer? De alguma forma você escolheu a amizade do meu irmão ao que tínhamos?

Concordei envergonhado e ela assentiu tristemente, antes de olhar para o mar. Ela parecia pensativa, incomodada. Não queria que ela pensasse demais ou racionalmente sobre nós, pois temia que isso

fizesse com que ela optasse por nos manter longe outra vez e eu não podia deixá-la fazer isso. Por isso segurei sua mão, fazendo com que ela virasse seu rosto e olhasse em meus olhos novamente.

— Eu sinceramente me arrependo da minha escolha, anjo. Eu achava que era a coisa certa a se fazer. — Disse e Bella riu sem humor, antes de puxar sua mão e se levantar da areia se afastando de mim.

— Eu sempre fui apaixonada por você, Igor. Me apaixonei quando te vi na minha casa e eu ainda era uma criança, ainda não sabia explicar o que estava sentindo, mas sentia. Como você achava que eu me sentia a cada vez que me desprezou ou que esfregou alguma vagabunda na minha cara? — Perguntou com a voz embargada.

Levantei-me rapidamente quando ela disse isso, antes ficar de frente a ela. Anabella desviou o olhar dos meus e eu segurei seu queixo, trazendo seus olhos novamente para mim. Seus lindos olhos azuis brilhavam pelas lágrimas que ela tentava tão duramente não derramar.

— Eu sei. — Acaricieei seu rosto com delicadeza,

tentando não transparecer como eu me sentia idiota por ter feito isso com ela.

Deus! Como pude ter deixado isso ir tão longe?

— Anjo, me escuta, por favor. — Pedi e ela assentiu. — Eu sei que o único culpado disso tudo sou eu. Eu tenho muitos arrependimentos na vida, mas o maior deles é ter deixado nossa situação chegar até aqui. Nunca serei capaz de me perdoar por isso, principalmente por tê-la feito sofrer, Bella. — Confessei e ela segurou minha mão em seu rosto.

— Por que vocês homens são tão burros? — Perguntou revirando os olhos e sorri, aliviado e cada vez mais apaixonado por ela.

Eu não acho que eu merecia tanto!

— Eu nunca te pedi uma coisa. — Ela me olhou confusa e eu respirei fundo antes de pedir: — Me desculpa por tê-la feito sofrer, Anabella? — Pedi.

Minha respiração ficou suspensa enquanto aguardava uma reação, uma palavra sua. E ela não tardou a chegar. Bella passou suas mãos em meu rosto, correu os dedos pelos meus lábios e abriu um sorriso tímido para

mim. O sorriso mais bonito que poderia existir.

— Está desculpado, Igor Carrara. — Respondeu visivelmente emocionada, antes de eu puxá-la para meus braços, me debruçando sobre ela para que pudesse sentir o aroma doce dos seus cabelos.

A minha vontade foi de dizer que a amava. Por pouco não disse isso, porque achava que talvez fosse cedo. Ou de fato não estava preparado para fazê-lo. Precisava ter calma. Não podia assustá-la. Havia tanta coisa em jogo e eu não queria colocar tudo a perder. Não mais.

Ela estava há um tempo em meus braços e eu não queria mais soltá-la. Depois de um tempo assim, ela se afastou o suficiente para me olhar nos olhos e dizer:

— Obrigada por tentar ser sincero comigo. Eu sei o quanto isso deve ser difícil para você. — Engoli em seco e concordei. — Espero que um dia você confie em mim e se sinta confortável para se abrir verdadeiramente comigo.

— Não tem que agradecer. Eu que tenho que agradecer por me ouvir e me desculpar. Acho que

precisamos ser sinceros um com o outro e eu prometo tentar me abrir mais para você. — Garanti e Anabella me encarou profundamente, abrindo e fechando a boca algumas vezes, como se buscasse as palavras que ela precisava dizer.

— Eu acho que sim. — Ela disse, parecendo um pouco sem jeito.

Eu não sabia porquê, mas no fundo eu achava que existia mais ali. Na verdade eu tinha quase certeza de que não era isso que ela queria me dizer. E novamente tive medo de perguntar e preferi não questionar. Ela mesma havia acabado de esperar meu tempo, certamente sabia que podia me dizer o que desejasse.

Levei uma mão a sua nuca, acariciando-a e sorrindo a puxei até minha testa encostar na sua e fechando os olhos perguntei:

— Por que você faz isso comigo, anjo?

— Eu não fiz nada. — Sua voz parece confusa.

— Não, apenas me deixa assim, louco por você.

— Só para você saber, você não é a única vítima aqui. — Ela sussurrou.

Meu coração acelerou e a respiração falhou quando ela disse isso. Uma coisa é você imaginar ou supor o que ela sente. Outra coisa completamente diferente é ela dizer em voz alta. Não podia mais me segurar. Precisava sentir seus lábios nos meus.

— Só para você saber, manter minhas mãos e minha boca para mim será impossível nesse momento. — Eu disse antes de beijá-la.

Quando nossas bocas se encontraram eu quase perdi a razão. Seu gosto. Seu cheiro. Tudo nela era tão bom. Tão delicioso que era difícil manter a lucidez. Nossas línguas travavam uma batalha deliciosa, me fazendo soltar um gemido rouco.



— Por mais que eu goste de ficar com você, tenho que ir. — Falou mais animada, acariciando meu rosto.

Estávamos há um tempo ali, nos beijando. Ela estava sentada em meu colo agora, porque eu apenas precisava senti-la de alguma forma. E olhando-a ali, colada a mim, podia ver como seus olhos brilhavam e seu

rosto tinha um rubor lindo.

— Por que não vamos para minha casa? — Perguntei, com a voz um pouco rouca, enquanto mordiscava seus lábios e ela sorriu, negando com a cabeça.

— Eu preciso realmente ir para casa. — Disse segurando meu rosto, afastando-me levemente dela.

— Está bem. — Concordei com pesar.

Eu passei quase todo o caminho segurando sua mão, o contato da sua pele aquecendo meu coração. Seu olhar no meu, seu sorriso doce, tudo me dizendo tanta coisa, que eu não queria que nada estragasse isso. A música *Sugar* de Maroon 5 servindo de trilha sonora do momento, dizendo através da sua letra muito mais do que eu poderia e conseguia dizer nesse momento.

Assim que estacionei em frente a mansão dos Caravaggio a minha vontade foi de dar meia volta, porque eu queria ficar com ela o restante do tempo. A verdade era que a noite passada não parecia ter sido o suficiente para mim. A minha vontade mesmo era de prendê-la em minha cama e fodê-la loucamente, até que ambos caíssemos de

exaustão. Mas infelizmente não poderia fazer isso e teria que me contentar com mais uma sessão de punhetas. Precisamos resolver qualquer impasse o quanto antes, senão era bem capaz de adquirir um problema sério de lesão por esforço repetitivo.

— E nós dois? — Perguntei, minha voz soando nervosa até mesmo para meus próprios ouvidos.

— Nós dois? — Ela repetiu e eu concordei. — Eu acho que assim como você precisa do seu tempo para se abrir para mim, e eu entendo isso, também preciso do meu. — Olhei para ela sem entender.

— E o que significa isso?

— Significa que não vou correr atrás de você, e muito menos correr de você. Sempre estive no mesmo lugar, mesmo que não estivéssemos necessariamente perto um do outro. Você sempre soube o caminho, Igor, mas decidiu não ir até mim. Muito pelo contrário, preferiu fazer dessa distância ainda maior do que já era. Eu o desculpei, mas não esqueci. Então preciso de um tempo para confiar que isso é realmente o que você quer.

Mesmo morrendo de vontade de mandar esse

tempo à merda e tomar seus lábios nos meus, me segurei. Tinha que aceitar sua escolha, poderia saber o que sentia, mas ela precisava que eu conquistasse sua confiança. Por mais que isso me matasse, tinha de tentar ser compreensivo.

Eu ia falar mais alguma coisa, lhe dizer que provaria que eu era a pessoa certa para ela, mas bateram na janela do carro e através dela vimos o pai de Anabella, tio Alano. E ele nos encarava com uma expressão gélida e impassível.

Merda!

No mesmo instante, meu instinto, aquele que ouvia a voz da razão, me fez recuar. E Anabella viu isso, pude ver em seus olhos que isso de alguma maneira a magoou.

Caramba! O que eu devo fazer?

— Oi, papai. — Ela abriu a janela do carro e falou para seu pai, que nos olha va com curiosidade.

— Oi, querida. — Seu olhar se prendeu ao meu.
— Igor. — Me cumprimentou de forma observadora.

— Olá, tio Alano. — Tentei sorrir.

— Você demorou. Sabe que ficamos preocupados

quando dorme fora. E Théo ainda nos disse a pouco que você já tinha saído da sua casa faz um tempo. — Apontou e eu enguli em seco.

— Nós paramos na praia, eu queria andar um pouco e Igor não quis me deixar sozinha. — Ela respondeu e apesar de não parecer convencido, ele aceitou sua resposta.

— Obrigado por trazer meu tesouro em casa, meu rapaz. Você sabe o quanto Anabella é importante para nós. — Ele falou e agora eu parecia ser incapaz de engolir o bolo que se formou em minha garganta.

— Pai. — Anabella o repreendeu, antes de se virar para mim. — Obrigada pela carona Igor. A gente se vê depois. — Bella disse, antes de se aproximar e me dar um beijo no rosto que fez meu corpo inteiro se arrepiar.

Merda! Como manter meu controle assim?

Por pouco eu não a puxei para os meus braços e a beijei ali mesmo na frente de seu pai. Entretanto Anabella se afastou de forma sutil, parecendo saber que eu estava prestes a cometer uma loucura que certamente me custaria uma morte dolorosa.

Anabela

Inventar uma desculpa sobre o motivo de não ter pegado meu carro naquele dia foi fichinha. Problema foi permanecer decidida com o que eu queria. Uma semana havia se passado desde nossa última vez. Por mais que

não tivéssemos feito mais nada, sempre estávamos próximos e estávamos cada vez mais e por isso nossa “relação” parecia estar cada dia melhor. Essa coisa de tempo me incomodava e eu sabia que Igor também não tinha ficado muito feliz com isso, mas mesmo assim ele estava respeitando minha decisão.

Eu via o quanto aquela situação estava matando Igor. Via o quanto ele tentava se controlar ao máximo ao meu lado. Sou ré confessa e admito que na maioria das vezes o provocava de propósito. Minhas roupas haviam ficado mais curtas e justas e dentro ou fora do hospital, eu sempre encontrava alguma maneira de tocá-lo ou esfregar-me nele de algum modo.

E quem poderia me culpar por isso? Ele era gostoso demais!

Igor parecia estar prestes a ter um ataque cardíaco ou uma insuficiência respiratória quando eu fazia isso. Podia ver através da sua respiração ou da força que ele fazia apertando seus próprios punhos. E também tinha o volume da sua ereção, que parecia prestes a rasgar o que

ele vestia. Mas ainda assim ele se mantinha firme ali.

Uma pena!

Falando a verdade, por mais que quisesse provocá-lo, fazê-lo beber do próprio veneno, não era exatamente o efeito que eu queria. Queria que esquecesse a porra da nobreza, colocasse-a de lado, deixasse de ser o homem gentil, compreensivo e cavalheiro e apenas me pegasse de jeito logo, me fazendo esquecer qualquer dúvida.

Era pedir muito, meu Deus?

Havia compreendido que Igor tinha um passado, um que ele tentava a todo custo esquecer. Mas embora não me dissesse realmente toda verdade, isso não fazia com que ele merecesse menos de mim por causa disso. Não mesmo. Eu sabia que ele merecia que eu o fizesse sofrer um pouquinho, mas no fundo sabia que ele não tomaria nenhuma atitude se não tivesse o meu “cartão verde” para seguir. Igor estava respeitando, queria que eu desse o primeiro passo, só que eu apenas não conseguia. Não quando, no fundo, por mais que o tivesse perdoado, não

havia conseguido esquecer as mágoas que havia me provocado.

Especialmente por ele nunca tocar no assunto sobre nossa primeira vez. Às vezes eu até mesmo achava que ele não se lembrava do que havia acontecido. Isso seria possível? Ele esquecer? Mas quem disse que eu tinha coragem de lhe perguntar qualquer coisa?

Sim, Anabella, covarde. Muito covarde!

Eu sabia que Igor havia mudado, via isso claramente a cada dia. Sabia que desde que eu havia voltado para Bellini, ele havia deixado sua vida promíscua de lado e apesar disso ainda tinha medo. E exatamente por isso que não conseguia dar o braço a torcer e dava uma chance para nós.

Mas como eu poderia me entregar, sem antes saber se poderia ir inteira? Como posso confiar de novo nele, sem saber se vai ser realmente diferente?

Eu sabia que precisava fazer algo para acabar com essa distância que eu mesma havia imposto. Mas não sabia o quê. E muito menos como fazer. Mas foi enquanto

terminava de vestir meu jaleco no hospital que a oportunidade surgiu, mesmo que sem querer.

Meu celular tocou e estranhei que fosse Igor e por isso decidi me apressar e segui direto para sua sala, pois ele certamente estava precisando da minha ajuda em alguma emergência, visto que ele não tinha nenhum compromisso marcado em sua agenda. Ele era assim, normalmente já estava em sua sala desde cedo ou então atendendo paciente e nunca havia chegado depois de mim.

— Oi, desculpe. Só um segundo. Já estou chegando à sua sala. — Falei, me apressando em dizer quando atendi.

— *Oi, Bella. Não precisa se apressar.* — Ele tossiu. — *Eu só estou ligando para você para pedir para desmarcar minha agenda para hoje.* — Igor terminou de dizer, parecendo que havia corrido uma maratona.

— O que aconteceu com você? — Perguntei.

— *Nada. Só uma gripe. Passei a noite mal, mas já estou melhorando. Achei melhor ficar em casa apenas por precaução.* — Disse simplesmente.

— Igor, você não precisa de ajuda? — Perguntei preocupada, sem saber direito o que fazer.

— *Não, está tudo bem. Tomei os remédios, hoje vou descansar e acredito que amanhã eu já esteja bem e pronto para outra.* — Falou como se não fosse nada demais e eu revirei os olhos.

— Tudo bem, qualquer coisa me ligue. — Falei e ele riu.

— *Tudo bem. Obrigado pela preocupação. Tchau, anjo.* — Ele disse antes de desligar.

Não sei como consegui fazer mais alguma coisa depois disso. Eu também não estava muito bem hoje pela manhã e certamente havia pegado a mesma gripe que ele. Rapidamente consegui desmarcar os compromissos de Igor, porque ele normalmente não tinha muitos, pois basicamente não seguia muito a agenda, por ser um médico bastante ativo e não costumava ficar em sua sala, atrás de uma mesa, como um diretor de hospital comum.

Passei na farmácia do hospital e peguei alguns remédios que poderiam ajudar. Como ontem à noite

depois do trabalho ele me disse que ficaria lá, segui dirigindo para o loft de Igor, imaginando que ainda estava lá ao invés de estar em sua mansão. O prédio era pequeno e ficava próximo ao hospital, ele havia me dito que ficava ali na maioria das vezes por causa disso. Estacionei o carro do outro lado da rua e quando cheguei à portaria, encontrei uma loira muito bonita à espera do elevador.

— Bom dia. — Cumprimentei-a e ela sorriu.

— Bom dia. — O elevador chegou e depois de apertar o botão do andar de Igor, ela me olhou com curiosidade. — Igor? — Perguntou.

— Sim. — Respondi, sem entender o porquê da sua pergunta.

— Ele realmente tem algo que nos puxa até ele, né? — Ela perguntou.

Mas o que?

— Não entendi. — Eu disse e ela deu de ombros.

— Nada. Boa sorte. — Ela me deu um sorriso pesaroso, antes de descer no andar abaixo do dele.

— Maluca. — Bufeí, embora eu imaginasse o

motivo da sua atitude.

Cachorro, vadio! Não para o pau quieto! Tinha que comer até a vizinha?

Não quis pensar nisso. Não era da minha conta que ela fosse uma maluca intrometida. Além do mais, isso era passado. Desci no seu andar e depois de um tempo apertando a campainha, finalmente a porta se abriu. Igor parecia ter feito um enorme sacrifício para ir até a porta, vestido com apenas uma boxer e uma camisa, enrolado em uma coberta grossa.

— O que está fazendo aqui? — Ele pareceu surpreso em me ver ali.

— O que estou fazendo aqui? — Repeti sua pergunta de forma irônica. — Eu deveria imaginar que você estava péssimo. — Falei, passando por ele e entrando em seu apartamento.

— Eu estou bem. Não precisava se preocupar. — Disse, com uma careta.

— Sei. — Arqueei a sobrancelha para ele, erguendo a mão para sentir a temperatura de sua testa. —

Você ainda está um pouco febril. — Afirmei.

— Sério. Estou bem. Você tinha que ver como eu estava queimando de febre ontem à noite. — Disse dando de ombros.

— Por que você não disse nada? — Perguntei sobressaltada.

— Porque eu estou acostumado a me cuidar sozinho.

Quebrou-me ouvi-lo dizer isso. Meu peito se apertou de forma dolorosa. Era triste demais qualquer pessoa ser sozinho, especialmente alguém que se doava tanto para os outros. Cuidando dos enfermos, salvando-os e muitas vezes lhes dando a esperança de vida. Ninguém merecia passar pela vida assim. E eu tive que controlar o bolo que se formou em minha garganta quando pensei em como ele se sentia. Eu não queria que ele se sentisse assim novamente. Jamais. Querendo ou não, nós dois dando certo ou não, ele nunca mais ficaria sozinho.

— Por que você veio aqui, Bella? — Ele perguntou, ficando em minha frente.

— Eu não poderia deixá-lo sozinho.

— Bella, não... — Eu o cortei antes que dissesse mais alguma coisa:

— Nem me venha com conversa, Igor Carrara. Não vou sair daqui enquanto você não tiver 100%. — Garanti, arrastando-o para sua cama. — Vou cuidar de você. — Ele sorriu e finalmente assentiu concordando.



— Acho melhor você tomar um banho agora. — Falei, retirando de seu colo a bandeja com o prato de mingau que eu havia encomendado da cafeteria.

— Ah, não! — Respondeu com um bico manhoso.

— Deixa de teimosia, Igor. Você sabe que ajuda a abaixar a temperatura, Doutor. — Apontei, levantando a coberta do seu corpo.

— Não. — Resmungou, com um bico ainda maior, enquanto tentava puxar de volta a coberta que eu havia tirado de cima dele.

— Agora, Igor Carrara! — Exigi e ele bufou, e

quando achei que eu havia vencido essa batalha, ele me vem com essa:

— Só se você me acompanhar. — Sorriu safado.

— O que? — Perguntei boquiaberta e seu sorriso apenas aumentou.

— Sabe como é, né? No meu estado, eu não acho que consigo tomar banho sozinho, preciso que você me acompanhe. — Ele disse simplesmente e o biquinho estava de volta.

As imagens de mim com Igor no chuveiro piscaram em minha mente e eu sabia que essa, com certeza, não era uma má ideia. Na verdade era boa demais para ser verdade.

Que horror! Não é hora para pensar nisso, Anabella! O homem doente e você pensando em sacanagem e em se aproveitar dele?

— Deixa de graça, Igor. Tenho certeza de que você é capaz de se manter em pé enquanto fica embaixo d'água. — Revirei os olhos. — Apenas mantenha a porta destrancada. — Apontei para ele, que levantou as mãos

em rendição, antes de me oferecer um sorriso torto.

— Tudo bem, você não pode culpar o homem por não tentar. — Disse, me fazendo rir.

Ele entrou no banheiro em seguida e como pedi, deixou a porta entreaberta. O que me pareceu uma boa ideia no início, se virou contra mim, quando pela fresta pude vê-lo entrar no box do banheiro e mesmo através do vidro embaçado, via a água cair sobre seu corpo perfeito. Os braços fortes e sua barriga perfeita e cheia de gominhos, que formavam um tanquinho, que era sacanagem. O pau longo, grosso, poderoso, tudo revestido por uma pele morena, que era simplesmente o complemento do pecado de homem que ele era.

Minha respiração praticamente parou. Ofeguei apenas olhando para ele. Minha boca praticamente salivava para prová-lo, minhas mãos coçavam para tocá-lo e minha calcinha? Bem, essa já era, porque já estava toda molhada, pois estava pronta, prontíssima para recebê-lo.

Nossa! Eu virei uma maldita Perversa!

— Meu Deus! Eu virei a Stephanne! — Sussurrei para mim mesma chocada com minha descoberta.



— Está se sentindo melhor? — Perguntei, quando ele voltou a se deitar na cama.

— Sim. Muito melhor. — Sorriu, mas logo seu sorriso transformou-se naquele sorriso safado, que fazia estragos em mim. — Mas sei de algo que vai me fazer melhorar mais ainda. — Diz, me fazendo franzir o cenho.

— E seria?

— Você conhece a teoria da transferência de calor?

Oi?

— Transferência de calor? — Repeti o nome, confusa.

Eu definitivamente não havia estudado sobre isso na faculdade.

— Sim. A transferência de calor ajuda a abaixar a temperatura da pele. É simples, apenas temos que nos

abraçar sem roupa e...

Não esperei que ele terminasse de falar, porque eu havia entendido muito bem onde ele queria chegar com essa história e por isso joguei o travesseiro mais próximo nele.

— Seu safado! E eu aqui me preocupando com você! — Acusei com o olhar cerrado, embora não conseguisse disfarçar meu sorriso.

Enquanto isso ele ria gostosamente, desviando das próximas travesseiradas que eu lhe dava.

— O que? Sinto muito que você nunca tenha ouvido falar sobre essa teoria. Ela é comprovada cientificamente. — Ele tentava se explicar, mas eu sabia que isso não passava de safadeza.

— Idiota! — Eu disse, antes de soltar um grito, porque ele havia me puxado para cama, me fazendo cair sobre ele.

— Vem. Pode ser de roupa também. — Disse, quando me vi presa em seus braços.

Nossa mãe! Como fugir ou ser forte agora?

Foi difícil resistir e naquele momento eu não queria, apenas aceitei o convite, me deitando ao seu lado na cama. Coloquei minha cabeça sobre seu peito, respirando seu cheiro bom de banho recém tomado e me deliciando com o calor e a maciez da sua pele.

— Eu acho que na próxima vez poderemos fazer sem roupas. — Ele disse rindo contra meu cabelo.

— Idiota. — Resmunguei.

Ainda assim não aguentei e acabei me apertando ainda mais contra seu corpo. Fiquei feliz porque ele parecia bem melhor depois que cheguei. Criancice me sentir assim, eu sei. Mas era inevitável. Apenas me senti um pouco responsável por isso.

— Obrigado por estar aqui, se preocupar e cuidar de mim. — Ele agradeceu, me fazendo levantar a cabeça para olhar para ele.

— Eu não poderia não estar aqui e cuidar de você. — Respondi sinceramente.

— Eu agradeço por isso, anjo. Por ser meu anjo. Sei que você ainda não confia em mim, mas saiba que

independentemente de qualquer coisa, eu também sempre cuidarei e estarei com você. Sempre. — Prometeu, com aquele sorriso lindo no rosto, me fazendo sorrir para ele.

Ele então beijou minha testa e eu fechei os olhos. Sem que eu percebesse, adormeci sentindo o calor do seu corpo.



Acordei de súbito, porque Igor estava gemendo e seu corpo suave de forma absurda. Ele resmungava coisas ilegíveis e eu tentei me levantar, mas ele me mantinha presa em seus braços. Depois de um tempo finalmente consegui me desvencilhar de dele e com cuidado levantei da cama, antes de ir até a cozinha preparar uma compressa de água fria.

Olhei para o relógio na parede e me assustei como as horas haviam passado tão rapidamente. Já eram mais de dezoito horas. O que quer dizer que havíamos dormido pelo menos oito horas e ainda por cima pulado o almoço. Eu teria aula hoje e normalmente quando tinha aula, ia direto do hospital para lá, indo para casa apenas

quando saia da faculdade. Mas eu não podia ir para aula e muito menos ir para casa e deixar Igor aqui assim.

Por isso decidi mandar uma mensagem para minha mãe, para dizer que dormiria na casa de uma colega, pois faríamos um trabalho até mais tarde. Ela não demorou a responder e me disse que “tudo bem”, que qualquer coisa ligasse para ela. Eu odiava mentir para minha mãe, me sentia péssima, mas mesmo que ela adorasse Igor, não acho que aceitaria facilmente o fato de ter decidido passar a noite em sua casa.

É .Não mesmo!

Decidi não ficar pensando sobre isso. Apesar da minha pouca habilidade na cozinha, ou melhor, a ausência de qualquer habilidade relacionada a essa área da casa, ainda assim olhei os armários e a geladeira em busca de algo que pudesse fazer para que Igor comesse. Mas conforme imaginei, não havia nada ali. Por isso pedi que um restaurante entregasse uma sopa com bastante legumes e uma vitamina de frutas, e também uma salada *ceaser* para mim e um suco de abacaxi com hortelã. E depois de

separar todos os remédios que Igor precisava tomar depois da sua refeição, pois ele não podia tomar nada de barriga vazia, fui até ele com a compressa e o termômetro para cuidar dele.

Com cuidado, coloquei o termômetro embaixo do seu braço, enquanto com a outra mão colocava a compressa fria sobre sua testa. Igor permanecia inquieto, suando, da sua boca saíam murmúrios que eu não entendia e isso estava me deixando cada vez mais preocupada. Por mais que estejamos acostumados a cuidar dos enfermos, nós acabávamos nos sentindo impotentes quando vemos a pessoa que amamos doente. A verdade é que queríamos ser capazes de curar e aliviar toda e qualquer dor. E vendo-o agitado dessa maneira, me machucava absurdamente, pois no fundo, eu sabia que sua dor não era apenas física.

— Não... Não. — Ele começou a mexer a cabeça de um lado para o outro.

— Shhhh! Está tudo bem. — Eu dizia.

— Não, não, pai, para! — Ele gritou, fazendo com

que meu coração se apertasse.

Minhas lágrimas não tardaram a vir e rolaram sem parar em meu rosto só de pensar que ele estava tendo um pesadelo, um pesadelo doloroso e provavelmente real. Uma lembrança angustiante. Os sentimentos que vim sentindo desde que ele disse que estava acostumado a ser sozinho, apenas se acumularam desde então, se transformando em uma dor aguda em meu peito e uma onda de raiva me dominou, apenas por tentar imaginar o quão ferido ele havia sido, especialmente por seu próprio pai.

— Nãooooooooo! — Ele gritou, antes de abrir os olhos e levantar subitamente, assustado.

O desespero em seus olhos era visível, sua respiração era forte, enquanto seu peito subia e descia, em uma tentativa de recuperar o fôlego.

— Anabella. — Ele disse meu nome, ainda sem fôlego.

A forma como ele me olhava com desespero era definitivamente de partir o coração. Seu porte sempre tão

forte e altivo, parecia ter se perdido no momento em que aquele pesadelo havia começado. Sua cabeça estava abaixada agora, ele não conseguia olhar para mim, pálido e assustado, envergonhado demais para fazer isso.

— Está tudo bem, você só teve um pesadelo. —
Eu disse, acariciando sua pele úmida pelo suor.

Ele tremeu sob meu toque. Nunca tinha visto alguém tão arrasado, desolado, tão quebrado em minha frente. Era isso que eu via diante de mim. Eu sabia que Igor tinha seus problemas, embora ele tentasse esconder na maior parte do tempo. Mas a dor que eu podia ver em seus lindos olhos, me deixou completamente arrasada por vê-lo assim.

Tentei engolir o choro que ameaçava rasgar minha garganta e sorri para ele. Meu toque pareceu bem-vindo e ele segurou minha mão como se fosse sua válvula de escape e em seguida a beijou. Não precisou de palavras. Nada que eu dissesse seria o bastante para fazê-lo esquecer. Eu senti em seu gesto que ele estava tentando de alguma forma demonstrar não apenas o quanto estava grato

por eu estar ali por ele, como também seu afeto por mim.



Igor finalmente se acalmou e depois de tomar sua sopa e seus remédios, ele novamente voltou a dormir. Sua febre havia passado e ainda assim eu estava preocupada, nervosa e não queria dormir novamente. Por isso limpei tudo que estava sujo, incluindo a louça que havíamos usado e também coloquei a toalha que havia utilizado na compressa para lavar.

Ainda estava nervosa, tremia um pouco depois do que tinha acontecido. Decidi tomar um banho para me acalmar e depois de algum tempo embaixo da água, vesti uma camisa sua que havia pegado antes de ir para o banho e voltei para vê-lo na cama. Suspirei aliviada por ver que agora ele dormia tranquilo. Aproximei-me dele e com cuidado sentei ao seu lado na cama, observando-o dormir, sem conseguir tirar meus olhos dele.

Sua respiração estava regular e ao contrário do que havia acontecido mais cedo, seu rosto lindo parecia em paz, e eu agradeci a Deus por isso. Não podendo me

manter longe dele, meus dedos foram até seus cabelos, acariciando-o, fazendo ele se mexer contra meu toque e ele sorriu durante o sonho. Quando o vi fazendo isso, foi inevitável e me vi sorrindo também.

— Meu menino perdido, o que fizeram com você, hein? Vai ficar tudo bem. De alguma forma vamos passar por cima disso, meu amor. — Sussurrei como uma promessa para nós dois.



Eu não sei em que momento voltei a adormecer. Mas quando acordei, já era madrugada e estava novamente em seus braços, ouvindo o coração dele bater tranquilamente sob minha orelha. Igor também se mexeu, antes de abrir seus olhos. Ele parecia inseguro ainda e era triste ver aqueles olhos que eu amava assim. Acaricieei seu rosto e a dor que havia ali logo foi substituída por um brilho de paixão. Um brilho que eu esperava me acostumar a ver.

Nós dois não dissemos nada, mas a forma quente como ele me olhava agora acabou me deixando

desconcertada. Tentei me levantar a fim de deixá-lo descansar, ou até mesmo fugir, contudo Igor me puxou novamente contra ele. Meu corpo tremeu ciente do seu sob o meu e meu coração bateu descompassado. Nós nunca tivemos tão perto antes. Chegar a essa conclusão me trouxe um temor que não tinha nada a ver com o fato de estar assim com ele e me envolveu. Era medo por pensar que Igor poderia tentar se afastar de mim novamente e por isso perdê-lo. O medo que eu sentia agora parecia muito maior até mesmo que os demônios que ele escondia.

Eu precisava fazer com que Igor esquecesse. Que soubesse que eu estava ali por ele. E ele parecia querer a mesma coisa, pois logo seus lábios estavam nos meus, me beijando de modo selvagem. Ele não parecia ter o suficiente de mim enquanto sua boca possuía a minha. E depois de tantos dias sem nem ao menos nos tocar, não foi difícil perdermos a razão e o juízo, apenas nos entregamos ao momento e à necessidade que tínhamos um do outro.

Igor afastou-se de mim, ofegante, sua respiração tão descontrolada quanto a minha. Eu sabia que ele queria ir com calma, queria que eu tivesse meu tempo, mas eu

não queria isso. Não mais.

Não mesmo! Eu queria fogo, muito fogo!

— Anjo, eu sei que você pediu um tempo... Me desculpe. — Pediu ofegante, parecendo buscar o ar que nos faltava no momento. — Eu... Não deveria... Me desculpe... — Repetiu atordoado e antes mesmo que ele completasse o que diria, me joguei sobre ele, beijando-o com luxúria, de forma faminta e ainda mais voraz.

— Apenas cale a boca! — Murmurei em sua boca, não querendo desgrudar minha boca da sua.

— Que feio, anjo. Se aproveitando de mim quando estou doente. — Ele disse rindo baixinho, se afastando para olhar para mim.

Meu rosto esquentou, mas eu estava longe de me sentir constrangida. Tinha coisa muito mais importante para sentir e resolver nesse momento. Seus olhos brilhavam de forma quente e hipnotizante. E seu sorriso me fez molhar ainda mais a calcinha que já estava ensopada por ele.

— Já disse para calar a boca. Eu te quero, merda!

— Apontei o óbvio, fazendo-o gemer baixinho, antes de beijá-lo novamente.

Igor não perdeu tempo antes de me colocar em seu colo, seus lábios colados aos meus, me beijando com volúpia. Ele parecia estar necessitado, pois praticamente me jogou sobre a cama. Nós dois começamos a, literalmente, arrancar nossas roupas, tamanha pressa. E essa certamente seria uma cena engraçada se não tivéssemos tão desesperados para termos um ao outro.

Ele então olhou para mim como se estivesse me adorando e não pudesse acreditar que isso realmente estava acontecendo novamente. Seu olhar sobre mim foi tão profundo, que foi impossível não me emocionar. Era como se eu pudesse sentir seu amor em seus olhos

— Não fique só olhando. Venha e pegue o que você quer. — Provoquei, tentando dar meu melhor sorriso safado.

— Quando eu digo que você quer me deixar louco. — Disse balançando a cabeça, como se quisesse manter a calma.

— Eu não quero a sanidade, quero você louco!

Quero que perca o controle! — Eu disse, mordendo meus lábios.

— Puta que pariu, Anabella! — Ele rosnou, antes de voltar a avançar sobre mim.

Suas mãos logo estavam em mim, caminhando pelo meu corpo e eu tive que fechar os olhos para aproveitar a sensação gostosa do seu toque. Logo senti o aperto em minha coxa, me fazendo gemer em aprovação. Seus lábios encontraram meus seios com desejo, chupando-os até deixá-los doloridos.

— Tão gostosa, anjo. — Ele sussurrou contra minha pele, sua língua logo voltando a trabalhar o mamilo e sua outra mão apertando o outro seio, brincando, beliscando-o, provocando-o.

Era impossível para mim manter-me quieta. Eu havia me tornado alguém que não fazia nada além de gemer e me contorcer naquela cama. Igor parecia saber a medida exata de precisão para me dar prazer e me enlouquecer, porque quando me deu um forte chupão, me

fez soltar um grito e gemer como nunca havia feito antes, para gozar logo em seguida.

Pude sentir seu sorriso contra minha pele e eu não duvidava nada que eu estaria marcada depois disso. Sua boca não parou e logo começou a traçar novos beijos pelo meu corpo, lambendo todo o caminho até chegar ao meio das minhas pernas.

— Pronta para mim, anjo? — ele perguntou, passando a língua pela parte interna da minha coxa, me fazendo gemer mais forte. — Responde, Anabella. — Exigiu, pressionando ainda mais meu corpo sobre a cama, fazendo-me refém da sua língua atrevida, que não parava de me atacar.

O que? Ele esperava mesmo que eu conseguisse responder?

— Sim. Me fode, Igor! — Pedi, fazendo-o rir baixinho.

Mas seu riso morreu ao mesmo tempo em que eu gritava, porque seu nariz encostou em minha intimidade, cheirando-me como se precisasse do meu cheiro para

viver e logo seu nariz foi substituído por sua boca, que repetia o quanto meu aroma o deixava louco. Igor então simplesmente puxou meu corpo contra sua boca e me chupou de forma tão indecente, que parecia que ele seria capaz de me engolir.

Eu apenas soltei um grito alto. Simplesmente já não tinha mais nenhum controle sobre meu corpo, rebolava de forma ensandecida enquanto ele me comia com sua boca, como se provasse a mais deliciosa iguaria. E nesse momento eu me senti exatamente assim. E adorei isso. Agarrei fortemente seus cabelos, enquanto suas mãos me prendiam, como se ele tivesse medo que eu fugisse dali.

Como poderia? Morreria se ele parasse!

Meu corpo tencionou-se e soube que não precisava de muito para que eu atingisse o ápice. E ele parecia saber disso, pois chupou meu sexo de forma ainda mais voraz, o que foi meu fim. Ou deveria dizer “paraíso”? Porque logo me vi gritando alto seu nome. E mesmo quando ele diminuiu seus ataques, continuei a

gritar como se eu tivesse caído e o orgasmo não tivesse fim.

Demorei alguns segundos para voltar a mim, meu corpo ainda sentindo os espasmos do orgasmo fenomenal que ele havia acabado de me proporcionar. Abri os olhos ainda meio desorientada e o encontrei me observando profundamente, como se estivesse maravilhado com as reações que havia me proporcionado. Um sorriso preguiçoso se formou em seus lábios, que ele lambeu como se não quisesse perder uma gota do que havia lhe ofertado.

Logo Igor foi subindo sua boca pelo meu corpo, beijando todo o caminho até minha boca, dividindo comigo o gosto do meu próprio prazer, fazendo com que meu corpo voltasse a convulsionar. Segurei sua nuca, puxando seu cabelo, devorando sua boca e lhe mostrando toda minha fome dele.

E eu achei que não tivesse me recuperado do pequeno estrago que ele havia feito, mas eu precisava de mais. Precisava senti-lo e comecei a esfregar meu sexo

em seu membro rígido.

— Vem, Igor. Por favor... — Pedi gemendo, ao mesmo tempo em que rebojava contra ele.

Igor pareceu perder o controle quando eu fiz isso, pois simplesmente me penetrou em uma só estocada, fazendo-nos gemer alto.

— Porra! Você é tão apertada, quente e gostosa, Anjo! — Ele dizia entrando e saindo de mim.

Minhas pernas logo enlaçaram sua cintura, enquanto sua boca voltou a atacar a minha, para em seguida descer pelo meu pescoço e o chupar.

— Sim! Sim! Tão gostosa, caralho! Me aperta, safada! — Disse com a voz rouca, enquanto continuava a se movimentar cada vez mais rápido contra mim.

Igor entrava e saía, seus movimentos precisos enquanto se encaixava em mim de forma profunda. Fazendo-me senti-lo de forma sublime, ao mesmo tempo em que podia experimentar a sensação maravilhosa que era sentir seu membro me alargando. Meu canal o recebendo e apertando com força seu membro grosso.

— Igor... — Gritei seu nome, antes de novamente tremer ao seu redor, gozando de forma fulgaz e arrebatadora.

Ele continuou a meter em mim de forma incansável, implacável, fazendo-me continuar a perder o controle e gozar violentamente mais uma vez. Mordi seu ombro para tentar abafar de alguma maneira meus gritos, ainda me contorcendo embaixo dele, meu canal se contraindo em espasmos de êxtase ao redor do seu pau.

Igor então soltou um grunhido profundo, que reverberou por todo meu corpo, enquanto jogava a cabeça para trás e jorrava seu prazer dentro de mim. Era uma visão maravilhosa vê-lo tão entregue, tão meu. Depois de se derramar, Igor pareceu não aguentar sustentar seu corpo e desmontou sobre mim, antes de deitar logo em seguida ao meu lado e me puxar contra ele.

Estávamos os dois suados e ofegantes. Mas indiscutivelmente satisfeitos. Ao menos por ora. Quando nos acalmamos, Igor puxou meu rosto para ele com um sorriso lindo estampado em seu rosto e beijando

suavemente meus lábios. Fechei os olhos sentindo sua língua percorrer minha boca, em uma carícia quente e sensual.

— Você é deliciosa demais, Senhorita Caravaggio. Simplesmente não consigo manter minhas mãos longe de você. — Disse, enquanto apertava meu corpo contra o seu e eu sorri com os olhos ainda fechados.

Era impossível não me sentir feliz estando em seus braços. Nem podia acreditar que estávamos assim.

— Eu sei. Eu acho que ouvi você dizendo isso algumas vezes. — Respondi com um sorriso enorme em meu rosto.

— Meu Deus! Como você está convencida! — Acusou, antes de dar um tapa em minha bunda e chupar meu lábio com força, me fazendo gemer alto.

E não demorou para começarmos tudo outra vez.



Acordei na manhã seguinte sentindo a língua de Igor entre minhas pernas. Demorei algum tempo para me lembrar de que isso não era um sonho. Mas então quando

dei-me conta que era real, puxei seu cabelo enquanto gemia e logo já estava gozando em sua boca. E depois disso, foi a vez do seu membro me fazer gozar.

Acabamos passando o resto da manhã na cama, saindo dela apenas por alguns minutos para comer e voltamos para ela novamente. E confesso que apesar de sentir-me um pouco dolorida, gostaria de poder continuar lá o restante do dia, mas tínhamos que voltar ao trabalho.

Eu havia acabado de sair do banho e estava me arrumando, enquanto Igor tomava o seu, foi então que o som de mensagem do meu celular chamou minha atenção e encontrei uma mensagem de Victor. Nós já havíamos terminado a mais de uma semana e desde então nós não tínhamos nos falado, apesar dele sempre me mandar mensagem perguntando como eu estava.

A verdade era que eu me sentia mal e ainda não sabia como agir diante dessa situação. Era horrível da minha parte, eu sabia, ainda assim não sabia como falar com ele, mas sabia que precisava responder. Eu lhe devia isso.

“Bom dia. Eu estou bem. Me desculpe por não ter respondido antes. As coisas têm andado tumultuadas.”

Olhei para a porta fechada do banheiro e fiz uma careta. Por mais que minha relação com Igor ainda fosse uma coisa confusa, uma parte minha tinha certeza de que ele não ficaria feliz em me ver trocando mensagens com meu ex-namorado.

“Fico feliz que você esteja bem. Estava preocupado que você talvez não quisesse mais falar comigo. Isso estava me deixando meio louco.”

Novamente me senti mal por ter agido dessa maneira. Era óbvio que ele ficaria preocupado com meu silêncio. Eu também ficaria em seu lugar. Quando terminamos, ele foi tão compreensivo, querido, havia prometido que não sairia da minha vida e eu estava sido a única a mantê-lo longe.

Eu estava tão preocupada em me culpar por isso, que não percebi que Igor havia saído do banheiro até que ele tomasse o celular de minha mão e olhasse o que estava escrito ali com uma carranca irritada.

— O que foi isso? — Perguntei atônita.

— Foi ele? — Perguntou com raiva.

— Oi? Ele quem? Do que está falando, Igor? E, por favor, me devolva meu celular. — Exigi, estendendo minha mão para ele.

Sério. Estava furiosa com esse idiota!

— Não vou lhe devolver porra nenhuma enquanto você não me disser a verdade, Anabella! — Bradou.

— O que você quer saber, Igor Carrara? — Gritei de volta.

Ele era louco ou o que?

— Você sabe do que estou falando.

— Eu sei? Você só pode estar maluco!

— Foi ele ou não foi? — Insistiu, puto da vida.

— Mas do que diabo está falando? — Indaguei sem entender.

— Foi com ele que você perdeu a virgindade?

E foi naquele momento, que completamente chocada, descobri que Igor não se lembrava de nada. Ele não lembrava que havia sido meu primeiro. Não lembrava que havia sido ele quem tirou minha virgindade aquela noite. Que havia sido o único a me tocar de maneira íntima. Ele não estava apenas agindo como se nada tivesse acontecido entre nós, ele não se lembrava.

Parte de mim ficou feliz por isso, por ele não se lembrar e não estar fingindo que nada aconteceu. Mas grande parte de mim não apenas se sentiu insultada, como também se sentiu humilhada, porque eu não havia sido especial como ele havia sido. Eu havia sido “importante” de tal maneira, que ele nem ao menos se lembrava.

Eu não olhei para ele. Eu não podia, porque se fizesse, com certeza iria chorar agora. Eu não queria que ele me visse chorar. Queria estar com raiva de Igor e apenas gritar com ele, dizendo-lhe o quão idiota e

estúpido ele estava sendo, quando ele havia sido o único a me tocar, mas o nó em minha garganta me parou.

Respirei fundo mais uma vez, tentando de alguma forma controlar minhas próprias lágrimas e decidi que depois disso tudo, o melhor mesmo a se fazer era fingir que isso não havia acontecido.

— Não te interessa, Igor. — Virei de costas para ele, decidida a pegar minhas coisas e ir embora dali.

Mas ele não pensava assim, pois me puxou de volta contra seu peito.

— Claro que é! — Sua expressão era torturada enquanto ele gritava isso. — Você é minha! Eu não consigo e nem quero imaginar que outro a tenha tocado antes de mim! — Enguli em seco.

— Pare com isso, Igor. Não seja infantil. Se eu fosse me preocupar com isso, eu nem ao menos teria chegado perto de você. — Falei de forma amarga.

Isso! Joga o passado vadio dele contra ele, Anabella!

Igor iria rebater, mas meu celular começou a tocar em sua mão e quando olhou quem estava ligando, se deu por vencido antes de me entregar. Senti-me culpada por vê-lo dessa maneira, pois essa situação era parcialmente culpa minha. Eu sabia que ele estava bêbado e ainda assim permiti que ele continuasse.

— Alô? — Atendi, quando vi que era o telefone de minha mãe.

— *Onde você está, filha?* — Sua voz era chorosa e imediatamente meu coração se apertou de preocupação.

— Tive que resolver algumas coisas na rua com Igor, por quê? — Perguntei.

— *Aconteceu uma coisa horrível, filha...* — Ela disse, antes de começar a chorar.

— O que aconteceu? — Perguntei, olhando para Igor que já me olhava com extrema preocupação, nossos problemas sendo deixados de lado naquele momento.

— *Stephanne e Alisson foram sequestradas, querida. Estamos no hospital. Seu irmão... Taddeo foi*

baleado. — Ela disse de forma sofrida e eu senti meus joelhos cederem.

Senti Igor me pegar em seu colo e chamar pelo meu nome, mas eu não vi mais nada ao meu redor, apenas a escuridão.



capítulo 10

TERROR...

Igor

Desesperei-me quando vi Anabella cair diante de mim. E depois que peguei o telefone e sua mãe me contou o que havia acontecido, eu tive que controlar minhas próprias lágrimas e a dor e agonia que sentia em meu peito, pois tinha que cuidar da minha mulher.

Anabella demorou mais do que dois minutos para

acordar e quando isso aconteceu, suas lágrimas jorravam de seus lindos olhos azuis sem permissão. Ela estava desesperada, o que era compreensível, afinal não apenas sua cunhada e sua tia haviam sido sequestradas, como também seu irmão havia sido baleado e estava no hospital. Assim que ela se acalmou um pouco, fomos para o carro em direção ao hospital.

Durante todo o caminho, eu tentava me manter calmo e forte o suficiente para ela, mas vez ou outra eu balançava minha cabeça, me negando a acreditar que esse terror estava realmente acontecendo. E não querendo que acontecesse mais nada. Que tudo se resolvesse o quanto antes. Quando chegamos ao hospital, quase não conseguimos entrar, pois de alguma forma as informações sobre o que tinha acontecido tinham vazado e a mídia estava em cheio ali.

Com muito custo conseguimos atravessar por eles, mas foi preciso que os seguranças do hospital intervissem e assim finalmente encontramos sua família, juntamente com a família real, que estavam reunidos, esperando por notícias. Assim que a avistaram, seu pai e sua mãe vieram

em sua direção, abraçando-a apertado, tentando consolá-la de alguma maneira. Enquanto me contavam sobre o atentado, ela chorava desoladamente, me deixando louco de vontade de ir até ela, mas por mais que isso me matasse, eu não podia.

Tentei agir de modo racional, procurando informações sobre o estado de saúde de Taddeo e fazendo o máximo que podia para deixar não apenas ele, como também toda a família confortável. Eu andava de um lado ao outro, tentando ocupar minha cabeça, tentando encontrar alguma coisa produtiva para fazer e que pudesse ajudá-los de alguma maneira, mas não conseguia abandonar a sensação ruim de dor e impotência que estava pesando em meu peito. Afinal, três pessoas que eu amava estavam em perigo e uma delas ainda por cima estava grávida de gêmeos.

Acompanhei o procedimento de retirada de bala de Taddeo e depois de conseguir resolver o que precisava, segui direto para o quarto onde Taddeo havia sido levado. Todos estavam ali, esperando que ele acordasse e por isso entrei ainda sem jeito, sem saber

como agir diante da situação.

— Está tudo bem por aqui? — Perguntei.

— Sim, meu querido. Obrigada pela atenção. — Tia Sarah me agradeceu, vindo em minha direção, para em seguida beijar meu rosto e foi impossível não sorrir diante seu carinho.

— Não tem o que agradecer, tia. Vocês são como uma família para mim. — Disse e embora estivesse sem jeito de colocar isso em palavras, estava sendo extremamente sincero.

Nesse momento, queria que eles soubessem disso mais do que nunca. E Tia Sarah parecia entender como eu me sentia, pois me abraçou mais uma vez, me trazendo o conforto que não tinha sem ser com eles.

— Não seja bobo, você faz parte dessa família, querido. — Disse carinhosamente, fazendo meu rosto esquentar.

— Será que ele vai demorar muito a acordar? Precisamos saber direito o que houve. Ele pode nos ajudar com alguma coisa. — Théo perguntou nervoso e eu acenei que sim.

— Não, Taddeo não deve demorar a acordar. Os sedativos foram leves, foram mais como um calmante, porque ele estava muito nervoso. — Tentei explicar de uma maneira sutil e compreensível para eles, antes de prosseguir: — Théo, cedi um espaço para a equipe de seguranças de vocês trabalharem por aqui, achei melhor que eles se mantivessem por perto, caso houvesse qualquer novidade. Também já transferi os pacientes que haviam por aqui e esvaziei esse andar, para dar mais privacidade a todos. — Disse, sabendo que talvez fosse melhor lhes dizer.

— Obrigado. — Agradeceram.

— Espero que não haja necessidade para nada do tipo, mas já tenho duas equipes de médicos e cirurgiões, entre eles o obstetra de Steph, preparados para qualquer emergência. — Eu tive que dizer, me sentindo péssimo por isso.

Realmente não queria ter de dizer isso, mas apesar de estar rezando para que nada disso fosse necessário, eu estava apenas prezando por elas. Mas me senti ainda pior por ver o quanto minhas palavras ao invés

de acalantar, fizeram o efeito contrário e acabaram afetando a todos.

Henriquetta e Antonella começaram a chorar por suas filhas, enquanto o Rei e Alano tentaram acalmá-las. Se eu já estava sofrendo, imagina elas, que estavam tendo que ver isso acontecer com suas filhas. Eu estava começando a ficar desesperado, a situação estava me sufocando e não sabia o que fazer para ajudar.

— Eu acho melhor ir buscar um calmante para todos. Bella, você poderia me ajudar? — Perguntei, precisando falar com ela, lhe confortar de alguma maneira e a forma como ela ficou tensa quando a chamei, só me mostrou que ela ainda parecia chateada comigo pela nossa briga de mais cedo.

Tive que me segurar para não ir até ela e quando saiu dos braços de seu irmão vindo em minha direção, foi impossível não ver a mágoa em seu olhar e isso me incomodou de forma absurda.

— Claro, Dr. Igor. — A forma seca como ela falou comigo me golpeou em cheio.

Merda! Ela estava realmente puta!

— Já voltamos. — Tentei justificar, embora um pouco sem jeito.

Anabella não esperou por mim, foi andando em minha frente, passando as mãos pelo cabelo demonstrando seu nervosismo e eu desejei que pudesse ser o único a fazer isso, em uma tentativa de confortá-la. Mas quando chegamos a minha sala, que logo seria usada pelos chefes de segurança da família real, ela deu uma distância entre nós e eu sabia que naquele momento Anabella não me queria perto dela. E eu não podia culpá-la por isso.

— O que você quer, Igor? — Anabella perguntou, cruzando seus braços sob os seios.

— Queria conversar com você... — Comecei a falar, mas ela apenas me cortou:

— Não é hora para isso, Igor! — Falou de forma rascante.

Droga! Ela estava realmente chateada!

— Eu sei que não, mas me dói vê-la dessa maneira, especialmente quando não posso confortá-la como queria e ainda por cima sei que você está chateada comigo por causa do que houve mais cedo. — Confessei.

— Eu apenas não posso agora, Igor. — Ela disse, com os olhos fechados e meu peito se apertou ao ouvir sua voz soar tão baixa e quebrada.

Eu não queria isso. Não queria me afastar dela e parecia ser o que ela estava pedindo. Tudo que queria fazer era abraçá-la e mantê-la em meus braços. Mas eu sabia que existiam coisas muito mais importantes nesse momento que meus desejos egoístas.



Quando voltamos para o quarto de Taddeo, mediquei Henriquetta e dona Antonella, que felizmente ficaram um pouco mais calmas depois disso. Enquanto isso, Anabella fazia um trabalho bom em me ignorar, mostrando claramente para mim o quanto queria me manter longe. Não era o que eu queria, mas não podia fazer nada além de aceitar.

Taddeo acordou agitado e nervoso, nos contou o que havia acontecido e quem os havia emboscado mais cedo. Eu já conhecia Olavo, o pai de Lourdes, pois ele havia sido alfaiate do meu pai e sua família vestiu os

homens da minha por gerações. Mas por mais problemático que ele fosse, jamais imaginei que ele fosse capaz de qualquer coisa que atentasse contra a vida de alguém a não ser a própria.

Felizmente ficamos aliviados quando o chefe de seguranças de Théo ligou para lhe dizer que havia encontrado-as. E agora ele estava diante de nós e esperávamos ansiosos pelo que ele tinha a nos dizer sobre o ocorrido.

— Pode falar, Carl. — Théo exigiu.

— Nós localizamos as duas, mas estou com uma suspeita de que alguém esteve boicotando nossa busca. Por isso a demora em encontrá-las, já que para nós isso se tratava de algo tão simples. Foi então que eu vi um acesso ao servidor tentando desativar o rastreio do colar e da aliança da Princesa. Como consegui ver que havia alguém entrando no sistema, mudei rapidamente os códigos de acesso e isso o impediu de desligar o rastreio do colar, pois ele já havia conseguido fazer com a aliança. E isso só pode ter sido trabalho interno.

Meu Deus! Existia realmente alguém infiltrado

dentro do que deveria ser a maior equipe de segurança da Campavia!

— Puta que pariu! Agora temos uma confirmação das nossas suspeitas, Théo. Há realmente um traidor! — O Rei disse, andando de um lado para o outro, certamente se sentindo tão traído como cada um de nós se sentia.

— Não tenho dúvidas. Mas agora o que me interessa é resgatar as duas. Depois eu parto esse Judas em dois. Onde elas estão? — Théo perguntou, não conseguindo esconder o desespero em sua voz.

— Estão aqui na Campavia. Na Ilha Elisa. — Carl falou.

— Ilha Elisa? — Perguntamos ao mesmo tempo.

— Sim. E eu já tenho um nome por trás disso tudo. — Afirmou e eu não sei porquê, mas meu sexto sentido apitou nesse momento.

— Qual? — Théo insistiu

— Dr. Igor, o senhor conhece algum Gerrit Rotterdam? — Perguntou para mim.

Quem diabos era Gerrit Rotterdam?

Neguei imediatamente. Não entendendo realmente

o que eu poderia ter a ver com isso. Afinal, realmente não conhecia ninguém com esse nome. Ainda assim peguei os papéis que ele me entregou, enquanto continuava a falar e eu tentava ler o que estava escrito ali:

— Essa Ilha pertencia a uma família há mais de duzentos anos. Mas Gerrit Rotterdam é o atual dono da Ilha Elisa. Essa ilha foi doada para ele há uns vinte e três anos. Quem o presenteou foi Heitor Carrara.

Caralho! Meu pai?

— Como assim? — Théo perguntou tão confuso quanto eu.

— Conte-nos agora. — O Rei exigiu, olhando para mim.

Ele esperava que eu soubesse algo realmente?

— O que? Sei tanto quanto vocês. Eu não sei de caralho de nada sobre minha própria família, como saberia por quê diabos meu pai resolveu dar uma ilha para um completo estranho? — Perguntei honestamente.

Mesmo que não quisesse estar, estava irritado apenas com a possibilidade de pensarem que eu tinha algo a ver com qualquer coisa. Que eu era um Carrara, era

incontestável. Mas eu desprezava meu próprio sangue tanto quanto eles, porque havia sentido em minha própria pele a dor que era ser um deles.

Mas também estava envergonhado, me sentindo culpado porque de uma maneira ou de outra, aquela que deveria ser a minha família, eram os verdadeiros culpados por todas as desgraças que aconteceram com eles. Eu poderia ser amigo de Théo durante toda minha vida, mas isso era o suficiente para que eles não quisessem que eu pagasse pelos erros que cometeram contra eles?

— Nós sabemos disso, amigo. — Théo pareceu querer que eu soubesse disso e apesar das suas palavras serem bem-vindas, em nada amenizou o que eu sentia. — Vamos sentar e decidir o que temos e o que vamos fazer. — Théo disse e eu concordei, ainda meio sem jeito.

— Sim, vamos fazer isso. — O Rei disse, antes de se virar para mim e pedir: — Desculpe-me por isso, Igor, eu apenas estou nervoso com tudo. Nunca pensei que você tivesse algo a ver realmente.

— Tudo bem, majestade. Eu entendo. E também

entendo que o histórico da minha família não ajude com os julgamentos contra nós mesmos. — Fui honesto e apesar de envergonhado, olhei em seus olhos para que soubesse que eu sabia que ele tinha razão.



Reunimo-nos em meu consultório e lá começamos a estudar atentamente nosso próximo passo. Tínhamos que saber exatamente o que fazer, pois eles estavam com Alisson e Stephanne como reféns e um passo em falso poderia ser capaz de custar a vida das duas. A segurança e a vida delas estavam em jogo e não podíamos brincar com isso.

A primeira coisa que fizemos foi pesquisar sobre o tal Gerrit Rotterdam. Seu nome era completamente estranho para mim ainda. Nunca conheci ou me lembro de ver meu pai mencionar seu nome uma vez sequer. Ainda assim, tínhamos que ir o mais profundamente quanto podíamos.

— Ele tem infringido muitas leis, além de tecnicamente ter um espião entre nós que lhe passa todas

as informações sobre a família Real. Isso por si só já nos diz que ele não é um amador. — Carl falou depois de alguns minutos.

— Ele com certeza não é um amador, Carl. O cara não deixa uma ponta solta. — Théo falou e nós tivemos que concordar.

— Fiz uma pesquisa sobre esse nome e não encontrei nada. Na verdade, segundo minha busca, ele estava morto há mais de cinco anos. Isso não seria nada, se na verdade eu não tivesse descoberto também através de um banco de dados holandês, que esse rosto que aparece como “rosto” dos documentos dele, era um agente do serviço secreto holandês, que também tinha um outro nome. Ele tinha um parceiro, Tom Darer Gritter, que foi um dos melhores agentes da sua época, mas depois foi expulso da agência por traição e não encontramos mais informações do que isso.

— Espere aí. Qual o nome do seu parceiro? — perguntei, quando um sinal de alerta apitou dentro da minha cabeça e eu corri para pegar um papel e uma caneta.

Será? Será?

— Tom Darer Gritter. — Greg repetiu.

— Me deem um minuto. — eu disse, antes de escrever seu nome e começar a analisar cada letra que eu mesmo havia escrito ali.

Foi impossível não me lembrar da minha infância enquanto meus olhos corriam pelo papel. Heitor Carrara era definitivamente um pai terrível e fazia questão de fazer da minha vida e a de todos em nossa casa, um inferno. Demonstrando não apenas com palavras o quanto eu era indesejado. E ainda assim, toda noite ele me fazia aprender sobre anagramas.

No começo eu odiava, mas depois de algum tempo, eu comecei a aprender a gostar e por diversas vezes me pegava fazendo anagramas fora das horas de suas “aulas”. Eu não sabia se fazia porque queria que de alguma forma ele me aprovasse, ou era apenas porque gostava mesmo. Mas no final, eu acabei ficando craque nisso e talvez essa minha “habilidade” tenha alguma serventia.

Ao menos esperava que sim!

— Igor... — Théo me chamou, mas eu apenas o ignorei com um aceno cortante com a mão.

E depois de um tempo brincando com o jogo de palavras, traçando uma e outra letra, as rearranjei, formando novas palavras e conseguindo chegar exatamente aonde eu queria.

— Consegui. — Finalmente disse, sorrindo com meu trabalho.

— Conseguiu o que? — O Rei perguntou.

— Nunca fui muito chegado ao meu pai. Ele sempre foi muito distante, não gostava de muito contato. Mas quando eu era pequeno, tivemos alguns momentos em que ele fez-se presente. Eu não sabia porquê, mas ele me obrigou a aprender a fazer anagramas. Para quem não sabe, anagrama é uma espécie de jogo de palavras, resultando do rearranjo das letras de uma palavra ou frase para produzir outras palavras, utilizando todas as letras originais exatamente uma vez. E rearranjado o nome Tom Darer Gritter, encontrei exatamente isso.

Entreguei-lhe o papel com meus rabiscos que resultavam novamente no nome de Gerrit Rotterdam. Ou

seja, se eu não estivesse errado, o que eu duvidava muito, os dois eram a mesma pessoa.

— Carl, pesquise tudo que você encontrar sobre Tom Darer Gritter. — O Rei ordenou e fiquei aliviado em poder ajudar de alguma maneira.



Tom Darer Gritter era o homem que nós procurávamos. Ele havia sido um dos melhores agentes da agência secreta holandesa, mas de acordo com o registro, havia sido expulso da agência por traição. Mas não sabíamos mais do que isso.

— Já vimos que Gerrit é um profissional. A Ilha não deve ser um local de um simples cativo. Deve ter mais por lá com certeza. O que há na Ilha que você já tenha informação, Carl? — Perguntei, apontando o óbvio.

Porra! Eu não duvidava de que o local estive armado até os dentes!

— Aqui. — Carl nos mostra as imagens via satélite da Ilha em seu notebook. — Aparentemente não vemos nada demais no local, além dessa casa velha de

pescadores. — A foto mudou e agora víamos uma imagem que parecia ser tridimensional. — Os analistas da agência secreta campaviana acabaram de nos enviar essas imagens. Aqui podemos ver que há muito mais por trás dessas paredes que não poderíamos ver a olho nu. Vemos que há uma estrutura que vai além da casa simples. Além da quantidade enorme de armamentos, bombas, uma central de vigilância e uma enorme quantidade de seguranças que rodeavam quase todo o perímetro da Ilha. Também podemos visualizar outros ambientes, aparentemente secretos e por aqui, algumas potenciais rotas de fuga através dessas formações rochosas.

Porra! Eu estava certo!

— Então lá definitivamente não é um simples cativeiro. — O Rei chegou a conclusão que nós temíamos.

— Não, majestade. — Carl confirmou.

— O que você acha disso tudo, Greg? — O Rei inquiriu seu chefe de seguranças, que parecia um pouco alheio ao que falávamos.

— Acho que temos de estudar bem o que faremos a seguir, majestade.

— Não temos tempo a perder, Greg. Ele está com elas, vamos apenas agir e tirá-las logo de lá. — Théo falou irritado e eu concordava com ele.

— Alteza, eu entendo que esteja preocupado com a Princesa Steph e com sua tia, mas a Guarda Real e os agentes secretos campavianos não podem agir sem garantir que usemos nossa melhor opção para resgatá-las. — Greg reiterou o que havia dito.

Meu melhor amigo apenas sorriu para ele. E eu conhecia aquele sorriso. Era o sorriso de um cara determinado a tudo. E isso apenas se confirmou quando ele estendeu sua mão para ele.

— Prazer, príncipe Theodore Caravaggio, treinado pelos melhores especialistas da Europa, ou como quero que você me chame daqui em diante: sua melhor opção.

Eita, caralho!

— E eu sou Igor Carrara, o melhor franco-atirador que vocês já viram. E bom, eu não acho que esse tal de Gerrit vai ficar feliz com o que posso fazer com um único tiro. — Eu disse, lhe dando o mesmo sorriso.

— Vamos acabar com esse filho da puta! — Ele disse apertando minha mão.

Eu e Théo éramos amigos há tanto tempo, que nós nos conhecíamos bem demais para saber que éramos capazes de tudo para cuidar um do outro. E com um olhar cúmplice dissemos tudo isso. Nós dois sabíamos que estávamos dispostos a dar nossas vidas não apenas para salvá-las, mas também um pelo outro.

Sim. Esse merda ia se foder por querer mexer com a minha verdadeira família!



Quando Théo e eu resolvemos começar a treinar em Londres, iniciamos por pura curiosidade e se tornou um hobby que compartilhávamos juntos. Acabamos gostando tanto, que naturalmente fomos aumentando os treinos e seguimos direto para armamentos. No início eu não era muito fã de armas, mas com o tempo acabei me apaixonando.

Há uma diferença considerável em saber como operar e descarregar seu rifle ou sua pistola e ainda mais

do que isso, saber lutar com ele. A lista de motivos para que eu pudesse descontar minha raiva no alvo era infundável. Mas enquanto aprendia a atirar, aprendi também a deixar de lado toda e qualquer coisa que não fosse meu alvo, pois meus motivos eram em grande parte irrelevantes para o uso defensivo de armas de fogo.

Ser um cara habilidoso pode ser útil se o seu cenário de autodefesa é um envolvendo habilidades de atirador. Mas quando precisamos entrar em um combate armado, são necessárias muito mais do que habilidades, é necessária precisão.

Chegamos à Ilha Elisa e por trás da casa velha de pescadores, nós sabíamos que haviam não apenas armamentos pesados, como também uma central de vigilância. A Ilha estava cercada por seguranças e exatamente por tudo que já sabíamos, que tivemos que planejar cuidadosamente cada passo que demos até chegar ali.

— *Igor, algum movimento por aí?* — Théo perguntou pelo intercomunicador.

Estávamos cada um em um lado da Ilha. Dividir-

nos para que ampliássemos o perímetro, era sem sombra de dúvidas a coisa certa a se fazer. Especialmente quando a qualquer momento isso poderia ajudar na hora de darmos cobertura um para o outro.

— Nada. Os mesmos seguranças permanecem fazendo a vigília. — Eu disse, observando os caras que estavam fazendo a guarda da região sul da casa.

— *Greg? E no seu lado?* — Théo perguntou—. *Greg? Greg? Está ouvindo?* — Ele repetiu a pergunta.

No momento em que entendi seu silêncio, um zumbido alto e insuportável veio do aparelho em meu ouvido, fazendo com que eu o arrancasse. Os caras que estavam comigo haviam feito o mesmo e eu xinguei mil palavrões quando ficou mais do que óbvio que Greg na verdade era quem estava trabalhando para Gerrit.

— Merda! — Eu murmurei, quando o vi correndo até os seguranças que eu estava vigiando há pouco.

Coloquei meu intercomunicador novamente no ouvido e respirei fundo. Eu não poderia parar para pensar sobre isso nesse momento, tínhamos um motivo por estarmos ali. Eu apenas tinha que agir, tinha que fazer

alguma coisa antes que os bandidos filhos da puta agissem antes de nós. E talvez eu tenha demorado um pouco demais pensando sobre isso, porque o primeiro barulho de tiro não demorou.

A brincadeira acabou ali. Por isso não hesitei em atirar quando me vi na mira do primeiro. Um tiro preciso. Se eles não poupariam minha vida, eu não seria o único a sentir remorso por lhes tirar as suas em legítima defesa. Afinal, você só ganha paz de espírito a partir do momento em que sabe que pode proteger não apenas a si mesmo, como também sua família. E eu poderia não ser um assassino, mas era capaz de tudo por eles.

— *Mandem o helicóptero vir agora!* — Ouvi a voz horrorizada de Théo e eu temi que algo tivesse acontecido com Stephanne ou Alisson.

Meu Deus! Que elas estejam bem!

— *Ele está saindo pelos fundos!* — Carl disse também pelo intercomunicador e eu sabia que ele estava falando isso comigo.

— Ah! Mas é agora que eu pego esse filho da puta! — Eu disse para mim mesmo, me escondendo atrás

da pedra mais próxima.

Ordenei que os agentes que estavam comigo fossem para o outro lado, enquanto permaneci quietinho ali, apenas esperando o momento em que ele apareceria para que eu acabasse com a sua raça. Por uma pequena fresta pude ver o exato momento em que Greg chegou correndo, com ele em seu encalço. E foi naquele exato instante também que o vi e meu coração parou por alguns segundos. *Evan*. Era ele.

Eu não podia acreditar! Meu próprio tio!

— Maldito! — Murmurei em choque.

Eu não poderia hesitar nesse momento. Não importava que ele fosse meu tio, que fosse sangue do meu sangue, ele tinha que pagar por tudo que havia feito. Preparei a mira para atirar nele e tudo a partir daquele momento pareceu acontecer em câmera lenta. Alguém parece ter chamado por ele, mas eu não ouvi direito, pois Evan levantou os braços em rendição, parecendo de alguma maneira recuar de quem o chamava. O disparo veio logo em seguida e pude ver claramente seu corpo estremecer, quando o tiro acertou em cheio sua cabeça.

Jesus!

Eu não sei o que se passou pela minha cabeça naquele momento, mas quando vi, já estava indo na direção que ele estava caído e a última coisa que pensei foi em minha própria segurança. Eu precisava chegar até ele. Precisava entender os motivos que o levaram a essa vingança. O que foi um grande erro.

Foi também nesse exato instante que senti o forte baque em meu peito.

— Porra! — gritei, ao mesmo tempo em que caía no chão.

A pressão em meu peito era grande e eu rosnei pelo impacto que mais me parecia um soco e ainda assim fiquei aliviado, porque apesar do incomodo que sentia, o projétil havia pegado no colete à prova de balas. Respirei fundo uma e outra vez. Tentando controlar as batidas incessantes do meu coração por causa da adrenalina que a situação me causou.

Caralho! Isso foi foda!

Não podia mais agir aleatoriamente, tinha que pensar na minha segurança. Parecia não haver mais

ninguém ali, o maldito do Greg parecia ter fugido e nem havia sinal de quem havia atirado em Evan, parecia que haviam evaporado. Mas ainda assim segurei firmemente a arma que mantinha em punhos e rastejei até onde Evan estava deitado no chão, com uma poça de sangue ao seu redor.

Foda! Foda! Foda!

— Chamem um helicóptero, urgente! — Gritei, ainda atordoado. Meu ouvido zunia e eu ainda podia sentir entre outras coisas, a pressão em meu peito.

Chamei seu nome, mesmo que achasse que não fosse adiantar alguma coisa. Parecia que sua hora tinha chegado e eu sabia que não deveria sentir nada por vê-lo assim, quando na verdade ele havia feito tão mal as pessoas que eu amava e tantos outros inocentes. Ainda assim foi difícil que não me compadecesse naquele momento. E eu definitivamente me odiei por isso.

Não demorou para que os paramédicos chegassem. Dei ordens para que continuassem as buscas pela Ilha atrás de Greg ou qualquer um de seus cúmplices e acabei indo junto com eles no helicóptero. Os médicos

trabalhavam sem parar para tentar mantê-lo vivo, mas eu tinha experiência suficiente para saber que não havia muito a ser feito. Seu estado era realmente deplorável.

Não iria lamentar. Ele havia cavado a própria cova. Durante toda a viagem, os motivos que o levaram até ali não paravam de girar em minha cabeça e eu estava tão nervoso pensando sobre isso, que nem percebi o momento em que chegamos ao hospital. Os médicos e enfermeiros trabalhavam em conjunto, levando sua maca rapidamente em direção ao centro cirúrgico.

Ainda no automático, os segui, mas quando cheguei à porta da sala de cirurgia, apenas travei. Não consegui passar dali. Inevitavelmente pensei em Eva e Laís, sua mãe. Bem ou mal eu sabia que ao menos por causa delas não poderia virar as costas para ele. Não por ele, mas apenas porque era a coisa certa a se fazer e eu acho que poderia vir a me arrepender se não fizesse.

Fiquei um tempo que me pareceu interminável ali, lutando comigo mesmo sobre o que deveria fazer a seguir e quando achei que ficar ali parado não resolveria nada, decidi dar uma volta para tentar esmaecer. Acabei

voltando para o telhado onde ficava o heliporto e foi nesse momento que outro helicóptero pousou ali.

Temí que fosse outro ferido, mas fiquei aliviado em ver que era apenas o chefe de seguranças de Théo e mais alguns dos seus agentes que o acompanhavam, todos ainda fortemente armados.

— Dr. Igor. — Me saudou.

— Está tudo bem? — Perguntei e ele assentiu.

— Acabamos de fazer a varredura em toda Ilha e nada encontramos. — Resfoleguei, não gostando nada disso.

Afinal, meu tio poderia ser o vilão, mas ainda assim outra pessoa havia o traído de tal maneira, que havia atentado contra sua vida. Imagine o que não poderia tentar fazer contra nós.

— Isso é muito ruim, Carl. — Ele concordou.

— Sim. Mas nossos homens ainda estão vasculhando toda aérea, na esperança de acharmos alguma coisa. — Garantiu.

— Isso é bom. — Falei, me sentindo cansado.

— Alguma notícia sobre o maldito? — Ele

perguntou e eu ri sem humor.

— Você quer dizer o maldito do meu tio? —
Perguntei e ele negou.

— Igor, você ainda não soube? — Perguntou confuso e eu neguei, antes de sentir sua mão em meu ombro. — Não foi seu tio quem tomou aquele tiro. Foi Gerrit. — Continuei olhando-o sem entender e ele então começou a me contar a verdade.

Mais uma verdade que eu não sabia sobre minha família. Ou eu devo dizer, mentira?



A informação que Carl me deu de alguma forma me aliviou. Apesar de controverso, saber que a pessoa que eu havia conhecido como tio não era responsável por todo aquele terror, me tirou um peso tremendo das costas. Ainda assim, enquanto voltava para o centro cirúrgico, parecia cada vez mais difícil para mim decidir o caminho que deveria seguir depois disso.

— Dr. Carrara? — Ouvi chamarem meu nome e olhei para trás para ver um dos médicos que eu sabia estar

atendendo Gerrit parado diante de mim.

— Como ele está? — Foi a única coisa que consegui perguntar.

— Como você deve ter visto, o ferimento foi bastante sério. Conseguimos retirar o projétil, mas ele perdeu bastante sangue e também grande parte da massa encefálica. Ainda não finalizamos a cirurgia, mas posso adiantar que por causa disso ele entrou em coma. Você como médico deve saber que foi praticamente um milagre que ele tenha conseguido chegar com vida até aqui.

Eu sabia disso, mas quando o médico mencionou isso, simplesmente gelei. Não sabia explicar o motivo, afinal não o conhecia e ele era o único culpado por estar ali. Gerrit era apenas igual ao seu gêmeo e nada mais. Mas ainda assim eu apenas não pude evitar.

— Você acha que ele pode ficar bem? — Eu odiei ouvir a preocupação em minha voz. Mas não consegui evitar, ela era latente.

— Acho difícil. Suas chances são poucas. — Disse com pesar e eu assenti.

— E quando saberemos?

— Quando terminarmos a cirurgia. As próximas horas são de fundamental importância para sua recuperação. Se de fato podemos chegar a vir a ter uma.
— Falou extremamente sério.

Dei uma desculpa e saí dali. Não suportei ficar mais tempo e segui em direção aonde eu sabia que os outros estavam. Não demorei a encontrá-los, Théo conversava de forma íntima com seu pai, o Rei Edward, que eram admirados por uma Alisson muito emocionada.

Quando vi a forma como os dois se abraçaram, uma parte minha invejou aquilo. Eu nunca havia tido isso com meu pai. E jamais teria, afinal, meu pai morreu deixando para mim a herança amarga do desprezo. Mas a outra parte minha estava feliz por meu amigo, porque apesar dele ter descoberto da pior maneira a verdade sobre sua origem, ainda assim ele tinha um pai, ou melhor, tinha dois que o amavam e eu era a prova viva do quanto o tempo era curto para aproveitarmos isso.

Três pares de olhos azuis me observavam e eu me senti desconsertado por isso. Poucas foram as vezes em minha vida que eu pude sentir preocupação por parte das

peessoas. Era justamente esse o problema de cuidar de todo mundo, é que quando você precisa de cuidados, as pessoas pensam que você é capaz de se cuidar sozinho. E acho que era isso que eu precisava agora, embora não pudesse admitir.

Já estava tão acostumado a ser sozinho, que agora quando senti uma fagulha de esperança de dividir minha vida com alguém, de compartilhar de cada momento, percebi que esse talvez fosse o maior erro que eu poderia cometer.

— Stephanie ainda não foi para sala de parto? — Perguntei, tentando desviar a atenção de mim.

— Não. A pressão dela estava um pouco alta e o médico deu um tempo para estabilizá-la. — Théo respondeu a minha pergunta.

— Está tudo bem, Igor? — Alisson perguntou com uma preocupação genuína e embora eu quisesse, não consegui mentir naquele momento.

Não. Não estava!

— Na verdade não. — Suspirei, minhas mãos mexendo em meus cabelos, em um gesto de puro

nervosismo.

— O que houve? Evan escapou? — Théo perguntou e outro suspiro saiu de meus lábios.

— Filho... Não era Evan. — Alisson o corrigiu rapidamente e ele nos olhou confuso. — Eu havia dito que eu não consegui ver o rosto do meu agressor, certo? — Ele assentiu e Edward o seguiu, parecendo tão confuso quanto ele. — Então, eu não disse que eu achava que conhecia aquele olhar de algum lugar, mesmo que ele parecesse tão diferente? — Novamente assentiram. — Não era Evan, era seu irmão gêmeo.

— Mas Evan não tem um irmão gêmeo. Que porra de história é essa, mãe? — Théo perguntou, cada vez mais confuso.

— Você ainda não ligou dois mais dois, filho? — Edward perguntou e ele finalmente entendeu tudo.

— Mãe... Você quer dizer que... Er... Ele...

— Sim, filho. Gerrit e Evan são meus irmãos. Filhos do meu pai com Lavínia. — O Rei explicou, parecendo tão arrasado quanto poderia estar.

Eu não posso nem imaginar como ele se sentia

diante de tudo isso. Se para mim não estava nada fácil, imagine para ele, que acabou de descobrir que tem dois irmãos e um deles havia dedicado sua vida para tentar acabar com não apenas a sua vida, como também a de sua família e de todos que ele amava.

— Santa merda! Isso é muito louco! — Théo finalmente falou, enquanto andando de um lado ao outro, como se isso pudesse mudar alguma coisa.

— Sim. Os dois sofriam tanto por causa dos filhos que perderam, sendo que eles sempre estiveram ali. — Edward fala de forma pesarosa.

— E Evan sabe disso? — Théo voltou a perguntar e Alisson negou.

— Não, pelo que Gerrit disse, até Evan estava incluso na sua vingança. — Respondeu.

Ao menos isso!

— Sim, mas vocês conseguiram pegar Gerrit ou não? — Théo voltou-se para mim e assenti.

— Conseguimos, mas não sei ao certo se ele vai viver por muito tempo. — Confessei.

— Como assim? — Alisson perguntou.

— Quando Carl disse no rádio que ele estava fugindo pelos fundos, eu fui atrás. Quando vi que ele estava vindo, tomei um susto ao reconhecer meu próprio tio, acompanhado de Greg. Ainda assim, decidi que eu o pegaria, afinal para mim ele tinha que pagar pelo que cometeu. Então de repente ouvi alguém chamando seu nome e ele recuando, mas eu não consegui ver muita coisa, pois minha visão do que estava acontecendo não era nada favorável. Decidi atacá-los mesmo assim. Foi aí que ouvi um disparo. Ele foi baleado na cabeça. Está na sala de cirurgia. Não tenho certeza de que ele vá sair dessa com vida. Na verdade, não pensei que ele fosse chegar até aqui. — Expliquei, tentando não demonstrar o quanto eu estava mais abalado do que gostaria de transparecer.

— Ele tem chance de sair dessa? — Alisson voltou a perguntar.

— Poucas. — Repeti as palavras que o médico havia me dito.



Precisava urgentemente de um banho. E por isso quando finalmente consegui entrar em um chuveiro, fiquei o quanto pude embaixo da água, tentando fazer com que minha cabeça parasse de girar e com a água fosse embora também todas as minhas dúvidas, todos os meus medos. Mas isso não aconteceu obviamente. Ainda assim só saí de dentro do box quando minhas mãos estavam enrugadas.

Enquanto enxugava meus cabelos com uma toalha felpuda, pude ouvir a porta se destrancar e como eu estava na saleta anexada ao meu escritório, sabia que poderia ser apenas uma pessoa, a única que tinha uma chave: *Anabella*.

Eu não havia me permitido pensar nela desde que saí em direção à Ilha e agora, vendo o amor e a preocupação em seus olhos, eu sabia exatamente o porquê da minha decisão.

Minha vida nunca foi fácil. Mas eu também nunca reclamei. Tentava encontrar em cada momento, em cada tropeço, um motivo para viver. E talvez eu sempre tivesse tido um e não o enxergava, apenas quando a tive em meus braços que entendi o motivo de passar por tudo.

Nada comigo nunca havia sido tão perfeito, como era com Anabella. Eu queria estar com ela em cada momento. Deus sabia o quanto eu queria. Mas também sabia que a cada vez que ela saía de perto de mim, eu temia que algo acontecesse a ela por minha causa ou que ela simplesmente não voltasse para mim, que descobrisse a verdade sobre mim. E a maior verdade de todas, é que às vezes nossas cicatrizes nos deixam mais fortes, mas as minhas só me fizeram mais fraco.

E as últimas horas foram o suficiente para me fazer entender que eu estava sendo egoísta demais em querer mantê-la ao meu lado. Ela não merecia uma vida fodida comigo. Sabia que Anabella me amava, mas ela era doce demais, boa demais, perfeita demais para lidar com a bagunça que eu faria em sua vida. Por mais que tentasse, nada seria o suficiente, eu nunca seria bom o suficiente e muito menos merecedor da caçula dos Caravaggio. Ela merecia mais do que isso.

Seus lábios rosados tremeram olhando para mim, lembrando-me do motivo de fazer o que eu tinha que fazer. E quando ela correu para mim, se jogando em meus

braços e chorando, me detestei ainda mais. Eu não queria desistir dela. Queria encontrar uma maneira de fazer com que nós dois déssemos certo. Só que também desejava preservá-la. Queria que se mantivesse intacta. Odiaria se fosse machucada, principalmente por mim. O que não fazia sentido, eu sei. Eu apenas queria ser digno dela, mas, no fundo, sabia que nunca seria.

Afastei-me dela e olhando para seus lindos olhos que estavam chorando, eu novamente tinha a certeza de que tinha que fazer isso. Por ela eu tinha que fazer isso. Seria a coisa mais difícil que fiz em toda minha vida, mas eu tinha que deixá-la.

— E-eu tive tanto medo, Igor. — Ela chorou, voltando a enterrar seu rosto em meu pescoço e eu suspirei o aroma delicioso de seu cabelo. — Tentei ir atrás de você, eu queria te p-parar. Mas já era tarde demais, você já tinha partido para Ilha. Me desculpa por isso. — Continuou sussurrando e eu fechei os olhos.

Deus! Não, não, por favor, não! Ela não pode estar se desculpando!

— Eu fiquei louca, Igor. Louca, porque a única

coisa que conseguia imaginar, era que você estava em perigo e eu preferi permanecer de birra como uma criança mimada, quando você tentou conversar comigo. Eu não suportaria que nada acontecesse com você! — Ela continuou, me apertando ainda mais forte.

Eu não podia e nem conseguia dizer nada. Minha voz parecia ter me deixado. Não sabia que conseguiria fazer o que tinha de fazer com ela tão quebrada dessa maneira. Eu a amava, estava mais do que certo do que sentia. Mas quando se ama alguém verdadeiramente, você não consegue fazer duas coisas: mentir para essa pessoa e fazê-la sofrer.

Doía muito. E a dor não era apenas física, era muito mais profunda do que isso. Eu sabia que me afastar depois dos momentos que compartilhamos iria rasgar seu coração, como rasgaria o meu, mas ainda assim era o melhor para ela se manter distante de mim. Sempre foi, eu apenas fui burro demais para não querer enxergar isso.

Por isso achei melhor fazer isso o quanto antes, porque senão eu não teria forças para fazer. Com cuidado me afastei dela e como se ela não tivesse me dito nada

demais, comecei a vestir a minha roupa, tentando não olhar para ela.

— Diga alguma coisa, Igor. — Ela pediu, sua voz demonstrando seu nervosismo.

— Eu estou bem. Acho melhor que você volte para sua família. O dia foi difícil, eles certamente estão precisando de você. — Eu disse isso e fiz um esforço descomunal para olhar para ela.

Anabella apenas ficou lá olhando para mim parecendo chocada com a frieza das minhas palavras.

Droga! Por que isso tinha de ter tão difícil?!

— Por favor, Anabella, acho melhor você ir. Eu realmente preciso ficar sozinho. — Pedi, a olhando seriamente.

— Não estou entendendo. — A descrença em sua voz fez o aperto em meu peito apenas se intensificar.

— Não tem o que entender, Anabella. Apenas faça o que pedi. Vá embora.

— Você... V-você... — Ela parecia chocada ainda, quando um soluço escapou dos seus lábios e eu quase fraquejei. — Como fui burra, Igor! Como pude pensar que

você havia mudado?! — Gritou, fazendo com que eu me encolhesse.

— Estou apenas fazendo a coisa certa. — Balbuciei, sem conseguir dizer isso olhando em seus olhos e ela cobriu a boca, balançando sua cabeça em negativa.

— É só isso que você sabe fazer, não é? Machucar? Magoar as pessoas? — perguntou gritando e ela não fazia nem ideia do quanto ela estava certa. — Não, você não está fazendo isso porque é o certo, está fazendo isso porque é fraco. Você não tem medo dos meus irmãos ou da minha família, é apenas um covarde, um frouxo! Não é forte e muito menos macho o suficiente para admitir o que sente por mim! — Gritou, antes de virar as costas para mim.

Nem se ela tivesse me batido doeria tanto quanto o golpe que suas palavras me deram. Ela estava mais do que certa, eu merecia isso. Merecia cada momento de agonia e dor que eu sentia agora e que ainda iria sentir, eu apenas merecia. Quando ela bateu a porta da sala, a vi saindo sem olhar para trás e eu sabia que dessa vez não

teria mais volta.

Anabela

Não sei como consegui sair dali, mas minha mãe parecia saber que eu precisava dela, pois quando abri a

porta do meu quarto, ela estava lá esperando por mim. Não consegui mais me controlar. Qualquer raiva que sentia por estar assim por causa dele desapareceu, sendo substituída por uma dor fria entorpecente, que parecia ser capaz de me rasgar ao meio.

E depois de um tempo com ela me acalentando, enquanto eu chorava em seus braços, ela finalmente perguntou:

— O que houve, querida? — Perguntou preocupada, embora no fundo eu soubesse que de alguma forma ela sabia.

— Nada, mãe. Só estou triste por tudo que aconteceu e ainda assim aliviada. — Menti, ainda deitada em seu colo. Eu ainda não havia conseguido parar de chorar realmente.

— Tem certeza? Isso não tem nada a ver com um certo Doutor, com quem você passou a última noite? — Perguntou, franzindo sua testa, mas sem conseguir esconder o sorriso em seus lábios por ter me pego.

Sim, mães sempre sabem!

— Desculpe por ter mentido para a senhora, mãe.

— Respondi sinceramente envergonhada.

— Tudo bem, querida. — Beijou minha testa com carinho. — Só quero que você saiba que pode falar comigo quando precisar, não precisa me esconder nada.

— Assenti. — Não quer falar o que aconteceu?

— Não. Não estou pronta agora. Só quero esquecer.

Estava arrasada, mas nessa noite nasceram três lindos motivos que me ajudariam a passar por isso.



Trocar-me de setor no hospital foi apenas a primeira atitude que Dr. Igor tomou, depois de me dispensar. No dia seguinte cheguei para trabalhar, afinal era profissional e fui avisada pela sua secretária que eu não trabalhava mais ali e sim no setor de pediatria, que ficava na ala oposta a dele.

Ótimo. Muito maduro da parte dele!

Não seria eu a única a reclamar. Afinal ainda tinha um estágio e com ele os créditos que eu precisava para me formar. Era apenas isso que queria me importar

nesse momento. Não queria vê-lo mesmo. Na verdade apesar de toda raiva e mágoa, ainda não tinha certeza de como eu iria reagir quando isso acontecesse.

Já estava saudosa. Havia usado meu intervalo de almoço para ficar com as trigêmeas e tinha acabado de me despedir delas. Ainda estavam todos em choque com nossa “surpresinha”, mas felizes demais por termos mais uma integrante da família. As três haviam passado a noite na UTI Neonatal e ficariam mais alguns dias lá, apenas para fortalecer seus pequenos pulmõezinhos de prematuras.

Lavínia, Cibelle e a pequena Miley, eram definitivamente as coisas mais perfeitas que já vi em toda minha vida. Eu obviamente não estava nada bem depois de ontem, mas quando as peguei em meus braços, a emoção que senti me fez esquecer quaisquer dores que pudesse estar sentindo. Se eu já me sentia assim, com tanto amor e tanta emoção sendo tia, não quero nem imaginar o que sentirei quando carregar minha filha ou filho em meus braços pela primeira vez quando chegar a minha hora.

Eu ao menos esperava que chegasse!

Ver a família linda que meu irmão havia formado, era definitivamente uma coisa linda de se ver. E poder ver o amor que brilhava em seus olhos enquanto olhava para sua esposa e suas meninas, era definitivamente emocionante demais. Eu desejei tanto isso e no fundo eu ainda queria, só que havia sonhado com um futuro com a pessoa errada.

Eu realmente queria esquecê-lo. Queria esquecer que, por apenas um minuto, me senti amada em seus braços. Mas no fundo eu sabia que isso não era possível. E por isso cheguei a conclusão que eu realmente não precisava esquecer, só precisava me lembrar que não vale mais a pena ser idiota.

Ainda não havia almoçado, fui direto ver minhas sobrinhas, porque eu simplesmente não podia mais esperar para vê-las e apenas agora me dei conta que ainda não havia comido nada hoje. Mas agora eu simplesmente precisava comer alguma coisa, porque já podia sentir minha pressão baixar, pois como acordei mal do estômago hoje pela manhã e ainda senti um pouco de cólica, não

havia conseguido comer nada.

Meu celular começou a tocar e o peguei do bolso do meu jaleco, enquanto continuava a fazer o caminho até a lanchonete do hospital. Olhei para tela e sorri ao ver o nome de Victor piscar ali.

— Boa tarde, meu bem. — Victor me cumprimentou de sua forma habitual.

— Boa tarde, Victor. — Eu respondi.

— Desculpe não ter te ligado mais cedo, sei que havia prometido fazer isso pela manhã, mas meu dia foi tenso. Comigo fora de Londres, acabei tendo que resolver minhas coisas por telefone e você sabe, depois do que houve ontem, estava tentando não deixar Charlotte sozinha.

Suspirei com pesar. Ainda não estava acreditando no que havia acontecido ontem. O dia foi tão longo e tenso, parecia até um filme ruim policial. Ainda era difícil de crer que o pai de Lourdes e Charlotte havia se envolvido nisso tudo. Ele estava morto, havia procurado seu destino, mas ainda assim eu lamentava por elas, que certamente não mereciam o pai que tinham.

— Tudo bem, sem problemas. E como ela está? Não pude vê-la ainda. — Eu disse me sentindo péssima por isso.

— Ela está bem, na medida do possível. Chegou ontem de Londres, querendo provar que estava bem, mas chorou durante toda noite em meus braços.

Meu coração se doeu por ela. Eu não imaginava como ela poderia estar se sentindo. Nem mesmo queria imaginar, afinal não sabia o que seria de mim se eu perdesse meu pai.

— Isso tudo é tão triste. Também não vi Lourdes desde que aconteceu tudo. — Lamentei. — Vou tentar ir vê-las hoje.

— Vai ser bom para elas. Mas liguei para saber da senhorita, me conta, como você está indo hoje? — Ele perguntou, preocupado e eu suspirei.

Victor me ligou ontem no final da noite, atrás de saber notícias de Steph e tia Alisson e depois de tranquilizá-lo sobre as duas, ele cometeu o erro de me perguntar por que eu parecia tão mal. E como um trem desencarrilhado, acabei despejando tudo em cima do

pobre.

Eu não havia sido completamente honesta com ele, até porque havíamos terminado há poucos dias, apenas disse que alguém havia me magoado e não disse como, nem porquê e muito menos quem. Igor podia não merecer, mas eles eram amigos e eu não poderia acabar com uma amizade por pura mágoa. Eu não estava a fim de vingança.

— Estou bem, apenas um pouco cansada. — Me limitei a responder.

— Você precisa descansar. Aposto que nem mesmo pregou os olhos essa noite. — Falou.

Sim. Ele estava completamente certo. Não havia dormido mais do que duas horas!

— Estou bem. Apenas não conseguia dormir de preocupação. O dia foi longo demais.

— Sei que sim, mas tente descansar hoje. Se estiver cansada, apenas me ligue, que irei lhe fazer uma sopa que irá te colocar na cama antes mesmo que a termine. — Brincou.

Victor não existia. Ele era realmente um entre

milhões. Eu poderia ter terminado nosso relacionamento, mas assim como ele havia me prometido, ele estava ali por mim. E era disso que eu precisava, precisava de amigos agora. De amigos como ele, amigos que provam que Deus criou a amizade porque sabia que, quando o amor machucasse, eles seriam a cura.

Eu esperava, sinceramente, que Charlotte tivesse a sorte de ter seu amor!

— Eu acho que posso cobrar isso em um futuro próximo. — Brinquei e ele riu.

— Jantar hoje? — Perguntou, como ele me perguntava quase todos os dias quando eu morava em Londres e isso inevitavelmente me fez sorrir.

— Só se você cozinhar, não quero que você perca sua freguesia. — Repeti também o que sempre dizia a ele e Victor gargalhou do outro lado da linha.

— Até mais tarde então. — Ele disse.

— Até mais tarde.

Não foi até eu chegar à lanchonete que eu senti alguma coisa. Eu não acho que estava esperando ter de lidar com isso agora. Igor conversando com Elena,

enquanto ela ria de algo e acariciava seu braço de forma despudorada. Senti uma dorzinha em meu ventre. Respirei fundo e tentei esquecer não apenas a dor que estava sentindo, mas também a cena que via agora, que provavelmente resultaria nele a levando para cama em poucas horas.

Sim, Igor cachorro está de volta! Que surpresa!



capítulo 11

PERDENDO O CHÃO...

Igor

Não sei realmente como consegui sair daquele banheiro depois que Anabella me deixou ali. Sentia-me fraco, sensível, prestes a desabar. Cheguei em casa me sentindo a pior das criaturas e nesse momento eu era mesmo. Quando deitei em minha cama, seu cheiro me dominou por completo e senti uma saudade latente e opressora de estar com ela em meus braços novamente. Nem parecia que há apenas um dia estava com ela ali e tudo havia sido arruinado em poucas horas.

Queria poder abraçá-la e sentir o cheiro da sua pele e do seu cabelo. Queria ouvir sua voz doce e também gaguejando, daquele modo tão fofo e dela, quando muitas vezes falava comigo, acanhada. Já estava morrendo de saudades do modo como me olhava com emoção e da maneira como me tocava com carinho, como se quisesse cuidar de mim. E a forma como ela gozava para mim. Tão linda, entregue, tão minha.

Meu peito se apertou ainda mais ao me lembrar de cada segundo que passei ao seu lado e tive tudo isso. Sempre fui uma pessoa sozinha. Aprendi a me acostumar com a solidão. Mas eu nunca, em toda minha vida, tinha me sentido tão sozinho, triste e perdido como estava me sentindo agora. Nem mesmo quando perdi minha família e me vi sem ninguém para contar, para o que quer que fosse, além de mim mesmo.

Mas saber que tinha tido tudo com ela em um ínfimo espaço de tempo e pude sentir de fato o que era ser amado, como nunca pensei que poderia ser e ainda assim abrir mão disso, por puro medo, era pior do que qualquer coisa que senti antes. Lembrei da dor em seu rosto quando

pedi que se afastasse e senti um aperto doloroso por dentro, uma raiva absurda de mim mesmo pelo que a fiz sentir. Novamente estava quebrando a promessa que eu havia feito para ela de não magoá-la e era exatamente isso que estava fazendo conosco.

Não quis comer, tomar banho ou fazer qualquer coisa. Apenas fiquei parado ali, chafurdando em minha própria miséria, com vontade de chorar pela dor violenta e descontrolada que eu mesmo havia nos causado. Pela primeira vez em minha vida, não tive medo de chorar. Não tive medo de parecer fraco. Afinal, não poderia fazer isso nem mesmo quando criança, pois o poderoso Heitor Carrara não permitia que fizesse isso.

Não me lembrava a última vez que chorei. Não chorei quando minha mãe e minha irmã morreram. Nem quando aconteceu o mesmo com Hector alguns anos antes. Não chorei quando meu pai se foi, muito pelo contrário, afinal ele sempre foi distante e horrível comigo, mergulhado apenas em seu egoísmo, prepotência e orgulho ridículos. E agora que havia perdido a mulher que amava, eu podia sentir as lágrimas arderem em meus olhos.

Eu mesmo havia jogado fora a minha chance de ser feliz, de ter uma vida verdadeira ao seu lado. Havia aberto mão da razão da minha vida por medo, por ser realmente fraco como ela mesma havia me acusado mais cedo. Por tentar protegê-la da desgraça que poderia ser sua vida se estivesse comigo. Mas principalmente por não me achar merecedor do seu amor. E eu não era mesmo. Ainda assim só de imaginar minha vida longe dela, longe de tudo que nunca soube que queria antes, mas agora eu tinha certeza que queria ao seu lado, a dor era abissal e terrível. Como nunca havia experimentado outrora.

A manhã chegou e eu não havia pregado os olhos um minuto sequer. Tomei banho e me arrumei em modo automático. Nem mesmo me dando ao trabalho de tomar os remédios que precisava tomar para não ter uma recaída com a gripe. Talvez estivesse me punindo um pouco mais. Não me importava. Não seria mais uma dor a sentir que me faria esquecer o que eu havia feito.

Embora estivesse arrasado, para o bem de Anabella decidi que não voltaria atrás na minha decisão de me manter distante. E mesmo que voltar atrás fosse

uma opção, eu sabia que não adiantaria em nada, principalmente pelo que pude ver em seus olhos antes dela virar as costas para mim no nosso último encontro. Por isso achei que fosse melhor mudá-la de setor, não queria prejudicá-la e sabia que ela certamente não iria querer trabalhar comigo novamente. Era o melhor a se fazer para ela. Definitivamente.

Cheguei cedo ao hospital, não queria ficar em casa. Já era difícil suportar minha decisão e ficar no loft vendo as imagens de tudo que havíamos feito naquele lugar, só fazia com que eu me sentisse ainda mais sufocado com minha dor. Mas no hospital não foi diferente, havia me acostumado com ela ao meu lado. Anabella era muito competente, organizada e apesar de antes não sentir falta de alguém me assessorando, agora sabia que ela era exatamente a pessoa que eu precisava para me ajudar a conciliar o trabalho de diretor do hospital e também como médico.

Sim. Ela era perfeita em todos os sentidos para mim!

Enquanto tentava trabalhar, não conseguia prestar

atenção em nada. As pessoas falavam comigo e embora realmente tentasse, eu não as ouvia. Estava tão alheio a tudo que não fosse a minha dor, tão perturbado pela falta que ela me fazia, que resolvi não fazer nada que sabia que precisava fazer e muito menos atender meus pacientes.

— Por favor, cancele meus compromissos de hoje, Ellen. Eu vou dar uma saída. Qualquer coisa ainda estarei no hospital, só me ligar no celular. — Eu disse para minha secretária, assim que saí da minha sala.

— Tudo bem, Doutor. — Ela respondeu, parecendo bastante surpresa com a minha atitude.

Não me importei com isso. Se antes eu realmente não ligava para o que pensavam sobre mim, agora que estava pouco me fodendo mesmo. Acabei saindo da minha sala e comecei a caminhar pelo hospital. Pensei algumas vezes em sair, ir para casa, mas sabia que eu nunca havia sentido paz em casa e estar ali naquele ambiente hospitalar, que costumava me trazer um pouco de normalidade, talvez fosse o mais ideal nesse momento. Andei por um tempo sem rumo, carregando comigo aquela angustia infernal. Pensando. Odiando-me por me sentir

assim, quando na verdade era o único culpado por isso.

Acabei chegando perto da Unidade de Terapia Intensiva e lá decidi ver as meninas de Théo e Steph, que estavam ali desde que nasceram ontem à noite. Eu olhei para seus rostinhos ali dentro da incubadora e pela primeira vez desde ontem sorri. Eu acho que apenas agora estava me dando conta que meu melhor amigo era pai, bem como minha prima era mãe. Isso era louco. E o mais louco disso tudo, era que elas tinham o meu sangue. Eram minha família também e foi impossível não sentir o amor correr em minhas veias enquanto olhava para elas.

— Elas são perfeitas, não é mesmo? — Uma voz falou e só então eu percebi que não estava sozinho.

Olhei para o lado e o reconheci imediatamente, apesar do rosto mais velho e as cicatrizes que ele havia ganhado de um pesadelo que havia durado tantos anos. Era Andrew. Eu não tinha visto ele desde que foi resgatado da Ilha. Não sabia ainda porquê realmente, mas eu apenas não tinha feito. E agora eu me envergonhava disso.

— Sim, elas são. — respondi, voltando a olhar

para elas.

Nós ficamos por um tempo em silêncio, nós dois parecendo não saber o que dizer a seguir, apenas admirando as pequenas.

— Seu nome é Igor, não é mesmo? — Ele perguntou e eu assenti, ainda sem olhar para ele. — Henriquetta me falou sobre você. Eu não sei se você sabe, mas sou seu tio. — Falou, parecendo receoso e eu sorri.

— Sim, eu sei disso. — Sussurrei e ele suspirou.

— Também soube o que houve realmente com eles. — Ele continuou, me fazendo engolir em seco. — Você sabe, há muitos anos estou ausente. E para falar a verdade, nunca fui próximo do seu pai, de fato. Encontramo-nos poucas vezes e em poucas destas vezes nos falamos. Nunca como irmão, claro. — Rapidamente se explicou.

— Acredite, você não perdeu realmente muita coisa. — Resmunguei mais amargo do que gostaria, porque era verdade.

Ele realmente não fazia ideia do quanto!

— Igor. — me chamou e a seriedade em sua voz

me fez olhar para ele. — Não sei como era sua relação com seu pai, mas pela sua resposta vejo que ela não era muito boa. Não estou falando para você nada disso apenas porque estou em sua frente ou porque me vejo obrigado a prestar minhas condolências, mesmo que tardias. Eu realmente sinto muito. Não sei tudo que aconteceu e não sei ao certo se um dia saberei, mas pessoas perderam a vida e por mais que não tivesse uma relação com eles e principalmente com ele, eu realmente sinto muito por isso.

Andrew se aproximou e colocou a mão em meus ombros.

— Não estou falando isso porque estive privado de viver por muitos anos, estou falando porque posso dizer com propriedade a importância que nossa vida tem. Eu também perdi minha mãe e meu pai, não o biológico, mas o de fato. Por ele eu realmente senti. Sei o quanto isso dói e nos modifica, por mais que tentemos enganar o mundo dizendo que estamos bem. Perdê-los é uma ferida que nunca cicatriza. É uma saudade pungida, incapaz de se curar. Eu bem sei disso.

Ele sorriu enquanto me olhava de modo

significativo.

— Mas ainda há tanto a se viver. Há tantas pessoas por quem lutarmos. Há tantas novas chances. Há amor. Muito, mas muito amor. — Ele apontou para suas netas. — Olhe para elas. Eu não consigo parar de olhá-las. Elas são tudo que eu nunca achei que seria capaz de ver um dia e ainda assim estou aqui. — Falou emocionado.

Ele então olhou para mim e me deu um sorriso fraco.

— Não importa para mim quanto eu tenha perdido, importa o quanto estou ganhando agora. — Continuou. — E, te digo, eu só tenho a agradecer pela chance de recomeçar. Pois me sinto tão sortudo, cara! Todos deveriam deixar de lamentar e ao invés disso apenas agarrar com unhas e dentes cada chance, cada amanhecer. — Ele bateu amigavelmente em meu ombro. — Eu não sei porquê estou lhe dizendo isso realmente. Apenas senti em meu coração que deveria lhe dizer. Intuição, não sei. — Deu de ombros. — Edward costumava dizer que eu era uma alma velha em um corpo

de garoto. Mas acho que agora estou longe de ser um. — Sorriu.

Suspirei, nervoso. Sabia que ele estava certo e por isso novamente me julguei pelo que havia feito. O arrependimento amargo, atroz.

— É através da família que conseguimos transpassar todas as barreiras que a própria vida coloca em nosso caminho. Ouvi grandes coisas sobre você e fico feliz e orgulhoso por cada uma delas. Posso não ter sido um tio presente, mas estou disposto a mudar isso a partir de agora se me permitir. Se você quiser, terá em mim não apenas um tio, mas um amigo.

Meu Deus! Esse cara realmente existe?

Suas palavras me tocaram profundamente. Emocionaram-me de verdade. Tanto, que pude sentir meus olhos se encherem de lágrimas. Eu havia passado por poucas e boas, tinha visto muito acontecer, mas pela primeira vez em minha vida, ouvindo Andrew me falar tudo isso, me senti um pouco sortudo.

As trigêmeas teriam com seus pais o que eu nunca fui capaz de receber. Com Théo e Steph elas teriam o

amor que eu e meus irmãos nunca recebemos. Elas teriam uma vida feliz. Uma família recheada de amor. Uma vez achei que não importava o quanto nos esforçássemos, o quanto tentássemos ser uma pessoa melhor, a desgraça era hereditária e nada poderia ser capaz de mudar o destino de alguém quando essa pessoa é destinada a sofrer e ser infeliz.

E foi ali olhando para elas que as coisas começaram a mudar em meu coração. Foi ouvindo as palavras daquele homem, que também tinha o mesmo sangue que o meu correndo em suas veias e que havia sofrido tanto, mas ainda assim parecia disposto a continuar a lutar pela sua felicidade, tinha fé nele mesmo para isso, que uma nova e assustadora esperança começou a surgir em meu peito.



Passei boa parte da manhã conversando com Andrew e por mais que soubesse que não poderíamos recuperar o tempo perdido, podia aproveitar a oportunidade que teríamos de viver um novo começo para

duas pessoas da mesma família. Eu nunca fui uma pessoa fácil de me envolver com outras. Mas a afinidade que rapidamente tive com ele, foi impressionante. Era como se nos conhecêssemos há muito tempo. Era coisas de outras vidas, sei lá.

Mesmo depois de sairmos da UTIN, fomos juntos ver Stephanie em seu quarto. Ela estava linda e radiante, mesmo depois de ter dado a luz e ter passado por tudo que passou nas ultimas 24h. Meu amigo era outro que simplesmente não conseguia esconder o sorriso, mesmo que ele tenha confessado que não pregou os olhos por um segundo. Eu estava feliz por eles. Muito feliz.

Não falamos sobre Gerrit. Ninguém parecia disposto a tocar no nome de alguém que havia feito do seu propósito de vida, acabar com a vida de outras pessoas. Mesmo que essas pessoas fossem sangue do seu sangue. Ou principalmente por isso. Especialmente quando o desgraçado não queria nem mesmo morrer, pois mesmo depois de uma cirurgia muito delicada e de risco, ele ainda permanecia em coma. Parecia estar lutando por sua vida.

Que Deus me perdoe, mas eu não via a hora que ele fosse embora e nos deixasse em paz. Que o diabo o carregasse para pagar seus pecados no inferno!

Despedi-me um pouco antes de Stephanie ir para a UTIN dar de mamar para as meninas, que se recuperavam muito bem lá e logo poderiam ir para casa. Andrew também havia acabado de ser rebocado para casa por Henriquetta, que alegava dizer que ele precisava de descanso. E ele foi com ela, com um sorriso no rosto e no olhar.

Fui até o setor de pediatria, onde Bella estava estagiando agora e lá me informaram que ela estava em horário de almoço. Sentei na lanchonete e pedi um café enquanto esperava ela voltar. Ainda não havia conseguido engolir nada hoje. Enquanto o café não chegava, Elena sentou-se ao meu lado e começou a tagarelar. Eu não ouvia nada do que ela dizia. Estava pensando. E não acho que já tenha feito tanto isso.

Comecei a pensar em tudo que aconteceu em minha vida. Pensei no quanto eu era burro por sentir inveja da força que Andrew e Alisson tinham, quando na

verdade eles haviam sofrido tanto.

E foi no momento em que a vi, que cheguei a conclusão do quanto eu era estúpido e estava perdendo tempo em ficar ali pensando, quando tinha uma mulher tão linda e que eu amava à minha espera. Levantei-me para ir até lá, estava disposto a lutar por ela até meu último suspiro se fosse preciso e quase caí de joelhos quando a vi desfalecendo em minha frente.

Anabela

Não importava que sentisse que precisava colocar algo em meu estômago, vendo aquela cena de Igor com Elena, decidi apenas dar meia volta e continuar meu caminho. Mas logo me escorei na parede mais próxima, porque a dor que sentia estava se tornando cada vez mais intensa. Senti minha visão ficar turva e podia ouvir

alguém chamar meu nome, mas simplesmente não conseguia responder. Tentava me mover, mas a dor era tão forte agora, que parecia que estava me cortando ao meio e eu finalmente consegui emitir algum som. E foi um grito. Um grito que saiu da minha garganta de forma rascante, antes que eu então caísse ao chão.

— Anabella! — Ouvi sua voz gritando meu nome e tentei abrir meus olhos para vê-lo correndo até mim.

Seus olhos estavam cheios de preocupação. Ele parecia realmente aflito. Desesperado. Mas eu não conseguia permanecer com meus olhos abertos. Senti o exato momento em que ele me pegou no colo e quando consegui voltar a abrir meus olhos, vi tudo borrado ao meu redor. Eu tentava emitir algum som diferente dos gemidos que saíam da minha boca, mas a dor estava cada vez mais insuportável.

Podia sentir as lágrimas quentes correndo pelo meu rosto e também pude ouvir Igor dizendo alguma coisa, mas não conseguia reagir a nada ao meu redor. Eu estava resumida na minha própria dor. Mas meu desespero apenas aumentou quando ele disse com uma voz

desesperada:

— Ela está sangrando!

Enquanto sentia meu mundo escurecer, podia jurar que havia escutado a voz de Igor balbuciar:

— Por favor, anjo, fique aqui. Acorde, não faça isso comigo.



Estava sonhando novamente. Eu estava tão feliz. Feliz e realizada como nunca me senti antes. Era como se nada me faltasse. Como se estivesse me sentindo completa. Era tudo simplesmente lindo e perfeito ao meu redor. Então eu olhei para o lado e entendi a razão da minha felicidade: Igor estava comigo.

Eu vestia um vestido branco e longo de verão. Ele também usava roupas confortáveis da mesma cor e sorria enquanto segurava a minha mão. Nós dois parecíamos mais jovens, como se fôssemos um casal há muito tempo. E tão felizes. Em minha mão estava um anel brilhante em meu dedo. O anel mais lindo que eu já havia visto.

Só que então nós nos afastamos e eu comecei a

gritar por ele, mas ele parecia apenas ficar cada vez mais e mais longe. Novamente gritei, sentindo uma dor aguda, e fechei os olhos tentando acordar desse pesadelo. Tentava abrir os olhos, mas não conseguia. Era como se minhas pupilas fossem tão pesadas e eu sabia que nem tudo era escuro e podia abrir os olhos, porque havia uma luz próxima a mim e havia também uma melodia. Uma linda melodia e então havia a voz dele, a voz do amor da minha vida cantando uma canção:

*“Eu encontrei um amor para mim
Querida, entre de cabeça e me siga
Bem, eu encontrei uma garota, linda e doce
Eu nunca soube que você era quem estava esperando por
mim
Porque éramos apenas crianças quando nos
apaixonamos
Não sabendo o que era
Eu não vou desistir de você dessa vez
Mas, querida, apenas me beije devagar
Seu coração é tudo o que eu tenho*

*E, em seus olhos, você está segurando o meu
Amor, eu estou dançando no escuro
Com você entre os meus braços
Descalços na grama*

*Ouvindo a nossa música favorita
Quando você disse que parecia uma bagunça
Eu sussurrei baixinho
Mas você ouviu, querida
Você está perfeita essa noite
Bem, eu encontrei uma mulher*

*Mais forte que qualquer um que eu conheça
Ela compartilha os meus sonhos*

*Eu espero que um dia eu compartilhe seu lar
Eu encontrei um amor para carregar mais do que meus
segredos*

*Para carregar amor, para carregar nossas próprias
crianças*

*Nós ainda somos crianças, mas nós estamos tão
apaixonados*

*Lutando contra todas as possibilidades
Eu sei que nós ficaremos bem dessa vez*

*Querida só segure minha mão
Seja minha garota, eu serei seu homem
Eu vejo meu futuro em seus olhos...”*

Tentava novamente abrir meus olhos, ir até ele, dizer que eu o amava. Mas novamente estava caindo. E escuridão simplesmente me engoliu.



— Meu Deus! Vocês não podem apenas calar a boca? Vocês dois, seus ogros, deveriam incluir adubo na alimentação, pra ver se crescem! É claro que Igor não podia fazer nada para que isso não acontecesse! Ele não a deixa trabalhando em regime escravo como vocês estão falando! Ela estava apenas desidratada, idiotas. Ele não gostaria de perder as próprias bolas, pois sabe muito bem que eu não brinco com as minhas ameaças. — Stephanie disse as últimas palavras de forma ameaçadora.

Eu tive vontade de rir com a sua ameaça, mas apenas não conseguia. Mais uma vez tentei forçar meus olhos para se abrirem, mas nada acontecia. Parecia até

que eu não tinha mais controle sobre meu próprio corpo.

Droga!

— Vocês, podem parar de brigar como duas crianças birrentas? Deixem Igor em paz! — Pude claramente ouvir a voz de minha mãe repreendê-los.

Tentei abrir meus olhos novamente e com um esforço absurdo, finalmente consegui fazer eles me obedecerem. Então uma luz cegante me atingiu e eu acabei gemendo por isso.

— Oh meu Deus! Ela acordou! — Minha mãe falou, enquanto podia ouvir os outros se movimentarem ao meu lado.

— Você está bem, meu amor? — Meu pai perguntou, segurando minha mão.

— Sim, eu acho que sim. — Respondi com dificuldade, pois minha garganta estava seca e doía.

Olhando para o quarto ao meu redor, descobri que meu braço tinha um cateter, que estava me alimentando com um soro. Forcei minha vista e finalmente consegui ver que não apenas meus pais, Steph e meus irmãos estavam ali, como também Igor e este não parecia

conseguir esconder a preocupação em seu rosto.

— O que aconteceu? — Perguntei.

— Não sabemos muito, meu amor. Apenas que você desmaiou e teve um pequeno sangramento. Mas vai ficar tudo bem, você fez alguns exames e estamos aguardando os resultados. — Minha mãe disse, beijando minha testa de maneira fraternal.

Eu sabia que embora Dona Sarah estivesse tentando me acalmar de alguma maneira, ela estava preocupada. Era difícil esconder isso, quando eu via a preocupação não apenas em sua voz, como também estampado em seu olhar.

— Por quanto tempo estive desacordada? — Perguntei, me sentindo confusa.

— Apenas alguns minutos, mas foi o suficiente para nos deixar loucos. — Steph falou, com um sorriso genuíno em seu rosto.

— Deixe-me ver como você está. — Igor disse, se aproximando da minha cama.

Eu não disse nada enquanto Igor verificava minha pressão e temperatura, apenas olhava para ele enquanto

fazia isso e então me lembrei do sonho que tive enquanto estava desacordada. Mas também lembrei-me do que ele estava fazendo no momento em que desmaiei e em como as coisas terminaram entre nós dois na última noite.

Tentei desviar o olhar, mas era como se eu não conseguisse. Igor e eu nos olhamos de forma profunda e o nó que se formou em minha garganta foi doloroso. Tirando o momento em que ele me socorreu mais cedo, esta seria a primeira vez que nos encontrávamos. Eu apenas respirei fundo, tentando controlar as batidas do meu coração.

Sentada assim, tão perto dele, com ele me tocando, mesmo que de forma inocente e profissional, sentindo o cheiro do seu perfume, era muito difícil me manter distante. Tanto de forma física, quanto emocional. Exatamente como temia, eu continuava fraca quando o assunto era Igor Carrara. Não importava o quanto ele me magoasse. Minha determinação de nunca mais me deixar ser tocada por ele novamente, estava falhando.

Para tentar evitar que descobrissem alguma coisa e principalmente para impedir que minhas malditas lágrimas caíssem novamente, desviei o olhar do dele,

olhando para qualquer lugar que não fosse ele.

— Sua pressão ainda está um pouco baixa ainda.

— Ele falou com a voz baixa, depois de limpar a garganta. — Você sentiu alguma coisa antes de desmaiar?

— Só uma dor forte ao pé da barriga. Eu acho que meu ciclo deve estar chegando novamente, pois senti uma cólica leve quando acordei. Ele tem sido bem irregular nos últimos meses. — Falei, meio sem jeito e ele assentiu.

— Se alimentou direito hoje?

— Na verdade ainda estava em jejum. — Confessei, envergonhada.

A repreensão veio de todos os lados. E eu me encolhi, pois senti-me realmente uma menina levando carão por ter feito alguma traquinagem que não devia.

— Provavelmente o que você teve foi um caso de queda de pressão por causa do jejum. O soro vai ajudar com isso. — Ele apontou para meu braço. — De qualquer forma, vou tentar agilizar a liberação do resultado dos seus exames. Vamos ver se está tudo certinho. — Igor fala sério.

— Não faz mais do que sua obrigação,

Explorador de estagiárias! — Taddeo bufa.

Oh meu Deus!

Olho para meu irmão, que mesmo debilitado, com o braço enfaixado por causa do tiro que tomou ontem, a minha vontade ainda era lhe dar um outro tiro por causa do seu comentário ridículo.

— Taddeo. — Resmunguei seu nome e ele apenas deu de ombros.

— Eu já volto. — Igor falou sem jeito, antes de sair rapidamente do quarto.

— Acho que deveríamos alugar esse hospital para nós. — Steph disse sentada em sua cadeira de rodas, fazendo com que todos olhássemos para ela. — Basicamente nosso pessoal ocupou 90% desse lugar. — Ela gracejou, me fazendo revirar os olhos.

— Nós merecemos ao menos uma ala com nossos nomes, afinal, estamos lhes pagando uma fortuna para que eles cuidem de nós. Deveriam se sentir honrados por estarmos aqui. — Taddeo entra na brincadeira.

— Eu acho que vocês estão espaçosos demais, isso sim. Por que vocês apenas não deixam Anabella

descansar? Ela acabou de acordar. — Minha mãe os repreendeu, tentando expulsar a todos. — Vão cuidar de suas vidas. Todos vocês. — Ela aponta o dedo para eles, incluindo meu pai.

— Isso é uma piada, não é, sogrinha? —
Stephanne perguntou.

— Não. Você não tem três meninas famintas para amamentar? — Dona Sarah perguntou de volta, não deixando barato nem para a loira.

— Claro que sim. Mas farei isso apenas daqui uma hora. Então até lá, querida sogrinha, vou ficar bem linda aqui. Afinal, preciso descansar, porque dei a luz a três lindas menininhas. — Ela disse piscando os olhos de forma “inocente”.

— Também não olhe para mim, mãe. Recebi um tiro. — Taddeo dramatizou.

— Ah! Deixem de drama! Vocês estão melhores do que eu, que estou aqui ouvindo as asneiras de vocês! — Minha mãe fala, balançando a cabeça.

— Nem para mim. Ficarei calado aqui nesse sofá. Vocês nem vão se lembrar de que estou aqui. — Théo

continuou.

— Preciso dizer alguma coisa? — Meu pai perguntou a minha mãe com um sorriso no rosto e ela bufou quando olhou para ele.

— Não precisa. Obrigada. — Ironizou, se dando por vencida.

— Então já que a família ficará toda aqui reunida, o que vocês acham de falarmos sobre assuntos interessantes? — Stephanie perguntou e parou alguns segundos para pensar, antes de dizer: — Ah, já sei! — Ela se vira para minha mãe e pergunta com a maior cara de pau: — Quanto tempo dura mesmo o resguardo, sogrinha? Não sei quantos dias serão ao certo, mas já sei que é um tempo longo demais para mim e seu filho. Sabe, eu estou realmente preocupada se irei conseguir sobreviver até lá.

Sim. Essa é Stephanie, a Princesa que você respeita!



capítulo 12

QUANDO A VERDADE APARECE...

Anabela

Não sei quanto tempo ficamos ali, esperando que Igor retornasse. Não que eu quisesse que ele voltasse, apenas queria acabar logo com essa angústia e sair logo dali. Não aguentava mais me sentir uma inválida naquela cama. Mas não acho que o tempo, ou ele mesmo, estavam a fim de serem legais comigo, porque eu apenas

continuava deitada ali.

Fiquei imensamente grata quando a enfermeira veio para meu quarto e me ofereceu um copo com água. Minha garganta estava tão seca que quase me engasguei. Ela voltou a aferir minha pressão e disse que já estava quase se normalizando, antes de tirar um pouco mais de sangue para novos exames. E quando perguntei por que, ela apenas disse que havia sido Igor quem solicitou, antes de se retirar, me deixando novamente sozinha com a minha família.

Não estava entendendo nada!

Logo, outra enfermeira entrou com uma bandeja cheia de comida e por conhecer os horários do hospital, eu sabia que esse lanche fora de hora deveria ser coisa de uma pessoa e minha dúvida se dissipou, quando ela falou:

— Fico feliz que tenha acordado, senhorita Anabella. Dr. Carrara pediu que lhe trouxesse um lanche.
— Falou, enquanto ajeitava a bandeja sobre mim.

— Hm. Salada de frutas, hein? Chocolate quente? Donuts de chocolate? — Stephanie disse admirada olhando o que estava sobre meu colo, com sua cadeira de

rodas parada ao lado da minha cama. — Isso sim que é tratamento V.I.P. Eu e meu mísero mingau de aveia estamos nos sentindo bastante insultados nesse momento. Eu dei a luz à três Princesas da Campavia. O que mais preciso fazer para ter esse tipo de tratamento? — Disse irônica.

Não queira entrar nessa, cunhada. Talvez, dormir e ser constantemente ferida pelo diretor desse hospital, eu acho!

Nem percebi que estava com fome até comer tudo que tinha ali. Stephanne e Théo saíram para ver as trigêmeas por alguns minutos na UTIN e como não poderiam ficar muito tempo lá dentro, logo voltaram. Minha família tagarelava, se sentindo muito em casa e eu apenas fingia que estava ouvindo o que eles diziam e vez ou outra assentia com a cabeça.

— Posso entrar? — Uma voz que eu conhecia muito bem falou, tirando-me dos meus devaneios. Sorrindo, olhei para porta para encontrar Victor.

— Claro que sim. — Eu falei e logo ele me cumprimentou com um beijo na testa.

Victor malmente me cumprimentou e logo se afastou para falar com os outros. Mas isso parecia ter sido absurdo demais para meu pai e meus irmãos, pois quando olhei ao meu redor, pude ver a cara feia que ambos faziam.

Ah! Mas eu mereço esses três!

— Você me deu um baita susto, meu bem. — Ele disse voltando seu olhar para mim, parecendo preocupado e eu pude ouvir quando Taddeo revirou os olhos e repetiu “Meu bem” de forma irônica, apenas movendo os lábios.

Não disse? Que idiota! Eu mereço!

— Não precisava se preocupar. Eu estou bem. Não sei porquê ainda estão me mantendo nessa cama. — Falei, com um bico irritado.

— Como não? Lourdes me contou o que aconteceu. Vim o mais rápido que pude. Não poderia deixar de vê-la, meu bem. — Disse me fazendo sorrir em agradecimento.

Ele não era fofo? Por que no mundo eu não me apaixonei por ele?

— Vocês não tinham terminado? Por que você está

aqui então? Eu estava realmente feliz com a notícia. — O ogro do Théo quem falou.

— Théo! — Exclamei horrorizada.

— Pois é, boa pergunta, Théo. Nunca entendi qual é essa de ex-namorado que fica querendo manter contato demais. Tá querendo o quê? Carta de recomendação? — Taddeo completou, me deixando de boca aberta.

Ai meu Deus! Eu não posso acreditar no que eu estava ouvindo!

Eu ainda estava perplexa com o comportamento dos meus irmãos. Tanto que eu nem ao menos conseguia olhar para Victor novamente, de tão envergonhada que estava nesse momento. Era completamente hipócrita da parte deles virem com esse papinho, quando todos nós sabemos que eles nunca foram santos.

Minha nossa! Eles eram ridículos!

— Pelo amor de Deus, vocês dois! Parem com isso! — Minha mãe quem falou, parecendo tão chocada quanto eu.

— O que fizemos? Estamos apenas exercendo nosso direito de não sermos simpáticos com um cara.

Especialmente quando esse tal cara é um ex-namorado da nossa irmã. — Taddeo deu de ombros e ofereceu um sorriso nada simpático para Victor.

Buraco. Alguém, pelo amor do Pai, me arruma um, porque eu vou entrar e não sair nunca mais!

— Calem a porra da boca, inferno! — Stephanie se estressou, fazendo com que todos a olhassem em silêncio. — Onde no mundo vocês têm direito de falar qualquer coisa? Deixem de serem ogros e cresçam! — Ela apontou para Théo. — Você. Se continuar com essa bosta, vai dormir no quarto de hóspedes até o *debut* das suas filhas, entendeu? — Gritou, fazendo Théo se encolher. — E você. — Agora ela se virou para Taddeo. — Indireta sobre ex, pra mim tem nome e é saudade. Ou você resolve seus problemas sexuais, ou eu irei pessoalmente resolver isso por você! — Disse, deixando Taddeo horrorizado. — Já que fui muito clara, eu espero que vocês calem as malditas bocas! Igor já disse que a provável causa disso tudo foi a pressão de Bella. Eu acho que não preciso dizer o quanto esses dias foram intensos e conturbados para todos. E todos nós, incluindo ela, precisamos de paz. E

quando eu disse paz, quero dizer Paz! — Gritou a última palavra quando a repetiu. — Ninguém.. — Ela olha não apenas para meus irmãos e também para o meu pai. — Eu vou repetir, porque homem é muito idiota. Eu disse: Ninguém vai continuar com idiotice. E não brinquem com uma mulher recém-parida, com os peitos e a vagina doendo, porque eu juro, pela felicidade das minhas filhas, que eu mesma farei com que se arrependam e ainda por cima irei atacá-los com guinchos do meu leite materno!

Oh doce, Jesus! Eu já disse que eu amava essa louca?

Sério. Eu a amava demais. Era sua fã. Especialmente enquanto via o olhar de terror nos olhos de cada um ali. E eu a conhecia o suficientemente bem para saber que ela seria capaz de cumprir cada uma de suas promessas caso eles não fizessem exatamente como ela falou. E eles também sabiam, porque não contestaram.

— Acho que não preciso mais me preocupar com a possibilidade da minha vida estar em perigo. — Victor sussurrou, em modo brincalhão.

Acho que não! Afinal, quem em sã consciência

iria de contra ela?

— Obrigada. — Eu disse para Stephanie.

— Não tem que me agradecer. Foi um prazer. Eu adoro ser louca. E extravasar minha loucura em cima de alguém é definitivamente uma das melhores coisas do mundo. — Falou, fazendo com que minha mãe e Victor comece a rir junto comigo.

Nossa risada foi interrompida com a chegada inesperada de Igor, que trazia em suas mãos alguns papéis, que provavelmente eram os exames que haviam feito enquanto eu estava desacordada e também depois. Mas não foi apenas o rosto pálido e extremamente angustiado de Igor que me preocupou, foi também porque atrás dele, vinham mais dois enfermeiros empurrando uma máquina estranha, que eu sabia ser um aparelho móvel de ultrassom.

Para que isso?

— Desculpem a demora. — Ele olhou a papelada em suas mãos e com o semblante sério e profissional, ele voltou sua atenção para todos, menos para mim. — Eu apenas queria ter certeza de que os exames estavam

corretos antes de vir lhes dar um diagnóstico. — Ele falou e minha mãe apertou minha mão, sentada ao meu lado. — Fiz mais alguns exames para tentar chegar a causa do acontecido e também o porquê do seu sangramento. Nada realmente foi detectado, além do que já havíamos dito. — Ele fala, me fazendo soltar o ar que eu nem mesmo sabia que estava prendendo.

— Graças a Deus! — Minha mãe disse aliviada, assim como vários murmúrios de alívio vieram dos outros que estavam presentes.

Só que eu não estava olhando para eles e não estava aliviada como eles estavam. Meus olhos estavam em Igor, que continuava a não olhar para mim.

Por que ainda parece que ele está prestes a anunciar minha morte?

— Peço desculpas, mas como médico gostaria de conversar com Anabella.

— Nem fodendo! — Taddeo disse entre os dentes.

— Ah, mas fodendo sim, com certeza! — Stephanie sussurrou para mim e eu a olhei com repreensão.

Sério. Eu mereço esse povo!

— Não se preocupe, Igor. O que você tiver para falar, pode falar na frente da minha família. Não tenho nada para esconder deles. — Falei, com um olhar que o desafiava a dizer ao contrário e que o fez engolir em seco.

— Tem certeza? — Perguntou incerto, mas novamente ele não estava olhando para mim.

Oi?

— Sim. — Garanti simplesmente, aquela enrolação já estava começando a me estressar.

— Então já que Anabella permite, vou continuar. Eu mesmo repeti cada exame e solicitei uma nova coleta de sangue, porque temi que estivéssemos errados. Queria ter certeza de que estava certo. — Prosseguiu. — E não tem erro.

Nesse momento ele se virou para mim pela primeira vez desde que retornou ao quarto e o que vi em seus olhos me paralisou. *Dor.* Ele estava com dor.

— Parabéns, Anabella. Você está grávida.

O que? Eu acho que devo estar sonhando!!

Igor

Estava desesperado. Meu anjo havia desmaiado em meus braços e eu não posso colocar em palavras a dor que senti por vê-la dessa maneira. E mesmo quando já estava deitada em uma cama, desacordada ainda, eu nunca senti tanta angústia na minha vida. E a cada segundo que

passava, aquele buraco em meu peito apenas aumentava.

Não pude sair do seu lado. Pedia tanto que nada lhe acontecesse. Chamava por ela e ainda assim Anabella não acordava. Enquanto cantava para ela, não conseguia parar de pensar que a culpa dela estar ali era minha, que se eu não tivesse sido tão burro na última vez, que ela não estaria ali agora. E isso só fazia com que minha consciência pesasse ainda mais.

Estava angustiado. Fechava os olhos, com um aperto horrível em meu peito. Era como se não pudesse piscar sem me lembrar daquele momento. A cena de nós dois ontem à noite, se misturando com o momento em que ela caiu diante de mim, simplesmente não saíam da minha cabeça. Era como um martírio sem fim. A culpa me espezinhando de tal forma, que meu peito doía, de uma maneira difícil até mesmo de respirar.

E tinha a espera, ela era tão angustiante, rascante. Eu estava tão acostumado a ser aquele quem cuidava do enfermo e dava suporte para sua família, que quando me vi ali, vendo mais uma vez a pessoa que amava em uma cama de hospital, parecia que estava me sufocando.

Respirava de forma irregular, em um misto de tanta dor e culpa que batiam tão forte, que simplesmente não sabia mais o que fazer para aliviar aquilo que era tão profundo.

Por minutos ela não acordou. Ainda assim não saía dali. Nem mesmo quando sua família chegou. Apenas não podia sair. Era muito mais forte do que eu. Muito mais forte do que qualquer coisa que já senti. Queria vê-la tão desesperadamente que doía. Queria dizer a ela que lamentava por tê-la feito sofrer mais uma vez e pedir perdão por isso. Queria lhe dizer que se ela me desse mais uma chance, uma última, que faria tudo diferente, enfrentaria tudo e todos por ela.

Mesmo que estivesse disposto a tudo por ela, ainda podia sentir-me prisioneiro do meu passado, dos meus demônios e principalmente de mim mesmo. Prisioneiro dos meus medos, que ainda eram tantos e tão profundos. Aqueles abismos sem fim que se formavam em meu peito, que pareciam incapazes de me deixar, que eram brutais, cruéis, que faziam com que eu me envergonhasse de ser quem eu era.

Por anos tentei esquecer tudo, fazer de mim um

cara melhor e muito diferente das referências masculinas da minha família e principalmente do meu próprio pai, que colocava sobre mim uma culpa a qual nunca foi minha. Que fazia questão de demonstrar-me a cada dia sua rejeição, seu desafeto, desagrado e ódio, e que ainda assim me fez querer seguir minha vida da melhor maneira possível. E acho que tenho feito um bom trabalho, pois ao contrário dele, que era amargo, egoísta e só se importava consigo mesmo, com a porra do dinheiro e sobrenome, que havia trocado a família pela sua soberba e arrogância, eu tentei galgar meu caminho de forma honesta, altruísta e desprendida.

Apesar de Heitor Carrara ter me feito sofrer muito, eu não podia ser estúpido em atribuir toda culpa pelas minhas escolhas a ele. Ele poderia ter me marcado de forma profunda e definitivamente, mas fui o único responsável por cada decisão que tomei desde o momento em que deixei tudo: minha casa, minha família e todo seu dinheiro para trás e fui buscar o que eu queria para mim.

Sem conseguir me impedir, revia e revivia cada momento ao lado de Anabella. E quando ela acordou

finalmente, meu alívio foi tão grande quanto minha vontade de ir até ela. Sentia-me perdido, louco para tê-la em meus braços, assumir meus sentimentos para ela e sua família, mas sem saber realmente como fazer isso.

Eu havia quebrado a promessa que havia feito para ela, sabia que não podia voltar até aquele momento em que eu fui fraco e preferi afastá-la de mim, ao invés de lutar para que ela ficasse e isso era o pior para mim, pois o remorso me corroía, sabendo que eu a tinha magoado mais uma vez. O tempo não voltaria, o estrago já estava feito e eu tinha que correr atrás do que queria.

Quando seus olhos me olharam daquela forma tão profunda, tão dela, minha vontade de ir ao seu encontro foi absurda. Só estávamos separados há um dia e ainda assim sentia tanta falta dela que a minha vontade foi de cair aos seus pés, pedir desculpas e abraçá-la para nunca mais soltá-la. Não me importava se eu tivesse que suplicar. Estava disposto a tudo e qualquer coisa para que nada mais nos separasse.

Mas então eu estava com os resultados de seus exames em minhas mãos. Ainda não acreditava que isso

pudesse ser real, que estivesse mesmo acontecendo, mas então voltei a repetir os exames e os resultados estavam mais do que claros. Estavam mais do que certos. Anabella estava grávida. Realmente grávida. Grávida de um filho que não era meu.

Por um segundo, enganei-me que talvez pudesse estar grávida de um filho meu, pois nunca havíamos usado camisinha, porque desde nossa primeira vez Anabella garantiu-me que tomava remédio e por causa do desejo louco que sentia por ela, nem ao menos me preocupei com isso. Na verdade, eu acho que no fundo eu queria que realmente acontecesse, que ela engravidasse de um filho meu. Mas tínhamos transado pela primeira vez há apenas uma semana, era quase impossível que os exames de sangue indicassem uma gravidez tão rapidamente. Só que ela já estava grávida quando fomos para cama. Já estava muito grávida há muito tempo, para falar a verdade.

Segundo os valores de referência que foram encontrados no resultado do seu exame, Anabella estava com cerca de dezenove semanas. Ou seja, ela estava com mais ou menos cinco meses de gravidez e provavelmente

não havia notado, pois eu era prova viva de que seu corpo sofreu poucas alterações ao longo dos meses. Ela nem parecia estar gerando um bebê.

Se eu achava que havia doído afastá-la da última vez, a dor que eu sentia agora nem chegava perto de como me senti. Estava angustiado, dolorido, como se meu peito estivesse sendo rasgado sem dó nem piedade. Estava tão mal, que não sei como consegui me manter de pé e chegar ali. Respirei fundo antes de entrar em seu quarto e dar os resultados dos exames que estavam esperando. Quer dizer, que não estavam, porque eu não tinha dúvidas de que essa notícia cairia como uma bomba em cima da família Caravaggio.

Surpreendi-me quando entrei e dei de cara com Victor. No primeiro momento, a minha vontade era a de cair na porrada com ele. Mas me contive. Caminhei para dentro do quarto e segurei firme o resultado dos exames que estavam em minhas mãos. Eu queria bater em alguma coisa. Qualquer coisa. Eu precisava descontar a raiva e a dor que eu sentia nesse momento. Raiva de Victor por tê-la tocado e engravidado. Raiva de Anabella por ter

permitido que ele fizesse isso. Mas principalmente estava com raiva de mim mesmo, violentamente atingido pelo arrependimento, porque eu havia sido o único a empurrá-la para ele.

O clima no quarto ficou tenso e pesado quando entrei. Todos esperando que eu dissesse alguma coisa. O desespero me sufocava, junto com o medo real de perdê-la de vez. E eu a perderia.

Demorei para conseguir encontrar minha voz. Estava paralisado ainda. Queria voltar no momento em que a beijei pela primeira vez no Baile de Stephanie há mais de um ano. Queria fazer tudo diferente. Não acreditava que aquilo estava realmente acontecendo. Queria encontrar uma saída, um meio para que tudo entre nós fosse diferente. Queria acordar desse pesadelo, queria descobrir que ela estava grávida de mim, queria poder comemorar isso com ela, mas não havia nada que pudesse fazer para mudar isso. Nada que eu fizesse ou dissesse mudaria o fato dela estar grávida de outro e eu a tinha perdido. Isso não era um sonho, ou um maldito pesadelo, era a realidade. A minha realidade.

Não havia mais o que fazer, eu apenas tinha que encarar isso, mesmo que conseguisse respirar, que meu peito estivesse doendo para caralho e tivesse me rasgando por dentro. Não sabia como conseguiria viver sem ela agora e por isso o desespero que sentia ao pensar nisso era agonizante.

Fechei os olhos por um momento. Não queria que percebessem que a dor que eu sentia dentro de mim era atroz e devastadora. Nossa história tinha acabado. Eu realmente tinha fodido com tudo e com nós dois. Abri os olhos e comecei a explicar o motivo da minha demora. Pensei em conversar a sós com ela para lhe dizer sobre a gravidez e ainda assim ela preferiu que eu dissesse tudo na frente de sua família.

É, eu previa que o tempo fecharia!

Virei devagar para ela, pois eu precisava olhá-la enquanto dizia essas palavras que mudariam nossas vidas de forma irreversível. E com um esforço hercúleo eu finalmente consegui pronunciá-las:

— Parabéns, Anabella. Você está grávida.

Todos olhavam de mim para ela chocados.

Ninguém parecia respirar. Estavam todos chocados demais para isso. O primeiro a reagir foi Taddeo. E antes que qualquer um falasse qualquer coisa, ele já estava ao pé da cama, os músculos do seu rosto tensos, sua boca apertada em uma linha fina, seus olhos azuis estavam em chamas.

Ai caralho!

— Que porra é essa? Você engravidou minha irmã e ainda a deixou, seu filho da puta? — Seu tom de voz era frio enquanto perguntava para Victor. Ele parecia prestes a bater nele.

Sim. Até eu queria bater nele!

— O que? — Victor perguntou confuso.

— Ah! Não se faça de idiota! — Agora era Théo quem falava apontando um dedo para sua cara.

— Eu não estou entendendo...

— Como não? — Théo o cortou e eu pude ver claramente suas mãos se abrindo e se fechando. Ele também estava pronto para socá-lo.

Isso seria bom!

— Como ela pode ter engravidado? Eu sempre a

respeitei, nunca a toquei, estava esperando seu tempo, merda! — Victor rapidamente se explicou, dando um passo para trás.

Como?

— Parem vocês dois! — Anabella gritou, fazendo com que todos voltássemos nosso olhar para ela. — Ele está falando a verdade. Não foi ele quem me deixou, eu que terminei com ele. Foi minha escolha! Victor sempre respeitou meu tempo, nunca avançou os sinais. — Ela limpou sua garganta e continuou: — Eu nunca dormi com ele. — Sua voz foi baixando o tom até sumir de uma vez.

— O que você está dizendo, Anabella? Se Victor não é o pai, então quem é? — Seu pai perguntou, parecendo tão confuso e chocado quanto todos ali. Mas eu não estava mais confuso.

Foi preciso apenas ela terminar de falar e mais um nanosegundo para que eu soubesse a resposta:

— Sou eu.



capítulo 13

NÃO ADIANTAR CHORAR O LEITE DERRAMADO...

Igor

Há meses eu vinha tendo o mesmo sonho. Um quente e delicioso sonho. Há meses vinha sonhando com seu corpo, seu cheiro, sonhando com Anabella em minha cama, em meus braços. Por vezes achei que estava enlouquecendo, perdido no desejo louco, na necessidade insana que sentia por ela e por causa disso perdi meu

tempo procurando em outras o que eu sabia que só encontraria nela.

Mas agora, meses depois, descubro que isso não foi um sonho. Eu não apenas a tive, como também dessa noite de amor hoje ela carregava um filho meu.

Meu Deus! Eu ia ser pai!

De todos os cenários que imaginei sobre contar a verdade sobre nós dois, esse com certeza não era um deles. Não enquanto Anabella estava em uma cama de hospital. Não quando eu estava apenas confessando ao meu melhor amigo que havia acabado de descobrir que tinha engravidado sua irmã.

— O que você quer dizer com “sou eu”? — Théo gritou, ao mesmo tempo que Taddeo perguntava:

— Como?

— Ué. Vocês precisam mesmo que ele lhes explique como? Não acho que vocês vão realmente querer saber. — Stephanie falou, dando de ombros.

— Mas é claro que isso é uma piada. — Théo falou nervoso, embora soubesse exatamente que era a verdade.

Somente agora me dei conta de que estou de cabeça baixa. Levantei meus olhos porque eu não tinha que me envergonhar de nada disso. E quando olhei para ele, vi sua boca em uma linha fina e seus punhos fechados.

Todos ainda parecem chocados demais para reagir, mas parecendo prever a desgraça iminente, Anabella é a primeira a chegar até onde eu estava e segura meus braços com suas mãos frias, parecendo estar tão nervosa quanto eu. Eu quero mostrar que estou ali para ela, que apesar de estar chateado com a situação, estou feliz por saber que serei pai, mas não tenho tanta certeza de que essa será uma boa ideia no momento.

— Eu quero você lá fora. Agora. — Théo disse com a voz rascante e mortal.

Merda! Ele estava puto!

— Agora, Igor. — Taddeo reiterou, antes de se virar para ela e dizer: — Solte-o, Anabella.

— Não fale com ela desse jeito. O problema é comigo e com vocês. Tirem-na disso. — Eu falei, ficando puto da vida.

Sabia que eles estavam putos e loucos com tudo

isso, eu também estava. Mas não importava para mim como eles se sentiam. Apenas como Anabella se sentia. E eles com certeza não iriam descontar nela. Principalmente ela estando grávida e ainda por cima em uma cama de hospital.

— Mas com certeza é com você. Fora. Agora, Igor Carrara. Senão eu mesmo vou te arrastar até lá. — Ele repetiu.

Olhei para Anabella quando Théo começou a caminhar em direção à porta e vi o quanto ela estava nervosa e preocupada. E eu queria tirar isso dos seus olhos. Ela parecia tão desesperada, que estava me segurando tão apertado que nem havia notado que suas unhas estavam me machucando. Eu não me importava com isso realmente, apenas em fazê-la se sentir bem.

— Está tudo bem. Eu já volto. — Eu disse e ela balançou a cabeça, negando.

— De jeito nenhum! Não vou deixar que você encare aqueles dois Ogros! Eles vão te matar, Igor! — Ela gritou e eu não disse nada, apenas beijei sua testa antes de me afastar.

Ignorei seus pedidos para que não fosse e caminhei em direção aos seus irmãos. Eu tinha que deixá-la. Tinha que fazer a coisa certa com ela pela primeira vez. Não importava quanto eu quisesse estar com ela em meus braços nesse momento, eu tinha que enfrentá-los e não ajudaria em nada que continuasse a me esconder.

— O que diabos você fez, Igor? Anabella? Sério?
— Victor perguntou, entrando em minha frente, antes que eu chegasse à porta.

— Saia, Victor. Apenas não posso falar com você sobre isso! — Eu disse, empurrando-o.

Sim, porra! Eu ainda queria socá-lo!

— Deus... Agora tudo faz sentido. — Ele balançou a cabeça e fez uma pausa, antes de olhar para Anabella. — Eu realmente não sei o que dizer. — Completou.

— Não diga nada. Afinal, nada do que você disser vai mudar isso. Apenas me deixe passar. — Eu respondi e Victor soltou uma risada dura.

— A última coisa que eles querem é falar com você. Você tem noção do que está acontecendo aqui? Se

Théo estiver armado, ele certamente vai atirar em seu rabo!

Pude ouvir claramente Anabella gemer. E eu sabia que ela estava realmente preocupada sobre o que ele poderia fazer comigo. Eu nunca tinha pensado em brigar com seus irmãos antes, principalmente com Théo, nós certamente derramaríamos sangue pelo caminho e não seria bonito, mas eu não podia recuar agora e muito menos deixá-los ficarem entre Anabella e eu. E principalmente entre nosso filho.

— Bella, eu acho melhor você ouvir o que Igor disse. Ele precisa lidar com as consequências do que fez.
— Victor disse.

— Eles vão matá-lo, vocês não veem isso? — Ela gritou, voltando a segurar meu braço.

— Deixe que ele cuide disso. — Victor disse, estendendo a mão para pegar em seus braços.

Mas o que?

— Eu acho melhor você se afastar. Agora. E se lembre: Não. Toque. Nela. Jamais. — Eu rosnei, querendo que o idiota ficasse longe dela.

— Caralho! Ela está grávida, seu idiota! Estou apenas tentando impedi-la de ver essa merda toda. Especialmente em seu estado!

Droga! Ele tinha razão. Eu apenas tinha que me manter controlado!

Eu respirei fundo e olhei para ela. Tinha que lidar com a situação pensando em seu bem-estar, o resto que se danasse.

— Anjo, por favor, me deixe ir. — Pedi e ela balançou a cabeça negando, apertando-me com mais força. — Por favor. — Pedi e ela finalmente se afastou, com os olhos marejados.

Respirei fundo e segui em frente. Quando cheguei ao corredor, Théo estava andando de um lado para o outro e Taddeo parecia perigosamente quieto. Quando eles me viram, fixaram seus olhos nos meus e eu pude ver claramente os dois fecharem as mãos em punhos, prontos para acabarem comigo.

Merda! Isso não seria nada bom!

— Taddeo, Théo. Sei que é difícil, mas preciso que vocês me ouçam... — Tentei falar, mas Théo soltou

um grito de ódio, antes de desferir um soco certo em meu maxilar.

Então afastou-se sem soltar a gola da minha camisa e continuou a gritar:

— Eu não quero uma explicação! Nada justifica. Conheço você desde que éramos moleques. Sempre confiei em você, mesmo sabendo que você era um filho da puta com as mulheres! Mas o que você fez? Além de tirar a honra da minha irmã, você ainda a engravidou! Minha irmã! — Ele gritou, fora de si.

— Não foi assim... — Eu disse, não podendo suportar que ele me dissesse isso, mas ele me cortou novamente:

— Por que logo com ela, porra? — Théo grita na minha cara.

— Eu não sei explicar, apenas aconteceu. — Respondi, ficando quase sem voz e ele me soltou, como se tivesse nojo de mim.

Enquanto Théo voltava a andar de um lado para outro, como se estivesse transtornado, Taddeo tomou seu lugar e perguntou com uma voz calma e mortal:

— Quanto tempo?

— Quase seis meses desde que ela ficou grávida.

Mas nosso primeiro beijo foi há cerca de um ano.

Ele nem esperou que eu terminasse de falar e logo senti o segundo soco vindo. No mesmo instante senti meu supercílio direito se abrir e escorrer o sangue quente, nublando minha visão. Coloquei a mão em cima para tentar parar e ao mesmo tempo me defender, mas ele me soltou quando Théo o puxou e o segurou, impedindo-o de vir até mim.

— Nós estamos juntos agora. — Eu achei melhor dizer.

E eu ao menos esperava que isso ainda fosse verdade!

— Não. Você nunca está com nenhuma garota. Não mais do que uma noite de foda ao menos. — Taddeo continuou a gritar: — Anabella não será uma foda sua!

— Não, ela não é. — concordei.

— Parem com isso, vocês! — Anabella apareceu no corredor, vindo para minha frente como um escudo. — Eu não sou mais criança. Não preciso que vocês me

defendam como se eu não pudesse escolher com quem me deitar. — Eles gemeram quando ela disse isso. — Sim, eu fiz isso! Eu abri minhas pernas para Igor por livre e espontânea vontade. Ele não me obrigou a nada. Muito pelo contrário. Na nossa primeira vez eu até mesmo tirei vantagem dele porque ele estava muito bêbado. — Ela disse, deixando-os chocados.

Não... Ela não disse isso!

— Anabella... — Tentei falar, mas ela me cortou:

— Ele estava completamente bêbado e ainda assim eu fui para cama com ele. E antes que vocês terminem de quebrar a cara do pai do meu filho, ele nem sequer se lembrava disso até agora. Há muito tempo ele me afasta, tenta me manter longe. Nós não ficamos mais juntos depois disso. Eu tentei seguir em frente, juro que tentei, mas eu estava me enganando e enganando outra pessoa que não merecia isso. E as coisas entre nós dois simplesmente aconteceram.

— Saia daqui, Anabella! — Taddeo disse em um rosnado.

Victor tirou-a da minha frente, saindo do meu

caminho e eu logo voltei a sentir seu punho em meu rosto.

— Seu filho da puta, você nem ao menos se lembra de tê-la desvirginado? — Rugiu, antes de me socar mais uma vez.

Tudo parecia em câmera lenta enquanto eu continuava a apanhar e ainda podia ouvir os gritos de Anabella, mas a minha visão estava embaçada e minha cabeça parecia confusa e nebulosa. Eu nem mesmo tentei reagir. Eu sabia que merecia. Mas depois de um tempo, a dor era tão forte que tive que sacudir minha cabeça e por instinto levantei minhas mãos para bloquear quaisquer outros ataques.

— Por favor, Taddeo, não! — Ela pediu chorando.

Essa foi a força que eu precisava para reagir. Eu não queria que ela chorasse. Havia prometido que não a faria mais sofrer, e saber que ela estava grávida de um filho meu só fortalecia ainda mais a minha promessa. Usei toda minha força para bloquear o murro que veio a seguir. E quando consegui me defender, seu pai o segurou, enquanto Víctor segurou Théo também.

— Eu confiei em você! Você era meu melhor amigo! — Théo berrou.

— Me desculpa, Igor. Eu sinto muito, eu sinto muito. Muito mesmo. — Ela pediu, chorando ao ver o sangue em meu rosto.

Droga! Ela não podia ficar nervosa!

Segurei seu rosto para que ela pudesse olhar para mim e saber, que mesmo que estivesse todo quebrado, eu estava ali por ela. Não queria que ela sofresse, mesmo que eu merecesse, não queria vê-la chorando assim.

— Está tudo bem. — Garanti.

— Solte-a. Agora, Anabella. Ele é um desgraçado que não merece alguém como você. — Théo falou, me deixando chocado.

Foi doloroso ouvir meu melhor amigo dizer isso. Uma das piores dores que já pude sentir um dia. Senti meus olhos arderem e fechei os olhos para tentar controlar as lágrimas que queriam escorrer pelo meu rosto.

— Isso foi o suficiente, Théo e Taddeo. — A voz de Alano fez com que todos nós paralisássemos. — Anabella, entre. Eu cuido disso a partir de agora.

— Pai... — Ela tentou falar, mas ele a cortou:

— Agora. — Abaixando a cabeça, ela assentiu e saiu de lá acompanhada de sua mãe, que a abraçou e levou de volta para o quarto.

— Pai, ele não podia ter feito isso com ela. Ele a desonrou. — Taddeo disse ainda irritado.

— Sim, eu sei. E é exatamente por isso que eu deixei que vocês descontassem suas raivas em cima dele. — Seu olhar passou por eles, até chegar a mim e dizer: — E é exatamente por isso que vou fazer isso também.

Eu não tive tempo de entender o que ele estava falando, já era tarde demais para isso. O punho de Alano logo acertou-me em cheio, fazendo com que eu tropeçasse em meus próprios pés.

— Por que ela? Ela é minha irmã mais nova! Você deveria ter se mantido longe. Sabia que eu queria protegê-la. Sabia que você nunca poderia chegar perto dela, pois nunca será bom o suficiente para isso. Me arrependo amargamente por ter acreditado que você poderia ser uma pessoa melhor. Que não havia sido contaminado por esse seu sangue imundo. Mas eu acho que não poderia estar

mais errado!

Suas palavras foram excruciantes. A dor que eu sentia agora sobrepujava qualquer dor que eu sentia por causa dos socos que havia tomado. Doía, porque eu sabia que era verdade. E principalmente porque era vindo dele, meu melhor amigo, aquele quem eu achava que me aceitava, independentemente dos meus erros. Mas eu acho que não podia estar mais errado.

— Pare com isso, Théo. Por favor, peça desculpas a ele. Você sabe que não quis dizer isso realmente. — Stephanne pediu e vi que ela estava em lágrimas. — Por favor, Théo. Ele é minha família também. São nossa família. Eles dois vão ter um filho juntos.

— Claro que não. Não vou pedir desculpas. Estou apenas defendendo a honra da minha irmã. Por que ele seria diferente com ela? — Théo pergunta para esposa.

— Porque eu a amo. — Respondo, fazendo com que todos olhassem para mim.

Aquela informação pegou todos de surpresa e até mesmo a mim, que mesmo que já soubesse e tivesse certeza de como me sentia, ainda assim nunca havia dito

isso em voz alta. Eu a amava. Eu só sabia que não estava pronto para dizer isso a ela e por isso ainda não tinha feito. E muito menos não sabia estar pronto para confessar isso para seu pai e irmãos, depois de levar uma surra colossal deles.

— Você se casará com ela? — Alano perguntou.

— Eu não sei... Eu...

— Você se casará com ela? — Ele rosnou a pergunta, segurando seus dois filhos dessa vez.

— Eu a amo, quero ficar com ela. Mas não posso fazer tudo assim. — Tentei explicar, mas ele negou com a cabeça.

— Quer dizer que foder com ela você pode, mas casar não rola? — Taddeo gritou, ficando fora de si novamente.

— Calem a boca os dois! — Alano os repreendeu, antes de olhar para mim de forma mortal. — Minha filha é uma moça de família, Igor Carrara. Uma moça de família nobre. Você sabe muito bem o que isso quer dizer. Eu não permitirei que você lide com isso da forma que lhe convir. Ou você se casa com ela, ou pode se

acostumar com a ideia de ficar longe da minha filha e meu neto. — Ameaçou, me fazendo engolir em seco.

Anabela

Eu não podia acreditar que isso estava realmente acontecendo. Minha cabeça ainda girava diante disso

tudo. Não podia acreditar que estava realmente grávida. Eu estava grávida e nem ao menos fazia ideia de que carregava um bebê em meu ventre. Eu não acho que estava preparada para tanta informação.

Eu acho que a minha ficha ainda não caiu realmente. Já vi em filmes, seriados de TV e até mesmo ficava meio pasma com as histórias sobre isso, de mulheres que descobriam que estavam grávidas praticamente no momento de parir ou que passavam boa parte da gravidez sem desconfiar de que havia um bebê a caminho. Mas jamais imaginei que eu seria uma dessas pessoas.

Meu corpo havia sofrido poucas mudanças, na verdade a impressão que eu tinha agora, é que ele negava ou escondia os sintomas, como costuma acontecer com as pessoas que descobrem a gravidez logo nas primeiras semanas. Eu estava realmente preocupada, porque continuei tomando pílula e minha menstruação vinha irregular como sempre, então nem mesmo desconfiei.

E agora além da minha preocupação absurda em precisar saber se meu bebê estava bem, eu me encontrava

ali, naquela cama, preocupada com Igor, com o que ele acharia diante disso tudo, porque nós nem ao menos estávamos mais juntos. E ainda por cima, havia tomado uma surra colossal dos meus irmãos depois que descobriram a gravidez. Minha mãe não saiu do meu lado desde então, mas embora ela estivesse tentando me manter calma, me distraíndo falando sobre a gravidez, eu sabia que ela estava preocupada também.

Victor havia ido embora a pouco dizendo que iria fazer companhia para Charlie e quando se despediu de mim, parecia um pouco chateado. Eu não posso culpá-lo por isso. Ele era uma pessoa incrível, já havia sido tão compreensivo comigo e agora tinha toda razão de estar assim, porque querendo ou não, eu o envolvi nessa confusão louca da minha vida.

Quando meu pai voltou, ele estava sozinho. Com a cara meio fechada, beijou minha testa e disse que estava feliz por saber que seria avô, o que confesso, me aliviou bastante. Quando perguntei sobre os outros, ele se limitou a dizer apenas que meus irmãos e Steph precisaram sair, e que Igor havia ido cuidar dos seus ferimentos e já

retornava. Tive que engolir o bolo que se formou em minha garganta quando ele disse isso. Não queria pensar que de fato meus irmãos estavam na verdade chateados com a situação, mas eu sabia que era exatamente por isso que eles não voltaram.

Tentei falar com ele, mas meu pai me cortou, dizendo que não era hora para conversarmos sobre isso, que tinha apenas que pensar na minha saúde e do bebê. E eu, como uma menina tola, apenas acatei sua decisão, porque não sabia se tinha forças para mais um embate agora.

Tentei não pensar sobre isso, mas era difícil. Meu coração se apertava pensando sobre a surra que Igor havia tomado. Juro que tentei ficar quieta em meu quarto como me pediram, mas quando ouvi os gritos dos meus irmãos, não pude mais ficar quieta ali. A cena que vi quando cheguei ao corredor me chocou. Taddeo não parava de bater em Igor, que nem sequer tentava se defender. De alguma forma torta, eu acho que Igor acreditava que realmente precisava ser punido, embora eu ache que ele estava errado, pois a única pessoa que teria o direito de

fazer isso com ele seria eu, que era a única com quem ele cometia erros estúpidos.

Isso tudo era tão louco. Acho que ainda estava esperando acordar desse pesadelo. Eu sabia que de uma forma ou de outra, meus irmãos ficariam chateados, principalmente porque Igor era amigo deles, mas jamais imaginaria que as coisas chegassem a esse ponto.

Quis defender Igor, contar-lhes toda verdade, porque independentemente de qualquer coisa, eu havia ficado com ele porque quis. Queria que os dois me ouvissem, porque a culpa de estar grávida agora era minha. Eu quem havia ido para cama com Igor bêbado. Eu quem havia me entregado a ele sem me preocupar com as consequências e se ele estava são o suficiente para isso. No entanto, era ele quem estava pagando por isso.

Depois do que me pareceram horas, finalmente a porta do quarto se abriu e Igor entrou. Segurei o gemido que queria sair dos meus lábios e ofeguei ao ver o estrago que ele havia sofrido pelas mãos dos meus irmãos. Ele havia trocado de roupa e tomado um banho, mas os hematomas do seu rosto e os olhos inchados ainda

estavam lá e seu supercílio agora ostentava um curativo, que provavelmente era resultado dos pontos que ele havia tomado ali, devido a quantidade exorbitante de sangue que tinha visto mais cedo. Tive vontade de chorar quando vi que mesmo com a cara toda remendada, ele sorriu, sem parecer conseguir tirar os olhos de mim.

Ele veio em minha direção e assim que chegou ao meu lado, acariciou meu rosto sem tirar o sorriso de seus lábios. Enguli em seco ao sentir o calor de suas mãos, que mesmo depois do que nos aconteceu na última noite e as últimas horas turbulentas, ainda me provocava de uma forma que não podia negar. Não me afastei do toque, eu apenas precisava senti-lo e saber que ele estava bem. Era uma necessidade intrínseca, inerente a nós dois.

— Como você está? — Ele perguntou, enquanto estudava-me com cuidado, como se não fosse ele quem tivesse sido todo arrebitado nos últimos minutos.

— Eu acho que estou bem. — Admiti, antes de continuar: — Sinto muito. — Eu disse, sentindo minhas lágrimas escorrerem em meu rosto.

Eu não poderia evitar. Eu sabia que agora, até que

seus machucados ficassem bons ao menos, toda vez que olhasse para o seu lindo rosto, me sentiria culpada.

— Pare com isso, anjo. Você não tem que se desculpar. — Ele estendeu a mão para mim, antes de passar a acariciar minha barriga com a outra. — Nós dois sabíamos que as coisas não seriam fáceis quando descobrissem sobre nós dois. Mas com uma gravidez, eu não acho que a reação deles seria diferente. — Quando tentei falar, ele colocou um dedo em minha boca para que eu não dissesse nada e completou: — Eu não posso culpá-los por isso.

Sério que ele estava mesmo defendendo-os?

— Ainda assim. Eles agiram como dois ogros, não precisavam fazer nada disso. Eles não precisavam chegar a isso. E-eu causei tudo. Foi culpa minha ter engravidado, v-você estava bêbado. E agora você está machucado por isso...

— Pare de se culpar por isso. Bom, talvez você deva se culpar por ser linda e gostosa. — Diz, fazendo meu rosto esquentar e meu pai limpar a garganta, nos lembrando de que eles ainda estavam ali. — Mas sério,

anjo. Não se culpe por isso. Se eles agiram dessa maneira, foi apenas porque além de ser um susto para eles, foi porque ambos sabem que sua irmã merece mais do que um fodido como eu.

Oi? Por que ele estava dizendo isso?

Não consegui controlar minhas lágrimas. Não queria chorar, mas estava difícil com tudo isso acontecendo. Eu estava cansada de chorar por tudo, mas eu já era sensível normalmente e não era à toa que todos ainda me tratavam como uma criança. E eu acho que a droga dos hormônios só iriam piorar essa situação.

Merda! Eu acho que os próximos meses serão difíceis!

Abaixei minha cabeça não querendo que ele visse o quão idiota eu poderia parecer e Igor apertou minha mão, enquanto tornou a falar:

— Eu quero te dizer que estou muito feliz por saber que vamos ser pais. — Quando ele disse isso, não pude evitar e voltei meus olhos emocionados para ele.

— Sério? — Perguntei em um sussurro.

— Claro que sim. — Ele disse sorrindo, enquanto

continuou a acariciar com a outra mão minha barriga. — Nosso bebê pode ter chegado de surpresa, mas ele será muito amado.

— Eu acho que sim. — Mesmo através das lágrimas, foi impossível não sorrir quando ele disse isso.

— Sei que as coisas parecem difíceis agora, anjo. Sei que seus irmãos estão chateados, mas não me importa, pois estaremos juntos nisso. Sei que temos muito o que conversar ainda, mas quero que você saiba de antemão que nós vamos fazer isso dar certo. Eu, você e nosso bebê contra o mundo, meu anjo. — Garantiu, encostando sua testa à minha, sem deixar de acariciar minha barriga e novamente foi impossível não me emocionar com suas palavras.

— Obrigada. — Eu disse e ele assentiu, parecendo saber o que eu precisava ouvir.

— Não tem que agradecer. Mas agora vamos ver como está nosso bebê? —

Seu sorriso se iluminou quando ele perguntou isso e eu sorri, entre lágrimas.



Um ginecologista veio até meu quarto e depois de ser preparada, o exame começou a ser feito através do ultrassom móvel que ainda estava ali à espera. O gelado do gel aumentou ainda mais o frio na minha barriga. Eu estava nervosa. Preocupada com a saúde do nosso bebê. E apesar de querer passar tranquilidade enquanto segurava minha mão, sabia que Igor estava tão nervoso quanto eu.

A enfermeira lhe entregou o aparelho e depois de mover sobre minha barriga, não demorou muito para que ele apontasse para a tela.

— Aqui está o bebê de vocês. — Ele apontou para o contorno perfeito de um pequeno bebê na tela, que já se remexia todo e imediatamente as lágrimas começaram a descer no meu rosto — Você já está com mais ou menos dezenove semanas de gravidez. O bebê está com cerca de quinze centímetros e pesa aproximadamente 240 gramas e por aqui já posso ver que ele está se desenvolvendo perfeitamente. — Igor apertou minha mão e quando olhei para o lado, vi que ele estava olhando atentamente para a tela, como se não conseguisse piscar. — Com essa idade gestacional, já é possível ver o

sexo, mas ele não parece querer estar disposto a mostrar hoje.

— É menino. — Igor disse convicto e eu não pude lhe dizer nada, muito menos consertá-lo, porque eu meio que sentia a mesma coisa.

— O maior problema em descobrir a gravidez tardiamente, é a falta de suplementação que deve ser feita nos primeiros meses, como o ácido fólico, que ajuda na formação do tubo neural do bebê. Mas como mais cedo foram feitos vários exames, vimos que não há nenhuma alteração. — O médico continuou.

— Graças a Deus! — Minha mãe sussurrou emocionada, também sem conseguir tirar os olhos da tela.

— Tem certeza de que está tudo bem? — Meu pai insistiu.

— Está sim. Muitas mulheres, sem saber que estão gestando, levam um ritmo normal de vida, o que é o caso dela, que continuou a trabalhar. Sei que estão preocupados com o sangramento também, mas como Anabella disse que continuou a tomar seu anticoncepcional normalmente e que ainda assim

menstruava, pode ser que seus sangramentos tenham sido confundidos com menstruação.

— O bebê está desenvolvendo normalmente? —
Agora foi Igor quem perguntou.

Essa era realmente uma das principais preocupações que eu tive desde que soube da gravidez, pois eu não tinha engordado nadinha. Minha rotina louca de hospital e faculdade além de ter ajudado a camuflar os sintomas, sabia que não havia tido a suplementação inicial e muitas vezes deixava de me alimentar normalmente e comia algo prático e rápido, tipo um sanduíche ou algo do tipo. Quando não ficava horas sem comer nada.

— Sim. Como ela já está avançada, pelo ultrassom morfológico podemos ver que o bebê está saudável e dentro do peso. E como está tudo dentro do normal, não precisaremos fazer nada diferente do pré-natal. Reforçaremos sua suplementação de vitaminas e assim além de seguirmos normalmente com o pré-natal, farei alguns exames que são indicados com o avançar da idade, como o ecocardio fetal com um pouco mais de frequência. Vamos ficar de olho na pressão arterial dela e

em possíveis alterações que possam aparecer. Olhem como o coraçãozinho está batendo forte. — Disse, antes de começarmos a ouvir batidas rápidas e fortes tomarem conta de todo o quarto.

— É seu coração? — Meu pai perguntou e eu não conseguia falar nada quando olhei para Igor.

Seus olhos estavam vermelhos e ele estava nitidamente emocionado. Eu nunca havia visto Igor assim, ele parecia estar realmente fazendo um esforço tremendo para não chorar. O que para mim parecia impossível nesse momento. Quando percebeu que estava olhando para ele, me encarou e disse emocionado:

— É o som mais lindo que já ouvi em toda minha vida. Obrigado, meu anjo.

Igor fechou os olhos e então voltou a encostar sua testa na minha. Nós dois engolfados pela emoção, mexidos de forma irrevogável pelo amor que já sentíamos pelo nosso filho. Afastamo-nos apenas quando o médico anunciou o término do exame e a enfermeira começou a me ajudar a limpar o gel da barriga. O médico então se deslocou para o meu lado e anotando algumas coisas em

sua prancheta, voltou a falar:

— Pelo que eu soube, atribuo seu mal estar e sangramento ao estresse. Embora tudo esteja dentro dos conformes, vocês devem evitar qualquer estresse, pois isso é algo sério e não pode ser ignorado. Como você já está com a gravidez mais avançada, não há mais risco de aborto, mas sim um risco de parto prematuro. Então peço para que seja evitado fortes emoções. — Resfoleguei por causa de suas palavras, sentindo uma dor aguda em meu coração apenas em pensar nisso e Igor suspirou, nitidamente nervoso.

— Pode deixar que cuidarei pessoalmente para que nada a estresse, doutor Gabriel. — Igor garantiu e eu concordei, porque eu também faria qualquer coisa para que nada acontecesse com nosso bebê.

— Sei que sim, doutor Igor. — Acenou, enquanto faz mais algumas anotações e destacando uma folha do seu receituário a entregou a Igor. — Essas são as vitaminas que devem ser ingeridas diariamente. Boa alimentação, hidratação e como eu já disse, nada de estresse. Fazendo tudo direitinho, teremos um restante de gravidez sem

nenhuma intercorrência, riscos ou surpresas. Bem diferente da gravidez da Princesa Stephanie. — Ele disse, piscando para nós e foi impossível não rir, lembrando que ele havia sofrido um bocado com a minha cunhada.

— Sua rotina será normal, doutor? Ela poderá voltar ao trabalho? — Minha mãe perguntou.

— Sim, sem problemas. Mas aconselho que ela passe a noite aqui e tire o resto da semana de folga. Depois disso, tudo bem para que ela volte ao trabalho normalmente.

O médico mal termina de falar e Igor perguntou o inesperado:

— Sexo não será problema, certo?

Ai. Meu. Deus. Ele perguntou mesmo isso para o médico e ainda por cima em frente aos meus pais?

— Igor! — Gemi, envergonhada, pedindo a Deus que me matasse e me levasse embora para não ter que passar por esse constrangimento.

— Eu acho que você está abusando da sorte e minha paciência, meu rapaz! — Meu pai rosnou e Igor levantou os braços em rendição, embora não parecesse

nem um pouco arrependido pela pergunta ou tivesse retirado o que disse.

O médico sorriu da minha desgraça e só piorou meu constrangimento quando decidiu respondê-lo:

— Sim, podem ter relações sexuais normalmente. Mas nada de exagero ou abuso.

— Pode deixar que não vamos abusar. Sei como cuidar dela direitinho! — Igor respondeu, na maior cara de pau.

Senhor! Acho que morri de vergonha agora!

— Esse moleque está realmente pedindo para que eu termine de quebrar sua cara! — Meu pai rugiu, enquanto minha mãe tentava segurá-lo.

O médico vendo meu pai reclamar com Igor saiu e eu permaneci ali, parada, chocada. Meu pai estava nervoso, frenético, minha mãe ainda tentava segurá-lo enquanto ele continuou metralhando seus insultos para Igor e este não fazia nada além de sorrir e franzir o nariz. Até que eu paralisei quando meu pai disse a seguinte frase:

— Não pense que vocês vão continuar a fornicar

antes do casamento, porque eu não vou permitir mesmo!

Oi? Eu ouvi direito o que ele disse? Ele falou casamento?

Igor

A conversa não foi fácil, mas ainda mais difícil do que conversar com três homens loucos da família Caravaggio, que estavam prontos para me matar e esquartejar, e ainda por cima ter que ignorar meu melhor amigo não querer nem mesmo olhar em meus olhos, foi ter de esperar enquanto faziam o curativo em meu rosto, para finalmente poder estar com Anabella depois de tudo. Mas ainda assim segui o conselho de seu pai de cuidar dos meus machucados antes de poder voltar para ela, porque eu sabia que seria muito pior para ela se me visse ainda todo arreventado e ensanguentado.

Eu também estava apreensivo sobre seus exames e dei graças a Deus quando o médico confirmou que estava tudo bem com ela e com o bebê, apesar da descoberta tardia da gravidez. Emocionei-me de uma forma única ao ver as imagens do nosso filho, já tão grande e tão bem formadinho. Os braços, perninhas e corpinho tudo formadinho. Tão perfeito. Ouvir seu coração batendo me trouxe um nível novo de emoção, mexendo de tal forma comigo, que o amor que senti naquele momento era tão forte como se meu coração estivesse prestes a explodir.

Eu estava além das palavras.

Quando nos reencontramos, quis trazê-la para meu colo, abraçá-la e nunca mais soltá-la, mas me contive, pois sabia que tínhamos ainda muito o que conversar e como eu disse a Anabella, sabia que não seria nada fácil. Confesso, embora estivesse feliz e extremamente aliviado por ter lembrado que eu era o único que havia estado com ela, ainda assim fiquei um pouco chateado.

Sei que é besteira da minha parte, especialmente quando eu fui o único a magoá-la desde o início, mas duas coisas me chatearam nisso tudo. A primeira, é que ela de fato deixou que eu me levasse a acreditar que não havia sido o único. E segundo, o que mais me chateava em toda a situação, era o fato dela achar, mesmo que por um segundo, que eu fingiria que não estive com ela.

Que tipo de filha da puta Anabella achava que eu seria a ponto de fazer isso com ela?

Talvez eu estivesse ficando um pouco sensível e maricas demais. Ainda assim, eu sabia que tínhamos coisas demais para resolver. Esperava que a forma como ela ficou um pouco quieta depois que o médico saiu não

fosse mais um problema para nós dois. Eu só queria resolver tudo, curtir o restante da sua gravidez como deveríamos e ficar bem com ela e com nosso filho.

Deixar Anabella no hospital e ir para casa sozinho foi fodidamente difícil. Eu queria estar com ela o tempo todo. Queria cuidar dela. Temi que no momento em que eu saísse de lá, algo acontecesse com ela ou com o bebê ou então que ela simplesmente desistisse de mim, por finalmente se dar conta que não importava o quanto tentasse, eu nunca seria bom o suficiente para ela.

Esta noite ela passaria no hospital, apenas por precaução. A minha vontade foi de ficar lá com ela, estava até mesmo preparado para brigar com seu pai se fosse preciso, mas quando disse que ficaria, Anabella disse que achava melhor que sua mãe ficasse, pois talvez seus irmãos voltassem e não achava que seria bom me encontrarem ali, passando a noite com ela. Eu não me importava realmente com isso, mas Anabella não poderia lidar com isso agora, eu havia prometido que cuidaria dela e não a deixaria se estressar, e por isso apenas aceitei que o melhor nesse momento era ir para casa.

Eu não esperava que as coisas com seus irmãos fossem realmente fáceis, suas palavras duras mais cedo já haviam sido o suficiente para que eu entendesse que eles não me aceitariam facilmente. Taddeo e especialmente Théo, me conheciam melhor que qualquer outra pessoa. Eles sabiam de quase tudo que eu tentava esconder, até de mim mesmo. Théo havia sido claro ao dizer o que achava de mim. E apesar de até mesmo Alano ter aceitado que me casasse com Anabella, eu sabia agora que era apenas porque ela estava grávida, caso contrário eles jamais permitiriam. Para eles, eu nunca seria bom o suficiente para sua filha.

Fiquei lá até que Anabella adormecesse. Mesmo assim, ainda fiquei pelo menos meia hora olhando-a dormir, só depois dela me prometer que me ligaria caso acontecesse qualquer coisa, me despedi de sua mãe. Abri a porta da mansão de *Niápolis* e me lembrei novamente o motivo de tudo. Eu evitava o máximo ficar naquele lugar, mas toda vez que entrava naquela casa, detestava ainda mais estar ali.

Sentia em minhas veias o sangue imundo que

corria. Mas por mais que isso me ardesse, queimasse, eu não iria desistir dela. Não dessa vez. Não, nunca mais. Não iria deixar com que o passado da minha família sabotasse meu futuro e continuasse a tentar controlar minha vida, como por muito tempo tentei impedir. Eu faria tudo diferente.

Eu tinha que encontrar uma maneira de não deixar mais isso acontecer. Precisava deixar o passado onde ele estava. Eu queria ser digno de Anabella. Queria ser realmente um pai para o meu filho, embora não tivesse tido um de fato. Mas ainda assim, me esforçaria o máximo para ser o melhor para ele. E eu sabia que nunca iria ser nem um bom marido e muito menos um bom pai, enquanto continuasse fazendo o que eu estava fazendo, fugindo do meu passado.

Eu precisava contar a verdade para Anabella. Precisava dividir o que por tanto tempo me impediu de tentar ser o que ela precisava. Para que pudesse me libertar, Anabella precisava saber o segredo sujo da minha vida, caso contrário, contando ou não a verdade, meu medo iria estragar tudo.

Eu estava preparado para isso? Eu estava preparado para vê-la tentar se afastar de mim depois que soubesse tudo?

Mas por mais que temesse perdê-la, eu sabia que precisava ser honesto. Eu a amava. Não podia imaginar uma vida que não tivesse eles ao meu lado. Eu realmente precisava de Anabella Caravaggio para respirar. E o amor? Este tinha que ser verdadeiro, tinha o dever de ser honesto. O amor era puro. Eu não era nenhuma dessas coisas, mas me tornaria e faria o que fosse preciso para que ela me entendesse, me perdoasse. Me amasse. Para que aceitasse o mau e o bom de mim. Para que aceitasse o meu “eu” quebrado, porque só para ela eu poderia ser inteiro e nós dois não poderíamos começar uma vida sem isso.

Tomei um banho e troquei os curativos molhados por novos. Quando estava me preparando para deitar-me na cama para mais uma noite insone, alguém bateu na porta do meu quarto. Sabendo que só poderia ser Donna, abri a porta e encontrei-a ali parada.

— Boa noite, Donna.

— Boa noite, Barão. Desculpe incomodá-lo, mas o Sr. Caravaggio está aqui e insistiu para falar com o *Honorável*. ^[1] — Disse, como sempre polida demais para o meu gosto.

Droga de mulher chata!

Foi impossível não revirar os olhos, porque ela continuava a insistir em nos tratar dessa maneira e chegava a ser irritante.

— Sr. Caravaggio? Théo? — Perguntei, intrigado.

— Não. O outro irmão. *Lord* Taddeo.

Fiquei surpreso em saber que Taddeo estava ali, afinal, ele havia sido o que mais havia me agredido e não sabia o porquê da sua visita. Eu esperava que ele não estivesse atrás de mais um embate, porque se tivesse, dessa vez eu deixaria claro que não permitiria que ele perturbasse minha mulher de maneira nenhuma.

Não me importei em vestir uma camisa para recebê-lo, como estava vestido, com apenas uma calça de pijama, desci e o encontrei andando de um lado para o outro. Diferente de mais cedo, ele não parecia um touro enjaulado, louco para sair e derrubar seu montador. E

honestamente, isso me deixou um pouco mais aliviado, mas não menos intrigado e temeroso para saber o que ele queria.

— Você queria me ver? — Perguntei, fazendo-o virar para mim e me olhasse com uma careta estranha.

— Você não está muito agradável aos olhos essa noite, Barão. — Disse, de forma irônica e eu o olhei sério.

Sério mesmo que ele ia vim com esse papo para cima de mim?

— Cortesia de um idiota. Mas tenho certeza de que seus socos maus dados, não diminuíram em nada minha beleza. — Resolvi seguir com a ironia.

Pelo menos ele já não chegou me socando! Isso já era um avanço e tanto!

Taddeo pareceu sem saber o que dizer por um momento e depois de alguns segundos voltou a falar, ainda que meio sem jeito:

— Me desculpe por isso. Eu realmente perdi a cabeça quando descobri sobre a gravidez de Anabella. Mas tente me entender, ela é minha irmã mais nova, porra.

Isso foi muito inesperado para todos nós e eu posso ter exagerado um pouco. — Assenti, porque embora tivesse me fodido nessa, eu o entendia.

Merda! Eu acho que faria a mesma coisa no lugar dele!

— Não precisa se desculpar. Não estou realmente chateado que você tenha me batido. Eu merecia. Deveria ter sido sincero desde o início, deveria ter lhes contado desde a primeira vez que nos beijamos, um ano atrás. — Taddeo ficou tenso quando eu disse isso, mas ignorei. — Sei que vocês poderiam querer me bater do mesmo jeito, mas ainda assim acho que o choque ia ser bem menor do que foi hoje. Só quero que saibam que não aconteceu nada de novo, até que eu tivesse caído bêbado quando soube a verdade sobre Théo e Stephanne. Eu tentei lutar contra isso. Juro que tentei...

— Eu acho que meu sobrinho é prova de que você não tentou muito. — Ele me cortou de forma amarga, fazendo com que eu me irritasse.

— Eu tentei para caralho! Você não tem noção do quanto! Ela foi embora e por mais que estivesse sofrendo

com sua partida, achei que talvez fosse o melhor para ela. Quando ela começou a namorar com Victor, eu sofri feito um condenado e ainda assim, tentava esquecê-la, fodendo todas as outras. Não me diga que você não entende, porque você sabe muito bem o que é isso. — Sorri irônico e ele engoliu em seco. — E quando ela voltou, soube que não adiantava fazer nada, eu não podia lutar contra isso. Não tivemos nada até aquele dia que fomos resgatá-la na boate. Mas apesar de deixar claro para ela que eu não estava mais fugindo, que a queria, ainda assim ela ficou receosa e pediu um tempo para pensar. Eu não continuaria escondendo sobre nós dois, a situação era provisória, não era para sempre. Anabella não é qualquer uma que eu queira esconder. Iria lhes contar ontem, mas aconteceu o que aconteceu... — Suspirei, me lembrando que eu havia tentado afastá-la novamente. — E eu achei que talvez fosse melhor para ela acabar com tudo isso. Que ela merecia uma chance real com alguém que não oferecesse desgraça para sua vida.

— Igor, pare...

— Eu sei, eu sei. — O cortei, quando vi aonde

essa conversa iria chegar. — Eu só quero ser sincero com você apesar de tudo. Você é meu amigo e mesmo sabendo que mereci cada soco que tomei, ainda assim quero te dizer que não me importo em ter que passar a vida toda tentando provar que sou o homem certo para Anabella, mesmo sendo todo torto e fodido. Ela e meu filho são tudo que tenho. E mesmo que esteja indo fazer agora o que jurei nunca fazer, porque estaria acatando de alguma forma o último pedido do meu pai, eu vou fazer por ela, pelo meu filho, por nós. Você sabe, nunca procurei isso realmente. Não queria trazer ninguém para minha vida. Mas agora eu tenho tudo e sei que não preciso de mais nada. Não sei se mereço realmente, mas não me importo, eu estou aqui nessa vida para lhe prometer a felicidade e lhe dou minha palavra de que é exatamente isso que farei e vou morrer provando a Anabella o quanto ela é amada.

Taddeo abaixou a cabeça e a balançou lentamente. Muitos poderiam não entender o significado das minhas palavras, mas ele entendia. Ele sabia. Ele sabia que além de estar passando por cima de uma promessa que fiz para mim mesmo anos atrás, que eu realmente amava sua irmã.

— Olha, nem sei o que dizer realmente. — Ele disse, ainda parecendo pensativo. — Sei o quanto é difícil para você ouvir certas coisas, mas nós já te dissemos tantas vezes, todos merecem uma nova chance.

— Todos? — Levantei a sobrancelha, esperando que ele negasse isso e ele revirou os olhos.

— Você sabe que é diferente. Eva é um caso à parte. — Resmungou, bufando.

— Seiiiiiiii. — Ri baixinho.

— Não desvie, Igor. Meu assunto é com o único Carrara que ainda vale a pena ser salvo. — Taddeo deu um tapa mais forte em meu ombro, que por pouco não o deslocou. — E só para você não esquecer, se você fizer minha irmã sofrer, nós acabamos com sua raça, entendeu? — Ameaçou, voltando a ficar extremamente sério e eu engoli em seco.

— Eu prometo que jamais seria capaz de fazer qualquer coisa que a fizesse sofrer. — Prometi, fazendo com que ele concordasse.

— Ótimo. Já que estamos conversados e você de fato vai fazer parte da minha família, pois finalmente deu

uma dentro, vamos comemorar a notícia da vinda do meu sobrinho! — Exclamou animado, indo em direção ao bar que tinha ali na sala. — Vamos ver o que você tem de bom por aqui.

Taddeo então começou a analisar as garrafas de uísque caríssimos e raros que haviam ali, vez ou outra ele fazia uma cara de impressionado e soltava alguns palavrões quando lia certos rótulos. Foi impossível não rir vendo-o fazer isso, pois Taddeo era assim, mudava de humor rápido e eu costumava brincar com ele dizendo que o segredo para conquistar seu coração, era uma garrafa de bebida empoeirada e cara.

— Nossa... — Taddeo sussurrou após abrir uma garrafa e cheirar o conteúdo que havia ali. — Esse é o uísque mais foda que fabricaram no mundo. Como você o despreza assim? — Perguntou chocado.

— Apenas não gosto muito. — Dei de ombros. — Mas fique à vontade. Afinal, eu jurava que você tinha vindo aqui para socar a minha cara, mas na verdade está aqui porque é um interesseiro e alcoólatra. — Disse rindo, embora ainda estivesse visivelmente surpreso com

tudo.

— Bem, já que é para ser sincero, toda vez que eu penso sobre você e minha irmã, te garanto que vontade de quebrar sua cara não me falta. — Respondeu um tanto seco. — Mas já disse, se você fizer qualquer coisa... — Nem esperei que ele terminasse de falar e levantei minha mão pedindo que parasse.

— Eu sei, você acabará com minha raça. Mensagem recebida. — Garanti e ele assentiu concordando.

— Ótimo, porque não sou homem de não cumprir minhas ameaças. Te darei uma chance, e é bom que você aproveite, pois não acho que você irá querer ver uma face diferente minha, além desse seu cunhado lindo e delicioso. — Taddeo brincou e fui obrigado a rir, embora fazer isso ainda doesse um pouco.

— Obrigado, de verdade. — Agradei sinceramente.

— Faça por merecer e valorize o melhor cunhado que você poderia ter na vida. — Taddeo voltou a brincar e eu engoli em seco, as palavras do meu melhor

amigo voltando a me assombrar.

— E Théo? — Perguntei, receoso, quando ele começou a servir um par de copos para nós dois com um líquido âmbar.

— Eu disse melhor cunhado, no caso eu e não ele. — Gracejou, tentando me distrair, mas logo ficou sério, porque sabia o quanto esse assunto estava me espezinhando. — Dê um tempo para ele. Eu posso ter feito o estrago maior na sua cara, mas sei que as palavras dele lhe doeram ainda mais. Mas você não foi o único que sofreu. Acredite, ele também está sofrendo, embora seja um cabeça dura. Se você entendeu o porquê da minha reação, você também vai entender a do meu irmão. — Me estendeu o copo com minha dose. — Sem gelo, porque senão você não aprecia verdadeiramente o sabor desse líquido divino. — Explicou-se rapidamente e quando sentamos ao sofá, ele continuou: — Você é o melhor amigo dele. Por tanto tempo foi mais seu irmão do que eu fui, você o conhece. Théo é um ogro estúpido, mas tem o maior coração do mundo. Vocês vão se acertar. — Me garantiu e nós brindamos.

Eu esperava que Taddeo estivesse realmente certo. Esperava que Théo e eu resolvêssemos as coisas. Pois por muito tempo, ele foi a única pessoa que me entendia realmente e estava ali por mim. Pela primeira vez na minha vida eu havia ganhado a chance real de ter uma família de verdade e faria o que fosse possível para não os perder dessa vez.



Não lembro exatamente a hora em que dormi na noite passada. Taddeo e eu acabamos secando algumas garrafas absurdamente caras que haviam em meu estoque e mesmo depois de insistir para que ficasse e dormisse lá em casa, Taddeo disse que achava melhor não, porque acreditava que seria assombrado se ficasse lá. Eu não o julgo por pensar assim, afinal, eu ainda era assombrado.

Acordei cedo como de costume e junto com o Sol, veio uma ressaca. Tomei um banho e segui animado para meu destino, mas não sem antes passar em uma confeitaria e escolher todas as coisas preferidas de Anabella, para que ela pudesse tomar um belo café da manhã e alimentar

nosso filho. Como ainda estava realmente cedo e não queria acordar nem Bella e nem sua mãe, deixei seu café em minha sala e segui até a UTI, onde Tom ainda estava instável.

Não sei por que estava ali, talvez porque eu era um masoquista mesmo. Mas depois de poucos minutos, parei de tentar entender o que havia acontecido com ele e quem havia feito o que fez e saí dali. Estava cansado de ficar me martirizando pelo erro dos outros. Ele havia feito sua escolha e se estava ali, era porque havia feito isso consigo mesmo. Deus me perdoasse, mas ele estava apenas pagando por isso.

Depois de colocar as coisas que havia comprado para Anabella em uma bandeja, fui em direção ao seu quarto e quando estava prestes a abrir a porta, sua mãe saiu e sorriu quando me viu.

— Bom dia, querido. — Disse, me cumprimentando com um beijo no rosto.

— Bom dia, tia. Como passaram a noite? — Perguntei preocupado.

— Foi tudo ótimo. Bella não acordou depois que

você saiu. — Acariciou meu rosto, me analisando preocupada. — E você não descansou nada, não é mesmo? — Assenti, sabendo que não podia negar.

— Seu filho esteve lá em casa, ficamos até tarde conversando. E depois não consegui dormir muito. — Falei e imediatamente sua sobrancelha se ergueu.

— Théo? — Perguntou surpresa e eu neguei.

— Não. Taddeo. — Respondi e sua boca abriu em surpresa.

— Oh... Isso foi inesperado. — Falou ainda chocada e eu concordei.

— Minhas garrafas de uísque disseram o mesmo. — Ri, tentando aliviar o clima e ela sorriu.

— Isso tudo é para Bella? — Perguntou apontando para a bandeja e concordei. — Obrigada por cuidar da minha filha. Quero que saiba que apesar dos Ogros dos meus filhos terem arreventado sua cara, estou muito feliz por vocês. — Sorriu emocionada e beijei sua mão que voltou a acariciar meu rosto.

— Obrigado por isso, tia. Obrigado também, porque sei que de alguma forma, a senhora além de nos

ajudar, ainda está sendo compreensiva com tudo isso, mesmo sabendo que magoei sua filha em vários momentos desde que nossa história realmente começou. — Falei um tanto envergonhado.

— Não tem que agradecer. — Dessa vez ela sorriu de modo compreensivo. — Eu apenas sabia que vocês, e especialmente você, iriam errar no meio do caminho. — Piscou para mim. — Mas também sabia que quando chegasse o momento, as coisas seriam como devem ser. Eu realmente estou feliz por isso. Não acho que minha filha poderia ter alguém melhor para ser o pai dos meus netos. — Sem palavras, pisquei para conter as lágrimas e beijei sua testa.

Deus! Essa mulher existe?

— Não sei o que dizer. — Murmurei, ao me afastar.

— Não precisa dizer nada, querido. Apenas faça minha menina feliz. Cuide dela e do pequeno que está vindo. Eles são meus tesouros. — Falou emocionada, enquanto limpava suas lágrimas.

— Nem precisa pedir, tia. Eles são tudo para

mim. — Confessei, com a voz embargada e ela sorriu.

— Sei que sim. — Beijou meu rosto e se afastou. — Agora já que você chegou, acho que vou aproveitar para dar uma olhada nas trigêmeas. — Seu sorriso ficou enorme quando falou das netas.

— Tudo bem. Mande um beijo para elas e Steph. Espero poder vê-las em breve. — Falei, sentindo meu coração se apertar ao me lembrar delas.

— Vai sim. Tudo logo vai se resolver. — Garantiu e eu acenei com a cabeça antes de me despedir.

Fazendo um pouco de malabarismo, abri a porta do meu quarto e entrei, sentindo meu coração bater forte em meu peito. Estava louco para vê-la, beijá-la e enchê-la de carinho, de beijos. Tinha inclusive pedido para que minha secretária cancelasse meus compromissos para o restante da semana, apenas para que pudesse estar com ela. Curti-la. Tê-la em meus braços.

Fiquei surpreso em encontrá-la acordada. Anabella estava deitada na cama, quieta, pensativa e quando viu que entrei, parecia estar apenas à minha espera.

— Bom dia, meu anjo. Trouxe seu café. Tem vitaminada, pãezinhos, donuts, croissants, frutas, queijos, geleias... de tudo um pouco. Temos que alimentar nosso menino. — Falei sorridente, me aproximando da cama e colocando a bandeja em seu colo, para então beijar sua testa.

— Bom dia. Er... Obrigada. — Ela disse baixinho, antes de suspirar.

— Como passou a noite? — Perguntei, sentando-me ao seu lado, enquanto ela começava a beliscar sua bandeja.

— Bem, obrigada. — Levantei a sobrancelha com sua resposta um tanto seca.

Olhando para ela, malmente conseguia distinguir sua feição. Seu rosto tão lindo, angelical, sempre tão sorridente, parecia neutro agora e eu não gostei de não vê-la radiante como sempre. Seus olhos também pareciam mais escuros e cansados. Nada tão brilhante como de costume e isso fez com que de repente eu sentisse um frio dentro de mim.

Fechei meus olhos, tentando desesperadamente

ignorar o sentimento de vazio que se formou, enchendo-me rapidamente de dúvidas e inseguranças. Eu estava parecendo uma mulherzinha. Tudo bem que nós dois tínhamos que conversar, mas estava tudo bem conosco, não? Nós estávamos felizes pela sua gravidez e tínhamos compartilhado um momento único vendo nosso filho ontem.

Não tinha que me preocupar, certo, Igor?

Balancei minha cabeça ferozmente, tentando enviar para longe a pontada de dor de cabeça que senti e a tensão sobre meus ombros. Tudo tinha que estar bem. Tudo ficaria bem.

— Está tudo bem? — Perguntei, porque não aguentava mais seu silêncio.

— Na verdade, não. — Ela respondeu finalmente, com a voz tão baixa que cheguei a achar que estava imaginando isso. — Não se preocupe, estou bem fisicamente. Mas eu acho que existem coisas que precisam ser resolvidas e não podemos ignorá-las.

— Tudo bem. O que houve? Vamos resolver o que quer que seja. — Garanti.

— Nós dois, Igor. Não podemos fingir que nada nos aconteceu. — Falou, sem olhar para mim.

— Sei que sim, anjo. — Tentei segurar sua mão, mas ela se afastou. — Eu disse a você que vamos resolver. — Voltei a insistir e ela balançou a cabeça.

— Eu não acho que será assim. — Suspirou, antes de finalmente seus olhos se encontrarem com os meus e quando isso aconteceu, não gostei do que vi ali. — O quero te dizer, é que não vou me casar com você.



capítulo 14

UNINDO FORÇAS...

Anabela

Ainda estava olhando para a cara chocada de Igor depois do que eu havia acabado de dizer. Nunca pensei que um dia lhe diria “não”, especialmente quando eu não estava esperando que nos casássemos um dia realmente, mas era exatamente isso que havia acabado de fazer. Dizer “não” para o homem que sempre sonhei. Eu apenas não

podia levar isso adiante, precisava deixar claro para ele a verdade.

Desde o momento que as palavras “casamento” saíram da boca de meu pai e ele não contestou e muito menos pareceu querer fugir, que eu não conseguia deixar de pensar sobre isso. Dei graças a Deus pelo remédio ter me ajudado a dormir, porque estava uma verdadeira pilha de nervos e não sabia se conseguiria pregar os olhos sem ajuda do medicamento.

Tudo bem que eu estava grávida, mas até agora não havia entendido por que chegaram a isso. Que acharam que o casamento era a solução para nossos problemas. Tudo bem, entendia que Igor queira estar perto do filho, mas jamais o proibiria de vê-lo. Mas no fundo, sabia que o que mais pesava nessa situação toda, era o fato de que meu pai jamais aceitaria que eu fosse mãe solteira e criasse um filho fora do casamento. Isso iria contra as “leis” da nobreza campaviana. Seria um escândalo para a sociedade que esperava apenas o melhor de nós.

E o pior disso tudo, era que Igor nem ao menos

havia me pedido em casamento. Eles apenas haviam decidido por mim, como se eu não tivesse direito a escolher e não pudesse decidir meu futuro. E por tudo isso eu estava arrasada. Era doloroso, mas eu sabia que Igor estava fazendo isso apenas porque queria fazer a coisa certa e, com certeza, porque isso também tinha um dedo de meu pai e irmãos. Não queria ser seu caso de piedade e muito menos queria que ele se casasse comigo apenas porque eu estava carregando um filho seu.

O que Igor estava pensando? Que eu me casaria com ele mesmo sabendo disso tudo?

Eu sei que ele quer me apoiar e de alguma forma me dizer que está ali por mim e pelo nosso filho. Que quer provar para si mesmo que pode ser um pai muito melhor que o seu foi para ele. Isso pouco tempo atrás me faria idealizar coisas que não existem, que ele me amava como sempre o amei, mas hoje eu sabia que não era assim. Que não dava mais para idealizar esse conto de fadas. Aprendi com meus erros que jamais seria para ele o que gostaria de ser. Eu sempre seria a irmã caçula de Théo e agora a mãe do seu filho. Eu apenas não precisava disso para

mim, especialmente nesse momento da minha vida.

Pensei em lhe falar assim que ele passou pela porta, mas quando isso aconteceu, não consegui pensar em nada, pois me surpreendi ao vê-lo trazendo consigo uma bandeja recheada de café da manhã. E quando senti o cheiro delicioso que envolveu todo o quarto, foi difícil conseguir pensar em qualquer coisa que não fosse devorar tudo.

Pensei também em esperar para conversar com ele, talvez ao menos até que saísse do hospital e chegasse em casa, mas eu acho que ele notou que algo estava errado comigo. E agora estávamos aqui e confesso, não estava gostando nada do silêncio angustiante e do olhar arrasado que via em seu rosto.

Apesar de tudo, era difícil não me perder na intensidade de seus olhos, que hoje estavam um pouco inchados e meio arroxeados. Seus lábios estavam úmidos e abertos, os pequenos cortes ali não diminuindo em nada a tentação que eles representavam em conjunto com sua linda pinta charmosa. Logo meus olhos viajaram pelo seu corpo e admirei seu peitoral esculpido, delineado pelo

jaleco na cor branca, que ele vestia por cima de uma camisa de algodão simples da mesma cor.

Lambi meus lábios, inevitavelmente pensando no que sabia estar por baixo daqueles pedaços de pano inconvenientes. Desejando passar as mãos, boca e língua em cada pedaço de pele seu que pudesse e depois montar sobre seu pau majestoso, gozando como uma louca como se não houvesse amanhã.

— Anabella? — Igor chama meu nome e eu acordo dos meus devaneios loucos, encontrando-o preocupado, enquanto olhava para mim.

Oh Deus! Eu apenas lhe dispenso e ainda assim estou aqui fantasiando fazer coisas loucas com ele?

— Er... Desculpa, eu só me distraí. — Balancei a cabeça tentando colocar a mesma no lugar, sentindo meu rosto queimar de vergonha.

— Eu lhe perguntei o motivo de você estar falando sobre isso, anjo. Por que você disse que não quer se casar? — Perguntou, extremamente sem jeito.

— Eu ouvi ontem a conversa com meu pai, Igor.
— Confessei.

— O que você acha que ouviu? — Insistiu e neguei com a cabeça.

— Ele falando sobre nos casarmos e você momento algum discordou do que ele disse. — Eu disse e Igor suspirou.

— Anjo, nós precisamos resolver nossa situação. — Falou sério e eu neguei.

— Não é assim. Você não tem obrigação de casar-se comigo apenas porque vamos ter um bebê. — Disse nervosa, não conseguindo olhar em seus olhos.

— Anjo...

— Agora não, Igor. — O cortei. — Achei que estivesse preparada para falar sobre isso, mas não estou. — Fechei os olhos e encostei a cabeça no travesseiro. — Não estou a fim de ir atrás de uma briga agora, Igor. Talvez depois de ir para casa e descansar um pouco, tentar colocar minha cabeça no lugar, eu consiga falar sobre isso. Mas não agora. Apenas não posso.

Seus lábios tremeram e por um segundo pensei que ele me diria alguma coisa, mas Igor apenas acenou com a cabeça e me deu um sorriso triste. Ele era

realmente lindo e apesar de parecer não estar nada feliz, parecia estar fazendo um esforço tremendo para não retorquir. Mas no fundo, eu queria que ele fizesse exatamente isso.

Como pude me enganar em acreditar que talvez ele realmente pudesse me amar, me querer?

Houve um tempo em que me enganei que talvez isso pudesse acontecer. Eu teria feito tudo para que isso acontecesse. E agora aqui estamos, “grávidos”, ligados para sempre por esta criança. Eu queria que ele me dissesse que realmente me amava, que colocasse um anel em meu dedo e dissesse que era apenas por me amar que estava querendo fazer isso, mas ele não disse nada disso.

Igor apenas se calou, não falou nada, porque no fundo ele sabia que eu estava certa. Porque ele nunca me amou realmente. Seu silêncio apenas terminou de destruir qualquer desejo que eu poderia ter acerca do “para sempre” que nunca vai existir entre nós. Não como casal pelo menos. Não há conto de fadas nessa história. Foi tudo fantasia. Me enganei demais querendo ser sua princesa, ou ao menos alguém que fosse o suficiente para

ficar com ele. Mas eu não podia culpá-lo por isso. Igor nunca me prometeu nada. Eu quem me joguei nessa aventura e comprei a ilusão de que ele me amaria de volta um dia.



Fui liberada do hospital logo depois e Igor insistiu para me levar em casa. Fizemos a viagem até lá praticamente em silêncio. Acho que nós dois estávamos meio que em choque ainda. E confesso, isso estava me matando. Eu poderia fingir que estava bem, mas a verdade é que estava zangada com tudo isso. Queria que fosse diferente, mas pelo visto teria de me acostumar com a situação.

Ele estacionou o carro em frente à minha casa e querendo desesperadamente sair dali, coloquei a mão na maçaneta, mas ele foi mais rápido e segurou meu braço, abortando minha saída.

— Espere. Quero te pedir uma coisa. — Falou e eu me virei para olhar para ele, suas mãos grandes voltaram ao volante, seu olhar me olhando de forma

profunda. — O que você acha de sairmos hoje para jantar? Tem algumas coisas que gostaria de conversar com você. — Sua voz soou meio insegura quando falou isso.

Fora a vez em que ele acordou do seu pesadelo, essa era a primeira vez que eu via realmente a insegurança em seu olhar. Sacudi a cabeça, tentando de alguma forma me livrar do efeito que Igor Carrara causava em mim apesar de tudo. Por mais idiota que me sentisse, ele era aquilo que me deixava mais entorpecida do que qualquer álcool que eu pudesse ingerir. Apenas precisava aprender a lidar com isso.

— O que você quer conversar? — Fiz a pergunta em um sussurro.

— Sobre nós.

— Igor...

— Apenas vamos. Podemos ir a um restaurante legal. Apenas nós dois. O que você acha? — Perguntou esperançoso e eu sabia que não conseguiria dizer não a isso.

— Tudo bem. — Aceitei, embora não soubesse se isso seria uma boa ideia nesse momento.

— Ótimo. — Suas mãos acariciaram meu rosto, seu toque delicado me fazendo fechar os olhos. — Te pego às oito. Até mais tarde, anjo.

Quando me obriguei a levantar e sair dali, minhas pernas bambearam e eu usei de toda minha força para tentar não tropeçar. Ele pode não ter dito nada demais, mas sua voz recheada de promessas foi o bastante para mexer comigo e principalmente com meu coração.

Igor

Eu era um idiota. Tudo bem, isso eu já sabia faz tempo. Mas no exato momento em que ela disse que não se casaria comigo, eu percebi o quanto estava equivocado em acertar as coisas com seu pai, antes de resolvermos nossos problemas primeiro.

A verdade é que eu havia errado desde o nosso primeiro beijo e desde então, cometi uma sucessão de erros, que apenas fizeram com que ela se afastasse e tivesse razão em não me querer mais em sua vida. No entanto, não desistiria. Eu a amava, queria ficar com ela e tinha esperanças de que ela me perdoasse depois de tudo.

Eu vi o quanto ela ficou mexida quando descobrimos que ela estava grávida. Vi o quanto ela tentou me defender, mesmo que tivesse que ficar contra seus irmãos para isso. E eu sabia que entrar em minha defesa e ir contra eles a deixou de alguma forma arrasada. Mas apesar de Anabella me amar, era óbvio que ela ainda sentia raiva, rancor e muito arrependimento por eu ter tentado nos separar por tanto tempo.

Saber recuar naquele momento que ela disse que não se casaria comigo, foi algo doloroso, mas importante para que eu conquistasse o que ela precisava agora: reconquistar sua confiança e lhe provasse que a amava. Eu tinha que fazer isso, por ela. Por mim. Por nós e pelo nosso filho.

Por mais que fosse doloroso para mim, ela estava

certa. Eu não havia ido atrás dela quando ela precisou que eu fizesse. Eu não confessei que a amava, e deveria. Não lhe contei toda verdade, porque deixei que minhas dores e cicatrizes fossem maiores do que meu amor por ela, e era mentira. Eu a amava mais do que isso para permitir que ela continuasse longe de mim. Principalmente agora.

Agora que eu sabia que meu passado apenas atrapalhava nosso futuro juntos. Então tinha certeza de que não adiantava mais fugir e muito menos fugir dele, não gastaria mais nem um dia da minha vida com arrependimentos. Faria por merecer meu amor por ela. Provaria de uma vez por todas que eu era merecedor do seu amor.

Segui rumo a minha casa, minha cabeça fervilhando de ideias sobre quais seriam meus próximos passos. No caminho, meu telefone tocou e com uma careta vi que se tratava de meu tio, que eu tentava falar desde o incidente com Gerrit.

— Alô. — Atendi, porque embora tivesse coisas mais importantes a fazer nesse momento, tinha que resolver isso também.

— *O que você quer, Igor?* — Perguntou, grosso como sempre.

— Estive tentando falar com você há dias.

— Estive ocupado. Não que seja da sua conta, mas estou em Londres à trabalho. — Diz simplesmente e eu bufo.

— Não, realmente não é da minha conta. Mas existe algo que gostaria de falar com você. Na verdade, que eu e o Rei Edward gostaríamos de falar. — Disse e ele ficou em silêncio do outro lado da linha, cheguei até a achar que havia desligado. — Evan?

— Sim. Estou ouvindo. — Diz apenas.

— Não posso falar por telefone. É um assunto delicado. Tem de ser dito pessoalmente.

— Então terão de esperar. Estou resolvendo algumas coisas. Não posso mudar meus planos para atender vossa majestade. — Diz as últimas palavras de forma irônica.

Idiota!

— Não esperava que fizesse. Só espero que venha o quanto antes. O assunto é sério. — Insisti, não querendo

entrar em detalhes.

— *Ok. Tenho que ir. Quando der, apareço.* —

Disse simplesmente, antes de desligar na minha cara.

— Babaca! — Bufei, jogando o celular sobre o banco do passageiro.

Eu realmente não gostaria de ter essa conversa com Evan. Não queria lhe dizer sobre Gerrit e muito menos sobre sua verdadeira paternidade. Eu sabia que seria um grande erro, ainda assim, por mais babaca, egoísta e prepotente que ele fosse, ele merecia a verdade. Todos mereciam.

Suspirei e fiz a manobra para estacionar assim que cheguei à mansão de Niápolis. Desliguei o carro e peguei o celular que havia jogado sobre o banco, antes de começar a discar para única pessoa que talvez pudesse me ajudar nesse momento. E felizmente, ela me atendeu no segundo toque.

— *Olá, papai.* — Steph me saudou, parecendo saber que eu a procuraria.

— Oi. É impressão minha ou você parecia saber que eu ligaria? — Disse curioso e ela riu.

— E sabia. Intuição feminina fica muito mais aguçada quando chega a maternidade. Algo popularmente conhecida como intuição materna, sabe? — Falou, sem conseguir esconder o sorriso em sua voz.

— Tudo bem. Preciso da sua ajuda. — Admito.

— *Eu sei.* — Diz arrogante, me fazendo revirar os olhos.

— Sério, Steph. As coisas estão complicadas. — Tomo uma respiração e continuo. — Anabella está magoada. Acabou de me dizer que não quer se casar.

— Oh! Isso será interessante! — diz para si mesma. — Continue.

— Nós estávamos bem, estava inclusive me preparando para contar a verdade sobre mim e ela à todos. Mas depois do seu sequestro, eu meio que surtei e achei melhor que me afastasse dela. — confessei e Steph bufou, nitidamente irritada.

— Sério. Você é um exemplo.

— Um exemplo? — perguntei confuso e ela concordou com um murmúrio.

— Sim. De Otário. Você sabe que é um idiota

completo? — acenei com a cabeça, como se ela pudesse me ver. — Apesar de você ter fodido com tudo, mais uma vez, vale ressaltar, a situação ainda pode ser contornável. Mas antes que eu lhe ajude, preciso que você me responda honestamente. Você a ama mesmo, não é? Steph me perguntou.

— Sim. Amo meu anjo mais que tudo. — respondi sem hesitar.

— Bonitas palavras. Mas é preciso que os atos lhe correspondam. Está preparado para fazer de tudo para tentar fazer com que ela te perdoe? Mesmo que para isso você tenha que abrir mão de algumas coisas e se foder no processo? — voltou a perguntar.

Dessa vez eu demorei um pouco mais para responder, ainda assim respondi com certeza:

— Então ótimo. Vou vê-la daqui a pouco e pensar em alguma coisa. Mas esteja preparado, pois do jeito que eu conheço aquela ali, a doce Anabella deixou de ser doce e agora seu anjo vai virar um pequeno diabo, pronto para te enlouquecer. — Diz me fazendo engolir em seco.

Merda! Eu sabia que ela tinha razão!

— Estou preparado para tudo. — Disse com firmeza.

— Acho bom que esteja mesmo. — Ela diz, antes de gargalhar. — Agora eu preciso ir. Tenho que voltar para as trigêmeas, pois elas estão certamente esfomeadas, porque meus peitos estão doendo a valer e não posso ficar aqui no banheiro falando com você para sempre. E eu não acho que você vá querer fazer isso também, quando tem uma gravidíssima cheia de hormônios, doida para abusar e se satisfazer de você! — Diz, me fazendo rir.

Essa era Steph!

— E Stephanne, como está Théo? — Pergunto engolindo em seco.

— *Puto e ainda quer acabar com sua linda cara.* — Meu coração se apertou com sua afirmação, minha situação com meu melhor amigo também estava me incomodando de forma absurda. — *Mas continue como está, tentando fazer sua irmã feliz, que ele logo mudará de ideia. Até porque eu estou deixando claro para ele minha torcida para vocês.*

— Obrigado. Amo você por isso e por tudo que

você fez e tem feito por nós. — Agradeço sinceramente e ela ri.

— *Quem não ama?* — Pergunta arrogantemente.

Desliguei o celular com um sorriso no rosto e uma esperança de que eu conseguiria fazer com que ela me perdoasse. E quando isso acontecesse, eu nunca mais a deixaria ir. Eu tinha que estar ao lado dela. Eu *ia* estar ao lado dela.

Não havia nenhum outro lugar para mim a não ser ao seu lado. Nós dois e nosso filho, formando nossa pequena família.

Anabela

Quando entrei em casa, ouvi vozes vindas de alguma sala, mas as ignorei e segui direto para o meu quarto. Tomei um banho relaxante e depois dele me deitei na cama, porque me sentia fisicamente incapaz de fazer qualquer coisa naquele momento. Acariciando meu ventre, enrolei-me no cobertor quente e apenas dormi.

Acordei no horário do almoço. Sabendo que não poderia me esconder ali para sempre e que realmente precisava enfrentar minha família, decidi que já estava mais do que na hora de me levantar. Poderia estar grávida e solteira, mas não tinha realmente do que me envergonhar.

Escovei os dentes, lavei o rosto e penteei o ninho de rato que meu cabelo se tornara depois de um dia sem penteá-lo. Vesti uma calça legging cinza e uma camiseta rosa. Prendi o cabelo em um coque apertado e enfiei os pés em uma sandália confortável. Eu estava longe de estar arrumada, mas nesse momento era o melhor que poderia fazer.

— Olha a nova mamãe. Descansou bastante, querida? — Vovó perguntou sentada em minha frente, enquanto tomava meu lugar e me servia do almoço.

— Sim, vó. Estava realmente cansada. — Respondi, tentando de alguma forma me esconder.

Minha mãe, como sempre preocupada, se aproximou e beijou minha testa.

— Eu já estava indo levar seu almoço na cama.

Tomou suas vitaminas hoje? — Assenti. — Ótimo. Pedi para que lhe preparassem um suco de laranja com beterraba e cenoura. — Piscou para mim e eu fiz uma careta. — Você está se sentindo bem agora depois do descanso?

— Sim, sim. Estou bem, mãe — Menti, beijando sua bochecha.

E estampando o melhor sorriso nos lábios, me virei para vovó e tia Alisson, que eram as únicas que estavam à mesa e decidi que era hora de fingir estar feliz. Eu sabia que logo elas me metralhariam com perguntas e seria difícil manter aquela pose, pois logo iria desabar.

Apesar de doces e até mesmo meio loucas, as mulheres Caravaggio eram inteligentes e perspicazes, elas sabiam de alguma forma que as coisas não estavam bem. Mas isso com certeza não seria o suficiente para parar dona Antonella.

— Sabe que estou orgulhosa? — Falou me fazendo revirar os olhos.

— Mãe. — Alisson reclama e ela apenas ignora.

— Eu estou falando sério. Dois homens lindos e

ela ainda por cima fisga uma carne nobre? Isso é algo para que possamos nos orgulhar! — Ela disse séria e eu tive que rir.

— Não é bem assim.. — Comecei, mas ela apenas me cortou:

— Claro que é. Tudo bem que ele não é o sobrenome que queríamos, mas sabemos muito bem o homem maravilhoso que ele é. — Engoli em seco. — Estou ansiosa pelo casamento! — Bateu palminhas e respirei fundo, olhando para meu prato, enquanto dizia:

— Não haverá casamento.

— O que? — A pergunta veio em uníssono.

— Não haverá casamento. — Repeti, empurrando o carço que se formou em minha garganta.

— Claro que haverá, ele pediu a seu pai. — Vovó diz sem entender e eu bufei.

— Aí que está o problema, ele pediu ao meu pai e não a mim. Aposto que Igor deve ter sido de alguma forma coagido a fazer isso. — Falei irritada. — Só que esqueceram que existe outra pessoa nessa equação e essa pessoa sou eu. E eu não vou me casar apenas porque Igor

quer ser nobre e assumir a paternidade dessa criança. Não vou casar e nem mesmo firmar um compromisso com aquele idiota por isso. — Proferi, deixando todas caladas.

— Estou ofendida. Eu achava que você tinha aprendido um pouco mais comigo, Anabella Caravaggio. — Stephanie disse, entrando em toda sua glória na sala. — Eu achei que estavam precisando de mim por aqui. — Piscou o olho e eu revirei os olhos, quando ela continuou: — Todos os homens são idiotas. Mas tem uma enorme diferença entre o idiota que faria tudo pra te ver feliz, e o idiota que só fode a sua vida. E ele, minha querida cunhada, pode ter lhe feito sofrer por ser muito burro e idiota, te fodeu bastante, literalmente, mas na verdade só errou tentando acertar.

— Eu acho que não estamos falando da mesma pessoa, Steph. — Suspirei e ela sorriu para mim.

— Ah, sim, querida, estamos sim. — Sorri novamente. — Ele ama você, Bella. Antes eu era uma das únicas pessoas que sabiam disso, mas acho que agora todos já perceberam.

— Stephanie tem razão, filha. Sei que não foi

como esperou, mas eu conheço aquele menino, ele ama você. — Minha mãe disse e voltei a me forçar a comer.

Me ama! Até parece!

— Bella, eu sei que você está magoada e que tem motivos para isso, mas a vida é curta demais para que não lhe dê novas chances. Principalmente, não adianta tentar fugir do nosso coração. — Tia Alisson disse, serenamente.

— Entendo que você se sinta assim, eu sei como é ,já estive no seu lugar.

Também lutei como Théo e um dia vi que não adiantava fugir. — Stephanne voltou a falar, se sentando ao meu lado e segurou minha mão. — Você é minha cunhadinha querida, minha irmã de coração e sofro por vê-la assim. Mas estamos ao seu lado. Todas nós te amamos e queremos vê-la feliz. Sei que você tem suas razões para não querer lhe dar mais uma chance, mas todo mundo merece uma oportunidade para fazer diferente. E acredite, ele quer fazer dessa vez.

— Exatamente, querida. — Vovó falou, me fazendo olhar para ela. — Ele não enfrentaria os Ogros

dos seus irmãos por nada. Um homem condenado à morte, não corre de volta para a guilhotina.

— Ah, tá! Por que vocês insistem em dizer que ele me ama? Me ama, claro que sim! — Disse irônica, antes de bufar.

— Ele te ama, sim, amor. Igor sempre te amou. Ele apenas demorou tempo demais para perceber isso. Mas não é tarde demais para correr atrás. — Vovó reiterou.

— Com um tempo, adquiri um dom que talvez eu não gostaria de ter. — Tia Alisson diz, me fazendo olhar atentamente para ela. — Igor é uma pessoa maravilhosa, mas que esconde de si mesmo suas dores. Eu não sei o que ele passou, mas tenho a impressão de que você saberá e entenderá em breve. O lado bom da dor é que às vezes ela acontece por uma razão. E eu acho que vocês apenas foram predestinados a ficarem juntos, porque você é o que ele precisava para curar suas dores e cada uma das suas cicatrizes. — Terminou de falar, me fazendo engolir em seco.

— E ainda assim, se fosse verdade, por que eu

continuar a insistir com alguém que apenas me magoou e só quer estar comigo, pois acha que tem obrigação de casar por ter me engravidado? — Perguntei irônica.

— Porque mulher é assim. Quando ama, ama pra caralho! Mas ainda assim, quando quer foder... Fode a vida inteira do cara. — Stephanie disse, com um sorriso sarcástico nos lábios.

— O que você quer dizer com isso? — Pergunto confusa.

— Eu quero dizer que é hora de você agir. — Deu de ombros.

— Agir?

— Sim. — Quem responde agora é vovó, e ela e Steph trocam olhares cúmplices. — Tudo bem, você já costurou uma colcha de retalhos com as desculpas esfarrapadas que ele te deu para não ficar com você. Agora é hora dele provar realmente que quer isso. Só então você vai ter certeza de que ele ama você.

— O que eu faço?

— Essa parte pode deixar com a gente. Quando foi que estive errada? — Steph perguntou e eu abri a boca

para responder, mas ela me cortou, indignada: — Vocês não aprendem o que é pergunta retórica? — Bufou, antes de continuar: — Mas grave aí: Um homem que te ama é aquele que já te viu: bêbada, chorando, sem maquiagem, vomitando, nua, falando coisas sem sentido e ainda assim te acha a melhor e mais linda de todas. Então depois de tudo, se ele ainda quiser passar o resto da vida com você, então, meu amor, esse vale a pena cada orgasmo que não teve.



capítulo 15

CASE-SE COMIGO...

Igor

No horário marcado, cheguei à Mansão dos Caravaggio. Não tinha certeza de como seria a recepção, Anabella certamente continuaria a se manter irredutível sobre o casamento, mas especialmente por parte da sua família. Ainda assim tentei não me intimidar. Sua família era o menor dos meus problemas nesse momento.

O mordomo abriu a porta para mim e após me

cumprimentar, adentrei à sala, dando de cara com Alano, com cara de poucos amigos. Taddeo também estava ali e parecia estar se divertindo com alguma piada, que no caso certamente era eu. Senti minha mão suar, mas ainda assim me esforcei a me manter firme.

— Boa noite. — os cumprimentei

— Boa noite. — Eles disseram juntos.

— Como vai, Igor? — Alano perguntou de modo sisudo.

— Bem, obrigada. — Respondi, me sentindo deslocado, como há muito tempo não me sentia naquela casa.

— Sente-se. — Ordenou e rapidamente obedeci.

— Sarah me disse que você e Anabella vão sair para jantar? — Perguntou, embora ele soubesse a resposta.

— Sim. — Respondi.

— Alguma comemoração que eu precise saber?

— Perguntou com a sobrancelha erguida e engoli em seco.

— N-não sei, as coisas estão meio complicadas.

— Admiti e ele riu, sem humor algum.

— Achei que nós dois estivéssemos nos acertado,

Igor Carrara. Pensei que soubesse exatamente os termos do nosso trato. — Minha garganta secou novamente e tive que forçar o bolo que se formou ali.

Não porque tivesse com medo dele, mas sim porque pela primeira vez na minha vida, estava inseguro quando se tratava de alguma mulher. Não que eu não soubesse que ela me amava, mas porque não sabia se o amor que Anabella sentia por mim seria mais forte do que a verdade que ela merecia saber. Fora que, apesar de não ter medo do poderoso Primeiro-Ministro, vulgo meu sogro, definitivamente me privar da presença do meu filho e da minha mulher, era a última coisa que queria para minha vida.

— Estamos acertados sim, tio Alano. — Garanti, tentando manter minha voz firme e ele me repreendeu:

— Sr. Alano para você, Dr. Igor. Enquanto não ver um anel de casamento no dedo da minha filha, não deixarei as coisas fáceis para seu lado.

Engoli em seco mais uma vez. Já havia entendido que ele definitivamente não facilitaria para o meu lado. Mas isso não era o bastante para que eu fugisse. E

Taddeo, este grandessíssimo filho da puta, parecia estar se divertindo enormemente com minha desgraça.

— Uma bebida, Igor? — Ele perguntou, ainda sem tirar o sorriso sarcástico da cara.

— Não, obrigado. — Eu disse, embora minha vontade fosse lhe esmurrar para tirar esse seu sorriso irritante.

Filha da mãe! Esse ainda me paga!

— Ah! Igor, você já chegou? — Dona Antonella adentrou a sala, com aquele seu sorriso safado de sempre. — Estava esperando por você! — Disse, seu olhar lascivo descendo pelo meu corpo.

Ai, Jesus! A avó safada de Anabella era certamente tudo que eu não precisava nesse momento!

— Boa noite, dona Antonella. Espero que a senhora esteja bem. — A cumprimento.

— Bem eu estaria se você me desse cinco minutos para explorar seu delicioso corpinho. — Disse, piscando para mim de forma safada.

Que o Senhor me defenda!

— Mamãe! — Alano a repreendeu, enquanto

Taddeo caía na gargalhada.

Filho da mãe! Hoje ele estava a fim de ver minha desgraça mesmo!

— Ah, meu filho! Deixe de ser puritano! Estou apenas jogando com ele para ver se cola. — Voltou a piscar para mim. — No entanto, sei a quem essa gostosura toda pertence. E eu achando que ela era bobinha. Minha neta é danada mesmo, hein? Puxou a avó. — Lambeu os lábios, voltando a olhar para mim de forma descarada.

Ai, Senhor!

— Mãe! — Alano a repreendeu novamente, vermelho como um pimentão, certamente envergonhado da safadeza da sua própria mãe e eu recuei, me sentindo totalmente acuado por ela.

— Não se preocupem comigo. Vim rapidinho aqui só pedir um pouquinho dele. — Disse simplesmente, estendendo um pequeno pote plástico com tampa para mim.

— Um pouquinho de mim? — Perguntei, embora não tivesse certeza se queria realmente saber o que ela queria dizer com aquilo.

— Sim. Sim. Preciso apenas que você vá ao toalete e encha esse potinho para mim com alguns meninos seus. — Falou, nos deixando cada vez mais confusos.

— Meninos?

— Sim, claro. — Revirou os olhos. — Vou ser direta, preciso que você se alivie, que preencha esse potinho com seu esperma. Pode ser?

Mas o que?

— O que é isso, mãe? Que absurdo é esse?! — Alano perguntou, enquanto eu continuava ali, esperando que isso fosse apenas uma brincadeira de mau gosto.

Ou um pesadelo. Tanto faz.

— O que? Vocês são tão caretas. — Ela bufou, antes de continuar a explicação: — Um estudo recente sobre o esperma, revelou que ele fornece o melhor tratamento para suavizar rugas e a pele. As descobertas sugerem que ele é antioxidante ou algo assim, e que a aplicação de esperma pode transformar a pele enrugada em uma pele mais jovem e impecável. Não que eu esteja velha, mas não custa nada tentar manter a cútis, não é mesmo? Eu com certeza não iria pedir para um estranho, é

nojento e anti-higiênico. Pensei em pedir a Théo, mas ele fez três de vez e não deve ter lhe restado muita coisa. Taddeo não fez um filho até hoje, acredito que seja gala rala, coitado. Então nada melhor do que experimentar este delicioso remédio eficaz, do futuro marido da minha neta, que a engravidou na primeira tacada! — Disse como se não fosse nada demais, deixando a todos ali chocados.

Eu acho que esse seria um bom momento para morrer! Adeus, vida!

— Vovó! — Anabella chegou falando, embora ainda incrédula, parecia estar achando graça da minha miséria.

— Meu Deus! Vocês são realmente muito caretas! — Revirou os olhos novamente. — Então isso quer dizer que você não vai me ceder alguns dos seus meninos? — Perguntou ainda esperançosa.

— Claro que não! — Respondi, ainda assustado, e Taddeo e Bella desataram a rir da minha cara de horror.

— Isso é triste. — Negou com a cabeça. — Eu deveria imaginar que você não cederia mesmo. Tudo bem, deixarei seus meninos quietos, afinal, Anabella pode

precisar deles. — Disse, voltando a deixar todos atônitos. — Se você mudar de ideia, apenas me avise. Será um prazer sentir na pele toda sua testosterona. — Piscou para mim, antes de sair da sala como se não tivesse me dito nada demais.

Senhor! Isso aconteceu mesmo?

— Peço desculpas pela minha vó. Você sabe, ela é assim. — Anabella disse dando de ombros e só então noto como ela está vestida.

— Não precisa pedir desculpas para ele, pequena. Se ele quer mesmo entrar para família, tem que lembrar que a Vovó é parte do pacote. — Taddeo falou, visivelmente gozando da minha cara, mas não estava olhando para ele, ainda estava olhando para sua irmã.

— Você vai vestida assim, anjo? — Perguntei, engolindo em seco.

Anabella estava usando um vestido vermelho, que estava muito mais justo e apertado do que eu gostaria. O busto rendado, com um decote extravagante, que evidenciava seus lindos seios redondos e cheios. Era curto demais para o meu gosto e colado o suficiente para

mostrar suas lindas curvas, que eu gostaria sinceramente que ela escondesse. Fora os sapatos altos, que eram vermelhos com solados da mesma cor e faziam suas pernas alvas e roliças tornarem-se um santo graal.

Seus cabelos estavam ondulados, sua maquiagem mais pesada do que de costume, o lápis e a sombra escura marcando seus lindos olhos azuis. E o batom? Meu Senhor, o batom vermelho está deixando seus lábios cheios ainda mais tentadores!

— Não entendi. — Ela disse, olhando para o próprio vestido.

— Eu acho que esse... esse vestido é curto demais, ele definitivamente mostra demais. — Eu falei apontando para ela.

— Tenho que concordar com ele. — Taddeo disse, analisando sua irmã com um olhar também nada satisfeito.

— Mas o que? Vocês por um acaso estão loucos? Eu irei com essa roupa. — Falou irritada.

— Eu acho que você deveria ouvir seu irmão e seu noivo, meu tesouro. Suba e vá trocar esse vestido. —

Seu pai quem tomou a palavra agora.

— Noivo? — Ela bufou e riu com desdém. — Eu definitivamente acho que vocês estão loucos. Vou falar mais uma vez: Eu irei com essa roupa. Quer vocês queiram ou não. — Terminou de falar enfurecida.

— Anabella, entenda, você está grávida, será uma mãe de família, não pode sair vestida assim! — Falei entre os dentes.

— Não só posso como vou. — Apertando sua bolsa contra seu corpo, ela continua: — Se você não for agora, pode apostar que vou sozinha. — Falou, antes de virar as costas e sair decidida em direção à saída.

Ainda boquiaberto, vejo-a se afastando e sei que não adiantava em nada contrariá-la, apenas segui em seu encalço, como um cachorrinho adestrado. Assim que alcançamos meu carro, abri a porta para ela e com um enorme bico, ela entrou, sentando-se no banco do passageiro. Dou a volta para sentar em meu lugar e quando estou prestes a ligar o carro, a porta do fundo se abre e olho para trás para ver Taddeo sentando no banco traseiro.

O que diabos ele estava fazendo aqui?

— O que está fazendo aqui, Taddeo? — Bella perguntou, tirando a pergunta da minha boca.

— O mesmo que vocês. Indo jantar. — Respondeu, como se fosse óbvio.

O que ele disse?

— O que?! — Eu e Bella gritamos ao mesmo tempo e ele sorriu.

— O que? Vocês achavam mesmo que eu deixaria os dois saírem sozinhos? — Negou com a cabeça, antes de ele mesmo responder: — Mas é claro que não. Você pode ter tirado a pureza da minha irmã e eu posso estar aceitando o relacionamento de vocês. Mas isso não quer dizer que vou permitir que fiquem de safadeza antes do casamento. Não mesmo. — Disse, recostando-se no banco, com as mãos atrás da cabeça, parecendo muito satisfeito consigo mesmo.

Filho da puta! Isso só podia ser brincadeira!

— Não acredito! — Bella murmurou para si mesma, parecendo muito irritada.

— Nós vamos apenas jantar. — Afirmei, tentando

manter minha voz em controle e ele sorriu de forma sarcástica.

— Eu também. Estou com fome, acho melhor irmos logo então. — Disse, me fazendo bufar, antes de me dar por vencido e dar partida no carro.

Pelo visto nosso jantar romântico havia virado um jantar romântico “à três”.

Sério. Eu mereço! Estava começando a achar que seria preso e isso não era porque pretendia colocar uma aliança em meu dedo!

Anabela

O caminho para o restaurante foi feito sem muitas palavras, o silêncio do carro sendo interrompido apenas pelo som de *MAGIC*, com Igor cantarolando Rude. E se a situação não fosse tão ridícula, eu certamente teria ficado encantada ao ouvi-lo cantar essa música, que de uma forma quase trágica, parecia combinar muito bem com nossa situação atual. Quando concordei com as mulheres

da família mais cedo em fazer Igor sofrer para provar que realmente me amava e queria realmente ficar comigo, certamente não estava esperando que nosso jantar para conversarmos teria meu irmão mais velho como companhia.

Sonso de uma figa! Quem ele achava que era?

Quando chegamos ao restaurante, o manobrista abriu a porta do carro para mim e a carranca que Igor fez quando isso aconteceu foi impagável. Quase ri, mas mantive minha cara de paisagem e fiz questão de rebolar a bunda e estufar o peito, enquanto andava e sorria para o garçom.

Fiquei feliz pela escolha do restaurante, porque ali tinha uma comida deliciosa e em outro ambiente, havia um espaço mais reservado, com uma pista de dança, onde tocavam sempre os melhores dj's da cidade. Quando a recepcionista abriu os dentes para Igor ao avistá-lo, minha vontade foi de quebra-los todinhos. Não importava que ele estivesse com a cara toda quebrada pelos meus irmãos, o filho da mãe continuava lindo e podem me

julgar, mas nesse momento achei que os machucados lhe deram um ar ainda mais sexy.

Mas apesar da raiva pela oferecida, apenas fiz a fina e enrolei meus braços na cintura de Igor, enquanto sem graça a recepcionista resolveu nos levar até a mesa onde Igor havia reservado para nós.

Descarada!

Enquanto tentava me manter sobre controle, Igor olhava para mim e quando nossos olhos se encontraram, piscou e depois me deu aquele sorriso arrasador, que causava pânico na calcinha.

Filho da mãe delicioso!

Para sorte de Taddeo e nosso azar, a mesa não era apenas para dois e isso acabou nos deixando irritados, porque acho estávamos secretamente desejando que não tivesse onde meu inconveniente irmão sentar. E como sua missão era literalmente atrapalhar nosso jantar, ele sentou-se entre nós dois, me deixando com vontade de quebrar sua cara bonita.

Sério. Eu acho que eu poderia culpar os hormônios da gravidez por isso, não?

O garçom chegou e como nós dois estávamos irritados, dispensamos a entrada e pedimos os pratos principais, logo depois a sobremesa. Nós dois malmente conseguíamos conversar, o que estava deixando Taddeo muito satisfeito consigo mesmo. Parecia que ele estava realmente adorando atrapalhar nossa noite.

Logo hoje, que eu tinha planos que incluíam aplacar o desejo louco que estava sentido?

— Boa noite. — Nossa “calmaria” foi interrompida pela voz de taquara rachada que eu conhecia muito bem.

Eva Carrara! Ah, cara! Isso seria bom!

Foi a minha vez de sorrir olhando para meu irmão, que rapidamente perdeu todo o brilho malvado em seu rosto. Seu sorriso sendo logo substituído por uma linha fina. Sua cara bonita logo tornando-se uma carranca feia.

— Boa noite, Eva. — Eu cumprimentei, sorrindo agora para ela.

Ah! Eu acho que havia acabado de ganhar a distração que eu precisava!

— Boa noite. — Igor cumprimentou sua prima, com um aceno, começando a sorrir exatamente como eu estava sorrindo.

É. Eu acho que ele havia entendido!

— Noite. — Taddeo cumprimentou de forma seca, voltando seu olhar para sua taça de vinho.

— Não quer sentar conosco, Eva? — Igor ofereceu, entrando completamente na minha e podemos ver o olhar de pânico que Taddeo fez quando ele fez o convite.

— Não precisa se incomodar. — Eva diz, nitidamente envergonhada.

— Imagina, não é incômodo algum. — Eu disse, com um sorriso enorme no rosto.

— Já que não tem problema, tudo bem. Esqueci-me de fazer reserva e como vocês podem ver, o restaurante está lotado. Já estava indo para casa quando os avistei e resolvi dar um “oi.”— Falou dando de ombros.

Sei... Sei bem o que você queria para jantar!

— Não mesmo, fique à vontade. — Igor disse,

puxando a cadeira para prima de forma cavalheira.

Quase gargalhei quando vi que a carranca do meu irmão estava ainda maior agora. Sério. Ele definitivamente não havia ficado nada feliz com a chegada da nossa convidada e não pareceu querer esconder isso em momento algum.

Bem feito! Quem manda brincar com fogo? Ou melhor, com o fogo de uma mulher grávida?

— Então, Eva. Quais as novidades? — Perguntei, tentando puxar assunto.

— Não muita. Apenas tenho tido muito trabalho. — Deu de ombros e ao meu lado ouvi Taddeo murmurar alguma coisa incompreensível.

Hum. Que ótimo! Ela estava começando a fazer seu papel!

— E como vai sua mãe? — Perguntei casualmente.

— Bem. Só um pouco preocupada. Minha tia viajou há alguns dias e não deu notícias desde então. — Respondeu inocentemente.

Nos três paralisamos quando ela terminou de

responder. Eu estava tão preocupada com a minha pequena “vingança” para Taddeo, que por um momento esqueci sobre a situação de sua tia. Lauren havia sido cúmplice de Gerrit, não apenas no sequestro de Stephanie e de minha tia Alisson, como em todos os crimes que ele cometera. As autoridades ainda não haviam notificado sua família, porque mesmo morta, seu corpo e o do pai de Lourdes e Charlie, eram de certo modo “prova do crime” e a investigação ainda corria em sigilo. Pelo que soube, a família delas só havia sido avisada, porque Lourdes estava envolvida. Ainda assim, não iriam fazer nem mesmo um velório nos próximos dias.

— É mesmo? — Igor perguntou, se mostrando interessado.

— Sim. Ela de vez em quando some em meio as suas viagens, mas dessa vez minha mãe parece mais preocupada. — Deu de ombros.

— E ela não diz para onde vai quando some assim? — Igor insistiu e eu dou um pequeno chute em sua perna, mas errei acertando meu irmão ao invés disso, que reclamou:

— Ai, Anabella! — Geme.

— Desculpe, pisei sem querer em seu pé. — Menti, fazendo com que ele bufasse e Eva nos olhasse com curiosidade, mas tentei disfarçar quando continuei a falar com ela: — Ela deve estar bem. — Menti novamente, engolindo em seco.

Droga! Odeio mentir!

— Anjo, o que você acha de uma dança? — Igor perguntou, quando viu que fiquei meio sem jeito pela mentira.

— Acho ótimo. — Respondi, aceitando a mão que ele me oferecia e saímos dali rapidamente, antes que Taddeo abrisse a boca para nos impedir.

Não me senti nem um pouco mal por deixar meu irmão sozinho na mesa com seu ex-atual-amor. Muito pelo contrário. Eu adorei. Tinha certeza que eles teriam muito o que conversar.

Rindo cúmplices, Igor e eu seguimos em direção à boate, que ficava no outro ambiente do local. Sentindo-me diferente de como me senti em qualquer outro momento em minha vida, joguei-me completamente na pista de

dança.

Igor me puxou para si, nós dois juntos no ritmo quente da melodia, enquanto o som da música alta pulsava ao nosso redor, as luzes coloridas piscavam e se movimentavam, turvando nossa visão. Eu sabia que nós dois tínhamos muito o que conversar, que as coisas ainda não haviam mudado entre nós, mesmo assim puxei-o para mim, nossos rostos colados um no outro, até que sua boca tomou a minha.

Como sempre, ele me possuiu com sua boca. Sua língua brincando e me provocando em uma dança lasciva. Igor logo começou a andar, guiando-me até a parede mais próxima, antes de me pressionar ali. Suas mãos grandes logo estavam em minha pele, deslizando de forma firme pelas minhas curvas. Sua língua em minha boca, me provocando, enquanto seu corpo grande me prendia ali e me deixava a mercê dele.

Tudo que eu queria naquele momento era me entregar. Deixar que ele fizesse o que quisesse comigo. Eu estava excitada demais para pensar nas consequências ou até mesmo no plano de descobrir se ele realmente me

amava. Naquele momento, meu desejo por ele estava tão alucinado, que nem me importei que estivéssemos em público. Nem um pouco. Eu queria mesmo era tê-lo. Estava mergulhada demais em seu gosto, em seu toque, em seu cheiro, na necessidade que parecia pulsar em mim. O resto, era apenas resto agora.

Só paramos porque alguém se esbarrou sem querer em Igor, obrigando-nos a nos afastar e nos lembrar de onde estávamos naquele momento.

— Eu acho melhor pararmos aqui. Melhor eu te levar para casa. Você estava no hospital hoje. Acho que temos que pegar leve. — Ele disse, ainda ofegante e eu concordei.

— Tudo bem. Só vou ao banheiro ajeitar meu batom e já volto. — falei.

— Tudo bem. Vou leva-la lá e esperá-la na porta.

E assim ele fez. Ainda respirando com dificuldade, adentrei no enorme banheiro e de frente ao espelho ajeitei meu cabelo e retoquei meu batom, antes de entrar na primeira cabine vazia que encontrei. Fiz meu décimo xixi da noite e quando estava preparada para sair,

ouvi vozes irritantes de fora da porta e resolvi parar para ouvir o que falavam:

— Você viu quem está aí? — Uma cacarejou.

— Vi sim. Aquela delícia do Igor Carrara e aquela tentação do Taddeo Caravaggio. — A outra respondeu, com um suspiro sonhador.

— Viu que Igor estava acompanhado com aquela irmã mais nova de Taddeo? — A primeira voltou a perguntar.

— Sim. Os dois estavam na pista de dança na maior pegação. Não acho que os irmãos Caravaggio vão aceitar isso facilmente. Mas eu também não acho que Igor tenha essa preocupação, afinal, amanhã ela certamente será mais uma mesmo. — Disse, fazendo com que a amiga desse risada.

— Exatamente. Mas sempre há a esperança de voltarmos para cama daquele pecado outra vez. Se bem que apesar de hoje Anabella estar mais “ajeitadinha”, ela é muito sem graça para ele. — Falou, terminando de esmagar meu coração.

Eu não iria ficar ali ouvindo isso. Pensei em sair

dali sem lhes dizer nada, a Anabella de antes certamente faria isso e choraria em casa, mas eu não acho que elas mereciam meu silêncio e muito menos minhas lágrimas. Por isso abri a porta e com toda elegância que eu tinha, saí caminhando até a pia entre as duas, onde coloquei minha bolsa sobre a bancada e comecei a lavar minhas mãos.

As duas pareciam sem jeito, seus olhares não desviando de mim através do espelho, sabendo que obviamente havia escutado o que haviam dito. Mas mantive meu rosto pleno e sereno.

— Oi. Algum problema? — Perguntei, abrindo meu melhor sorriso.

— Não. — Uma delas respondeu, ainda sem jeito.

— Eu acho que temos, visto que acabei de ouvir vocês falarem sobre mim e meu noivo. — Falei com um sorriso nada amigável.

— Noivo? — As duas perguntaram de forma exagerada, o que me fez sorrir.

— Sim. Eu disse noivo. Pai do meu filho! — Falei mais alto propositalmente, minha intuição me

dizendo que o aumento da minha voz, em conjunto com a minha demora, fariam com que Igor entrasse.

— O que? — Suas vozes saindo ainda mais exageradas agora.

E não deu outra, segundos depois Igor adentrava ao banheiro correndo, vindo como um louco à minha procura.

— O que houve, anjo? — Perguntou, preocupado, me fazendo sorrir.

Um beijo para minha intuição!

— Nada, amor. Só estava dizendo algumas verdades para essas duas vadias que estavam aqui dizendo merda sobre nós dois. — Falei e ele olha para as duas irritado.

— O que elas disseram? — perguntou, ainda fuzilando as duas com o olhar e eu sorri, passando a mão pela minha barriga e ele me abraçou, antes de pousar suas mãos sobre as minhas, de forma protetora.

— Elas estavam insinuando que eu era apenas mais uma em sua cama e que por ser muito sem graça, eu certamente não teria chance de repetir a dose com você.

— Falei, fazendo com que ele as olhasse com os olhos fervendo de raiva.

— Aí é que vocês se enganam. Essa aqui não tem nada de sem graça. Muito pelo contrário, ela é a mulher mais linda e deliciosa que existe. E saibam vocês, que ela é minha futura esposa e está carregando meu filho em seu ventre. — Afirmou, sem hesitar.

Muito bem! Ponto para Anabella!

— Podem espalhar essa notícia pelo galinheiro de onde vocês vieram. Eu acho que as galinhas das amigas de vocês precisam saber que esse galo aqui agora tem dona. — Eu disse, contente comigo mesmo e as duas ainda atônitas trataram de sair dali rapidinho.

Quando as duas saíram, Igor começou a gargalhar e o olhei com raiva, antes de sair irritada dali. Malmente tinha saído do banheiro quando Igor me puxou para ele e eu bati em seu peito, ainda puta da vida.

— Você se acha muito gostoso, não é, Igor Carrara? — Perguntei entre os dentes e ele ri ainda mais.

— Não. Mas você certamente acha. — Me provocou.

— Eu e toda população feminina da Campavia. — Voltei a bater em seu peito enquanto dizia. — Nós dois sabemos muito bem que você transou com todas aqui. Não precisa se preocupar em ficar comigo apenas porque estou carregando um filho seu. Não se martirize por isso. Afinal, estava bêbado e eu era a única lúcida quando você me engravidou. Ficarei bem sozinha. Tenho certeza de que você não terá nenhum problema em encontrar o galinheiro inteiro de mulheres mais do que dispostas a dar pra você tudo que quer. — Afirmiei de forma amarga e foi impossível não ver a dor em seu olhar enquanto ele olhava para mim.

— Para com isso, Bella. Eu me lembrava, mas estava tão bêbado, que achava que era apenas um sonho. — Segurou minhas mãos com firmeza quando tentei me afastar e continuou: — Pare de dizer besteira. Eu não quero ficar com você por obrigação, porque está grávida. E principalmente não quero nenhuma mulher. Não quero nenhuma outra que não seja você, Bella. Agora e sempre, meu anjo. — Disse, sem tirar os olhos de mim, me fazendo engolir em seco.

— Mentira. — Neguei com a cabeça, tentando me soltar dele.

— Pare com isso, Anjo. Vamos conversar. Viemos aqui para isso.

Eu não queria ouvi-lo dizer nada. Não queria falar. Queria continuar a insistir que estava mentindo para mim, que eu era apenas o compromisso que ele se achava na obrigação de ter, para tentar de alguma forma reparar o que havia feito e ser nobre comigo.

— Onde vocês estavam? Procurei vocês em todos os lugares. — Taddeo apareceu, com uma carranca enorme e dei graças a Deus por isso.

— Estávamos indo te procurar. Vamos embora. — Eu disse e Igor segurou meu pulso, me puxando de volta para ele. Quando vi que ele diria algo, apenas murmurei: — Por favor, não posso com isso agora.

Ele aceitou. Não sei por que, mas ele não contestou, apenas aceitou o que pedi e puxando minha mão, foi me guiando até a saída. O manobrista trouxe seu carro e ele simplesmente nos levou para casa. Eu estava frustrada, com raiva, porque estava excitada e irritada

comigo mesma. Pelo visto eu mal havia descoberto a gravidez e meus hormônios já estavam me enlouquecendo.

Jesus, me abana!

Eu havia cedido, porque estava louca e precisava dele, mas então aquelas mulheres me lembraram do porquê eu devia me manter distante do Dr. Igor Carrara. Eu sabia que estava sendo covarde e apenas fugindo da conversa que precisávamos ter, mas não acho que estava preparada. Tinha medo que meu coração se quebrasse mais uma vez.

Igor

Não sei como as coisas entre nós podem estar parecendo progredir em um momento e no instante seguinte, Anabella surta e simplesmente me repele novamente. Eu sabia que o que aquelas mulheres haviam lhe dito de alguma forma havia machucado-a, mas ainda

assim eu não tinha culpa. Tinha?

Tudo bem, talvez tivesse, porque eu tinha levado muitas mulheres para cama e elas certamente eram “mais uma” delas. Mas em minha defesa, eu nem mesmo me lembrava daquelas duas loucas. Isso deveria servir de alguma coisa, não é mesmo?

Assim que estacionei em frente à sua casa, Anabella levantou rapidamente, definitivamente louca para se ver longe de mim. Mas eu definitivamente não facilitaria para seu lado. Depois de Taddeo ter estragando meus planos para a noite, tinha muito o que pensar, pois teria de repensar os próximos passos que eu daria. Mas ainda assim, não a deixaria sair assim tão facilmente.

— Nos vemos amanhã? — Perguntei e ela assentiu, parecendo um pouco nervosa ainda.

— Aonde vamos amanhã? — Taddeo perguntou colocando a cabeça entre nós dois.

Sério? Eu poderia matá-lo? Só um pouquinho?

— Você não vai a lugar algum. Eu e Anabella sim.
— Afirmei irritado e ele riu.

— Não tenha tanta certeza disso. — Falou ainda

rindo e antes de fechar a porta do meu carro disse: — Vocês têm dois minutos para se despedir. Estarei aqui esperando.

Juro. Eu estava por um triz de quebrar esse cara!

— Então... — Ela começou, tímida.

— É. Não temos muito tempo. — Eu disse olhando pelo vidro do carro, vendo Taddeo parado com os braços cruzados, olhando para dentro do carro. — Então... — Continuei. — Essa noite definitivamente não saiu como eu havia planejado. — Admiti e Bella riu, sem humor.

— Não mesmo. Nenhum de nós estava esperando que esse mala ficasse na nossa cola. — Resmungou.

— Ele está carrancudo. — Eu disse apontando o óbvio e ela revirou os olhos.

— Cortesia da sua prima. Deus me perdoe, mas não estou me sentindo mal por isso. — Confessou, nos fazendo rir.

— Nem eu. — Concordei, ainda rindo.

— Eles têm uma “coisa” estranha. — Ela apontou

e novamente tive que concordar.

— Taddeo tenta negar, mas ele sente algo por Eva. Não posso falar por ela, mas eu não acho que ela seja tão imune assim a ele. Até porque, por mais cara de pau que ela seja, ou ao menos era com Théo, não acho que ela se sujeitaria ao desprezo e a raiva do seu irmão por nada. — Eu disse e é a vez de Anabella concordar.

— Acho que há muita coisa para eles resolverem. — Ela disse, antes de olhar para mim e eu sabia que ela não estava falando apenas deles nesse momento.

— Nós também. — Ela acena que sim, abaixando seu olhar para suas mãos. — Anabella...

— O tempo acabou, pombinhos! — Taddeo interrompeu o que eu diria, batendo no vidro do carro.

Filho da puta!

— Acho melhor eu ir. — Ela falou, incerta e eu suspirei.

— Tudo bem. Nos vemos amanhã. — Ela concordou.

Anabella lambeu seus lábios carnudos ainda pintados de vermelhos e quando olhou para minha boca,

nunca em minha vida quis tanto beijá-la e eu definitivamente não era homem de passar vontade. Por isso não falei mais nada, apenas aproveitei para roubar um beijo seu, mas quando começamos a aprofundá-lo, novamente Taddeo bateu no vidro do carro.

— Sem muito contato até o casamento! — Disse irritado e nós dois bufamos nitidamente frustrados pela sua interrupção.

Caralho de empata foda!

— Pense em mim esta noite, ok? — Eu disse, lhe dando outro beijo rápido.

— Vou pensar no seu caso. — Sorriu de forma tímida, antes de abrir a porta e seguir no encalço do mala do seu irmão.



Cheguei em casa ainda duro e fui direto para o banheiro tomar banho e me aliviar. Embaixo do chuveiro, minhas mãos sobiram e desceram apertando meu membro dolorido de tão rígido, me masturbando como um adolescente entrando na

puberdade. Nunca havia me sentido tão necessitado de alívio como estava essa noite. Eu realmente não acho que conseguirei sobreviver a isso por muito tempo.

Meus sentimentos por Anabella estavam à flor da pele. Meu coração e minha cabeça não paravam de trabalhar um segundo só pensando nela. Nossa situação estava me agonizando, me deixando angustiado. Eu sabia o que queria, mas ainda não sabia como agir, como fazer para que as coisas entre nós dois se resolvessem e conseguíssemos conversar.

Depois do banho, sai, sequei-me e fui direto para cama, sem me importar de estar completamente nu. Na verdade adorava dormir assim. Minha cabeça não parava de girar e minha vontade era de estar com ela, mas eu sabia que por ter sido tão burro e omissos, teria de trabalhar para que isso acontecesse.

O silêncio do meu quarto foi bruscamente interrompido pelo barulho da maçaneta girando e a porta se abrindo em seguida. Levantei-me assustado e quando olhei para figura pequena ali na escuridão, vi que se tratava de Anabella. Ela tirou seus sapatos e os jogou ao

chão, juntamente com sua bolsa.

Ainda em silêncio, caminhou em minha direção. Eu não sabia o que ela queria indo até ali, mas quando ela ficou de frente para mim, meus braços a puxaram para meu corpo, como se tivesse comando próprio, trazendo-a para mim.

— Donna me deixou entrar. — Explicou antes de pedir: — Não fala nada. — Apenas obedeci, vendo-a se afastar e estava prestes a protestar quando ela começou a tirar sua roupa.

Praticamente babei vendo-a tirar seu vestido e calcinha. Quando a vi descartar a calcinha minúscula ao chão, mais uma vez me bateu a lembrança sobre nossa primeira noite e me recordei da calcinha que achei no dia seguinte e perguntei-me quem era a dona. E ainda que não soubesse, a mantive guardada durante todo esse tempo.

Meu Deus! Como fui burro! Por que não apenas recordei-me de tudo antes?

Anabella parecia alheia aos meus pensamentos conflitantes e voltou a se aproximar, acariciando minhas costas, beijando meu pescoço e baixinho falou:

— Estava com desejo. Precisava vir. — Mordeu meu queixo, passando sua língua onde havia mordido. — Adoro seu gosto. Mas estava deitada em minha cama, quando me lembrei que ainda não havia provado o gosto do seu pau. Eu precisava saciar meu desejo. — Disse, me deixando completamente chocado.

Meu Deus! Quem é essa devassa e o que ela fez com meu anjo?

Eu não estava reclamando. Claro que não. Sua sinceridade apenas aumentou meu tesão e a minha vontade de tê-la. E Bella estava sendo honesta, como poucas vezes fora. Não podia deixá-la recuar, não quando ela estava vindo de tão boa vontade e tão sedenta para realizar seu desejo.

— Então sacie seu desejo. — Respondi, em um sussurro rouco.

Ela pareceu satisfeita com minha resposta e empurrou meu peito, forçando-me a deitar em minha cama. Logo senti suas mãos pelo meu peitoral. Seus lábios não demoraram a encontrar meu torso, fazendo uma trilha úmida de beijos até meu membro nu, que já estava

completamente duro por ela, pronto para que ela o saboreasse e realizasse seu desejo.

Timidamente, Anabella segurou meu membro, masturbando-o devagar e logo suas mãos foram substituídas por sua língua, que provocou a pequena abertura que já gotejava pré-sêmen. Sua boca logo o cobriu completamente, levando-o profundamente, quase encostando em sua garganta.

— Puta que pariu! — Rosnei, porque por essa eu definitivamente não estava esperando.

Anabella riu comigo ainda em sua boca, parecendo muito concentrada e determinada em saciar-me. Ela devorava-me com sofreguidão, como se estivesse faminta por meu pau em sua boca.

— Porra, Bella! Que boca deliciosa é essa? Me engole todo, vai! Caralho! — Grunhi quando ela me atendeu e levou-me ainda mais profundamente.

Minhas palavras sujas pareciam ter efeito sobre ela, pois quanto mais falava, mais ensandecida e esfomeada ela parecia estar. Era como se o que eu falasse, fizesse o anjo doce que eu amava, dar vazão ao diabo

faminto, doido para me devorar, me enlouquecer, enquanto me engolia, aumentando seu ritmo.

Anabella levou-me inteiro até o fundo da garganta e cuidadosamente massageou minhas bolas, enlouquecendo-me completamente. Ela me chupava com tanto primor, que era como se estivesse ordenhando-me.

— Porra, Anabella, onde você aprendeu isso? Esqueça! — eu mesmo me respondi rapidamente. — Não pense em me responder, porque não acho que gostarei da resposta e certamente brocharei. Deixe-me pensar que você tem esse talento natural! — Falei, mais para mim do que para ela.

Anabella não disse nada, apenas riu, satisfeita consigo mesmo, e continuou a levar-me até o fundo, sem tirar-me de sua boca. Eu estava tão louco que forcei ainda mais o quadril de encontro a ela. E ao contrário do que pensei que aconteceria, ela não se afastou, não recuou, apenas me recebeu. O que me deixou ainda mais ensandecido.

— Caralho! — Rosnei, enquanto ela voltava a me sugar, fazendo com que eu visse estrelas.

Entrei em estado completo de êxtase. Estava tão alucinado pelo boquete fenomenal que ela me proporcionava, que não consegui me segurar e muito menos tive tempo para lhe avisar que estava gozando. A porra do feitiço que ela tinha me enrolado era tão forte, que a impressão que eu tinha era de que não pararia de gozar nunca. E ela não reclamou, apenas continuou a me chupar como se quisesse mais do leitinho que estava lhe oferecendo.

Meu Deus! O que era isso?

— Vem cá, anjo. — Sentei, puxando-a para mim quando enfim consegui recuperar-me em parte do que ela havia feito comigo.

Volto a tomar sua boca, sentindo meu gosto e definitivamente isso nunca foi mais excitante antes, principalmente por sentir seu gosto misturado ao meu. Anabella parecia alucinada enquanto me beijava, esfregando sua boceta úmida em meu pau, que não havia amolecido mesmo depois de ter me feito gozar. Muito pelo contrário, já estava definitivamente pronto para fodê-la novamente. Logo penetrei-a e ela gemeu alto com a

invasão repentina, mas não recuou. Não mesmo, pois não demorei para tê-la cavalgando sobre mim, enquanto eu estocava em seu canal apertado, rápido e duramente.

— Era isso que queria vindo aqui, anjo? — Perguntei quase sem ar, fazendo-a gemer quando acelerei meus movimentos.

— Sim. Sim! — Gemeu, ensandecida, jogando sua cabeça para trás.

Ri me deliciando com seu prazer, minha boca descendo para o mamilo rosado. Uma das minhas mãos logo desceram até seu clitóris, beliscando-a com a intensidade suficiente para fazê-la gozar. Seu corpo tremeu sobre mim e aproveitei que ela estava entregue para enfiar mais dois dedos em seu canal apertado, alargando-a, deixando o bom, ainda melhor, fodendo-a com meu pau e dedos ao mesmo tempo.

Anabella gritou completamente fora de si, enquanto puxava meu cabelo. Minha boca chupava seus mamilos de forma dura, sugando-os com vontade, a ponto de ficarem doloridos. Depois de dar ao outro a mesma atenção, puxei um mamilo entre os dentes, mordendo em

seguida, fazendo-a gritar alucinada.

Ainda sem sair de dentro dela, mudei nossa posição, deitando-a com cuidado, antes de voltar a beijá-la. Sai cuidadosamente de dentro dela, descendo minha boca pelo seu corpo macio e cheiroso, trilhando beijos pela sua pele perfeita. Quando cheguei a sua barriga ainda plana, distribui beijos ali. Meu coração acelerando ainda mais, me sentindo feliz por tê-la ali comigo, por saber que ela estava carregando um filho nosso.

Não querendo mais perder um segundo, logo minha boca desceu até sua boceta, precisando provar e me deliciar com seu sabor. Segurei suas coxas bem abertas, minha boca a comendo, a chupando, sorvendo todo seu mel delicioso. Anabella rebola em meu rosto, como se precisasse de mais de mim e eu tão bondosamente dou o que minha mulher quer.

Minha... Minha mulher... Meu anjo. Minha! Só minha e de mais ninguém!

Mordi seu clitóris devagar, penetrando-a com a minha língua, brincando com seus lábios vaginais fazendo-a gritar de prazer.

— Como eu amo seu gosto. — Murmurei, sem conseguir parar de chupá-la.

Quando ela voltou a estremecer em minha boca, o resto de sua racionalidade dando lugar ao prazer que lhe proporcionava, voltei para o meio de suas pernas. Esfregando a cabeça gorda do meu membro em sua abertura molhada, provocava-a, mas ao mesmo tempo em que fazia isso com ela, torturava a mim mesmo.

Eu não disse mais nada, nossos corpos falavam por si. Entrei nela devagar dessa vez, não querendo machucá-la, querendo apenas adorá-la e lhe dar prazer. Mas meu anjo estava me saindo melhor que a encomenda, pois gulosa, Anabella logo começou a rebolar loucamente contra mim, enquanto gritava meu nome, em um gemido delirante.

— Não feche seus olhos, anjo. Preciso vê-la gozar novamente, chamando meu nome.

— I-gor... — Ela gemeu, enquanto eu continuava a fodê-la sem parar.

Meu pau entrando e saindo do seu canal apertado, ao mesmo tempo em que estava pressionando seu ponto

sensível com meu polegar. Nós dois perdidos, nos movendo em direção ao êxtase. Quando a senti vibrar ao meu redor, soube que ela estava perto e não querendo perder nada, apenas aumentei minhas estocadas, estocadas precisas, de forma quase bruta, deixando-me finalmente chegar ao orgasmo que tanto me controlei para não vir logo.

— Goza para mim, meu anjo. Goza. Goza para seu homem, vai.

Não precisei pedir novamente, com um grito agonizante Anabella gozou, trazendo consigo meu próprio orgasmo, que veio doloroso, me rasgando, me levando ao êxtase completo, enquanto derramava-me completamente dentro dela.

Exaustos, ela caiu sobre mim e com muito esforço, passei meus braços ao seu redor, não querendo soltá-la. Não querendo desgrudar do seu corpo. Precisando desesperadamente tê-la assim para sempre. Nesse momento senti a coragem que me faltava e não resisti:

— Eu te amo, anjo. Case-se comigo?



Não adiantava tentar fingir que nada estava acontecendo. Meu peito doía de forma rascante a cada segundo que passava e a impressão que eu tinha, era que meu coração estava sendo estrangulado. Que o ar me faltava. E, infelizmente, sabia qual a razão disso.

Havia se passado uma semana desde que descobrimos que Igor não apenas dormiu e tirou a honra

da minha irmã, como também a engravidou. Doeuse em mim
lhe bater. Doeuse ainda mais cada palavra proferida. O
horror em seus olhos e nos da minha irmã. O desespero de
Stephanne por tudo aquilo. Mas ninguém sabia o quanto
tudo aquilo estava rasgando meu coração por dentro.

Eu não tenho dormido desde então. Vivía em um
mal estar constante, uma dor de cabeça que não passava e
a única alegria que tinha, foi à chegada das minhas filhas
em casa, porque até mesmo minha mulher não queria nem
mesmo conversar comigo, quanto mais o resto.

Honestamente, não achei que minha atitude
perante Igor refletiria em meu casamento de alguma
maneira. Mas a verdade é que Stephanne tem me ignorado
como se eu tivesse uma doença contagiosa. Mesmo
passando o dia juntos no hospital, ficando o máximo de
tempo possível na UTIN vendo nossas princesinhas, ela
me ignorava. Em casa, ela até mesmo preferia dormir no
quarto das meninas sozinha e o trancava, como se
soubesse que eu tentaria ir até ela.

Stephanne não falava comigo, não me dirigia a
palavra, a não ser que eu lhe perguntasse algo que tivesse

a ver com as meninas. Na manhã seguinte do acontecido, ela me apareceu no café da manhã com o vestido mais justo que eu já havia visto-a usar. O maldito vestido delineava todo seu corpo delicioso e nem mesmo parecia que ela havia dado à luz há poucos dias. Muito pelo contrário, Steph havia adquirido mais curvas do que tinha antes da gravidez e isso só fez meus ciúmes aumentarem a níveis estratosféricos.

Eu sabia o que Steph queria com isso, queria me provocar. Minha vontade era rasgar sua roupa e mandá-la se vestir como a mãe de família que ela era, mas eu conhecia a esposa que tinha. Era bem capaz de ela me aparecer com uma roupa ainda mais indecente e me mandar para puta que pariu, depois, claro, de arrancar minhas bolas.

Como as meninas ficaram alguns dias na UTIN, voltávamos para casa apenas para dormir e quando menos esperava, ela já estava trancada novamente no quarto das gêmeas. E eu não podia fazer nada além de recolher meu rabinho entre as pernas e ficar rodando de um lado ao outro na cama, sem conseguir dormir.

E assim se seguiu os próximos dias. Mas hoje, como as meninas já estavam em casa, resolvi tentar surpreendê-la de alguma forma. Não estava mais aguentando essa situação e tinha que fazer alguma coisa para mudar isso. Por isso enquanto ela colocava a última das bebês para dormir, segui até o banheiro e preparei um banho, exatamente como sabia que ela gostava.

Quando Stephanie chegou ao nosso quarto, vi que estava se preparando para pegar uma roupa e fugir novamente para o quarto das meninas, mas fui mais rápido dessa vez e fui até ela. Quando vi que protestaria, pedi que ficasse quieta e a levei até o banheiro, onde velas perfumadas estavam acesas ao redor da banheira, que tinham um banho delicioso, cheio de pétalas, sais, óleos, tudo para que fosse o mais relaxante possível para ela.

Ela não disse nada e por isso a despi com cuidado, tentando controlar com toda minha força a dor que o coitado do *Alexandre* sentia. Ele estava literalmente explodindo pela ausência do seu corpo e a despi devagar, o que foi uma tortura ainda maior para mim. Ainda assim consegui com esforço hercúleo, ajudando-a em seguida a

entrar na banheira.

Sem dizer nada, ela sentou-se na banheira e fechou os olhos. Também em silêncio, tirei minhas próprias roupas e entrei na banheira indo ficar atrás dela, onde logo a encaixei em meu corpo e comecei a massageá-la. Senti que Steph queria novamente protestar, mas logo se calou quando meus dedos deslizaram nos nós de tensão do seu corpo e gemeu, fazendo esse trabalho ainda mais duro para mim e *Alexandre*.

Senhor! Seria difícil manter minha nobreza!

Minhas mãos estavam coçando, e logo desceram para seus seios, massageando-os, apertando seus bicos entumecidos, fazendo-me ainda mais duro do que pedra. Ela gemeu mais forte e eu estava ficando louco, sabia que ela ainda estava de resguardo, mas precisava senti-la de alguma forma, senão iria enlouquecer.

Sério. Se Steph ficasse viúva, a culpa seria certamente sua, pois eu jurava que estava para ter um duplo acidente vascular cerebral. A situação entre nós estava insustentável, não acho que esteja mais suportando viver dessa forma, com essa distância.

— Théo... Eu preciso de você. — Gemeu meu nome e eu estava pronto para atendê-la.

Hum. Isso foi mais fácil do que pensei!

— Diga o que você quer, meu amor. Diga tudo que você quer, que te atenderei. — Eu disse, deslizando minha mão para seu centro, massageando-o devagar com meus dedos.

— Tudo? — Ela devolveu com outra pergunta, enquanto sua mão fazia um malabarismo para apertar meu pau, que quase ejaculou, apenas por ter me tocado.

Isso aí, Alexandre! Vamos acabar com essa sofreguidão, meu amigo!

— Tudo. — Respondi entre os dentes.

— Você vai falar com Igor e pedir desculpas? — Perguntou, apertando ainda mais meu pau e eu bufei.

O que?

— Claro que não! — Rosnei, no exato momento que ela o deixou *sozinho*.

— Então não temos o que conversar! — Disse se afastando bruscamente de mim.

Ai meu caralho! Literalmente, ai meu caralho!

Que dor nos ovos!

— Você está falando mesmo sério, Stephanne? Todos esses dias não foram o suficiente? — Perguntei, fora de mim.

— E você já me viu brincar quando se trata de sexo? — Perguntou, antes de sair da banheira e depois de alcançar seu roupão, sair rebolando com sua bunda perfeita do banheiro.

— Merda! — Rosnei, quando a ouvi gargalhar e mergulhei completamente na água da banheira.

Se não a amasse como um louco, eu com certeza me arrependeria profundamente de ter jurado amor eterno a essa louca. A desgramada estava adorando isso, estava rindo da minha miséria.

Levantei rapidamente dali e enrolado em meu roupão, fui atrás daquela safada. Não permitiria que Steph continuasse a colocar uma distância entre nós dois. Mas quando cheguei ao closet, ela estava vestindo uma puta lingerie sexy e parecia estar escolhendo uma roupa.

— Aonde você vai? — Perguntei, tendo uma ligeira impressão que ela não facilitaria em nada minha

vida.

Porra de mulher teimosa!

— Minhas filhas estão saciadas e agora estão dormindo. Sua mãe disse que as olharia para mim, então não preciso me preocupar em ficar em casa. — Disse simplesmente.

Mas o que?

— Onde você pensa que vai? — Rosnei a pergunta.

— Onde eu penso não, aonde vou. — Se virou para mim com seu sorriso mais cínico, mostrando um vestido indecente no cabide. — Como não estamos nos entendendo, o melhor que a gente pode fazer é se separar. — Disse me deixando chocado.

Hã? Eu ouvi direito o que acho que ouvi?

— O que você disse? — Perguntei e a maldita me deu um sorriso de canto.

— Você pode ser um Ogro Burro, mas certamente não é surdo, Theodore. Eu disse que irei sair, curtir a noite como se não houvesse amanhã e quem sabe um *Body Shot*? Saudades dos velhos tempos. — Suspirou

teatralmente, sem tirar o sorriso dos lábios.

Foi impossível que as imagens dela fazendo exatamente isso tempos atrás não viessem em minha cabeça. Também não foi difícil me imaginar atrás das grades, depois de matar cada filho da puta que tocou no que é meu.

Eu não acho que haverá direitos de imunidade soberana e diplomática que me segurem de acabar com todo mundo!

— Acho bom você parar de loucura, Princesa. Senão eu mesmo irei parar você! — Ameacei e ela riu com vontade.

Filha da puta!

— Tente me parar, Theodore. Pode abaixar sua bola, você pode ser meu marido, mas sou maior de idade e por lei, tenho o direito de ir e vir. Por todos esses malditos dias, lhe dei espaço para pensar. Para recobrar o juízo e perceber a merda que estava fazendo. — Disse apontando o dedo para mim. — Tentei te dar espaço, porque eu sabia que ficaria magoado quando soubesse sobre os dois, mas não justifica em nada as merdas que

você falou. E ainda por cima ficar se achando o Senhor da razão!

— Ele dormiu com a minha irmã! Ele me traiu! —
Gritei, irritado. — Como você não pode entender? Ele desonrou minha irmã! Ele traiu nossa amizade!

— Sério? É isso que você considera traição? Tudo bem que você tenha ficado assustado, mas não esqueça de uma coisa: Ninguém manda no coração! — Seu tom de voz agora se suavizou e vi seus olhos encherem-se de lágrimas não derramadas. — Nós dois somos prova disso, Théo. Nós nos apaixonamos duas vezes. Nós dois, especialmente eu, lutamos contra o que sentíamos. Mas chega uma hora que não adianta mais lutar. É uma luta perdida.

Suas lágrimas escorreram ao lembrar-se de nós dois e tive vontade de ir até ela, mas me contive. Deixei apenas que ela continuasse:

— Anabella sempre foi apaixonada por ele, Théo. Você imagina o quanto ela sofreu desde que descobriu amá-lo? E Igor, que não se acha merecedor dela? Você acha mesmo que ele não sofre pelo que sente? Acha que

ele não lutou contra o que sentia?

Suas palavras me pegaram de surpresa. Eu não havia pensado nisso. Sempre vi os olhares de Anabella para Igor, mas achava que era apenas admiração e nunca sequer pensei que ela poderia admirá-lo como homem. E Igor, o quanto sua preocupação com minha irmã apenas se intensificou ao longo dos anos. O quanto ele ficou meio fora de si quando ela foi embora. Muitas vezes não conseguindo esconder quando certas coisas que diziam respeito a ela lhe incomodavam. Pensando agora sobre isso, apenas vi o quanto fui tolo, pois os sinais sempre estiveram ali, mas sequer tentei enxergá-los.

— Mas ele não podia ter feito isso. — Insisti, carrancudo.

— Isso é ridículo, Théo! — Falou indignada.

— Não quero que você entenda. Só não aceito que ele tenha feito isso comigo. E ainda por cima nas minhas costas!

— Seu Ogro, quem não entende aqui é você! Você está sendo egoísta! Está pensando apenas em você. Sei que se sente de alguma forma traído pelo seu melhor

amigo, mas não está olhando o lado deles!

— Ele não a merece! — Aponteí.

— O que você está vendo, é apenas seu melhor amigo, que é um puto como você era. Está esquecendo que não importa quem ele foi, e sim quem ele quer ser por ela.
— Apontou o dedo para mim e eu bufei.

— Isso é ridículo! Igor comeu mais mulheres que eu e Taddeo juntos. Como você quer que eu aceite que minha irmã se case com ele? Duvido que ele vá se manter fiel. Certamente a fará sofrer! — Fiquei ainda mais irritado e ela riu de forma irônica.

— Aí está o erro, meu querido marido. Não é você quem tem de aceitar e sim ela. Nós dois nunca fomos santos. Deus me perdoe, mas você sabe que tive minha cota de homens em minha vida. — Fiz uma careta quando ela disse isso, não gostava de lembrar. — Você idem. E ainda assim não deixamos o passado para trás? — Perguntou e mesmo sem querer tive de concordar. — E por que você acha que nós podemos fazer isso e eles não?

— Ainda assim. Por que logo com a minha irmã?

— Vou repetir o que acabei de dizer, Théo,

porque você parece querer se fazer de burro: Ninguém manda no coração. E veja, sua irmã é linda, doce, meiga, como ele não se apaixonaria por ela? Eu acho que você nunca percebeu ou quis reparar realmente, pois sabia que, no fundo, existia algo. Igor sempre a chamou de anjo. Para ele, ela é seu anjo. Anabella é a tranquilidade, a calma e a doçura que ele nunca teve, mas encontrou em seus braços. — Disse, deixando-me ainda mais confuso.

— Eu não entendo realmente, amor.

— Não entende porque não quer. Igor sempre teve medo de amar, porque ele nunca teve amor e Anabella mostrou isso para ele. Ele tinha medo de fazê-la sofrer e os dois sofreram por isso. Chega um momento que por mais avessos que somos, não podemos e não conseguimos mais negar nada disso, porque percebemos que só seremos inteiros se tivermos um ao outro. Foi isso que aconteceu com a gente. E foi isso que aconteceu com eles.

— Disse, com os olhos brilhando emocionados.

— Você é meu avesso, louco e perfeito, minha princesa. — Eu disse também emocionado, me aproximando dela, que não me afastou dessa vez.

— Sim. Você é minha calmaria. A minha sanidade.

— Ela beijou meus lábios de forma singela.

— Você e nossas filhas são meu mundo. —
Afirmiei, com a voz embargada.

— Eu sei que sim. — sorriu e continuou: —
Entenda. Por tanto tempo Igor correu dela, não apenas por
lealdade a você, mas porque não se achava merecedor
dela. Só que não adianta fugir, quando é para ser, será.
Chegou o momento de eles perceberem isso. Sua irmã está
grávida. Por mais que tenha sido um acidente e ele não
tenha se lembrado do que aconteceu, isso não muda o fato
de que tem uma criança vindo aí. Você não quer a mesma
coisa que nós temos para sua irmã e seu melhor amigo?
Não quer vê-los felizes? Não quer que Igor esqueça todas
as cicatrizes do passado?

Sim! Ela tinha razão!

— Sim. O que eu mais quero é que eles sejam
felizes. — Admiti e ela sorriu, emocionada.

— Então deixe que eles sejam felizes, Théo. —
Pedi e neguei com a cabeça.

— Ele me traiu! — Tentei e ela revirou os olhos.

— Pare de ser esse Ogro idiota! Igor não te traiu! O único erro dele não foi com você, mas sim consigo mesmo. Ele poderia ter lhe dito o que sentia? Podia, mas ainda assim ele escolheu fugir dela, fugir do amor que sentia por ela, porque achava que estava fazendo a coisa certa. Mas nós sabemos que não adianta, quando é para ser, fugir é apenas uma perda de tempo, porque vai chegar um momento que não tem mais para onde correr. E Igor não está mais fazendo isso. Ele iria assumir que estavam juntos, mas então aconteceu tudo aquilo comigo e sua mãe e ele novamente achou que o melhor era que não estivessem juntos. Mas viu que estava errado e no momento que soube da gravidez, lembrou de tudo que aconteceu e não hesitou nenhum momento antes de assumir sua responsabilidade. Mesmo que isso colocasse a amizade de vocês em risco.

Ela passou a mão pelo meu rosto e continuou:

— Eu ainda queria bater nele, mas então ele se colocou na frente de vocês, deu a cara a tapa e assumiu, mesmo sabendo que sairia quebrado dali. Sabe o nome disso? O nome disso é Amor. Ele foi leal. Ele foi honesto

naquele momento. Só pensou na sua família. E por mais que você tenha lhe dito todas aquelas bobagens, que magoaram os dois, você sabe que estava errado, que ele sempre foi um grande homem e que era incompreendido até por si mesmo. Caso contrário, ele nunca teria se tornado seu melhor amigo.

— Sei que sim. Mas isso não quer dizer que não tenho vontade de lhe arrebentar a cada vez que penso nele com minha irmã. — Ela riu.

— Imagino, meu Ogro. Mas quero que você pense em uma pessoa melhor para cuidar do seu doce do que Igor. — Ela não espera que eu respondesse, ela sabia a resposta.

Sim, eu confiava a minha vida e da minha família a Igor. Assim como ele esteve comigo em cada momento da minha vida e também quando soube que precisava dele para resgatar minha mulher e minha mãe das mãos do Gerrit, sabia que poderia contar sempre com ele. Assim como faria por ele, Igor também seria capaz de qualquer coisa pela minha família. Pela família que também era dele.

— Eu sei que não existe, amor. Mas eu ainda acho que preciso de um tempo. — Admiti e Steph revirou os olhos.

— Você não precisa de tempo, Théo. Você precisa abrir seu coração para eles. Sei que você ainda está meio chocado, mas sua distância não está fazendo nada bem para vocês. Anabella está se fazendo de forte, mas Igor está sofrendo nas mãos dela, porque Anabella não acredita que ele a ama realmente e acha que ele só quer estar lá por ela por causa do bebê. — Fiquei surpreso com o que ela disse. — Pois é. Ela recusou seu pedido de casamento, porque ela acha que ele só quer esse compromisso para tentar agir de forma nobre. — Ela revirou os olhos novamente. — Nesse momento Anabella precisa de todo nosso apoio. E de certa forma, sua irmã e seu melhor amigo precisam da sua aprovação, para assim se libertarem das dúvidas que os prendem.

— Por um acaso você tem alguma coisa a ver com Anabella fazendo-o sofrer? — Perguntei intrigado e ela fez uma cara ofendida, que me deu exatamente a resposta que eu esperava.

— O que? Por que eu teria?

— Por que conheço muito bem a mulher que eu tenho. E se você tem, nem que seja 1% a ver com isso, acho que já me sinto um pouco vingado. — disse, fazendo nós dois rirmos.

— Não entendi. — Falou, se fazendo de sonsa.

— Ah! Mulher! Até parece que não sei do que você é capaz! — Ela gargalhou, antes de voltar a ficar séria.

— Ele a ama. De verdade, Théo. — Assenti.

— Eu sei. Ele nos disse, olhando nos olhos.

— Você vai falar com ele? — Ela perguntou baixinho.

— Sim. — Finalmente concordei com um suspiro derrotado e ela sorriu, daquela forma linda e tão safada que eu tanto amava.

Stephanne então se afastou e quando iria protestar, ela abriu o sutiã que vestia, revelando seus seios lindos e cheios, me fazendo salivar, louco para devorá-los. E quando ela despiu-se da maldita calcinha mínima, ficando a minha frente completamente nua e apenas de saltos,

perdi completamente a linha de raciocínio.

Merda! Como vou aguentar agora?

— Assim que eu gosto, marido. Obediente. Muito bem. Agora, vem aqui que sua esposa tá carente e com saudades de *Alexandre*. Já que a *Macedônia* está impossibilitada de recebê-lo, eu tenho que consolá-lo. De preferencia de forma oral. — Falou, antes de se ajoelhar diante de mim.

Cacete! Ela era foda e eu era sortudo para caralho!



capítulo 16

SEQUESTRO...

Anabella

— Como assim fui transferida novamente? —

Perguntei, embora soubesse exatamente a resposta.

— Desculpa, Srta. Anabella. Mas o Dr. Igor informou essa manhã que você voltaria a ser sua assistente. Ah! E parabéns pelo casamento e o bebê! Todos estão comentando!

Filho da puta!

Nem esperei que ela dissesse mais nada e saí marchando diretamente para o escritório de Igor. Já haviam se passado alguns dias desde que saímos para jantar e embora tenhamos saído outras vezes, sendo inconvenientemente seguidos pelo mala do meu irmão, nada havia realmente mudado entre nós. Mas ainda assim, Igor parecia estar confortável para mudar minha vida e dizer a todos que nós iríamos casar.

Ele iria me pagar! O que ele estava pensando da vida?

Depois de invadir seu quarto, na manhã seguinte fugi dele como o diabo fuge da cruz. Estava completamente entorpecida e ainda não tinha certeza de que realmente havia escutado Igor dizer que me amava e me pedindo para casar com ele, mas eu nada disse depois disso. Nem mesmo ele.

Apenas o observei durante o resto dos dias, bancando a difícil, tentando de alguma forma me proteger novamente de ser magoada. E claro, fazê-lo pagar com o próprio veneno. Mas não acho que conseguiria me manter assim por muito tempo.

O quê? As mulheres tendem a serem idiotas quando o assunto é o cara que amam!

Nós dois ainda saímos juntos, ele sempre encontrava uma maneira de estar por perto e confesso que meio que torcia para que ficássemos sozinhos, nem que fosse por alguns minutos. E ele sempre parecia querer o mesmo.

Flores com certeza me fariam voltar para seus braços e para sua cama eu ia toda noite, mas apenas para saciar meus desejos. E não acho que ele estava reclamando disso. Ainda assim, cada dia que passava, ele dava mais provas do quanto realmente me queria em sua vida, mas ainda assim, uma parte de mim, ainda estava magoada e queria jogar mais pesado.

Assim que cheguei ao seu escritório, a secretária dele sorriu para mim e disse que ele estava em sua sala. Passei por sua mesa como se não tivesse a mínima intenção de matá-lo e depois pendurar suas bolas no retrovisor do meu carro.

Quando entrei, ele ergueu a cabeça e me cumprimentou com a maior cara de pau do mundo:

— Bom dia, meu anjo.

— Como assim voltei a ser sua assistente, Dr. Igor? — Perguntei com firmeza, os braços cruzados no peito.

Seu sorriso se alargou, sua pinta maldita tornando-se ainda mais provocadora. Ele parecia estar se divertindo com meu rompante e aquele seus dentes perfeitos, sua boca tentadora, me deixaram com ainda mais vontade de socá-lo.

Filho da mãe gostoso!

Não importava o quanto eu lutasse comigo mesma, Igor Carrara não era apenas o homem que figurava meus sonhos desde que me entendo por gente, ele era um homem lindo, a própria personificação da beleza masculina. Tudo nele era perfeito, desde seus lindos olhos castanhos, ao seu queixo proeminente e sua boca perfeitamente desenhada com aquela pinta charmosa no canto direito dos lábios.

Seu corpo também não ajudava em nada, por volta de um metro e noventa de músculos definidos e suas tatuagens misteriosas. Bastava olhar para mim e minha

calcinha molhava instintivamente. Meus lábios salivavam, doidos para que pudessem sentir seu gosto. Meu corpo se ouriçava, ansioso para sentir seu toque.

Jesus! Estava começando a ficar com pena do meu filho! Ele não tinha culpa alguma de vir ao mundo através de uma ninfomaniaca em formação!

— Preciso da minha assistente de volta, anjo. Ela me faz falta. — Ele disse cinicamente, sem conseguir tirar o sorriso da sua cara.

Ele mordeu os lábios quando seus olhos passearam sem pressa por mim. O olhar lascivo, puramente pervertido e sexual, fazendo com que eu sentisse o calor diretamente em meu centro, deixando-me molhada e ofegante.

Minha nossa! Ele nem havia me tocado e eu já estava assim?

Com seu olhar hipnotizante, sabia que se ele tentasse qualquer coisa comigo agora, estaria perdida. Completamente entregue. Igor era um filho da mãe, sabia exatamente o que me causava. E eu não queria isso. Não queria que ele fosse completamente ciente da minha

vulnerabilidade.

— Por que, Igor?

— Por que o quê? Eu já disse, minha eficiente assistente me faz falta.

— Por que continua fazendo isso? — Perguntei, cada vez mais irritada.

— Isso?

— Para, Igor! Não se faz idiota, que você não é. Você me transferiu porque me queria longe de você, mas agora simplesmente quer que eu volte a trabalhar com você? Não vou nem mencionar o fato de que todo o hospital e a mídia estão comentando “nossa gravidez e casamento”!

— E o que isso tem demais? Você negando ou não, estou apenas falando a verdade e adiantando os fatos.
— Deu de ombros.

Sério que ele ia ficar com esse joguinho?

— Igor, pare, por favor. Você sabe que não é assim. Nós não estamos noivos. E-eu... Apenas não posso lidar com isso! Não aguento você! — Murmurei, cansada.

— Pare com isso, anjo. Não se subestime. Nós

dois sabemos que você *aguenta*, sim. E todo, sem reclamar. — Ele piscou, safado.

Senhor! Minhas pernas acabaram de me abandonar!

— Igor, eu apenas preciso que você pare de agir como se fosse meu noivo, meu dono. Nós não temos nada. Você é apenas pai do meu filho. — Gritei.

Ai meu Deus. Eu acabei mesmo de gritar isso?

Igor não disse nada, apenas se levantou, vindo em minha direção. E o olhar profundo e carrancudo que ele me dava, me deu arrepios em mais de um lugar. Não sabia qual seria sua intenção, mas juro que pensei em correr, porque naquele momento eu estava me sentindo uma presa indefesa.

Instintivamente recuei, andando para trás, até estar contra a parede. Quando vi que não tinha mais para onde correr, logo seu corpo grande estava em minha frente, encurralando-me, me fazendo literalmente sua presa.

— Estou apenas lhe cercando, lhe dando seu tempo para que você perceba a verdade. Estou lhe mostrando que não adianta fugir, anjo. Não vai mais

adiantar. Você é minha e estou deixando isso claro para todos. Agora basta apenas que você entenda isso.

Eu ia gritar novamente com ele, mas seu nariz roçou em meu pescoço, inspirando meu cheiro, me provocando.

Ai minha nossa! Espere... Se segure, porra! Seja forte, Bella!

— Hum... Mas sei que você não quer realmente fugir de mim nem agora e nem nunca, anjo. Posso sentir no cheiro da sua excitação o quanto você também me quer.

Meu Deus! Isso era um teste para minha sanidade?

Balancei a cabeça, antes de tentar empurrá-lo, mas ele não se mexeu. Continuei ali, com ele me cercando, enquanto tentava me livrar do efeito que Igor Carrara me provocava.

Essa dominação sobre mim definitivamente não era justa. Não mesmo!

— Por que você quer fazer isso comigo? — Fiz a pergunta em um sussurro baixo, que temi que ele não tivesse escutado.

Seu nariz e maxilar áspero da barba por fazer, continuaram provocando minha pele, deixando-me a sua mercê. Ele estava incitando-me tão loucamente que foi impossível segurar o gemido que escapou da minha garganta.

Sua mão desceu por minha pele, logo encontrando o caminho dos meus seios. Seus dedos ágeis subiram devagar, roçando a pele sensível, aguçando meus sentidos. Meus seios ficaram pesados, esperando pelo seu toque, mas ele não veio. Apenas provocou, antes de subir até meu pescoço, deslizando seu nariz pelo meu maxilar, antes de finalmente encontrar minha boca.

Putá merda! O que diabos estava acontecendo comigo? Eu estava tão excitada que provavelmente conseguiria gozar se ele me pedisse!

Enquanto Igor me beijava, eu sabia que definitivamente não precisava de muito para que ele me tivesse derretida em suas mãos e logo em seguida me levasse ao paraíso. Ele já tinha provado esse ponto várias vezes. Inclusive duas vezes na noite passada, durante

minha fuga diária para sua casa, mais precisamente para sua cama.

Bom Deus, o que estou fazendo? Por que estou me entregando tão facilmente assim?

— Porque eu quero tudo, anjo. Quero tudo de você. Quero essa sua boca linda gemendo e gritando meu nome. Quero te enlouquecer completamente quando estiver dentro de você. Quero vê-la se contorcer quando estiver quase gozando, tremendo de prazer ao redor do meu pau. Quero você na minha casa, em minha cama, todo dia, toda noite. Quero amá-la, fodê-la a qualquer hora, até que a gente desmaie de cansaço. E quero de novo e de novo no dia seguinte, porque quero você viciada, como sou por você. Agora e sempre, meu anjo.

Ai, Deus! Assim eu não aguento!

Minha respiração falhou. Meus olhos se reviraram de prazer. Eu sabia que mais uma palavra sua, e estava na merda. Meu corpo parecia seguir seus comandos. Nesse momento nunca fui tão grata por uma parede, porque definitivamente se não fosse por ela, eu certamente teria virado uma poça no chão.

Estava prestes a lhe implorar que me tomasse, que fizesse exatamente o que estava dizendo, quando ele simplesmente se afastou.

Mas o que?

— Já que você entendeu bem o que quero, vou esperar até que você realmente me dê uma chance de conversarmos.

— Você está sendo idiota como sempre, Igor. — Eu disse irritada, quando finalmente recuperei minha voz e ele riu, sem humor algum, a raiva contida em seu olhar.

— Estou me reservando no direito de ser idiota nesse momento. Quero ser honesto. Quero ser sincero. Quero tudo. Não quero migalhas. Idiotice é continuar me mantendo longe apenas por orgulho. Idiotice é invadir a casa de alguém todas as noites, apenas para se satisfazer, anjo. — Falou entre os dentes.

Aush! Ele está puto!

— Me desculpe por isso então. Achei que você estava apreciando isso tanto quanto eu, mas pelo visto estava enganada. — Respondi amargamente.

— Não quero ser seu brinquedo, Anabella. Não

quero. Já lhe disse o que quero para mim e no dia que você me der a chance de lhe mostrar realmente, ser claro com todas as letras como me sinto por você e acabar de uma vez por todas com essa distância que está nos impondo, esse tormento acabará. Por enquanto, por mais que me doa, reservo-me no direito de me manter longe.

— Você não entendeu que tenho fugido de você, porque tenho medo do que essa conversa acarretará? — Gritei. — Não importa a necessidade constante que sinto por você, depois que você prometeu que não me magoaria mais e na primeira oportunidade fez, eu apenas não quero mais isso. Especialmente nesse momento em minha vida. Estou grávida, mas não quero carregar para o resto da vida o estigma de ser seu compromisso, sua esposa, apenas por nobreza.

Confesso que gritei as últimas palavras e o que mais me deixou puta da vida, não foi apenas o fato de ter colocado para fora como me sentia, mas sim porque quando terminei de gritar, Igor sorriu e eu o odiei ainda mais por isso.

Cachorro idiota!

— Quer dizer que você anda constantemente necessitada de mim? — Perguntou, me fazendo bufar de raiva.

— Sério que eu falei tanto e você não ouviu nada do que lhe falei? — Rosnei e ele riu.

Viro as costas, precisando respirar e caminho em direção à porta quando ouvi ele pedir novamente:

— Uma chance de falar tudo que tenho a lhe dizer, anjo.

— Tudo bem, Igor. — Suspirei derrotada, sem nem ao menos virar para olhá-lo. — Uma chance, se não for bem convincente, pode se acostumar a não me ter em sua vida, porque juro que você não me tocará mais uma vez sequer. — Avisei, antes de bater a porta e sair dali.

Quando uma pessoa diz que quer conversar com você, é porque decididamente o que ela tem a dizer não é fácil. Isso era fato comprovado e eu definitivamente não estava podendo lidar com nada disso. Estava sensível demais para enfrentar o que quer que fosse. Era egoísmo, eu sabia, mas apenas não conseguia lidar com o que quer que fosse que de alguma forma ainda me afastava dele.

E também era orgulho. Essa era a parte ruim do orgulho, pois a gente nunca sabe se está impedindo de ser trouxa ou de ser feliz. Mas ele ainda me impedia de dar mais um passo à frente. Porém estava passando da hora de deixar isso acontecer.

Eu sabia que estava arriscando alto demais. Sabia que isso não podia acabar muito bem. Mas o pior é que tinha quase certeza de que poderia acabar bem até demais. Só esperava que minha intuição não estivesse errada.



Eu não ia trabalhar pela tarde, pois finalmente a polícia havia terminado as investigações que diziam respeito à Olavo. Acho que com um dedinho ou uma mão inteira do Rei, haviam liberado o corpo do pai de Lourdes e Charlie, e por isso iríamos até seu velório. Não que eu o conhecesse, mas estaria lá para prestar minha solidariedade e apoiar minhas amigas e seus irmãos, que não tinham nada a ver com a bosta do pai que tinham e muito menos com seus erros.

Dormi boa parte da tarde, aproveitando o silêncio

e solidão, sonhando com Igor. Sim, patético, mas ele era demais para minha pessoa e eu definitivamente precisava de um pouco de folga. Porque convenhamos, não é fácil dar conta de um homem cujo corpo poderia facilmente rivalizar com o de Chris Hemsworth.

Acordei sentindo alguém acariciar meu rosto e assustada, levantei rapidamente para encontrar Théo sentado em minha cama.

— Desculpa, meu doce, não tinha intenção de te assustar. — Falou sem jeito e eu sorri por vê-lo ali.

— Tudo bem. Estava sonhando e acho que definitivamente não estava realmente esperando uma visita sua.

Não estava mesmo. Desde o dia no hospital que não via Théo. Nem mesmo falado com ele. Eu sabia que ele estava magoado e por mais que não gostasse de ficar assim com meu irmão, que isso me incomodasse sobremaneira, tinha respeitado seu espaço. Ele tampouco havia me procurado. E confesso, isso estava acabando comigo. Afinal, sempre tivemos uma excelente relação.

— Como você está? — Ele perguntou, sua timidez

atípica não deixando esconder sua preocupação.

— Bem. E você?

Ele fez uma careta quando perguntei e imaginava porque, pois Stephanie havia me dito sobre sua pequena tortura.

— A tendência é melhorar. — Suspirou. — Mas, meu doce, não estou aqui para falar sobre isso e muito menos sobre mim. Gostaria de conversar com você. — Ele disse e engoli em seco, meus olhos indo para o meu colo. — Em primeiro lugar, eu quero te pedir desculpas.

— Théo... — Tentei falar, mas ele não me deixou continuar:

— Tenho que pedir desculpas sim. Fui cego, egoísta, foi preciso tempo para que eu percebesse que não importa que ele seja meu melhor amigo e você seja minha doce irmã mais nova. O que importa realmente é a felicidade de vocês. — Sua mão acariciou meu rosto. — Sofri para caralho esses dias, meu doce. Sofri para caramba, porque todos esses dias fiquei remoendo algo que não existe, quando na verdade minha maior dor foi ter proferido cada palavra dita e a distância irracional que

coloquei entre nós. — Ele suspirou.

Alcancei sua mão, não gostando nem um pouco de ver seu sofrimento.

— Está tudo bem. — Assegurei e ele sorriu para mim, mas em seus olhos ainda parecia haver dor.

— Desde o momento em que você nasceu, tão linda, parecendo um pequeno anjo, que eu soube que minha missão de vida era amá-la e protegê-la para o resto da vida. Para mim, o fato de hoje saber que você não é minha irmã biológica, não mudou em nada meu amor por você .Jamais mudaria — .Garantiu, limpando minhas lágrimas e continuou sem jeito — .Eu não espero que você entenda minhas atitudes, só quero que saiba que na hora da mágoa, me senti traído e acabei me cegando pela minha própria ignorância. Como pude ser tão cego e insensível com vocês ?Como pude não apoiá-los, quando o que vocês mais precisaram desde aquele momento foi do meu apoio? Eu mesmo quebrei minha promessa de amá-la e protegê-la e não podia me sentir mais culpado por isso. —Ele disse, parecendo realmente inconformado por isso.

— Está tudo bem, realmente. — Garanti. — Por

mais doloroso que tenha sido, eu não esperava que você aceitasse isso tudo tão facilmente. — Uma lágrima correu pelo meu rosto. — Em parte você tem razão. Há muita coisa que nos separa.

— Como vocês estão? — Ele perguntou, tentando não parecer tão desconfortável.

— Não estamos. Nunca estivemos realmente. Ficávamos bem menos tempo que os casamentos de Kim Kardashian duravam.

— Kim o que? Isso é o nome de remédio? — Perguntou confuso e eu fui obrigada a rir.

— Não. Deixa para lá. Às vezes eu esqueço que nem todo mundo é viciado no reality show delas que nem a vovó. — Expliquei e Théo fez uma careta pensativa.

— Essa é aquela morena da *sextape* e da bunda grande? — Perguntou confuso e eu concordei. — Ah! Boa bunda e bom trabalho bocal! — Disse e fiz uma careta em resposta.

— Não vou nem me dar ao trabalho de responder. Lhe entrego apenas para a Princesa Stephanie. — Ameacei e ele levantou os braços em rendição.

— O que é isso, irmã? Estava apenas brincando. Não está mais aqui quem falou. — Disse, me fazendo rir, pois ele poderia bancar o machão, mas morria de medo da esposa.

Ele logo voltou a ficar sério e continuou:

— Esquecendo a bunda da outra. Vamos voltar ao que interessa: Dr. Igor Carrara. — Assenti, ainda sem jeito. — Nunca vou esquecer o momento em que o conheci. Era o primeiro dia de aula após o verão e Igor estava lá, ignorando todas as tentativas de amizades, ele parecia ser aquele *bad boy* que preferia ficar sozinho. Mas quando fui até ele, me oferecendo para ajudá-lo com o trabalho, ele simplesmente abriu espaço para mim em sua vida fodida. — Disse, com pesar.

— Ele sofreu muito, não é? — Perguntei o óbvio e Théo assentiu levemente.

— Sei que existem coisas que você não sabe e não sou eu quem fará isso, pois é a vida dele e cabe exclusivamente a ele te contar. Mas apesar de ter certeza de que você sabe o que vou lhe dizer, pois o conhece bem, não quero que duvide por um só segundo nem dele e muito

menos de vocês. Seria impossível que ele não se apaixonasse por você, sendo essa mulher incrível que você é, meu doce. — Disse, emocionando-me.

— Por que diz isso?

— Digo porque sei que você precisa ouvir da minha boca o que vou dizer. Além de meu melhor amigo, Igor é um cara sem precedentes. Do bem, de caráter, mesmo que os genes de sua família sejam dos piores, acho que ele e Stephanne têm os maiores corações que já vi. Eles são assim, imperfeitos, mas perfeitos para nós. Acho que os Caravaggio foram destinados a amar os Carrara. — Brincou. — Igor pode ter todos os defeitos do mundo e tem, mas de uma coisa sei: Eu não conheço uma pessoa melhor para ser seu marido e o pai do seu filho. Não conheço ninguém melhor para cuidar de vocês, que não seja ele.

As palavras do meu irmão tocaram-me profundamente, fazendo meus olhos encherem-se de lágrimas.

— Eu sempre o amei, Théo. No fundo, sempre soube que ele era muito mais do que aparentava. Que ele

era um grande cara. Igor sempre foi meu sonho de menina, meu sonho de mulher. Passei minha vida suspirando por ele, sofrendo a cada mulher que passava em seus braços, me apegando a esperança de que um dia ele veria mais em mim do que a irmã mais nova do seu melhor amigo e nós então viveríamos nosso lindo conto de fadas. — Ri sem humor algum, enquanto limpava minhas próprias lágrimas. — Tudo que sempre sonhei foi com um casamento com ele. Depois nós teríamos nossos lindos filhos e viveríamos “felizes para sempre”. E agora estou aqui, grávida de um filho seu e a verdade é que ele só quer que aconteça um casamento porque vê nesse compromisso uma obrigação de ser nobre comigo. — Quando terminei de falar, Théo balançou a cabeça, negando.

— Ele sempre te amou, Anabella. A partir do momento que viu que não adiantava mais fugir, ele entendeu isso. Mas Igor tem tantas feridas, meu doce. Ele passou por tanta coisa, que para ele foi confuso admitir esse sentimento desconhecido. Não era o fato de você ser minha irmã que o impedia de amá-la, era porque ele não queria sentir isso, não queria sofrer de novo.

Olhei para baixo novamente e neguei com a cabeça. Não queria continuar a iludir meu coração com o conto de fadas que nunca aconteceria e muito menos meu peito com esperança que não deveria mais ter.

— Eu sei que Igor tem um passado sombrio. Sei que de alguma forma isso o marcou e acredito que isso tenha a ver com seu pai. Mas ainda assim sei que ele quer fazer isso apenas por causa do nosso filho. Ele não quer ser como seu pai. Ele quer ser alguém diferente. Quer estar por mim porque se sente na obrigação de estar.

Minha constatação acabou por acabar comigo e quando vi, já estava chorando de forma incessante. Eu nem queria estar assim, sentir-me dessa forma, mas era impossível. Eu o amava apesar de tudo. Vendo o quanto eu estava fragilizada, meu irmão me puxou para seu colo e me abraçou apertado, tentando de alguma forma acalentar minhas lágrimas.

— Você está tentando enganar a si mesma, meu doce. Assim como Igor tentou se enganar que não sentia nada por você. Mas você só vai ter certeza disso, quando deixá-lo entrar. — Sorriu para mim. — Stephanie me

disse que você tem feito ele sofrer um bocadinho, não é mesmo? — Assenti envergonhada e ele soltou uma gargalhada gostosa, antes de ficar sério novamente. — Não que eu não deseje que ele pague seus pecados, mas não acha que está na hora de deixar que ele seja honesto com você? Você sabe, nós somos sua única família. E agora, vocês dois são definitivamente tudo o que ele tem na sua vida.

— Tudo bem. — Respondi, ainda agarrada a ele, embora estivesse um pouco confusa.

Théo pareceu ficar contente com minha resposta, pois me apertou com ainda mais carinho em seus braços.

— Eu te amo, irmãzinha. Nada mudou. Se pudesse, te protegeria do mundo, para que nada te magoasse. Protegeria vocês dois. — Murmurou, beijando minha cabeça e eu sorri.

— Eu sei disso. Nós também amamos você, titio. — Afirmei, fazendo com que ele me apertasse ainda mais contra ele.

Igor

Estar tão perto e ainda assim tão longe da minha mulher estava me matando. Por isso decidi que não deixaria mais que ela brincasse de não querer, enquanto ia todas as noites para minha cama. Eu sabia que Anabella me amava, que me queria, que queria ter um futuro comigo. Mas o que eu queria era que ela me desse uma

chance de provar que queria isso tudo também.

Por isso hoje havia deixado Anabella exatamente como queria. Quente, excitada e submissa. Completamente entregue. Cada vez mais pronta para mim. E porra, eu sabia que meu plano era fazê-la me dar uma chance, mas quando a vi daquele jeito, fiquei tão fora de mim de tanto desejo, que quase cedi mais uma vez para ela. Mas dessa vez, apenas dessa vez, tinha que ser mais forte que o jogo que ela tinha recomeçado.

O problema era que eu era um homem com necessidades extremas. Era realmente um tarado que imaginou mil cenas apenas com ela em minha frente. Seu cheiro doce e floral não facilitando em nada minha vida, me deixando tão louco que estava por um triz de perder a razão, pois a única coisa que conseguia pensar era em meter meu pau nela.

Eu já havia imaginado tudo que faria com Anabella ali. Deitaria ela em minha mesa, minha boca roçaria sua pele, saborearia seus seios lindos e apetitosos. Ao mesmo tempo em que minha mão deslizaria até a parte interna das coxas, afastando-as, antes de meus

dedos brincarem com suas dobras e então minha língua a tomaria. E depois de me saciar do seu sexo, penetrar-lhe-ia profundamente. E faria isso naquele exato momento, mas naquele momento a razão teve que falar mais forte que meu tesão irracional por ela.

Merda! Isso estava foda para mim! Tinha que resolver essa situação o quanto antes!

Depois de ir para casa e passar mais de meia hora em um banho frio, ao qual recusei-me a me tocar para me aliviar, estava ali agora estacionando em frente a sua casa. Antes do ocorrido mais cedo em meu escritório, havia marcado com Anabella de irmos juntos ao funeral de Olavo. Esse era o último lugar que eu gostaria de ir, mas como Anabella fazia questão de estar lá por suas amigas, era lá que eu estaria por ela.

Bati à porta e o mordomo a abriu, sem nem se dar ao trabalho de anunciar-me, antes de seguir de volta para seus afazeres. Estava me dirigindo para o sofá para esperá-la, quando então dei de cara com a última pessoa que pensei que iria encontrar ali descendo a escada: Théo.

— Tudo bom, Igor? — Perguntou e eu apenas

assenti. — Anabella está se arrumando. Eu sabia que você viria, por isso resolvi esperar. Posso falar com você por um minuto? — Voltou a perguntar e eu engoli em seco.

— Tudo bem. — Respondi, ainda surpreso por encontrá-lo.

Ele então me indicou o sofá e enquanto sentamos, olhei para meu relógio e vi que já havia se passado algum tempo e meu melhor amigo não havia me batido e nem mesmo ofendido. E pensei que talvez isso fosse um bom sinal.

— As coisas estão complicadas entre vocês? — Théo perguntou apontando o dedo para cima e sei que ele está questionando sobre sua irmã.

— Complicada é física. A biologia ainda não conseguiria explicar as mudanças que os hormônios da gravidez estão fazendo com sua irmã e comigo. — Resmunguei, enquanto ele caiu na risada.

Ok. Sem mais socos. Isso é bom, certo?

— Se eu dissesse que sinto muito, estaria mentindo, Igor. — Disse, enquanto abria os botões inferiores do seu terno exclusivo e levantei uma

sobrancelha, olhando-o.

— Então suponho que *vossa alteza* está aqui para tirar sarro da minha miséria, ou melhor, adicionar mais alguns adjetivos ao que você acha de mim? — Perguntei com amargura e seu semblante caiu.

— Não. Você pegou minha irmã, então não pode me julgar por achar engraçado que ela esteja fazendo a cortesia de estar fazendo da sua vida um inferno. — Brincou e revirei os olhos. — Eu esperei por você, porque realmente queria te pedir desculpas. Você sabe que nada daquilo que eu disse é verdade, que falei sem pensar na hora da raiva. Sei que te machuquei e apesar de naquele momento estar me sentindo traído, nunca te machucaria propositalmente. — Ele abaixou a cabeça envergonhado, parecendo querer buscar melhor as palavras. — Eu fiquei surpreso. Na verdade, você há de convir que a gravidez de Anabella foi uma surpresa para todos nós. E descobrir que você era o pai, me deixou completamente sem chão.

— Tenho certeza que sim. — Concordei.

— Mas não é só isso, acredito que apenas não

queria enxergar o que via em vocês. Não queria enxergar que a cada dia que passava, minha irmãzinha crescia mais e mais e estava se tornando uma mulher linda, decidida e que merecia ser amada, adorada. Você é meu melhor amigo. Eu te conheço. Posso ter dito tudo aquilo, mas sei que não existe alguém melhor para fazer isso do que você. E sinceramente, estou feliz que seja você quem fará isso. Como pai dessa criança, tenho certeza de que você só não será melhor que eu. — Brincou emocionado e eu sorri, ficando igualmente tocado com suas palavras.

— Eu acho que a porra dos hormônios da gravidez são contagiosos, porque nós dois estamos ficando meio gays agora. — Eu disse e nós dois rimos.

— Não duvido nada. Até porque Stephanne me deu uma canseira nos últimos dias, que minhas bolas doeram tanto que achei que elas fossem cair e eu ganharia uma boceta em seu lugar. — Confessou e eu gargalhei.

Essa era minha prima!

— Acho que estou começando a me acostumar com esse domínio. Sua irmã faz questão de deixar a faísca acesa. — Eu disse e ele fez uma careta.

— Faísca?

— Théo, você realmente não está entendendo o que sua irmã está fazendo comigo. Estou prestes a sofrer uma explosão! — Admiti, sentindo o aperto em minhas bolas apenas em pensar sobre ela.

— Informações demais. Informações demais. — Fechou os olhos e eu ri, antes de voltar a ficar sério.

— Quero te pedir desculpas por não ter lhe dito desde o começo. — Falei com sinceridade. — Não tinha coragem de assumir o que eu sentia por ela. Não quis aceitar. Não me achava digno dela. Acho que estava assustado demais por meus sentimentos por Anabella terem se transformado do dia para noite e quando me dei conta disso, ela já estava bagunçando meu mundo já bagunçado. Ela fodeu completamente com minha cabeça. — Confessei.

— Ela realmente estragou você para as outras, não é? — Théo perguntou, como sempre direto.

— A palavra que você está procurando é “fodeu”. Porque depois dela, eu entendi completamente a expressão: *depois da certa, as outras são apenas as*

outras. — Respondi, passando a mão pelos cabelos.

— Sei exatamente como você se sente. — Disse com um sorriso cúmplice. — Quando a gente entende isso, achamos que tudo fica mais fácil, mas não é verdade, só fica mais fácil quando nós nos entregamos completamente. E isso só vai acontecer quando você se abrir para ela. As coisas não darão certo enquanto houver segredos entre vocês, pois de certo modo você vai continuar a se achar indigno dela.

— Talvez não seja mesmo. — Afirmiei, minha voz se quebrando enquanto dizia isso.

— Desde quando você virou esse cara inseguro? Estou começando a ter certeza de que os hormônios da gravidez estão te contagiando! — Brincou e eu ri sem humor algum.

— Acho que ainda tenho medo do meu passado interferir no meu presente.

— Para com isso, cara. — Disse me olhando sério. — Você não pode deixar que seu passado continue a ditar as regras da sua vida. Não desista dela e do seu filho apenas por medo. Lute por eles. — Bateu em meu ombro

de forma amigável.

— Obrigado. Eu acho que estava precisando ouvir isso de você para enfim colocar uma pedra sobre isso. — Ele sorriu.

— Não tem porque agradecer. É para isso que servem os melhores amigos. — Disse, antes de puxar-me para um abraço. — Sei que fui um Ogro com você, mas eu te amo como um irmão e estou feliz por vocês. Mesmo que você tenha engravidado minha irmãzinha. — E com o olhar cerrado, ele se afastou e continuou: — Mas isso não quer dizer que eu não vá te matar se você magoá-la, seu bastardo filho de puta! — Ameaçou entre os dentes.

— Também te amo, cunhadinho. E não se preocupe sobre isso, Taddeo já deixou claro o que faria comigo caso isso acontecesse.

— Que bom que isso já ficou claro para você. — Ele disse sorrindo, parecendo muito satisfeito consigo mesmo.

É .Estava bem fodido com meus cunhados!



Théo se despediu e disse que nos veríamos mais tarde no enterro, pois mesmo contrariado, ele levaria Stephanie, que queria estar lá por sua irmã. Anabella chegou um pouco depois que ele saiu e pelo brilho em seus olhos, eu acho que meu melhor amigo também havia conversado com ela, diminuindo a nuvem que havia ali.

No caminho até o funeral, Taddeo estava como sempre ali, grudado na gente e aproveitei que o mala do meu amigo estava ali, para tentar não pensar muito no que eu faria depois que saíssemos de lá. Eu tinha um plano a seguir e não seria meu medo e muito menos meus queridos cunhados que atrapalhariam o que estava prestes a fazer.

O clima estava pesado quando chegamos. O velório não era grande, apenas a família, até porque Olavo não tinha muitos amigos. Mas ainda assim o fato dele ser um filho da puta não diminuiu em nada o fato da situação ser triste.

Precisando me sentir de alguma forma apoiado, segurei a mão de Bella e olhei ao meu redor, não querendo realmente olhar para o caixão. Queria apenas distrair meus pensamentos das lembranças que essa

situação me trazia. Eu nunca fui bom em funerais. Mesmo que já tenha enterrado quase toda minha família, ainda assim não sabia realmente como agir. Era realmente desconfortável para mim.

Anabella parecia saber como me sentia, pois não tentou se afastar, apenas continuou segurando minha mão, como se quisesse que eu sentisse que ela estava ali. Os outros filhos de Olavo estavam juntos, com exceção de Lourdes, que se mantinha um pouco afastada com o Rei e nós seguimos em sua direção depois de cumprimentá-los. O Rei Edward nos cumprimentou com um aceno, antes de pedir licença e nos deixar a sós com Lourdes, que sorriu levemente ao nos ver.

— Obrigada por virem. — Nos abraçou rapidamente.

— Meus sentimentos. — Eu falei e Lourdes assentiu.

— Eu sei que é uma pergunta ridícula, mas como você está se sentindo? — Anabella perguntou preocupada e ela sorriu, de maneira triste.

— Sabe, não sei realmente. Eu acho que deveria

me sentir péssima, mas, no entanto, não é assim que me sinto. Acredito que isso está me fazendo sentir-me culpada. — Deu de ombros.

— Você não tem que se sentir culpada por causa disso. — Murmurei, porque era a verdade. Eu definitivamente conhecia o sentimento.

— Será? Ele era meu pai apesar de tudo. — Disse com um suspiro.

— Sei que sim, mas você não é obrigada a sofrer por alguém que nunca foi um pai realmente para você. — Eu disse para ela, embora no fundo soubesse que estava querendo dizer isso para mim também.

Eu podia sentir o olhar de Anabella em mim, mas não tive coragem de olhar para ela agora. Ela também não disse nada, sabia que de certa forma Lourdes havia entendido o que eu queria dizer e essa era minha intenção, por isso apenas voltei a olhar ao meu redor.

A verdade é que por mais cruel e odiável que meu pai fosse, lembrar-me dele sempre me trazia aquela dorzinha aguda no peito, aquela culpa filha da puta gritando no ouvido. Eu não gostava de me sentir assim.

Embora ainda sofresse com a falta que minha mãe e irmãos faziam, odiava ainda sentir qualquer sentimento por aquele crápula depois de tudo.



A missa fúnebre não demorou muito. Felizmente. Estava incomodado demais para continuar ali por muito tempo. Depois de finalmente Olavo ser enterrado, havia um pequeno banquete preparado, onde as pessoas comiam alguns aperitivos enquanto conversavam. E foi nesse momento que Stephanie me deu o sinal que havíamos combinado.

Arrastando Théo e Taddeo, eu consegui exatamente a distração que precisava para tirar Anabella dali. Para podermos ficar sozinhos finalmente.

— Vamos? — Chamei, puxando-a pela mão em direção à saída.

— Para onde? — Perguntou surpresa.

— Não faça muitas perguntas. Isso é um sequestro. — Avisei, deixando-a com um olhar assustado em seu rosto.

Sim. Eu estava sequestrando-a. Ela não tinha mais como fugir de mim, havia chegado a hora da verdade!



Igor

ALGUNS ANOS ATRÁS...

Ela respirava fortemente. A sua pele estava pálida. Seus olhos não eram mais tão brilhantes. Seus cabelos não eram mais aquela cascata de cachos escuros e avermelhadas, agora haviam sido substituídos por uma careca lisa e sem um fio de cabelo sequer. Paralisei na porta daquele quarto de hospital. Meus olhos se arrastaram por todo seu corpo magro, frágil, até me

deparar com seus olhos castanhos. Castanhos exatamente como os meus.

Ela estava olhando para mim, mas apesar de seu sorriso fraco dizer o quanto estava feliz em me ver, sabia que *ela* estava sentindo dor. Eu odiava saber que *ela* sentia qualquer coisa ruim. Odiava, porque *ela* e Camille eram as únicas pessoas que realmente me enxergavam. Que me davam atenção. Que faziam com que eu me sentisse amado. E eu gostava dessa sensação.

— Igor. — *Ela* disse, com uma voz rouca e quebrada.

Não gostei de ouvir como sua voz soava agora. Muito menos de vê-la limpar suas lágrimas.

— Vem aqui, meu anjo. — Sussurrou com dificuldade, antes de estender sua mão, como se quisesse que eu alcançasse.

Eu sabia que devia ir até *ela*, mas de alguma forma ir ao seu encontro nesse momento me pareceu um tanto assustador. Forcei-me a ir em frente por sua causa e parei em frente a sua cama, apenas perto o suficiente para que sua mão pudesse me tocar. *Ela* esticou os dedos e

roçou meu braço, acarinhando-o de forma leve.

— Não tenha medo, Igor. Está tudo bem. — Murmurou, sua voz parecendo cada vez mais fraca. — Eu precisava te ver. Precisa falar com você.

Queria tocá-la, mas ao invés disso coloquei minhas mãos nos bolsos da calça do uniforme da escola, que nem mesmo havia tirado antes de vir direto para cá. Afirmei com a cabeça, sem saber como agir, *ela* então me deu um pequeno sorriso.

— Vou te fazer um pedido, meu amor. Eu sei que você pode fazê-lo, porque você já é um menino grande. O melhor deles.

Eu balancei a cabeça novamente, porque queria fazer com que *ela* se sentisse melhor, ao invés de tão cansada, desconfortável e sofrida como parecia estar agora. Queria ser seu anjo, salvá-la, como ela costumava dizer que eu fazia.

— Igor, quero que você me ouça. — *Ela* parou e respirou fundo novamente, parecendo que a dor que sentia havia aumentado e com dificuldade tentou prosseguir: — Você pode fazer algo por mim? — Perguntou e eu balancei

a cabeça de novo, concordando. — Senta aqui ao meu lado. — Pediu e eu obedeci.

Quando sentei ali, com dificuldades sua mão encontrou meu rosto e acariciou minha bochecha. Seu toque já não era mais tão quente como antes, mas ainda assim o carinho foi bem-vindo. É como se eu precisasse senti-lo. E precisava mesmo. Mas *ela* parecia tão fraca agora, que só me tocou por alguns segundos, antes de recolher sua mão. Foi então que percebi que *ela* estava tão frágil, que não conseguia mais nem mesmo sustentá-las.

— Não se esqueça que você é um menino forte e corajoso. Muito corajoso. Mas mesmo os meninos mais fortes e corajosos, podem ficar tristes. Não há problema nisso. Lembre-se que você é apenas uma criança, não é o responsável por tudo e não pode carregar o mundo nas costas. Carregue apenas o seu mundo. Seja uma criança. Seja você. — Disse, com seus olhos encobertos de lágrimas. — Mas eu também te peço para que você cuide da Camille, porque ela precisa de você. Não deixe que ela sinta minha falta. Continue sendo o anjinho dela, como

você é o meu. Ok? E não permita que deixem que você esqueça o Hector, certo? Ele também ama você, assim como nós duas amamos.

Não disse nada. Apenas balancei minha cabeça querendo desesperadamente agradá-la, mesmo que não estivesse gostando de ouvir nada disso.

— E um dia, você vai se apaixonar, anjo. Mas não por qualquer uma. Não se contente apenas com pouco. Escolha a melhor delas. Aquela garota que estará ao seu lado. Que queira cuidar de você. Que lute por você. Você saberá que é ela, quando descobrir que não pode viver sem que esteja com ela ao seu lado. E ela pode tentar fugir, mas você nunca poderá parar de lutar por ela. Nunca. Entendeu? — Acenei e *ela* respirou fundo. — Lute pela sua felicidade. Nunca pare de lutar pelo que você quer. Faça ela feliz e faça principalmente com que cada lágrima derramada por nós valha a pena. Você nunca mais ficará sozinho quando isso acontecer. E nunca... — Sua voz falhou e *ela* forçou sua respiração para prosseguir: — Nunca esqueça que onde quer que eu esteja, nunca deixarei de amar você. — Uma lágrima escorreu pelo seu

rosto quando *ela* disse isso e eu percebi que minha vista estava embaçada. — Sempre te amarei, meu pequeno anjo.

— Você não pode me deixar. Eu sei que você está se despedindo e não quero isso. — Deixei escapar, sentindo um bolo em minha garganta e um aperto em meu coração.

— Você pode achar que nunca estará pronto, querido. Mas eu te garanto que eu sempre estarei com você. Mesmo que você não possa mais me ver. — Sussurrou emocionada.

— Você está mentindo. — Neguei com a cabeça.

— Não estou, querido. Mesmo que eu esteja dormindo ou que você não possa mais olhar em meus olhos, ainda assim eu poderei ouvi-lo. Você ainda vai poder me falar sobre seus dias. Reclamar sobre os abraços apertados de Camille. E poderá dizer que me ama e que sente minha falta. E eu vou estar ouvindo tudo o que você disser e quando fizer isso, você sentirá que estou ali. Saberá que estou com você. — Prometeu.

— Não quero sentir sua falta. Preciso de você. —

Continuei a balançar a cabeça, negando.

— Eu quero estar com você, meu anjo. Não quero deixá-lo. Mas as coisas não são como queremos. Tenho que ir. Eu serei um anjinho agora. Papai do céu me chama.

— Fiz uma careta, embora as lágrimas agora fossem incessantes. Estava com raiva dela por me dizer isso.

— Você pode ser meu anjo aqui. Não precisa morrer para isso. — Disse com raiva e *ela* sorriu, alcançando minha mão, antes de apertá-la.

— Eu preciso que você me diga que posso ir. Não posso ir sem que você me diga. Prometa que você será feliz.

Eu não conseguia. Nada disso estava certo. Eu não queria que ela fosse. Por isso não poderia lhe dizer isso. Não poderia deixar que me abandonasse. Eu tentei fingir que isso não estava acontecendo, que *ela* só estaria dormindo, mas sabia que era mentira. Mas eu não tive tempo de fazer mais nada. Não tive tempo de salvá-la.

Ela havia me deixado naquela noite. Antes mesmo que pudesse lhe dizer o que ela queria.

Eu já havia decepcionado *ela*. Uma vez que *ela*

me dizia que eu era seu anjo, ainda assim não pude ajudá-la. Não pude salvá-la. Não pude impedir que ela partisse. E também não havia conseguido lhe prometer tudo que me pediu.

Então naquela noite fechei os olhos e prometi mesmo assim. Afinal, *ela* havia me dito que mesmo quando não tivesse mais aqui e falasse com *ela*, *ela* me ouviria e eu sentiria que estava ali por mim.

E eu tentei, por muito tempo tentei fazer tudo que *ela* me fez prometer, mas depois de muito acontecer, simplesmente desisti. Quebrei quase todas as promessas que fiz, fracassei. Não era nem de perto forte e muito menos corajoso. E acabei esquecendo-me principalmente da maior delas: lutar por mim mesmo.



capítulo 17

A VERDADE SOBRE ELE...

Anabela

Ainda sem entender o que de fato estava acontecendo e depois de algum tempo dirigindo, vi Igor parar o carro em frente a sua casa. Mas ele não fez nenhum movimento para sair. Em vez disso, olhou para cima, como se estivesse buscando forças para fazer isso. Depois de algum tempo, ainda sem dizer nada, ele abriu a

porta e saiu, antes de seguir até minha porta e estender a mão para que eu saísse também. Mas ao contrário do que seria o lógico a se pensar, ele não me levou para dentro da sua casa. Não, ele foi na direção contrária, nos levando até o fundo da mansão de Niápolis.

O fundo da propriedade tinha uma vista de tirar o fôlego. O pôr do Sol apenas adicionava um brilho a imensidão do mar e a beleza que o lugar possuía. Ao longe era possível ver o cemitério particular que a família Carrara possuía, onde gerações deles foram enterrados e apesar de ser meio mórbido, isso não diminuía em nada a beleza do lugar.

— Onde estamos indo? — Perguntei cada vez mais curiosa.

— Até a verdade. — Respondeu simplesmente.

Suas palavras me pegaram em cheio. Apesar de ter ansiado pelo momento de Igor me contar toda verdade sobre ele, me senti insegura e uma parte de mim não sabia se estava preparada para ouvir realmente. Igor deve ter percebido minha hesitação, porque se virando para mim, ele disse:

— Por mais difícil que seja para mim, eu sei que você merece saber sobre isso. Mesmo que tudo não acabe bem, pelo menos vou ter a certeza de que fui sincero com você, que lhe disse toda verdade. Eu não sei como você irá reagir, se vai ficar tudo bem entre nós depois disso, mas sei que isso é preciso para que a gente possa seguir em frente. Não apenas nós dois, mas até mesmo para mim. Eu preciso disso.

Assenti ainda temerosa e ele respirou fundo, antes de seguir em frente sem tirar sua mão da minha. Andamos até o final do terreno, onde havia um banco de concreto em frente à vista de tirar o fôlego do mar azul da Campavia. Mas só então depois de um tempo percebi que o banco não era a única coisa que havia ali, também haviam três lápides.

Ai, Senhor!

— Você me trouxe a um cemitério? — Perguntei chocada.

— Na verdade isso não é um cemitério realmente.
— Ele me dá um pequeno sorriso.

— Não estou entendendo. O que são então aquelas

lápides? — Perguntei e ele ficou em silêncio por um tempo, olhando para onde eu havia apontado.

Esperei que Igor voltasse a falar, pois me quebrava o coração vê-lo assim. Eu achei que talvez não fosse tão difícil que ele me dissesse a verdade, mas a dor que via em seus olhos me provavam que estava mais uma vez errada. Eu queria dizer alguma coisa, queria confortá-lo, mas algo me dizia que era melhor que não fizesse.

Era difícil não tocá-lo como eu queria. Principalmente quando ele parecia tão vulnerável e ao mesmo tempo tão sexy em seu jeans e camisa preta com as mangas dobradas. Enquanto ele perdurou seu silêncio, continuei olhando para ele, vendo o vento soprar em seu cabelo, deixando-o daquela forma bagunçada que eu tanto amava.

— Desculpe, anjo. Sabia que seria difícil, mas não sabia que seria tanto. Só preciso de um tempo. — Igor se desculpou como se estivesse com dor e eu acenei pesarosa, não querendo que ele se sentisse assim.

O nó que havia formado em meu peito apenas foi se intensificando a cada segundo que passava e ele não

dizia nada.

— Você realmente quer fazer isso? Porque nós podemos fazer isso uma outra hora. — Falei hesitante e ele negou.

— Não. — respondeu calmamente depois de alguns instantes. — Eu quero fazer isso. Eu preciso fazer isso.

Comecei a ficar cada vez mais nervosa. Querendo desesperadamente fazê-lo se sentir de alguma forma melhor. Igor parou novamente e olhou para mim. A incerteza e vulnerabilidade em sua expressão apertando ainda mais meu coração.

— Vem comigo. — chamou, antes de me puxar e em seguida parar em frente aos pequenos túmulos que haviam ali.

Naquele momento, esqueci minhas dúvidas e qualquer problemas que nós dois poderíamos ter. Eu só estava pensando no quão difícil isso era para ele. Igor novamente ficou em silêncio e seguindo seu olhar, respirei rapidamente, procurando recuperar o ar que parecia difícil agora.

As lápides estavam juntas e haviam sido feitas em mármore cinza escuro. Um anjo havia sido gravado na pedra, onde ao redor estavam seus nomes e data de falecimento. Foi então que me permiti finalmente ler o que estava escrito ali:

DAYSE MAY CARRARA

CAMILLE CARRARA

CELLESTE CARRARA

“QUOD ME NUTRIT ME DESTRUIT”

ETERNAS SAUDADES.

Oi?

— Eu nunca trouxe ninguém para vê-las. Acho que é por puro egoísmo, porque as sinto como se estivessem vivas e estivessem aqui comigo. Eu sinto tanta falta delas e perdê-las tinha sido a coisa mais difícil que enfrentei na vida. Até experimentar a sensação de perder você. — Disse, fazendo com que minhas primeiras lágrimas

escorrerem.

— Quem é Celleste? — Perguntei confusa, mas ainda assim temerosa, porque eu realmente não conhecia nenhuma pessoa da sua família com esse nome.

Ao contrário do que esperei, ele sorriu com a minha pergunta, embora sem humor algum.

— Celleste era minha irmã. Gêmea de Camille. — Respondeu, voltando seus olhos da lápide e eu levei minha mão à boca chocada.

Como assim? Irmã gêmea? Eu nunca soube que ele tinha uma outra irmã além de Camille!

Eu ainda não estava conseguindo assimilar essa nova informação. A família Carrara apesar de ser mais fechada, eram da nobreza e conseqüentemente por isso, estavam sempre sob os holofotes da mídia. Todos comentavam sobre o sério Heitor Carrara, até então Barão de Niápolis, sua esposa, Dayse, a dama perfeita e a linda jovem filha deles, que tinha inúmeros pretendentes, incluindo príncipes de outros reinos.

Mas então existia Celleste. Isso apenas não fazia sentido para mim. A primeira coisa que pensei foi que

provavelmente Celleste deva ter morrido quando ainda era muito pequena. No entanto, isso não explicaria porque Igor sentia sua falta, visto que ele seria muitos anos mais novo que ela, porque Camille tinha ao menos dez anos de diferença de idade e provavelmente ele não deveria ter conhecido Celleste.

Sério. Minha cabeça havia dado um nó!

— “*Quod me nutrit me destruit*”, em latim significa, “o que me nutre, também me destrói.” — Ele traduziu, sabendo que eu certamente não entendia o que estava escrito ali. — Essa frase é a mesma que tenho tatuada em meu corpo. Ela certamente nos cabe. Acho que você não deve se lembrar muito delas, na verdade você não conheceu realmente a Cel. Mas quero apresentar-lhes formalmente. Anabella, estas são meus amores. A minha mãe, Dayse. E minhas irmãs, Camille e Celleste. — Ele disse, antes de fazer uma pausa e sorrir verdadeiramente desde que chegamos ali. — Mãe, irmãs, esta é Anabella Caravaggio, o amor da minha vida. Aquele que eu não achei que encontraria, apesar de vocês dizerem que sim e a encontrei, na verdade havia encontrado há muito tempo,

pois ela sempre esteve ao meu lado.

Senti uma nova emoção me dominar e dessa vez minhas lágrimas em nada tinham a ver com dor. E sim por ouvi-lo falar em voz alta que eu era o amor da sua vida. Novas lágrimas chegaram, mas não me importei. Pela primeira vez em minha vida, Igor não apenas estava se abrindo para mim, ele também estava confessando seu amor. Aquele amor que sempre esperei um dia receber.

Parecendo perceber como me sentia, Igor envolveu seus braços em volta da minha cintura, puxando-me para ele. Logo minha cabeça encontrou o encaixe perfeito entre seu pescoço e ombro. E inspirei seu cheiro, precisando senti-lo mais e mais. Igor beijou meu cabelo, apertando-me contra ele e fiquei feliz por sentir que ele queria realmente estar ali comigo.

— Eu acho que elas ficariam felizes em te conhecer. — sussurrou, fazendo -me sorrir.

— Eu ficaria muito feliz de conhecê-las também. Na verdade estou contente de estar aqui agora. Obrigada por compartilhar isso comigo. — Falei, antes de enrolar meus braços em torno dele, agarrando-me nele, querendo

mostrar o quanto estava feliz por isso.

— Também estou feliz em compartilhar isso com vocês. — Ele voltou a me apertar em seus braços e acariciou minha barriga, antes de prosseguir: — Embora eu ainda esteja nervoso com tudo que terei de lhe contar a seguir. — Confessou e me afastei para lhe olhar nos olhos.

Todos esses anos desde a morte da sua mãe e Camille, Igor nunca havia falado sobre isso. Eu não podia sequer começar a imaginar o que ele estava pensando, o que estava sentindo. Provavelmente um pouco de tudo, pensando sobre elas e sua curta vida juntos. Ali naquela imensidão castanha havia tanta dor, que novamente me doí por ele. Eu não queria pressioná-lo. Não queria fazê-lo reviver essa dor. Mas ainda assim sabia que ele precisava disso. Na verdade, nós dois precisávamos. Por isso achei que ele precisava que lhe dissesse:

— Você não tem o que temer. Eu estou aqui. Agora e sempre, amor. — Garanti, parafraseando suas próprias palavras.

Igor engoliu em seco antes de voltar a me abraçar apertado. Novamente ali vi e senti o menino inseguro e

perdido que ele ainda era apesar de tudo. E eu sabia que toda essa insegurança e medo, de nada adiantavam. Porque não importava o que ele me dissesse, isso não mudaria nada entre nós. Ele precisava saber disso.

— Igor... — Eu falei, mas ele me cortou, fazendo-me paralisar com o que disse a seguir:

— Eu matei todos eles, anjo. Eu fui o único culpado.

Igor

Odiava lembrar-me de tudo. Odiava voltar ao passado. Odiava me lembrar de tudo que fiz. Tudo que tentei esquecer. Relembrar cada dor vivida. Mas eu precisava passar por isso, era apenas a consequência das minhas escolhas, dos meus arrependimentos. Eu precisava, mais que tudo, passar por isso para poder

deixar o passado para trás.

Estar com alguém pode parecer simples para qualquer pessoa. Não para mim, que achava que não poderia dar amor a uma mulher, quando as únicas mulheres que eu havia amado um dia estavam agora enterradas dentro de uma caixa diante de mim, pois haviam se resumido ao pó.

Sofri tanta merda nessa vida, que sofria também por elas, que eram as únicas pessoas que eu amava. Ninguém gosta de perder alguém que ama e vê-las ali, por mais que fizesse com que eu me sentisse um pouco perto delas, ainda assim me trazia o doloroso gosto amargo do arrependimento. Pois elas nunca poderiam respirar ou sorrir outra vez e eu era o único culpado por isso. Essa dor pungida seria eterna, era como um castigo pelos meus erros.

— C-como? — Anabella Gaguejou. — O que você quer dizer com isso? — Perguntou, certamente chocada com minha confissão.

Senti novamente o aperto intenso e doloroso em meu peito. A incredulidade na voz da mulher que eu

amava só me fez ainda pior do que já me sentia.

— Minha mãe casou com meu pai quando ainda era muito nova. Eu não sei dizer como, mas minha mãe se apaixonou de uma forma por Heitor, que acabou virando as costas para própria família, quando seu pai foi contra a união com o primogênito da tão mal falada família Carrara. Ela estava cega por amor. — Virei-me em seus braços para que pudesse ver seu rosto. — Ele era um monstro, Anabella. E quando ela descobriu isso, já era tarde demais. — Abaixei a cabeça, como sempre incomodado por me lembrar.

— O que houve? — Ela perguntou em um sussurro hesitante.

— Nos primeiros meses, tudo parecia perfeito. Então Hector nasceu e as coisas começaram a mudar. — Suspirei profundamente, recordando-me das suas próprias palavras.

— Hector? Quem é Hector? — Questionou, novamente confusa e não me admirei por isso, afinal, ninguém parecia lembrar-se dele. Ninguém vivo, pelo menos. A não ser eu.

— Meu irmão mais velho. — Respondi, deixando-a com a boca aberta em um “o” perfeito.

— Eu nunca soube que você tinha um irmão. — Confessou e eu ri, sem humor algum, afinal, nossa história era um sortilégio recheado de desgraças.

— Claro que não. Tudo isso porque o poderoso Barão Heitor Carrara fez questão de apagar a existência do próprio filho, como se ele não fosse nada. Se você buscar qualquer coisa sobre ele, não encontrará. — A raiva em minha voz foi impossível de não discernir.

— Eu não entendi. Como isso é possível? — Ela ainda parecia perdida.

— Acho que algumas pessoas se perguntam como Heitor e Dayse, depois de tantos anos de casados e três filhos quase crescidos, resolveram ter mais um filho. O que muita gente não sabe é que eu não nasceria, se não fosse as circunstâncias que eles viviam. — Olhei para frente, tentando diminuir as batidas incessantes do meu coração.

— Que circunstâncias? — Anabella perguntou, não por curiosidade apenas, mas como se quisesse me dar

forças para prosseguir.

— Hector havia acabado de ser expulso de casa. Alguns dias após sua partida, Camille e Celleste caíram doentes. Eles três eram muito apegados. Unha e carne mesmo. A princípio acreditaram que era apenas um resfriado, ou de tristeza por verem seu irmão longe, mas as coisas pioraram e foi quando elas tiveram que ser internadas que as coisas realmente pioraram. E depois de muitos exames elas foram diagnosticadas com leucemia. — Lhe contei, fazendo com que Anabella levasse a mão a boca, chocada.

— Oh meu Deus!

— Pois é. Suas duas filhas estavam doentes e apesar de Camille logo ter apresentado melhoras com o tratamento, Celleste não teve a mesma sorte e logo precisou intensificar a radio e a quimioterapia. Depois de um tempo, seu estado de saúde apenas piorava e os médicos disseram que a única maneira de curá-la, era através do transplante de medula óssea. O problema era o doador.

— Seu irmão foi o doador? — Perguntou com

cautela e eu neguei, sorrindo com escárnio.

— Não, Heitor não permitiu.

— Como não? Era sua filha que estava com a vida em risco! — Exclamou exaltada.

— Todos foram testados. Meu pai, minha mãe, mas todos os resultados deram negativo. Camille obviamente não podia ser doadora, ainda estava se recuperando. Hector até tentou. Tentou até mesmo visitá-las, mas nosso pai não permitiu. Ele apenas não admitia sua presença perto de ninguém da família. Dizia que ele não tinha mais filho. Que preferia morrer, ou no caso, ver a filha morrer, a permitir que ele fosse o doador.

— Mas por que isso? — Questionou em um sussurro hesitante.

É .Ela não tinha realmente noção do quão ruim Heitor era!

— Apenas porque Heitor Carrara não permitia que seu único filho homem, fosse gay. — Respondi, sem conseguir esconder a raiva em minha voz.

— Ai meu Deus! — Disse, ainda mais chocada.

Até hoje lembrar-me disso me deixava puto.

Saber que meu pai havia não apenas cortado Hector e principalmente por tê-lo impedido qualquer tentativa de salvar sua irmã, apenas porque seu filho era gay, era mais do que absurdo para se aceitar. Era ridículo. Ultrajante.

— Hector era maior de idade na época, mas as meninas não eram e minha mãe não podia responder como responsável de Celleste, pois o contrato pré-nupcial absurdo que ela havia assinado, passava a tutela de todos os seus filhos para meu pai. Ou seja, ela nem mesmo poderia fazer nada para ajudar sua filha, pois não tinha poderes para isso e ninguém iria contra ele. Como para Heitor eles não tinham opção, ele então decidiu que teriam mais um filho, para que o cordão umbilical do bebê recém-nascido fosse usado no transplante. Foi aí que eu nasci. — Resumi.

— Igor...

Anabella apertou minha mão e eu sabia que ela tinha lágrimas não derramadas, mesmo sem ter de olhar para ela. E nesse momento eu não podia fazer isso. Não conseguia.

— Felizmente o transplante foi um sucesso. Eu

havia nascido para esse propósito e ao menos pude dar isso a minha irmã. Trouxe um pouco de alívio para ela. — Engoli em seco. — E enquanto eu crescia, Heitor fazia questão de dizer a cada dia que eu era apenas indesejado naquela casa. Que ele deveria ter me matado no momento em que nasci.

— Não... Não. — Anabella murmurava, mas eu ignorava, apenas continuei, porque eu precisava:

— Eu não tive minha mãe ao meu lado, Anabella. Nem mesmo cheguei a ser amamentado, porque meu pai não permitiu que ela fizesse isso. Quando eu estava mais velho, ele confessou que achava que isso me faria ser um bebê fraco, que logo morreria por causa disso. Mas isso não aconteceu. Fui criado por babás, ele não permitia nem mesmo que minha mãe chegasse perto de mim. Vivia trancafiado em meu quarto, sem poder sair e só saía para respirar ar puro, quando ele não estava em casa.

— Isso é absurdo! — Murmurou irritada.

— Absurdo ou não, essa era a minha vida. A única atenção que eu tinha, era das minhas irmãs, que escondidas iam até meu quarto apenas para me ver.

Celleste, mesmo ainda tão frágil depois de tudo, me contava histórias, ficava comigo até que eu dormisse. E quando entendi o que significava me sentir sozinho, disse isso para as duas e Celleste costurou um pequeno anjo feito de tecido para que eu guardasse comigo, tivesse as melhores noites de sono sob a proteção do meu anjo da guarda e não me sentisse mais assim.

— Foi o anjo que você me deu no dia que te conheci. — Anabella sussurrou, ainda chorando ao se dar conta e eu assenti.

— Sim. Eu havia voltado há poucos dias para casa. Mas quando coloquei meus olhos em você, achei que você parecia um pequeno anjo. Linda, com os cabelos loirinhos e os olhos azuis mais lindos que já vi. Jamais imaginei que fosse me desfazer do presente que Celleste me fez, afinal era a única lembrança que eu tinha da minha irmã. Mas acho que naquele momento eu sabia que seria você. Só não entendia isso ainda. — Confessei e ela sorriu levemente através das suas lágrimas.

— Eu também sabia. — Confessou, com afeto em suas palavras.

Eu queria abraçá-la, trazê-la para mim, tê-la em meus braços. Mas ainda não podia fazer isso, ainda tinha muito o que lhe dizer. Fiz uma pausa, tentando recobrar minhas forças, aquele nó ainda subindo e descendo em minha garganta.

Soltei sua mão e dei um passo para frente. Ajoelhando-me sobre o chão, acariciei seus nomes e a frase que estava marcada não apenas naquela lápide, mas em minha pele. “O que me nutre, também me destrói.” Foi isso que Heitor Carrara fez com todos nós.

— Quando Heitor achou que eu era grande o suficiente para aguentar suas surras, ele começou a fazer isso a cada noite, enquanto dizia que me faria homem, ao contrário do meu irmão. Que não permitiria que eu fosse como Hector, o grande desgosto da sua vida. Eu não podia chorar, ele não permitia, porque dizia que homem não chorava e só parava de me bater quando eu já estava tão amortecido pela dor, que não conseguia derramar uma lágrima sequer.

— Ele era um monstro! — Ela disse indignada.

— Monstro é um adjetivo fraco para ele,

Anabella. Ele era o diabo em pessoa.

— Por que sua mãe não fazia nada?

— Porque ela era fraca. Ele a subjugava. Quando as surras começaram, ela ia cuidar das minhas feridas, que não eram muito superficiais e me pedia perdão, mas não fazia nada para que isso mudasse. Muitas vezes eu a odiei, mas um dia percebi que não era o único que sofria em suas mãos, ela também era violentada de forma psicológica e física. Mas nunca disse nada e até então, nem Celleste e nem Camille sabiam.

— Isso é horrível. — Ela falou com pesar e eu concordei.

— É horrível, mas é a minha vida. — Suspirei profundamente.

— Isso me dói. — Murmurou e eu levantei, indo até ela.

— Vamos sentar aqui. — A puxei até o banco que havia mandado construir ali e sentados dei-lhe um momento para absorver o que eu já havia lhe contado até agora.

— Como você aguentou isso calado? — Ela

perguntou e eu abri um pequeno sorriso.

— Quem acreditaria em um garoto que dizia sofrer nas mãos do poderoso Heitor Carrara? — Não esperei que ela respondesse, apenas respondi em seguida: — Ninguém. Apenas permaneci aguentando tudo. Conformado. Durante meus primeiros anos de escola, fui educado em casa. Dei graças a Deus quando fui mandado para o internato, meu pai disse que lá eu aprenderia a me tornar um homem como um Carrara deveria ser. Mas eu não queria ser como ele. Não queria ser como qualquer um ali. Odiava voltar para casa nas festas de finais de ano e principalmente para as férias, porque elas pareciam não ter fim. Eu contava os dias para voltar logo para a escola, porque lá eu experimentava a sensação do que era ter paz, ao contrário do que tinha em casa. Eu poderia odiar voltar para casa. Mas às vezes encontramos o conforto onde mais tememos estar e eu o encontrava no colo das minhas irmãs.

Ví seus olhos ficarem ainda mais molhados e as emoções da minha pequena confissão serem derramadas.

— Mas um dia eu tive que voltar com urgência,

porque Celleste caiu doente novamente e foi rápido demais. — Continuei, lembrando-me perfeitamente de como as coisas aconteceram.

Eu estava na escola, fui retirado da sala de aula e em pouco tempo já estava em um avião a caminho de Bellini. Ninguém da minha família veio me pegar, estava sozinho como sempre.

— Não havia mais nada que pudessem fazer. Nem mesmo uma nova cirurgia. Seu último pedido foi que pudesse me ver. E quando cheguei até o hospital, ela não sobreviveu mais uma noite sequer. Eu tinha doze anos, mas ainda lembro do choro, da dor, da culpa por não ter podido salvá-la mais uma vez, como ela costumava dizer sempre enquanto crescia. E eu perdi ali minha irmã. Ninguém além de Mille me disse nada depois disso. Apenas acompanhei o velório, sem conseguir mais chorar, sabendo que minha irmã estava naquela caixa preta. Nem mesmo consegui realmente dizer adeus. Eu não queria dizer adeus, não queria que ela fosse embora.

— Eu sinto muito. — Ela disse, tentando manter o tom da sua voz imparcial, mas podia ver o quanto aquilo

havia tocado ela.

— Foi difícil perdê-la. Mamãe depois de muito chorar, parou e parecia estar em estado constante de distração, ainda mais alheia a tudo ao seu redor. Camille ficou deprimida. Tudo parecia cinza ao redor delas. A casa que vivíamos parecia ainda mais macabra do que fora outrora.

Anabella ainda era muito pequena quando isso aconteceu, ela obviamente não se lembrava de Celleste, até mesmo porque minha irmã não havia tido uma infância como outra qualquer. Por ser frágil, ela nem mesmo podia sair de casa. Todos tinham medo de um simples resfriado. Ela não havia vivido realmente. Ela vivia sua própria doença.

— Depois do choro, do silêncio, vieram os gritos. Eles aconteciam todas as noites. Eu voltei a receber o que eu “merecia” de meu pai, que me culpava pela morte de Celleste. Quando disse isso a Camille, ela negou, mas eu achava que minha mãe concordava com meu pai, pois ela nunca mais veio cuidar das minhas feridas. Mas depois de permanecer quieta por tantas semanas, pela primeira vez

minha mãe pediu por mim. Não sei se por que ela queria que meu pai continuasse me castigando ou apenas porque me queria por perto, mas eu não voltei mais para o internato.

Foi nessa época que voltei a frequentar o hospital. Camille me ensinou a amar cuidar de outras pessoas. Eu acho que ela via em cada criança ali, o sorriso e o olhar da nossa irmã. E foi também onde me encontrei pela primeira vez na vida. Queria poder cuidar e ajudar as pessoas. Foi ali que descobri o que queria fazer quando crescesse.

— Hector já vivia há tantos anos fora daquela casa. E eu meio que o invejava por isso. Eu havia conhecido ele, quando escondidas, nossas irmãs me levaram para que o visse e toda vez que tínhamos oportunidade, fugíamos para encontrá-lo. E quando nossa irmã morreu, ele não teve nem mesmo direito de se despedir dela, pois nosso pai não permitiu que ele fizesse. Não deixando nem mesmo que se aproximasse, expulsando-o da Mansão de Niápolis onde estava sendo realizado seu enterro. Pouco tempo depois, seu

companheiro o encontrou no chão da sala, morto. Ele acabou com a dor do seu jeito. Meu pai disse que ele era uma *bicha* fraca, que não conseguia nem mesmo lidar com suas escolhas. “*Já foi tarde. Se ele não se matasse, eu faria na primeira oportunidade*”, ele dizia sem pesar algum. Eu não duvidei que ele fosse capaz disso, nem por um segundo.

— Coitado. — Murmurou e eu forcei um sorriso, fazendo o meu melhor desempenho de atuação da minha vida.

— Infelizmente Hector era apenas mais uma pessoa que havia sofrido nas mãos do nosso pai. Hoje não me admiro que Heitor fosse quem era, afinal, você sabe muito bem tudo que Joaquim fez no passado.

— Sim. — Concordou com pesar.

— Antes disso, minha mãe não fazia nada, deixava que ele me batesse e nem mesmo olhava mais em meus olhos. Não sabia se era porque ela não sabia o que fazer e não tinha coragem, ou se apenas achava que eu merecia. A primeira vez que vi minha mãe enfrentar meu pai, foi quando ele tentou me bater porque eu havia

pedido para ir ao enterro de Hector, mas no confronto acabou apanhando também. E foi a primeira e também foi a última vez que ela tentou me defender. Meu pai era o homem que significava tudo para ela e nem mesmo por seus filhos ela foi capaz de lutar.

— Talvez ela não tivesse forças. — Anabella tentou amenizar a situação e eu sorri, porque era exatamente isso que me dizia toda vez que sentia minha pele ser castigada, que ouvia cada xingamento vindo daquele homem horroroso.

— Acho que sim. — Suspirei, antes de prosseguir: — Aos treze eu entrei na escola da Campavia e achei que talvez minha vida pudesse ser um pouco normal. Afinal, eu era popular na escola, tinha um amigo, coisa que nunca havia tido antes e tinha o prazer de saber que meu pai o odiava, por ser da família Caravaggio. E confesso, essa foi a primeira razão que fez com que eu me aproximasse do seu irmão. Já não apanhava mais com tanta frequência, não vi meu pai fazer mais do que subjugar minha mãe. E dei até mesmo meu primeiro beijo. Mas então foi em uma noite que as coisas tornaram a

mudar.

Abaixei a cabeça, porque isso realmente me envergonhava. Não era uma coisa que eu tinha “orgulho”. Muito pelo contrário.

— Eu estava dormindo, quando meu pai me acordou aos gritos, mandando que vestisse uma roupa, dizendo que iríamos sair. Com medo do que ele poderia fazer, obedeci e me vesti, antes de acompanhá-lo até o carro. O caminho foi feito em silêncio, até que vi que estávamos indo para um lugar que eu jamais pensaria em frequentar: um prostíbulo. Fiquei chocado quando percebi que ele estava me levando para lá e quando o questionei, ele disse que eu iria me tornar homem naquela noite.

— Co-como a-assim? — Perguntou gaguejando.

— Acho que nunca tinha sentido tanto medo na vida. Eu disse que não queria fazer nada daquilo, podia ter os hormônios adolescentes borbulhando em minhas veias, mas definitivamente não queria aquilo. Ele bateu em mim e quando abriu a porta do carro mandando que o seguisse, tentei correr, fugir do carro, mas ele fez com que os seguranças me levassem de volta até ele. E foi naquela

noite, mesmo contra vontade, que percebi que era inútil lutar, pois ele era muito maior e mais forte, além de ter os seguranças a sua disposição e então calado no canto do quarto, depois de me drogar com bebidas e outras drogas ilícitas, meu pai assistiu a minha perda de virgindade com uma puta.

Anabella colocou suas mãos sobre a boca, lágrimas caíam de seus olhos e eu sabia que tinha que prosseguir:

— Naquele dia não perdi apenas minha virgindade. Perdi qualquer inocência que existia em minha vida. Para sempre. Quando acordei no dia seguinte, estava com uma puta ressaca e tinha isso tatuado em meu corpo. — levantei minha camisa, apontando para os números tatuados em minha pele. — Senti-me obrigado a crescer. O horror de tudo que já havia vivido, não apenas naquela noite, mas em todos os outros dias, tornou minha vida sombria. Eu sorria por sorrir. Lembro de algumas coisas insignificantes, momentos que provavelmente não acrescentariam em nada para mim. Enquanto outras que deveria lembrar, guardar para mim, simplesmente se

apagaram. Era como se eu tivesse vivendo uma experiência extracorpórea durante muito tempo.

— Isso é horrível! — Bella disse com pesar.

— Minha vida foi horrível. — Prossegui. — Eu sonhava em arranjar um jeito de me ver livre de tudo. E com quase dezoito anos, isso aconteceu. Eu não estava esperando que nada disso acontecesse, afinal tudo sempre dava tão errado para mim. Principalmente tão cedo, mas eu havia batalhado tanto e assim consegui uma bolsa de estudos em Cambridge. Durante anos, permaneci quieto. Não o enfrentava e ele não tentava me subjugar, nunca mais havia sequer encostado o dedo em mim, porque eu já era quase do seu tamanho e ele sabia que certamente poderia quebrar sua cara se quisesse. No dia do meu aniversário, não esperei nenhuma festa, nem bolo, velas e parabéns. Eu queria sair correndo dali. Ao contrário do que poderia ter feito, não saí escondido na calada da noite, afinal eu não era um fugitivo. Era apenas uma pessoa prestes a buscar a sua liberdade. Juntei todas as economias que havia feito durante anos, arrumei minhas coisas e quando todos estavam reunidos na mesa do café,

cheguei e disse o que estava indo fazer.

É engraçado como nosso subconsciente se apega a algumas lembranças e a outras não .A forma que ele reagiu por me ver finalmente enfrentá-lo, dizendo tudo que eu nunca havia dito a qualquer pessoa antes ,é definitivamente uma lembrança sua que nunca esquecerei.

— Claro que o Barão de Niápolis foi contra. Disse que não permitiria minha partida e muito menos que eu cursasse Medicina, que ele certamente achava uma profissão vexatória para um Carrara. — Ri com amargura. — Como se ele pudesse qualificar qualquer coisa que fosse. — Neguei com a cabeça.

— E o que você fez? — Anabella insistiu.

— Eu fui embora sem olhar para trás. Ignorei as lágrimas de minha irmã, que ainda assim me abraçou dizendo para que eu seguisse meu sonho e não me importei com as lamúrias de dor da minha mãe. No fundo, eu ainda tinha mágoa dela por ter permitido que seu marido tentasse me moldar a sua maneira. Que tivesse permitido que ele tivesse feito tão mal a todos nós.

— Tenho certeza que ela te amava. — Bella

segurou minha mão ao dizer isso e eu olhei nossos dedos entrelaçados, pensando sobre isso.

— Talvez. Mas ainda assim seu amor por mim, pelos seus filhos, não foram o suficiente para que ela lutasse. Por nós. Por ela.

Não era o fato dela nunca ter realmente demonstrado seu amor por nós. Não, foi o vazio e sua renúncia que me obrigaram a aceitar que ela nunca lutaria por seus filhos. Essa definitivamente era minha maior mágoa.

— Uma das primeiras coisas que fiz quando cheguei a Londres foi procurar um tatuador. Em muitas culturas a águia é como se fosse a rainha dos céus, uma ave majestosa e que, por esse motivo, foi e é tão usada em diversos símbolos. No cristianismo, a águia simboliza a ressurreição de Cristo e seu triunfo. E por isso a tatuei em meu peito. Estava ressuscitando a partir daquele momento. Ela simbolizava minha força, minha grandeza e toda vez que pensava em voltar atrás ou desistir, olhava para ela. Minha grana não duraria muito, eu sabia disso, então comecei a trabalhar como barman à noite em um pub, para

conseguir ao menos me sustentar lá. Era foda, cansativo, mas conseguia me virar. Mille tentou me enviar dinheiro escondida muitas vezes, mas eu não aceitaria um tostão que viesse daquele homem que eu nem mesmo chamava de pai. Quando seu irmão foi para Londres, acabei indo morar com ele, o que acabou me poupando dos gastos com aluguel. Peguei ainda mais pesado nos estudos, lutando como um louco para me formar o quanto antes. Só que infelizmente meu sonho ali não durou muito. E eu tive que voltar.

— Eu sei. Foi por causa da morte dos seus pais.

— Comentou inocentemente.

— Sim. Mas o que ninguém sabe, foi o que aconteceu antes e depois disso. — Suspirei. — Um dia antes, mamãe havia me ligado aos prantos, dizendo que havia descoberto tudo. Eu não entendi muita coisa que ela me disse, porque ela chorava muito. Pediu-me perdão. Não apenas por tudo que eu havia apanhado, mas por nunca ter me protegido. Que havia falhado como mãe. Ela disse que estava cansada, que não aguentava mais essa vida e que ela e Mille estavam indo embora. Fiquei

aliviado por ouvir isso e nem me dei conta que meu pai não aceitaria facilmente que elas fossem. E não deu outra, no dia seguinte ele me ligou puto da vida, perguntando pelas duas e quando disse que elas estavam onde sempre deveriam ter estado, longe dele, Heitor gritou absurdos contra mim, mas como já estava acostumado com seus insultos, não liguei. Preocupei-me apenas quando ele disse que iria até o inferno atrás delas e foi quando tudo aconteceu.

Pelo que a polícia apurou, Heitor as encontrou no aeroporto e as forçou a vir para casa, e Camille tentou de todas as formas impedir que ele fizesse uma besteira com nossa mãe. Novamente inocentes perderam a vida. Eu as perdi. Por tanto tempo me culpei e ainda me culpava, porque talvez se eu não tivesse saído de casa e dito tudo aquilo, elas não teriam morrido.

— No caminho até aqui, houve o acidente e ele acabou capotando, tirando a vida das duas. — Disse apenas.

— Mas ele não morreu no mesmo acidente? — Anabella perguntou.

O aperto no meu peito me surpreendeu. Eu não queria chorar por esse ser horrível. Ele não tinha feito nada para mim além de me fazer sofrer. Engoli a emoção do menino fraco que ele insistia em dizer que eu era, aquele que no fundo queria apenas que seu pai o amasse. Mesmo que ele não demonstrasse isso. Mas não demorei a descobrir que isso nunca aconteceria. Aquele que sonhou com uma família, aquela que nunca teve, que por causa dele não pôde ter. Ele havia ido embora tarde demais. Eu não iria derramar uma lágrima por ele agora depois de tantos anos. Ele definitivamente não merecia.

— Na verdade não, ele morreu alguns dias depois. — Eu disse, antes de respirar fundo e confessar o pior dos meus pecados: — Eu o matei, Anabella. Eu matei meu próprio pai. Eu o matei com minhas mãos.



capítulo 18

RESPIRAR...

Anabela

Perdi a fala com o que ele havia acabado de me revelar. O que eu poderia dizer? Quais palavras poderia usar agora? Muito poucas. Na verdade, nenhuma. Eu ainda estava chocada. Completamente horrorizada. O coração dele estava esmagado, a culpa o corroía. Minha mente ia e voltava, tentando entender tudo, tentando chegar a um lugar que ele não queria chegar. Que ele não queria relembrar, embora eu soubesse que tudo isso o

assombrava constantemente. Se eu já estava apavorada, não podia sequer imaginar como ele se sentia e com justa razão.

O que era pior do que alguém quebrar seu coração? Era ter seu coração partido em milhões de pedaços ao longo da vida e ainda assim, esse alguém morrer, deixando-o ainda mais quebrado do que fora e se sentir culpado por isso. Ele viu quatro pessoas que ele amava o deixarem. E ainda teve seu odiável pai, que mesmo que negue, Igor sofreu ao vê-lo partir. Isso era muito para qualquer pessoa aguentar, mesmo que essa pessoa fosse tão forte como ele era.

Mas eu não acreditava que ele realmente queria dizer o que disse. Não. Ele apenas se sentia culpado. Era apenas isso.

— Elas morreram na hora. — Ele prosseguiu friamente, seu olhar voltando para o mar azul campaviano. — Heitor sobreviveu e seguiu internado em estado grave nos dias que se seguiram.

— Eu nunca soube disso. — Comentei com cautela, ainda sem entender porque ele se culpava.

Ele não tinha nada a ver com o acidente. Estava a milhares de quilômetros longe. Em um outro país.

— Vê-lo ali naquela cama de hospital, me deixou angustiado. — Prosseguiu. — Ele estava todo quebrado, nem mesmo conseguia respirar por conta própria. E permaneceu estável nas horas que se seguiram. Só que isso não aliviava em nada o aperto em meu peito. Não esperei que ninguém o visitasse, mas então Evan veio.

— Ele era seu irmão. Estava preocupado obviamente. — Eu disse, embora não acreditasse realmente.

— Evan? Não mesmo! — Igor riu, sem humor algum. — Ele não tem um coração, Anabella. Foi lá apenas destilar seu veneno. Não gosto de lembrar-me de tudo que ele disse para mim naquele momento. Mas preciso te contar, para que saiba o que me motivou a fazer o que fiz. — Disse sério, fazendo com que um arrepio frio passasse por mim.

Então ele quer dizer que...

Não consegui completar a frase nem em pensamento. O silêncio que veio a seguir me preocupou.

Esse definitivamente era um dos segredos mais dolorosos que ele guardava.

— Evan disse para mim que havia dado um jeito de apagar do registro de corpo de delito, que os machucados de minha mãe e irmã não haviam sido apenas por causa do acidente. Ao contrário do que pensei, minha mãe não morreu apenas por causa do acidente, ele apenas agravou seu estado. Heitor havia batido tanto nela, que ela acabou tendo uma hemorragia interna e não suportou o choque da batida. Evan apagou os vestígios disso tudo, assim como ele havia feito antes com Hector. Tudo isso para que o nome da família Carrara não ficasse marcado mais uma vez. Essas foram suas palavras. Foi naquele momento que eu soube. Heitor não apenas tinha machucado as duas antes de morrer, como também havia matado seu próprio filho e fez parecer suicídio.

— Oh meu Deus! — Voltei a levar a mão à boca, chocada.

Eu já sabia que Heitor era uma pessoa odiosa antes mesmo de Igor me contar tudo isso. Mas saber que ele havia infligido tanta dor a eles e ainda por cima ter

matado o próprio filho, apenas por seu gay, me deixou completamente horrorizada. Revoltada.

Como uma pessoa poderia ser ruim dessa maneira?

— Nada justificava tudo que ele havia feito. Nada justificava o fato dele ser um assassino frio e asqueroso. E eu havia ajudado-o com isso. Era de alguma forma responsável por tudo que acontecera com minha mãe e irmãs. Havia deixado as duas com aquele monstro. Havia destruído duas pessoas inocentes. A culpa e o arrependimento me consumiam por inteiro. E saber que ele ainda por cima havia matado Hector, apenas fez com que eu fizesse o que achei que nunca faria.

Fechei os olhos, por um momento não querendo ouvir o que ele queria me dizer. Igor era uma pessoa tão incrível, generosa, que jamais imaginei que ele pudesse me confessar algo do tipo. Eu sabia o que viria agora. No fundo eu sabia.

— Estava tão desolado com o que havia descoberto, que achei ele não merecia mais respirar. Que não merecia a chance que a vida estava lhe dando.

“Manterei o mais alto respeito pela vida humana...” —

Ele recitou um trecho do juramento de Medicina de forma irônica. — Quebrei qualquer voto da minha profissão antes mesmo de terminar a faculdade. Ele não merecia viver depois de tudo que fez. Ele havia me tirado todos. Por isso eu o matei.

Eu não disse nada. Não sabia realmente o que dizer. Abstraí os detalhes que ele não disse, mas imaginava como havia acontecido. De forma vívida. Igor era seu filho. Dessa forma, fez o que fez com seu pai sem deixar rastros. *Ele o havia matado.*

Engoli em seco, sentindo um nó na garganta. A dor pela culpa e o desolamento era visível em seus olhos. Igor se sentia culpado de tudo, apesar de não ter realmente culpa de nada. Na vida temos o livre arbítrio, mas Heitor tinha sido o único a levar Igor a fazer o que fez. Ele era o único culpado por cada desgraça que caiu sobre sua família.

Igor abaixou a cabeça. Eu sabia que ele estava esperando que eu dissesse alguma coisa. Ele estava envergonhado também. Não podia deixar que ele se

sentisse assim, por isso levantei seu queixo e olhei em seus olhos. Minha mão acariciou seu rosto bonito e lhe disse o que por tanto tempo ele precisou ouvir:

— Não se culpe por isso. Você fez com ele o que achava que ele merecia. Heitor não merecia sua misericórdia depois de tudo. — Seu peito se expandiu em um suspiro profundo quando ele ouviu o que eu disse.

Deus! Meu menino perdido!

É fácil amar o melhor de uma pessoa. Difícil é ver as peças quebradas do seu coração, a bagunça de sua alma e, ainda assim, decidir ficar. Mas eu queria ficar. Eu queria protegê-lo, queria curá-lo. Eu daria qualquer coisa para tirar sua dor.

Eu simplesmente o encarei e continuei chorando. Não conseguia desviar o olhar, nem conter as lágrimas.

— Obrigada por me contar. — Foi o agradecimento mais sincero que fiz em toda a minha vida, porque eu sabia o quanto estava sendo difícil para ele me dizer tudo.

Igor acenou com a cabeça ainda perdido em pensamentos e então voltou a se virar para mim:

— Você não tem que me agradecer. Eu que tenho que agradecer a você por ser meu anjo.

— Me deixa cuidar de você. — Pedi e ele sorriu para mim, emocionado. O primeiro sorriso verdadeiro desde que ele começou a falar.

— Antes de morrer, Celleste me disse que um dia eu iria me apaixonar, anjo. Durante muitos anos, esqueci as promessas que havia feito para ela e duvidei que isso fosse ser possível, vendo tudo que eu via no casamento dos meus pais. Acreditando piamente que éramos amaldiçoados. Que não merecíamos ser felizes. Então ela estava certa. — Ele acariciou meu rosto com amor. — Ela me disse que não me apaixonaria por qualquer uma. Que eu não me contentaria com pouco. Que eu escolheria a melhor delas. Ela realmente tinha razão. As outras não eram nada além de um passatempo ou uma ponte até que eu entendesse e aceitasse meu amor por você. Você é aquela garota que sempre esteve ao meu lado. Que queria cuidar de mim. Lutar por mim. E Cell disse que essa pessoa poderia tentar fugir, mas que eu nunca parasse de lutar por ela. Mas o que ela não sabia e muito menos eu,

era que eu seria a única pessoa a fugir. — Solucei. — *Lute pela sua felicidade*, ela disse. A faça feliz e faça principalmente com que cada lágrima derramada valha a pena. Que eu nunca mais estaria sozinho quando a encontrasse.

As lágrimas corriam pelo meu rosto ao sentir a profundidade do pedido da sua irmã. Ela parecia saber o quanto ele precisava das suas palavras. *Ela sentiu*.

— Você sempre foi diferente para mim. Eu sabia que era você, anjo. Naquela primeira vez que nos beijamos, eu sabia que era você. Pensei que poderia lidar com isso, lidar com os sentimentos arrebatadores que me causou, mas me assustei quando vi o quão profundo você havia ido dentro de mim. No começo eu me enganei dizendo que era errado porque você era irmã do meu melhor amigo, mas depois então entendi. Eu não queria te machucar, não me achava merecedor do seu amor. Mas também não queria me machucar de novo. Não queria perder mais uma pessoa que eu amava, como já havia perdido. E exatamente por isso, pelo meu medo e covardia, que quase perdi você. E eu simplesmente não

posso viver sem você, porque eu te amo.

— Eu também te amo. — Falei fungando e secando minhas lágrimas.

Abracei-o, sendo puxada contra o abrigo de seu corpo, antes de então me beijar. Deixei que Igor me beijasse, que sua boca linda e deliciosa me explorasse. Que se fundisse a mim de alguma maneira. Que sentisse através dos meus lábios que nada do que ele dissesse mudaria nada entre nós. Muito pelo contrário. Eu estava grata por ele ter se aberto para mim.

O difícil não era aceitá-lo com seus erros, mas sim deixar de amá-lo. Eu já havia tentado uma vez e não consegui, não seria agora que eu o conhecia aberto e profundamente que mudaria qualquer coisa. Não. Conhecê-lo apenas intensificou o meu desejo de fazê-lo feliz.

Mordendo meus lábios muito de leve, enroscando a língua na minha, ele me fez desejar mais. Mas eu acho que ainda era o momento dele colocar tudo para fora, porque ele se afastou, terminando o beijo com outros pequenos beijos e disse:

— Era foda, me machucava até o osso saber que o filho da puta do Victor podia segurá-la em seus braços. Beijá-la quando eu era o único que queria fazer isso. Ver o quanto nós dois sofreremos, só faz com que eu me sinta ainda mais idiota do que sou. Eu não poderia deixar que tudo aquilo tivesse acontecido conosco. Deveria ter lutado por você desde o início. Desculpe-me por ter sido covarde. — Ele me olhou profundamente enquanto dizia isso, seu polegar acariciando minha bochecha de um lado para outro, a expressão firme e séria.

Igor então me abraçou com força e enterrou o rosto no meu pescoço, nitidamente culpado. Eu o apertei junto a mim, querendo que ele soubesse que o entendia agora e isso não mudaria nada entre nós. Fechei os olhos por um momento, me sentindo de certa forma aliviada.

— Nós vamos ficar bem. — Garanti, ainda receosa, e ele se afastou, antes de me olhar e sorrir para mim.

— Sim. Contanto que eu tenha você e nosso filho, tudo vai ficar bem. — Ele concordou bem devagar com a cabeça, os olhos emocionados com a menção do nosso

filho. — Chega de pensamentos dolorosos sobre o passado ou sobre o que eu tinha perdido. Sobre todos os erros que cometi. — Ele enxugou as lágrimas do meu rosto. — Você não é apenas qualquer mulher para mim, Anabella. Você é a única mulher que eu amei e a quem vou passar o resto da minha vida provando isso.

Limpendo algumas lágrimas que ele mesmo havia derramado tamanha emoção falando sobre nós, eu sorri para ele. Nós olhamos um para o outro nos olhos por um longo tempo, apenas segurando o momento. Não existia mais nada que impedisse que fôssemos felizes. Esse amor lindo que nós sentimos um pelo outro podia superar qualquer coisa. Eu sabia disso. Podíamos ainda ter muito pelo que lutar, ter problemas com o passado, que talvez ele tenha que cuidar, mas isso não importava mais. Nós podíamos vencê-los juntos. Igor Carrara era a minha alma gêmea, meu príncipe encantado e eu nunca vou deixá-lo de novo. E eu sabia que ele nunca me deixaria sozinha também.

Ele beijou o canto dos meus lábios e sussurrou as palavras que nunca cansaria de ouvir:

— Eu te amo, Anabella. Agora e sempre, meu anjo.

Fechei os olhos e ele me beijou novamente. Seu beijo doce, delicioso, levando-me às nuvens. Não eram apenas dois lábios se encontrando, eram dois lábios dizendo sem palavras o quanto se amavam. Éramos nós dois, selando uma promessa para vida. *Agora e sempre*. E naquele momento, naquele lugar, eu senti como se sua mãe e irmãs estivessem dando as suas bênçãos para nós.

Igor

— Quero levar você a um lugar, antes de levá-la de volta para casa e ter seu irmão empata foda em nosso encalço. Pode ser? — Perguntei ansioso.

— Claro que pode — Respondeu de imediato. — Aonde você for, eu vou. — Ela disse isso e eu sorri, feliz

e aliviado como nunca me senti em minha vida.

— Não que você tivesse muita escolha realmente. Isso ainda é um sequestro, lembra? — Brinquei e ela caiu na gargalhada.

Deus, como ela era linda!

Eu não acho que existia algo mais bonito do que ouvi-la rir. Na verdade, acho que vê-la gozar, gemendo meu nome, ainda estava páreo. O que importava realmente nisso tudo não era meu pau ou como eu me sentia, era o fato de fazê-la feliz. E isso eu faria pelo resto de nossas vidas.

Eu havia combinado com Stephanie tudo isso. Ela havia me ajudado a planejar cada detalhe para que esse momento fosse perfeito para nós. Tinha muito que lhe agradecer. Queria pelo menos um dia para que descansássemos e que principalmente ficássemos juntos sem sua família no nosso pé, nem trabalho ou qualquer que fosse o problema que precisasse da nossa atenção.

Nós precisávamos disso. Eu precisava dela só pra mim.

Sabia que seus irmãos surtariam quando se

dessem conta do nosso sumiço. Mas contava com a ajuda de Stephanne para isso também. Ela certamente teria Théo em torno do seu dedinho em pouco tempo e Taddeo não aguentava a pressão da loira. Aliás, ninguém aguentava. A Princesa Steph não tinha nada de Princesinha de conto de fadas. Na verdade, ela estava longe disso. Podia ser muito mais assustadora do que qualquer vilã.

Eu ainda tinha marcas profundas depois de tudo que vivi. Mas ainda assim essas marcas não eram mais profundas que meu amor por ela. Sentia-me estupidamente aliviado, como se um peso houvesse sido tirado de mim. Não que a culpa ainda não me espezinhasse. Mas a cada vez que ela olhava para mim, eu me sentia um pouco mais forte. Ela era o impulso que me faltava para respirar. Era como se seu sorriso estivesse acariciando as dores que eu carregava. Iluminando o caminho que antes era tão escuro.

Minha família havia partido há muitos anos. De alguma maneira, tentei seguir minha vida, fingindo que nada havia acontecido. Apenas porque era mais fácil fingir que sempre foi assim, que sempre fui sozinho e nunca tive alguém para dividir uma vida. O único

momento em que me permitia lembrar-me que todos estavam enterrados, era quando visitava o túmulo que havia feito para elas. Acho que não consegui lidar com a dor de perdê-los. Não era justo com ninguém isso. Mas eu apenas não conseguia fazer isso sozinho.

Depois de tanto tempo sofrendo, decidi que o melhor que eu poderia fazer por nós, por mim, era viver, não fingindo esquecer o que havia acontecido, mas sim continuar, sem me apegar com o passado. Sem pensar no que poderia ser diferente. Não podia ficar revivendo eternamente esse pesadelo. Não queria mais isso. Minha família estava morta, mas eu estava vivo, não podia simplesmente negar a mim mesmo o que tinha para viver. Havia chegado a hora de conhecer a felicidade. E esta, seria ao lado de Anabella. A mulher que eu amava. E estar com ela ao meu lado, era como se finalmente pudesse respirar pela primeira vez na vida.

Não queria largá-la. Ela me tinha em suas mãos e nem ao menos fazia ideia do seu poder sobre mim. Dirigindo com apenas uma mão, eu não larguei a sua enquanto íamos em direção ao nosso destino. Nesse

momento, em um *time* mais do que perfeito, o locutor da rádio anunciou a música que tocaria em seguida, que nem se eu tivesse escolhido uma musica qualquer, se encaixaria tão bem como *Iris* de Goo Goo Dolls.

Apertei sua mão e ela olhou para mim com um sorriso acanhado. Linda como um anjo. O meu anjo. Em seus olhos eu podia ver o quão feliz e emocionada ela estava quando comecei a cantarolar a canção para ela:

*“ E eu desistiria da eternidade para te tocar
Pois eu sei que você me sente de alguma maneira
Você é a mais próxima do paraíso que sempre estarei
E eu não quero ir para casa agora
E tudo que posso sentir é este momento
E tudo que posso respirar é a sua vida
E mais cedo ou mais tarde se acaba
Eu só não quero ficar sem você essa noite
E eu não quero que o mundo me veja
Porque eu não acho que eles entenderiam
Quando tudo é feito para ser quebrado
Eu só quero que você saiba quem sou eu*

*E você não pode lutar contra as lágrimas que não virão
Ou o momento de verdade em suas mentiras
Quando tudo se parece como nos filmes
É, você sangra apenas para saber que está viva...”*



Quando entramos na lancha, Anabella não disse nada, apenas me olhou de canto de olho, parecendo achar um pouco divertido esse meu sequestro, que na verdade mais parecia uma fuga. E pior que era mesmo. Estava fugindo de todos para tê-la apenas para mim. Depois de quase uma hora, finalmente chegamos ao nosso destino: A Ilha do Ouro.

Quando Théo e Steph fugiram na Viagem da rota do descobrimento meses atrás, eles vieram parar aqui. E como foi justamente nesse lugar que os dois finalmente se reconciliaram, Steph pensou que talvez fosse bom para nós dois irmos para lá também. Achei que talvez fosse ser um pouco mais difícil e que eu literalmente deveria sequestrá-la até lá, mas meu anjo era tão perfeito, que

agora só queria me refugiar nesse lugar com ela.

A até então construção abandonada, havia dado lugar a uma belíssima casa. Meu amigo não havia economizado em nada para fazer desse lugar o refúgio deles. A casa era simples, mas perfeita. A sala era bastante aconchegante e espaçosa. Estávamos em uma ilha deserta, mas em nada a casa deixava a desejar. O Sol já havia se posto e agora a Lua iluminava o lugar através das janelas de vidro, que nos dava vista para o lindo mar Campaviano.

— Nossa! Ficou perfeito! — Exclamou impressionada e tive que concordar, porque realmente havia ficado.

— E por hoje é só nosso. — Falei, antes de enlaçar sua cintura, afundando meu nariz em seu pescoço, me deliciando com seu cheiro único, arrancando um pequeno gemido de seus lábios. — Enfim sós. — Sussurrei em seu ouvido, fazendo-a se arrepiar.

— Isso é bom. — Murmurou como uma gatinha, quando continuei a cheirá-la, as carícias em seu pescoço deixando-a entregue.

— Muito bom. Mas agora eu preciso alimentar vocês. Depois aproveitamos para tomar um banho. — Eu disse, mantendo-a segura em meu peito.

— Não tenho o que vestir — .Disse como se fosse óbvio, mas eu ri.

— Claro que tem. Tem uma mala com tudo o que você precisa na cama. Apesar de que você não precisará de roupa nos próximos dois dias.

Anabella se virou para mim chocada quando terminei de falar. Por um momento, seu sorriso e o brilho em seus olhos me ofuscaram, me balançaram como sempre me balançavam.

Deus! Como eu amava essa mulher!

— Você planejou tudo isso então. — Concluiu, ainda um pouco chocada.

— Claro que sim! Eu precisava de você apenas para mim. Nós dois. Nada nos separando, nem mesmo nossas roupas. — Mordi os lábios, ficando duro imediatamente quando a vi sorrindo maliciosa.

— E quem disse a você que eu iria querer ficar? — Perguntou com a sobrancelha levantada e eu sorri.

— Vai me dizer que você não sentiu saudades de mim? Que não estava doida para ficarmos juntos, só nós dois? — Questionei presunçoso e ela riu irônica.

— É, até que você tem razão. Vez ou outra batia uma saudade de você, mas aí eu lembrava que você é um cachorro safado, que não faz nada além de me proporcionar orgasmos maravilhosos. E o que acontecia? As saudades passavam, porque eu resolvi comprar um vibrador. — Disse, sem vergonha.

Filha de uma mãe provocadora!

— Vibrador, é? — Perguntei incrédulo. — Hum... Isso foi quente! — Murmurei, minha voz ficando mais rouca a cada palavra dita.

Sorri malicioso e ela gritou, tentando fugir de mim, quando a peguei no colo, arrastando-a em direção ao banheiro.

— A ordem das coisas mudaram. Estamos indo para o banheiro nesse exato momento. — Avisei, batendo em sua bunda e ela sorriu, parecendo muito feliz com a mudança.

Era um anjo safado!

— Eu te amo. — Eu não cansava de dizer e seus olhos azuis brilharam, úmidos pela minha confissão.

— Eu também te amo. — Sussurrou em minha boca, suas mãos não me deixando.

— Teremos tempo para isso. — Prometi, acelerando ainda mais.

Eu estava tentando ser romântico, mas meu pau era outra história. Não havia um pinga de romantismo nele. Anabella de alguma maneira deve ter percebido meu nervosismo repentino, pois logo perguntou:

— O que você está aprontando, Igor Carrara? — Perguntou intrigada.

— Não estou aprontando nada. Apenas pensando nos orgasmos que lhe darei em breve. — Sussurrei para ela, fazendo rapidamente minha melhor cara de inocente.

Deus! Eu ao menos esperava que tivesse uma!



— Nosso jantar está pronto. — Gritei, terminando de arrumar a mesa perfeitamente.

Já havia aprendido desde os tempos da faculdade,

que eu definitivamente não era um bom cozinheiro. E depois de Anabella ter namorado com Victor, admito, que era um puta de um cozinheiro, eu tinha vergonha na cara e a última coisa que faria era fazê-la passar pela provação de comer um ovo cozido sequer feito por mim. Então havia mandado que preparassem tudo por nós.

É meu corpinho e meu pau que vão segurar ela comigo e não o fato de encher seu estômago!

Anabella estava no quarto enquanto esquentava o jantar e quando percebi que estava chegando, virei-me em sua direção. Ela não havia vestido uma roupa sua que havia trazido, e sim optado por uma camisa minha ao invés disso. Estava linda. Sexy. Gostosa demais. Agora eu entendia completamente a sensação que os homens sentiam com essa simples escolha.

Seus cabelos estavam soltos e a mordida leve de nervosismo que ela dava em seus lábios, os deixava ainda mais apetitosos. Foi impossível não desejá-la. Eu a queria como um louco. Realmente estava começando a achar que essa coisa de hormônios da gravidez era contagiosa. Sentia uma necessidade intrínseca, absurda, angustiante.

Eu a queria de todas as formas possíveis. Queria ela sempre comigo, em meus braços, na minha cama, na minha vida.

Quando viu a forma que eu a encarava, Anabella resfolegou e entreabriu os lábios, encarando-me daquele jeito inocente que me deixava ainda mais louco por ela. Ela se sentia da mesma maneira. Era impossível que não se sentisse. Não importava que tivéssemos nos entregado há poucos minutos. *Doas vezes*. Nós nos desejávamos como loucos e eu não apenas duvidava, mas torcia para que esse desejo visceral que sentíamos um pelo outro nunca acabasse.

Aproximei-me devagar, enquanto os olhos brilhantes azuis não largavam os meus por nada. Puxei-a para mim, meus braços logo envolvendo sua cintura e roubei-lhe a boca. Suas pernas se enrolaram ao meu redor, e suas pequenas mãos acariciaram minha pele, arrancando-me arrepios, enquanto eu a carregava.

Fui descendo minha boca pela sua pele, inspirando o perfume doce que me deixava completamente alucinado. Ela já estava entregue. Nós dois estávamos.

Seu corpo já me pertencia. Ela me pertencia. Sentia isso a cada momento ao seu lado, a cada beijo, a cada sorriso. Sentia isso a cada batida incessante do meu coração.

— Você precisa jantar. — Disse, me obrigando a parar, e ouvi-a resmungar, embora eu não tivesse parado as carícias e isso me fez rir contra sua pele. — Prometo que cuido de você depois. Primeiro preciso realmente alimentar vocês dois. — Beije leve mente seus lábios e a coloquei no chão com cuidado.

Eu não queria me afastar, então a abracei com suavidade. Estar ao seu lado, depois de dizer tudo sobre minha família, me fazia não apenas me sentir mais leve, como também sentir um calor reconfortante em meu peito. Uma sensação de paz que eu não conseguia explicar.

A pequena mesa redonda proporcionava um clima ainda mais romântico e a luz das velas pequenas só intensificavam ainda mais esse clima. Como médico, eu sabia que apenas uma taça de vinho não lhe faria mal a gravidez, então havia separado um vinho tinto delicioso, que costumava acompanhar alguns dos meus jantares e que por sinal era produzido pelo vinhedo da sua família.

— Hum... Acho que alguém está tentando me conquistar. — Brincou, olhando impressionada para tudo.

— Não preciso disso. Já conquistei. — Sorri convencido.

— Você é mesmo muito seguro de si, né? — Resmungou fingindo indignação e eu não pude conter um riso.

— Culpe a si mesma por isso também. Afinal foi você quem estava gritando por minha causa agora a pouco. — Dei de ombros, sorrindo malicioso.

— Mas é muito convencido mesmo! — Ela disse, batendo em meu peito. — Acho que nós vamos ter que trabalhar esse excesso de confiança. — Apontou e meu sorriso malicioso só fez aumentar.

— Contanto que esse trabalho envolva você em cima de mim. Ou embaixo, ao meu lado, de braços, tanto faz. Faça o que você quiser, meu anjo. — Falei arrogante, fazendo-a corar.

— Meu Deus! Como você se acha! — Disse, sem conseguir segurar a gargalhada.

Era tão realmente perfeito vê-la rindo daquele

jeito. Não conseguindo me segurar, puxei-a pela cintura e juntei nossos lábios novamente, em um selinho demorado.

— Vamos comer, Anabella. — Disse mais para mim do que para ela e me afastei, puxando a cadeira para que ela sentasse. — Nosso filho precisa comer e temos muito tempo para sobremesa.

Vi seu rosto corar de vergonha, porque eu acho que ela havia entendido que a palavra sobremesa estava subentendido outras coisas. Mas mesmo assim ela sorriu tímida, com aquela carinha de inocente, mas que eu já tinha mais do que provas da travessa que era na verdade. Sentamo-nos à mesa e conversando, comecei a servi-la e só depois me servi. Estava uma delícia. Donna havia caprichado, mesmo que eu tivesse escolhido cada prato.

Estar com a mulher que eu amava, sabendo que ela carregava nosso filho em seu ventre, fruto do nosso amor, era uma sensação indescritível, única em minha vida. Só faltava uma coisa para que essa felicidade se completasse. E isso aconteceria em breve. Estava tudo perfeito. Tão perfeito, que eu tinha medo que as coisas mudassem e o que havia planejado desse errado.

*Não! Não daria! Já tive uma vida de merdas!
Agora seria diferente!*

Conversamos amenidades enquanto comíamos, trocando olhares, sorrisos. Aquela paquera, provocação constante que eu adorava e esperava que permanecesse assim. Estávamos compartilhando de um momento tão gostoso, que eu não queria que isso mudasse. A expectativa de compartilharmos isso sempre enchia meu coração de coisas boas.

— Hum... Estava delicioso. — Ela disse limpando suavemente seus lábios com o guardanapo de tecido, após terminar o jantar.

— Isso porque você ainda não viu a sobremesa.
— Disse, sem tirar os olhos dela.

Levantei da cadeira devagar, meus olhos não deixando os dela até que abrisse a geladeira. Peguei a taça de vidro grande da sobremesa e fechei a geladeira rapidamente. Sorri quando vi os lábios entreabertos e a pele corada de Anabella. Eu não precisei dizer nada, ela já havia entendido o que aconteceria a seguir. Por isso resfolegou, aumentando ainda mais o meu desejo de fazer

o que queria.

Aproximei-me como um animal selvagem prestes a dar o bote. Coloquei a taça sobre o balcão e depois fui até ela, carregando-a, antes de colocá-la sentada sobre a bancada. Rapidamente tirei minha camisa que lhe cobria e sem tirar os olhos dela, peguei uma porção generosa do mousse de chocolate com a colher e lambuzei seus seios em seguida.

Os bicos duros, entumecidos, pareciam ansiosos para me receber. E eu não os deixaria passando vontade. Abaixei-me para tocar levemente seus mamilos com a minha língua, antes de começar a sugá-la, o gosto delicioso da sua pele misturado com o sabor do doce.

Caralho! Que delícia!

Anabella se contorceu, suas mãos puxavam meus cabelos com força, enquanto gemia ensandecida. Vê-la assim tão entregue, fazê-la sentir prazer, era definitivamente uma das melhores sensações que eu já havia experimentado na vida. Minha língua não parou de provocá-la, lambendo-a, minha boca revezando com ela. Minha necessidade de vê-la sentir prazer sendo muito

maior que a necessidade que eu tinha de ter meu próprio alívio. Na verdade eu achava que seria capaz de gozar apenas por proporcionar-lhe prazer.

— Ai, Igor! — Anabella gritou, parecendo cada vez mais fora de si.

Eu queria mais dela, queria mais do seu sabor, por isso apenas ignorei o aperto doloroso que meu pau se encontrava. Tudo que queria era apenas satisfazê-la e nada mais.

— Hum... Nunca um mousse foi tão delicioso. Preciso de mais. — Sussurrei, mergulhando agora meus dedos no doce, antes de voltar a lambuzar seus seios.

Eu não estava mentindo, estava realmente precisando de mais dela, por isso empurrei-a para trás, deixando Anabella completamente deitada no balcão. Ela não vestia nem mesmo uma calcinha e ver seu corpo desnudo, totalmente entregue, me deixou completamente fora de mim. Saber que ela estava ali realmente, tão entregue, tão minha, me deixou completamente arrepiado.

Puxei suas pernas e as abri, vendo-a completamente exposta para meu bel prazer. Meus dedos

logo mergulharam em suas dobras, degustando da sensação de quentura e umidade que ela os envolvia. Meus dedos deslizaram facilmente ali, pois ela estava muito, muito molhada.

Cacete! Que maravilha!

Lambuzei meus dedos com sua umidade, brincando com sua entrada, para depois socá-los com precisão em seu canal apertado. Anabella soltou um longo gemido, tornando tudo ainda mais delicioso e difícil para mim. Vê-la tão entregue e absorta no prazer que eu lhe proporcionava, me deixava prestes a perder o controle.

Mas eu era egoísta, precisava de mais. Não me contive e meus dedos a abandonaram, indo imediatamente para minha boca, onde os suguei com vontade, pois ela era deliciosa demais para que não a degustasse.

— Hum... Seu sabor é perfeito. Definitivamente foi feito para mim. — Praticamente rosnei quando disso isso.

Meus olhos voltaram para seu sexo completamente exposto, chamando por mim e nem mesmo tentei resistir. Eu precisava de mais. Sem me importar

com a sujeira que faríamos, sujei minhas mãos sem pena com o doce, antes de lambuzá-la com vontade. E vê-la ali toda melada apenas a minha espera de degustá-la, me deixou ainda mais louco.

Meu pau se apertou ainda mais, tão duro, que doía. Curvei-me diante daquele manjar e comecei a lamber e sugar todo o doce. O seu sabor que eu já considerava o meu preferido, misturado ao mousse, tornou a combinação ainda mais perfeita. O sabor meio amargo do chocolate em conjunto com o seu doce, havia ganhado um novo significado para a palavra “delicioso”. A combinação de Anabella com mousse de chocolate, sem dúvidas, havia se tornado minha sobremesa favorita.

Anabella gemia alto enquanto minha língua fazia um círculo em seu centro, em uma dança perfeita, intercalado com as chupadas que meus lábios esfomeados davam. Suas mãos puxavam meus cabelos com força, enquanto ela se entregava cada vez mais para mim.

Eu amava fazer sexo oral. Não havia nada mais delicioso para um homem do que chupar uma mulher com vontade, sugando cada gota de prazer e saber que seu gozo

era resultado do que proporcionávamos a ela. Mas jamais havia me sentido tão decidido a satisfazer alguém como nesse momento. Todo conhecimento sobre sexo oral que eu tinha, estava usando entre suas pernas, porque o meu prazer, seria para agora e o resto da vida, único e exclusivamente para satisfazê-la.

Eu não pararia por nada. Não importava que o mousse de chocolate já tivesse sido todo sugado, porque o que me importava mesmo era o sabor fabricado para mim da Anabella. Era definitivamente ainda melhor do que o doce de chocolate para mim. Quanto mais o bebia, mais eu queria. Então não parava, porque já estava viciado e queria apenas mais e mais dela.

Anabella se contorcia, gemia, gritava sem pudor, enquanto minha língua ia e vinha em suas dobras e depois batia em seu centro. E não demorou para que ela finalmente se libertasse, inundando minha boca com seu prazer.

Deliciosa demais!

Não parei, simplesmente não conseguia. Queria mais. Queria extrair cada dose do seu prazer até a última

gota. Meus olhos observavam ela enquanto voltava a gozar novamente de forma violenta, convulsionando de prazer.

Linda demais! Não poderia existir imagem mais linda!

Anabella gritava o meu nome e parecia completamente fora de si. Exatamente como eu queria. Não queria parar, queria mais, mas parei, quando vi que ela parecia esgotada e sabia que precisava de descanso, afinal estava grávida. Com um último beijo, levantei, antes de segurá-la com delicadeza. Anabella estava ofegante, seu corpo pequeno completamente trêmulo em minhas mãos.

— Eu não tenho forças. — Ela murmurou sem fôlego, me fazendo rir.

— Não se preocupe, eu vou cuidar de você. *Agora e sempre*, meu anjo. — Disse para ela, enquanto trilhava beijos suaves em seu rosto, a caminho do quarto.

Fechei os olhos e senti a profundidade de cada palavra proferida. Eu amava Anabella. Amava como nunca achei que fosse possível amar alguém. Eu faria tudo

por ela. Por eles. Por nós.



Depois de mais um banho e de ter cuidado com prazer da minha mulher, estávamos deitados na cama. Anabella acariciava preguiçosamente meu peito, nós dois exaustos, mas completamente satisfeitos e felizes por estarmos ali. Juntos. Era impossível não pensar no quanto nossas vidas haviam mudado em apenas alguns dias. Primeiro a gravidez e agora estávamos ali, juntos, de uma maneira que achei que não fosse possível acontecer um dia.

Anabella levantou a cabeça do meu ombro e eu sabia que ela se sentia da mesma maneira quando me olhando nos olhos perguntou:

— Isso realmente está acontecendo?

— Claro que está. Você ainda tem dúvidas? Achei que os orgasmos que lhe dei haviam sido suficiente. — Perguntei, brincando, embora estivesse realmente intrigado por ela ainda achar que as coisas podiam ser diferentes.

— Seu convencido. — Bateu em meu peito rindo.

— É apenas difícil acreditar que isso é realmente real. — Disse com uma caretinha linda. — Apenas não quero acordar e perceber que estou mais uma vez sonhando com nosso conto de fadas. — Confessou meio tímida e eu sorri, abraçando-a apertado.

— Você não precisa se preocupar com isso, anjo. Você não está sonhando. E eu vou lhe provar isso. — Falei decidido a não adiar mais o que havia ido fazer ali.

— O que você vai fazer? — ela perguntou incerta quando me viu levantar da cama para pegar o que faltava e quando ajoelhei-me em sua frente, Anabella levou a mão à boca.

— Meu anjo, não era exatamente assim que eu havia planejado fazer isso, mas suas dúvidas quanto a nós só me deram a certeza de que não importa como eu faça isso, mas sim fazer. — Sorri, meio nervoso e continuei. — Eu realmente pensava que não era possível existir alguém assim. É, tipo assim, perfeita como você. Alguém que eu queira acordar com um “eu te amo” todos os dias. Alguém que sorri com as minhas idiotices. Alguém que me bate

por ser convencido. Alguém que se emociona com as poucas palavras que consigo dizer, pois mesmo não conseguindo demonstrar como eu te amo, hoje sei que é por você que eu vivo. Quero segurar forte suas mãos em cada momento, especialmente aqueles em que você sentir medo. Quero abraçá-la apertado nos dias de chuva ou de frio, ficar com você agarrada a mim, enquanto usa a minha camisa como pijama, porque eu não acho que exista coisa mais sexy do que isso. Quero andar de mãos dadas com você e mostrar para o mundo que é minha. Quero enxugar cada lágrima sua, mesmo quando chorar com filmes românticos água com açúcar. Você não tem ideia como sou apaixonado por você, anjo. Você simplesmente me encanta. Sua timidez de uma criança com o corpo de mulher. Esse seu sorriso capaz de iluminar o mundo. Esse seu olhar que faz todo mundo se encantar, e não foi preciso muito pra eu me apaixonar. — Sorri emocionado. — Pois é apenas com sua voz que tudo fica mudo, e só é preciso vê-la, para que todo o resto fique escuro, que nada mais me importe. É você quem sempre eu vou chamar de meu anjo, minha menina, de minha mulher. É

por você, que se precisar, eu paro o mundo. É por você que eu entro na frente de uma bala, ou qualquer outra coisa, mas tudo pra ver seu lindo sorriso. Eu te prometo, que é você quem eu vou adorar ver em todos os dias da minha vida. A última antes de dormir e a primeira ao acordar. É para você que sorrirei todos os dias, só pra ver seus olhos brilharem. E hoje, agora, que eu te peço, que seja muito mais do que a minha namorada, minha noiva, que seja minha esposa, a estrela que me ilumina, o anjo que me guia, minha Deusa, minha princesa. Eu quero ser seu príncipe, seu conto de fadas. Quero te dar tudo, pois eu sou capaz de tudo por você, pelo teu sorriso. Esse mesmo, que com apenas um, quando ainda era uma menina, me fez perceber, que você é a razão do meu viver, e é com você que quero estar junto, mesmo quando estivermos velhinhos. Então eu preciso perguntar: Casa comigo, anjo?



capítulo 19

O PEDIDO...

Igor

Ainda ajoelhado em sua frente, via Anabella emocionada, sem conseguir esconder o quanto meu pedido havia mexido com ela. Porém seu silêncio me preocupou absurdamente. Não queria que Anabella estivesse confusa, ainda mais depois de tudo que havia lhe dito. Eu achava que talvez ela ficasse surpresa, mas não que precisasse lidar com suas dúvidas. Achei que já havíamos passado por isso. Porém, o mais importante ainda era que eu não

queria que ela pensasse demais. Pensar demais não ajudava em nada. Nós dois erámos prova disso.

— Igor, e-eu...

— Eu? — Insisti, agoniado.

— Eu amo você, só não quero apressar nada, Igor.

— Disse, segurando meu rosto e eu franzi a testa olhando para ela.

Era impressão minha ou ela estava me dando o fora?

— Anabella, nós vamos ter um filho em menos de três meses. E você está querendo vir me dizer que não quer se apressar? — Perguntei, começando a ficar irritado.

Sério mesmo?

— Exatamente por isso. Nós não estamos juntos por esse motivo. Não quero que ninguém pense que estamos juntos por causa do nosso filho. — Apontou, como se fosse óbvio e eu bufei.

Mas o que?

— Como é que é, Anabella? Foda-se o que os outros pensarão! Eu não me importo! — Rosnei.

— Igor, eu só estou dizendo que quero fazer as coisas devagar. Não quero que nos casemos apenas por causa do nosso filho. Quero que façamos isso por nós. — Disse e por mais que não gostasse nada do que ela estava dizendo, ainda assim acenei com a cabeça.

Droga! O que eu podia fazer agora?

— Tudo bem. Eu não quero, mas respeito sua opinião. Mas preciso saber: O quão lento estamos falando? — Ela deu de ombros quando perguntei isso.

— Podemos nos curtir um pouco, namorarmos e quem sabe, daqui a uns dois, três meses voltarmos a falar sobre isso?

Diabos! Dois meses?

Olhei para ela sem saber o que dizer. Meu coração me dizia que queria casar-se com ela o quanto antes, mas minha razão estava jogando na minha cara que isso estava acontecendo apenas por minha causa. Anabella estava sendo cautelosa, porque, no fundo, ela ainda tinha dúvidas sobre meu amor por ela.

Por que eu tive que ser tão estúpido?

— Tudo bem. — Respondi a contragosto, mas

logo prossegui apontando o dedo para ela: — Posso estar concordando com isso. Mas apenas coloque na sua cabeça que eu não vou desistir de tentar convencê-la. — Me levantei, puxando-a para mim. — E me reservo no direito de não aceitar esperar isso até o nascimento do nosso filho. Você sabe, eu sei ser bem convincente quando quero. — Ela riu daquele seu modo tímido e assentiu.

— Está certo, para mim está tudo bem.

— Ótimo. Agora eu posso ao menos colocar esse anel em seu dedo e mostrar para os outros a quem você pertence? — Perguntei, cheirando seu pescoço e ela riu.

— Eu acho que não custa nada usar esse anel. — Disse, deixando cair a cabeça para trás.

Inocente! Como se ela tivesse muita escolha!

Com cuidado, coloquei o anel em seu dedo. Prestando atenção no quanto o anel com a linda pedra com corte de princesa que tinha escolhido para ela havia ficado perfeito em sua mão.

Apesar de Anabella não ter dito “sim” nesse momento, eu me sentia mais feliz do que me senti alguma vez em minha vida. O amor que sentia por ela

substituindo todas as coisas ruins que guardava dentro do peito. A esperança de uma vida de felicidade preenchendo-me completamente.

Eu havia perdido tanto tempo afastando-a de mim, fugindo do que sentia por ela. Mas agora eu não tinha mais dúvidas. Não tinha mais medos. Apenas certezas de que ela era a mulher da minha vida.

O que seria esse tempo que ela me pediu, perto de uma vida de felicidade que eu quero com ela?



Passamos o dia seguinte todo nos curtindo e não deixei que Anabella ligasse seu celular, que havia desligado assim que entramos na lancha. Eu sabia que provavelmente sua caixa postal estava repleta de mensagens. E que a minha com certeza teriam algumas ameaças nada sutis e certamente seus irmãos e seu pai me matariam quando chegasse, mas não me importei.

No domingo, mesmo a contragosto, fomos embora e deixei-a em sua casa e mesmo querendo entrar para enfrentá-los, ela não permitiu. Eu iria mesmo assim, mas

quando Anabella me disse que precisava começar a se impor, entendi que ela realmente precisava fazer isso por ela e então apenas fui embora, prometendo pegá-la cedo para irmos juntos para o hospital.

Não queria dormir sem Anabella em meus braços, já havia me acostumado a tê-la comigo e dormir sozinho em minha cama agora parecia dar um novo significado a palavra insone.

Essa noite definitivamente seria terrível!

O bip de mensagem soou no momento em que saí do meu carro. E eu sorri ao ver que era uma mensagem de Anabella.

“Uma bomba caiu por aqui durante nossa ausência, mas consegui contornar as coisas. Eu acho que virei um pouco Steph e estou assustadíssima com essa constatação. Não se preocupe, está tudo bem. Embora Taddeo pareça estar chupando limão desde que viu o anel em meu dedo. rs

Já com Saudades.

Amamos você.

Anabella”

Dei uma gargalhada alta imaginando a cena. Eu definitivamente queria ser uma mosquinha para ter visto isso. Com certeza havia sido muito, muito sexy. Ajeitei meu membro em minha calça e logo meu telefone voltou a tocar, mas agora com uma ligação de Stephanie.

— Pelo tamanho do sorriso e da pedra do anel de Anabella, eu acho que dessa vez você fez as coisas direito. — Sorri.

Nosso filho era a prova viva que eu fazia as coisas direito. Sempre.

— Oi para você também, querida prima. — Disse irônico e ela bufou.

— Oi o caralho, quero detalhes. Afinal, aguentei o mau humor de dois Caravaggio que queriam arrancar-lhe o couro por ter sequestrado sua irmã caçula. E um deles inclusive, dorme na mesma cama que eu e tive que aguentar sua greve. Pode acreditar nisso? Théo ficou tão puto comigo que fez greve. Greve. — Disse revoltada. — Então, me conte. Me conte. Como foi o pedido? Quando

será o casamento? — Exigiu, fazendo as perguntas rapidamente.

— Não tem muito a dizer, Anabella não aceitou meu pedido. — Eu disse.

— O quê?! — Stephanne gritou em meu ouvido, deixando-me temporariamente surdo. — Eu apenas não posso acreditar nisso! Depois de todo meu sacrifício, ela simplesmente disse “não?” — Perguntou indignada. — Eu não posso acreditar que todo esforço foi em vão, que deixei de gozar por isso!

Não aguentei, Stephanne estava tão indignada, que acabei caindo na gargalhada. Tudo bem que eu realmente não estava mentindo, que tecnicamente Anabella não havia aceitado realmente meu pedido, mas também não havia negado.

Quando percebeu que eu estava rindo, Steph começou a me xingar:

— Seu puto! Cachorro! Filho da puta! Espero que seu pinto caía! Como você pode me dar um susto desses? Sério. Quase pari mais um filho agora! — Disse, dramática, me fazendo cair na gargalhada novamente.

— Ok, me desculpe, mas eu realmente não estou mentindo inteiramente. Eu a pedi em casamento, mas ela acha que é melhor esperarmos um pouco. Ela não quer se casar apenas porque está grávida. Quer fazer isso por nós.

— Expliquei, com uma careta.

— Ok. Eu meio que entendo. Não aceito, mas entendo.

— Idem. — Resmunguei, adentrando a cozinha, onde comecei a procurar por sorvete, estava desejando uma taça gigantesca desde que saímos da Ilha.

— Eu só quero que vocês sejam felizes. — Ela continuou e eu sorri, tocado pelas suas palavras, pois sabia que ela realmente queria isso.

— Sabemos disso e agradecemos. Não acho que estaríamos aqui agora, se não fosse por você. — Ela bufou para mim.

— Agradeça a Deus por me ter em sua vida. E claro, um par de sapatos ou uma bolsa da Gucci, me deixariam saber o quanto você é grato pela minha genialidade. — Disse, me fazendo rir e eu sabia que não estava blefando, ela certamente queria isso mesmo e fiz

uma nota mental para dar o que havia pedido. — Eu secretamente o odiava, por não enxergar o quanto era burro em fazê-la sofrer e não fazer nada por isso. Mas felizmente, você se deu conta do quanto estava sendo estúpido e de quebra ainda a engravidou, para garantir que ela não lhe largasse mais. Acho que a genialidade está no sangue, afinal. — Brincou, me fazendo rir.

Eu balancei a cabeça concordando, embora ela não pudesse me ver. Acho que meu “eu bêbado” havia sido mais esperto do que eu e conscientemente logo tratou de engravidá-la, porque antes de Anabella nunca havia transado sem camisinha.

— Então quer dizer que apesar da minha cunhada estar te cozinhando a banho-maria, as coisas parecem estar funcionando de alguma maneira, né?

— Sim. Mas talvez eu precise de mais uma ajuda para que ela mude de ideia mais rapidamente. — Eu disse, começando a comer o sorvete que finalmente havia encontrado na geladeira.

Hm... Que delícia!

— Se é para ver os dois felizes, sabe que pode

contar comigo, não é? — Ela perguntou.

— Eu sei. Obrigado. — Agradei sinceramente.

— Ótimo! Porque eu tenho ótimas ideias.

Inclusive uma que envolve um casamento surpresa.

— Opa! Acho que agora estamos falando a mesma língua, princesa. — Disse, me sentando para ouvir sua ideia.

Sim. Ela era doida, mas eu a amava!



— Igor. — Ouvi meu nome no momento em que retornei da sala e nada feliz olhei para meu tio.

É .Tudo que eu não precisava para acabar com meu humor!

— Evan. — O cumprimentei com um aceno frio.
— A que devo o desprazer da sua visita? — Perguntei, sentando-me em frente a ele, deixando claro que sua presença não era bem-vinda.

— Soube sobre você e a menina Caravaggio. — Falou, com desgosto evidente em sua voz e eu não disse nada, apenas continuei encarando-o com a sobrancelha

levantada. — Então é verdade? — Insistiu, vendo que eu não cederia facilmente.

— O que você quer saber, Evan? — Perguntei, começando a ficar irritado. Não sabia onde ele queria chegar com essa história.

— Sobre vocês dois. Que estão esperando um filho e vão se casar. — Falou, parecendo cada vez mais irritado.

— Não que isso seja da sua conta, mas sim, é exatamente isso. Por que você se importa a ponto de vir aqui falar sobre isso? — Perguntei, já sem um pinga de paciência e ele sorriu, com escárnio.

— Você sabe muito bem o motivo do meu interesse. O casamento e o filho, mudam as coisas. Afinal, as cláusulas do testamento do seu pai são mais do que claras. — Afirmou, fazendo-me engolir em seco.

Merda! Eu havia esquecido completamente o testamento! Heitor Carrara querendo me foder na vida e na morte!

Anabela

Ok. Talvez estivesse sendo idiota e estivesse realmente agindo como uma menina mimada. Por que eu estava adiando tanto para aceitar realmente seu pedido de casamento, quando mais dia menos dia eu sabia que iria

lhe dizer “sim”? Eu sabia a resposta. Uma parte minha, apesar de acreditar em Igor, ainda estava meio insegura e queria ter certeza, ali no fundo da alma dele, de que ele me amava.

— O que você acha de viajarmos no final de semana? — Igor perguntou, enquanto saíamos de mãos dadas do restaurante em que havíamos almoçado.

Eu nem mesmo sabia que existia um restaurante indiano na Campavia, mas aparentemente o Dr. Igor estava com uma espécie de desejo de comer esse tipo de comida e então viemos parar aqui. Não que eu esteja reclamando, porque a comida estava realmente uma delícia. Mas aquele lugar deserto era definitivamente estranho.

— Para onde? — Perguntei curiosa e ele me parou, virando meu corpo para ele.

— Não importa realmente, contanto que você esteja comigo. — Ele murmurou, as mãos grandes acariciando meu rosto.

Meu peito se apertou com a emoção pelas suas palavras. Naquele momento eu sabia que não iria mais adiar, eu sabia o que queria. Sabia o que nós dois

queríamos.

— Igor... — Sussurrei, mal conseguia respirar.

— Merda! — Ele gritou, visivelmente preocupado, me empurrando para o lado oposto ao seu.

Por um milésimo de segundo, a única coisa que pensei em fazer era proteger meu filho e por isso quando vi que cairia, coloquei meu peso sobre meu joelho e então caí em direção ao chão. Foi então quando tudo aconteceu. Meus joelhos doíam pela queda e certamente havia machucado-os, mas eu não me importei, pois meu olhar voltou diretamente para Igor.

— Não! — Tentei gritar, mas estava sem ar e não consegui mais do que um murmúrio fraco. Na queda, o medo de machucar meu filho de alguma maneira consequentemente me fez perder o fôlego.

Numa espécie de câmera lenta cruel, vi Igor bater no carro e então voar e cair no chão. Gritei. Tudo ao nosso redor ainda estava se movendo em uma cruel e atroz câmera lenta. Corri até ele gritando, chamando seu nome. Minhas mãos queriam ir até ele, mas meu lado enfermeira me dizendo que não podia tocar-lhe, porque depois da

pancada, ele poderia estar gravemente ferido. Mas então, quando vi o sangue escorrer pelo asfalto e tudo ficou ainda mais apavorante.

— Igor! Pelo amor de Deus! — Gritei de novo seu nome, as lágrimas caindo incessantes.

— Senhorita, estou ligando para emergência. — Um dos meus seguranças diz.

Ouvi murmúrios ao meu redor, mas não me dei ao trabalho de entender o que estava sendo dito, não conseguia desgrudar os olhos de Igor e todo aquele sangue que escorria dele. Meu coração batia num ritmo alucinante, doía, sangrava. Meu amor sangrava. E eu não podia lidar com nada além dele. Precisava salvá-lo.

— Alguém me ajuda, pelo amor de Deus! Por favor, alguém me ajuda! — Pedi, ensandecida.



Nem me lembro como viemos parar no hospital. Em um momento estava ajoelhada ao chão, desesperada, e quando dei por mim, já estávamos aqui e via Igor ser colocado numa maca e seguir desacordado para

emergência.

Deus! Por que isso estava acontecendo?

Mesmo contra minha vontade, fui levada para sala de exames e só saí quando constataram que apesar do joelho machucado, estava tudo bem comigo e com o bebê. Rapidamente minha família chegou, mas nem mesmo lhes dei ouvidos. Eu estava tão preocupada em saber sobre o estado de saúde de Igor, que nem mesmo me preocupei em avisar-lhes antes de chegarem. Provavelmente um dos nossos seguranças havia feito isso.

Todos pareciam preocupados. Não apenas com Igor, mas comigo que permaneci calada, sem dizer uma palavra. Um medo impotente tinha me consumido. Eu estava em tanta agonia à espera de notícias, que definitivamente não podia falar ou lidar com qualquer um que ficasse perto de mim.

Eu amava trabalhar naquele ambiente hospitalar. Cuidar da saúde das pessoas para mim era prazeroso. Era gratificante. Mas estar ali, naquela sala de espera, havia feito com que eu mudasse de ideia. Odiava estar ali. Odiava não saber como ele estava. A cada segundo que

passava sem notícias suas, parecia que aquele lugar estava sugando meu coração, minha alma. Sugando cada fiapo de esperança que me restava desde que havia chegado ali com ele.

Sentei no banco da sala de espera e ali permaneci, quase sem conseguir respirar. Estava em tanta agonia, que depois de um tempo um soluço violento irrompeu um minha garganta, liberando meu desespero em forma de lágrimas. Alguém me abraçou, mas eu não sabia quem era. Na verdade não me interessava. Tudo que me importava era essa dor excruciante que me tirava o fôlego e me deixava sem chão.

Eu não podia perdê-lo!

— Vai ficar tudo bem, filha. — Meu pai murmurou e eu me agarrei ainda mais a ele.

— Não posso perdê-lo, pai. — Sussurrei como uma menina assustada.

— Não vai. Tenha fé, meu tesouro.

Afastei-me e ele me encarou por mais alguns segundos antes de dizer que já voltava e saiu em seguida. Antes de virar as costas, pude ver seus olhos azuis

úmidos, preocupados. Ele também estava sofrendo. Ele não estava apenas preocupado comigo. E isso me deixou ainda mais angustiada.

— Você precisa comer. — Meu pai disse quando retornou, estendendo uma embalagem para viagem de um dos meus restaurantes preferidos.

— Não estou com fome. — Respondi, sem dirigir um segundo olhar para ele, malmente conseguindo dizer essas palavras.

— Não faça isso, querida. Sei que está preocupada. Todos estamos, mas você precisa se alimentar. Você está carregando um bebê. Não pode simplesmente esquecer-se disso.

Droga! Ele tinha razão!

As palavras de meu pai foram como um tapa em minha cara e surtiram efeito imediatamente. Então comecei a comer, pois eu tinha que estar bem para nosso filho e para ele. Desesperar-me, esquecer-me que precisava cuidar de mim, quando eu não era uma só nesse momento, era egoísmo. Imaturidade. Inconsequência da minha parte. Não poderia ficar ali chafurdada em minha

própria dor, sentindo-me culpada por tudo. Fazer isso nesse momento, só faria tudo piorar. Tinha que cuidar do meu filho.



Finalmente o médico nos trouxe a notícia de que ele estava bem. Fora a perna que ele havia torcido, algumas escoriações e a retirada do baço, a preocupação maior da equipe médica, era de que Igor havia batido a cabeça. O local da batida era uma área sensível e eles ficaram um tempo sem conseguir conter o fluxo sanguíneo e só então depois disso acontecer e constatarem que não havia dado nenhuma alteração nos exames, que o liberaram para seu quarto.

— Graças a Deus! — Murmurei, chorando. Os soluços sacodindo meu peito pelo alívio.

— Tá vendo, irmãzinha? Igor é cabeça dura. Ele não iria deixá-la aqui sozinha. — Taddeo disse, apertando-me contra seu peito.

Sim. Ele não me deixaria! Eu sabia agora!

— Vamos ficar de olho nele. Por isso ele vai

permanecer sedado até que seja necessário. — Ele disse sério e eu sabia que estava tentando parecer imparcial, mas parecia preocupado.

Eu não conseguia respirar. Eu não conseguiria respirar e queria ter certeza de que estava tudo bem com ele, apenas quando o visse com meus próprios olhos.

— Posso vê-lo? — Perguntei, enxugando meu rosto da maneira que podia.

No primeiro momento, o médico negou, dizendo que era melhor para ele que descansasse. Mas eu sabia que o melhor para Igor era estar comigo ao seu lado. Eu era seu anjo. Eu precisava ir até ele.

E depois de muito insistir, o médico deu-se por vencido e permitiu apenas a minha entrada. Mais uma vez o andar havia sido esvaziado para evitar curiosos e nos dar privacidade e por isso o corredor estava vazio. Ele me levou em direção ao quarto que Igor estava e quando cruzei a porta, fechei os olhos com força e respirei fundo, tentando conter uma nova onda de lágrimas. E então eu abri os olhos e o vi.

Fiquei paralisada em meu lugar, meus pés

pareciam simplesmente não se mexer. Mas então quando vi seu lindo rosto adormecido, não consegui me conter e fui até ele. Igor ainda dormia, seu cabelo estava desgrenhado como sempre. Minha mão logo tratou de tirar seu cabelo sobre o olho e tocou seu rosto, que agora tinha mais um corte na testa, onde ele havia tomado alguns pontos.

Lágrimas caíam dos meus olhos, pingando em seus braços, enquanto eu o tocava, querendo ter certeza de que ele ainda estava inteiro para mim apesar de tudo. Um cateter saía do dorso de sua mão, levando a medicação necessária para o seu corpo. E de alguma forma vê-lo assim, tão frágil, vulnerável, como não estava acostumada, fez com que eu não conseguisse segurar mais as lágrimas que eu tentava tão arduamente conter.

— Eu não posso te perder, meu amor. — Eu disse acariciando seus lábios, demorando um pouco na pinta no canto da boca. — Eu e seu filho precisamos de você, papai. — Forcei um sorriso em meio às minhas lágrimas enquanto dizia isso e depois de um tempo me ajeitei, deitando ao seu lado, precisando mais do que tudo que

ficássemos juntos. Como eu queria e deveria ser daqui para frente.

Igor

Eu fui puxado de um sonho quando senti algo perfurando terrivelmente minha cabeça. Tentei abrir meus olhos, mas quando finalmente se abriram, devido à dor soltei um rosnado, fechando-os novamente. Era como se uma pequena furadeira estivesse trabalhando incansavelmente contra meu cérebro.

Um gemido saiu da minha garganta, mas até o som que emiti saiu estranho. Minha boca estava seca, a saliva grossa era difícil de engolir, minha garganta parecia ter comido um quilo de areia. Quando finalmente consegui abrir meus olhos, dei-me conta de que estava deitado em uma cama de hospital. Minhas mãos foram até minha cabeça, onde sentia latejar e com os dedos senti que havia um curativo ali. Ainda via tudo meio embaçado, mas tudo que eu queria era sair daqui.

Foi então que lembrei-me de tudo. O carro indo em direção a ela. Naquele momento, não pensei duas vezes antes de empurrá-la para que não fosse atingida. Depois a batida em meu corpo e então veio a dor e tudo ficou escuro.

Tentei não pensar sobre isso, mas as imagens

apenas voltavam em minha mente. A sensação de agonia por não querer vê-la machucada. Aquela necessidade intrínseca de precisar saber como ela estava.

Quando finalmente consegui me mexer, tentei me levantar e então paralisei ao sentir suas mãos macias e ouvir a voz doce do meu anjo:

— Graças adeus, amor! — Ela disse nitidamente emocionada e quando finalmente consegui olhar para ela, a vi chorando.

— Oi, meu anjo. — Eu disse, forçando um sorriso através da minha dor.

— Espera um pouco, não volte a dormir. Eu vou atrás do médico! — Ela disse, saindo correndo apressada.

Não, anjo. Eu não preciso de um médico. Preciso de você!

Quando Anabella voltou acompanhada do médico, seus olhos brilhavam com alívio e mais alguma coisa, algo que eu não podia nomear. Anabella parecia definitivamente cansada, mas seu olhar não deixou o meu. O médico me examinava, mas eu não prestava atenção em nada do que ele dizia. Meus olhos também não deixaram

os dela.

Então o médico disse que eu teria de ficar pelo menos mais um dia no hospital, para repetir alguns exames e quando ele passou por Bella, inclinou-se e lhe disse algo que a fez acenar.

O que diabos ele havia dito para minha mulher?

Quando a porta se fechou, Anabella então se moveu até estar diante da minha cama. Ela não disse nada e o pesado silêncio me agoniou, porque eu sabia que ela estava se sentindo mal por tudo. Meu coração quase parou quando seus dedos voltaram a me tocar, acariciando-me e ela tirou meu cabelo de frente dos meus olhos.

Anabella me examinava lentamente, como se quisesse ter certeza de que eu estava inteiro. Sua mão pequena acariciou cuidadosamente ao redor do curativo que tinha em minha testa. Doía. Mas não lhe diria, pois senão ela deixaria de me tocar e eu precisava do seu toque.

— Estava preocupada. — Confessou.

— Está tudo bem. — Garanti.

— Dói muito? — Ela perguntou, com a voz

baixinha de preocupação, temerosa.

— Não. Apenas se você parar de me tocar. — Sorri, tentando aliviar o clima.

Anabella fechou os olhos e lágrimas começaram a descer, ela parecia respirar com dificuldades quando começou a falar:

— Eu não vi o carro vindo até nós e então você me empurrou. Não entendia o que estava acontecendo até ver você ser atingido e cair, fazendo uma poça de sangue ao redor... E-eu pensei que fosse tarde demais. Eu pensei que você tinha morri-ido.

— Eu pensei que ia morrer realmente, mas apenas não podia deixar acontecer o mesmo com você, anjo. — Assegurei a ela.

— Você nos salvou. Obrigada.

— Não tem o que agradecer, anjo. Eu daria minha vida por vocês. Isso é algo que eu não quero que você me agradeça nunca. — Ela sorriu, ainda emocionada e se inclinou, beijando o canto esquerdo de meus lábios, a emoção de senti-la depois do que houve, crescendo ainda mais em meu peito.

— Você sente alguma dor nos braços? —

Perguntou, deixando-me confuso.

— Não...

Ela não esperou mais um segundo antes de me bater ali.

— Ai! O que é isso, Anabella? — Reclamei, sentindo o local que ela bateu arder.

— Nunca. Nunca mais me dê um susto desses, seu cachorro! — Reclamou irritada, me fazendo sorrir como um bobo. — Por que você está rindo, seu idiota? Eu não estou brincando! — Rosnou, antes de seu olhar voltar a ficar úmido pelas lágrimas. — Por que você fez aquilo? — Perguntou, angustiada.

Ah! As mudanças de humor da gravidez!

— Eu apenas não podia permitir que algo os machucasse. Vocês realmente estão bem? — Perguntei e ela acenou que sim.

— Quando viemos para o hospital, insistiram em me examinar para saber se estava tudo bem comigo e com o bebê. — Garantiu, antes de prosseguir, ainda com os olhos repletos de lágrimas: — Não podia ter feito isso. —

Ela balançou a cabeça, ainda inconformada.

— Pare de dizer isso, anjo. Naquele momento eu não pensei em mais nada além de proteger vocês.

— Me prometa que não fará mais nada estúpido que vá te machucar. — Pediu e eu neguei.

— Eu não posso prometer isso. — Resmunguei e ela me encarou feio.

— Prometa! — Exigiu, apontando o dedo para mim.

— Ok. Nunca mais. Prometo. — Garanti, embora soubesse que eu não podia prometer nada, muito menos não ser idiota.

— Acho bom mesmo! Caso contrário, eu juro que darei uma de Stephanne e lhe arrancarei os ovos! — Disse séria e tive que rir.

— Pare com isso, anjo. Você não quer desfalcar meu time. — Sorri para ela, que pareceu mais irritada ainda com a minha resposta.

— Sorte a sua que não. Mas não fique achando que não posso fazê-lo sofrer. — Apontou para mim e eu engoli em seco.

— O que quer dizer com isso? — Perguntei, embora não soubesse se queria realmente ouvir sua resposta.

— Já ouviu falar em greve de sexo? Pois bem. Se você não entrar na linha, meu querido, verá o que posso fazer. — Encarei-a ainda em choque, incapaz de assimilar sua declaração.

— Como assim?

— Exatamente assim como está pensando. O mais próximo de um pênis que eu terei entre minhas pernas, será meu vibrador. E acredite, não será você quem estará utilizando em mim. — Falou, me deixando completamente chocado.

Meu Deus! Greve de sexo? Meu anjo havia virado uma diaba perversa!



Mesmo contrariando meus pedidos, Anabella passou a noite em meu quarto. Eu não queria que ela dormisse de modo desconfortável, mas ela não quis me dar ouvidos. Estava começando a aprender que não

adiantava mesmo contrariá-la, minha mulher estava demonstrando mais e mais a cada dia sua determinação. Ela não permitia mais que ninguém colocasse sua vontade sobre a dela. E bem, eu estava feliz por isso.

Depois de muito reclamar, refizeram a bateria de exames que eu tinha de fazer logo pela manhã. Afinal, minha autoridade tinha que funcionar de alguma maneira, caso contrário do que adiantaria ser diretor daquele lugar?

O médico que estava cuidando do meu caso, havia dito que eu seria liberado logo após os resultados dos exames saírem, o que deveria acontecer um pouco depois do almoço. Reclamei, dizendo que achava não ter necessidade de continuar ali, mas quando olhei para o lado e vi a cara de braba de Anabella, me calei e resolvi que mais algumas horas ali não me fariam mal.

E sim. Eu também tinha amor ao meu pau! Não queria contrariá-la! Longe de mim! Ou melhor, longe de mim não!

Eu já podia tomar banho sozinho, mas como não sou bobo nem nada, pedi que Anabella viesse cuidar de

mim. Afinal, queria que ela se aproveitasse de mim um pouco. Estava precisando dos seus cuidados. Mais precisamente em uma parte específica do meu corpo. Mas ela apenas negou e mandou que eu fosse sozinho.

Tomei meu banho irritado. Estava sentindo-me cada vez mais magoado pela sua falta de compreensão. Por que Anabella parecia não me entender? Por que ela não via que eu precisava dela?

Quando abri a porta do banheiro, pronto para lhe dizer algumas coisas, vi que as luzes foram apagadas e o quarto estava iluminado apenas pela luz das velas e ali no centro, diante de mim, tinha a imagem da mulher da minha vida. Sua pequena barriga havia começado a apontar no vestido colado em seu corpo e saber que ela carregava ali o fruto do nosso amor, só a deixava ainda mais linda. Mais linda impossível e com um olhar brilhante de felicidade.

A música *Like I'm Gonna Lose You* de Meghan Trainor e John Legend começou a tocar. Estava tão surpreso com aquilo que nem mesmo pisquei, achando que poderia estar sonhando sobre isso. No entanto, foi

olhando para aqueles penetrantes olhos azuis que eu soube que era real e por isso não conseguia desviar o olhar.

E então ela começa a falar:

— Eu acho que tenho algumas coisas para dizer.

— Sussurrou, igualmente emocionada.

— O que é isso, anjo? — Perguntei respirando com dificuldade.

— Há algo que eu quero falar com você e tudo o que peço é que você me ouça, ok? — Perguntou e eu assenti com a cabeça.

Só eu sei o esforço hercúleo que fiz para tentar me conter. Tudo que eu queria era ir até ela, mas me contive, meus músculos rígidos lutavam contra a vontade de ir até ela e pegá-la em meus braços.

— Nem sei por onde começo. — Suspirou. — Enquanto você não acordava, eu ensaiei por tantas vezes o que te dizer e agora simplesmente não consigo me lembrar de mais nada. Eu sei que havia dito que queria esperar um pouco antes de falarmos sobre casamento, mas depois do que aconteceu, eu simplesmente não podia. — Ela parecia estar torturada ao se lembrar.

— Eu estou bem, anjo. — Garanti e ela assentiu, limpando as lágrimas que escorreram.

— Sei que sim. Mas eu preciso fazer isso. — Suspirou ainda profundamente dessa vez. — Eu sonhei durante toda minha vida com você, Igor. Você era meu sonho de menina e tornou-se meu sonho de mulher. Você é alguém tão forte e não faz ideia disso. Mas embora eu diga o quanto você é convencido, nunca conheci alguém com o coração tão grande e tão altruísta quanto você. Você é um enigma que adorei desvendar, Igor Carrara. — Disse com um sorriso lindo. — E você é tão inteligente, engraçado. Lembro que quando te vi, quando ainda era um menino, senti algo tão forte em meu peito, que sabia que era você. Você foi crescendo e a cada dia que passava, eu o queria ainda mais. Eu tinha certeza, no fundo da minha alma, que era você e não adiantava que você tivesse estado com outras. Ou que eu tenha tentado de alguma forma te esquecer. Eu deveria ter te dito “sim” desde a primeira vez que você pediu.

A música tomava conta de todo o quarto e o significado era tão profundo, que me deixava sem fôlego.

*“Então, eu vou te amar
Como se eu fosse te perder
Vou te abraçar
Como se estivesse dizendo adeus
Aonde quer que a gente esteja
Vou te valorizar, pois nunca sabemos quando
Quando o nosso tempo vai esgotar, por isso vou te
amar
Como se eu fosse te perder
Vou te amar como se fosse te perder”*

Lágrimas escorriam pelo meu rosto e não me importei de chorar. Eu não precisava que ela me dissesse mais nada, pois sabia que me casar com ela seria a melhor coisa que poderia acontecer em minha vida. Dei mais um passo em sua direção, mas ela levantou a mão me fazendo parar novamente e eu sabia que ela precisava continuar:

— Quando você sofreu o atentado, eu fiquei tão fora de mim que não conseguia fazer nada além de chorar e esperar por notícias. Eu queria estar perto de você de

alguma forma e quando me tiraram do seu quarto, porque não podia dormir na maca com você, fui até sua casa e entrei no seu quarto, porque eu precisava sentir um pouco de você. — Ela sorriu, limpando suas lágrimas. — Preciso que você saiba que seria a melhor coisa do mundo dizer o quanto te amo ao seu lado todos os dias, logo depois de abrir os olhos. Seria bom ver o seu primeiro sorriso do dia. Seria bom ouvi-lo dizer sussurrando em meu ouvido, o quanto me ama e faria de tudo por mim, pela nossa família. Seria bom saber que sou a maior causa do seu sorriso. Seria bom que você fosse a última pessoa que eu visse antes de dormir. Seria bom sair de mãos dadas com você, dizer ao mundo que sou sua. Durante a chuva e o frio, seria bom estar sempre ao seu lado. É, eu já imaginei. Seria tudo perfeito, mas para que isso aconteça, eu preciso dizer “sim”. — Ela respondeu sobre todas as coisas que eu disse quando a pedi em casamento e eu a olhei ainda mais emocionado.

— E eu vou esperar que isso aconteça, anjo. Porque há muito anos eu soube que era você. — Falei, porque embora não gostasse nada disso, eu faria

realmente por ela.

— Não me orgulho, mas enquanto estava em seu quarto, comecei a mexer em suas coisas. — Enguli em seco.

Deus! Será que ela encontrou? Não. Eu esperava que não!

— Foi então mexendo em uma caixa que encontrei umas fotos minhas. Fotos minhas de épocas bem diferentes. Muitas das quais eu nem mesmo sabia que estava posando. — Disse, com um sorriso tímido e eu finalmente voltei a respirar.

É. Eu acho que ela acaba de descobrir mais um dos meus segredos!

— Por que você as têm, Igor? — Perguntou e eu dei de ombros.

— Não sei. — Menti e ela sorriu, parecendo saber exatamente o que eu não queria dizer.

Eu sabia, ela sabia. Mas embora não tivesse motivos para lhe esconder nada, estava envergonhado do meu pequeno delito. Talvez tivesse medo que ela achasse que eu era um tarado, um pedófilo, porque sempre a

admirei. Ver suas fotos fazia com que eu me sentisse um pouco vivo. Minha boca secava. Meus pulmões falhavam. Minhas pernas tremiam. E eu sentia meu coração acelerar tão rapidamente, que ficava completamente atordoado. Hoje eu entendia a sensação, admirá-la secretamente era apenas como olhando meu mundo inteiro na minha frente.

— Não precisa dizer. Eu te entendo. Entendo, amor, porque me sinto da mesma maneira. Mesmo sem saber, você sabia que me amava. Você deu o primeiro passo. O primeiro passo que achei que você nunca tinha dado. — Sorriu emocionada. — E agora chegou a minha vez.

Meu corpo pedia para ir ao seu encontro, mas paralisei completamente quando ela ajoelhou-se diante de mim. Minhas mãos trêmulas, meus olhos úmidos pelas lágrimas não derramadas e acho que não tinha um pelo do meu corpo que não estivesse arrepiado.

Ela não estava fazendo o que eu achava que estava, não é?

— Eu te amo tanto, Igor. — Disse com um soluço forte. — Amo tanto, que quero matá-lo às vezes. Mas eu

não posso, porque simplesmente não poderia viver sem você. Eu sei que quero o que temos e eu quero você. Eu te amo, Igor Carrara. Eu quero casar com você e quero ter filhos com você... Eu.... — Disse, me fazendo perder o fôlego.

Nossos olhos conectaram-se no que, com certeza, tornou-se o maior momento de entrega de nossas vidas. Não conseguindo mais me manter longe, cheguei perto dela, ajoelhando-me em sua frente com cuidado por causa dos meus pontos no meu abdômen. Tirei seus cabelos do rosto, para em seguida limpar suas lágrimas.

— Sim. Eu digo sim. — Ela por fim continua. — Eu aceito me casar com você e ser a Senhora Carrara.

Não esperei mais nada, apenas a tomei em meus braços. Meus lábios logo encontram os seus num beijo úmido e ardente, todas as emoções nos dominando completamente. Depois de algum tempo, nos afastamos, nós dois sem conseguir deixar de nos tocar. Suspirei contra sua pele, nossos corpos unidos, como se não pudessem se separar e murmurei com a voz rouca:

— Eu te amo, futura senhora Carrara.

— E eu te amo, futuro senhor Caravaggio. — Ela respondeu com um sorriso brincando em seus lábios perfeitos.

Absolutamente perfeita. Minha. *Agora e sempre.*



capítulo 20

O CASAMENTO...

Anabela

— Ai, eu não gosto que me xingue na cama... —

Lourdes disse, enquanto estávamos fazendo as entregas dos presentes que havíamos comprado com o dinheiro das doações que pedimos de presente de casamento.

— Como não? Quer que o *boy* fale o que? —

Vovó perguntou incrédula.

— Sei lá, mas ser xingada não é legal— .

Respondeu simplesmente.

— É. Não gosto de xingamento. Mas falar só fofura, tenha dó ,é broxante — .Stephanne quem falou, antes de começar a imitar a voz grossa do homem e acompanha através de gestos e movimentos“ :*Senta, minha Linda!*”. “*Isso. Empina essa bunda, princesa.*”. “*Chupa, sua fofa!*”. Ah tenha dó! Taca-lhe pau, mulher! Se joga sem frescuras! — Terminou de falar, me deixando mortalmente constrangida.

Jesus! Que vergonha!

Eu não sei em que momento a conversa acabou chegando nesse caminho, mas em um minuto estávamos falando da despedida de solteira que eu não teria e no seguinte já estávamos falando sobre sexo. Eu poderia não ser mais nenhuma virgem e muito menos inocente, mas estava longe de chegar ao patamar de safadeza da vovó e da Princesa Stephanne.

Não. Simplesmente não dava para acompanhar!

— Vamos mudar de assunto, pelo amor de Deus!
— Pedi, meu rosto queimando de vergonha.

— O que? Falou a mulher que vai casar muito

grávida e foge durante a calada da noite para casa do noivo. — Vovó disse, revirando os olhos e as outras começaram a rir.

O que? Eu também tinha minhas necessidades, afinal!

— Estou com fome. — Stephanie resmungou mudando de assunto rapidamente.

— Mas nós acabamos de tomar café! — Apontei e ela fez uma careta.

— Esse é o problema. Meu médico disse que é para não me preocupar com isso, porque já emagreci os quilos que ganhei durante a gravidez e que a amamentação ajuda a perder calorias. Mas tudo que eu faço é comer. E nem mesmo posso dar para o meu marido para me distrair, porque ainda estou no maldito resguardo. — Falou irritada.

— Isso é normal. Amamentar aumenta nosso apetite. — Lourdes falou.

— Só se for o sexual. Porque eu fiquei ainda mais pervertida quando tive Alisson e Alano. Meu amado, que Deus o tenha em um bom lugar, não aguentava com meu

fogo. — Vovó contou.

Não. Eu não precisava saber disso!

— Normal? Não! Isso não é normal, Lourdes. É um ultraje com uma mulher impossibilitada temporariamente de dar! Todas as noites eu sonho que estou comendo, enquanto sou comida. É um pesadelo! — Mordi meus lábios para não rir, enquanto ela continuava: — Estou dizendo que estou aqui com fome e passei a semana toda pensando sobre o banquete do seu jantar de Ensaio hoje. Meu problema é realmente sério. — Fechou os olhos e balançou a cabeça. — Deus, por favor, afasta de mim essa vontade de comer feito uma lontra raivosa com lombriga e abençoa minha caminhada com uma vida fitness. E me devolva o pau do meu marido, porque eu juro que serei uma boa menina! Tá, não tão boa, mas prometo ao menos tentar. — Steph disse de forma dramática e eu não aguentei, tive que rir do seu desespero.

— Boa só se for na cama, Stephanie. Porque homem que é homem, gosta de meninas más. — Vovó completou.

Meu Deus! Eu definitivamente não podia com

elas! E quem podia?



Toda a mídia estava em palvoroço a espera do nosso casamento. Eu acho que só no casamento de Stephanie e Théo alguém foi mais assediado, afinal, eles eram a realeza campaviana. Mas ainda assim, o casamento “da primeira-filha” e do Barão de Niápolis, maior título nobiliárquico do país após a Família Real, estava sendo um prato cheio para a imprensa. Especialmente quando a notícia da gravidez foi divulgada.

Ao contrário do que pensei que aconteceria, eu não me importei com as especulações sobre isso. Não me importava que a mídia sensacionalista e até mesmo as cobras e vadias mal amadas, dissessem que só estávamos casando porque eu estava grávida. Nós dois nos amávamos. Eu sabia. Nós dois sabíamos. E era isso que realmente importava para nós.

Depois do meu “quase” pedido de casamento no hospital, marcamos a data da cerimônia para dali a um mês e os dias não poderiam ter corrido mais rápido. Eu já

tinha tido provas suficientes do quanto organizar um casamento era trabalhoso quando foi a vez de Stephanne e Théo. E decidir fazer isso em menos de um mês, era definitivamente maluquice da minha parte. Mas eu fiz.

Foi realmente uma loucura e agora estávamos na véspera do grande dia. Tudo estava pronto. Cerimônia, festa, até mesmo o vestido, que havia sofrido alguns ajustes de última hora, porque minha barriga havia resolvido dar o ar da graça e cresceu ao longo das semanas.

Eu e Igor ríamos como bobos, cúmplices. Havíamos acabado de fugir do nosso jantar de Ensaio e sabíamos que estaríamos em apuros por isso. Mas simplesmente não ligávamos. Estávamos felizes demais para nos preocupar com qualquer coisa.

Quando passamos pela porta da casa, que também seria minha nova moradia a partir de manhã, Igor sorriu antes de capturar meus lábios com os seus. Famintos. Exigentes. Tomou-me em seus braços, como se há muito não tivesse me tido, quando na verdade eu também havia passado a última noite aqui.

— Meu Deus, como senti sua falta! Estava doido para ficar a sós com você! — Ele murmurou sem desgrudar nossos lábios.

Uma tosse forçada fez com que nós dois nos separássemos abruptamente.

Droga! Fomos pegos!

Achei que poderia ser meu pai ou meus irmãos que haviam ido até ali interceptar minha última noite de fornicação antes do casamento. Passou pela minha cabeça até mesmo jurar que havia sido sequestrada novamente pelo meu noivo e lhes garantir que era semi-virgem. Quase pura. Mas quando nossos olhos foram em direção ao som, vimos que não era nenhum deles ali.

Viramo-nos para encontrar seu tio Evan nos observando. Seus braços cruzados sobre o peito, um pequeno sorriso cínico nos lábios.

O que diabos ele estava fazendo aqui?

— Espero não estar interrompendo nada. — disse, sem pesar algum. — Desculpe o adiantado da hora. Vim aqui me desculpar com antecedência por não ir ao casamento amanhã. — Falou e eu o olhei sem entender.

Nem sabia que ele estava na lista de convidados!

— O que quer aqui, Evan? — Igor perguntou irritado, embora parecesse um pouco nervoso com a presença do seu tio.

— Você sabe o que vim fazer aqui. Precisamos falar sobre o testamento. — Ele disse simplesmente.

Testamento? Que testamento?

— Não temos nada para falar sobre isso. Não é da sua conta. — Igor disse, parecendo estar prestes a perder o controle.

— Não é bem assim, querido sobrinho. — Disse irônico, antes de olhar para mim. — Acredito que sua futura esposa também queira discutir o assunto conosco. Afinal, com a união de duas famílias importantes da nobreza campaviana, certamente ela deve querer incluir isso no acordo pré-nupcial.

Acordo pré-nupcial? Nós dois não tínhamos um!
Do que diabos ele estava falando?

— Evan, já disse. Vá embora. — Igor rosnou.

Não entendia o que estava acontecendo. Não sabia aonde eles queriam chegar com essa conversa. A

única coisa que sabia, era que tinha algo de muito errado aí.

— No testamento do meu querido irmão mais velho, há uma cláusula que diz muito claramente, que seu herdeiro direto não pode vender nenhuma propriedade da família, que elas são apenas para usos e frutos. Se você não sabe o que é, te explicarei, porque hoje estou de bom humor. — Disse sentando-se na poltrona, cruzando as pernas, parecendo muito confortável enquanto olhava para mim. — Igor não poderá vender nada do que herdou, tudo passará para os herdeiros dele. — Apontou para minha barriga. — No caso, esse filho que você carrega e assim por diante. Sendo que, parte da herança dele, dinheiro, joias, títulos... Igor não teve direito sobre. Ao menos não tinha, até agora.

Como assim?

— O que você quer dizer com isso? — Perguntei, sem saber realmente se queria ouvir o que ele tinha a me dizer.

— Evan, eu ordeno que você pare agora! — Igor rosnou e ele riu.

— Com medo da verdade? — Ele perguntou com desdém.

— Eu vou... — Segurei-o pelo braço quando vi que estava prestes a avançar sobre o próprio tio.

— Pare, Igor! Deixe-o falar! — Pedi e ele engoliu em seco concordando, quando percebeu a seriedade em minha voz.

Eu precisava saber!

— É. Essa decididamente é uma cena que jamais esperei ver na vida. — Evan disse rindo com sua própria piada.

Cínico!

— Fale logo o que você quer, Evan. — Exigi e ele deu de ombros.

— Como eu estava dizendo, Heitor era um cara esperto no que dizia respeito a investimentos. Era precavido. Ele não apenas havia herdado o título da nossa família e a maioria das propriedades. Heitor ganhou uma fortuna em dinheiros, joias, títulos. E ele soube trabalhar muito bem em multiplicá-los. Claro que ele não podia permitir que seu único herdeiro acabasse não apenas com

seu trabalho de uma vida, mas com o trabalho de gerações de Carrara. — Disse sem conseguir esconder o tom de inveja em sua voz e Igor bufou.

— Não estou entendendo. — Apontei, começando a ficar irritada com essa história.

— Tudo bem. Serei mais direto. — Sorriu para mim como se eu fosse tapada. — Igor herdou muito dinheiro sim. Tanto que nem acho que ele saiba o quão rico é. Mas há uma fonte, que há muito mais do que ele já tem. Tirando as propriedades, que como eu disse, ele não pode mexer, Igor também não tinha direito sobre a outra parte. Porque a herança ficou vinculada à existência de um cônjuge e parte dela, até a chegada do primogênito desse casamento. — Concluiu, com cara de desdém.

Mas o que?

Fechei os olhos e respirei fundo, tentando de alguma maneira não permitir que caíssem as lágrimas que os queimavam.

— Chega, Evan. Vai embora agora! — Igor gritou.

Evan se levantou lentamente, parecendo muito contente consigo mesmo. Fez uma medida exagerada com

sua mão gorducha e senti um calafrio quando ele sorriu para nós.

Filho de uma puta!

Recompondo-me da melhor maneira que pude, subi as escadas e continuei a andar pelo corredor ignorando seus chamados. Igor me seguia a passos largos, mas de alguma forma eu parecia andar mais rápido. Todas as paredes daquela mansão deixando a situação ainda mais claustrofóbica para mim. Mas eu não parei.

Entrei em seu quarto e me virei para Igor pronta para despejar tudo e todas as perguntas sobre ele. Ele então chegou à porta e quando o vi, percebi o quanto parecia torturado naquele momento. Tão desnorteado, que lágrimas brotaram em meus olhos.

— Por que você não me contou nada disso, Igor?
— Perguntei, cobrindo o rosto com as mãos, pois eu não podia olhar para ele. Não queria sentir pena dele naquele momento.

— Anabella, eu sei o que você está pensando. E a resposta é não! Não é nada disso como ele quis pintar para você! — Disse ele, batendo a porta atrás de si.

— O que eu estou pensando, Igor? — Perguntei entre os dentes.

— Não é o que parece. Eu juro. — Ele tentou, seus olhos pareciam desesperados enquanto olhavam para mim.

Igor tentou se aproximar, mas apenas o suficiente para que minhas mãos não o alcançassem. O que era inteligente da parte dele. Afinal, contrariar uma mulher grávida não era uma coisa inteligente a se fazer. Especialmente quando essa mulher além de contrariada, estava puta da vida. Sem saber o que pensar, além de várias possibilidades de torturá-lo. Em seu lugar, certamente faria o mesmo, pois nem eu mesma sabia do que seria capaz de fazer com ele naquele momento.

Mas o bom senso logo o deixou, porque ele resolveu se aproximar.

— Anabella, me escute. — Disse, me puxando até ele e mantive-me sem conseguir me mexer. — Ele fez isso de propósito. Você não entende? Eu não estou me casando com você por causa dessa maldita herança. Eu jamais faria qualquer coisa para te magoar. Jamais! Eu amo você,

anjo. Você precisa acreditar em mim! — Ele implorou com os olhos e não tentou me segurar quando usei meus pulsos e comecei a socá-lo em seu peito.

Que raiva!

— Nós finalmente nos entendemos, te contei toda verdade sobre mim e ainda por cima vamos ter um filho. Você acha mesmo que eu colocaria tudo a perder as vésperas do nosso casamento? — Perguntou e eu me afastei dele.

Mil coisas se passaram pela minha cabeça nesse momento. Eram tantas histórias, tantas informações, tantas maldades, tantos absurdos, que eu simplesmente não conseguia assimilar tudo.

— Tudo que ele falou é verdade. Meu pai realmente vinculou parte da minha herança a um casamento. Ele era tão sádico, que sabia que seu último pedido de alguma forma viria me assombrar mais tarde. — Sorriu sem humor. — Não me importava com seu maldito dinheiro. Nunca me importei. Eu jurei que não me casaria, apenas para dar esse gostinho a ele. — Falou apressado, agora segurando minhas mãos para que não

continuassem a lhe bater, mantendo uma distância segura entre nós.

— Igor, me deixa, por favor. — Pedi e ele negou.

— Não. Por favor, me escuta, Anabella! Evan só disse aquilo porque há anos ele tenta na justiça ir contra o testamento. O que ele fez nada mais é do que uma tentativa patética e desesperada de tentar fazer com que você desista do casamento. Porque se fizesse isso, ele poderia contestar a ilegitimidade do nosso filho na justiça e com isso, negar a ele o direito a qualquer parte que lhe caiba. Porque sem nosso casamento, ele será considerado meu filho bastardo e Evan o único herdeiro do que é meu.

Eu não tinha dúvidas quanto ao fato de que seu tio havia feito tudo aquilo de propósito. Que tudo não passara de uma tentativa dele de nos separar. Agora eu entendia exatamente o por quê.

Meu Deus! Ele era terrível!

Ainda assim, o que mais me incomodava na situação toda, não era o fato dele ter insinuado que Igor apenas se casaria por causa dessa maldita herança. Eu sabia que Igor me amava. Tinha certeza disso. Mas sim

porque Igor não havia me contado a verdade sobre isso.

— Eu acredito em você, Igor. — Disse por fim.

— Sério? — Perguntou incrédulo.

— Sim. Eu acredito. — Repeti e Igor inspirou, como se tivesse soltando a respiração que havia prendido.

— No entanto, isso não quer dizer que não estou chateada por você não ter me dito nada. Você escondeu isso de mim e isso doeu. — Apontei e ele abaixou a cabeça, envergonhado.

— Sei que sim. Fui idiota. Deveria ter te contado, mas realmente tive medo que você pusesse em prova meu amor por você. Sei que tenho que pedir desculpas por ter sido tão estúpido. Mas eu realmente sinto muito por isso. — Falou nitidamente sincero. — Me perdoa por ter sido idiota, anjo. — Pediu, envolvendo-me em seus braços e seus lábios logo estavam procurando os meus.

Não tão fácil, Barão!

— Pode parar, Igor. — Eu disse tentando afastar-me.

Foco, Anabella! Você é mais forte do que seu desejo por esse homem gostoso!

— As coisas não são assim, Igor... — Tentei falar e me manter firme ao mesmo tempo, mas ele me cortou:

— Vem cá, anjo. — Ele chamou, tentando voltar a me beijar.

A tentação era grande, mas depois de um esforço sobre-humano, consegui me desfazer dele e fugi para o outro lado do seu quarto.

— Não estou brincando, Igor Carrara. Estou chateada ainda. Vou para casa e amanhã conversamos sobre isso. — Avisei e ele negou com a cabeça.

— Não. — Disse sério, ao mesmo tempo em que passava a mão pelos cabelos, seu típico gesto nervoso.

Olhando para ele, esse homem tão grande e lindo, parecendo tão desamparado e nervoso, me deixava agoniada. Assim eu só conseguia ver o menino perdido que ainda havia dentro dele e por mais chateada que estivesse com a situação, tudo que eu queria fazer era ir até ele e confortá-lo. Acabar com essa sua insegurança e esse medo tão desnecessários quando o assunto era nós dois.

— Prometo que amanhã nós conversamos. — Eu

disse indo em direção à porta, mas ele usou seu corpo impedindo que eu saísse.

— Anjo, me desculpe, mas eu não vou permitir que você vá. Passei anos me escondendo de você e dos meus próprios sentimentos, não farei mais isso. Não vou dormir atormentado, tentando descobrir o que será de nós até amanhã. Com medo que você pense demais e então acredite que só estou me casando por causa da merda desse dinheiro. Que amanhã serei abandonado naquela igreja e por causa disso eu possa perdê-la de vez. Você entende por que não quero separar-me de você agora? Você não quer conversar, tudo bem. Prometo não forçá-la a nada. Apenas fique.

Eu entendia. Entendi porque estava me pedindo isso. Queria abraçá-lo, entregar-me para ele e provar que estava tudo bem, que nunca o deixaria. Que isso não havia mudado nada entre nós. Que ele não precisava temer, nem mesmo esconder nada de mim. Mas não podia dizer isso com palavras agora. Ainda assim, também não queria me afastar dele, ainda que por pouco tempo.

— Tudo bem. Vamos apenas dormir. Amanhã

quando acordarmos, conversamos. — Avisei, fazendo com que o desespero em seus olhos diminuísse.



Apesar de ainda morar oficialmente na casa da minha família, ao longo das últimas semanas eu meio que já havia começado a invadir um pouco o espaço de Igor. Em cada canto do seu quarto, já havia um pouco das minhas coisas. Seja no closet, no banheiro e até mesmo na cama.

Quando anunciamos o casamento, Igor pediu que eu reformasse a mansão ao meu gosto e os arquitetos que contratamos já haviam feito rapidamente as mudanças que pedimos. Então até mesmo a casa já tinha um pouquinho de mim.

Igor já havia me pedido para que me mudasse de vez para cá, mas eu sabia que meu pai e irmãos não aceitariam isso tão facilmente. E estávamos tão perto do casamento, que achei que criar uma briga agora seria desnecessário.

Depois de um banho, que tinha tido o intuito de

ser relaxante, mas em que nada diminuiu minha tensão, eu agora estava deitada sobre sua cama. Eu de um lado e Igor de outro. Ele parecia temeroso. Respeitando meu espaço. Preocupado em manter uma distância mínima entre nós dois.

Mas apesar de estar realmente chateada, essa distância estava de fato me incomodando. E por isso resolvi brincar com a situação, provocando-o:

— Sabe, Igor, essa distância entre nós na cama me incomoda. — Falei, sem me mexer.

— Sério? — Foi impossível não notar a nota de esperança em sua voz.

— Claro. Será que você poderia se afastar um pouco mais? — Pedi, tentando segurar o riso.

— Bella, não faz isso comigo. Por favor. — Pediu com a voz torturada quando virei propositalmente minha bunda em sua direção. Coberta apenas pelo tecido transparente da camisola preta.

Sim. Ponto para mim!

— Não sei do que você está falando, Igor. — Falei, tentando muito duro não rir.

Agora eu entendia Stephanie completamente. Como era bom saber que tínhamos eles em nossas mãos quando queremos!

A gargalhada rompeu da minha garganta quando ouvi claramente ele engolir duro sua saliva e mexer em seu short. Podia apostar que ele já estava duro. Bem pronto para mim. E quando vi, estava rindo. Rindo tanto, que cheguei a chorar. Lembrei-me de todas as coisas que Stephanie disse e uma delas martelou em minha cabeça: *“Como diz na Bíblia o homem deve ser “o cabeça”... E a mulher é o pescoço, que o vira pra onde quer.”*

Logo, Igor já estava sentado na cama carrancudo. Nos últimos dias estava achando ele sensível demais, até mesmo para ele. Tinha horas que eu achava que era ele quem estava grávido e não eu. Mas confesso que achava fofo. Mesmo agora, quando queria matá-lo. Quando viu que eu não parava de rir, puxou-me para ele. Com o bico maior do mundo.

Tão lindo esse meu amor!

— Pare de rir e diga logo que me perdoa, Anabella. — Pediu, me fazendo morder meu lábio inferior

para parar de rir. — Diz logo que me ama e que amanhã vai casar comigo, Anabella! Diz que vai passar o resto dos seus dias sendo minha! — Pediu, distribuindo pequenos beijos em meu pescoço, fazendo-me gemer.

Ele estava jogando sujo! Como resistir a esse cachorro gostoso até o último fio de cabelo?

— Só se você prometer nunca mais esconder nada de mim. — Falei entre gemidos, pois Igor já havia descido a alça da minha camisola, expondo meus seios cheios, provocando-os.

Ai, Jesus!

— Eu prometo. — Murmurou, antes de morder um mamilo e chupá-lo em seguida.

Pronto! Eu já estava entregue!

— Ai, Senhor! Então cale a boca e me come logo, seu cachor...

Nem mesmo terminei de falar, porque Igor cobriu minha boca com a sua, antes de penetrar-me sem dó e então eu não era mais nada, além de ser completamente dele.



— Acho que vou vomitar. — Avisei, sentindo meu estômago embrulhar cada vez que a distância até lá diminuía.

Minha pele já estava até mesmo úmida de suor. O que não justificava, afinal o clima estava agradável e o ar condicionado do carro estava ligado. A verdade era que eu estava suando frio tamanho meu nervosismo.

— Não vai, não. Só respira... — Meu pai pediu, também suando, tentando esconder o próprio nervosismo. — Quer desistir? Tenho um avião preparado apenas para isso. Posso levar você até lá agora mesmo. — Propôs esperançoso e eu ri.

Meu pai estava falando realmente sério?

— Pai! Eu não vou fugir! — Disse incrédula e ele deu de ombros.

— É uma pena. Ainda não me conformei que meu tesouro cresceu. — Disse com um sorriso amoroso e eu tive que controlar minhas lágrimas de emoção agora.

Droga! Eu tinha prometido não chorar! E olha que eu nem mesmo havia chegado à igreja!

— Eu sempre serei sua princesinha, pai. —

Garanti, beijando sua bochecha com amor e devoção.

Respirei fundo e todo o ar pareceu sumir dos meus pulmões quando o carro finalmente parou. Num vestido longo de mangas rendadas na cor branca, um véu abaixo dos ombros e calçando saltos altos confortáveis, ambos da mesma cor. E também tinha ela, uma pequena coroa fina, que havia pertencido a mãe de Igor e simbolizava meu novo título de baronesa. E assim me sentia a noiva mais nervosa do mundo.

Meu coração começou a disparar, num misto de alegria e ansiedade. Assim que descemos do carro, pude ver o extenso tapete vermelho preparado para nos levar para o interior da igreja. Para me levar até o amor da minha vida.

— Pronta, filha? — Meu pai pergunta, no momento em que nos prostramos em frente à porta que nos separava. A porta que antecedia o começo da nossa vida de felicidade.

— Me preparei à vida toda para isso, pai.

E essa era a mais pura verdade!

Igor

Acordei sozinho e isso me deixou puto. Mesmo depois de ontem à noite, foi difícil não pensar que ela poderia ter desistido de nós. Mas me acalmei quando vi um bilhete explicando que havia corrido para se arrumar e suas últimas palavras me fizeram sorrir de uma forma que

eu não achei que fosse ser possível.

“Amor,

Desculpe por ter saído antes que você acordasse. Mas tive que ir. Prometo, essa será a última vez que vou fugir da sua cama. A partir de hoje, seremos eu e você.

Me espere no altar.

Te amamos.

Anabella”

Antes de chegar à igreja, achei que iria entrar sozinho. Afinal minha mãe não estava mais entre nós, não tinha nenhum parente próximo para isso e estava acostumado a ser uma pessoa sozinho. Mas quando cheguei à porta, vi aguardando-me a mãe de Anabella e então percebi o quanto havia sido burro por sequer ter pensado sobre isso. Afinal, desde que a conheci que ela tem sido a minha mãe e vê-la debulhando-se num mar de lágrimas ao me ver, me deixou muito mais abalado do que eu já estava.

— Filho, você está lindo. — Ela disse, acariciando meu rosto com carinho.

— Obrigado, tia. A senhora também está linda. Como sempre. — Falei, beijando suas mãos.

— Obrigada. — Sorriu. — Nervoso, querido? — Perguntou, ajeitando o broche com brasão de Niápolis das minhas vestes reais.

— Como nunca. — Respondi a ela, sentindo-me um pouco envergonhado com o pedido que pretendo fazer a seguir. — Tia?

— Sim, amor? — Respondeu, olhando-me com expectativa.

— Posso fazer-lhe um pedido? — Ela acenou e prossegui então: — A senhora sabe que há mais de dez anos ganhei uma mãe, não sabe? — Perguntei com a voz embargada e novas lágrimas suas voltaram a escorrer, enquanto ela concordava. — E eu queria perguntar-lhe agora, se a senhora não me daria à honra de entrar comigo, como minha mãe de fato?

— Nada me daria mais prazer, meu filho. Eu amo você, querido. Sempre amei como um filho. — Disse

antes de beijar meu rosto e confesso, segurei-me o máximo para não derramar as primeiras lágrimas naquele momento.

Ajeitei minha coroa, ou como chamavam, o coronel de um barão, e respirei fundo, porque havia chegado a hora. A igreja estava lotada. A nobreza campaviana, políticos, amigos, colegas de trabalho, todos ali reunidos para presenciar nossa cerimônia. Todos os convidados ficaram de pé quando os primeiros acordes da música soaram e então caminhei a passos lentos em direção ao altar. O altar que daqui a pouco me trará o amor da minha vida e onde todos os presentes testemunharão nossa promessa de amor eterno.

Depois de Théo e Stephanie, Taddeo e Lourdes e por último, Victor e Charlotte entrarem como nossos padrinhos, nós olhamos para a porta da igreja e por ela vimos passar a avó de Anabella, mas ela não estava sozinha. Dona Antonella caminhava elegantemente pelo corredor, empurrando o carrinho triplo com as trigêmeas, emocionando todos os presentes.

E quando ela então chegou em frente ao altar,

finalmente a marcha nupcial começou a tocar. Sem conseguir segurar a emoção, olhei para a porta e vi Anabella caminhando em minha direção, linda como um anjo. *Meu anjo*. Ela sorriu e em seus olhos vi a emoção mútua que compartilhávamos por finalmente estarmos aqui.

Eu havia passado toda minha vida esperando meu anjo se tornar mulher. A minha mulher. E eu não podia estar mais feliz por isso. Meus olhos não desgrudaram dos seus em um só passo e não me importei de derramar minhas lágrimas de emoção.

O que? Eu era um cara sensível. Sensível e não gay!

Quando Anabella finalmente estava em minha frente, seu pai, igualmente emocionado, a entregou para mim.

— Igor Carrara, eu vi você crescer e se tornar esse homem digno que és. E é exatamente por saber a pessoa que você se tornou, que estou aqui agora entregando minha filha, meu tesouro, meu bem mais precioso a você. E acredite, o fato de permitir que você se

case com a minha filha e de ser pai do meu neto, não me impedirá que eu o mate caso faça minha filha infeliz. — Disse sério e ainda que suas palavras devessem me assustar, me senti apenas agradecido e muito emocionado.

Deus! Eu havia virado um viadinho! Uma manteiga derretida!

Alcancei a mão da minha noiva e a beijei, sem desviar os olhos dos seus, respondi a ele:

— Não se preocupe, sogrão. Eu farei dela a mulher mais feliz da face da Terra. — Garanti, fazendo com que novas lágrimas escorressem em meu rosto.

De braços dados ao amor da minha vida, nos colocamos de frente para o bispo. Enquanto ele falava, nossos olhos se encontraram e o amor que via ali, chegava a doer dentro de mim. Nada nunca me pareceu tão certo quanto esse momento. Nada me parecia tão perfeito. Fomos destinados um para o outro e mesmo com todos os meus erros e especialmente minhas feridas, Anabella não havia desistido de mim. E eu não poderia estar mais grato a Deus por isso.

A cerimônia seguiu sem que nós dois pudéssemos

desgrudar nossos olhos e foi então que o bispo perguntou:

— Igor e Anabella vieram aqui para celebrar o vosso Matrimônio. É de vossa livre vontade e de todo o coração que pretendeis fazê-lo?

— Sim. — Respondemos sem hesitar, nossos olhos ainda sem olhar para nada além de um para o outro.

— Vós que seguís o caminho do Matrimônio, estais decididos a amar-vos e a respeitar-vos, ao longo de toda a vossa vida?

— Sim. — Respondemos, em uníssono.

— Estais dispostos a receber amorosamente os filhos como dom de Deus e a educá-los segundo a lei de Cristo e da sua Igreja?

— Sim. — Confirmamos novamente.

— Uma vez que é vosso propósito contrair o santo Matrimônio, uni as mãos direitas e manifestai o vosso consentimento na presença de Deus e da sua Igreja.

Nós dois unimos nossas mãos, ficando de frente para o outro e nos olhamos, as lágrimas dela agora caíam de forma incessante. Então comecei a repetir as palavras que me foram ordenadas:

— Eu, Igor, recebo-te por minha esposa a ti, Anabella, e prometo ser-te fiel, amar-te e respeitar-te, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias de minha vida.

Foi impossível controlar a emoção enquanto dizia cada palavra. Anabella tampouco, parecia cada vez mais emocionada. Então foi sua vez de repetir:

— Eu, Anabella, recebo-te por meu esposo a ti, Igor, e prometo ser-te fiel, amar-te e respeitar-te, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias de “nossas vidas”. — Sua voz foi baixa e carregada de emoção.

— Confirme o Senhor, benignamente, o consentimento que manifestastes perante a sua Igreja e se digne enriquecer-vos com a sua bênção. *‘Por esta razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e os dois se tornarão uma só carne’*. Assim, eles já não são dois, mas sim uma só carne. Portanto, o que Deus uniu, ninguém o separe.

E depois de nos benzer e dizer mais algumas palavras, coloquei a aliança no dedo anelar de Anabella,

enquanto dizia:

— Anabella, recebe esta aliança como sinal do meu amor e da minha fidelidade. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Emocionada ela faz o mesmo:

— Igor, recebe esta aliança como sinal do meu amor e da minha fidelidade. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

— Agora o noivo pode beijar a noiva.

— Finalmente! — disse, antes de puxá-la para os meus braços e beijá-la com vontade, querendo demonstrar com esse beijo, não apenas o meu amor, mas lhe dando a certeza de que a partir desse momento ela nunca mais estaria sozinha.

— Agora e sempre. — Ela falou, quando enfim paramos o beijo e eu sorri, através das nossas lágrimas.

— Agora e sempre, meu anjo. — Prometi, sabendo que esse era apenas o começo da nossa felicidade.



Tadeo

Porra! Eu não podia acreditar que ela estava aqui!

Isso não era inteiramente verdade. Achei que ela pudesse vir, mas de certa forma tentei me convencer do contrário. Ou acho que eu apenas queria acreditar que ela não viria. Mas esse era o casamento do seu primo e fui idiota por supor, ao menos por um segundo, que ela não estaria aqui.

Virei em um gole apenas o uísque do meu copo.

Um pecado ao meu ver, pois não estava apreciando o sabor daquela bebida que tanto merecia que eu fizesse isso. Estava fazendo o que não deveria. O que havia prometido a mim mesmo que nunca mais faria. Estava olhando descaradamente para Eva Carrara.

Suspirei, antes de pegar mais uma dose de uísque do garçom que por ali passava. Novamente quando a bebida encostou-se a minha língua, não a apreciei como deveria, apenas senti o gosto amargo de traição que sentia a cada vez que olhava para ela.

Tantos anos haviam se passado, eu não queria, mas ainda assim Eva fazia com que me sentisse o mais estúpido das criaturas. Havia lhe dado mais chances do que merecia e ainda assim ela não se importou em me ferir a cada vez. Não deveria doer vê-la. Eu não queria sentir nada. Queria não sentir nem ódio e nem mesmo rancor. Nada. Uma dose enorme de “nada”.

Dei outro gole, porque sabia que tinha todo direito de me sentir puto por ela ainda ter poder sobre mim depois de tudo.

Diaba filha da puta!

Depois de tudo que já havia aprontado, Eva Carrara deveria ter pelo menos a decência de parecer um pouco desconfortável em minha presença. Especialmente quando Théo e Steph estavam ali também e além dela ter me traído, havia tentado sabotar a felicidade deles.

Sério. Deveria haver uma lei da natureza que proibisse que tivéssemos que dar de cara com uma pessoa dessas!

Desviei meu olhar do dela, não queria que ninguém percebesse que Eva ainda mexia comigo de alguma maneira. Mesmo que o que sentisse por ela fosse raiva.

Sim. Era raiva e nada mais!

Toda família estava ali reunida. A grande área da mansão de Niápolis havia recebido a decoração para o casamento de Anabella e Igor. Não deixaria que ela tirasse o foco de hoje.

Eu não poderia estar mais feliz por eles. Apesar de não gostar muito de pensar que Igor de fato pegava minha irmãzinha, eles se amavam e em breve meu sobrinho chegaria para completar essa felicidade. Vê-los

dançando juntos, abraçados como se não pudessem se soltar, me deu uma sensação de dever cumprido. Eu sabia e apesar de não poder admitir isso jamais para Igor, que a partir de hoje não precisaria mais me preocupar com a felicidade da minha irmã, pois ele se encarregaria disso.

Senti alguém se aproximar à minha esquerda e olhei para baixo, para encontrar os olhos verdes escuros de Eva Carrara. Meu coração bateu descompassado nesse momento. Instintivamente minha mão apertou o copo que eu segurava. E a raiva, aquela que não conseguia segurar, borbulhou em minha pele.

Eu não queria fazer um show aqui. Minha irmã não merecia que estragasse seu casamento e Eva definitivamente não merecia nenhuma reação da minha parte. Até o desprezo era demais para ela. Por isso, casualmente tomei um gole de meu uísque, desviando meu olhar do seu.

— Eva. — Cumprimentei friamente.

— Taddeo. — Disse, fazendo arrepios eclodiram em minha pele, o que me irritou sobremaneira, mas eu apenas ignorei.

Meu olhar voltou para o dela e Eva sorriu timidamente como se pudesse enxergar o que eu tentava tanto esconder. Engoli em seco. Odiava sentir-me fraco. Vulnerável. Mas infelizmente não era imune a ela e muito menos a sua covinha, que trazia um ar de inocência para a diaba ruiva, como se no fundo ainda existisse aquela menina pura que havia conhecido há tantos anos.

Quanta inocência supor isso, Taddeo!

Nós havíamos nos separado há mais de dez anos. Quer dizer, ela havia me trocado por meu irmão, sem nem me dar uma explicação. Depois da nossa primeira vez, no dia seguinte ela apenas esfregou em minha cara que estava com ele e a partir daquele momento as coisas entre nós nunca mais foram as mesmas. Muito pelo contrário. Ela arranjou ao longo dos anos, apenas uma e outra maneira para me espezinhar e tirar-me do meu mundo cuidadosamente controlado.

— Não posso dizer que foi um prazer vê-la. Mas ainda assim, espero que aproveite a festa. — Falei, tentando fugir rapidamente dali.

Comecei a me afastar, louco para me ver livre

dela, precisando desesperadamente de um espaço entre mim e a diaba ruiva. Mesmo que para isso tivesse que suportar minha avó falando suas obscenidades de sempre.

Qualquer coisa, até a safada da minha vó, era melhor do que a provocação que era estar ao seu lado!

Só que não dei mais do que um passo antes de sentir a mão de Eva segurando em meu braço, impedindo-me de prosseguir.

— Taddeo? — Ela chamou, parecendo nervosa e eu suspirei.

Tomei coragem e olhei por cima do ombro, mas até mesmo quando não queria, ela me atingia de alguma maneira.

— O que você quer, Eva? — Rosnei, tentando demonstrar no tom da minha voz a insatisfação que sentia ao menos em falar com ela.

Eva parecia nervosa quando olhava para mim e olhou ao nosso redor, como se quisesse ter certeza de quem ninguém estava nos vendo.

— Eu preciso falar com você. Por favor. — Insistiu, quando viu que eu retrucaria.

Respirei fundo e dizendo para mim mesmo que estava fazendo isso exclusivamente para não criar uma cena no casamento, segurei sua mão para puxá-la em direção à mansão. Logo estávamos atravessando as portas francesas que levavam a uma sala. Mas assim que chegamos lá, a soltei, como se ela pegasse fogo.

Distância! Precisava de distância!

— Não me trate com essa grosseria! — Reclamou e eu ri com amargura.

— Você ainda acha que vim até aqui. Apenas diga logo o que você quer, Eva. Não quero mais perder meu tempo com você. — Resmunguei e ela teve a decência de parecer magoada com o que lhe disse.

— Eu só quero falar com você, Taddeo. Não tem porque me tratar dessa maneira estúpida. Não precisa ser esse Ogro sempre. Não sou sua inimiga. — Disse ultrajada.

Ela estava falando sério? Que cara de pau!

— Quem disse que quero estar aqui, Eva? Não vou nem responder o que você falou, porque acho que você realmente gosta que eu seja bruto. Está perdendo

tempo! Fale logo! — Sorri para ela quando a vi fungar.

Por alguma razão perversa, eu realmente gostava de magoá-la. De ver o quanto minhas palavras poderiam lhe atingir. De saber que eu poderia feri-la.

Aproximei-me e a vi recuar. Ainda assim, ela se manteve firme.

— Eu sei o que você quer, Eva. — Falei, com um sorriso malicioso e seus lindos e grandes olhos verdes se arregalaram, enquanto ela parecia perder o ar e o compasso.

— Não. Não. — Ela negou com a boca, mas eu podia ver que seu corpo estava dizendo “sim” para mim, como sempre dizia.

— Sim. — Insisti, aproximando-me ainda mais, a ponto de encurralá-la contra parede.

— Espere, Taddeo, por favor. — Pedi, batendo contra meu peito e eu bufei, então paralisando.

— O que você quer, Eva? O que você poderia ter para me dizer? Qual mentira você quer me contar agora? — Perguntei irritado.

Eva novamente pareceu magoada com as minhas

palavras. Mas não me importei. Queria infringir nela quanta dor pudesse. Assim como ela já havia feito comigo uma e outra vez.

— Por que você faz isso? Por que insiste em dizer que eu apenas faço mentir para você, Taddeo? — Questionou, com lágrimas nos olhos e eu sorri com ironia.

Ela estava mesmo me fazendo essa pergunta idiota?

— Porque é apenas isso que você fez para mim, Eva. Mentir e mentir.

Mesmo através da voz ainda mais grossa pela raiva, foi impossível negar a mágoa em minha voz.

— Eu não... — Eva começou a falar, mas parou quando viu o olhar em meu rosto.

Não precisei dizer nada naquele momento, ela apenas se calou. Eva conhecia muito bem meu olhar e sabia que era ainda pior para ela se me contrariasse.

— Nós não temos a obrigação de sermos amigos. Eu vou ser civilizado com você, mas não quero nada de você. Muito menos ser seu amigo. Na verdade, a distância seria algo que me agradaria. Você é definitivamente a

última pessoa que quero ver, pois a cada vez que isso acontece, estraga meu dia. — Disse sem pesar.

Pude vê-la engolir em seco, ao mesmo tempo em que as lágrimas que ela tão arduamente segurava, começaram a rolar.

Foda-se! Eu não me importaria em magoá-la! Eu não me importava com ela!

Ela achava mesmo que eu acreditaria que ela não mentiria para mim? Que no fundo, eu esperasse ansiosamente para ter uma conversa que deveríamos ter tido, com mais de dez anos de atraso?

— Eu não entendo por que você acha que eu falei aquilo para Stephanie em seu casamento, apenas para separá-la de Théo. Não foi essa minha intenção. Eu não estava mentindo quando disse que estava falando apenas para seu bem!

Quando ela terminou de tentar se explicar, pude sentir o calor da raiva ondulando por todo meu corpo. Eu não era uma pessoa fácil de lidar. Mas ainda assim não era uma pessoa difícil também. Mas odiava mentiras. E por isso, a cada vez que encontrava com Eva, era fácil

perder a paciência. Ela era como um gatilho para que eu explodisse. Era só lembrar-me do nosso passado, que eu rapidamente perdia o controle.

— Eu não tenho porque acreditar que você fez com as melhores intenções, Eva. Afinal, de boas intenções, o inferno está cheio. E você fez questão de me foder a cada vez que nossos caminhos se encontraram. A única coisa que você faz de melhor nessa vida, além de foder, é mentir!

Falar isso não deveria fazer com que meu peito doesse, mas fazia. A verdade é que eu nunca havia admitido para ninguém, além de Théo, o quanto havia ficado devastado com todas as suas mentiras. Eva Carrara havia me fodido bonito.

— Eu amava você, porra! — Gritei, fora de mim. — E você me jogou fora, me trocou pelo meu irmão e nem se deu ao trabalho de me avisar. Me usou. Fez de mim o que você queria, apenas para chegar ao seu propósito. Então, me desculpe por chamá-la de mentirosa, quando você fez tudo, menos cumprir as promessas que havia feito para mim!

Novamente suas lágrimas persistiram e ela parecia ainda mais magoada. Mas isso não me comoveu.

Lágrimas de crocodilo! Essa Diaba falsa!

Eva tentou me empurrar, como se não suportasse mais ouvir o que eu dizia. E quando viu que não me mexeria, rosnou para mim:

— Me deixe ir, Taddeo.

— Não. — Disse, ainda sem me mexer.

Eva então tentou me empurrar mais uma vez sem sucesso e quando isso não deu certo, ela então me chutou em cheio no meio das pernas. Afastei-me rapidamente, pulando sobre meus pés, gemendo de dor. Quem não é homem, não tem noção da dor do caralho que sentimos quando somos atingidos ali.

Filha da puta sem alma essa diaba!

— Porra, Eva! Quantos anos você tem? Dez? — Perguntei, ainda gemendo, sentindo minhas próprias lágrimas derramando agora.

— Queria apenas que você me deixasse ir embora. — Disse, com os lábios ainda trêmulos pelo choro, mas seu olhar demonstrava claramente que não

estava arrependida por ter me atingido.

Porra! Ela ia me pagar!

Eva parecia estar prestes a sair correndo dali, mas minha voz a fez parar:

— Se você sair desta sala, Eva, eu juro que vou ao inferno atrás de você, sua diaba. Mas vou lhe pegar. Nem que eu precise trazê-la sobre meu ombro. Você já fez seu ponto e agora vai até o final tagarelar suas mentiras! — Disse, sem dar brechas para contestação.

— Eu não quero mais falar com você! — Disse frustrada e eu ri, ainda tentando me recompor da dor.

Merda de dor que não passava!

— Ah! Mas vai sim! Nem que eu a faça falar!

Eva sabia que eu não estava blefando. Eu não era um homem de voltar atrás em minhas palavras. E quando finalmente consegui olhá-la, havia algo em seus olhos que fez meu estômago revirar. Uma vulnerabilidade que nunca havia visto realmente. Ela parecia triste. Verdadeiramente infeliz.

Eu não gostei de ver isso. Não queria. Eva ainda não havia se mexido, mas eu fui até seu encontro como se

um imã me puxasse até ela. Minha mão subiu para tocar seu rosto, meus dedos acariciando as sardas que um dia eu havia lhe dito adorar. Seus olhos se agitaram e fecharam, as lágrimas deslizando em seu rosto ainda assim. Meus dedos logo estavam molhados e engoli em seco, tentando controlar os sentimentos que me assolaram naquele momento.

Que droga! Por que essa diaba mexia comigo assim?

Há meses eu não a tocava desta forma, e tocá-la assim fez realmente meu coração doer. Meu rosto se aproximou instintivamente, estava muito perto dela, tudo que eu queria ver eram seus olhos verdes, mas ela não tornou a abri-los.

Eva tentou se afastar, mas minha mão foi até seu pescoço para mantê-la imóvel. Como eu gostava de tê-la para mim.

— Taddeo, por favor, deixe-me ir. — Ela sussurrou, fazendo minha mão se apertar ainda mais ao redor do seu pescoço esguio.

— Seria mentira se eu disse que quero deixá-la ir.

Eu não consigo.

Eu não sei porque fiz isso, mas eu a beijei.

Mentira! Eu sabia por quê!

Desde o nosso primeiro beijo, eu tenho desejado inconscientemente a cada dia mais desde que aconteceu a primeira vez. Por mais que eu dissesse que a odiava, que quisesse Eva longe de mim, sonhava a cada minuto em ter seus lábios nos meus novamente.

Enquanto nossos lábios se tocavam de forma firme, fui jogado de volta no tempo, para o passado. Sempre havia sido assim, essa coisa irracional, completamente louca e explosiva entre nós. Eu costumava achar que a dominava, mas bastava à ruiva encostar seus lábios nos meus, para que isso se provasse o contrário. O tempo não havia mudado isso, apesar de todos os acontecimentos e principalmente todas as mentiras que haviam nos separado, Eva ainda me dominava completamente.

E as mentiras? Bem, elas estavam apenas começando.



capítulo 21

AMOR QUE TRANSBORDA...

Anabela

— Sério. Estou cansado. Deveríamos ir embora.

— Igor disse, tentando mais uma vez fugir.

— Ah! Mas não vai mesmo! — Eu disse, apontando para cadeira ao meu lado que ele havia acabado de levantar e Igor bufou, antes de me obedecer.

— Pessoa sem um pinga de sensibilidade. —

Reclamou, com um bico enorme e eu revirei os olhos.

Eu mereço esse meu marido!

Depois do nosso casamento de conto de fadas e quase um mês de uma lua de mel incrível nas Ilhas Gregas, com direito a passeio romântico em um iate pelo mar mediterrâneo, havíamos voltado para casa mais felizes do que nunca. Isso já havia acontecido há quase um mês. Nosso casamento estaria perfeito, se não fosse o fato de que Igor vive reclamando de dores e tem andado constantemente enjoado. Fora, claro, a sensibilidade que estava à flor da pele.

— Dr. Igor, o Dr. Michel já vai atendê-lo. — A recepcionista do médico avisou e finalmente arrastei meu marido até o médico.

Entramos no consultório do Dr. Michel, clínico geral, e ele sorriu, parecendo feliz em nos ver ali. Eu não o conhecia realmente. O via vez ou outra pelo corredor, Igor sempre o cumprimentava de volta quando falava conosco e eu respondia apenas com um aceno.

— Que bom vê-los. Em que posso ajudar? — Ele perguntou.

— Diga a ele, Igor. — Cutuquei meu marido, porque era inconcebível para mim que um médico tivesse medo de falar com outro médico.

Sério. Chegava a ser ridículo!

— Nada. Não sei realmente porque estou aqui. — Ele disse na maior cara de pau, ainda carrancudo.

— Igor! Apenas diga! — O repreendi e ele bufou, antes de se dar por vencido.

— Tudo bem. Tenho andado mal. Com dores nas costas, no abdômen. Até mesmo meu peitoral dói. Parei de malhar por causa disso. Não consigo levantar um peso sequer, não consigo. Fora que todos os dias ao acordar, corro para o banheiro e coloco tudo para fora. — Relatou, deixando-me surpresa, porque definitivamente ele não havia me contado tudo que sentia.

— Por que você não me contou? — Perguntei, magoada, e ele deu de ombros.

— Não queria te preocupar. Fiz um hemograma completo e deu tudo normal. Achei que talvez pudesse ser algo que comi que fez mal. — Explicou e revirei os olhos, não querendo entrar em uma briga com ele naquele

momento.

Sim. Em casa ele se veria comigo!

— Estranho. Se os exames não mostraram nada anormal, então não creio que deve ser alguma coisa que devemos nos preocupar realmente. — O médico disse, olhando para ele intrigado.

— Não disse? — Igor se virou para mim. — Não deveríamos ter vindo. Foi desnecessário. — Apontou e eu bufei.

— Igor...

— O problema é que estou sensível. Foi algo que certamente comi. Mas você fica aí me desprezando, igual desprezo as azeitonas das pizzas. — Continuou bicudo e vi o médico se segurar para não rir do seu drama.

Cacete! Quem era a mulher da nossa relação mesmo?

— Para de drama, Igor Carrara. — Me virei para o médico, que ainda tentava muito duro não rir e continuei: — Dr. Michel, meu marido não lhe disse tudo. — Fiz uma pausa, porque realmente não queria tocar nesse assunto, pois sabia o quanto era delicado para Igor.

— Estou preocupada, porque a família do meu marido tem história de câncer. Na verdade, suas irmãs tiveram leucemia quando crianças. Inclusive uma delas veio a falecer por causa da doença. — Disse por fim.

Olhei para Igor e vi que seu rosto agora estava branco. Eu não acho que ele havia pensado na possibilidade, mas não poderíamos descartar nada sabendo da predisposição genética dele para o câncer. Eu acreditava que não fosse nada realmente, mas tínhamos que descartar tudo.

— Tudo bem. Eu vou solicitar alguns exames mais específicos, apenas para desencargo de consciencia. Pedirei os exames com caráter de urgência. Creio que até depois do almoço, vocês podem voltar aqui comigo. — Disse solícito e eu concordei.

Deus! Que tudo realmente estivesse bem com meu marido!



Dessa vez, Igor não brigou e nem mesmo reclamou, apenas fez os exames que o médico solicitou. Ele permaneceu quieto, calado. Tentando não demonstrar

o quanto aquela espera o estava abalando, mas sabia que ele estava com medo de um diagnóstico.

Nosso almoço foi feito em um silêncio fúnebre. Agora estávamos de volta ao consultório do Dr. Michel, esperando apenas que fôssemos chamados novamente. Não aguentando mais vê-lo assim tão para baixo, me aproximei mais dele e passei a mão em seu rosto, atraindo sua atenção para mim.

— Ei. Vai dar tudo certo, amor. — Garanti, não apenas para ele, como para mim também.

— E se eu estiver doente? — Ele perguntou apreensivo.

— Se você estiver doente, vamos cuidar da sua saúde. Não vamos ficar pensando sobre isso, ok? Pensamento positivo. — Falei e recebi de volta um aceno fraco.

Entramos no consultório assim que fomos chamados e o medo que eu estava sentindo naquele momento, se desfez imediatamente quando vi a expressão no rosto do médico. Ele parecia... divertido.

Que diabos?!

— O que eu tenho, Michel? Pode falar. É grave?

— Igor exigiu, assim que sentou na cadeira em frente ao médico.

— Dr. Igor, não tem o que se preocupar. Conversei com alguns especialistas. Isso é um caso clássico de contagem regressiva. — Disse com um sorriso no rosto.

— Contagem regressiva de morte? — Igor perguntou, fazendo-o rir.

— Não. — Disse apenas.

— Caso clássico de morte iminente? — Insistiu dramático.

— Não, Dr. Igor. — Respondeu, ainda rindo.

— Que merda! Cansei dessa brincadeira de adivinhar! Que porra de doença eu tenho então? — Perguntou irritado, mas parecendo estar prestes a chorar.

Meu Deus! Ele estava se tornando um personagem de Nicholas Sparks, de tão dramático que era!

— Não. Como você mesmo já tinha atestado, seus exames deram normais. Sem nenhuma alteração. Você

conhece a Dr. Spencer? — Ele perguntou e nós acenamos, ainda que não entendêssemos porque ela estava se referindo a médica responsável pelo setor de psiquiatria do hospital. — Conversei com ela e a mesma acredita que você possa querer vê-la.

— Você quer dizer que estou ficando louco então?

— Perguntou cada vez mais confuso.

— Não, Igor. O que você tem não é uma doença, mas sim um conjunto de sintomas que podem aparecer nos homens durante a gestação do cônjuge.

Oi?

— Não entendi. — Agora foi a minha vez de dizer.

— O que acontece, é que muitos homens têm uma necessidade intrínseca de se tornarem pais. Essa ansiedade, aliada a uma forte ligação afetiva e emocional com a esposa, acaba que por “transferir” para o marido uma série de sensações e sintomas, que costumam se manifestar somente na figura feminina. — Explicou, olhando-nos por cima dos óculos, de modo irônico.

Meu Deus! Ele estava dizendo exatamente isso

que estava pensando?

— Eu acho que não estou entendendo aonde o Dr. quer chegar. — Igor insistiu.

Deus! Como não? Acho que os hormônios mexeram com seu cérebro também!

— O pai se exprime psicologicamente, apresentando sensações semelhantes aos da companheira grávida. — Continua a explicar calmamente. — E muitas vezes até mesmo tem sintomas que a esposa não apresenta. Os futuros pais podem engordar, sofrer com enjoos, desejos, crises de choro ou mesmo depressão e até crescimento anormal da barriga. — Quando ele terminou de falar, vi os olhos arregalados de Igor.

Ai, cara! Isso seria bom!

— Meu Deus! Quer dizer meu corpo e meu cérebro acreditam que estou grávido? — Perguntou chocado e eu não aguentei e desatei a rir.

Deus me perdoe, mas eu não ia ter pena não!

— Sim. A Síndrome de Couvade ou gravidez psicológica ou por simpatia, é mais comum do que pensa, Igor. Não há uma causa exata para ela, mas os

especialistas acreditam que pode estar relacionado com a ansiedade sobre a gestação e a paternidade. A intensidade desses sintomas varia de caso para caso, podendo ser apenas versões mais leves dos sintomas femininos ou chegar ao ponto de causar grande desconforto e limitar a rotina normal.

— Eu estou grávido. — Ele sussurrou ainda assustado, virando seu olhar para mim.

— Bem vindo à paternidade... Quer dizer... A maternidade, marido. — Eu disse, ainda sem conseguir parar de rir.

Ai, Senhor! Esse casamento só ficava cada vez melhor!

Igor

O tempo havia realmente voado e já estávamos em contagem regressiva para a chegada tão esperada do nosso pequeno. Na consulta que fizemos logo após voltarmos da nossa viagem de lua de mel, nós finalmente descobrimos que eu estava certo e que teríamos um

menino.

E como estávamos na reta final da gravidez, as consultas deixaram de serem mensais e se tornaram semanais. Hoje descobrimos com seu médico que o desconforto que “estamos sentindo”, era apenas prova de que em mais alguns poucos dias ou mesmo horas, ele poderá chegar.

Depois de uma descoberta inesperada sobre a minha gravidez psicológica, felizmente os sintomas foram melhorando. Mesmo que morrendo de vergonha, acabei aceitando o conselho do médico que me sugeriu acompanhamento psicológico, que realmente acabou sendo uma boa solução para aliviar os sintomas. Embora eu achasse que eles se aliviaram porque me vi cada vez mais envolvido e preocupado com o bem estar da minha esposa. E quanto mais próximo do seu parto, menos eu sentia.

Mas eu não acho que um dia irei me recuperar inteiramente disso. Afinal, eu vivi para sentir na pele as gozações sem fim por parte dos meus amigos, que não perdiam a oportunidade de dizer que eu era um homem

perfeito: uma mulher. O pior disso tudo, é que até mesmo Anabella parecia achar engraçado o fato de meu corpo ter sofrido tantas mudanças hormonais quanto ela.

Sério! A filha da mãe me torturava com sessões e mais sessões de filmes do Nicholas Sparks. E o Resultado? Eu chorava como um bebê em cada um deles!

Agora pelo menos eu conseguia ter um pouco de controle sobre minhas emoções. Conseguia acordar sem ter de sair correndo para o banheiro. Ou me sentir indisposto e todo dolorido, como se um trator tivesse passado por cima de mim. Estava me sentindo homem novamente.

Graças a Deus! Já pensou ter de tomar uma peridural para conseguir ver meu filho nascer?

A barriga de Anabella não estava enorme, pelo menos não enorme como a de Stephanie havia ficado. Mas realmente havia crescido bastante para quem até outro dia não sabia que estava grávida e tinha o corpo tão pequeno quanto o dela. Ela estava deitada, não parecia achar posição confortável para ficar mais do que alguns minutos e depois de ter devorado livros e livros sobre

maternidade, eu a massageava as costas com os movimentos de vai e vem, para tentar diminuir um pouco sua tensão lombar.

Eu havia insistido para que fôssemos ao hospital, mas ela era teimosa demais e se recusou a sair de casa antes de realmente precisar. Exatamente por isso tenho estado ligado em cada detalhe do que lhe acontecia, cada expressão que via em seu rosto, completamente alerta para qualquer coisa que pudesse acontecer.

Sim. Eu estava completamente preparado!

— Amor... — Ela falou com a voz baixinha, que mais parecia um gemido.

— Oi, anjo. Está sentindo alguma coisa? Precisa de algo? — Perguntei, como sempre em alerta.

— Eu acho que preciso de um hospital agora. Porque se não tiver com um problema sério na bexiga e não for xixi o que acabei de fazer, acho então que chegou a hora do nosso filho nascer, pois a bolsa estourou. — Ela disse, tentando manter a calma.

Ai, Jesus! O que eu havia dito mesmo sobre estar preparado?

É engraçado, porque como médico, por mais preparado que fosse, por mais orientações sobre a gravidez que tive ao longo da vida e dos livros que li incansavelmente ao longo da gravidez, naquele momento me senti totalmente despreparado para trazer meu filho ao mundo.

Completamente louco, meio desorientado, peguei minha mulher no colo, ajudei-a a trocar de roupa e a coloquei no carro, antes de seguir correndo para o hospital. Não sei como, mas consegui dirigir com uma mão e com a outra ligar para sua mãe para avisar-lhe que minha mulher estava dando a luz ao seu neto.

— Igor. — Ela chamou meu nome, depois de soltar um pequeno gemido. — Ainda não estou tendo contrações, apenas desconfortos no ventre. Então, por favor, não fique nervoso. Dirija com cuidado para que a gente chegue ao hospital vivos. Tudo bem? — Disse, parecendo um pouco divertida e eu concordei.

— Certo! — respondi, embora não tivesse tanta certeza de que conseguiria.

— Aiiiii... Acho que agora está vindo a

primeira. — Ela disse ofegante, antes de começar a sentir as primeiras dores e logo a vi abraçar a barriga com uma expressão dolorida.

Caralho! Como manter a sanidade assim?

Pisei fundo no acelerador sem me importar com nada, apenas garantindo que chegássemos salvos e o mais rápido possível ao hospital. Quando finalmente paramos em frente à porta de emergência, sai deixando o carro ainda ligado e corri para carregá-la até lá dentro, para que pudesse ser atendida o quanto antes.

Depois de um tempo, Anabella já estava na sala de pré-parto, gemendo de dor. Sentia-me um completo inútil por não poder fazer muito para amenizar qualquer coisa que ela sentia. Queria honestamente sentir tudo que tivesse que sentir por ela e que não tivesse que passar por isso. Só que minha esposa como sempre me surpreendeu, quase me fez ter uma síncope por não querer tomar a peridural. Mas não importou o quanto reclamei, Anabella apenas se negou a fazer isso e eu não iria contrariá-la. Apesar de ter passado pela minha cabeça obrigá-la.

O que? Minha mulher estava sofrendo! Não

queria vê-la sentir qualquer tipo de dor!

Sua família já havia chegado, mas apenas eu e tia Sarah estávamos com ela ali, para não fazer a situação mais desconfortável para ela. Quando vi o quanto a situação estava dolorida, ajudei-a a ficar na posição genupeitoral, mais popularmente conhecida como de quatro, para que ela contraísse o abdômen levemente e ajudasse a aliviar a tensão muscular.

— Isso, meu anjo. Respire e contraia. Isso. Agora relaxe. — Eu disse, acariciando suas costas, enquanto sua mãe segurava sua mão.

Outra contração começou e Anabella gemeu de dor.

Deus! Por que as mulheres têm de sentir dor? Nós fazemos os filhos juntos, por que não sentimos por elas?

— Isso, filha. Respira. Nós estamos aqui com você. Nosso menino está chegando. — Sua mãe disse, incentivando-a ao mesmo tempo em que tentava acalmá-la.

O intervalo das suas contrações foram diminuindo

rapidamente. Seu médico a examinou e por estar atento a cada mudança que ela teve desde que descobrimos a gravidez e principalmente após chegarmos ali, logo constatou o que eu já sabia: sua dilatação já estava perfeita e não demoraria muito mais para que nosso bebê coroasse.

Havíamos chegado ao hospital meia noite e agora já eram 3h da manhã, e eu estava me preparando para trazer nosso filho ao mundo.

— Vamos fazer isso juntos? — Perguntei e mesmo amedrontada, gemendo de dor, vi minha linda mulher sorrir para mim.

— Sim. — Afirmou, mas então veio mais uma contração, que fez com que ela gritasse alto. — Ah, meu Deus! Dói demais!

— Shhhh, respira, anjo. Eu estou aqui. Vou cuidar de vocês.

Desde que descobrimos a gravidez, decidimos que eu iria realizar seu parto, com a ajuda de um especialista do lado. Apesar de não ser ginecologista, Anabella havia entendido que trazer nosso filho ao mundo

era uma coisa que eu queria fazer. Mas não a colocaria em risco jamais e por isso toda a equipe do seu médico estaria ali para dar-me o suporte necessário.

Esse não seria meu primeiro parto, já até inclusive tinha feito o parto de Lourdes depois daquele atentado que sofremos meses atrás, mas definitivamente era a primeira vez que esse momento envolveria muito mais do que meu lado profissional, que envolveria meu coração também. Pois eu não apenas traria uma vida ao mundo, eu traria a minha vida ao mundo.

Os sons lamuriosos de Anabella tornam-se cada vez mais intensos. Ela suava, gemia e eu sabia que havia chegado o momento. Após dar um beijo em seus lábios, posicionei-me entre suas pernas e beijei seus joelhos e coxa. Olhei para cima para encontrar seus olhos, os olhos azuis que eu tanto amava. E ali naquele momento, trocamos olhares cúmplices e sabia que ela confiava em mim para isso.

— Amor, quando a próxima contração vier, quero que faça força, ok? Estou aqui com você, meu anjo. Estou aqui por vocês! — Garanti, quando então a contração veio

e ela começou a fazer exatamente o que pedi.

— Ah! — Ela grita de forma rascante.

Eu estava ali, sem querer perder um segundo desse momento único em nossas vidas. Saber que eu seria o responsável por trazer meu filho ao mundo era definitivamente uma emoção que nunca conseguirei colocar em palavras.

Ao meu comando, uma e outra vez ela faz força. E logo os primeiros fios escuros de cabelos aparecem, fazendo meu coração perder completamente a batida e as lágrimas chegarem e inundarem meu rosto.

Meu pequeno estava vindo! Isso realmente estava acontecendo!

— Ele está vindo, anjo. Vamos lá. Já posso ver sua cabecinha, linda. — Murmurei, como incentivo. — Só mais um pouco mais de força, anjo. Ele está chegando para a gente. Força!

— Ahhhhhhhh! — Anabella grita ainda mais alto, determinada e com uma força divina que apenas às mulheres tinham, ela então dá tudo de si e nosso bebê nasce, vindo ao mundo diretamente para as minhas mãos.

Meu menino! Nosso menino!

Sem conseguir me conter, adorei cada pedacinho do seu rosto e corpinho perfeito. O som forte do seu choro, do seu sopro de vida, sendo, a partir daquele momento, o som mais especial que escutei em toda minha vida. Nem em mil anos eu esqueceria desse som, desse momento. Eu sorria e chorava ao mesmo tempo. Não conseguia controlar a emoção única que era segurar meu filho pela primeira vez.

Não achei que poderia ficar mais feliz do que já era, mas definitivamente nunca havia experimentado a sensação sublime que era saber que esse pedacinho perfeito de gente era meu. Enquanto segurava-o com uma mão e com a outra cortava o cordão umbilical, duvidava que existisse homem mais feliz e realizado do que eu.

Porra! Que sensação foda!

Uma enfermeira o pegou para limpá-lo e examiná-lo rapidamente e ainda com lágrimas nos olhos, fui até meu amor. Anabella estava exausta, suada, mas eu não acho que já a vi mais linda na vida. Beijeí sua boca com amor e a acalmei depois de seus esforços. Logo a

enfermeira retornou com nosso pequeno pacote azul, colocando-o em meus braços e Anabella começou a chorar ao ver nosso filho pela primeira vez. Muito emocionada, extasiada por tê-lo conosco, eu logo lhe segui e chorei também.

Como dois pais babões olhamos para nosso pequeno sugando sua pequena mão como se estivesse esfomeado, como se não existisse nada mais bonito. E não existia mesmo.

— Oi, meu amor. — Ela falou, enquanto suas lágrimas ainda caíam em abundância pelo seu rosto. — Eu sou sua mãe e esse é seu pai. Bem-vindo ao mundo, Hector.

Hector? Ela disse mesmo Hector?

— Hector? — Perguntei, em um sussurro hesitante e Anabella sorriu, acenando que sim.

— Seu irmão foi um grande homem, Igor, mesmo em sua curta vida. Ele era tão forte, assim com você. Ele te amava e nada mais justo do que homenageá-lo através do nosso filho.

Meu Deus! Como eu amava essa mulher!

Minhas lágrimas eram incessantes enquanto a beijava agradecido por esse presente tão perfeito.

— Eu te amo demais, anjo. Obrigada por seu meu anjo e me fazer tão feliz.



Com cinquenta e um centímetros e quatro quilos, os cabelos bem escuros, como os meus, um narizinho lindo e a pele rosadinha como a mãe, eu carregava Hector em meu colo após mamar. Eu apenas não conseguia deixar de olhá-lo. Não conseguia me conter nem mesmo com ele dormindo e fiquei ali velando o soninho tranquilo dele.

— Ah, filho! Você é muito mais perfeito do que imaginei. — Sussurrei, de forma confidente. — Não sabe o quanto estamos felizes com a sua chegada, pequeno. Nós dois somos os homens mais sortudos do mundo, já viu como sua mãe é linda? Temos mesmo sorte, sua mãe é um anjo aqui na Terra. Você foi uma surpresa para nós, mas foi amado desde o primeiro momento que soubemos que você já crescia no ventre de sua mãe. Mesmo que você tenha se escondido durante um bom tempo, seu menino

travesso. Você carrega o nome de uma pessoa muito especial, que não está mais aqui entre nós, mas que com certeza olha pela gente. Não tenho dúvidas de que você será especial como ele. — Sem deixar de sorrir, continuei a olhar para ele. — Deus! Eu te amo, meu pequeno. E vou passar o resto da minha vida dando o melhor de mim. Sendo o pai e amigo que você precisa. — Prometi, com lágrimas nos olhos.



Só saí do quarto de Anabella, quando finalmente ela adormeceu após um banho rápido. Ela estava exausta e precisava descansar. Já eram oito da manhã. Estávamos ali há horas. Eu estava cansado demais também, mas não queria sair dali. Ainda assim, cedi quando minha sogra pediu que eu fosse para casa apenas para tomar um banho e descansar um pouco. Depois de dar mais um beijo nos amores da minha vida, segui para fora do corredor e então trombei com Alisson.

— Oi, querido. Parabéns! — Ela disse sorrindo, antes de me abraçar.

— Obrigado. — Falei, sem conseguir tirar o sorriso do rosto.

— Desculpe não ter vindo antes, mas você sabe, como Stephanne e Théo vieram correndo quando avisaram que Anabella estava em trabalho de parto, decidi ficar e cuidar das trigêmeas. — Se explicou.

— Imagina. Eu entendo. Mas graças a Deus correu tudo bem. Hector é um garotão lindo. — Falei e ela sorriu.

— Tenho certeza que sim. Fico muito feliz por vocês. — Ela disse e eu sorri, antes de ouvir meu nome ser chamado:

— Igor? — Olhei para trás e Evan caminhava em nossa direção.

Eu não sabia o que ele estava fazendo aqui, mas não demorei a perceber que Alisson o olhava intrigada e que certamente estava desconfortável com sua presença. O que era completamente compreensível, afinal, ele era a cara do seu agressor.

— Vou falar com ele e depois vou até em casa. Depois vejo você. — Eu disse tentando evitar um

encontro cara a cara deles e ela concordou com um aceno meio hesitante, antes de dar as costas e seguir até o quarto de Anabella.

Não esperei que Evan viesse até mim e continuei a andar, encontrando com ele no caminho.

— O que você quer, Evan? — Perguntei, meu sorriso logo sendo substituído por uma carranca.

— Soube sobre o nascimento do seu filho. — Disse simplesmente e eu não entendi.

— E? — Insisti.

— E que é mais um Carrara vindo ao mundo. Queria te parabenizar e dizer que talvez seja a oportunidade de selarmos a paz entre nós. — falou, me fazendo rir com sua pretensão.

— O que você quer dizer com isso é que você quer fazer as pazes, porque a mesada que você tem direito não lhe banca e quer que eu volte a ser avalista dos seus empréstimos, não é mesmo? — Perguntei com sarcasmo.

— Não é isso... Eu...

Não deixei que ele terminasse de falar, afinal, depois da sua tentativa patética e desesperada de fazer

com que Anabella desistisse do nosso casamento, eu não queria realmente ter nada a ver com ele. Então logo tratei de cortá-lo:

— Evan, acabei de trazer meu filho ao mundo, você não vai fazer com que eu perca meu bom humor. Estou cansado. Não preguei os olhos essa noite. Vão para casa agora e descansar antes de voltar para minha esposa e filho. Posso ser um pai babão agora, mas isso não significa que eu me tornei um babaca. Isso não mudará as coisas entre nós. Você continuará sendo o tio estranho que eu prefiro distância. — Falei sem remorso, antes de dar as costas para ele e sair dali.



Em casa, tomei um banho revigorante e energizante. Já havia organizado em minha cabeça que eu dormiria apenas por uma hora e que iria para o hospital logo em seguida e de lá só sairia quando minha mulher e filho viessem comigo para casa. Com uma calça de pijama, enxugando meus cabelos molhados, entrei em meu quarto e uma sensação ruim apertou meu coração.

No começo pensei que era apenas uma miragem e o cansaço estava me dando alucinações. Não acreditava no que estava vendo. Eu pisquei de novo, mas ele ainda estava ali. Paralisei, vendo ele sentado casualmente em minha cama.



capítulo 22

MÁSCARAS...

Igor

— O que você quer aqui, Evan? Já dissemos tudo que tínhamos a dizer. — Minha voz saiu irritada.

Algo em seus olhos parecia diferente quando os meus encontraram os seus e calafrios subiram pela minha pele

quando ele falou:

— Eu acho que não. — Ele disse, antes de tirar de dentro do seu terno uma arma e apontá-la para mim, que deixei a toalha cair quando levantei as mãos em rendição.

Oh merda! Ele havia enlouquecido?

— Que porra é essa, Evan? Guarde essa arma! Você pode ser um idiota, mas não é um assassino. — Afirmei, engolindo em seco e ele sorriu.

— Tem certeza que não?

Ainda aturdido para questionar o que dizia, continuei olhando para ele e então a imagem de há pouco voltou em minha mente. A reação de Alisson diante sua presença, mesmo que distante. De uma forma ou de outra, Alisson havia pressentido que era ele e havia reconhecido seu agressor.

Caralho! Ele era o maldito Plano B!

— Gerrit. — Murmurei entre os dentes e ele pareceu feliz por tê-lo reconhecido.

— Olá, Igor. — Disse, sorrindo com escárnio.

Minha boca e garganta secaram e eu tive que empurrar o caroço em minha ali formado, enquanto ele continuava a

olhar para mim. Gerrit não apenas tinha tentado destruir todos ao seu redor, ele havia tomado o lugar do irmão gêmeo e se passado por ele, sem que nenhum de nós percebesse. Não me admira o fato de que ele tenha se mantido distante ,esquivo, sempre viajando desde então. Gerrit não queria ser reconhecido. Ele não era burro.

Não foi Gerrit quem eu vi tomar aquele tiro na Ilha Elisa, foi Evan. Gerrit estava ali o tempo todo entre nós se passando por ele. Evan quem estava naquela cama de hospital.

Meu Deus! Era sórdido demais. Sujo até para ele!

— Como vão seus pais e irmãos? — Perguntou, com a nítida intenção de me provocar.

Filho da puta! Como ele ousa falar deles?

Eu havia passado a minha vida me culpando pela morte da minha família, mas o tom de escárnio que ele havia utilizado para falar sobre eles, apenas me deu certeza de que eu não havia sido culpado. No fundo, nunca acreditei que a morte de minha mãe e irmã fora um simples acidente. E eu tinha a ligeira impressão de que saberia a verdade em breve.

— O que quer, Gerrit? — Perguntei, tentando controlar minha raiva.

— Nesse momento não quero muita coisa. Apenas o que é meu de direito. — Disse, falando casualmente.

— E o que seria?

— Em primeiro lugar, preciso da localização do baú de Elizabeth. Depois, trato do resto. — Falou, dando de ombros.

Baú de quem?

— Não sei do que está falando. — Falei honestamente.

— Sabe, Igor, eu tenho observado você ao longo dos anos. Sei muito bem que você não é burro. Evan pode ser, afinal, consegui enrolá-lo muito bem. Mas você não. Já revirei cada pedaço dessa casa ao longo dos anos. Cada esconderijo aqui. Todas as páginas de cada livro. Cada pequena brecha que poderia haver. No entanto, não achei o que eu queria. — Afirmou, começando a andar pelo meu quarto, sem me deixar fora da sua mira.

— Continuo sem saber do que você está falando, Gerrit. — Insisti, pois eu realmente não sabia.

— Tudo bem. Vamos fingir que acredito. Afinal, hoje

estou a fim de contar histórias. Stephanie, Alisson e meu querido irmãozinho, Andrew, devem ter lhe contado que gosto de conversar, não? — Perguntou com ironia e eu apertei minha mão, para não socá-lo.

— Sim. — Decidi que era melhor lhe responder.

— Eu acho que você já deve ter ouvido falar da Rainha Elizabeth, bisavó de Edward. Afinal, não faz muito tempo que seu colar, aquele que inspirou a joia do filme Titanic, o “Coração de Elizabeth”, ganhou os olhares da mídia e claro, o meu olhar. — Deu de ombros.

— Você o roubou. — Disse o que nós dois já sabíamos.

— Sim. Claro que sim. Mas não o roubei apenas por causa do seu valor, o roubei porque ele era parte do meu plano para conseguir o que queria. — Disse, deixando-me cada vez mais confuso.

— Não entendi.

— Sabe, estou tão cansado dos di Montalcino. E dos Caravaggio também, que não passam de cachorrinhos, sempre dispostos a satisfazer a realeza. — Falou com sarcasmo. — Você deveria me entender, afinal, você é um

Carrara e eles não fizeram nada mais do que nos foder ao longo doa anos.

Céus! Ele era realmente louco!

— Há muito tempo, meu tataravô mandou fazer uma joia tão linda, que ninguém poderia imaginar tamanha perfeição. Mas ela não era uma simples joia, sua pedra tinha a cor dos olhos da mulher que ele amava. Um azul metalizado, lindo. E como era para ela, ele a lapidou em formato de coração, fixando-a com armação de ouro branco e repleta de diamantes. Todo mundo acreditava que esse colar fora dado a Elizabeth pelo seu marido, mas tudo isso não passava de mais uma mentira.

Oi?

— O Coração de Elizabeth nunca foi dado pelo Rei. Na verdade, foi dado pelo seu amante, Enzo Carrara. Ele lhe daria a joia, juntamente com o baú, quando se casassem e seu erro foi dizer-lhe sobre isso, porque ela o roubou. Mas claro que esse casamento nunca aconteceu, afinal, ela preferiu casar-se com o Rei. Elizabeth nada mais era do que uma vagabunda.

Gerrit então veio andando em minha direção e

passando o cano da arma por mim, com a nítida intenção de me intimidar. Inacreditavelmente eu não tinha medo dele.

— Durante muitos anos, ela mentiu sobre o paradeiro da joia, dizendo a ele que a havia jogado fora. Mas não é o que essa pedra vale ou muito menos o que significa que realmente me importa, é aonde ela pode me levar.

Ok. Ele estava fazendo cada vez menos sentido!

— Sei menos dela do que você, Gerrit. Nunca nem mesmo vi esse maldito colar. Não posso lhe ajudar. — Falei, tentando manter a calma, enquanto meu cérebro trabalhava em uma forma de me livrar dele.

— Mas é aí que você entra, Igor. É aí que o herdeiro de Niápolis entra. — O tom invejoso da sua voz não me passou despercebido. — Eu já tenho a joia, sei em que local está o baú, mas preciso apenas do lugar exato. Porque até mesmo a chave dele, eu já tenho. Só preciso saber como chegar lá. E isso, você herdou.

— Eu? — Perguntei incrédulo.

— Sim. Você. — Faliu, voltando a me rondar. — Seu pai era arrogante demais para levar esse segredo para o

túmulo. Ele com certeza encontrou alguma maneira de lhe dar isso como herança. — Me analisou profundamente e eu não pisquei enquanto ele fazia isso. — Só preciso que você me conte onde está.

Um filme se passou em minha cabeça e meu cérebro começou a trabalhar a todo vapor, enquanto eu ligava cada ponto dessa história. Então comecei a trabalhar os números. Novamente em minha mente eu os trocava por letras e a palavra *Elisa* se formou nitidamente para mim. Quase piscando como luzes brilhantes de néon.

E tudo fez sentido: O que quer que seja que ele procurava, o tal baú de Elizabeth, estava na Ilha Elisa. O colar que levava seu nome, era na verdade a chave para que abrisse o maldito baú. Mas ele não podia fazer nada disso sem a minha ajuda. Eu tinha exatamente o que ele queria em minha pele. Os números tatuados em minha pélvis anos atrás, cortesia de meu pai, eram na verdade coordenadas geográficas que indicavam a localização exatada do baú de Elizabeth.

Porra! Eu era foda!

— Continuo sem saber como lhe ajudar. — Permaneci

sério, meu rosto não demonstrando as emoções conflitantes que me envolviam completamente.

— Será mesmo? — Ele perguntou, sem deixar de me encarar. — Eu acho que podemos fazer um acordo, Igor. Eu poupo sua vida e da sua esposa e filho. Conto tudo que você não sabe sobre sua família e você então me dá o que eu quero. É uma troca justa. — Falou com os lábios levantados para cima.

Filho da puta!

— Não tenho o que falar. Não sei realmente como ajudar. — Insisti com a mentira.

— Hoje estou com bom humor, já lhe disse. Vou te contar mais uma historinha. Te darei um voto de confiança. Quem sabe isso não o incentiva a abrir a boca? — Disse, antes de apontar para mim e indicar a cadeira para que eu sentasse. — Sente-se, agora. Vou te contar mais sobre seu querido pai.

Engoli em seco. Tinha a ligeira impressão de que não iria gostar nada dessa história.

— Eu não morava aqui, obviamente. Mas quando entrei para o serviço secreto, fiz minha lição de casa

direitinho e descobri tudo. Até mesmo o que o dinheiro havia comprado para que não viesse à tona. — Começou.

— O que você quer dizer com isso?

— Heitor dispensou-me quando fui até ele. Sofri a pior das rejeições. Seu pai me humilhou. Disse que já havia aceitado um bastardo filho da irmã, mas que não assumiria o outro. Ele deu-me a Ilha Elisa e mais algum dinheiro em troca do meu silêncio. Como se isso fosse o bastante por tudo que já havia passado. — Ironizou. — Eu poderia ter ido até a família real, poderia ter me juntado àquela família que era sinônimo de perfeição, mas que na verdade carregava tantas mentiras também. Inclusive sobre o que havia acontecido com minha mãe. Então saí daquele escritório, decidido a não levar isso aos tribunais. Eu queria a desgraça de todos eles. — Rosnou, tomado por ódio e inveja.

Maluco!

— Você sabe muito bem que a família Di Montalcino não sabia a verdade sobre você e Evan. Eles são boas pessoas. Se você tivesse ido até eles, tudo seria diferente. Você sabe disso — .Enfatizei — .Por que então levar essa

vingança insana até eles — ?Perguntei, tentando manter o tom da minha voz neutro.

— Porque eu os odiava tanto quanto odiava nossa família. Tudo poderia ter sido diferente, eu poderia ter uma vida diferente se tivessem aceitado que Joaquim virasse Conde. Eu não teria passado por nada que passei. Não teria sido criado à minha própria sorte. Eu seria um maldito príncipe! — Disse batendo contra seu peito. — E quando seu pai me desprezou, eu soube que queria mais do que reconhecimento, mais do que dinheiro. Eu queria que todos pagassem com sofrimento o que me foi tirado. Queria ver a desgraça de todos vocês! — Ele gritou.

Infeliz louco! Doente! Insano!

— O que me diria se eu lhe dissesse que seu pai sabia de tudo? Alisson, Andrew... — Continuou.

Engoli em seco. Chocado. Embasbacado. Eu sabia que meu pai era uma pessoa horrível, mas ainda assim não imaginava que ele compactuava com toda essa história sórdida e absurda. Então, descobrir isso agora deixou-me muito mal, fazendo com a raiva apenas borbulhe em meu peito.

— Eu acho que diria que isso não me surpreende muito, visto que ele era uma pessoa sem escrúpulos realmente. — Falei sem pesar e ele riu.

— Ele era mesmo, não é? Mas não tão bom quanto eu. — Riu, achando-se o maioral. — Até que ele tentou me parar. Mas logo viu que não podia me subestimar. Eu o tinha em minhas mãos, sempre tive. — Comentou, dando de ombros.

— Uma pena que ele não tenha acabado com sua vida também. — Riu e olhou-me friamente.

— Gosto da sua sinceridade. — Declarou, parecendo sincero e eu bufei. — Mas você deveria tomar cuidado com suas palavras. Elas podem voltar contra você. — Apontou, antes de prosseguir: — Vamos voltar para o início. Eu tenho um vídeo que você certamente adoraria ver. — Sentou-se, pegando o seu celular do bolso e mexendo nele. — Vamos começar por este aqui primeiro. — Jogou o celular para mim, que peguei por puro reflexo. — Seu pai o guardou muito bem guardado. Mas não o suficiente para que eu não o encontrasse. Você pode assistir e me dizer o que acha do que tem aí.

Eu não queria assistir nada, porque o embrulho em meu estômago e o aperto em meu coração me diziam que isso me marcaria profundamente, mas então o vídeo começou. As imagens haviam sido feitas provavelmente por uma câmera de segurança de algum lugar. Dessa casa. Há muitos anos. Eles estavam muito mais novos. Mais novos do que eu me lembrava.

Meu pai e minha mãe pareciam discutir. Engoli em seco quando vi meu pai atingir minha mãe com um tapa na cara e ela cambalear, antes de cair ao chão. E foi quando tudo aconteceu.

Meu pai então avançou sobre ela e começou a rasgar toda sua roupa. Minha mãe se debateu, gritou, num desespero latente, que pude sentir em minha pele como se estivesse acontecendo comigo, mas isso não o impediu de parar. Depois de um tempo ela apenas parou de lutar, lágrimas desciam de seus olhos amendoados, que agora não pareciam nem mesmo ter vida. Fechei os olhos não conseguindo mais assistir nada daquilo.

Porra! Meu pai estava estuprando minha própria mãe!

O grito de horror ficou preso em minha garganta. O ar havia deixado meus pulmões. Simplesmente não tinha forças para fazer qualquer coisa. Eu não podia ouvir seus gritos, mas sabia que provavelmente haviam sido brutais. Na verdade, era como se eu pudesse ouvi-los. Senti-los. Eu queria ajudá-la. Queria fazer alguma coisa que impedisse que aquilo acontecesse com ela. Mas já era tarde demais.

— Interessante, não? — Gerrit perguntou sem conseguir esconder a alegria em sua voz, certamente percebendo o quanto aquilo havia me atingido.

— Por que porra você está me mostrando isso? — Esbravejei olhando para ele, lágrimas quentes escorrendo pelo meu rosto.

— Estou decepcionado, Igor. — Disse virando a cabeça de um lado para o outro. — Eu achava que você ficaria feliz em saber como fora concebido. — Completou com um sorrisinho zombeteiro.

Putá que pariu!

Durante toda minha vida me perguntei se meus pais me odiavam de alguma forma, especialmente minha mãe, que

não era uma pessoa ruim, como eu sabia que Heitor era. Por mais que soubesse que Heitor impedia que nós dois tivéssemos uma aproximação maior, toda mãe que ama seu filho, luta por ele. No fundo, eu não entendia porque ela não lutava. Porque ela não lutava por mim. Mas agora tudo fazia sentido, eu entendia porquê. Eu era fruto de um estupro.

Havia prometido para mim mesmo que nunca mais derramaria uma lágrima sequer ou me permitiria até mesmo sentir qualquer coisa por causa de Heitor, nem que esse sentimento fosse ódio. Mas nesse momento, isso se tornou impossível. Mais uma vez ele havia superado sua própria crueldade.

Eu não conseguia sequer respirar. Minha cabeça latejava. Minha bile subiu e o vômito veio a minha boca. Eu sentia nojo. Nojo da cena que vi. Nojo do meu pai. Nojo desse homem que estava me mostrando isso. Nojo... de mim.

Meu Deus! Por quanta dor mais eu preciso passar?

— Esse vídeo foi a minha maneira de me aproximar do seu pai. À base de chantagem, claro. Mas depois de um

tempo, ele confessou-me que isso foi necessário, porque sua mãe queria que ele aceitasse que Hector fosse o doador de Celleste. Eu o entendo, faria o mesmo em seu lugar, afinal, seu irmão era um viadinho. Então só por isso você nasceu. — Desdenhou.

Permaneci mudo, eu não conseguia dizer nada. Estava arrasado. Seus olhos frios ainda estavam fixados aos meus.

— E depois tem o Hector. Ah! O Viadinho! — Diz com deboche, antes de cair na gargalhada, fazendo com que eu respirasse profundamente, para tentar controlar minha vontade de voar sobre ele.

— O que você fez? — Consegui perguntar entre os dentes.

— Eu? Nada. — Pareceu pensar. — Não sujei as mãos realmente. Seu pai pediu que eu descobrisse onde ele morava, porque aparentemente Hector estava escondendo-se dele após sua ameaça velada no enterro de Celleste. Não foi difícil encontrá-lo. Você já deve ter percebido que sou bom no que faço. Fui com ele, afinal, gostava de uma festinha. — Falou com um sorriso doentio. — E ele

precisava que as coisas estivessem limpas depois. Precisava de mim. — Riu. — Heitor achava que o filho iria abrir a boca para a mídia, que diria a verdade sobre ele, sobre o que os Carrara tentavam esconder do mundo. Que com isso arrastaria o nome da nossa família para o lixo. — Deu de ombros. — Então precisou acabar com a vida da ovelha negra da família. Um pequeno preço a pagar. — Ele apontou a arma para mim e eu gelei. — Um tiro certo em sua testa e miolos para todos os lados. — Imitou os movimentos e eu fechei os olhos, não querendo ter mais uma cena em minha cabeça. Mas já era tarde.

Malditos! Doentes!

— Eu não pretendia realmente fazer nada contra sua mãe e irmã. Mas depois descobri que Heitor estava escondendo-me a verdade sobre o baú de Elizabeth. Foi realmente uma pena. — Disse sem pesar e eu fechei minhas mãos com força, a ponto de sentir minhas unhas perfurando minha pele.

— Você não precisava matá-las. — Minha voz se quebrou enquanto eu falava isso.

— *“Na saúde e na doença... Até que a morte os*

separe.”, não é mesmo? Sua mãe era um capacho sem vida. Fiz-lhe um favor. Sua irmã ,coitada, estava doente novamente. Já estava condenada mesmo. Apenas poupei um longo sofrimento — .Falou friamente, olhando-me sem piscar — .Mas não se preocupe. Você se juntará a sua família em breve — .Seus olhos brilharam enquanto dizia isso para mim.

As lágrimas desceram grossas pela minha face. Tentei me controlar, mas não conseguia, por causa da dor por ouvi-lo dizer tão friamente como as matou. Elas não mereciam isso. Não mereciam. Lembro-me do meu anjo e o sentimento de apenas pensar perder a mulher que amei em toda a minha vida, cega-me instantaneamente. E, mais uma vez, a história repetia-se, a desgraça era mesmo o único destino para nossa família.

— Vou matar você. Não vai ser ninguém não, será eu mesmo. — Prometi, rosnando com ódio e ele riu.

— Que bonitinho, o rejeitado vai me matar como fez com seu pai — Debochou. — Sabe que aquele dia no hospital foi a primeira vez que fingir ser Evan? E você, claro, fez exatamente o que eu queria, sem que precisasse

sujar minhas mãos com o maldito do seu pai. — Riu, antes de voltar a ficar sério novamente, olhando-me friamente. — Não. Eu vou te matar, mas saiba que farei da gostosinha da sua mulher, minha. Minha puta. Assim como fiz com Alisson. — Cerrei meu maxilar com tanta força, que pude sentir o gosto férreo do sangue em minha boca.

Desgraçado!

Fiquei puto por estar aqui na mira de uma arma, sem poder fazer nada, nem mesmo me defender. Enquanto minha mulher está em uma cama de hospital, recém dado à luz, tão vulnerável, fraca e talvez em breve não poderei fazer nada para impedir que alguma coisa lhe aconteça. Não poderei protegê-la. Nem a ela e nem nosso filho.

— Por favor... Não faça isso. — Pedi e ele sorriu odiosamente.

Gerrit então deu mais um passo à frente, e um pequeno sorriso cínico ainda brincava em seus lábios.

— Então me dê o que eu quero. — Exigiu e minha cabeça girou rapidamente.

Minhas mãos tremiam. Eu precisava ganhar tempo. Precisava arranjar alguma forma de tentar desarmá-lo. De

tentar desestabilizá-lo o mínimo que fosse e assim tentar uma chance de sair dessa. Estava desesperado querendo fugir dali, apesar das inúmeras perguntas sem respostas.

— Há uma caixa no porão. — Falei, fazendo-o paralisar e engolir em seco.

— Você quer dizer no porão em que minha mãe ficou trancafiada por anos e onde eu nasci? — Perguntou, visivelmente abalado.

Isso, Igor! Meu blefe havia sido perfeito!

Eu havia descido o caráter e ao nível dele, usando exatamente sua maior fraqueza contra ele mesmo. Eu não me sentiria culpado por isso, Deus sabia que só estava fazendo o que era preciso para tentar sair com vida e proteger a minha família das mãos desse lunático.

O ódio que sentia por esse maldito, não me deixaria ter dó dele. Acho que depois de meu próprio pai, ele era a única pessoa capaz de conseguir despertar o pior de mim. Aquele ódio tão profundo, capaz de fazer com que eu perca meu ar, tamanho mal que me fazia por causa da sua crueldade para com as pessoas que eu amava.

— Vá à frente. Agora. — Exigiu, apontando a arma em

minha direção.

Seguindo suas ordens, comecei a fazer o caminho do maldito porão .A cada passo que eu dava, podia sentir o tremor das minhas mãos, suadas, frias. Meu corpo formigava, meus sentidos pareciam cada vez mais ouriçados e cientes de tudo ao meu redor. Minha cabeça não parava de trabalhar e eu podia sentir algo dentro de mim dizendo-me para ser forte. Que eu precisava ser forte.

A coragem e a determinação de viver para ver minha mulher e meu filho vivos, motivaram-me a me manter firme, qualquer medo que eu podia sentir dando lugar a determinação de lutar por eles. Tentei manter meu coração fechado, minha racionalidade assumindo o que tinha que fazer. A cada passo, sentia minha determinação engolfando a dor que sentia, apenas por pensar em não vê-los mais uma vez. E foi justamente isso que me deu forças para seguir em frente.

O caminho parecia tão longo. E a cada passo que dava, tentava achar uma solução, mas não conseguia pensar em muita coisa que me ajudasse a sair dali. Todas as cenas

que se formaram em minha cabeça, em nenhuma delas eu saía com vida. Mas por mais que me doesse, tinha que fazer o que fosse para que ele não saísse com vida daqui. Nem que tivesse que explodirmos no processo.

— Ah! Sinto muito pelos seus empregados. Eu acho que você precisará de novos. — Ele disse com ironia e eu fechei os olhos.

Desgraçado! Mais sangue inocente sendo derramado!

— Você não precisava ter feito isso, Gerrit. Nenhum deles tem nada a ver com isso. Eles têm uma família esperando por eles. — Murmurei, buscando um pouco de compaixão da sua parte.

— Tinham. Agora continue andando. — Se limitou a responder.

Eu não disse nada. Apenas prossegui, ainda sem saber o que fazer quando chegasse. Gerrit mantinha-se um passo atrás e conseguia ouvir claramente sua respiração descompassada atrás de mim. Enquanto seguíamos pelo corredor, não me atrevi a falar mais nada. Estávamos sozinhos ali. Não tinha ninguém que pudesse me ajudar a

sair dessa. Passamos pela sala principal e não olhei ao meu redor, com medo do que poderia ver.

Quando chegamos à cozinha, descemos as escadas de pedra que levavam ao porão. Degrau por degrau descemos, a iluminação tornando-se cada vez mais fraca quanto mais baixo íamos. A ponto de nos ver envolvidos pela leve penumbra. O cheiro forte de umidade mesclado ao mofo, deixando o ar já rarefeito pelo nervosismo, ainda mais difícil de respirar.

O porão estava como fora no passado. No entanto o cofre que havia sido utilizado como cativeiro para Lavínia há muitos anos, havia sido completamente lacrado, porque as únicas pessoas que sabiam os códigos de acesso haviam levado esse segredo para o túmulo. E eu nunca ousei realmente chegar perto dele. Preferia ficar longe. Especialmente depois de saber o horror que ela havia vivido ali, atrás daquelas paredes, que haviam sido construídos com o intuito de ser um abrigo nuclear e foi tudo, menos um abrigo.

— Então... Onde está? — Ele perguntou e pela primeira vez pude notar um pouco de insegurança e

incerteza em sua voz.

Não respondi. Gostei de vê-lo perder um pouco sua pose prepotente. Sabia que estava correndo risco sem ter nada que pudesse distraí-lo. Mas achava que se tentasse desnorteá-lo de alguma maneira, o faria vulnerável e talvez isso me ajudasse de algum modo, nem que fosse para ir para cima dele de uma vez. No entanto o tiro poderia sair pela culatra. Mas ainda assim, era um risco que eu tinha que correr.

— Eu perguntei onde está, Igor! — Tornou a dizer com aspereza e ele mesmo respondeu: — Não existe nada aqui. — Constatou.

Desencostando-se da parede onde se escorava, furioso, a palidez natural da sua pele ganhando uma tonalidade vermelha de ódio. Apontou a arma para mim e meu coração meio que parou.

Porra!

Ele não me deu tempo nem de pensar, sequer de reagir, apenas atirou em meu ombro. Fazendo-me cambalear e cair ao chão, rangendo os dentes pela dor. Rastejando, rosnando, sentindo a brasa pungida e dolorosa da ferida,

procurei forças para me levantar e arreventá-lo a cara. Acabar com sua vida com minhas próprias mãos.

— Eu vou matar você seu filho da puta! Vou te matar!
— Gritei, completamente fora de mim, encarando-o sem vacilar apesar do meu estado.

— Vai mesmo? Eu acho que não! — Me provocou com uma voz insultuosa. — Você pode ter sobrevivido a minha primeira tentativa de matar você, sua mulherzinha e o moleque, mas eu não vou errar uma outra vez. — Disse sem pesar algum.

— Filha da puta! — Avancei sobre ele furioso, completamente fora de mim. Mas paralisei onde estava, quando o vi com o celular em punhos, a imagem de Anabella deitada dormindo como um anjo em sua cama de hospital.

Oh Meu Deus!

— Mais um passo e uma pessoa minha pega sua esposinha lá dentro do hospital. Acredite, ele está mais perto do que você imagina — .Avisou, com a arma ainda erguida em minha direção.

A bÍlis subiu, o pavor me dominou e fiquei imóvel,

meus olhos cravados nele, tentando não demonstrar o desespero que havia tomado conta de mim. Parei completamente. Engolindo meu ódio, minha gana em sair dali, apenas para salvar a vida da minha mulher.

Aquele maldito estava com minha mulher sob sua mira, deixando-me completamente aprisionado, sem ter como agir sem pensar no que ele poderia fazer contra ela. Nunca senti tanto medo em minha vida. Um desespero atroz e brutal. Não podia permitir que a vida do meu amor ficasse a mercê desse homem insano, maligno, monstruoso, covarde.

Eu quase perdi o controle, mas com esforço sobre-humano, me mantive quieto. Ignorando até mesmo a porra da dor que queimava em meu ombro. A única coisa que conseguia pensar, era em Anabella. E por ela eu faria qualquer coisa. Qualquer coisa.

— Me dê o que eu quero, Igor. Não vou falar uma outra vez. É sua última chance. — Exigiu, sem hesitar.

— Tudo bem, vamos dizer que eu tenha o que você quer. Você depois vai me matar, não é? — Falei baixo, sentindo o sangue quente escorrer pela minha pele, a dor

ardente em minha carne.

— Como eu disse, você não é burro. — Sorriu, seus olhos loucos, frios e sem vida.

— O que tem no baú que tanto te interessa? — Perguntei, curioso, segurando o ombro direito que sangrava muito com uma mão e encarando-o sem vacilar, seus olhos brilharam com a minha pergunta.

— Tem tudo. Barras e mais barras de ouro. Joias. Pedras preciosas. Uma fortuna incalculável. O que você acha que tem não é nada perto disso. Nem mesmo a realeza Campaviana, britânica, tem tanto. — Sorriu friamente, os olhos brilhando pela ganância que o havia enlouquecido.

— O que você pretende com isso tudo, Gerrit? Obviamente você sairá como um dos caras mais ricos do mundo. Não vai mais precisar ter de conviver conosco. Pode viver em qualquer lugar. Como quiser. Sendo quem quiser. Por que apenas não pega o que quer e vai embora? — Perguntei angustiado e era verdade.

— Você acha mesmo que tudo é por dinheiro? Eu quero mais do que isso. Eu quero vingança. Eu quero

poder! — Gritou ensandecido e eu entendi tudo ali.

— Você quer a coroa.

— *Touché.* — Sorriu perverso. — Você é o único que sabe sobre mim. Depois que o matar, obviamente, continuarei fingindo que sou o patético do meu irmão e irei forçar uma aproximação com meus queridos irmãos da realeza. Darei uma de coitadinho. Arrependido. E quando menos esperarem, estarei com todos em minhas mãos. Quando isso acontecer, será fácil tomar a coroa para mim. Com tantas mentiras, o povo jamais aceitará que Edward continue no trono dessa maneira. Todos serão contra. E já que o Rei não tem herdeiros além do filho daquela empregadinha... — Disse simplesmente.

Meu Deus! Isso era insano! Isso tudo porque ele nem sabia que Théo era o herdeiro legítimo que ele achava que tinha morrido há muitos anos, imagina!

— Você nunca vai conseguir! Vão descobrir a verdade!
— Rosnei feroz, minha respiração pesada, meu coração saindo pela garganta, o ódio e adrenalina me fazendo esquecer temporariamente a dor que queimava em meu ombro.

— Você não tem que se preocupar com isso. Depois que me passar a localização do baú, não estará mais aqui para me ver fazer nada. — Ele então riu alto, com deleite, de forma insana.

— Eu não vou te ajudar. — Disse entre os dentes.

— Ou ajuda ou hoje mesmo terei sua mulher como minha prisioneira. A escolha é sua.

Caralho! Puta que pariu!

Sem ter mais o que fazer, abaixei minha calça o suficiente para que ele visse e seus olhos brilharam, loucos, quando lhe dei o que queria. Era um caminho sem volta. Meu coração disparou, minha boca secou, a sensação de falta de ar apertou meu peito fortemente. E então ele fez o que desde o início disse que faria: Gerrit puxou o gatilho.

Fechei os olhos, esperando que me atingisse, mas então, de repente, um barulho abafado passou por mim e logo o atingiu. Sua perna foi ferida e logo o sangue começou a escorrer, o impacto da bala fazendo-o cambalear e cair sobre seus próprios pés.

Não perdi tempo antes de ir até ele, e Gerrit, assim como eu não pude me defender do tiro, também não teve tempo de desviar do meu punho, que o acertou com um soco brutal em seu queixo. Como se estivesse em câmera lenta, vi seu maxilar deslocar, enquanto sua cabeça caía para o lado contrário com o impacto.

Sua arma caiu ao seu lado, mas não a peguei. Eu precisava resolver isso com minhas próprias mãos. Canalizando toda raiva que senti durante minha vida, montei sobre ele, cheio de ódio me consumindo, enquanto o esmurrava uma e outra vez. Tudo que eu podia ver eram as pessoas que ele havia feito mal, as pessoas inocentes que ele fez sofrer. Cibelle, Andrew, Alisson, Théo, Steph, Edward, minha mãe, Camille e até mesmo meu pai, que poderia não merecer sua misericórdia, mas ele não tinha direito de ter feito o que fez com a minha família. Não parei nem mesmo quando vi seus ossos sendo destroçados, seu sangue espirrando ao redor da sua pele que se abria.

Eu tinha tanto ódio! Precisava acabar com ele!

Lembrei-me de minha mulher e meu filho no hospital e

de tudo que ele disse que faria contra eles e isso foi o suficiente para me tirar da razão novamente e terminei de quebrar o restante dos seus dentes. Só parei quando vi as pessoas que estavam entrando, seguranças, agentes secretos, policiais e então apareceu Théo e Taddeo.

Quando vi Taddeo com a arma ainda em punhos, eu soube que havia sido ele quem atirou em Gerrit. Eu seria grato pelo que ele fez pelo resto da vida, porque se ele não tivesse feito isso nesse momento, eu já poderia estar morto. Mas eu apenas não podia parar. Essa história havia começado com um Carrara e era comigo, um Carrara, que terminaria. Eu encerraria de uma vez por todas esse ciclo de desgraças com minhas próprias mãos.

Eles nada fizeram, não interviram. Pareciam saber que eu precisava fazer isso. Tinha ciência de que Théo faria exatamente isso que eu estava fazendo depois de tudo que ele havia feito contra sua família também, mas ele não se mexeu. Permaneceu calado, todos eles apenas esperando o exato momento em que as coisas aconteceriam. E não teria volta.

Eu não adiaria mais. Essa história sórdida já havia

durado tempo demais. Levantei-me e de pé ao seu lado, segurei a arma que ele havia usado para me ameaçar e ferir e dei uma última olhada para ele. Seu corpo todo sangrando, seus olhos quase sem abrirem, ainda assim seu olhar arrogante não deixou os meus. E com nojo borbulhando em minha voz eu disse:

— Eu não disse que ia te matar com minhas mãos? Mande lembranças para meu pai e meu avô no inferno!

Não hesitei. Apenas mirei em sua testa e puxei o gatilho. Uma. Duas. Três vezes seguidas. E então pela última vez olhei em seus olhos e quando se fecharam, não senti remorso, culpa, nada. Apenas alívio. Não havia mais vingança ou ameaça contra a minha família. Estávamos livres. Era o ponto final que todos nós precisávamos para realmente começarmos a viver.

Larguei a arma no chão e caí de joelhos, enfim conseguindo respirar.



Depois de contar o que havia acontecido, conseguimos localizar rapidamente o comparsa de Gerrit no hospital.

Era um homem disfarçado de enfermeiro, que estava rondando de um lado ao outro o corredor. Quando ouvi isso, quase desabei, meu medo do que ele poderia ter feito se não tivéssemos descoberto a tempo.

Minhas mãos estavam arrebetadas, havia inclusive torcido uma delas no momento em que arrebetei o desgraçado. Meu ombro também estava fodido, mas ao menos o maldito tinha uma mira tão ruim, que o acertou de raspão. Mas nenhuma dor que eu sentia seria o bastante para diminuir o prazer que senti em acabar com ele.

Ninguém conseguiu me manter em observação. Tão logo acabou a bolsa de sangue e o soro com os medicamentos, tomei mais um banho e finalmente entrei no quarto de Anabella. Com o braço do ombro baleado apoiado em uma tipoia e doendo para caralho, sorri esquecendo qualquer dor. A encontrei sentada na cama com Hector em seu colo, enquanto dava de mamar para ele. Olhou-me quando me aproximei, seus olhos azuis límpidos, parecendo emocionada e igualmente aliviada por me ver ali.

— O que aconteceu? — Perguntou desesperada, vendo

meus curativos.

— Não fala nada, anjo. — Eu disse, antes de beijar seus lábios, mais do que aliviado por estar ali. Estava grato.

Só então me permiti deixar todo medo que senti vir à tona. Quando nos afastamos, vi suas lágrimas, e erguendo a mão livre, acariciou meu rosto, emocionada. Tomando cuidado com meu ombro e com Hector em seus braços, os envolvi em um abraço forte. Beijando os cabelos de Anabella, agradecendo baixinho a Deus por tê-losãos e salvos e por ter me dado a oportunidade de viver para estar aqui com eles.

— Eu senti um aperto forte em meu peito... Uma sensação ruim. Fiquei tão angustiada, desesperada, que pedi que Taddeo fosse atrás de você. — Murmurou chorosa contra minha pele.

Taddeo havia me contado isso. Ele disse que ela estava tão nervosa e angustiada, que ele se preocupou com seu estado e foi atrás de mim. Mesmo sem saber o que estava acontecendo, meu anjo havia salvado minha vida mais uma vez.

Deus! Como eu tinha sorte em tê-la!

— Está tudo bem agora, meu anjo. Está tudo bem. Acabou. Nada mais vai nos machucar e muito menos nos separar.

— Jura? — Anabella perguntou, chorando contra meu peito.

— Juro, meu amor. Acabou. Na verdade, nossa vida está apenas começando e eu mal posso esperar para viver uma vida de felicidades ao seu lado. Sem segredos. Sem vingança. Sem qualquer coisa ruim. Apenas coisas boas. — Ela concordou, fungando e beijando minha boca murmurou:

— Eu te amo, Igor Caravaggio Carrara. Agora e sempre.

— Eu te amo, Anabella Caravaggio Carrara. Agora e sempre, meu anjo. — Repeti nossos votos, tomando seus lábios nos meus novamente.

Depois de um tempo nos beijando, nos afastamos um pouco e sorrimos, olhando para nosso pequeno mundo, que nem fazia ideia do que havia acontecido, os riscos que havíamos corrido. Do tanto que já havíamos sofrido.

E não precisaria mais se preocupar com nada. Havia acabado.

Hector dormia serenamente, sem tirar a boca dos seios da sua mãe.

Esse já era esperto desde pequeno! Sabia o que era bom!

Olhando para eles, murmurei com amor:

— Meus anjos.

E inconscientemente em seu sonho, Hector tirou a boca dos seios da mãe e sorriu pela primeira vez, nos deixando ainda mais emocionados. Naquele momento soube que era um sinal divino de que apenas coisas boas viriam. E eu sabia que era a pessoa mais sortuda, pois tinha meus dois pequenos anjos e nada poderia ser mais perfeito do que o mundo com que fui presenteado. Eu tinha uma família e muito, muito amor.

Em pensamento, lembrei-me de fazer uma prece de agradecimento pela minha família que havia partido e especialmente para Celleste:

Obrigada por tê-los colocado em minha vida! Como você disse que seria, eu sei que nunca mais estarei

sozinho, porque tenho comigo meus dois anjos.



epílogo

Há muitos anos eu venho pedindo para termos mais um filho. No início, Anabella não queria porque depois que Hector nasceu, ela ainda não tinha nem vinte anos, tinha de terminar a faculdade. Até aí tudo bem, queria, mas não tinha tanta pressa. Porém depois de terminar o curso de enfermagem, ela emendou com a faculdade de Medicina e mais uma vez, tive que adiar meu desejo de ser pai novamente.

Só que por mais compreensivo que eu seja com

sua vontade de lutar pelos seus sonhos e se realizar, também quero o mesmo. Também quero me realizar e como já sou realizado no campo profissional, isso acontecerá somente quando for pai outra vez. Fora que tenho uma porra de masculinidade a zelar. E meio que estava acontecendo uma disputa *testosterônica* entre Théo, Taddeo e eu.

Enquanto Théo, depois de uma gravidez de trigêmeas, havia conseguido engravidar Steph mesmo após a vasectomia, Taddeo fez o mesmo com Eva, que ficou grávida com apenas um ovário. Ou seja, eu estava na lanterninha nessa porra. Era vergonhoso, estava realmente perdendo feio para eles, que faziam questão de esfregar na minha cara que eu havia perdido toda minha testosterona desde a primeira gravidez de Anabella, com a minha gravidez psicológica.

Sério. Até quando serão insensíveis comigo e não entenderão que é apenas minha solidariedade com a irmã deles?

Até mesmo Victor parecia ter entrado na disputa. Porque quando fomos visitar a filha dele e de Charlote,

ele disse que não demoraria a ter o próximo. Ou seja, fui ficando cada vez mais puto e determinado a conseguir engravidá-la. Eu precisava provar minha masculinidade. Precisava mostrar a eles como se faz as coisas direito. O problema era que Anabella ainda não queria ouvir falar sobre isso. Ou seja, eu estava sozinho nessa. Só tinha que ser mais persuasivo e por isso, eu meio que a seduzia. Com frequência. Bastante frequência, melhor dizendo.

Porém, há cerca de duas semanas, tenho reparado que ela tem parecido mais cansada, com mais fome do que o normal e mais estressada também. Resumindo: Anabella estava parecendo “meio grávida”. No início, achei que era apenas coisa da minha cabeça, que quer mais um filho. Porém, depois me dei conta que havia a possibilidade, muito grande, porque tinha me esquecido que troquei “sem querer”, suas pílulas anticoncepcionais por pílulas de efeito placebo, que havia manipulado para colocar em seu lugar.

Sim. Eu tinha uma veia um pouco perversa! Julguem-me por isso! No amor e na paternidade vale tudo!

Se eu dissesse a Anabella sobre minhas suspeitas e pedisse que fizesse um exame para tirar minha dúvida, ela certamente ficaria puta da vida comigo e acabaria com minha brincadeira de tentar engravidá-la caso o exame desse negativo, pois acabaria descobrindo que eu havia trocado seus remédios. E exatamente por isso que agi sozinho.

Um pouco antes de dormir, dei um jeito de quebrar a descarga privada, o que a obrigou a não poder dar descarga quando a usou pela manhã. E claro que eu tinha usado o banheiro do quarto ao lado para não contaminar a amostra. Na hora de ir trabalhar, dei uma desculpa qualquer e fui tirar a prova.

Minha situação era essa, eu ajoelhado no chão do banheiro, metendo a mão na privada para tentar realizar o exame. Como se isso já não fosse humilhante o suficiente, ainda tenho que ouvir isso:

— Papai, eu acho que você está fazendo alguma coisa errada. Deveria perguntar ao tio Théo como se faz um bebê, porque ele fez três iguais e a tia Steph está grávida de novo. — Hector, meu companheiro de

conspiração, falou.

Porra! Até meu filho estava tirando com a minha cara? Sério. O que eu tinha feito para merecer tanta humilhação?

Tudo bem. Isso era porque eu tinha dado uns amassos em metade da população feminina da Campavia? Ok, Deus. Já entendi, mas não posso ficar o resto da vida sendo castigado por causa disso. Afinal, hoje estou casado e muito bem casado. Nem mesmo dou uma segunda olhada para as mulheres que se jogam em cima de mim. E olha que não são poucas. Isso deveria contar ao meu favor, certo?

Fora que passado é passado, e as que passaram em minha cama, estavam tão envolvidas no momento quanto eu e meu pau na situação. E não, não tenho culpa de ser gostoso. Não posso ser o único culpado por isso. Não posso pagar pela minha vida pecaminosa pelo restante de vida que ainda tenho.

— Filhão, tio Théo mal sabe o que fazer com sua tia. Ele é cagão demais, apenas deu a sorte da sementinha dele ser mais inteligente que ele. — Resmunguei.

— Por quê? — Perguntou, curioso.

Hector está na fase dos “porquês”. Queria ter explicação e saber o motivo de tudo. O que acabava nos obrigando a tomar cuidado com tudo que falávamos em sua frente, para que não ouvisse o que não deve. O que era uma coisa bastante difícil, quando se tem uma família de loucos como nós temos, porque sempre acabava vindo uma pérola. Principalmente de uma certa Rainha e de uma bisavó muito da safada.

— Lembra do que o papai disse, sobre quando o amor entre duas pessoas não cabe mais no peito ,nasce uma outra vida? — Ele assentiu.

— Sim. Lembro. Foi por isso que nasci. — Hector respondeu, todo cheio de si.

Sim. E porque o papai ficou muito bêbado também. Mas isso não vinha ao caso! Afinal, foi a melhor ressaca da minha vida!

— E te expliquei que o homem coloca um “fermento” na mulher? — Perguntei e novamente ele balançou sua cabecinha para cima e para baixo. — Então, acontece que tio Théo já não tem mais *fermento*. Foi meio

que um acidente de percurso. Tipo um fermento meio vencido. — Tentei explicar da melhor maneira possível.

Tudo bem. Talvez eu não tivesse muito tato!
Fermento vencido foi de doer!

— Eu acho que não expliquei direito, filho. — Emendei rapidamente. — Alícia é muito amada, mas foi uma surpresa para seus tios. Eles não estavam esperando a chegada dela, porque tio Théo lacrou o depósito de fermento. Entendeu? — Perguntei, querendo desesperadamente que sua resposta fosse afirmativa e ele parasse de fazer pergunta difícil.

— Entendi. — Comentou, serenamente, pensativo.
Pensa não, filho! Tá bom de perguntas já!

Eu tinha medo às vezes, medo não só porque vez ou outra era castigado por Anabella pelas coisas que saíam sem querer da minha boca. Mas porque ele estava crescendo rápido demais. Rápido demais para o meu gosto. Deveria ter uma lei que proibisse isso, que eles crescessem dessa forma assustadoramente rápida. Já sentia falta do bebezinho tranquilo e risonho que Hector era. Sabia que não iria demorar para descobrirmos que

meu filho já estava azarando as gatinhas ou até mesmo batendo punheta no banheiro.

Deus! Quero nem pensar!

Hector era um *mini-eu*. Uma cópia reduzida da minha pessoa. Não tinha nada da mãe, até mesmo seu gênio parecia com o meu, embora ele de certo seja muito mais doce do que eu. Anabella costumava reclamar que ela havia carregado nove meses, sentiu as dores do parto e que ainda assim saiu a minha cara. E era mesmo. Meu sorriso não cabia em mim a cada vez que ela repetia isso. Mas embora tente mostrar sua “insatisfação”, eu sabia que ela realmente não queria dizer isso. Afinal, ela amava essa carinha linda que Deus me deu.

— Três minutos, papai. — Hector disse, apontando para o cronômetro do celular.

— Vamos descobrir se tem algum *pãozinho* no forno da mamãe? — Perguntei e ele concordou animado.

Puxei a mão que segurava o teste. Respirei fundo e olhei o resultado. Meu coração acelerou. Minha boca secou. Meus pulmões falharam. Meus olhos brilharam. Minha boca perdeu completamente a fala.

Eu finalmente consegui nosso positivo.



O difícil não foi descobrir a gravidez, mas sim permanecer em silêncio sobre isso durante todo o dia, quando na verdade eu queria gritar. Estava transbordando de felicidade, louco para contar a todos que seria pai novamente, mas pensei muito e resolvi fazer desse momento diferente para nós e fui atrás de tudo que precisava.

— Tem alguém em casa? — Ouvi Anabella gritar quando chegou em casa à noite e fiz o sinal de silêncio para Hector, com o dedo na boca.

Nós dois já estávamos posicionados à sua espera. Com ele em meu colo, esperando ansiosos, e quando a vi, aquele turbilhão de emoções aconteceu. Meu coração ficando indeciso, não sabendo se parava ou disparava. Emoções, as melhores delas, invadindo meu corpo por inteiro. Tornando-me refém desse anjo perfeito que era minha esposa.

Ela sorriu sem fazer ideia do que estávamos

aprontando. Não fazia ideia do que a esperava em casa. Não fazia ideia que já temos mais um pedaço nosso para somar com amor e loucura.

— Como vão meus amores? — Perguntou, beijando a bochecha de Hector com carinho e depois me dando um rápido selinho, antes de começar a mexer no armário atrás de alguma coisa como vinha fazendo durante as últimas semanas e eu sorri: — Meu dia foi cansativo. Estou mega estressada. Acho que estou com TPM, então se ainda tiver chocolate, ninguém se machucará. — Brincou e eu sorri ainda mais, sabendo muito bem o que esse desespero por chocolate era. — E como foi o dia de vocês?

— Foi ótimo, não, é filho? — Perguntei olhando para Hector e ele acenou.

— Foi sim. Brinquei muito no Instituto. Foi tãoooooo legal. Hoje também ajudei a tia da cozinha a fazer o lanche das crianças. — Disse contente e eu sorri, orgulhoso do meu pequeno.

Antes eu já me revezava com o trabalho no hospital e o Instituto, mas depois de encontrarmos o baú

de Elizabeth, as coisas tinham mudado um pouco. Mudaram para muito melhor. Podia parecer loucura, mas eu realmente não queria todo aquele tesouro. O que tinha lá realmente valia um valor incalculável de dinheiro como Gerrit havia dito. Mas eu não o queria.

Quando o desenterramos, descobrimos que o que estava lá fora resultado de séculos de roubos de joias, de moedas e barras de ouro. Frutos de derramamentos de sangue, mortes, atrocidades sem fim. Era um tesouro sujo. Eu não queria ter nada a ver com ele, então nada mais justo do que fazer o bem com aquilo que já foi a causa de fazer tanto mal e foi isso que fizemos.

O hospital foi todo ampliado, reformado, capacitado. O setor especializado em tratamento de câncer havia sido completamente remodelado e ganhado o nome das minhas irmãs. Hoje éramos referência no setor, ganhando inclusive prêmios pelo nosso trabalho e pesquisas. O Instituto Lavínia só fez crescer também, agregando muito mais qualidade de vida para nossa população. E ver nosso trabalho dando certo, o sorriso das pessoas que participavam conosco, era, sem dúvidas,

a maior recompensa que poderíamos ter.

Inclusive a creche a qual nosso filho estudava em tempo integral, ficava localizada lá dentro do Instituto. Mas mesmo quando Hector não tinha aula, adorava estar presente conosco, participando das atividades recreativas com as crianças. Então quando eu ou Anabella estamos lá à trabalho, Hector faz questão de ir nos “ajudar”. Sim, nosso filho já estava no caminho certo e eu já tinha muito orgulho do nosso pequeno rapaz. E tinha mais do que certeza de que ele ainda iria nos surpreender e nos alegrar muito no futuro.

— Que bom, filho. Mamãe fica muito feliz e orgulhosa por isso. — Veio até ele, beijando-o orgulhosa e eu o beijei do outro lado de sua bochecha também, fazendo-o rir quando o amassamos e parecendo muito contente consigo mesmo. — Então, o que teremos de surpresa para o jantar... — Continuou tagarelando até se deparar com a caixa de presente que eu havia colocado dentro do armário estrategicamente.

Sim. Teremos uma surpresa! Eu sou foda mesmo, sabia que ela ia atrás de seu suprimento de chocolate!

— O que é isso? — Perguntou, realmente surpresa.

— Um presente, mamãe. — Hector respondeu e ela nos olhou intrigada, mas sorrindo mesmo assim.

— Presente, é? Hm. O que eu perdi? — Perguntou, curiosa, embora não tirasse o sorriso do rosto e eu sorri nervoso.

Segurando a pequena caixa vermelha, Anabella tirou o cartão que estava preso e começou a ler em voz alta para que a gente ouvisse:

— *“Mamãe, desculpe chegar sem pedir licença, mas tenho que avisar que é melhor manear no chocolate, porque agora batem dois corações dentro de você!”*

— Abre o presente, mamãe. — Hector pediu, quando ela olhou para a gente ainda sem entender.

Com o coração batendo forte, a vi desfazer o embrulho e abrir a caixa que continha um pequeno aparelho de monitorização cardíaca fetal. Conforme combinado, Hector saiu do meu colo, indo até ela, que se sentou na cadeira mais próxima, ainda olhando para tudo

sem entender. Nosso pequeno pegou o fone de ouvido conectado ao monitor e o colocou em seus ouvidos, antes de ligar o aparelho que captava as batidas do coração por ondas de som. E a magia aconteceu.

Eu nem mesmo estava escutando, mas a emoção em meus olhos por vê-la ouvir pela primeira vez as batidas do coração do nosso filho, espelhou-se nos seus. Meu coração disparou e meus olhos arderam, aquele amor surpreendente e inexplicável já havia tomado conta de mim.

— É sério? — Ela perguntou, incerta e sua voz quase não saiu.

— Sim. — Respondi, junto com um aceno nervoso.

— Eu nem mesmo estava desconfiando que estava grávida, como você descobriu? — Um sorriso brincou em meus lábios com a sua pergunta.

— Convenhamos, anjo, você nem mesmo desconfiou sobre Hector e já estava com quase seis meses, então não se cobre muito por isso. — Dei de ombros. — Você pode não ter percebido, mas você já

estava parecendo meio grávida. Então eu quebrei a descarga do nosso banheiro, apenas para que pudesse confirmar com um teste. — Expliquei, orgulhoso da minha astúcia, deixando-a ainda mais surpresa.

— Sêrio? — Perguntou incerta, seus lábios cheios meio abertos, fazendo-a ainda mais tentadora.

— É sim, mamãe. Não está ouvindo o coração do bebê na sua barriga? Papai até meteu a mão na privada para saber se ele estava aí dentro. — Hector disse, achando engraçado e Bella fez uma pequena careta.

— Espero que ele tenha lavado bem as mãos depois disso. — Bella murmurou, ainda meio aérea.

— Não se preocupe, anjo. Usei luvas. — Tratei logo de me defender.

— Grávida? — Repetiu e eu acenei achando graça, fazendo-a levar a mão a boca. — Oh meu Deus! Como isso aconteceu? — Perguntou para si mesma e eu fechei a boca para não dizer nada.

Melhor não dizer mesmo! Menor na área! Lembrei-me de diversas posições que fizemos e que podem ter sido as causadoras!

— Você não sabe, mãe ?Papai me disse que colocou uma sementinha em você .Disse que vai crescer, como um bolo no forno — .Hector respondeu, como se fosse o óbvio e eu ri.

Oh, sim! Coloquei no forno mesmo! Esse é meu garoto!

— Você vai ter um irmãozinho, Hector. — Falou ainda chocada.

— Eu sei. Sabia antes de você, mamãe. — Comentou, todo cheio de si. — Tomara que seja menino, menino é mais legal. Não aguento mais a Lav, Bell e Miley querendo mandar em mim. — Resmungou para si mesmo, com um enorme bico.

Nem queria rir, mas eu ri. As trigêmeas eram realmente geniosas. Não negavam em nada de quem eram filhas. Aterrorizavam os meninos da família e bem, os pais também, porque Théo e Steph suavam por causa delas.

— Eu não sei o que pensar. — Bella disse, olhando para mim.

— Não pense, anjo. Apenas sinta. Ame. E claro,

venha me dar um beijo e abraçar-me, porque eu estou feliz para caralho e estou louco para comemorar com você. — Eu disse, antes de correr até ela, que chorava e ria ao mesmo tempo.

Depois disso, me vi ajoelhado ao chão, chorando, abraçando sua barriga, enquanto a beijava.

Eu seria pai novamente, porra! Estava tão feliz! Quem era a mulherzinha agora?



Depois de curtirmos um pouco a notícia, com direito a Hector sem querer desgrudar o ouvido da barriga da mãe, o pusemos na cama para dormir e finalmente fomos para nossa cama. Percebendo seu cansaço, ofereci uma massagem, mas as coisas acabaram evoluindo para algo mais.

E não, não me sinto culpado por isso. Essa era a intenção desde o início!

Agora, Anabella estava definitivamente exausta, mas até mesmo bocejando, ainda era linda. A gravidez já estava fazendo trabalho em mudar seu corpo, pois ela já

estava ainda mais bonita e radiante do que já era.

— Feliz? — Perguntei, abraçado a ela, que tinha sua cabeça sobre meu peito.

— Muito. Estou um pouco surpresa ainda com a notícia. Mas estou feliz demais. — Levantou a cabeça para me olhar nos olhos, enquanto respondia e então perguntou acariciando levemente minha barba por fazer: — E você?

Não respondi imediatamente, primeiro puxei seu corpo para cima do meu, fazendo-a soltar um gritinho assustado. E olhando profundamente para seus belos olhos azuis finalmente respondi:

— Estou feliz como nunca. Tem horas que acho que é um sonho. E por causa disso, já me dei uns dois beliscões. Mas eu sei que é real. E estou feliz para caralho! Você me faz feliz demais, mulher! — Falei, fazendo-a sorrir emocionada.

Mas então Anabella se afastou, me olhando com atenção e seu cenho franziu. Não demorou para que então pulasse da cama e eu soubesse que ela havia descoberto meu pequeno empurrão.

Pronto! Agora fodeu!

— O que você fez? — Perguntou, cruzando os braços estrategicamente sob os seios e fez um beicinho lindo irritado. — Pare de olhar para os meus seios, minha cara tá aqui em cima! — Reclamou.

Foco, Igor! O rosto dela fica a cima do pescoço!
Foco!

— Eu? Nada. Não fiz sozinho, ao menos. Nós dois fizemos. — Fiz minha melhor cara de inocente, aquela que eu havia aperfeiçoado durante o casamento.

— Igor! — Rosnou.

Porra! Com uma cara linda e brava dessa, como eu poderia mentir para ela?

— Ok. Talvez eu tenha trocado *sem querer* seu remédio por pílulas de placebo. — Admiti, um pouco envergonhado.

— Meu Deus! Você está falando sério? — Perguntou, chocada.

— Sim. — Falei mordendo os lábios e ela me encarou séria.

— Você sabe que eu deveria te matar por isso, né?

Você apenas tomou a decisão de me enganar e jogou fora meu remédio, sendo que deveríamos ter entrado em acordo sobre isso. — afirmou, com o dedo apontado para mim.

— Sim. Eu não joguei fora realmente. Usei-os na água para regar as flores da sala. Admita, elas ficaram lindas por muito mais tempo. — Tentei enrolá-la, mas rapidamente voltei ao assunto que interessava, quando a ouvi rosnar: — Tudo bem. Em minha defesa, estou te pedindo para que a gente tenha outro filho há anos. — Me defendi, voltando a fazer minha cara de inocente, apelando para sua compaixão.

Anabella continuou a me encarar séria por algum tempo, o seu silêncio e olhar cerrado sobre mim deixando-me agoniado. Até que ela fez a última coisa que eu esperava depois de parecer prestes a me matar: ela sorriu.

Oi?

— Tudo bem. — Disse, sem tirar o sorriso dos lábios.

O que? Os hormônios da gravidez pelo visto já

estavam funcionando a todo vapor!

— Tudo bem? — Testei, tentando-a.

— Sim. Tudo bem. — Veio até mim e beijou levemente meus lábios, eu ainda duro, um pouco resabiado.

— Tudo bem mesmo? — Insisti e ela riu.

Só queria ter certeza, ora bolas!

— Sim. Na verdade eu já estava pensando em conversar com você sobre isso. Porque Hector está crescendo rápido demais, não quero que haja uma diferença de idade muito grande. — Deu de ombros e resfoleguei, aliviado. — Eu te perdoo. Contanto que você não se esqueça que temos que conversar antes de tomarmos qualquer decisão. — Apontou séria e eu concordei enfaticamente.

— Prometo que não farei isso na próxima vez. — Disse, minha boca indo até a sua, mas ela se afastou de uma vez.

— Que próxima vez? — Perguntou com a voz esganiçada.

— Ué. A próxima vez que formos ter filhos. —

Respondi o óbvio e sua boca caiu aberta.

— Quantos filhos você acha que vou ter? —

Perguntou, ainda chocada.

— Uns quatro. Cinco. — Dei de ombros.

— Ei. Não sou Stephanne! Nem pense que vou povoar a Campavia! — Bateu em meu ombro, mas a puxei pela cintura rindo.

— Isso seria perfeito. Temos todo tempo do mundo para pensarmos sobre o assunto. Agora é hora de satisfazer minha esposa. — Eu falei.

Inclinando-me para beijá-la e antes de meus lábios encontrarem os seus, ela falou:

— Obrigada por ser tão persistente em completar nossa família, nossa felicidade. Obrigada especialmente por ser esse marido e esse pai maravilhoso. Eu amo você.

A maneira como ela falava, como ela me olhava, como ela sorria pra mim, me faz viver para acreditar que essa é a razão da minha vida: fazê-la feliz.

Não respondi, apenas enfiei a mão em seu cabelo e saboreei seus lábios macios, sabendo que nunca esqueceria aquele momento, aquela felicidade que ela

estava mais uma vez me proporcionando. E eu esperava que não fosse a última vez.

Desesperado para tê-la, tirei sua camisola, jogando-a ao chão rapidamente. Quando tirei a boxer que usava, nossos olhos se encontraram, e eu sabia que ela precisava daquilo tanto quanto eu. Não perdi tempo, a beijei, nossas bocas se adorando, se querendo. Nossos gemidos sendo ouvidos ao redor do quarto, deixando o clima ainda mais sensual.

Não parei e nem pararia por nada. Meus instintos insanos, loucos para devorá-la, para fazê-la minha uma e outra vez. Meu corpo se arrepiou, precisando de mais, precisando dela por inteiro. E eu teria, afinal, tínhamos todo o tempo do mundo para isso.

Carregando o amor da minha vida em meu colo, coloquei-a na cama e antes de começar a me deliciar com cada parte de sua pele, olhei para ela e pedi:

— Repete. — Minha voz grossa pelo desejo, minha boca sem conseguir desgrudar dela, beijando suas coxas. Mas eu precisava disso agora, porque eu não cansava nunca de ouvi-la dizer que me amava.

— Eu amo você. — Ela repetiu ofegante e olhando direto nos meus olhos falou: — Agora e sempre, amor.

Então nossas bocas voltaram a se encontrar e nada mais precisava ser dito, nossos corpos falavam por si.

Amor. Essa era minha palavra preferida e o motivo que me fazia olhar para trás e ter certeza de que tudo que havia sofrido tinha valido a pena. Há anos que já sabia que nunca voltaria a ser aquele menino perdido, inseguro, repleto de feridas profundas, porque eu a havia encontrado.

Anabella Caravaggio Carrara, é o anjo que Deus havia me presenteado e que ajudou a remendar cada pedaço meu que estava quebrado. Essa mulher que eu tanto amava, havia passado todos os dias desde nosso casamento me fazendo feliz, como nunca achei que fosse possível.

Quando olho para trás, não sei como cheguei até aqui, mas eu posso saber o porquê. Se eu conseguiria esquecer o que já passei? Não sabia. E não me importava realmente. Mas sabia que tudo o que consegui, de tudo o

que já enfrentei, o que me importava eram os motivos pelos quais hoje eu conseguia sorrir. De um pobre menino rico, com descendência nobre e ao mesmo tempo sem nada, tornei-me o homem que encontrou o que dinheiro algum pode comprar.

E é assim que pretendo terminar a minha história. O menino sozinho, o garoto que nunca teve ninguém ,mas que ganhou um amigo que lhe apresentaria a sua felicidade e ambos não faziam ideia disso. O menino que aprendeu a viver ,que lutou e teve a chance de fazer tudo o que sonhou. E fez. Fez muito mais. O menino que aprendeu desde cedo que família era muito mais do que o sangue que corria em suas veias. E quando perdeu a biológica, achou que tinha perdido o chão ,a razão e nem sabia porque o coração ainda batia. Mas olhando para minha linda família, essa linda mulher, percebo que tudo isso existia, eu só não havia ainda encontrado uma razão para lutar por tudo.

Encontrei um anjo, meu amor. Alguém com quem posso ser eu mesmo, mesmo que com todas as minhas imperfeições. Alguém com quem me sinto completo,

realizado. Alguém com quem me sinto em sintonia, que me entende mais do que eu mesmo. Alguém que me desperta e me fez sentir as melhores emoções existentes, com simples palavras, com simples gestos. E a cada sorriso me faz sentir tudo de novo e de novo, me fazendo reviver todos os dias, o que de melhor aconteceu na minha vida. O motivo dela.

Anabella é tudo para mim. Ela me deu tudo e me deu principalmente amor. A amo, a sinto, sou tão louco por ela que tenho um desejo intrínseco de mostrar o sentimento real que tenho em meu peito. Esse sentimento louco, capaz de mover um mundo, capaz de mudar vidas, capaz de tudo por ela. Não tem explicação, e mesmo que ainda possam duvidar, eu sei que esse sentimento existe e ele se chama Amor. O mais profundo dos amores.

Encontrá-la foi a minha maior felicidade, minha maior alegria. Encontrei a mulher que fui destinado para ser salvo. Aquela que eu não sonhava em encontrar. A mulher que meu coração escolheu pra amar. Um encontro de almas, um reencontro.

Anabella ocupou todos os lugares, espaços esses

que antes sempre foram vazios, meus sonhos, meu coração. Mas sempre foram seus. Preencheu-me, somou-me. Ela é a mulher com a qual passarei todos os dias da minha vida. Aquela que conheci desde antes de se tornar mulher e sem saber a esperei, porque estava destinada a ser a mulher da minha vida.

— Agora e sempre, meu anjo. — Repeti nossos eternos votos, voltando a beijar aqueles lábios preciosos que me amavam como ninguém.

Eu poderia tentar, mas nunca haveriam palavras que pudessem definir meu amor por Anabella. O que sinto por ela não pode ser compreendido, muito menos explicado, só pode ser sentido. O amor só pode ser vivido. Eu passaria o resto da minha vida vivendo provando isso a ela. E eu era realmente abençoado pelo meu anjo.

Fim.

ANEXO: ENTENDENDO MELHOR A HISTÓRIA

Família Bellini
di Montalcione

Família
Carrara



ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA BELLINI DI
MONTALCCINO E DA FAMÍLIA CARRARA.

Agradecimentos:

E mais uma história de finaliza. Terminei o livro e fiquei olhando para o nada, sem saber o que fazer da minha vida depois. Acho que, no fundo, sinto como se a história de Igor e Bella nunca terá fim. Risos, choros e muita emoção por tê-los escrito. Obrigada por virem para mim! <3

Quero começar a agradecer a minha família, em

especial meus pais, que são meus maiores fãs e a recíproca é mais do que verdadeira. Pois eu sou eternamente apaixonada por eles.

Ao meu marido e filho, sempre compreendendo minhas ausências. Me apoiando, incentivando. Obrigada por me aceitarem como sou e principalmente, por não desistirem de mim, nem quando estou surtando. Meu amor incondicional por vocês.

As minhas dramáticas lindas. Martinha, Tatiana Pinheiro, Kamila Cavalcante, Sara (Minha Best revisora), por serem minha âncora, meu riso, meu apoio de cada dia. Amo vocês, sempre. <3

Carlie Ferrer, minha BFF- fuleira, mas minha. Obrigada por estar comigo, por vibrar. <3

As minhas Betas, Kami, Taciana, Thais & Thuany, que mesmo quando não estou presente, elas fazem isso por mim. <3

Maria Rosa, por ser essa pessoa incrível, amiga maravilhosa. Obrigada por estar comigo desde sempre. <3

E também as minhas queridas amigas autoras da Panela de Pressão: Joice, Evy, Sue, Kacau, Márcia Lima,

Sylmara, Bya Campista. Juntas somos mais fortes! <3

Minhas princesas lindas e eternas em meu coração. A minha equipe linda de divulgação: Lais, Paula, May, Alinne, Laiza. Obrigada por se disporem a levar meu bebê para o mundo! <3

Minhas lindas Alinne Leite, Mayse Margarida, Thays Lima, Bianca Patacho, Vanessa Fiorio, Aline Mendes, Aline Silva, Deisi Riewi, Débora Favoretto, Mari Sales, Diana Medeiros, Anne, Ellen, Nilton, Mariana Ornelas, Marianna Rodrigues, Dammy, Veveta, Daiane Marinho e todos os meus outros parceiros queridos, todo meu amor pra vocês! <3

Grande beijo,

Míddian Meireles

Próximo Livro da Série:

UMA MENTIRA QUASE NOBRE

Quarto Livro da Série Real

Taddeo, era o filho mais velho da nobre família Caravaggio. Durante muito tempo, ele viu-se ofuscado e se sentia diminuído quando se tratava do seu irmão do meio, Theodore. Por anos a animosidade se fez presente quando se tratava dos dois, mas eles finalmente colocaram uma pedra no passado e agora eram os irmãos que deveriam ter sido desde sempre.

Só que o que seu irmão não sabia, era que sua maior mágoa era porque ele havia sido trocado pela única garota por quem se apaixonou quando ainda era adolescente e que o trocou justamente pelo seu irmão. E agora ele sabia quem era a única culpada por tudo: Eva Carrara.

Eva era a mocinha certinha diante a sociedade. Bonita, formada em direito com honrarias, a esposa

perfeita para qualquer homem solteiro da nobreza campaviana. Só que ela parece sempre ter querido o que não podia e certamente não era a perfeição ruiva que todos pensavam que ela fosse. E Taddeo sabia disso, porque para ele ela era culpada inclusive das tentativas de separar seu irmão da sua esposa, a Princesa Stephanie.

Embora tenha sido namorada de Théo, Eva sempre negou a si mesmo que na verdade amava seu irmão, aquele quem ela jurava ter partido seu coração quando ainda era inocente e acreditava no amor.

Só que as coisas estavam prestes a mudar. Uma armação faz com que o presente dos dois se cruzem novamente e mesmo depois de jurar nunca mais se envolver com ela, Taddeo vê em um contrato como a solução de todos os seus problemas. Só que ele promete a si mesmo que fará com que ela pague por tudo que ela fez. Ou ao menos ele acredita que tenha feito.

Taddeo e Eva não sabem, mas suas vidas estão ligadas de uma maneira, que mesmo depois de tantas mentiras entre eles, decidir o futuro será um grande desafio. Principalmente quando existe algo mais forte do

que a dor que eles mesmos aferiram e até mesmo o próprio orgulho deles.

Pode um grande amor curar tudo? Até as feridas mais profundas? O amor pode superar qualquer tipo de segredo? E quando esse amor é construído à base de mentiras?

Ela é a mentirosa perfeita. Mas ele não é perfeito e também é um mentiroso. Mas às vezes, a mentira pode ter uma razão nobre.

Mentiras serão desmascaradas. Verdades serão reveladas. Só que nem tudo é o que parece.

Uma Mentira Quase Nobre é o último livro da Série Real.



Sobre a

Autora

Míddian Meireles

Filha única e nada mimada. Mas ainda assim eu era aquela menina que trocava um quarto de brinquedos por uma caneta e um papel mesmo antes de aprender a escrever. Era aquela que escrevia no diário sobre o seu dia a dia, mas também sobre seus medos, sonhos e desejos. Aquela que odiava Matemática, mas adorava Redação.

Hoje com vinte e poucos anos é, Mãe, esposa, amiga, viciada em maquiagem e sapatos. Aquela em que seus fiéis companheiros para a Insônia são os livros e por essa paixão incontrolável, resolveu usar a imaginação e escrever suas próprias histórias. Encontrou-se na escrita, redescobrando-se através das palavras, novas histórias e personagens .

Contato: contato@mimeireles.com

[Perfil](#) | [Grupo Face](#) | [Página Face](#) | [Site](#) | [Wattpad](#)

Conheça meus outros livros clicando
[aqui.](#)

Gostou? Deixe seu feedback, ele é muito
importante para nós autores... <3



Forma de tratamento utilizada para condes, viscondes, barões e filhos
de duques, marqueses e condes.